

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

MARCO AURÉLIO BENEVIDES DE PINHO

**Construção de significados na trajetória de vida de
empreendedores sob a perspectiva da Psicologia Cultural
Semiótica**

Recife
2017

MARCO AURÉLIO BENEVIDES DE PINHO

**Construção de significados na trajetória de vida de
empreendedores sob a perspectiva da Psicologia Cultural
Semiótica**

Tese de Doutorado apresentada à Pós-graduação
em Psicologia Cognitiva da Universidade
Federal de Pernambuco como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor em Psicologia
Cognitiva.

Área de Concentração: Psicologia Cultural
Orientadora: Profa. Dra. Maria C. D. P. Lyra
Co-orientador: Prof. Dr. Romilson Marques
Cabral – UFRPE / DADM

Recife
2017

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

P654c Pinho, Marco Aurélio Benevides de.
Construção de significados na trajetória de vida de empreendedores sob a perspectiva da Psicologia Cultural Semiótica / Marco Aurélio Benevides de Pinho. – 2017.
352 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria da Conceição Diniz Pereira de Lyra.
Coorientador: Prof. Dr. Romilson Marques Cabral.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva, 2017.
Inclui referências e apêndices.

1. Psicologia cognitiva. 2. Semiótica. 3. Empreendedores. Empreendedorismo. I. Lyra, Maria da Conceição Diniz Pereira de (Orientadora). II. Cabral, Romilson Marques (Coorientador). III. Título.

153 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-265)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Marco Aurélio Benevides de Pinho

“Construção de significados na trajetória de vida de empreendedores sob a perspectiva da Psicologia Cultural Semiótica”.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Doutor.
Área de Concentração: Psicologia Cognitiva

Aprovada em: 22 de fevereiro de 2017

Banca Examinadora

Dra. MARIA DA CONCEIÇÃO DINIZ PEREIRA DE LYRA (Presidenta e 1ª Orientadora)

Instituição: UFPE

Assinatura: _____

Dra. ELSA DE MATTOS

Instituição: UFBA

Assinatura: _____

Dra. CLAUDIA ROBERTA DE ARAÚJO GOMES

Instituição: UFRPE

Assinatura: _____

Dra. MARINA ASSIS PINHEIRO

Instituição: UFPE

Assinatura: _____

Dra. CANDY ESTELLE MARQUES LAURENDON

Instituição: UFPE

Assinatura: _____

Dedico esta tese às quatro pessoas mais importantes em minha vida:

À minha esposa **Jaciara Andrade de Pinho**, amor incondicional que esteve comigo em todos os momentos desta jornada. “11. Pois eis que

já passou o inverno; a chuva cessou, e se foi;

12. aparecem as flores na terra; já chegou o tempo de cantarem as aves”. (Cantares de Salomão 2:11,12).

Aos meus três filhos **Rafael, Ana Catarina e João Pedro**, que souberam ter a paciência e entender quando não pude estar tão presente em suas vidas quanto nós todos gostaríamos. Cada linha deste trabalho tem também um pouco do meu amor por vocês.

AGRADECIMENTOS

Àquele que é, que era e que há de vir! Àquele que é a fiel testemunha, o primogênito dos mortos e Príncipe dos reis da terra! Ao Consolador, Espírito de Verdade, meu melhor amigo! Ao meu Deus, Uno e Trino seja toda honra, glória e louvor eternamente!

Aos meus familiares por toda ajuda e amor sem medidas. Sem vocês esta trajetória não teria sido trilhada:

Aos meus avós maternos, Pedro (*in memoriam*) e Joana D'arc;

Aos meus pais, Armino (*in memoriam*) e Gláucia, por seu amor incondicional. Vocês foram meu exemplo e minha primeira e mais importante referência;

Às minhas irmãs, Kátia, Sheila e Simone, por quem tenho o mais profundo carinho e admiração;

À minha tia, Lúcia Benevides, minha mãe dois, por seu amor por mim;

A todos os meus tios e tias, primos e primas que mais perto ou mais distantes torceram e oraram por mim.

À minha esposa, mulher, ajudadora, companheira, amiga, linda Jaciara por tudo que só eu e você sabemos que passamos durante a elaboração desta tese.

Aos meus raios de sol, Rafael, Ana Catarina e João Pedro, que foram motivação e razão de minha dedicação e força para completar a jornada.

À minha família em Cristo: ao meu Pastor, amigo e orientador espiritual Francisco Dias por tudo. Ao Pastor Alexandre Duarte, grande amigo, pelos bolos com coca, me ouvindo e aconselhando. A Marcelino Monte e sua esposa Fernanda Monte, pela torcida, apoio e oração. A todos os membros do Ministério Celebração e da Escola Bíblica Dominical que compreenderam minhas ausências e oraram por esta conquista.

A todos os colegas do Departamento de Administração da Universidade Federal Rural de Pernambuco, em especial ao meu co-orientador Romilson Cabral por acreditar neste trabalho desde seu início. Aos meus amigos André Callado e Tânia Nobre pela ajuda, estímulo e apoio.

Aos companheiros e companheiras de jornada do Laboratório de Estudos do Desenvolvimento na Cultura: Comunicação e Práticas Sociais (LabCCom): Tatiana, Graciana, Jandson, João, Nathaly, Janicleide, Tatiana Lima, Marina, a todos vocês o meu muito obrigado!

Vocês foram fundamentais na preparação desta tese.

A todos os meus professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva, que ao receber um aluno vindo de outra área do conhecimento, proporcionaram para mim um crescimento intelectual e pessoal como eu não esperava que teria.

E, por fim, um **agradecimento especial:**

À minha orientadora **Maria Lyra**, ou simplesmente, Maninha.

Por seu acolhimento.

Por me ajudar a descobrir um mundo de conhecimentos novos e
desafiadores, e aceitar me ajudar nessa caminhada.

Agradeço à senhora pelas leituras desafiadoras, pela insistência em me
fazer pensar por uma nova perspectiva, sempre.

E por ter dividido comigo um pouco de um novo campo de
conhecimento, a Psicologia Cultural Semiótica, desafiador e
maravilhoso.

Muito, muito, muito obrigado, pela paciência e também pelas
cobranças!

Que Deus lhe abençoe sempre!

RESUMO

Nossa pesquisa buscou identificar e analisar a construção de significados durante a trajetória de vida de empreendedores, ao longo de suas rupturas e transições, através da investigação da mediação semiótica na regulação da atividade empreendedora, mantendo-a ou transformando-a. Dois aspectos podem ser ressaltados nesse estudo. Um primeiro, trata da aplicação de uma forma de compreensão do funcionamento do sujeito empreendedor, inserido no seu meio sociocultural, buscando entendê-lo como elemento primordial na compreensão da atividade empreendedora. Esta perspectiva é inovadora em se tratando dos estudos na área de ciência da administração que abordam o empreendedorismo. Na sua maioria as correntes teóricas tradicionais que buscam descrever o processo empreendedor estão, especialmente, fundamentadas em uma visão gerencial e/ou positivista nas ciências administrativas. Ademais, abordar o empreendedorismo a partir dos fundamentos de uma Psicologia Cultural Semiótica (VALSINER, 2000, 2012a, 2014) também representa uma tarefa inovadora por abordar um tema ainda não investigado. Considerando a abordagem metodológica proposta, escolhemos o estudo de caso de dois empreendedores, uma do gênero feminino – Lúcia (nome fictício) e outro do gênero masculino – Cláudio (nome fictício) que nos permitiu explorar em profundidade o que buscamos para nossa pesquisa. Lúcia é a proprietária de um restaurante macrobiótico que tem dificuldades em se identificar como empreendedora. Já Cláudio é o empreendedor músico, proprietário de três empresas nas áreas de educação musical, sonorização e produção musical e que ainda atua como diretor musical de um projeto de musicalização para jovens e adolescentes. Utilizamos como instrumentos para construção de dados: ficha de dados sócio demográficos, três entrevistas narrativas individuais, sendo a primeira uma entrevista aberta e não-estruturada e duas outras semiestruturadas e diário de campo. Para analisar a trajetória de vida de Lúcia e Cláudio, utilizamos como ferramenta o *Trajectory Equifinality Model* – TEM (SATO et al., 2006; SATO E VALSINER, 2010; VALSINER, 2014) por ser um instrumento que nos dá a possibilidade de identificar tanto os eventos reais vividos como aqueles imaginados num mesmo esquema funcional. Nossa análise buscou entender como os participantes de nossa pesquisa constroem seus significados ao longo do processo dinâmico de desenvolvimento dos reguladores semióticos, a partir do levantamento dos processos de ambivalência, de internalização e externalização, construção de campos afetivos, ruptura e transição, signos promotores e hipergeneralizado e o funcionamento do

sistema de controle redundante, que constroem as suas culturas pessoais e orientam suas trajetórias. Como conclusão, consideramos que as visões positivistas acerca do “Eu” empreendedor, tradicionalmente apenas entendido como um “fator”, não permitem entender tanto que este “Eu” empreendedor é guiado por significados construídos pela pessoa na sua relação como o meio sociocultural na qual está inserida. Na visão da Psicologia Cultural Semiótica, a pessoa do empreendedor nunca pode ser tomada como algo separado, como um “fator” ou “categoria”, mas como uma totalidade em constantes trocas com o referido meio. Nesse sentido trata-se de um processo em perene desenvolvimento o que resulta na necessidade da compreensão, justamente, dos mecanismos que regulam a atividade semiótica do sujeito construindo e/ou destruindo significados.

Palavras-chave: Psicologia Cultural Semiótica. Construção de significados. *Trajectory Equifinality Model* (TEM). Empreendedorismo.

ABSTRACT

Our research aimed to identify and analyze the construction of meanings during the life trajectory of entrepreneurs, along their ruptures and transitions, through the investigation of semiotic mediation in the regulation of entrepreneurial activity, maintaining or transforming it. Two aspects can be highlighted in this study. First, it deals with the application of a way of understanding the functioning of the entrepreneurial subject, inserted in its socio-cultural environment, seeking to understand it as a primordial element in the understanding of the entrepreneurial activity. This perspective is innovative when it comes to studies in an area of management science that approach entrepreneurship. For the most part, the traditional theoretical currents that seek to describe the entrepreneurial process are, especially, based on a managerial and / or positivist view in the administrative sciences. In addition, approaching entrepreneurship based on the foundations of a Semiotic Cultural Psychology (VALSINER, 2000, 2012a, 2014) also represents an innovative task by addressing a topic not yet investigated. Considering the proposed methodological approach, we chose the case study of two entrepreneurs, one female - Lúcia (fictitious name) and the other male - Claudio (fictitious name) that allowed us to explore in depth what we are looking for in our research. Lucia is the owner of a macrobiotic restaurant that has difficulty identifying herself as an entrepreneur. Already, Cláudio is the enterprising musician, owner of three companies in the areas of music education, sound and music production and who still acts as music director of a project of musicalization for young people and adolescents. We used as instruments for data construction: socio-demographic data sheet, three individual narrative interviews, the first being an open and unstructured interview and two other semistructured interviews and field diary. In order to analyze the life trajectory of Lúcia and Cláudio, we used as tool the Trajectory Equifinality Model - TEM (SATO et al., 2006; SATO AND VALSINER, 2010; VALSINER, 2014) as an instrument that gives us the possibility to identify both The actual events lived as those imagined in the same functional scheme. Our analysis sought to understand how the participants of our research construct their meanings throughout the dynamic process of development of the semiotic regulators, starting from the processes of ambivalence, internalization and externalization, construction of affective fields, rupture and transition, promotor signs and hypergeneralized system and the functioning of the redundant control system, which builds their personal cultures and guides their trajectories. As a conclusion, we

consider that the positivist views about the entrepreneurial "I", traditionally understood only as a "factor", do not allow us to understand so much that this entrepreneurial "I" is guided by meanings constructed by the person in his relation as the socio- It's inserted. In the view of Semiotic Cultural Psychology, the person of the entrepreneur can never be taken as something separate, as a "factor" or "category", but as a totality in constant exchanges with the said medium. In this sense it is a process in perennial development which results in the need to understand, precisely, the mechanisms that regulate the semiotic activity of the subject constructing and / or destroying meanings.

Keywords: Semiotics cultural psychology. Meaning making. Trajectory Equifinality Model – TEM. Entrepreneurship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fatores que influenciam no processo empreendedor – Fonte: Dornelas, J. C. (2005).	29
Figura 3 – Relações fluxos mútuos de <i>feedforward</i> de internalização e externalização – Adaptado de Valsiner (2012a; 2014).....	54
Figura 4 - Modelo de lâminas de internalização / externalização – Adaptado de Valsiner (2012a; 2014).....	57
Figura 5 - Processo de internalização / externalização de Lúcia – Adaptado de Valsiner 2012a, 2014.....	120
Figura 6 - Trajetória da 1a. Ruptura: Lúcia se casa com João e se insere no movimento macrobiótico. Trajetória não realizada: Lúcia tenta conhecer D. Hélder Câmara	126
Figura 7 - Trajetória da 2a. Ruptura: Lúcia deixa o emprego na siderúrgica e vem trabalhar com João na cozinha do restaurante. Trajetória não realizada: Lúcia continuar a carreira como engenheira eletricista	142
Figura 8 - Trajetória da 3ª. ruptura - Trajetória de vida de Lúcia após a morte de João e de sua mãe - Trajetória não realizada: volta à antiga carreira profissional como engenheira eletricista	145
Figura 9 - Processo de internalização / externalização de Cláudio – Adaptado de Valsiner (2012a; 2014).....	213
Figura 10 - Trajetória de vida de Cláudio como músico	217
Figura 11 - Trajetória de vida de Cláudio como professor.....	221
Figura 12 - Trajetória de vida como empreendedor	230

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	15
2 EMPREENDEDORISMO	21
2.1 DEFINIÇÕES DE EMPREENDEDOR	24
2.2 PERSPECTIVAS DO FENÔMENO DO EMPREENDEDORISMO	31
2.2.1 A perspectiva econômica do empreendedorismo	36
2.2.2 A perspectiva comportamental do empreendedorismo	38
2.2.3 A perspectiva de gestão do empreendedorismo	40
2.3 RAZÕES QUE LEVAM ÀS ATIVIDADES EMPREENDEDORAS	41
2.4 QUESTÕES DE GÊNERO NO EMPREENDEDORISMO	43
3 PSICOLOGIA CULTURAL	47
3.1 CONCEITOS.....	47
3.2 SIGNOS.....	57
3.3 SIGNO HIPERGENERALIZADO E CAMPOS AFETIVOS	61
4 CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS.....	63
4.1 CONCEITOS.....	63
4.2 CURSO DE VIDA	65
4.3 RUPTURA E TRANSIÇÃO	66
5 PROPOSTA DE ESTUDO	69
5.1 OBJETIVOS	69
5.2 PROPOSTA METODOLÓGICA	69
5.3 PESQUISA IDIOGRÁFICA	74
5.4 ESTRUTURA DE REFERÊNCIA INDIVIDUAL SÓCIO ECOLÓGICA.....	76
5.5 O MODELO DE EQUIFINALIDADE DE TRAJETÓRIA – TEM	77
5.5.1 HSS, EFP, OPP e TEM	79
5.6 ANÁLISE CONSTRUTIVO INTERPRETATIVA.....	84
5.7 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DOS DADOS.....	86
6 DISCUSSÃO DOS CASOS.....	90
6.1 CASO – LÚCIA	92
6.1.1 Reguladores semióticos no caso de Lúcia	96
6.1.1.1 Adesão à macrobiótica	97
6.1.1.2 Formar uma família	102
6.1.1.3 Tornar-se empreendedora	113
6.1.2 Trajetória de vida e construção de significados de Lúcia.....	117

6.1.2.1 A trajetória de vida e a construção de significados sobre a adesão à macrobiótica.....	117
6.1.2.2 A trajetória de vida e a construção de significados sobre formar uma família.....	136
6.1.2.3 A trajetória de vida e a construção de significados sobre tornar-se empreendedora..	154
6.2 CASO – CLÁUDIO	177
6.2.1 Reguladores semióticos no caso de Cláudio	183
6.2.1.1 Ser músico.....	186
6.2.1.2 Ser Professor.....	195
6.2.1.3 Ser Empreendedor.....	201
6.2.2 Trajetória de vida e a construção de significados de Cláudio	210
6.2.2.1 A trajetória de vida e a construção de significados sobre ser músico / ser professor	210
6.2.2.2 A trajetória de vida e a construção de significados sobre ser empreendedor	227
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	239
8 SUGESTÕES DE ESTUDOS FUTUROS	246
REFERÊNCIAS.....	247
APÊNDICE A-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	258
APÊNDICE B- ROTEIRO DA 2A. ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.....	261
APÊNCIDE C- FICHA DE DADOS SÓCIO DEMOGRÁFICOS.....	262
APÊNDICE D- ROTEIRO DA 3A. ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA - LÚCIA	263
APÊNDICE E- ROTEIRO DA 3A. ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA- CLÁUDIO	265
APÊNDICE F- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DE LÚCIA.....	267
APÊNDICE G- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DE CLÁUDIO.....	316

1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Nossa pesquisa buscou identificar e analisar a construção de significados durante a trajetória de vida de empreendedores, através do entendimento do papel que a atividade semiótica desempenha na mediação e regulação da sua atividade empreendedora, mantendo-a ou transformando-a. A partir do estudo, buscou-se contribuir para o enriquecimento da psicologia cultural semiótica, através de uma investigação aplicada a um campo das ciências administrativas muito estudado e debatido tanto em meios acadêmicos como sociais, o empreendedorismo. Todavia, são muito raras ou praticamente inexistentes, pesquisas que abordem os processos psicológicos da pessoa que é empreendedora.

Para isso, buscamos explorar uma nova compreensão em relação a correntes teóricas tradicionais que buscam descrever o empreendedorismo e o empreendedor, estas especialmente ligadas às ciências administrativas ou do campo da psicologia social, através de abordagens racionalistas, gerenciais e positivistas, que terminam por trazer limitações a uma compreensão holística do fenômeno.

Desse modo, este trabalho trata de um estudo na área de psicologia do desenvolvimento, sob a perspectiva dos pressupostos da Psicologia Cultural Semiótica (VALSINER, 2000; 2012a). Assim, entendendo que o indivíduo constrói significados em um momento presente (aqui-e-agora), baseado em experiências passadas (realizadas ou não), projetando futuros possíveis. Ademais, assumimos que os processos de construção de significados são únicos para cada indivíduo, de natureza semiótica (mediada e regulada por signos), ocorrendo em um tempo irreversível. Os participantes da pesquisa foram escolhidos pelos critérios de julgamento intencional do pesquisador, tipicidade e acessibilidade (COOPER; SCHINDLER, 2003; MARCONI; LAKATOS, 2011), a partir da vivência com indivíduos do meio empresarial, selecionados pela experiência como empreendedores.

Foram escolhidos como participantes do estudo, dois empreendedores, sendo um do gênero masculino e outra do gênero feminino. Apesar de critérios de idade, mínima ou máxima, não serem fatores determinantes para escolher os empreendedores, isto porque a atividade empreendedora não pode ser situada em uma faixa de idade predominante (CABRAL, 2007), os participantes são adultos, maiores de dezoito anos.

Os participantes escolhidos atuam em atividades terciárias de produção (comércio e serviços), no estado de Pernambuco, proprietários de empresas formalmente inscritas no

Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) do Ministério da Fazenda (MF), por pelo menos 42 meses (3,5 anos). Este tempo mínimo de duração do negócio dos empresários escolhidos para participar da pesquisa levou em consideração a pesquisa do Global Entrepreneurship Monitor – GEM (2015), realizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE – no Brasil, que estabelece empreendedores estabelecidos como aqueles cujos negócios que administram e são proprietários, pagam salários, geram pró-labores ou qualquer outra forma de remuneração aos proprietários, por, pelo menos, esse período.

Os participantes selecionados foram abordados, inicialmente, através de um contato telefônico onde se explicou em linhas gerais sobre o que se tratava a pesquisa, fazendo o convite. A participante de nossa pesquisa, Lúcia, é amiga pessoal do co-orientador de nossa pesquisa. Já o participante Cláudio, é amigo pessoal do pesquisador. Assim, é importante ressaltar que o fato de ambos já serem conhecidos do pesquisador, facilitou o desenrolar dos contatos para a coleta dos dados. Após aceitarem o convite, foi marcada a primeira reunião com cada um deles, onde realizamos a explicação minuciosa dos objetivos da pesquisa. Ressaltamos que nossa pesquisa não se tratava de uma pesquisa da área de negócios, mas que tinha como objetivo principal identificar como se dava a construção de significados durante a trajetória de vida do empreendedor. Após essa explicação, era efetuada a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) obtendo a assinatura do participante para formalizar sua participação na pesquisa.

A partir dos critérios estabelecidos no projeto, os participantes escolhidos foram Lúcia (nome fictício), uma mulher de 59 anos, nascida em Caruaru, viúva e mãe de dois filhos adultos. Ela possui nível superior em engenharia elétrica e é proprietária de um restaurante macrobiótico na cidade de Recife, que atua no mercado há mais de trinta anos. E Cláudio, um homem de 38 anos, nascido em Recife, casado e pai de uma menina. Ele possui nível superior em música, com pós-graduação em educação musical e é proprietário de três empresas, todas ligadas ao ramo da música, uma delas ligada ao ensino e as outras duas ligadas à sonorização e produção musical.

Aplicamos uma ficha de dados sócio demográficos e realizamos três entrevistas, a primeira aberta e não-estruturada e uma segunda semiestruturada, cujo roteiro encontra-se no Apêndice 2. A 1ª entrevista visava obter uma primeira descrição da história de vida do entrevistado, mas deixando-o livre para traçar sua trajetória e tinha como pergunta

deflagradora: “Gostaria que você me contasse um pouco sobre quando você pensou em ser empreendedor(a) pela primeira vez”. Durante essa entrevista, o pesquisador interferiu o mínimo possível, fazendo apenas perguntas de caráter complementar ou elucidativo do evento narrado, ou perguntas para manutenção do foco da entrevista, e ainda perguntas que garantiram que eles conseguissem narrar sua experiência. Outro objetivo dessa primeira entrevista foi também identificar a presença de recursos semióticos que pudessem ser explorados na construção de significados.

A 2ª entrevista usou um roteiro semiestruturado com o objetivo de fazer o participante relatar especificamente a esfera de experiência do ser empreendedor(a), procurando destacar elementos como: rupturas percebidas; o que vivenciou, mas gostaria de não ter vivido ou vivido de uma outra forma; o que menos tem afinidade na sua vivência como empreendedor(a) e quais os sentimentos envolvidos; como imagina seu futuro.

A 3ª entrevista seguiu também um roteiro semiestruturado (ver roteiro de Lúcia no Apêndice 4 e o de Cláudio no Apêndice 5) procurando dirimir dúvidas e esclarecer pontos que precisavam ser melhor elucidados procurando questionar nossos participantes mais aprofundadamente sobre momentos de ruptura e transição em suas trajetórias de vida, como forma de fazê-los reconstruir com mais detalhes os momentos ricos em transições e construção de significados (ZITTOUN, 2009) possibilitando recuperar informações relevantes levantadas nas primeiras entrevistas e que ainda necessitassem ser mais aprofundadas. Rupturas e transições são períodos durante os quais o indivíduo define novas identidades, habilidades, durante sua trajetória de vida, levando-o a construir novos significados sobre essa experiência (ZITTOUN, 2006a; 2006b; SALVATORE; ZITTOUN, 2011).

Nossa pesquisa tem natureza idiográfica (RONDEL, 2002; MOLENAAR, 2004; MOLENAAR; VALSINER, 2008). Considerando a abordagem metodológica de nosso estudo, decidimos escolher o estudo de caso para explorar em profundidade o que buscamos em nossa pesquisa – a construção de significados na trajetória de vida de empreendedores. Salvatore (2014) afirma que o estudo de caso pode ser considerado como uma modalidade prototípica da investigação empírica no campo da psicologia cultural. Já para Yin (2001), a preferência pelo uso do estudo de caso deve ser dada quando da investigação empírica de um fenômeno contemporâneo para gerar e construir teoria em uma área onde há poucos dados ou teorias e sobre a qual o pesquisador não tem controle.

Zittoun (2006) afirma que os estudos de caso têm uma longa história no estudo do desenvolvimento de adultos. Eles possibilitam identificar a evolução de algumas linhas de mudança, tendo a complexidade das vidas humanas como uma base. Eles podem manter a complexidade à medida que podem ser construídos através da multiplicidade de perspectivas. O método usado para traçar as trajetórias de vida dos participantes à luz da metodologia proposta – procurando descrever o desenvolvimento humano na abordagem da Psicologia Cultural – será o TEM – *The Trajectory Equifinality Model* (Modelo de Equifinalidade de Trajetórias) proposto por Sato e colaboradores, aperfeiçoado na visão de Valsiner e outros autores (SATO ET AL., 2007; SATO; VALSINER, 2010; VALSINER, 2014; JENSEN; WAGONER, 2016; ZITTOUN; VALSINER, 2016).

Nosso estudo surgiu de discussões das quais o pesquisador participou como estudante de doutorado no âmbito do Laboratório de Estudos e Desenvolvimento na Cultura: Comunicação e Práticas Sociais (LabCCom) da Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE, que discutiam a cultura pessoal e coletiva na construção de significado do indivíduo sob a perspectiva da Psicologia Cultural Semiótica. Foi daí que surgiu a curiosidade no autor desta tese visando pesquisar o tema empreendedorismo, na busca de um entendimento da figura individual do empreendedor, a partir dessa perspectiva completamente nova para as ciências sociais aplicadas, especificamente no campo da administração.

A formação básica do autor é em administração, área das ciências sociais aplicadas e que costuma abordar o tema do empreendedorismo a partir de uma ótica positivista, com poucas pesquisas voltadas para a busca de um entendimento do indivíduo empreendedor (PAIVA JR., 2004; GIL; PERCÍNIO, 2013). As pesquisas tradicionais em administração pensam o empreendedor como ele “é” em seu estado final, sem procurar mostrar o seu “tornar-se”, ou seja, qual caminho o trouxe até o momento presente formando suas ideias, valores e sentimentos em relação à sua atividade. O “Eu” empreendedor, tradicionalmente, é apenas entendido como um “fator”, sem levar em conta uma visão holística e desenvolvimentista do mesmo.

Pesquisar sobre empreendedorismo em administração implica considerar múltiplos aspectos, tais como: inovação, criatividade, descoberta, invenção, liderança cultura, decisão, visão de futuro, riscos, julgamento, valores, crenças e gestão de recursos humanos, materiais e financeiros (GIL; PERCÍNIO, 2013). Porém, a cultura, na visão tradicional da pesquisa em administração, é assim tomada unicamente como “aspecto” ou “fator” a ser considerado no

estudo dos empreendedores, mesmo que tomados individualmente. Assim, apresentamos a cultura a partir de uma nova visão.

O presente trabalho adota a visão de Valsiner (2000; 2012a) onde a cultura – na visão da psicologia cultural semiótica – é vista como uma parte inerente das funções psicológicas humanas. Na orientação semiótica, o termo cultura refere-se à mediação por signos, que é parte do sistema das funções psicológicas organizadas, sendo estas tanto intrapessoais como interpessoais.

Diante do exposto, nosso estudo teve o foco no empreendedor tomado individualmente, visto como um sistema aberto, para, entendendo-o sob a perspectiva dos pressupostos da psicologia cultural semiótica, identificar e analisar como se dá a construção de significados durante a sua trajetória de vida, ao longo de suas rupturas e transições, através do entendimento do papel que a atividade semiótica pode desempenhar na mediação e regulação da atividade empreendedora, mantendo-a ou transformando-a.

A maior parte da literatura de negócios, bem como outras literaturas e ideias que circulam na mídia sobre empreendedorismo, enfatiza *cases* de indivíduos que alcançaram sucesso em sua trajetória empresarial, valorizando esta parte da trajetória de vida desses indivíduos. O pesquisador observa que em momentos como o que nosso país passa atualmente, de insegurança econômica e política, a atividade empreendedora muitas vezes é apresentada pela grande mídia como uma panaceia capaz de resolver todos os problemas ligados ao desemprego e a falta de oportunidades para todos os cidadãos no mercado de trabalho.

Nossa pesquisa concebe a construção de significados como um processo dinâmico que demanda dos empreendedores uma reestruturação da sua identidade e a formação de novos conhecimentos e formas de agir (ZITTOUN, 2006a; 2009) nas dinâmicas de ruptura-transição de suas trajetórias de vida (ZITTOUN, 2006A; 2006B; SALVATORE; ZITTOUN, 2011). Desse modo, não é possível apresentar uma espécie de “fórmula mágica” capaz de funcionar com qualquer indivíduo que decida por seguir uma trajetória de vida como empreendedor.

Então, não vamos “propor” maneiras de obter sucesso na administração do micro ou pequeno negócio. Nem vamos procurar identificar alguma coisa como os “dez fatores” mais importantes na trajetória de vida de um empresário para que ele alcance o sucesso, por exemplo. Vamos demonstrar que a trajetória de vida de uma pessoa como empreendedora, sofre a ação de mecanismos semióticos que permeiam todo o processo empreendedor, em suas rupturas e transições, construindo significados, que influenciam as decisões quanto a

manter ou não a atividade empreendedora, enfrentando permanentemente tensões que são resolvidas e ultrapassadas, gerando novas tensões.

Considerando o exposto e o objetivo de nossa pesquisa, esta tese está organizada em 07 (sete) capítulos. No primeiro capítulo apresentaremos uma visão geral do tema empreendedorismo, apresentando algumas definições. Elaboraremos as perspectivas do fenômeno do empreendedorismo, salientando as perspectivas econômica, comportamental e de gestão. Em seguida, destacaremos algumas abordagens sobre as razões que levam os indivíduos às atividades empreendedoras. Finalizando um capítulo com uma breve discussão de questões de gênero ligadas às atividades empreendedoras.

No capítulo 2, passaremos então a discorrer sobre a Psicologia Cultural destacando aspectos teóricos considerados pertinentes ao nosso projeto. Apresentaremos o conceito de signos e suas diferentes abordagens na Psicologia Cultural de mediação semiótica, bem como o conceito de signo hipergeneralizado e campos afetivos. No capítulo 3 apresentaremos os conceitos da construção de significados fazendo inicialmente algumas apreciações sobre o conceito de curso de vida, bem como sobre os momentos de rupturas e de transições. Abordaremos os processos de construção de significado relacionados à reestruturação da identidade e à mobilização de novas habilidades e conhecimentos.

O capítulo 4 nos traz uma exposição da proposta de estudo. Descreveremos nosso objetivo geral e os objetivos específicos, bem como quem foram os participantes da pesquisa. Apresentamos nossa proposta metodológica e uma explicação sobre o Modelo de Equifinalidade Trajetória – TEM, além das bases da análise construtivo-interpretativa de nossos resultados e quais os procedimentos e instrumentos utilizados para a construção de dados. O capítulo 5 apresenta nos resultados e os reguladores semióticos dos empreendedores participantes de nossa pesquisa, apresentando as trajetórias dos dois casos estudados procurando focalizar a construção de significados. No capítulo 6 temos as conclusões e a discussão dos resultados encontrados na pesquisa. Finalmente, no capítulo 7 trazemos as sugestões de estudos futuros.

2 EMPREENDEDORISMO

Discorreremos nesse capítulo sobre as perspectivas que a área de administração adota sobre empreendedorismo. Criatividade, tecnologia, inovação e empreendedorismo são considerados como entrelaçados e interligados. Indivíduos criativos são conhecidos por terem uma sensibilidade aos problemas, terem grande imaginação, ser tolerantes à ambiguidade e com propensão a assumir riscos. Colocado de outra forma, indivíduos criativos produzem novas ideias, enquanto indivíduos inovadores criam aplicações para essas novas ideias desenvolvendo dispositivos novos e úteis (por exemplo, as patentes de novos produtos). Os empreendedores então trazem essas novidades para o mercado em aplicações práticas (MADSEN; ULHØI, 2005).

Ser empreendedor está muito mais ligado a uma postura, uma forma de ver o mundo. Esse empreendedor de negócios tradicional é tomado como aquele que identifica oportunidades e gera riquezas a partir delas. Para ser tomado como empreendedor o indivíduo sequer precisa ser aquele que abre um negócio. Ele pode até mesmo participar do negócio de outras pessoas, mas de uma forma proativa e, antes de tudo, buscando uma auto-realização por assim proceder (PENROSE, 1959; FILION, 1999; CABRAL, 2007).

Embora os estudos sobre empreendedorismo remontem aos trabalhos de Adam Smith e Jean-Baptiste Say por volta do século XVIII, o empreendedorismo como campo de pesquisa foi praticamente ignorado até o final do século XIX e início do século XX. Nas últimas décadas, contudo, o empreendedorismo tem sido mais estudado e discutido como campo de pesquisa acadêmica, fonte de notícias na mídia, debates políticos e literatura em geral (FILION, 1999; PAIVA Jr., 2004).

A razão para todo esse interesse no tema do empreendedorismo deriva do importante papel que os empreendedores desempenham no crescimento econômico e na vida diária da sociedade. Nos dias de hoje, empreendedores são considerados como sendo parte central da economia de mercado e o motor do crescimento e da inovação. Os empreendedores, assim, são vistos como responsáveis pela maioria, senão toda, inovação, criação de empregos e crescimento econômico (KAZAKOV, 2012).

Segundo Leite (2000), o vocábulo em inglês *entrepreneurship* é derivado de *entreprendre*, palavra empregada no século 17, na França, denominada para um indivíduo que assumia o risco de criar um novo empreendimento. O empreendedorismo tem conotação ampla e resumidamente pode ser compreendido como a capacidade de concretizar um sonho.

Para Boava e Macedo (2006) a palavra empreendedorismo é composta da palavra empreendedor acrescida do sufixo ismo. Entendendo que empreendedor é aquele que empreende e que o sufixo ismo, em formas atuais, é utilizado para designar movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos e personativos. Assim, o termo empreendedorismo se trata da tomada de um partido, uma posição, um sistema, uma filosofia, uma circunstância, como, por exemplo: heideggerianismo, nazismo, idealismo.

Para Gimenez et al.. (2008) a relevância do empreendedorismo está ligada aos potenciais benefícios decorrentes da ação empreendedora. O aparecimento de novos empreendimentos cria condições vantajosas para um desenvolvimento econômico e social em regiões carentes. Inovar e encontrar continuamente novas e melhores combinações para os fatores de produção é uma característica essencial do empreendedor.

As diferentes correntes de pensamento sobre o empreendedorismo não trazem uma teoria única que englobe todos os casos observáveis. Como tema promissor, atrai interesses de pesquisadores oriundos de diversas áreas científicas, como sociólogos, psicólogos, economistas e administradores. Entretanto, ao mesmo tempo que isso possibilitou a disseminação do uso do conceito expandindo-o para uma abordagem mais ampla, também influenciou sua fluidez não havendo mesmo um consenso entre os estudiosos e pesquisadores a respeito da exata definição de empreendedorismo (FILION, 1999; PAIVA Jr, 2004; BOAVA; MACEDO, 2006; MONTANYE, 2006; FARAH et al.,2011; TONELLI et al., 2011).

Boava e Macedo (2006) apresentam os estudos voltados para o empreendedorismo como um campo transdisciplinar, por buscar fora e além dos estudos voltados para si mesmo respostas a suas indagações, fazendo emergir dados que proporcionam uma nova visão de sua natureza e realidade.

Antes de explorar mais a fundo o objetivo central deste trabalho, vale salientar duas abordagens que podem ser consideradas no entendimento do empreendedorismo: uma subjetivista e outra objetivista (TONELLI et al., 2011). A abordagem subjetivista dedica maior importância à figura do indivíduo empreendedor. De modo geral, ela focaliza a atuação da pessoa, suas habilidades, suas capacidades inerentes e a construção de sua identidade (*self*). Para essa abordagem, o comportamento empreendedor vem de dentro para fora seja como manifestação de impulsos naturais, seja como resultado de experiências acumuladas, não levando em conta as possibilidades de interação com o meio.

Em menor evidência na literatura, mas não menos importante, está a abordagem objetivista, que coloca no centro das causas do empreendedorismo os aspectos materiais do ambiente onde ocorrem as iniciativas empreendedoras. Sob esse olhar, o contexto assume importância fundamental. De uma ênfase nas estruturas decorre a noção de que determinados contextos materiais específicos, resultantes da combinação de tempo e lugar apropriados, geram as condições para o surgimento dos processos empreendedores (GÖRLING; REHN, 2008; TONELLI et al., 2011).

Ambas as abordagens englobam as principais teorias acerca do fenômeno do empreendedorismo, porém compartilham de uma limitação principal: o tratamento assimétrico que ambas dedicam aos elementos subjetivo e objetivo. Isso se traduz na curta apreciação que cada lado faz acerca da influência do outro na compreensão do empreendedorismo (KOR et al., 2007; GÖRLING; REHN, 2008; TONELLI et al., 2011).

Considerando que a abordagem subjetivista dedica maior importância à figura do indivíduo empreendedor, focalizando a atuação da pessoa, suas habilidades, suas capacidades inerentes e a construção de sua identidade seja como manifestação de impulsos naturais, seja como o resultado de experiências acumuladas, essa abordagem engloba as perspectivas acerca do fenômeno empreendedorismo usadas em nosso estudo: a econômica, a comportamental e a gerencial.

Contudo, tradicionalmente, o tema do empreendedorismo costuma ser considerado a partir de ótica positivista, com poucas pesquisas voltadas para a busca de um entendimento do indivíduo empreendedor (PAIVA Jr., 2004; GIL; PERCÍNIO, 2013;). O “Eu” empreendedor é entendido, assim, apenas como um fator sem levar em consideração uma visão holística do mesmo. Além disso, a cultura, na visão usual da pesquisa em administração, é tomada como “aspecto” ou “fator” a ser considerado no estudo do empreendedorismo.

Assim, o foco do nosso estudo apresenta uma nova abordagem assumindo o foco nesse “Eu” empreendedor tomado individualmente, porém visto como um sistema aberto, cuja identidade ou “Eu” resulta das trocas constantes com o meio socioeconômico, adotando a visão da Psicologia Cultural Semiótica. Para Valsiner (2000) à medida que as funções psicológicas humanas emergem no desenvolvimento da pessoa elas são culturais em sua natureza. Para o autor, então, há uma coconstrução, onde o desenvolvimento pessoal das funções psicológicas é ao mesmo tempo um processo construído pela pessoa e dirigido pelo meio social em que esta vive. Ou seja, várias outras pessoas, instituições, sistemas

ideológicos, etc., estão moldando as direções para a construção das funções psicológicas do indivíduo.

Cada ator adquire identidade ao se tornar entidade envolvida em processos diversos nos quais participa, gerando *inputs* que resultam na transformação e consolidação de um determinado caminho emergente (GARUD; KARNOE, 2003). A identidade do empreendedor é, portanto, resultante das relações nas quais ele se inscreve e que são interpostas em meio à diversidade de agentes, como aqueles que sofrem a influência das ações de sua atividade: funcionários, clientes, fornecedores e agentes públicos, por exemplo (MINTZBERG et al., 2010).

A prática de empreender pode ser entendida como criação e expansão do objeto econômico inovador visando obter crescimento, ainda que sob condições de risco e incerteza. Além disso, o exercício empreendedor pode ser concebido ainda sob o ponto de vista da inserção do sujeito que opera e desenvolve a gestão (COLE, 1959; PENROSE, 1959; SCHUMPETER, 1985; GARTNER, 1988; PAIVA Jr., 2004;).

Julien (2010) diz ser o empreendedor fortemente influenciado pelo meio de vida, pela família, espaço de socialização, compartilhamentos de convenções ou referências comuns, hábitos e comportamentos. A escola, família e amigos e mais tarde, o ambiente de trabalho exercem um papel no aprendizado e na experiência.

Portanto, a utilização do conceito multidimensional da ação empreendedora, que envolve o empreendedor, justifica-se por representar o ponto de vista mais amplo do empreendedorismo e por renunciar ao formato reducionista de compreensão do fenômeno, como se tratasse apenas da prática de abertura de empresa (PAIVA Jr., 2004). A seguir, apresentamos definições constantes na literatura que procuram demonstrar as principais características do que se entende como empreendedor.

2.1 DEFINIÇÕES DE EMPREENDEDOR

Filion (1999) afirma que definir o que se entende como empreendedor é um desafio perpétuo, dada a ampla variedade de pontos de vista usada para estudar o fenômeno. Vieira e Brito (2014) afirmam que o empreendedor se apresenta como figura central de todo o processo de empreender, na criação de novos negócios, gerando lucros, movendo o mercado e

contribuindo com a sociedade. Assim, é preciso ressaltar que o fenômeno do empreendedorismo é estruturado a partir de uma vinculação de origem, da relação entre as concepções de empreendedorismo e empreendedor.

De um lado, temos a configuração de um fenômeno, no caso o empreendedorismo, que analisa implicações econômicas e sociais, especialmente aquelas associadas à abertura de novos negócios e à criação de novos produtos e serviços. E do outro, tem-se a figura central do agente, que é o empreendedor, como o responsável principal pela reunião de recursos, exploração de oportunidades e realização do empreendimento (BORGES et al., 2014).

Segundo Gimenez et al.. (2008) conceitualmente, existem diversos tipos de empreendedor, como o intraempreendedor – aquele empregado que tem novas ideias e as coloca em prática no seu ambiente atual de trabalho. David (2004) afirma que, ao examinar inovações bem-sucedidas executadas em grandes empresas, foi observado que alguns empregados apresentaram comportamentos empreendedores. Assim, esses empregados atuavam como agentes de mudanças nas suas organizações, ao apresentar propostas para melhorias nos processos de trabalho e criar novas oportunidades de negócios.

Do ponto de vista da empresa, o intraempreendedorismo acontece quando atitudes individuais dos funcionários são valorizadas, não necessariamente através de processos formais. Assim, a empresa cria propositadamente estruturas e processos que promovam a ação empreendedora por parte dos funcionários, dando-lhes espaço para que assumam desafios corporativos visando conduzir iniciativas de caráter inovador (HASHIMOTO, 2009).

Entre os traços pessoais identificadas em intraempreendedores estão uma busca por liberdade dentro da organização, orientação para objetivos (empresariais e pessoais), compromisso e automotivação, mas também buscando recompensas e reconhecimento por parte da empresa. São indivíduos que fazem o que precisa ser feito nas funções que exercem e que são capazes de assumir riscos moderados, não temendo ser demitidos. Resumidamente, o intraempreendedor pode ser caracterizado como uma pessoa que é persistente, trabalha arduamente, decidida e autoconfiante, orientada por objetivos e não apenas visando obter status ou dinheiro (DAVID, 2004).

O empreendedorismo social está pautado na criação de valor social e na introdução de inovações de metodologia, serviços ou produtos, voltados a gerar uma transformação social. Porém, através da inserção da dimensão econômica e da lógica de mercado, abrindo novas possibilidades de atuação das organizações que até então contemplavam uma única dimensão

– social ou econômica. Dessa maneira, surgem novos termos destinados a caracterizar iniciativas que operam na lógica de mercado, porém com o objetivo de gerar valor social: empresas sociais, negócios sociais e negócios inclusivos (TISCOSKI; ROSOLEN; COMINI, 2013). O termo empreendedorismo social foi cunhado por Bill Drayton, fundador da Ashoka Foundation, no início da década de 80 (BIGNETTI, 2011) buscando caracterizar indivíduos criadores de transformações sociais, que apresentem soluções inovadoras para os problemas sociais mais relevantes da sociedade (ASHOKA, 2017).

Assim, o empreendedor social é tomado como aquele que trabalha no desenvolvimento de organizações voltadas para a assistência social. Assim, os empreendedores sociais possuem características distintas dos empreendedores de negócios, criando valores sociais através da inovação e força de recursos financeiros, em prol do desenvolvimento social, econômico e comunitário. (GIMENEZ et al., 2008; SILVA et al., 2011).

Nessa visão, empreendedores sociais precisam compreender não apenas o problema social com o qual lidam diretamente, mas também o sistema social mais amplo e suas interdependências, de tal maneira que eles possam introduzir novos paradigmas, que levem a uma série de mudanças em pontos críticos de alavancagem mutuamente reforçadores de arranjos sociais diversos (ALVORD; BROWN; LETTS, 2004).

Para Baggettoss e Donadone (2013) enquanto empresas que visam ao lucro costumam buscar profissionais que tenham um perfil empreendedor visando maximizar esse lucro, reduzir custos e aumentar a produtividade, a sociedade evidencia uma carência de profissionais que possam maximizar a abrangência das ações sociais, reduzindo o custo de sua atuação e otimizando as mudanças sociais advindas dessas ações. Sendo que essa discussão pode consistir na necessidade de reconhecer essa sociedade como sendo uma consequência da ação capitalista e, assim, a solução viria de suas próprias ferramentas, como o espírito empreendedor.

Para Cantillon (2002) os empreendedores são indivíduos que aproveitam oportunidades para obterem lucro. Tomam decisões em uma situação de incerteza, assumem riscos e responsabilidades pelas compras de mercadorias a preços mais baixos e a sua venda a preço mais alto. Um empreendedor é uma pessoa que desenvolve uma nova ideia, assumindo o risco de organizar uma empresa para produzir um produto ou serviço que venha a satisfazer

as necessidades dos consumidores (FILION, 1999; MONTANYE, 2006; GANGWAR; VISHWAKARMA, 2013).

Muita gente compreende os termos empreendedor e empresário como sinônimos, mas a verdade é que eles dizem respeito a papéis distintos e complementares. Basicamente, considera-se empresário quem exerce profissionalmente atividade econômica organizada para a produção ou circulação de bens ou serviços, ou seja, é todo indivíduo que tem competência para perpetuar uma empresa ou negócio. Enquanto ser empreendedor está muito mais ligado a uma postura, uma forma de ver o mundo, sendo aquele que identifica oportunidades e gera riquezas a partir delas. Pode-se afirmar que todo empreendedor é um empresário, mas nem todo empresário é empreendedor (URIARTE et al., 2000; GANGWAR; VISHWAKARMA, 2013). Sendo que o empreendedor, por definição, tem que ser alguém capaz de assumir riscos. Assim, seu possível sucesso está na sua capacidade de conviver com esses riscos e sobreviver a eles.

Para ser tomado como empreendedor o indivíduo sequer precisa ser aquele que abre um negócio. Ele pode até mesmo participar do negócio de outras pessoas, mas de uma forma pró-ativa e, antes de tudo, buscando uma autorrealização por assim proceder (PENROSE, 1959; FILION, 1999; CABRAL, 2007). O empreendedor é tomado como o indivíduo perseguindo uma visão pessoal, mas também, como o agente situado dentro de uma estrutura mais ampla de relacionamentos econômicos que pode ser representado por uma grade de interações e oportunidades em organizações e espaços geográficos (SCOTT, 2006).

É alguém que leva a cabo o processo criativo inovador na elaboração de um novo negócio, identificando a oportunidade de uma necessidade não atendida no mercado, assumindo o risco e organizando os recursos, humanos e financeiros e que pode tanto criar um novo produto ou serviço que atenda a essa necessidade como criar um novo negócio voltado para atender a essa demanda (KAZAKOV, 2012).

Para Montanye (2006) o empreendedor é aquele remunerado pela propriedade de um determinado negócio. Sendo que essa remuneração se dá tanto de forma pecuniária como não pecuniária, de maneiras tangíveis e intangíveis, configurando-se como o principal objetivo do empreendedor. Assim, o autor define o empreendedor como o indivíduo que recombina capital, recursos físicos e mão-de-obra de alguma maneira original ou inovadora, para atingir certo objetivo pessoal. Essa noção é frequentemente explorada nas investigações comportamentais de decisão individual para tornar-se empreendedor (SCOTT, 2006). Essas

noções não consideram as causas sócio–espaciais envolvidas na lógica empreendedora em relação à dinâmica do desenvolvimento do negócio.

Os empreendedores são seres paradoxais que buscam independência, mas necessitam de apoio do meio para terem ideias, recursos para o desenvolvimento das suas organizações e novas informações para prosseguir com seus projetos. O empreendedor depende do meio que o cerca e principalmente de outros empreendedores que o apoiam. Estão na maioria das vezes imersos em um território e tiram vantagens desse enraizamento (SCOTT, 2006). O empreendedor pode também ser tomado como o empresário que não está satisfeito com os resultados obtidos por seu negócio e, no entanto, procura formas para fazê-lo melhorar e crescer (GANGWAR; VISHWAKARMA, 2013).

Para Fillion (1999) o aspecto que melhor distingue o empreendedor do gerente convencional e do empresário não empreendedor parece recair na implantação do processo visionário. Dessa maneira, enquanto gerentes e empresários não empreendedores buscam atingir metas e objetivos a partir dos recursos disponíveis dentro de uma estrutura predefinida ou copiada, os empreendedores gastam uma parte considerável de seu tempo imaginando qual o objetivo que querem alcançar e como podem fazer para chegar lá (MAIA; MAIA; MARIANO, 2009).

Complementando as definições do que se entende como empreendedor, consideramos importante destacar o que se entende por processo empreendedor. O processo empreendedor envolve um conjunto de estágios e eventos que se seguem um após o outro (BYGRAVE, 2004). Esse processo (MORRIS, 1998; SHANE; VENKATARAMAN, 2000; DORNELAS, 2005; VICK; NAGANO; SEMENSATO, 2009; NASSIF; GHOBIL; SILVA, 2010;) é caracterizado por todas as atitudes, percepção de oportunidades, a descoberta, a avaliação e obtenção destas, bem como o grupo de indivíduos que as descobrem, as avaliam e as exploram.

Bygrave (2004) apresenta um modelo comportamental de processo empreendedor que realça fatores críticos que dirigem o desenvolvimento de um negócio a cada estágio de seu ciclo de vida. Segundo ele, como acontece com a maioria dos comportamentos humanos, os traços empreendedores são moldados por fatores pessoais e do ambiente. Abaixo apresentamos a adaptação desse modelo de Bygrave, conforme apresentado por Dornelas (2005):

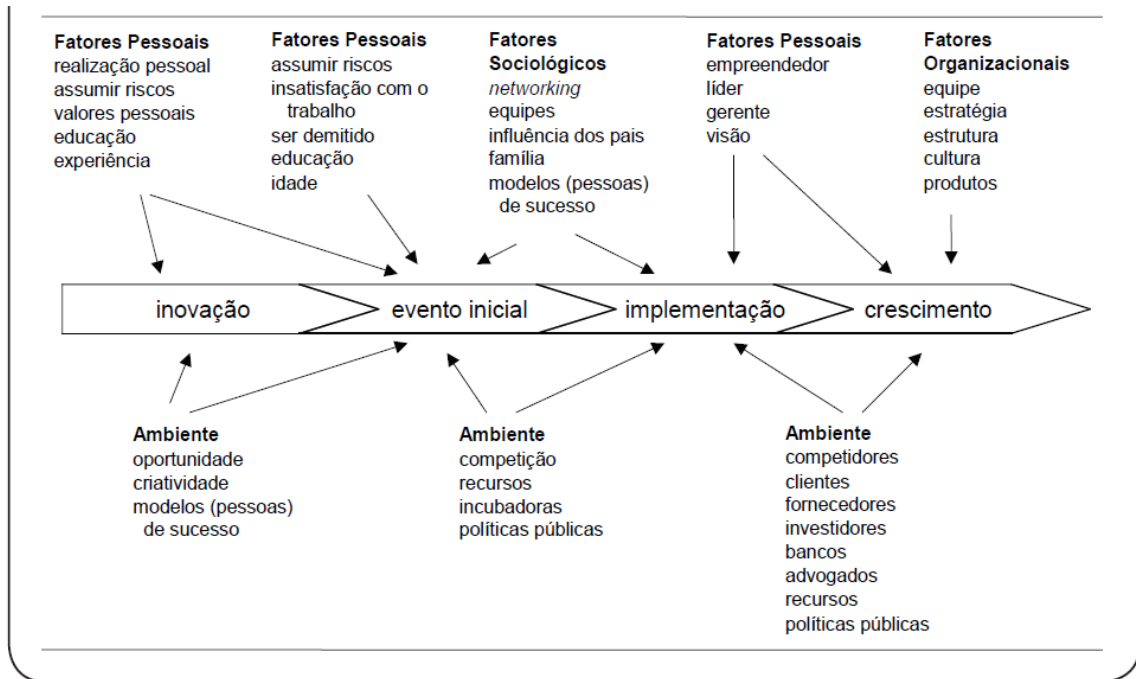


Figura 1 - Fatores que influenciam no processo empreendedor – Fonte: Dornelas, J. C. (2005).

Já Gartner (1985) identificou quatro dimensões associadas ao processo de criação de novas empresas: o indivíduo, a organização, o ambiente e o processo. Onde o indivíduo mostra o envolvimento das pessoas com a atividade empreendedora por necessidades como realização, propensão ao risco, idade e nível educacional. A organização está ligada às questões ligadas à estratégia inicial de organização da empresa. O ambiente enfoca a influência de fatores ambientais externos ao empreendimento. Por fim, o processo foca as atividades ligadas ao funcionamento do negócio.

Em relação às bases teóricas tradicionais sobre o empreendedorismo e o empreendedor, nosso estudo apresenta uma nova abordagem, tendo o foco no empreendedor tomado individualmente inserido numa relação dinâmica com seu meio sociocultural e visto como um sistema aberto, entendendo-o sob a perspectiva dos pressupostos da psicologia cultural semiótica. A pesquisa foi realizada com dois empreendedores, uma do gênero feminino e outro do gênero masculino, buscando identificar e analisar a construção de significados durante suas trajetórias de vida, ao longo de suas rupturas e transições, através do entendimento do papel que a atividade semiótica pode desempenhar na mediação e regulação da atividade empreendedora, mantendo-a ou transformando-a.

Os participantes foram escolhidos levando-se em consideração, não apenas os aspectos formais estabelecidos na pesquisa para seleção dos empreendedores, como o tempo mínimo de duração de seu negócio e sua área de atuação. Vimos anteriormente várias caracterizações do indivíduo empreendedor, como as apresentadas por Cabral (2007), Fillion (1999) e Penrose (1959) onde, para que um indivíduo seja tomado como um empreendedor, ele sequer precisa ser aquele que abre um negócio, podendo participar do negócio de outras pessoas, de uma forma pró-ativa, buscando autorrealização. Já Gangwar e Vishwakarma (2013) afirmam que o empreendedor pode também ser tomado como o empresário que não está satisfeito com os resultados obtidos por seu negócio e, assim, busca formas para fazê-lo melhorar e crescer. Esses conceitos, sem detrimento de outros apresentados em nosso trabalho, nos permitem considerar nossos dois participantes, Lúcia e Cláudio, como empreendedores aptos para nossa pesquisa.

Esses dois empreendedores também foram escolhidos por serem aqueles cujas trajetórias de vida, quando observadas em sua totalidade, desafiaram o pesquisador a encontrar uma relação entre os diferentes pontos de ruptura e transição observados envolvidos na construção de significados, tanto nos eventos realizados como nos não realizados.

Nossa participante Lúcia, mesmo que aparente uma dificuldade em se perceber como empreendedora: “**Lúcia (SE26)** – *Ó, na verdade, eu nunca pensei numa coisa assim: ‘eu vou ser empreendedora’! Eu sou empreendedora sem saber que sou, assim!*”, apresenta características das diferentes definições de empreendedor que trazemos em nosso trabalho. Como, por exemplo, ao buscar implantar sua visão (FILLION, 1999) acerca dos benefícios da macrobiótica em seu restaurante ou ao buscar formas de fazê-lo melhorar e crescer (GANGWAR; VISHWAKARMA, 2013).

Já Cláudio, apresenta características do *empreendedor clássico*. Ele desenvolveu uma nova ideia e assumiu o risco de organizar uma empresa (FILLION, 1999; MONTANYE, 2006; GANGWAR; VISHWAKARMA, 2013;) para fornecer um serviço de educação musical a domicílio para crianças e adolescentes com necessidades especiais, onde a aula é ministrada na casa dos clientes. Além disso, ele também realiza atividades de um empreendedor social, como a de formação de uma orquestra filarmônica com jovens e adolescentes, idealizada a partir de seu serviço como ministro de música em uma igreja batista: “**Cláudio** – *Então, o empreendedorismo social eu acho que entrou por aí, assim. Foi mais aquela de querer fazer realmente algo bom pras pessoas, né? É, fazendo a ponte entre a fé, né? Aquilo que eu*

professo com a profissão que eu tenho, pronto! É isso aí!”. Torna-se também importante destacar que a riqueza dos significados construídos nos processos de ruptura e transição identificados nas trajetórias de vida desses dois empreendedores, contribuiu para sua seleção como participantes da nossa pesquisa.

2.2 PERSPECTIVAS DO FENÔMENO DO EMPREENDEDORISMO

Para Gimenez et al. (2008) a análise da literatura sobre empreendedorismo permite identificar uma ampla gama de abordagens. Alguns autores apresentaram maneiras alternativas de classificar os estudos sobre empreendedorismo. Estas classificações são dirigidas pelo significado atribuído a este termo.

A área de empreendedorismo, como campo de conhecimento que vem recebendo o foco de estudos sistemáticos, é recente. A partir de meados do século 20 começam os primeiros esforços de construção de conhecimento nesse campo. No entanto, é somente a partir do início da década de 80, com a consolidação de congressos e revistas acadêmicas dedicadas ao empreendedorismo que o tema se fortalece como uma área de interesse relevante, em especial na Administração (FILION, 1999; PAIVA Jr., 2004; GIMENEZ et al., 2008; GIL; PERCÍNIO, 2013).

A abordagem subjetivista dedica maior importância à figura do indivíduo empreendedor, focalizando a atuação da pessoa, suas habilidades, suas capacidades inerentes e a construção de sua identidade. Essa abordagem engloba as perspectivas acerca do fenômeno empreendedorismo usadas em nosso projeto: a econômica, a comportamental e a gerencial.

Considerando que o campo do empreendedorismo pode ser definido como aquele que estuda os empreendedores (PENROSE, 1959; FILION, 1999; CABRAL, 2007, TONELLI et al., 2011) dentro da abordagem subjetivista, podemos encontrar três perspectivas: uma construída no âmbito da economia, outra no âmbito dos estudos comportamentais e outra no âmbito dos estudos organizacionais e gerenciais (McCLELLAND, 1961; SCHUMPETER, 1985; COSTA et al., 2011; GIMENEZ et al., 2008; DRUCKER, 2013).

Na perspectiva econômica do empreendedorismo (SCHUMPETER, 1985) a preocupação está centrada nos resultados da atuação empreendedora e seus reflexos nas

economias de mercado. Na perspectiva comportamental (McCLELLAND, 1961) a preocupação está na busca por compreensão sobre a possibilidade de construção e o grau de inerência das habilidades do sujeito empreendedor.

Já a perspectiva de gestão do empreendedorismo (DRUCKER, 2013) assume o empreendedorismo como sendo o espírito empreendedor, e a prática de empreender (o ato, a ação árdua, criativa, difícil e arrojada), é o resultado (efeito) dessa prática (a empresa, o empreendimento, o negócio). Não se trata de uma arte nem ciência, mas sim uma prática e uma disciplina.

McClelland (1961) ressalta em seus estudos sobre motivação empreendedora, três necessidades básicas: realização, poder e afiliação. O empreendedor traça seus objetivos e procura alcançá-los, enfrenta riscos moderados e torna importante o trabalho em equipe para atingir seus objetivos.

Julien (2010) diz que o empreendedor é fortemente influenciado pelo meio de vida, pela família, espaço de socialização, compartilhamentos de convenções ou referências comuns, hábitos e comportamentos. A escola, família e amigos e mais tarde, o ambiente de trabalho exercem um papel no aprendizado e na experiência. O autor diz que o jovem não mais tende a seguir às tendências familiares de tio, avô e pai, mas uma série de fatores influenciam suas escolhas como o ambiente escolar, as experiências pessoais, empregos, etc.

Numa análise que identificou dimensões associadas ao processo empreendedor voltado para criar novas empresas Gartner (1985) identificou quatro dimensões associadas ao processo de criação de novas empresas: o indivíduo, a organização, o ambiente e o processo.

- **Indivíduo:** mostra as relações do envolvimento das pessoas com atividades empreendedoras ligadas à necessidade de realização, localização do controle, propensão ao risco, satisfação no trabalho, existência de pais empreendedores ou modelos de empreendedores, a idade e o nível de educação.
- **Organização:** nesta dimensão, as principais questões foram a estratégia inicial da empresa, condições de competição, franquias, aproveitamento de recursos não utilizados, fornecimento insuficiente do produto, contrato com clientes entre outros.
- **Ambiente:** aqui as relações encontradas enfocaram a disponibilidade de capital de risco, a presença de empreendedores experientes, o acesso a novos clientes ou mercados, as influências governamentais, proximidade de universidades, a disponibilidade de recursos em geral, atitude da população e estrutura do setor de negócios.

•**Processo:** por fim, nesta dimensão foram identificadas as preocupações com aspectos relacionados à localização de oportunidade de negócio, acumulação de recursos, comercialização de produto, produção do produto, construção da organização e respostas ao governo e sociedade.

Costa et al. (2011) afirmam que entender o processo de criação de novos empreendimentos requer uma vontade de transitar por diferentes campos de conhecimento, predisposição para a integração de abordagens e senso crítico para identificar as contribuições significativas em uma miríade de textos, entre os quais há um grande número de trabalhos que são apenas tentativas de formular receitas genéricas sobre como ser bem-sucedido no processo de empreender.

O processo empreendedor pode ser abordado através de um modelo comportamental que realça fatores críticos que dirigem o desenvolvimento de um negócio em cada estágio ou evento de seu ciclo de vida. E assim como acontece com a maioria dos comportamentos humanos, os traços empreendedores são moldados por fatores pessoais e do ambiente (BYGRAVE, 2004). Esse processo (MORRIS, 1998; SHANE; VENKATARAMAN, 2000; DORNELAS, 2005; VICK; NAGANO; SEMENSATO, 2009; NASSIF; GHOBIL; SILVA, 2010) é caracterizado por todas as atitudes, percepção de oportunidades, a descoberta, a avaliação e obtenção destas, bem como o grupo de indivíduos que as descobrem, as avaliam e as exploram.

Nosso estudo se propôs a explorar uma nova compreensão em relação a correntes teóricas tradicionais que buscam entender o empreendedorismo e o próprio empreendedor, estas especialmente ligadas às ciências administrativas ou do campo da psicologia social, com uma visão gerencial e positivista, apresentando um estudo na área de psicologia do desenvolvimento, sob a perspectiva dos pressupostos da Psicologia Cultural Semiótica (VALSINER, 2000; 2012a). Nosso foco foi no empreendedor tomado individualmente, visto como um sistema aberto, para, entendendo-o sob a perspectiva dos pressupostos da psicologia cultural semiótica, identificar e analisar sua construção de significados durante a trajetória de vida, ao longo de suas rupturas e transições, através do entendimento do papel que a atividade semiótica pode desempenhar na mediação e regulação da atividade empreendedora, mantendo-a ou transformando-a. Assim, entendendo que o indivíduo constrói significados em um momento presente (aqui-e-agora) baseado em experiências passadas (realizadas ou não) projetando futuros possíveis, assumimos que os processos de construção de significados são

únicos, de natureza semiótica (mediada e regulada por signos) ocorrendo em um tempo irreversível.

O empreendedorismo, como uma ação humana, é fenômeno complexo que depende de interações entre pessoas e envolve a viabilização e articulação de recursos de diferentes tipos. Não é possível encontrar soluções universais quando se busca compreender ações que são fruto de interesses humanos influenciados por diferentes entornos sociais, culturais e econômicos. Assim, o empreendedorismo deve ser visto de um modo abrangente sendo mais bem compreendido como uma configuração de dimensões do indivíduo, do empreendimento e do contexto onde a ação empreendedora se manifesta (COSTA et al., 2011).

Mintzberg et al. (2010) apresentando suas diferentes escolas, apresenta a escola empreendedora como estando em posição intermediária entre as escolas de prescrição e as de descrição. A escola empreendedora não apenas focaliza o processo de formulação de estratégia exclusivamente no líder único, mas também enfatiza o mais inato dos estados e processos – intuição, julgamento, sabedoria, experiência, critério. Dessa forma, a perspectiva estratégica dessa escola é menos coletiva ou cultural e mais pessoal – é obra do líder. Consequentemente, nesta escola a organização torna-se sensível aos ditames desse indivíduo e subserviente à sua liderança.

Aqui se destaca um conceito central nas posições desta escola, que é a *visão*. Trata-se de uma representação mental de estratégia, criada na cabeça do líder. Essa visão serve como inspiração e também como um senso daquilo que precisa ser feito – uma ideia. A visão tende a ser mais uma espécie de imagem do que um plano plenamente articulado em palavras e números. Isso o deixa flexível, de forma que o líder pode adaptá-lo às suas experiências (MINTZBERG et al., 2010).

No entanto, apesar dos esforços feitos por pesquisadores para elaborar teorias detalhadas sobre o empreendedorismo e o empreendedor, estudando seu comportamento ou descrevendo algumas de suas características, grande parte dos estudos seguiu uma orientação universal, gerando conclusões genéricas sobre o perfil do empreendedor (GIMENEZ et al., 2008).

Pereira (1992) afirma que a reorganização sistemática e racional dos fatores de produção é o elemento essencial do desenvolvimento econômico. Esta reorganização se realiza tanto no plano nacional quanto no nível das empresas. Em termos amplos o empresário, bem como o empreendedor tratado neste ponto como sinônimo para fins do nosso

estudo, é o dirigente e executor da reorganização dos fatores de produção no nível da empresa. Schumpeter (1985) define o empreendedor como o inovador, o indivíduo que põe em execução novas combinações.

Para McClelland (1961) o empreendedor é alguém que exerce um certo controle sobre os meios de distribuição e produz mais do que pode consumir, com o objetivo de vendê-lo para obter renda individual. A obra de McClelland aborda o empreendedorismo pela ótica da motivação e do comportamento. É a reflexão dos fatores psicológicos, através da análise das necessidades de poder, afiliação e realização do empreendedor.

Para Drucker (2013) o empreendedorismo é o espírito empreendedor, é a prática de empreender (o ato, a ação árdua, criativa, difícil e arrojada) é o resultado (efeito) dessa prática (a empresa, o empreendimento, o negócio). Não se trata de uma arte nem ciência, mas sim uma prática e uma disciplina.

A inovação é o instrumento específico dos empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio diferente ou um serviço diferente. Ela pode ser apresentada como uma disciplina, sendo apreendida e praticada. Assim, os empreendedores precisam buscar, com propósito deliberado, as fontes de inovação, as mudanças e seus sintomas que indicam oportunidades para que uma inovação tenha êxito (DRUCKER, 2013).

Costa et al. (2011) constata que na miríade de visões diferentes acerca do fenômeno do empreendedorismo um primeiro grupo de pesquisadores se concentra na explicação das consequências do empreendedorismo, buscando respostas para a pergunta: o que acontece quando empreendedores agem? Sendo que esse parece ser especialmente o domínio dos economistas.

A pergunta sobre o comportamento dos empreendedores tem recebido atenção especialmente de pesquisadores da área de psicologia social e sociologia, fornecendo importantes explicações sobre as causas da ação empreendedora com foco no indivíduo. Por fim, o centro de atenção de alguns pesquisadores, de diversas disciplinas, está em como os empreendedores agem, gerando conhecimento sobre as características e formas de ação empreendedora em contextos organizacionais e ambientais diferenciados (COSTA et al., 2011; GIMENEZ et al., 2008).

Assim, em função do que foi discutido até aqui em nosso estudo, entendemos que o empreendedorismo deve ser visto de um modo abrangente configurando dimensões do

indivíduo, do empreendimento e do contexto onde a ação empreendedora se manifesta, através da utilização de um conceito multidimensional da ação empreendedora (PAIVA Jr., 2004; SCOTT, 2006; JULIEN, 2010; COSTA et al., 2011).

A abordagem subjetivista dedica maior importância à figura do indivíduo empreendedor, focalizando a atuação da pessoa, suas habilidades, suas capacidades inerentes e a construção de sua identidade. Essa abordagem engloba as perspectivas acerca do fenômeno empreendedorismo usadas em nosso estudo: a econômica, a comportamental e a gerencial (MCCLELLAND, 1961; SCHUMPETER, 1985; KOR et al., 2007; GÖRLING; REHN, 2008; TONELLI et al., 2011; DRUCKER, 2013).

Porém, mesmo nas abordagens subjetivistas, o “Eu” empreendedor é entendido, assim, apenas como um fator sem levar em consideração uma visão holística do mesmo. Além disso, a cultura, na visão usual da pesquisa em administração, é tomada como “aspecto” ou “fator” a ser considerado no estudo do empreendedorismo. Dessa maneira, nosso estudo apresenta uma nova abordagem assumindo o foco nesse “Eu” empreendedor tomado individualmente, porém visto como um sistema aberto, cuja identidade ou “Eu” resulta das trocas constantes com o meio socioeconômico, adotando a visão da Psicologia Cultural Semiótica. A seguir, apresentamos os princípios teóricos básicos das perspectivas da abordagem subjetivista.

2.2.1 A perspectiva econômica do empreendedorismo

A proposta do empreendedor schumpeteriano é daquele que introduz a inovação, gera desequilíbrio e provoca crescimento no sistema econômico, pondo em exercício novas combinações (PENROSE, 1959; CABRAL, 2007; BARROS; PEREIRA, 2008; VALE et al., 2008). Para López-Ruiz (2004) Schumpeter propôs umas das teses mais originais para explicar as causas do desenvolvimento econômico, salientando a importância, nesse processo, do empreendedor como sendo a figura que personifica a força do novo, do extraordinário na vida econômica, levando adiante novas composições, buscando a inovação.

A teoria schumpeteriana, trazia de volta a figura do herói, personificada pelo empreendedor. Esta figura era, então, moldada em um papel decididamente pré-moderno do líder heroico – apresentando certas semelhanças com “os cavaleiros errantes medievais que passeiam a cavalo em procura de aventuras excitantes, prontos para destroçar o dragão da

rotina e da estagnação” (LÓPEZ-RUIZ, 2004, pág. 60).

Schumpeter (1985) destaca o papel fundamental da inovação no ato de empreender e seu impacto no crescimento econômico. Distingue entre invenções (novas ideias e conceitos) e inovações (uma nova combinação de recursos produtivos). Para ele, o desenvolvimento é possível quando ocorre inovação, sendo possível classificá-la em cinco tipos: 1) introdução de novos métodos de produção; 2) introdução de novos produtos; 3) abertura de novos mercados; 4) conquista de novas fontes de matérias-primas e produtos semimanufaturados; e 5) introdução de nova organização de um setor industrial, através, por exemplo, da criação de uma situação de monopólio ou da quebra de uma posição monopolista.

Chama-se ato empreendedor à introdução de uma inovação no sistema econômico e empreendedor ao que executa este ato. A empresa e o empreendedor são fatos específicos no desenvolvimento e inexistentes no estado estacionário, no qual a direção da produção implica apenas uma atividade de rotina que não se distingue de qualquer outro tipo de trabalho (SCHUMPETER, 1985; FILION, 1999; BARROS; PEREIRA, 2008; SILVA ET AL., 2009).

Leite (2000) afirma que a principal característica do sistema capitalista, na percepção de Schumpeter, era a destruição criativa, definida como um processo orgânico, de permanente mutação industrial, que incessantemente revoluciona a estrutura econômica a partir de dentro, destruindo a estrutura velha para a construção de uma nova. Dessa forma, o empreendedor seria alguém engajado nesse processo de destruição criativa – rompendo com velhos hábitos, para gerar respostas novas às carências e desejos do mercado.

Esse mecanismo de destruição criativa é responsável pelo fenômeno de encerramento de fábricas e eliminação de postos de trabalho por um lado, mas é também capaz de orientar os agentes econômicos para adaptar-se às mudanças tecnológicas e às preferências dos clientes (LEITE, 2000).

A partir de considerações preliminares sobre a natureza dos fatos da vida humana, Schumpeter (1985) entende que a natureza dos fatos da vida humana nunca é pura ou exclusivamente econômica, sempre existem outros aspectos em geral até mais importantes. Contudo, sua intenção reside na explicação de fatos que resultam do comportamento econômico, isto é, dirigido, para a aquisição de bens, diferenciando-os do que ele chama fatos sociais que, segundo ele, resultam do comportamento humano.

Para Schumpeter, o desenvolvimento se dá por meio de discontinuidades no sistema econômico que causam o deslocamento de seu ponto de equilíbrio. Para melhor entendimento

dessa noção, o desenvolvimento econômico é contrastado com o crescimento que é entendido como o processo interno, ou seja, controlado pelo próprio sistema, de ajustes contínuos (BARROS; PEREIRA, 2008).

Para se entender a proposição de schumpeteriana sobre o empreendedorismo é preciso considerar que este visualizava o mesmo como uma função econômica, cujo centro é a inovação, e diferente da função gerencial cujo cerne está no ajuste e manutenção do equilíbrio. Assim, é esta capacidade de iniciativa, de inovação, de risco, de transformação, que define o empreendedor schumpeteriano (VALE et al., 2008).

2.2.2 A perspectiva comportamental do empreendedorismo

A abordagem de perspectiva de base comportamental concentra-se nas tentativas de definição dos perfis das personalidades do empreendedor e em compreender seu comportamento (KETS DE VRIES, 1977; BORGES; CASADO, 2009).

De acordo com Filion (1999) dos anos 1970 aos anos 1980 foram os comportamentalistas que dominaram a área do empreendedorismo, em grande parte em função dos trabalhos de David McClelland (1961) e de avanços nas ciências do comportamento. Além disso, a resistência natural dos economistas em aceitar modelos qualitativos, não quantificáveis, seria, na verdade, a grande motivação da perspectiva comportamental (FILION, 1999; ARMOND; NASSIF, 2009).

Armond e Nassif (2009) apontam que, mesmo sem estudar direta e especificamente o empreendedor ou o empreendedorismo, McClelland é o autor que efetivamente lançou as bases para a perspectiva comportamental das pesquisas em empreendedorismo.

McClelland (1961) foi um psicólogo que desenvolveu estudos focados no comportamento empreendedor. Para ele, as principais características do empreendedorismo são: a) aceitação moderada de risco como função da capacidade de decisão; b) atividade instrumental vigorosa e/ou original; c) responsabilidade individual; d) conhecimento dos resultados das decisões; e) dinheiro como medida dos resultados; f) previsão de possibilidades futuras; g) aptidões de organizações; h) interesse em ocupações empreendedoras em função de seu prestígio e risco.

McClelland fez uma tentativa de descobrir a razão pela qual certas culturas aparentemente *funcionavam* melhor do que outras. Em seu trabalho *The Achieving Society* (1961) ele apresenta valores que aparentam variar de cultura para cultura e que dava aos membros de diferentes sociedades meios para ver a ação do destino. Para algumas culturas essa luta é infrutífera, já que o êxito ou o fracasso acabavam dependendo do destino e dos deuses. Outras transmitiam a seus filhos a visão de que toda pessoa podia controlar ou, pelo menos, influenciar seu resultado na vida.

Armond e Nassif (2009) afirmam que para McClelland impulsos psicológicos dirigidos para a conquista e a realização devem ser vistos como antecedentes do desenvolvimento econômico. Assim, para a perspectiva comportamental os empreendedores são pessoas que possuem necessidade de realização, disposição para correr riscos moderados e veem oportunidade onde os outros veem problemas e, ainda, são persistentes quanto aos seus objetivos (GREATTI; SENHORINI, 2000).

De acordo McClelland (1961) os indivíduos apresentam três necessidades básicas: realização, poder e afiliação. A necessidade de realização dirige a atenção do indivíduo para que este execute, da melhor forma possível, suas tarefas, de forma que possa atingir os seus objetivos, seja eficaz naquilo que se propõe a fazer. A necessidade de poder é aquela que pessoas tem de dominar ou influenciar outras. Ela não somente tem necessidade de estar no topo da pirâmide de poder como também tem a necessidade de influenciar os outros convencendo-os de suas opiniões ou proporcionando-lhes o experimentar de emoções.

McClelland (1961) afirma que a necessidade de afiliação expressa o desejo de se estar próximo de outras pessoas, alegrar-se em se relacionar com outros indivíduos e procurar a construção de amizades, edificando bons relacionamentos pessoais. A sua atuação em conjunto com a necessidade de realização proporciona uma poderosa alavancagem para o alcance de objetivos, através de interação e cooperação.

Enfim, para a perspectiva comportamental a personalidade empreendedora não nasce pronta, mas pelo contrário, é fruto do meio em que a pessoa vive, do tipo de educação recebida pelos pais, do jeito de ser e agir da família e das experiências vividas tanto na infância quanto na adolescência. Tal personalidade se desenvolve de diferentes maneiras devido ao ambiente social e cultural no qual o indivíduo está inserido, sendo que as condições ambientais, políticas e econômicas favorecem ou não o surgimento e o crescimento das empresas (GREATTI; SENHORINI, 2000; ARMOND; NASSIF, 2009).

2.2.3 A perspectiva de gestão do empreendedorismo

Para Drucker (2013) o título de empreendedor não pode ser aplicado a todo audacioso que inicia um pequeno negócio. Os empreendedores são pessoas que estão simultaneamente criando novos tipos de negócios e aplicando novos e insólitos conceitos administrativos. Peter Drucker defende a proposição do empreendedorismo como uma disciplina do conhecimento humano que pode ser adquirido em nível individual e organizacional, sendo, portanto, comportamento e não traço de personalidade.

Corroborando essa visão, Salazar et al. (2003) afirmam que o empreendedorismo se configura quando a ideia de inovação é concebida, é viável e se constitui em uma competência essencial. Isso significa que o novo negócio não poderá ser copiado facilmente e, ainda, se a ideia inovadora oferece condições ou pode ser utilizada para novos negócios.

Maia et al., (2009) afirmam que os empreendedores, de alguma forma, são detectores de espaços de mercado e criadores de contextos. Assim, é central no comportamento empreendedor desenvolver competências que permitam a busca orientada e organizada por mudanças, acompanhada da análise sistemática de oportunidades que tais mudanças podem oferecer para inovação econômica ou social.

Para que isso seja possível, Drucker (2013) propõe o monitoramento contínuo de sete fontes de inovação: O inesperado (sucesso ou fracasso); Incongruência da realidade (diferenças entre o que é, parece ser e deve ser); Necessidades de processo; Mudanças na estrutura de mercado ou indústria; Demografia; Mudanças de percepção, humor ou significado (cultura); e Conhecimento novo.

A inovação sistemática deve ser o foco naquilo que Drucker (2013) denomina Administração Empreendedora cuja aplicação pode ser feita em empresas existentes, na administração de serviços públicos ou em novas empresas. Para isso, é necessário, ainda segundo Drucker, a definição de políticas empreendedoras que envolvem ações relacionadas à: 1) liderança da obsolescência dos produtos; 2) percepção do novo como oportunidade e não ameaça; 3) trabalho no presente nos produtos que farão um amanhã diferente; 4) estímulo às práticas empreendedoras com autonomia; 5) foco da visão administrativa em oportunidades; 6) mensuração do desempenho inovador; e 7) criação de uma estrutura que permita a inovação.

Uma comparação entre as três perspectivas sintetizadas nessa seção permite observar algumas similaridades, bem como diferenças. Nas três visões a inovação é o aspecto central do empreendedorismo. Para Schumpeter (1985) o empreendedorismo é uma função econômica (centrada no empreendimento), para McClelland (1961) é um papel entre vários (centrado no comportamento do indivíduo) e para Drucker (2013) é uma disciplina do conhecimento (que pode ser aprendido em nível individual e organizacional). Por fim, em termos de campo de aplicação ou de manifestação do fenômeno, Schumpeter se restringe a empresas, McClelland enfatiza empresas e Drucker amplia para qualquer tipo de organização (GIMENEZ et al., 2008).

Segundo Costa et al. (2011) ainda que desenvolvidas sob diferentes prismas, as três abordagens convergem para o mesmo ponto: para que uma sociedade fundamentada em um mercado livre seja capaz de produzir mais riqueza, torna-se premente a existência de indivíduos capazes de criar e aproveitar oportunidades, melhorar processos e inventar negócios.

Nosso estudo se propôs a explorar uma nova compreensão em relação a correntes teóricas tradicionais que buscam descrever o processo empreendedor, estas especialmente ligadas às ciências administrativas, com uma visão gerencial e positivista, apresentando um estudo na área de psicologia do desenvolvimento, sob a perspectiva dos pressupostos da Psicologia Cultural Semiótica (VALSINER, 2000; 2012a). Assim, entendendo que o indivíduo constrói significados em um momento presente (aqui-e-agora), baseado em experiências passadas (realizadas ou não), projetando futuros possíveis, assumimos que os processos de construção de significados são únicos, de natureza semiótica (mediada e regulada por signos), ocorrendo em um tempo irreversível. Considerando o que desenvolvemos em nosso estudo, na seção seguinte apresentamos pesquisas que procuram levantar as razões que levam às atividades empreendedoras, buscando compreender em que contexto se dá a atividade empreendedora.

2.3 RAZÕES QUE LEVAM ÀS ATIVIDADES EMPREENDEDORAS

Nos últimos anos ganharam força, na literatura nacional e internacional, investigações acerca dos motivos que levam os indivíduos às atividades empreendedoras. A busca mais

sistemática dos motivos que levam indivíduos à determinada atividade produtiva teve início a partir da década de 1950, influenciada, sobretudo, por contribuições geradas na área da psicologia (VALE et al., 2014).

Tais estudos, segundo Vale et al. (2014) na área do empreendedorismo, enfocaram, inicialmente, certos traços ou atributos intrínsecos ao indivíduo. Ao longo do tempo, outros motivos, de natureza extrínseca, foram enfatizados. Nesse contexto, um fator, em particular, vem ganhando vulto na literatura recente. Trata-se do tema do desemprego. Motivos intrínsecos e extrínsecos podem, inclusive, interagir entre si. E no esteio das reflexões sobre motivações empreendedoras, advém a temática oportunidade versus necessidade.

O *Global Entrepreneurship Monitor* - GEM (GEM, 2012) que se caracteriza como o maior estudo contínuo sobre a dinâmica empreendedora no mundo, admite duas razões para abrir uma empresa: oportunidade e necessidade. Tais motivações permitiriam enquadrar o empreendedor em duas categorias distintas, mutuamente excludentes: empreendedores por necessidade e empreendedores por oportunidade.

Os empreendedores por necessidade representariam uma “parcela da população envolvida com o empreendedorismo por não ter outra opção de trabalho” (GEM, 2012, p. 89). Já os empreendedores por oportunidade formariam a parcela da população “envolvida com o empreendedorismo não por não ter outra opção de trabalho, e, sim, por ter identificado uma oportunidade de negócio que pretende perseguir” (GEM, 2012, p. 89).

Julien (2010) alerta que a realidade é mais complexa e agrupa em três as razões: as motivações, as habilidades adquiridas gradualmente e as oportunidades aproveitadas. As motivações decorrem de fatores pessoais e sociais. Os pessoais podem envolver liberdade de ação, de criar ou comprar uma empresa, desejo de afirmação, de se identificar a uma obra, independência ou autonomia de ação e ambição e busca pelo poder. As razões sociais podem ser de natureza familiar, necessidade de ganhar dinheiro para contribuir com a família ou mesmo a vontade de criar emprego para ajudar a comunidade.

Outros estudos apresentam o pressuposto da motivação múltipla para abrir um negócio próprio. Pesquisa realizada pelo SEBRAE (2007) a principal agência governamental brasileira de fomento à atividade empreendedora, por exemplo, em todas as Unidades da Federação, sugere a interação entre diferentes motivos. Entre as empresas extintas (SEBRAE, 2007) 70% dos antigos proprietários alegaram ter aberto sua empresa movidos pelo desejo de aumentar a renda; 60% pelo desejo de ter seu próprio negócio; 40% pela identificação de uma

oportunidade de negócios, entre outros fatores. Observa-se que a soma das parcelas obtidas em cada um dos motivos é muito superior ao total de respondentes (100%). Isso indica que um mesmo indivíduo alegou ter sido movido ao empreendedorismo por mais de um motivo, ao mesmo tempo.

As habilidades vêm do estudo ou trabalho, da experiência acadêmica ou profissional ou da vontade em exercer algo ligado ao passatempo favorito. As oportunidades decorrem da origem ou evolução, podendo ser criadas ou aproveitadas ou ainda amadurecidas. Essas dependem do momento oportuno de pô-las em prática. Um trabalhador, por exemplo, que veja uma sugestão ser rechaçada, pode esperar uma melhor oportunidade para colocar sua ideia em prática. As oportunidades acontecem em função do local com mais ou menos influência (VALE et al., 2014).

Julien (2010) chama atenção para a etapa de contágio do empreendedorismo. Essa etapa pode ser atribuída a fatores que estimulam a atividade ou desestimulam. Em áreas de aglomeração, os iniciadores contaminam pela boa imagem transmitida, pela influência exercida nas instituições locais. São pessoas admiradas socialmente. Um capital social mínimo permite a aceleração de criação de novos negócios.

Assim, concluímos que o empreendedor é alguém que, movido por razões e condições diversas, resolve começar algo novo. Um negócio, uma ideia, uma mudança no cenário em que se encontra. Sua origem familiar, regional, nacional ou mesmo o círculo de amigos construído ao longo da vida pode ajudar a traçar o caminho que o levou a empreender. Seja o ambiente criado pelo governo, sejam as condições sociais em que ele desenvolveu suas habilidades cognitivas, podem ajudar a entender o que o levou a esse caminho. As próprias ligações afetivas construídas ao longo de sua trajetória de vida podem auxiliar no seu desenvolvimento.

2.4 QUESTÕES DE GÊNERO NO EMPREENDEDORISMO

O tema do empreendedorismo feminino tem sido abordado por diversos pesquisadores, entre os quais destacamos, sem pretender esgotar a lista de estudos sobre o tema Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014); Nogueira, Alvarez e Urbano (2013); Gouvêa; Silveira e Machado (2013); Jonathan (2011); Jonathan e Silva (2007). Em muitos estudos,

faz-se exame de características psicológicas e sociais das empreendedoras, chamando a atenção da inovação que é o próprio fato da mulher assumir a liderança de seus próprios empreendimentos, transpondo o denominado *teto de vidro* (itálico nosso) que dificulta a ascensão das mulheres a altos níveis da administração empresarial.

Segundo Strobino e Teixeira (2014) motivadas por vislumbrarem alguma oportunidade ou impulsionadas pelas necessidades, as mulheres empreendedoras tem escrito um novo capítulo na história do empreendedorismo mundial. Ainda que os diversos conceitos de empreendedorismo existentes não fazem distinção de gênero, visto que as características empreendedoras podem ser encontradas tanto em homens quanto em mulheres, as primeiras definições contemplavam quase que exclusivamente o público masculino.

De acordo com Alperstedt et al. (2014) e Gouvêa, Silveira e Machado (2013) a análise do empreendedorismo em diferentes localidades, constata que a proporção entre homens e mulheres varia de país para país. Porém, de maneira geral, considerando o relatório GEM (2012) o número de mulheres empreendedoras ainda é inferior ao de homens, fato que parece se justificar pelas estruturas sociais, culturais, costumes e estrutura tecnológica de cada país.

O debate sobre empreendedorismo feminino, entretanto, não suscita apenas o ingresso da mulher no mercado de trabalho. Trata-se também de uma alteração social que provoca não somente transformações nas expectativas de vida pessoal, como também nas relações familiares e nas demandas por serviços públicos, entre outros fatores. Assim, o processo empreendedor que já é dotado de dificuldades e entraves que se colocam ao empreendedor tem, no caso gênero feminino, por sua construção histórica, dificuldades extras (ALPERSTEDT et al., 2014).

Para Amorim e Batista (2012) durante o decorrer da história mudanças na sociedade fizeram com que a mulher passasse a assumir tarefas que diferem do ambiente familiar e doméstico. A sociedade, inclusive, já usou por muito tempo um falso argumento baseado na diferença do funcionamento dos cérebros masculinos e femininos para justificar a desigualdade entre homens e mulheres.

Tanto a organização do trabalho quanto da família repousa em mitos, ainda hoje existentes, relativos às diferenças entre gêneros. A ideia de que as mulheres têm necessidades, inclinações e capacidades para cuidar e se ocupar do lar, ao passo que os homens têm habilidades para atividades fora do lar e para prover, cria armadilhas. Homens e mulheres ficam atrelados às expectativas e comportamentos vinculados a ideais em relação a quem

trabalha (“trabalhador ideal”) e a quem cuida do lar (“dona de casa ideal”) (JONATHAN; SILVA, 2007).

Um forte impulsionador da entrada da mulher no mercado de trabalho deu-se no século XX com as 1ª e 2ª Guerras Mundiais (1914 – 1918 e 1939 – 1945, respectivamente). A ausência dos homens enviados para combate e posteriormente a quantidade de homens mortos durante o conflito tornou imprescindível a contratação de mulheres para funções que antes eram exclusivamente masculinas. Nesse período nascem os primeiros movimentos feministas e as mulheres começa uma luta mais organizada por seus direitos e pela igualdade de oportunidades no trabalho. No Brasil, foi nos anos 70 que a mulher ingressou de maneira mais firme no mercado de trabalho, surgindo por fim os movimentos sindicais e feministas no país. Já na Constituição Federal de 1988 a mulher conquista a igualdade jurídica, sendo considerada tão capacitada quanto o homem (AMORIM; BATISTA, 2012).

Segundo A figura do marido exerce um papel importante na vida das mulheres empreendedoras. Embora esse laço seja forte e a divergência de pensamento e opinião possa limitar essa relação, é uma fonte de apoio emocional e a parceria com o companheiro é uma fonte de apoio emocional de destaque no fortalecimento da mulher como empreendedora ou empresária (ALPERSTEDT et al., 2014; JONATHAN, 2011). A relação entre a mulher empreendedora com o marido tanto pode auxiliar no processo empreendedor, como pode se revelar um entrave. Muitas mulheres recorrem ao marido como fonte de recursos, apoiando e financiando suas ideias. A figura masculina também é comumente citada como conselheira na tomada de decisão.

Segundo Machado, St-Cyr, Mione e Alves (2003) de um modo geral, as tipologias que buscam entender as razões que levam as mulheres a iniciar um negócio apontam duas formas distintas de motivações: a primeira delas é circunstancial, enquanto que a segunda é determinada pela vontade pessoal das empreendedoras. Entre aquelas que pertencem ao segundo grupo, ou seja, as que decidem começar a própria empresa, entre os principais motivos responsáveis para essa decisão temos: a dificuldade de ascensão na carreira anterior, a necessidade de autonomia profissional e a frustração no trabalho anterior. Como de fato, a ascensão profissional de mulheres em empresas é muitas vezes difícil, existe uma propensão entre as mulheres que ocupam posições intermediárias em organizações em abandonar as empresas, a fim de criar a sua própria empresa.

Pretendemos com o nosso trabalho avançar nos conhecimentos acerca de influências da cultura, como entendida pelos pressupostos da Psicologia Cultural Semiótica, da família e de quaisquer outros agentes que interfiram nas trajetórias de vida dos empreendedores participantes de nossa pesquisa. Sendo que consideradas como impregnadas de significados construídos ao longo dessas trajetórias.

3 PSICOLOGIA CULTURAL

3.1 CONCEITOS

Pesquisar sobre empreendedorismo em administração implica considerar múltiplos aspectos, tais como: inovação, criatividade, descoberta, invenção, liderança cultura, decisão, visão de futuro, riscos, julgamento, valores, crenças e gestão de recursos humanos, materiais e financeiros (GIL; PERCÍNIO, 2013). A cultura, na visão tradicional da pesquisa em administração, é assim tomada como “aspecto” ou “fator” a ser considerado no estudo dos empreendedores, mesmo que tomados individualmente.

O presente trabalho, porém, adota a proposta de Valsiner (2000; 2012a) onde a cultura – na visão da Psicologia Cultural Semiótica – é vista como uma parte inerente das funções psicológicas humanas. Na orientação semiótica, o termo cultura refere-se à mediação por signos, que é parte do sistema das funções psicológicas organizadas, sendo estas tanto intrapessoais como interpessoais. É com signos que construímos significados que nos guiam nas trajetórias de vida.

São esses signos que vão regulando Lúcia e Cláudio, lhes ajudando a rever o que aconteceu no passado, transformando o momento infinitesimamente presente e o futuro possível. Nossa construção de signos tem lugar no tempo irreversível, em que nós agimos sobre as diversas situações que vão acontecendo. Há uma necessidade de ação simultânea, do momento presente em direção ao futuro que se tornará presente no próximo momento, refletindo de alguma forma sobre os acontecimentos. O poder dos signos regulando nosso agir é tão óbvio que sob condições comuns, nós dificilmente nos damos conta disso (VALSINER, 2015). E é essa uma das novidades que pode ser trazida ao adotarmos a perspectiva da psicologia cultural semiótica para estudar o empreendedorismo. Assim, nos propomos a explorar uma nova compreensão em relação às principais correntes teóricas que buscam definir o empreendedor, através de um estudo na área da psicologia do desenvolvimento, sob a perspectiva dos pressupostos da Psicologia Cultural Semiótica (VALSINER, 2000; 2012a).

Valsiner (2004) afirma que, em linhas gerais, as perspectivas não desenvolvimentais e desenvolvimentais são posições opostas que lidam com o mesmo fenômeno. A perspectiva não desenvolvimental é baseada no axioma da identidade: “X É X”. Assim, baseado nesse

axioma fazem sentido perguntas como: “o que **É** personalidade?” ou “o que **É** inteligência?” ou ainda “o que **É** memória?”. Já a perspectiva desenvolvimental é baseada no axioma do tornar-se, que assume duas formas possíveis: “X **SE TORNA** Y” ou “X **PERMANECE** Y”. Apesar de em dicionários pesquisados não encontrarmos o termo desenvolvimental, mas desenvolvimentista, optamos por usar o termo desenvolvimental por ser o que mais se aproxima do vocábulo original.

Ambos, se tornar e permanecer, são processos que garantem tanto uma relativa estabilidade quanto mudanças no caso do desenvolvimento. No caso do permanecer, o sistema particular que se mantém em sua forma geral, depende de constante inovação da forma por novas partes. Assim, no caso do axioma do permanecer, um processo de manutenção da inovação é necessário, enquanto que no caso do axioma da identidade, nenhum processo (que estabelece a identidade está implícito (VALSINER, 2004).

O uso do termo cultura tem sido difícil ao longo da história das sociedades humanas, tanto no discurso cotidiano como no científico (VALSINER, 2012a). Cultura é, num certo sentido, uma palavra “mágica” – positiva em suas conotações, mas difícil de localizar com precisão em qualquer ciência que pretenda usá-la como seu núcleo (VALSINER, 2012b). Sua importância é acentuada por termos da moda em nossa linguagem contemporânea, como multiculturalismo, raízes culturais, práticas culturais e etc.

Valsiner (2012a) já havia apontado que há duas tendências básicas que orientam os estudos com centralidade na cultura. A primeira é a orientação semiótica, cujo foco recai sobre a capacidade humana de criar e usar signos, considerando que o ser humano é guiado por um sistema de regulação semiótica e a nossa mente é constituída por signos. Nela, a cultura e o ser humano são reconhecidos como fenômenos separados, mas tendo uma interdependência obrigatória entre eles, estabelecendo uma relação chamada de separação inclusiva (VALSINER, 2012a) que resgata a singularidade do sujeito e o seu lugar no mundo, em um processo incontestável de imersão na cultura e nas relações sociais.

A segunda tendência se revela através da perspectiva teórica da atividade (*activity-theoretic perspective*) que, em termos gerais, concebe o desenvolvimento humano através da participação mutável do homem nas atividades socioculturais de sua comunidade. Enquanto a perspectiva semiótica “ênfatiza a inserção cultural e a construtividade da *psique*, as perspectivas teóricas da atividade focam na reciprocidade direta das pessoas e seus *settings* socialmente organizados” (VALSINER, 2012a).

Segundo Valsiner (2012a) o estudo da cultura, tal como tratado na psicologia, possui duas diferentes trajetórias: a da psicologia transcultural e, mais recentemente, a psicologia cultural. Sendo que, mesmo que ambas as disciplinas usem o termo cultura e estudem seres humanos, seus modos de criar conhecimento são totalmente diferentes.

De acordo com Adamopoulos e Lonner (2001) a psicologia transcultural como um campo de investigação, abordagem metodológica e forma de compreensão da grande diversidade em que vivemos tem percorrido um longo caminho desde os dias em que as diferenças culturais eram tão somente observadas e relatadas. As semelhanças e diferenças culturais são relatadas a partir de uma série de diferentes perspectivas e abordagens empíricas, com uma literatura prolífica em todas as áreas da psicologia, com suas diferentes orientações teóricas e abordagens empíricas.

Segundo Berry, Poortinga, Segall e Dasen (2002) o campo da psicologia transcultural está ligado ao estudo científico das variações no comportamento humano, levando em consideração os modos como esse comportamento é influenciado pelo contexto cultural. Essa definição apresenta dois desafios centrais dessa abordagem: descrever a diversidade do comportamento humano no mundo e tentar estabelecer uma conexão entre o comportamento individual e o ambiente cultural no qual ele ocorre.

Estes autores ainda afirmam que é possível pensar em “leis universais” de comportamento. Assim, existem processos psicológicos subjacentes que são característicos de nossa espécie, *homo sapiens*, assim como aqueles encontrados em outras disciplinas. Por exemplo, na biologia e suas necessidades fisiológicas primárias – comer, beber e dormir. Ou na sociologia, em que existem conjuntos universais de relações, tais como a dominância. Na antropologia e seus costumes e instituições universais, como a fabricação de ferramentas. Assim, em psicologia, seria plausível partir da suposição de que também é possível descobrir comportamentos humanos universais mesmo que (assim como acontece nessas disciplinas) haja uma ampla variação entre diferentes culturas nas formas como esses processos universais são desenvolvidos, exibidos e implantados (BERRY; POORTINGA; SEGALL; DASEN, 2002).

Bruner (1997) afirma que, como produto da história, e não da natureza, a cultura configura-se como o fator principal na evolução humana para dar forma às mentes dos indivíduos sob sua influência. Este autor assinala três razões para falar tanto na importância da cultura para o desenvolvimento da mente humana. A primeira apoia-se no fato de que não

é possível ignorar os processos realizados na mente dos indivíduos mediante uma enorme quantidade de informações e influências originadas por um contexto sócio-histórico-cultural específico.

A segunda aparece enquanto consequência da primeira, ou seja, estando a psicologia mergulhada na cultura ela deve se engajar na compreensão desses processos produtores e utilizadores de significados que ligam o indivíduo à cultura. A terceira razão para eleger a cultura como conceito fundamental para a psicologia é pela importância da psicologia popular, descrita por Bruner (1997, pp. 23-24) como:

Um relato cultural do que faz os seres humanos pulsarem [...] resiste a ser reduzida à objetividade [...] está arraigada em uma linguagem e em uma estrutura conceitual compartilhada, imersas em estados intencionais – crenças desejos e comportamentos [...] reflexo da cultura, ela partilha com ela seus modos de valorizar e conhecer [...] as instituições normativamente orientadas da cultura [...] servem para impor a psicologia popular.

Para a psicologia cultural a pessoa não é influenciada pelos outros (nem influencia os outros). Ao invés de uma simples seta causal – da pessoa para os outros ou vice-versa – nós temos um *loop* construtivo da pessoa em relação com o(s) outro(s) – através da criação de significados do outro (“amada vovó”) projetando-se no outro (“meu pai tem tanto medo da vida quanto eu”) criando empatia com o outro (“aquele pobre mendigo pelo qual passei na rua principal”) e agindo em direção ao outro (comendo, aliciando ou matando 18 deles). Essas relações com os outros equivale a uma relação – através deles – que volta para si mesmo (Valsiner, 2014).

Para Shweder (1990) a psicologia cultural é o estudo da maneira como tradições culturais e práticas sociais regulam, expressam e transformam a *psique* humana. Psicologia cultural é o estudo dos modos como o sujeito e o objeto, o *self* e o outro, *psique* e cultura, pessoa e contexto, figura e fundo, praticante e prática, vivem juntos, dependem um do outro e dinamicamente, dialeticamente e conjuntamente fazem um ao outro.

Para Cole (1996) a Psicologia Cultural é o campo da psicologia que estuda o papel da cultura na mente da pessoa. Para o autor, é difícil para as pessoas perceberem a cultura, porque ela é um meio dentro do qual existimos. Cole (1996) compara esta condição à de um peixe dentro da água. Assim, por estarem cotidianamente inseridas em uma atmosfera, em um ambiente cultural, as pessoas não atentam naturalmente para esta condição.

Vygotsky (1994) propõe que toda forma elementar de comportamento pressupõe uma reação direta a uma dada situação com a qual o organismo se defronte, representada por uma relação

simples de estímulo e resposta. Contudo, a estrutura de operações com signos requer um elo intermediário entre o estímulo e a resposta. Esse elo intermediário é um estímulo de segunda ordem (um signo) colocado no interior da operação, preenchendo uma função especial, criando uma nova relação entre o estímulo e a resposta. O signo não modifica em nada o objeto da operação psicológica, mas se constitui como um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; assim, o signo é orientado internamente.

Vygotsky (1994) chama de internalização a reconstrução interna de uma operação externa. O processo de internalização consiste numa série de transformações, onde uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente. Ou seja, um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal, sendo essa transformação o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento.

De acordo com Valsiner (2014) a Psicologia Cultural surge na intersecção de dois subcampos da psicologia – do desenvolvimento e social – tendo a antropologia, história, sociologia, sociolinguística e ciências da educação como vizinhos próximos. Diferentemente do resto da psicologia, que preferiu centrar sua atenção nas funções psicológicas inferiores – percepção imediata, atenção, comportamento e resolução de problemas – a psicologia cultural se orienta para o estudo das funções psicológicas superiores – aquelas funções que acarretam o uso da vontade humana e da construção intencional de significado.

Para Valsiner (2000) na Psicologia Cultural podem-se distinguir três direções diferentes. Primeiro, existe uma classe de *perspectivas dialógicas* quanto ao fenômeno psicológico humano. Essas perspectivas enfatizam as noções de discrepância, oposição, negociação e conflito como sendo aspectos produtivos das diferentes construções teóricas. Em segundo lugar, podem-se delinear perspectivas que arranjam a *atividade socialmente situada* como o local onde está situada a socialidade humana. Finalmente, temos um número de direções que enfatizam a construção simbólica pela mente humana como sendo o *locus* social da pessoa.

Essa abordagem é pautada na realidade social do dia-a-dia das pessoas, considerando sempre a historicidade (LYRA; VALSINER, 2011) lidando com fenômenos psicológicos que ocorrem devido aos aspectos socioculturais das vidas humanas em seus contextos sociais variados (VALSINER; ROSA, 2007).

Sato *et al.* (2006) valoriza a construção de significados das experiências de vida das pessoas que são trazidas pela abordagem da Psicologia Cultural, podendo esta ser encarada como um caminho promissor, já que considera as pessoas como sistemas ao invés de unidades. Bruner (1997) acrescenta a importância do contexto social e histórico, sendo que Valsiner (2012a) chama a atenção para o fato de que ocorrem num tempo irreversível. Como o tempo é irreversível – nenhum momento no tempo se repete, e não pode voltar atrás.

A co-existência de bases diferentes para medição do tempo nas diferentes práticas humanas reflete a complexidade histórica de medição do tempo. Em suma, o tempo é irreversível enquanto ele flui, intrinsecamente ligado com nossa experiência de relacionamento com nossos mundos. Para o entendimento do desenvolvimento, as unidades do tempo usadas na ciência precisam manter certos padrões de irreversibilidade (VALSINER, 2000).

Para Valsiner (2000) psicologicamente, tanto a pessoa em desenvolvimento quanto o mundo ao redor dela são fenômenos culturais. Para o autor, é possível fazer uma distinção entre “cultura pessoal” e “cultura coletiva”. Onde a noção de “cultura pessoal” se refere não apenas aos fenômenos subjetivos internalizados (processos intramentais), mas às imediatas (centrados na pessoa) externalizações daqueles processos.

Já a cultura coletiva é composta de externalizações de sistemas de significado pessoal de grupos de pessoas que estão sempre limitados (VALSINER, 2000). A cultura coletiva consiste de todas as minhas experiências com outras pessoas – amigos, conhecidos, transeuntes, mendigos nas escadarias das igrejas, o policial na rua, personagens de TV, entre outros.

Essas outras pessoas externalizaram seus sistemas de cultura pessoal de formas específicas. Eu, vivendo minha própria vida, encontro os resultados dessas externalizações e as uso como insumos dentro da construção da minha própria cultura pessoal. Assim, a cultura pessoal está em interdependência com o domínio dos processos comunicativos interpessoais mediados por signos – não sendo, porém, determinadas por eles (VALSINER, 2000; 2012a).

Branco, Palmieri e Pinto (2012) afirmam que essa mesma dinâmica de um processo interpessoal para um intrapessoal, típico das dimensões cognitivas, acontecem quando co-construções semióticas envolvem significados carregados de afeto, frequentemente designados como motivação humana. Firmado em emoções poderosas, essa motivação engloba crenças, orientação para objetivos e valores. Mas mesmo que os sistemas

motivacionais individuais possam se modificar (ou desenvolver) alguns significados particulares mantém uma certa estabilidade.

Para Valsiner (2012a; 2014) o corpo humano é a arena do duplo processo de internalização e externalização. As duas partes desse processo são construtivas – as mensagens “que entram” são transformadas (internalização), compondo novas mensagens de “saída” para o mundo experienciar e, posteriormente, internalizar. A internalização é, então, o processo de análise dos materiais semióticos existentes externamente, que são sintetizados sob nova forma no domínio intrapsicológico.

Já a externalização é o processo de análise dos materiais pessoal-culturais intrapsicologicamente existentes (subjetivos), durante sua transposição do interior da pessoa para o seu exterior, modificando o ambiente externo como uma nova síntese desses materiais. Como resultado, não há uma uniformidade ou semelhança entre a mensagem que foi internalizada e aquela que emerge como resultado do processo de externalização (VALSINER, 2012a; 2014). O que é externalizado entra imediatamente no domínio perceptual da pessoa e alimentam prospectivamente o processo de internalização. Em termos do acesso metodológico ao processo, a internalização só pode ser observada via alguma forma de externalização, onde os resultados da externalização alimentam o processo de internalização (VALSINER, 2012a).

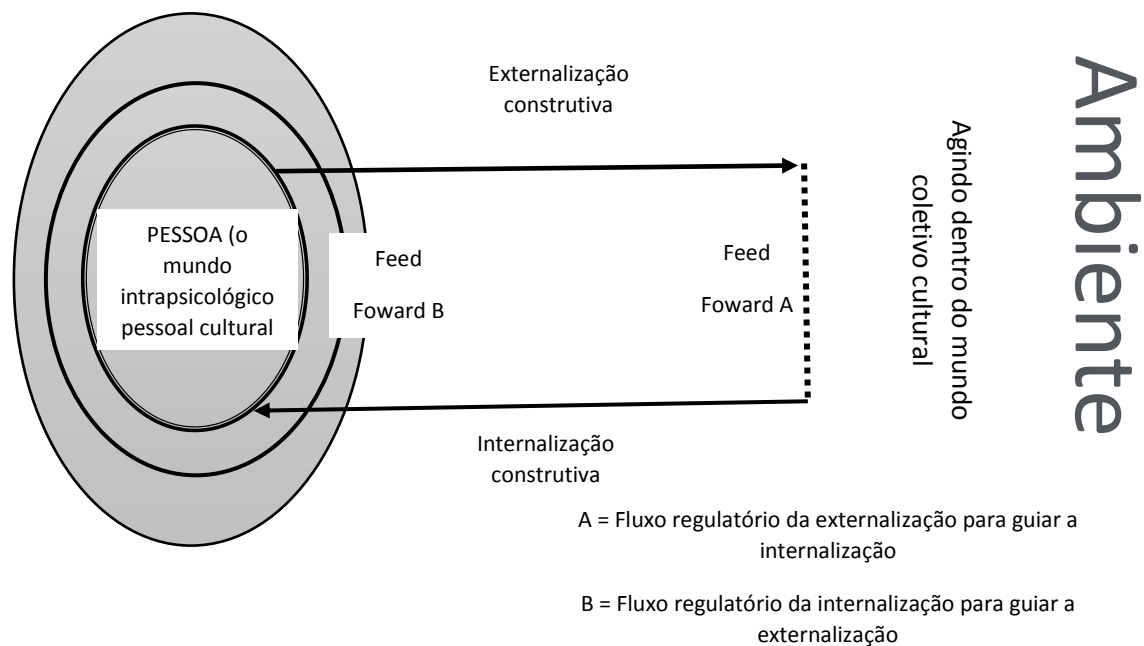


Figura 2 – Relações fluxos mútuos de *feedforward* de internalização e externalização – Adaptado de Valsiner (2012a; 2014)

Para definir o cenário de visualização dos processos de internalização / externalização, Valsiner (2012a; 2014) propõe o modelo de lâminas. Esse modelo envolve uma sequência de fronteiras que distanciam a infinidade pessoal interna daquela do mundo exterior. O uso dessa linguagem é intencional – distanciando dentro do contexto (e não dele) implica e unidade dialógica designada por separação inclusiva – uma fronteira cria uma relação entre dois lados distinguidos por ela. O processo de internalização precisa passar por duas camadas – I e II – antes de alcançar a esfera interna III. O processo de externalização precisa ocorrer de modo correspondente, na direção reversa daquela da internalização.

O modelo envolve a transformação tanto das mensagens internalizadas quanto externalizadas. A primeira reestruturação da mensagem de entrada ocorre quando a mensagem se move através da sequência Camada I $\Rightarrow$ Camada II $\Rightarrow$ Camada III. Em cada camada a mensagem inicial é transformada em uma que é mantida, generalizada e integrada.

Um processo de transformação semelhante ocorre na trajetória de externalização. Um auto-organizador pessoal e cultural generalizado – um "valor" – se torna transcrito em ações significativas concretas através de sua contextualização transformadora, à medida que se

move através da Camada III $\Rightarrow$ Camada II $\Rightarrow$ Camada I $\Rightarrow$ FORA. Como resultado, não há "semelhança" implícita entre os dois materiais "externos" – a mensagem que foi internalizada e a que surge como resultado da externalização. A pessoa inova a mensagem à medida que esta passa pelos limites de cada camada (VALSINER, 2012a; 2014).

Isso não significa passar a fazer sentido para ele. Porque sentido tem um aspecto mais valorativo e comum, de senso comum de linguagem. O aspecto principal diz respeito a esta cultura coletiva passando a fazer parte dos componentes estruturais do indivíduo, numa interação entre indivíduo e coletividade, alterando-se mutuamente (VALSINER, 2001; 2012a).

O processo dual de internalização e externalização garante a falta de isomorfismo entre as culturas coletiva e pessoal, tornando cada indivíduo, desse modo, uma pessoa única, ainda que apoiado sobre o mesmo *background* geral da cultura coletiva (VALSINER, 2012a).

Camada I: Reconhecendo a polifonia de mensagens

De acordo com Valsiner (2012a; 2014) a fronteira mais externa pode ser seletivamente aberta para algumas mensagens vindas do mundo exterior, enquanto permanece fechada para outras. Uma vez que a mensagem tenha atravessado a fronteira mais externa e sido transportada até a Camada I, ela será mantida, dentro do sistema intrapsicológico, na esfera da atenção. A Camada I pode ser vista como o campo de atenção não-voluntária em que é efetuada uma nova seleção de mensagens para processamento. Essa seletividade das mensagens de entrada é crucial para proteção do sistema psicológico de uma sobrecarga de estímulos.

Se esse regulador não atuasse na fronteira externa, o espaço de atenção imediata da pessoa seria fragmentado e a pessoa ficaria refém da polifonia de significados com os quais o mundo exterior bombardeia a pessoa. No entanto, na Camada I, seu destino pode ser variável. A mensagem pode ser mantida e levemente atenuada, pode ser mantida estável ou ser incrementada sem, contudo, garantir que nenhum desses desenvolvimentos fará com que a mensagem seja, posteriormente, conduzida até a Camada II. A função da Camada I é amortecer a psique contra a miríade de mensagens recebidas que podem ser notadas, mas que a pessoa considera como uma espécie de “barulho” em um dado momento.

Camada II: Generalização cognitiva

Uma vez que a mensagem seja trazida para dentro da Camada I, ela se torna potencialmente internalizável, mas sua manutenção e transformação posterior depende completamente de sua transferência para a camada II. Ela é reconhecida como uma mensagem pelo sistema intrapsicológico, mas não é integrada no sistema pessoal de sentidos. Permanece como uma generalização abstrata, sem que se adicione a ela um tom afetivo pessoal (VALSINER, 2012a; 2014).

Entre os tipos de fenômenos encontrados na Camada II estão a maioria das questões ordinárias nas interações humanas como política, negócios e psicologia. Podem ser encontrados discursos verbais – diálogos internos da pessoa que envolvam material cognitivo junto com marcadores emocionais. A discussão de problemas abstratos que estão bem distantes do próprio eu nuclear pode se constituir em uma atividade na qual se cria uma determinada imagem da participação da pessoa em questões sociais, mesmo que essa participação se mantenha no nível do discurso não comprometido. Mexericos e conversas banais são resultados externalizados dessa Camada – as pessoas adoram expressar suas opiniões, fofocar sobre a vida dos outros, ainda que nenhum desses assuntos estejam próximos do núcleo pessoal de seu *self*.

Camada III: Núcleo interior da psique

Segundo Valsiner (2012a; 2014) enquanto na Camada II a mensagem se torna abstratamente generalizada, ainda não é o *locus* para a integralização total do significado no núcleo da psique. Na Camada III, a estrutura pessoal de sentidos, subjetivamente apoiada, transforma a mensagem que entra e, assim, se torna integrada ao núcleo da pessoa através de um sabor claramente afetivo. Se isso acontece, a mensagem generalizada e reconstruída se torna integrada à estrutura do fenômeno intrapsicológico (na Camada III).

Uma vez que a mensagem alcança a Camada III, ela adquire conexões profundamente afetivas com a pessoa – ela toca a pessoa profundamente. A Camada III é aquela da significância pessoal profunda que guia a relação da pessoa com o ambiente e consigo mesma. Valores pessoais integram as mensagens que entram, gerando profundas formas afetivas de externalização.

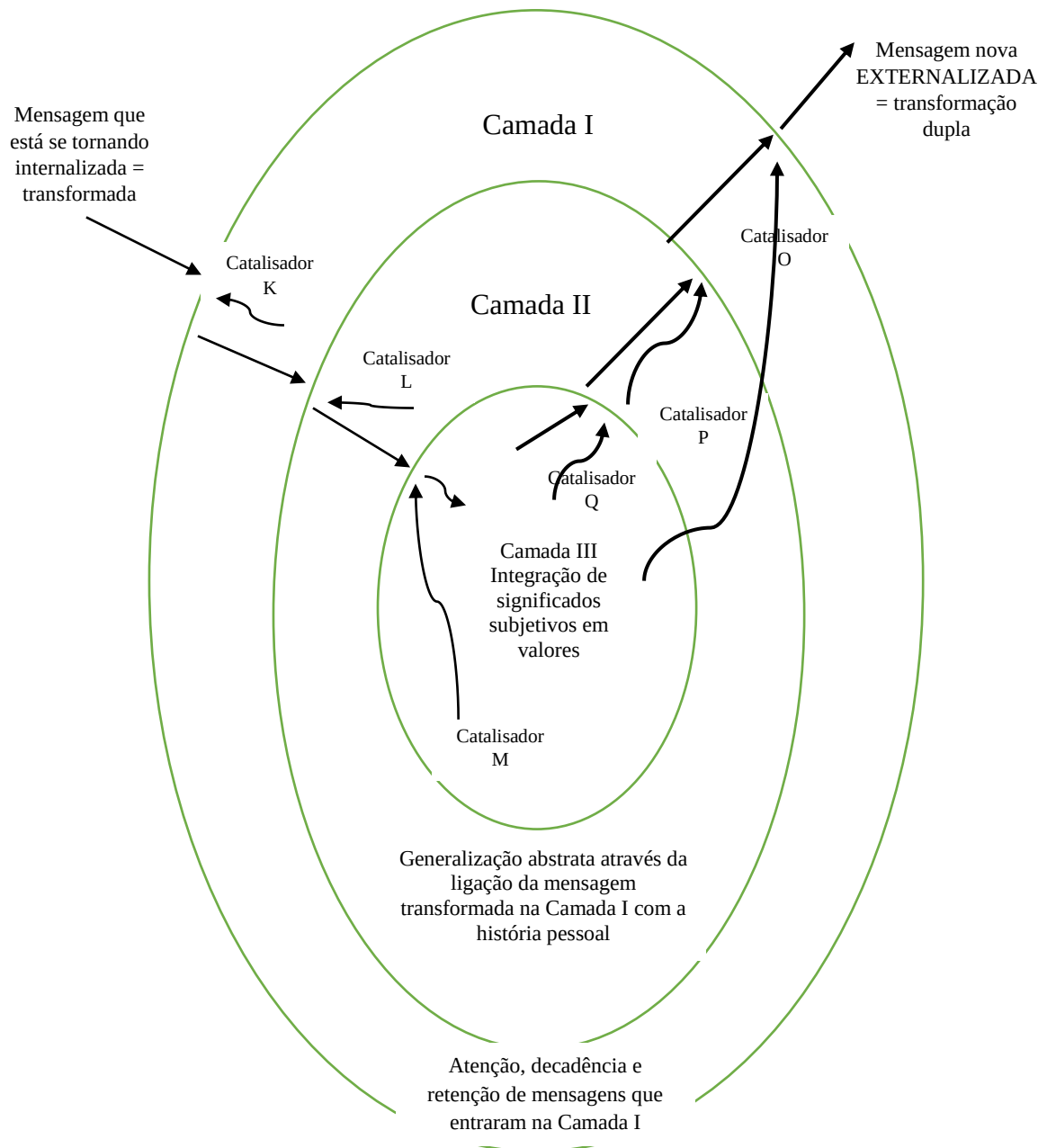


Figura 3 - Modelo de lâminas de internalização / externalização – Adaptado de Valsiner (2012a; 2014).

3.2 SIGNOS

Para a psicologia cultural, a cultura é entendida como processo semiótico, e não como uma entidade, constituindo as pessoas em uma troca constante entre a construção única do sujeito – cultura pessoal – e a cultura coletiva historicamente construída e reconstruída

(VALSINER, 2000; 2012a). A cultura trabalha tanto pela transformação (flexibilidade) quanto pela manutenção (estabilidade) ou destruição de normas e valores que funcionam como guias e reguladores semióticos das nossas experiências de vida.

Para Valsiner (2000; 2012a) a Psicologia Cultural tem foco no processo, tratando o fenômeno psicológico humano (chamado de *psique* em seu contexto amplo) não como uma entidade, mas como processos. Esses processos incluem cultura – na forma do funcionamento de mediadores semióticos, signos – em localizações específicas nos processos.

Segundo Valsiner (2001) o foco na natureza mediadora dos signos que ocorre na psique humana alcançou o conjunto epistemológico de ideias das ciências sociais durante o século XX de três formas. Primeiro, havia a abordagem semiótica de Charles Sanders Peirce que se baseava em esforços para desenvolver uma lógica para a mente humana. Segundo, a tradição intelectual trazida pelo trabalho de Franz Brentano que levou à análise do ato como uma tática de levantamento da construção de significados. Finalmente, o aparecimento da visão de Saussure dos signos na área da linguagem. Essas abordagens trouxeram a noção de signos e sua relevância para a psicologia.

A noção de signo adotada na Psicologia Cultural Semiótica deriva diretamente das formulações de Charles Sanders Peirce na área de semiótica. Para Valsiner (2000; 2012a) signos significam, em termos genéricos, a representação de algo para alguém com alguma qualidade. A construção e o uso dos signos é uma atividade semiótica. Os humanos estão constantemente envolvidos na construção de signos e nas trocas entre os significados dos signos e as mensagens trocadas entre outros, através do impacto dessas mensagens sobre o ambiente e o retorno destes impactos sobre a pessoa.

Bertalanffy (2013) afirma que excetuando a imediata satisfação das necessidades biológicas, o homem vive em um mundo não de coisas, mas de símbolos. Assim, os vários universos simbólicos, materiais e não materiais, que distinguem as culturas humanas das sociedades animais, são uma parte, e é fácil de ver a parte mais importante, do sistema de comportamento do homem. Pode-se, com razão, pôr em dúvida se o homem é um animal racional, mas certamente é de todo um ser criador e dominador de símbolos.

A mediação semiótica garante tanto a flexibilidade quanto a inflexibilidade do sistema psicológico humano, através dos processos de abstração da generalização e contextualização da especificação, os quais operam através das camadas da hierarquia da regulação semiótica. A especificidade do contexto dos fenômenos psicológicos é uma indicação dos mecanismos

gerais que terminam por gerar a variabilidade (VALSINER, 2001). A mediação semiótica se estabelece por signos e integra o sistema de funções psicológicas desenvolvidas pelo indivíduo na organização histórica de seu grupo social, além de desempenhar uma função reguladora nos processos inter e intrapsicológicos (VALSINER, 2001).

Sendo essas funções tanto intrapessoais, isto é, dentro dos processos intrapsicológicos de uma pessoa quanto à sua experiência do mundo. Essas funções também podem ocorrer no âmbito interpessoal: diferentes pessoas envolvidas em relações que podem envolver conversar, lutar, persuadir ou evitar umas às outras, evitando ainda determinados domínios de experiência (VALSINER, 2000; 2012a).

Consequentemente, o indivíduo, como um ator semiótico, se relaciona com o mundo que o cerca através de uma mediação semiótica (CABELL, 2010). Contudo, a mediação semiótica na psicologia cultural vai além da representação do mundo como ele é porque em cada representação de um signo, está uma apresentação, isto é, uma sugestão para o futuro (ABBEY; VALSINER, 2005), que para cada pessoa varia de acordo com seu background histórico-cultural.

Cabell (2010) nos apresenta a mediação semiótica como um termo geral para vários dispositivos semióticos que permitem a um indivíduo cultivar e ativamente modificar o ambiente em que vive e se relaciona. Os mediadores semióticos podem ser funcionalmente diferenciados em dois tipos de dispositivos: (1) catalisadores semióticos e (2) reguladores semióticos.

Os catalisadores semióticos fornecem as condições necessárias para que ocorram outros processos de mediação (tais como a regulação semiótica). Assim, os catalisadores semióticos fornecem a condição, mas não atuam diretamente sobre os processos psicológicos em curso. Já os reguladores semióticos se tratam de dispositivos intra-mentais que são ativamente e diretamente utilizados nos processos psicológicos. Estes reguladores também podem se caracterizar por dispositivos extra-mentais, ativamente e diretamente utilizados para cultivar a cultura pessoal ou do campo cultural coletivo (CABELL, 2010).

Para Valsiner (2012a) a ontogenia humana envolve a construção e o uso de signos para regular os fenômenos psicológicos emergentes, tanto os interpessoais quanto os intrapessoais. Sendo que estes últimos podem ser descritos como desenvolvimento de mecanismos regulatórios hierárquicos de crescente generalidade: assim, pelo uso de signos, os seres

humanos podem transcender qualquer contexto de atividade situada no aqui-e-agora, lançando mão de significados pessoais subjetivamente construídos (ou seja, a cultura pessoal).

Esse processo toma forma através de uma reflexão do indivíduo sobre o contexto do qual ele faz parte. A pessoa se torna simultaneamente um ator, que está imerso em um dado “contexto de atividade localizada” e um agente reflexivo que se distancia desse contexto bem definido no qual ele ou ela estão imersos (VALSINER, 2000).

Na teoria semiótica de Valsiner (2012a) encontram-se conceitos que mostram o processo e a dinâmica de como os signos regulam os seres humanos. Os indivíduos são regulados e autorregulados na cultura pessoal em um processo de separação inclusiva com a cultura coletiva. Ou seja, a cultura coletiva regula o indivíduo no momento em que esta cultura passa a ser um autorregulador deste indivíduo, ou seja, quando ele internaliza os significados criados pela cultura coletiva ao seu redor, “engolindo-os”, tornando-os parte da sua cultura pessoal.

Valsiner (2014, p. 264-265 – Tradução nossa) propõe que a psicologia cultural semiótica fundamenta-se em sete pressupostos axiomáticos:

“(1) Toda a vida psicológica existe no decorrer de um tempo irreversível. Como consequência desse pressuposto, impera a necessidade de estudarmos os fenômenos psicológicos à medida que eles se revelam, tendo em mente que todas as funções psicológicas operam na fronteira entre o passado e o futuro e o momento presente é transitório.

(2) Toda a vida psicológica humana é mediada por signos. Sendo assim, é o âmbito de experiências significativas que se define como o local da investigação psicológica. Tendo em vista que devemos entender significação da perspectiva da pessoa que constrói significado, justifica-se o foco da ciência idiográfica na psicologia.

(3) Signos são construídos, mantidos e demolidos à medida que formam hierarquias dinâmicas. As hierarquias dinâmicas emergem de acordo com os fenômenos psicológicos investigados. Estes fenômenos geram estruturas de signos que envolvem relações de dominância entre partes no todo e que podem ser temporárias. Como estamos examinando as relações entre partes no todo, o principal modo de organização das funções psicológicas é qualitativa.

(4) Signos são construídos por construtores ativos de significado que operam em direção a objetivos intencionalmente definidos. Este axioma restaura a centralidade da intencionalidade e da direção a objetivos para o centro das investigações psicológicas. Portanto, não são

eventos passados que causam a conduta humana, ela é organizada por empenhos intencionais para avançar em direção a metas futuras.

(5) Signos construídos incluem seus contextos. Disto depreendemos que o fenômeno não pode ser separado do contexto. Este axioma indica a inseparabilidade do contexto do fenômeno. A separação inclusiva do signo e seu contexto permitem examinar antecipadamente as ligações entre eles (*feed-forward loops*).

(6) As funções dos signos restringem o leque de possibilidades do futuro imediato. Este axioma conduz à rejeição da reconstrução causal de determinismo psíquico através da decomposição do todo em um conjunto de elementos causais, presumidamente inoculados de poder causal ontológico.

(7) Signos são catalisadores. Esse axioma desconstrói a noção dos signos como causas para os vários fenômenos psicológicos para concebê-los como habilitadores ou bloqueadores dos fenômenos”.

3.3 SIGNO HIPERGENERALIZADO E CAMPOS AFETIVOS

Para Valsiner (2012a, p. 251) a tese central da perspectiva semiótica na psicologia cultural é que “a vida psicológica humana, em sua forma mediada por signos, é afetiva em sua natureza”. A experiência afetiva é socialmente regulada pelas sugestões sociais, codificadas nos signos, em diferentes níveis de generalização.

A semiótica humana é baseada em complexos de signos nos quais vários tipos de signos exercem seus papéis. Apenas alguns desses signos são verbais – de fato, a maioria de nossos processos de construção de significados utilizam signos não verbais (icônico, índice e símbolo) e suas múltiplas funções. Essas funções envolvem organizações em diferentes níveis, desde aqueles situados próximos aos processos fisiológicos imediatos (Nível 1), passando pelo de nomeação específica dos sentimentos (Nível 2), seguido pelas categorias generalizadas do sentir (Nível 3) até atingir os níveis hiperabstratos e supergeneralizados dos sentimentos totais (Nível 4) (VALSINER, 2012a; 2014).

O nível 4 é aquele em que a generalização do campo de sentimentos mediado por signos pode alcançar o nível mais alto de supergeneralização: o de um estado semioticamente mediado e que é, ao mesmo tempo, não diferenciado. Com isso, emergem campos de

sentimento que tomam a psique da pessoa em sua totalidade, sem que a pessoa consiga colocar tal sentimento em palavras. Ela, simplesmente, “sente algo” (VALSINER, 2012a).

Sentimentos estéticos, sejam estes a catarse experimentada durante uma peça teatral ou diante da leitura de uma poesia ou em uma situação interpessoal de extrema beleza, levam a uma abstração das emoções e da sua supergeneralização para os sentimentos gerais da pessoa sobre ela própria e sobre o mundo. Esses campos de sentimentos hipergeneralizado regulam os campos afetivos do tipo superior em sua totalidade. Os campos afetivos podem aparecer como significados hipergeneralizados que deixaram o contexto original em que emergiram. E, uma vez que se torne hipergeneralizado, o signo tipo campo, de caráter afetivo, começa a colorir cada nova experiência (VALSINER, 2012a).

A noção de campos afetivos sugere a vivência de diversas situações concretizadas em atividades corriqueiras e rituais para as quais a pessoa atribuiu um sentimento específico – por exemplo, “*Meditação e yoga são coisas que me respondem muitas das minhas necessidades, meus questionamentos*” ou “*não comer carne, evitar os produtos industrializados, comer mais orgânico*” – e que irão regular semioticamente encontros futuros entre essa pessoa e o mundo social. Segundo Valsiner (2012a) os campos afetivos podem aparecer como significados hipergeneralizados que deixaram o seu contexto original, emergindo e ensaiando novas experiências. Uma vez que se torne hipergeneralizado, o signo tipo campo, de caráter afetivo, começa a colorir cada nova experiência.

Em nosso estudo, o interesse se volta ao nível 4 (hipergeneralização do campo de sentimentos) da hierarquia da mediação semiótica dos processos afetivos, que corresponde aos valores internalizados pelo sujeito ativo ao longo do seu curso de vida, funcionando como guias na construção de significados do processo semiótico de internalização/externalização da cultura, em um dado contexto social e histórico, no tempo irreversível.

4 CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS

4.1 CONCEITOS

Segundo Salvatore e Zittoun (2011) a construção de significados é o processo pelo qual as pessoas transformam sua experiência em uma experiência significativa, que tem um valor, que está relacionada com outros eventos e sobre a qual essas pessoas podem pensar ou se expressar – a construção de significado é um núcleo do fenômeno psicológico.

A pesquisa procura entender a construção de significados na trajetória de vida de uma empreendedora. Entende-se, para fins da pesquisa, que a partir do momento que o indivíduo passa a ser empreendedor, um negócio, a vivência no ambiente de uma determinada empresa, passa a fazer parte de sua vida agora como o “empresário”, e isto demanda dele estratégias e esforços para se inserirem nesse novo contexto e se adaptarem de fato a essa nova dinâmica de trabalho.

O estudo da constituição mútua de práticas culturais e construções de valores contribui fortemente uma melhor compreensão dos cursos de desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade. A partir de uma abordagem sociocultural, que traz a construção de significados à primeira linha dos esforços investigativos nas ciências sociais e na psicologia (BRUNER, 1997; VALSINER; ROSA, 2007) significados são a chave para construção de sentidos no estudo do co-desenvolvimento dos seres humanos e suas sociedades através do tempo.

Para Salvatore e Zittoun (2011) a psicologia cultural pode ser definida de maneira ampla como uma vertente da psicologia que examina as atividades e processos de construção de significados através dos quais as pessoas e seus ambientes sociais e culturais constituem-se mutuamente.

Valsiner (2012a) afirma que o homem tem capacidade e propensão a criar e utilizar artifícios que permitam o seu distanciamento do contexto imediato. Isto dá possibilidade ao ser humano, mesmo estando imerso no contexto aqui-agora, de refletir sobre o contexto do qual faz parte. Esta reflexão (reflexiva e cognitiva) torna viável para o sistema psicológico considerar contextos no passado, imaginar situações futuras e assumir o ponto de vista de outras pessoas.

De acordo com Valsiner (2014) as nossas mentes são culturalmente construídas e os seres humanos constantemente procuram dar significado às coisas com as quais eles se

deparam. Refletimos sobre nós mesmos, sobre os outros, sobre o nosso ambiente e agimos com objetivos orientados para o futuro. Assim, construímos significado através dos signos que organizam nossa relação com o meio ambiente e dão um sentido de ordem às nossas experiências que precisam dar conta não apenas do aqui-e-agora, mas também da incerteza do próximo momento em um tempo irreversível (ABBEY, 2012).

Branco (2012) afirma que os significados são ativamente internalizados pelo sujeito. Alguns tornam-se centrais para o indivíduo, enquanto alguns permanecem na periferia semiótica da pessoa. No caso de ambivalências ou incertezas, pode tornar-se difícil para um indivíduo produzir os recursos psicológicos para construir ou persistir em seus próprios projetos de vida. Sendo que esses significados podem ajuda-los a manterem seus projetos.

Abbey (2012) apresenta uma noção diferente daquela normalmente explorada nas ciências acerca das relações entre o presente e o futuro e que nos ajuda a formar uma ideia acerca da construção de significados pelos indivíduos. Nas ciências em geral, costuma-se aceitar que o passado influencia o presente, já para a autora, o futuro influencia o presente.

Para Valsiner (2012a) passado e futuro são inseparáveis. Em todos os processos dinâmicos que ocorrem no tempo irreversível, a fronteira do presente separa o futuro ainda não conhecido (mas que vai seletivamente desaparecendo) do passado. Como uma linha infinitesimal entre o passado e o futuro, o momento presente na vida de alguém é essa fronteira.

Conforme Valsiner (2012a) o significado surge sob a forma de complexos de opostos unidos. É esta oposição entre o significado e seu oposto que se encontra na base para a mudança subsequente. O significado é um signo complexo caracterizado pela dualidade do processo de construção de significado e assume a forma de um ponto (ou um campo circunscrito) unido a um campo quase-aberto.

Assim, lidando constantemente com as várias possibilidades do próximo momento, a pessoa opera em uma zona de fronteira temporal ambivalente e em tensão no limiar entre o *que é* e o *que poderia ser*. A ambivalência e a tensão gerada insistem em uma solução que chega, com a construção de significado mediado semioticamente. Portanto, a construção de significados é fundamental para superação da tensão entre a representação (presente) e um senso de apresentação imaginado (futuro) (ABBEY; VALSINER, 2005; ABBEY, 2012).

4.2 CURSO DE VIDA

A abordagem da psicologia cultural para o estudo da trajetória de vida, é aberta tanto para a multilinearidade do desenvolvimento como para a centralidade da construção de significados do sujeito em seus mundos culturais (ZITTOUN, 2012). Os cursos de vida dependem de muitas escolhas pessoais, forças sociais e eventos aleatórios; não são previsíveis.

Para Zittoun (2012) à medida que a vida se desenrola, vão existir mudanças: as coisas movem, se desenvolvem, são construídas, são organizadas, se decompõem e morrem. Galáxias se expandem e sóis morrem; chove e a água se evapora; nossos corpos crescem e se tornam mais fracos; as estações do ano se sucedem umas às outras. Como seres humanos, nós percebemos discursos e obtemos informação, nós pensamos e sonhamos e nos comunicamos uns com os outros. A percepção humana da passagem desses eventos é notada por nós graças a vários marcadores sociais e culturais e são produzidas no tempo – no sentido pessoal ou como parte de uma história coletiva.

Qualquer mudança desenvolvimental na estrutura orgânica de um indivíduo tem, como seu ponto de partida, a estrutura que esse organismo alcançou até então. Desde a primeira divisão celular do óvulo fertilizado até a maioridade do indivíduo e sua total autonomia, toda mudança desenvolvimental pela qual passa o indivíduo é baseada em suas mudanças anteriores e, claro, também nas circunstâncias ambientais que ele ou ela encara em um momento em particular (ZITTOUN et al., 2011).

Isto significa que as mudanças vividas no passado serão o pré-requisito para mudanças futuras. Considerando a cadeia de mudanças que um indivíduo atravessa durante sua vida como encruzilhada, onde continuamente algumas rotas alternativas são descartadas em favor de outras. O número total de rotas que foram seguidas será muito menor em comparação com todas as rotas alternativas possíveis que foram descartadas.

Assim, cada momento no tempo é potencialmente um ponto de bifurcação, e existem alguns momentos que são teórica e empiricamente preferenciais para o estudo das bifurcações, e são a esses que os autores chamam de rupturas. O primeiro critério para considerar um evento como uma ruptura significativa é que ele é, subjetivamente, consciente ou inconscientemente, percebido pela pessoa como questionando seu senso de *self* e de

continuidade. Da perspectiva de uma pessoa, a ruptura é percebida quando suas representações e compreensões de determinada parte do mundo não são mais adequadas para apreender e compreender uma dada experiência (ZITTOUN, 2006B; ZITTOUN; VALSINER, 2016).

Na trajetória de vida, a ruptura destrói rotinas e exige do sujeito que se reorganize em relação ao seu ambiente. Chama-se de transição aos processos de mudança nos quais as pessoas estão inseridas após experienciar uma ruptura, sendo observadas transformações na identidade, aprendizados e construção de sentidos (ZITTOUN; VALSINER, 2016; ZITTOUN, 2006b).

A psicologia cultural distingue tipos diferentes de mudanças. Em um sistema aberto, algumas mudanças são *quase* circulares: as pessoas comem, fazem a digestão, eliminam o que não foi absorvido da alimentação e comem de novo. Tais mudanças são chamadas de transitivas, no sentido de que este circuito é simétrico – ele pode ser considerado a partir de qualquer ponto e os outros pontos serão encontrados. Obviamente, mudanças transitivas também podem envolver uma pequena e leve evolução (ZITTOUN, 2012).

Outras mudanças levam a formas de ação ou situações completamente novas, a partir das quais tudo será diferente e não é possível estabelecer um caminho de retorno. Essas mudanças requerem uma reelaboração da compreensão de uma pessoa acerca de suas ações e de seu relacionamento com o ambiente (ZITTOUN, 2012). Nem todas as mudanças trazem consequências duradouras, e isso fica claro quando analisamos diferentes mudanças que aconteceram nas trajetórias de vida de algumas pessoas.

Mudanças acontecem de maneira contínua em nossa vida, como uma acumulação lenta de reconfigurações dinâmicas da pessoa – do mundo – dos outros, ou através de eventos que aparecem como causados ou causando descontinuidades. Para Zittoun (2009; 2012) rupturas constituem-se como claras mudanças do tipo intransitivas, que podem ser experimentados positiva ou negativamente.

4.3 RUPTURA E TRANSIÇÃO

Zittoun (2007) assinala a existência de uma longa tradição na psicologia, para estudar momentos de mudança onde há o surgimento da novidade. Esses processos orientam-se na

direção de uma nova forma de estabilidade que permite à pessoa dar continuidade ao seu cotidiano de uma forma adaptada e renovada.

As noções de ruptura e transição (ZITTOUN, 2006a; 2006b; 2009) também se constituem como fundamentação teórica de nosso projeto. Em uma trajetória de vida, a ruptura leva a pessoa a novas ideias, novas soluções, ou novas formas de agir e pensar – neste caso específico, o tornar-se empreendedor é a transição, a novidade emergente na necessidade de mudança que segue a ruptura.

O primeiro critério para considerar um evento como uma ruptura significativa é que ele é, subjetivamente, consciente ou inconscientemente, percebido pela pessoa como questionando seu senso de *self* e de continuidade. Da perspectiva de uma pessoa, a ruptura é percebida quando suas representações e compreensões de determinada parte do mundo não são mais adequadas para apreender e compreender uma dada experiência (ZITTOUN, 2006b).

As rupturas podem ser bem variadas. Os seres humanos têm uma grande variedade de experiências em várias esferas de suas vidas. Enquanto algumas rupturas afetam completamente o senso de quem a pessoa é, como as crises, desafios ou pontos de virada no curso de uma vida. Já outras rupturas são mais restritas e afetam apenas uma esfera da experiência, sem um desequilíbrio dramático da pessoa como um todo (ZITTOUN et al., 2003; ZITTOUN, 2006b).

Rupturas são momentos em que os modos de ajuste progressivo são interrompidos, além de poder ser esperadas ou inesperadas. Rupturas pode ser resultante de fatores internos ou externos e podem ocorrer de repente, interrompendo o fluxo normal dos eventos, ou ainda emergir de uma situação repetitiva ou de um processo lento, consistindo de micro ajustes que podem durar meses ou anos (ZITTOUN et al., 2003; ZITTOUN, 2006a; 2006b; 2012).

Transições são os processos que correspondem ao reequilíbrio subsequente às rupturas. Essas podem envolver processos que vão na direção da assimilação ou acomodação. Elas têm como objetivo restaurar o senso de continuidade e integridade do *self* para além do momento de ruptura, permitindo à pessoa definir quais as novas condutas e o entendimento da nova situação (ZITTOUN et al., 2003; ZITTOUN, 2006a; 2006b; 2012).

As pessoas vivem em cenários que lhes proporcionam relativa estabilidade e previsibilidade. Entretanto, os contextos não são fixos ou imutáveis. É claro que declarar que todas as coisas estão mudando constantemente é um ponto de partida. A mudança ocorre em um ambiente de tensão constante entre a continuidade e a mudança (ZITTOUN, 2012).

Segundo Zittoun (2006a; 2012) nas pesquisas que enfocam a trajetória de vida, a noção de transição tem sido usada para designar momentos de mudança tanto sob a perspectiva da trajetória de vida da pessoa como de mudanças analisadas da perspectiva de um observador externo.

Essa perspectiva tem permitido aos pesquisadores distinguirem entre “transições normativas”, as quais espera-se que um certo grupo de pessoas experimente, daquelas “transições não-normativas”, que afetam o modo como as pessoas percebem as mudanças como rupturas ou não. Zittoun (2006b) afirma que as rupturas e transições são elementos motivacionais para as pessoas: momentos na vida em que ocorrem os rompimentos de evidências do *self* no tempo irreversível fazem as pessoas se mover para longe do que tem sido e as impulsiona para o que elas serão.

A partir desse modelo de rupturas e transições, Zittoun (2006b) define o desenvolvimento como espécies de mudanças. A ruptura leva aos processos de transição, as quais são períodos de mudanças. Mudanças podem ser boas o suficiente para permitir à pessoa restaurar um senso de consistência e continuidade do *self*, bem como um melhor ajustamento ao seu ambiente.

Nessa base, Zittoun (2006b) afirma que a mudança nas rupturas e transições é desenvolvimental à medida que ela permite à pessoa criar um novo comportamento, e portanto, abordar novas transições com possibilidades renovadas. A mudança é não desenvolvimental quando ela impede a pessoa de se engajar em novos processos de transição, assumindo a forma de mera repetição.

5 PROPOSTA DE ESTUDO

5.1 OBJETIVOS

Objetivo Geral

Identificar e analisar a construção de significados durante a trajetória de vida de empreendedores, ao longo de suas rupturas e transições, através do entendimento do papel que a atividade semiótica pode desempenhar na regulação da atividade empreendedora, mantendo-a ou transformando-a.

Foram realizados dois estudos de caso – uma empreendedora e um empreendedor.

Objetivos Específicos

Já os objetivos específicos constituem-se como segue:

- Identificar e analisar processos de construção de significados na trajetória de vida de empreendedores estudados.
- Identificar e analisar o papel de reguladores semióticos nessa construção de significados.
- Identificar e analisar pontos de ruptura e transição na trajetória de vida dos empreendedores estudados.

Em nosso processo de análise, foram utilizados os seguintes conceitos advindos da perspectiva adotada: reguladores semióticos, a partir do levantamento dos processos de ambivalência, de internalização e externalização, construção de campos afetivos, ruptura e transição, signos promotores e hipergeneralizado e o funcionamento do sistema de controle redundante dos participantes.

5.2 PROPOSTA METODOLÓGICA

O presente estudo compreende que a abordagem metodológica é um processo por meio do qual o conhecimento científico é produzido. Não se trata de escolher um tipo de “método” (quantitativo ou qualitativo) e “aplicar” ao estudo do fenômeno de interesse do pesquisador. Mas, a partir dos pressupostos teóricos adotados na pesquisa, construir uma

abordagem visando direcionar o olhar do pesquisador sobre o fenômeno de interesse, respeitando suas características (MATTOS, 2013).

Nossa proposta metodológica combina métodos de base idiográfica (MOLENAAR, 2004; MOLENAAR; VALSINER, 2005) que buscam “compreender a generalidade dentro de particulares sempre únicos” (VALSINER, 2012a, p. 320). A ciência idiográfica põe em prática a ideia filosófica segundo a qual o geral existe no particular e vice-versa. Assim, para investigar a construção cultural pessoal na construção de significados presentes nas rupturas e transições da trajetória de vida de dois empreendedores, propomos fazê-lo através do estudo de caso (YIN, 2001; ZITTOUN, 2006b) isto porque assumimos a concepção de que os seres humanos são únicos – embora compartilhando o mesmo background geral da cultura coletiva (em separação inclusiva), vivendo suas experiências de vida numa relação cognitiva e afetiva com o ambiente e construindo significados sobre elas.

Salvatore (2014) afirma que o estudo de caso pode ser considerado como uma modalidade prototípica da investigação empírica no campo da psicologia cultural. Quando a análise lida com um caso único a questão básica é lidar com a criação de um nexos epistêmico entre o conteúdo empírico da análise (atos, eventos, discursos) e a classe geral de fenômenos à qual se relaciona o conhecimento científico (o fenômeno cultural que o pesquisador pretende entender através do caso). Para Yin (2001) a preferência pelo uso do estudo de caso deve ser dada quando da investigação empírica de um fenômeno contemporâneo, para gerar e construir teoria em uma área onde há poucos dados ou teoria e sobre a qual o pesquisador não tem controle.

O método usado para traçar as trajetórias de vida dos participantes à luz da metodologia proposta – procurando descrever o desenvolvimento humano na abordagem da Psicologia Cultural – será o *TEM – The Trajectory Equifinality Model* (Modelo de Equifinalidade de Trajetórias) proposto por Sato e colaboradores, aperfeiçoado na visão de Valsiner e outros autores (SATO et al., 2007; SATO; VALSINER, 2010; VALSINER, 2014; JENSEN; WAGONER, 2016; ZITTOUN; VALSINER, 2016).

Apresentando uma visão que corrobora nossa escolha para sair do âmbito da pesquisa tradicional na área da administração, trazemos a visão de Vieira (2004) acerca da necessidade de quebrar os monopólios monometodológicos, fortemente quantitativos nas pesquisas da área, e que decorre do evidente aumento da complexidade no campo dos estudos organizacionais e do fenômeno administrativo como fato cultural e social.

O autor assume que a pesquisa qualitativa pode ser definida como a que se fundamenta principalmente em análises qualitativas, caracterizando-se, em princípio, pela não utilização de instrumental estatístico na análise dos dados. Contudo, a não utilização de técnicas estatísticas não significa que essas análises qualitativas sejam especulações subjetivas, que não permitam generalização dos resultados encontrados.

Assim, para Vieira (2004) a generalização está ligada à possibilidade de fazer conexões com outras partes não estudadas do caso e também com outros casos. Essa é uma questão fortemente vinculada à teorização. Dessa forma, uma boa teoria de fundo é o que vai atribuir ao trabalho qualitativo seu poder de generalização. Pois esse tipo de análise tem por base conhecimentos teórico-empíricos que permitem atribuir-lhe cientificidade.

De acordo com Valsiner (2000) se a construção do conhecimento geral é o foco da metodologia (em qualquer campo científico), então a metodologia não pode ser vista como uma “caixa de ferramentas” de diferentes métodos prontos para uso. Ao contrário, ela precisa ser vista como um processo de construção mental de generalizações.

Ela envolve componentes mutuamente conectados de hipóteses gerais sobre o mundo em geral (axiomas) construtos teóricos específicos de uma determinada área, formas de entender um fenômeno e modos de construção de métodos específicos para transformar alguns aspectos do fenômeno nos dados propostos. Assim, a metodologia se dá como um processo de pesquisa cíclico (VALSINER, 2000).

Esta noção de metodologia como um ciclo epistemológico vem sendo desenvolvida desde 1997 e é fundamental na construção do sistema de psicologia cultural semiótica (BRANCO; VALSINER, 1997; VALSINER, 2000, 2012a, 2014). Este ciclo metodológico considera a intuição educada do pesquisador como ponto de partida. Sendo que esta intuição não é pura ou ingênua, mas formada no processo de introdução às práticas da ciência, onde o pesquisador elabora perguntas que valem a pena ser investigadas. Há uma ênfase explícita para a subjetividade do pesquisador, que experimenta os fenômenos intuitivamente, em conexão com seus axiomas, construindo teorias a partir de sua perspectiva pessoal (VALSINER, 2012a).

Já os métodos específicos a ser utilizados pelo pesquisador se seguem a essa intuição educada no ciclo metodológico. O ponto central é o empenho dos cientistas para a criação de conhecimento a ser alcançado (VALSINER, 2012a). A ciência é, nesta perspectiva, uma atividade de construção de significados subjetiva visto que “os cientistas não são robôs

insensíveis, mas seres humanos subjetivos, pessoalmente envolvidos, que têm suas preferências subjetivas e posições a partir das quais olham os objetivos da sua pesquisa” (VALSINER, 2000, p.64).

Branco e Valsiner (1997) centram o ciclo metodológico na perspectiva coconstrutivista, que apareceu dentro da orientação sócio-genética geral como uma solução para o eterno problema de entender como as pessoas podem ser tanto únicas como indivíduos que se desenvolvem ao mesmo tempo sob a influência de pressões sociais homogeneizantes. A lógica do argumento que ressalta a relevância do ambiente social no desenvolvimento humano é revertida no paradigma coconstrutivista – em contraste com a maioria dos pontos-de-vista tradicionais sócio determinísticos.

A perspectiva coconstrutivista considera a singularidade individual como uma indicação das origens sociais da ontogenia psicológica humana. Uma vez que a gama de diferenças interindividuais nas trajetórias do desenvolvimento psicológico é muito grande em qualquer população humana, podemos realmente falar do papel constitutivo do mundo social no desenvolvimento humano? O ambiente social não molda ou dá forma ao desenvolvimento do ser humano, mas fornece um guia e os recursos para que a pessoa construa individualmente o próprio *self*. A pessoa constrói uma cultura pessoal no processo de viver, e esse processo é organizado pelo mundo social no qual a pessoa vive (BRANCO; VALSINER, 1997).

Os desafios para uma metodologia coconstrutivista se concentram na questão usual da tradução das ideias teóricas em métodos específicos. Geralmente, as discussões dos métodos são retiradas do contexto mais amplo do processo de pesquisa e tratados como uma “caixa de ferramentas” de truques que podem ser aplicados de forma relativamente autônoma em relação à textura teórica e metodológica do discurso científico.

Segundo Branco e Valsiner (1997) os diferentes recursos tirados dessa “caixa de ferramentas”, no entanto, deixam de lado a questão principal – a unidade necessária entre o esquema teórico de uma determinada abordagem e suas atividades de pesquisa empírica. A metodologia acarreta um relacionamento sistemático entre as teorias de um lado e o processo de construção de dados do outro. Os dados nunca são entidades objetivamente existentes que são independentes da perspectiva e das atividades do pesquisador, mas apenas resultados de uma fase específica no processo de pesquisa empírica.

De acordo com Salvatore (2014) cada uma das interpretações advindas de uma certa

coleta de dados vem de uma linha diferente de generalização e, na análise final, podem levar a resultados profundamente diferentes da mesma ocorrência empírica. Consequentemente, somos levados a reconhecer que o significado dos dados não é inerente à ocorrência empírica, mas é o primeiro produto da atividade interpretativa na pesquisa.

Para Salvatore (2014) a construção do *link* entre a particularidade do caso e a generalidade buscada do conhecimento pode ser vista como um processo epistêmico executado em termos de uma série de quatro operações de generalização em níveis hierárquicos diferentes. No primeiro nível a análise traz à tona uma série infinita de *generalizações instantâneas*. Assim, a generalização instantânea é o processo de atribuir a corrente empírica a uma certa classe – ao invés de a outra – e, assim, projetar as propriedades semânticas da classe sobre a ocorrência empírica.

O segundo nível de generalização é a *generalização intra-análise*, em que os dados analisados são interpretados como índices ou manifestações de uma condição mais geral. Assim, o significado é sistemático à medida que ele avança para além do evento estudado. O terceiro nível de generalização é o da *generalização intra-caso*, que é aquele que permite considerar o que é entendido no contexto da análise como concernente a todo o contexto do caso. E, finalmente, o quarto nível é o da *generalização ecológica*, que diz respeito à interpretação dos resultados da análise como um pacote de conhecimento válido para toda classe de fenômenos das quais o caso estudado for considerado como uma espécie (SALVATORE, 2014).

Segundo Salvatore e Valsiner (2010) a idiografia é o reconhecimento da natureza dinâmica e sistêmica dos objetos psicológicos e, portanto, da sua singularidade (ainda que não incomensurabilidade irreduzível). Este reconhecimento não implica renunciar à generalização – que se encontra no cerne do conhecimento científico – mas exige que se renuncie à prioridade exclusiva da generalização indutiva em favor do modelo abdutivo de generalização. Nesta metodologia, a teoria e os dados são conectados de uma maneira circular e a construção do conhecimento geral é obtida através de um entendimento dos fenômenos locais.

Valsiner (2014) afirma que os esforços para construir uma versão da psicologia como uma ciência que capture adequadamente as complexidades da *psique* humana têm sido falhas nos últimos dois séculos – todos complexos não podem ser reduzidos a seus elementos sem que se perca o todo. Assim, o todo precisa ser preservado. Isso se configura em enormes

obstáculos para a metodologia, e tem sido uma pedra de tropeço teórica para a disciplina.

Os componentes no processo são descritos como existindo em diferentes níveis de generalidade – as visões axiomáticas do mundo são mais gerais do que as teorias ou reflexões intuitivas sobre o fenômeno. Sendo este último mais geral do que os métodos que geram dados. Uma ênfase explícita está reservada para a subjetividade do pesquisador – que intuitivamente experiencia o fenômeno em conexão com seus próprios axiomas e constrói a teoria a partir de seu próprio ponto de vista. A metodologia aqui é igual ao processo cíclico de construção do conhecimento geral, onde diferentes partes do ciclo comunicam-se diferentemente com outras partes.

5.3 PESQUISA IDIOGRÁFICA

De acordo com Salvatore e Valsiner (2010) dada suas naturezas dinâmicas e dependentes das condições, os fenômenos psicológicos são inerentemente únicos – sua relação entre o “*being*” e um constante “*becoming*” é mediada pelas condições contingentes do campo. Portanto, a ciência não pode ser outra coisa senão idiográfica – sempre se defrontando com um evento único.

Tarff (1986 apud RONDEL, 2002) afirma que a noção idiográfica vem da concepção de um fenômeno único, relacionando-se a um caráter individual, que não pode ser comparado a fenômenos similares. A partir desta noção, cada um tem diferenças individuais importantes, onde um não é comparável em termos de identidade a nenhum outro.

A psicologia, como uma ciência idiográfica, concentra-se nas variações que podem ocorrer dentro de um único indivíduo. A psicologia científica traz o estudo dedicado do individual, antes da partilha através de outros indivíduos. Cada pessoa é inicialmente concebida como um sistema possivelmente único de processos dinâmicos que interagem, um dos quais dá origem a uma trajetória de vida individual de maior dimensão (MOLENAAR, 2004).

Contudo, segundo Molenaar e Valsiner (2008) a abordagem científica dominante na psicologia tem sido a nomotética, da forma como o termo trata da generalização dos resultados obtidos a partir de uma amostra para toda uma população. As raízes dessa interpretação vêm em parte do discurso “sócio-administrativo” sobre grupos sociais

homogêneos como tropas de recrutas do exército, pacientes de Alzheimer, empregados de empresas, entre outros. Essa visão trata todos os membros de uma determinada classe como se estes formassem um conjunto coeso (mais do que desorganizado).

Conforme Rondel (2002) o objeto de estudo na perspectiva nomotética é concebido como um organismo que possui qualidades comuns ao resto dos componentes de sua categoria, comportando-se de maneira similar ao resto. Assim, existe a possibilidade de que estudando a alguns poucos, obtenham-se generalizações para os resultados encontrados.

Para Sato et al. (2007) a trajetória da ciência idiográfica é baseada em casos únicos – junto com seu contexto estrutural e/ou temporal – desenvolvendo um modelo geral que encaixe a natureza sistêmica desse caso único, testando o modelo em outros casos únicos e chegando assim a um modelo generalizado, que seja adequado à generalização do aspecto selecionado do fenômeno. Desse modo, a Psicologia Cultural usa meios de generalização que são baseados na análise sistêmica de um fenômeno singular, através do processo abdutivo.

Este envolve uma estrutura de processo de raciocínio, onde os raciocínios indutivos e dedutivos se interpenetram mutuamente e fazem nascer ideias novas. O esquema do raciocínio abdutivo está baseado na relação bidirecional entre o geral (a regra) e um caso concreto. Seu mútuo descompasso leva a um salto generalizante que reconstrói a regra geral em uma nova versão. Essa nova regra, então, entra em relação com um outro caso concreto, e se torna novamente reconstruído (VALSINER, 2012a; SATO et al., 2013).

É o processo abdutivo que permite considerar que de um caso particular observado é possível criar novas generalizações aplicáveis. Salvatore (2014) afirma que a abdução se destina a identificar o mais plausível evento / entidade (A) cuja presença (no tempo presente ou passado) faria a ocorrência do fato (C) significativa; a saber, o evento / entidade é reconstruído devido ao fato de que ele trabalha como a base da plausibilidade da ocorrência. Salvatore e Valsiner (2010) assumem que os fenômenos tratados pelas investigações da ciência psicológica são contingentes sobre o contexto e sempre acontecem com a frequência de “1”. Assim, cada evento é único. Os autores consideram essa uma hipótese ontológica porque está relacionada à natureza inerente do objeto – nesse caso um sistema auto-organizado – e é dado como uma premissa.

Baseado nos conceitos apresentados, estabelecemos que não há uma hipótese inicial que norteie o estudo. Assim, foi selecionado um caso único para desenvolver um estudo mais detalhado, sem levar em conta as características que mais se repitam, mas aquelas que trazem

mais significado em termos da explicação, descrição, interpretação ou transformação quanto ao resultado buscado. O estudo será desenvolvido a partir de uma visão holística personalizada, individual. Visto a partir de um contexto particular, que precisa levar em conta justamente essa particularidade.

5.4 ESTRUTURA DE REFERÊNCIA INDIVIDUAL SÓCIO ECOLÓGICA

Segundo Valsiner (2000) metodologia é uma relação entre pressupostos básicos, teorias, fenômenos, métodos e dados. Estruturas de referência são esquemas de posicionamento conceitual geral que estão nas cabeças dos pesquisadores, que estabelecem suas perguntas de pesquisa e constroem métodos de maneira a unificar diferentes níveis do ciclo metodológico. O mesmo fenômeno pode ser estudado de maneiras diferentes – a partir das diferentes perspectivas estabelecidas pelas diferentes estruturas de referência.

Assim, a consistência da metodologia é baseada numa decisão clara sobre qual estrutura de referência é adequada para cada pergunta de pesquisa. Quatro diferentes estruturas de referência são apresentadas por Valsiner (2000): as duas primeiras (intra-individual e inter-individual) são moldadas para perspectivas da psicologia não desenvolvimental. Já as outras duas (ecológica individual e sócio ecológica individual) servem para atender às necessidades de abordagem da metodologia do desenvolvimento. Assim, para fins de nosso estudo usamos a estrutura de referência individual sócio ecológica.

A estrutura de referência individual sócio ecológica é uma extensão da estrutura de referência ecológica individual. Esta primeira estrutura de referência considera um sistema (pessoa, grupo social, comunidade) que é o foco da atenção do pesquisador como aquele sistema que age sobre seu ambiente e, como resultado dessa ação, participa na transformação do sistema. O foco do pesquisador se situa na ação da pessoa sobre o ambiente e o *feedback* desse ambiente sobre a ação levando ao desenvolvimento da pessoa (VALSINER, 2000).

Para Sato et al. (2007) na estrutura de referência individual sócio ecológica, a ideia de separar o objeto de investigação de seu ambiente contextual é o mesmo que eliminar o fenômeno que se quer entender.

Valsiner (2000) afirma que essa estrutura de referência envolve mútuas considerações acerca da pessoa e do ambiente, focando em seus relacionamentos. Isso permite um vislumbre

dos objetivos buscados nas ações da pessoa – a qual age sobre o ambiente com algum propósito futuro em mente. As ações resultam em *feedback* do ambiente modificado sobre a pessoa. Esse *feedback* participa na mudança da pessoa para um novo estado. No entanto, o desenvolvimento pessoal descrito através da lente desta estrutura, encara o ambiente que rodeia o indivíduo de maneira isolada. As pessoas não apenas encaram seu ambiente isoladamente, eles lidam com esse ambiente em conjunto com outras pessoas que fornecem sugestões sociais para as diferentes maneiras pelas quais é possível lidar com o ambiente (VALSINER, 2000).

A estrutura de referência individual sócio ecológica inclui tanto o foco no sistema relacionando-se com o ambiente como o papel desempenhado por outros agentes socialmente relevantes com os quais o indivíduo se relaciona. A pessoa em desenvolvimento encara seu ambiente, age sobre ele, e, nesse processo, transforma-se a si mesmo. Contudo, o ambiente é amplamente preparado por outras pessoas (como por exemplo, pais preparam ambientes apropriados para suas crianças), e a ação da pessoa dentro do ambiente é socialmente guiado de maneiras explícitas e implícitas.

Assim, a estrutura de referência individual sócio ecológica inclui (a) a pessoa, (b) o ambiente, (c) pessoas agindo para o ambiente, (d) o papel importante do agir em razão de alguns OUTROS SOCIAIS e (e) a transformação da pessoa como um resultado dessa ação socialmente guiada pela pessoa. No caso do pesquisador que analisa o desenvolvimento do indivíduo através da estrutura de referência individual sócio ecológica, ele precisa analisar a estrutura de sugestões sociais que existem no episódio particular do encontro entre a pessoa e o ambiente. Algumas dessas sugestões são encontradas no próprio ambiente, outras são produzidas por outras pessoas ativas no mesmo ambiente, regulando a condução dos indivíduos dentro dele (VALSINER, 2000).

5.5 O MODELO DE EQUIFINALIDADE DE TRAJETÓRIA – TEM

Nossa pesquisa tem natureza idiográfica (RONDEL, 2002; MOLENAAR, 2004; MOLENAAR; VALSINER, 2008) usando o método de traçar as trajetórias de vida dos participantes à luz da metodologia proposta - TEM (SATO et al., 2006; SATO; VALSINER, 2010; VALSINER, 2014) a partir do estudo de caso como abordagem metodológica.

Construímos a trajetória de vida nossos participantes utilizando o Modelo de Equifinalidade das Trajetórias (TEM), por entender que ele nos ajuda a perceber mais claramente a articulação entre o que foi vivido e o que é projetado, imaginado, na constituição das trajetórias de vida. Essa articulação possibilita fazer um aprofundamento do *self* dinâmico em constante movimento de transformação.

Von Bertalanffy, fundador da Teoria Geral dos Sistemas, considerou organismos vivos, incluindo os seres humanos, não como sistemas fechados, mas como sistemas abertos, isto é, como um conjunto de elementos em inter-relação mútua e com o meio ambiente. (BERTALANFFY, 2013).

Para Bertalanffy (2013) uma diferença profunda entre sistemas fechados e sistemas abertos é expressa pelo princípio de equifinalidade. Em qualquer sistema fechado o estado final é inequivocamente determinado pelas condições iniciais. Se as condições iniciais ou o processo forem alterados o estado final também será modificado. Isto, porém, não é o que acontece nos sistemas abertos. Nestes, o mesmo estado final pode ser alcançado partindo de diferentes condições iniciais e em diferentes formas, no curso do tempo.

Segundo Sato et al. (2009) é graças a Bertalanffy que o termo equifinalidade é largamente conhecido. Equifinalidade, tomado sob a ótica das trajetórias de vida, é o princípio dos sistemas abertos onde um determinado estado final pode ser alcançado de muitas maneiras diferentes. Assim, o mesmo estado final pode ser alcançado através de muitas maneiras diferentes, caminhos e trajetórias. Contudo, Sato et al. (2007) enfatizam que equifinalidade não implica uniformidade – que é uma condição impossível em qualquer sistema histórico. Pelo contrário, ela acarreta uma região de similaridade no curso temporal de trajetórias diferentes.

Para Sato et al. (2007) a Psicologia Cultural requer uma rigorosa perspectiva teórica e metodológica. Para que o processo possa ser compreendido, uma nova metodologia no que diz respeito a uma nova forma de amostragem é necessária. Ela presume que a base de dados definitiva para qualquer generalização na Psicologia Cultural é um caso único. Isso está em contraste à visão usual da generalização que vem da amostra para a população, na qual a natureza sistêmica do caso único é irreversivelmente perdida no processo de generalização. Conforme Sato et al. (2007) os processos de amostragem deveriam ser dependentes da teoria e da metodologia que deriva do método, ao invés de ser importados diretamente dos manuais de

metodologia. A teoria usada pelos autores é, assim, focada na análise das vidas humanas não como “variáveis”, mas como estruturas em transformação.

5.5.1 HSS, EFP, OPP e TEM

A Amostragem Historicamente Estruturada – HSS (*Historically Structured Sampling*) é um método de amostragem de casos individuais baseado nas histórias previamente conhecidas de seu curso de vida até o presente, analisadas como uma série de pontos de bifurcação. A noção do HSS está baseada fortemente na noção de equifinalidade que se originou na Teoria Geral dos Sistemas de Bertalanffy (SATO et al., 2007) e acarreta um movimento radical de outros métodos de amostragem aceitos – sendo a amostra randômica o mais glorificado dele – para uma versão não-randômica de casos individuais (SATO et al., 2009).

Para Sato et al. (2009) o HSS foca na experiência de vida de uma pessoa qualquer dentro do tempo irreversível. As experiências vividas poderiam ser consideradas como verdadeiros fenômenos abertos sistemicamente. E todas as experiências vividas estão incorporadas num tempo e lugar específicos.

Sato et al. (2007) afirmam que o HSS pretende selecionar casos individuais para o estudo através da consideração de suas trajetórias históricas movendo-se através de um estado temporário comum (ponto de equifinalidade). Em outras palavras, o HSS tem seu foco nos eventos e / ou estados considerados como pontos de equifinalidade – EFP (*Equifinality Points*).

O EFP definido na pesquisa localiza, em diferentes trajetórias de vida, o ponto temporariamente comum aos participantes. E decorre do interesse do pesquisador no estudo psicológico do indivíduo, voltado muito mais à experiência vivida. Isto é, o pesquisador determina o que deseja estudar a partir da teoria e da metodologia escolhidas.

A equifinalidade significa que um mesmo estado pode ser atingido a partir de condições iniciais diferentes e por diferentes maneiras no curso do tempo. Então as pesquisas tentam retratar a multi-linearidade, ou seja, as trajetórias para aquele EFP. Isso tem um papel central na seleção de casos de sistemas de desenvolvimento no caso do HSS. Quaisquer

estados psicológicos e / ou eventos na vida nos quais os pesquisadores tenham interesse são estruturados historicamente (Sato et al., 2007).

O TEM (*Trajectory Equifinality Model*) se trata de uma proposta para descrever o desenvolvimento humano a partir da perspectiva histórico cultural. Ele é o método para descrever a trajetória de vida das pessoas dentro do tempo irreversível após os pesquisadores centrarem seu foco em eventos importantes marcados como Pontos de Equifinalidade (EFPs). Após estabelecer esse ponto de equifinalidade, as trajetórias devem ser traçadas (Sato et al., 2007; 2009).

Sato et al. (2007; 2014) traz como primeira noção no uso do TEM para construir modelos o tempo irreversível. Depois, o Ponto de Bifurcação – BFP (*Bifurcation Points*), que é o ponto que apresenta pontos alternativos para onde ir, que se configuram como momentos de ruptura e transição. Já o Pontos de Passagem Obrigatória – OPP (*Obligatory Passage Points*) se trata de uma fase ou evento que uma pessoa deve experimentar inevitavelmente. E são de dois tipos: endógenos e exógenos (Sato et al., 2007; 2014). Os primeiros estão ligados aos pontos de transição que espécies biológicas precisam vivenciar, como a perda dos dentes-de-leite pelas crianças, a primeira menstruação das adolescentes ou a menopausa. O OPP exógeno, é aquele gerado pelo ambiente e / ou pela vivência do sujeito.

Valsiner (2017) afirma que Driesch trouxe a noção de equifinalidade para o ramo das ciências biológicas. Equifinalidade traz a ideia de chegada a um mesmo estado desenvolvimental final (ou intermediário) através de vários caminhos. No processo de desenvolvimento – baseado no ponto inicial caracterizado pela potencialidade do futuro, são os reguladores hipotéticos que – através das diferentes trajetórias – trariam o organismo à sua forma final esperada (equifinal).

Se nosso foco conceitual é o estado presente e seus futuros caminhos (visão prospectiva), a terminologia da potencialidade prospectiva nos permite olhar para as ramificações das trajetórias potenciais que se apresentam em direção ao futuro. Se, contudo, nosso foco está no ponto de chegada – no futuro ou no presente – é a noção de equifinalidade que se encaixa em nosso discurso (visão retrospectiva) (VALSINER, 2017).

Segundo Valsiner (2014) o TEM é um método que tem como objetivo revelar o processo de construção de uma trajetória do movimento de um sistema à medida que ele está acontecendo. A fim de fazer isso, o método precisa considerar o que já aconteceu até agora na vida de uma pessoa, à luz do que *poderá* (grifo do autor) acontecer no próximo passo no

futuro e o que *deveria* (grifo do autor) ter acontecido, como determinado pela pessoa e pelas demandas sociais que agem sobre ela.

O TEM funciona com uma unidade de análise estrutural qualitativa que pertence a ambos os lados da fronteira do presente. Assim, ele envolve uma investigação cuidadosa de fenômenos relevantes e nossas suposições básicas sobre eles. Sua estrutura básica é orientada na distinção entre o futuro e o passado considerando trajetórias reais ou potenciais. Ambos os tipos de fenômenos – reais (o que aconteceu) e um fenômeno imaginário do que poderia ter acontecido (X, Y, Z) e um futuro imaginário (A, B, C) são tratados como relevantes no TEM (Valsiner, 2014) onde, em trajetórias reais, sempre coexistem trajetórias possíveis (alternativas) que, mesmo sendo rejeitadas, continuam a exercer uma influência sobre o sistema.

Para Valsiner (2014) considerar que o real e o imaginário são fontes iguais – embora distintos – para extração de dados psicológicos, posiciona o TEM como um método distinto de outras formas de olhar as trajetórias de vida. Além disso, descrições de trajetórias de vida de um passado real (e futuro) falham em considerar o ponto central do presente imediato – onde o futuro está sendo negociado.

E isso o TEM faz – ele está localizado no presente (não importando o quão minúsculo momento no tempo ele pode ser – um microssegundo ou um ano) fazendo as pessoas olharem para frente (antes que o evento aconteça) e para trás (o que já aconteceu) nas suas vidas subjetivas (encarando o infinito) através de suas vidas sociais (infinidade externa). Em suma – o pesquisador procurará descobrir as relações de ambas as trajetórias – as reais e as imaginárias (VALSINER, 2014).

Desse modo, a imaginação, como proposta por Zittoun et al. (2011) traz uma reflexão importante na criação de possibilidades de construção de significados no futuro. Nossa capacidade para a imaginação cria um reino de objetos na vizinhança de nossas vidas reais – o que nós imaginamos não existe (como objetos “reais”) no entanto também não “não-existe” (no sentido de que esses objetos que não são reais podem ser imaginados como se eles existissem). Ao invés da estrita lógica clássica que lida com X ou Y / ou da designação do VERDADEIRO ou FALSO (tanto o verdadeiro ou falso, ambos podem não existir) nossa capacidade de imaginação cria uma terceira classe de objetos que estão situados entre essas posições (“FALSO – ainda que IMAGINARIAMENTE VERDADEIRO”).

Nesse ponto, o TEM nos dá uma oportunidade de colocar os eventos reais (a experiência efetivamente vivida) e os não-reais (imaginado – mas pessoalmente importante) no mesmo esquema funcional. A imaginação se torna real – e o “real” adquire um novo valor através da imaginação. A imaginação direciona o desenvolvimento humano (ZITTOUN; VALSINER, 2016).

Enquanto prosseguimos para o futuro em cada momento nos cursos de nossa vida, a imaginação – baseada em nossos passados – podem criar cenários esperados e desejados do que pode acontecer. A partir dessa perspectiva, o fingimento das brincadeiras de crianças, as aspirações pessoais e profissionais dos adultos e as adaptações psicológicas dos mais velhos ao lidar com as limitações da idade são todas geradas pelo mesmo sistema básico: a capacidade construtiva para imaginar o estado AS-IF (como se fosse) de objetos que são acessíveis na forma AS-IS (como são) ou em outras palavras, a capacidade para imaginar que qualquer que seja o caso ele poderia ser diferente ou que o que não é poderia ser verdadeiro (ZITTOUN et al., 2011; ZITTOUN; VALSINER, 2016).

Para Sato et al. (2007) o TEM é uma estratégia para pesquisa qualitativa e pode ser um modo de descrever toda a história de vida caso em estudo e que inclui tanto os movimentos reais do passado e possíveis (alternativas) ações as quais – por uma razão ou outra – foram deixadas apenas dentro do campo das possibilidades, quanto do futuro.

Contudo, Jensen e Wagoner (2016) chamam a atenção para o fato de que, mesmo que através do TEM seja possível analisar tanto os caminhos realizados como os não realizados, deve-se entender que a nossa memória é construtiva ao invés de meramente reprodutiva, o que pode trazer dificuldades à pesquisa desses caminhos não realizados. O ponto principal a considerar é que a rememoração é raramente, se alguma vez, um registro estático de todas as coisas que aconteceram no passado. Ao invés disso, ela é reconstruída no presente sofrendo a influência de outras demandas atuais (WAGONER, 2013).

Nesse sentido, a ação retrospectiva se torna uma ferramenta semiótica através da qual nós racionalizamos todo o nosso comportamento passado orientando o futuro, sem que haja uma evidência clara e transparente de como as decisões foram tomadas. Como tal, o que podem inicialmente parecer ser trajetórias de vida similares para diferentes pessoas que atingiram um mesmo EFP em particular podem na verdade ser identificações individuais com uma narrativa sociocultural compartilhada do passado que permite a essas pessoas justificar suas circunstâncias atuais e se aproximar do futuro (JENSEN; WAGONER, 2016).

Segundo Zittoun e Valsiner (2016) no caso do desenvolvimento psicológico humano, os processos regulatórios direcionam a pessoa em desenvolvimento para o campo de possibilidades que se estende para além do estado de equifinalidade. O desenvolvimento não tem um ponto equifinal, mas que se estende para além deste ponto (*post-equifinal*): em cada realização desenvolvimental está a raiz para fenômenos adicionais, não previamente conhecidos. Assim, o desenvolvimento psicológico implica uma liberdade para o futuro – em vez da chegada a um estado final de funcionamento psicológico. Isso é possível graças à capacidade para imaginação ao nível da construção de significados do sujeito.

Jensen e Wagoner (2016) afirmam que para descobrir a natureza multifacetada das experiências, incluindo os fatores de encarnação e criação de significado, é possível verificar os detalhes empíricos de como as trajetórias se desenrolam em vários casos diferentes, idealmente atingindo um EFP especificado. Porém, se fizer isso, o pesquisador que utiliza o TEM pode perder de vista indivíduos que tomaram caminhos alternativos (ao invés de simplesmente imaginar aquelas alternativas) ou para quem o EFP especificado sempre foi um resultado qualquer atingido (seja por razões econômicas, geográficas, sociais ou culturais, por exemplo).

Considerando que o objetivo principal de nossa pesquisa é identificar e analisar a construção de significados durante a trajetória de vida de empreendedores, ao longo de suas rupturas e transições, através do entendimento do papel que a atividade semiótica pode desempenhar na mediação e regulação da atividade empreendedora, mantendo-a ou transformando-a, optamos por não determinar um EFP próprio para nossos estudos de caso. Entendemos que, na análise dos casos selecionados, estabelecer um EFP poderia nos limitar a explorar apenas uma perspectiva retrospectiva da vida de nossos entrevistados, como, por exemplo, a abertura do negócio. Assim, optamos por ampliar a análise para uma perspectiva prospectiva, incluindo a projeção de futuros possíveis, explorando outras diversas possíveis trajetórias. Dessa maneira, tanto para o ponto de equifinalidade (EFP) como para o estabelecimento de um possível ponto de passagem obrigatória (OPP) optamos em nossa pesquisa por não estabelecer qualquer desses momentos.

5.6 ANÁLISE CONSTRUTIVO INTERPRETATIVA

Como em Moreira (2016) após realizar a transcrição integral das entrevistas individuais, gravadas em áudio, iniciamos uma análise construtivo-interpretativa dos indicadores empíricos obtidos, tendo em vista o processo de construção dos conhecimentos necessários ao alcance dos objetivos da pesquisa.

O presente estudo é, na sua essência, um estudo sobre a análise dos mecanismos semióticos contidos na construção de significados durante a trajetória de vida de uma empreendedora. Dessa forma, a opção pela investigação construtivo-interpretativa, centrada no significado que os indivíduos dão aos fenômenos, foi a escolhida para o desenvolvimento deste estudo. A investigação interpretativa coloca o interesse central no significado humano, na vida social e na sua elucidação e exposição por parte do investigador (ERICKSON, 1985). Esta é a característica distintiva deste tipo de investigação — extrair significados implícitos e explícitos do ponto de vista dos atores nos círculos sociais em que vivem, em relação às decisões e ações que eles tomam na sua vida diária.

A pesquisa interpretativa está relacionada a analisar os significados concretos específicos das ações dos indivíduos, que tem lugar tanto nas interações face-a-face como aqueles que advém da sociedade que está ao redor daquela cena (ERICKSON, 1985). Podemos considerar, assim, que essa forma de análise encaixa com a abordagem sociocultural construtivista (BRANCO; PALMIERI; PINTO, 2012) onde interações sociais e valores humanos emergem a partir de uma constituição dialógica e recíproca de práticas sociais e processos de construção de significados.

Ao fazer intervir o investigador na “elucidação e exposição” do significado, Erickson (1985) não pretende impor os significados do investigador aos de quem é observado — antes pelo contrário. Trata-se aqui de reconhecer, como explica Merriam (1998) o papel de mediação do investigador na explicitação dos significados daquele que observa: “O significado está embebido nas experiências das pessoas e é mediado através das percepções pessoais do investigador. O investigador não pode colocar-se ‘fora’ do fenômeno” (p. 19). Assim, há que admitir a natureza intersubjetiva dos significados construídos, que resultam da interação entre o empreendedor e o investigador, o qual funciona como um instrumento importante para o levantamento e análise de dados (MERRIAM, 1998).

Esta questão não deve ser vista como uma fraqueza da investigação interpretativa, mas sim como algo natural quando se subscreve uma perspectiva relativista da realidade (GUBA; LINCOLN, 1994). Além disso, a credibilidade das interpretações realizadas num estudo desta natureza pode ser acautelada por um conjunto de medidas. A explicitação por parte do investigador, no início do trabalho, dos seus pressupostos e expectativas em relação ao objeto do estudo, permite clarificar os seus efeitos nas interpretações subsequentes.

No âmbito da investigação interpretativa, a opção tomada vai para a modalidade de estudo de caso, por se pretender responder a questões de natureza explicativa, do tipo “como” e “porquê”, que proporcionem uma descrição holística de um fenómeno sobre o qual o investigador não tem, nem deseja ter, qualquer controle, e que está bem identificado e delimitado (MERRIAM, 1998; YIN, 2001).

Zittoun (2006) afirma que os estudos de caso têm uma longa história no estudo do desenvolvimento de adultos. Eles possibilitam identificar a evolução de algumas linhas de mudança, tendo a complexidade das vidas humanas como uma base. Eles podem manter a complexidade à medida que podem ser construídos através da multiplicidade de perspectivas.

Um outro aspecto que se destaca nesta modalidade de investigação interpretativa é a possibilidade de uma interpretação no contexto (MERRIAM, 1998) onde é favorecida a percepção de interações entre fatores significantes característicos do fenómeno. Isto torna-se especialmente interessante para estudar um fenómeno atual no seu contexto real, sobretudo se é impossível separar as variáveis do fenómeno do próprio contexto (MERRIAM, 1998; YIN, 2001).

Atendendo à natureza do produto final que se pretende obter na presente investigação, o tipo de estudo de caso adequado é o interpretativo ou analítico. Para além da descrição intensa e detalhada do fenómeno em estudo, inclui também uma dimensão analítica, que pode ilustrar, apoiar ou pôr em causa pressupostos teóricos previamente existentes. O nível de abstração e conceitualização acerca do fenómeno pode ir desde a sugestão de relações entre variáveis até à construção de teoria (MERRIAM, 1998).

5.7 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DOS DADOS

O principal objetivo de nossa pesquisa foi identificar e analisar a construção de significados durante a trajetória de vida de empreendedores, ao longo de suas rupturas e transições, através do entendimento do papel que a atividade semiótica pode desempenhar na regulação da atividade empreendedora, mantendo-a ou transformando-a.

Nossa pesquisa contou com uma triangulação metodológica (VERGARA, 2005; DENZIN, 2009) assumindo que os métodos podem ser vistos como complementares ao invés de rivais. Para Zittoun (2009) que faz uma reflexão sobre quais as estratégias metodológicas seriam capazes de captar o sentido de transição, a conclusão é que pela combinação de métodos a complexidade sistêmica pode ser avaliada.

Assim, procuramos construir nossos dados para investigar a construção de significados na trajetória de vida de empreendedores a partir de diferentes formas de externalização do indivíduo. No caso das entrevistas, todas adotaram o conceito amplo da história de vida, que é uma metodologia que visa ao estudo e ao registro de acontecimentos nas histórias de vida, através de uma narração autobiográfica onde o próprio personagem a constrói e a produz (LAVILLE; DIONNE, 1999; VERGARA, 2005; MARCONI; LAKATOS, 2011). Utilizamos os seguintes instrumentos para construção de dados: (I) ficha de dados sócio demográficos, (II) três entrevistas narrativas individuais em profundidade, sendo a primeira uma entrevista aberta e não-estruturada e duas outras semiestruturadas e (III) diário de campo.

I: Ficha de dados sócio-demográficos (Apêndice 3)

Antes de iniciar a primeira entrevista, os participantes receberam uma ficha com dados sócio-demográficos, incluindo as seguintes informações: nome completo, data de nascimento, escolaridade, ocupação atual, estado civil, presença de filhos, com quem reside, endereço e telefone para contato posterior.

II: Entrevistas narrativas em profundidade

As entrevistas usadas em nosso projeto tiveram por base o conceito amplo da história de vida, que é uma metodologia que visa ao estudo e ao registro de acontecimentos nas histórias de vida, através de uma narração autobiográfica onde o próprio personagem a

constrói e a produz (LAVILLE; DIONNE, 1999; VERGARA, 2005; MARCONI; LAKATOS, 2011;).

A estratégia da história de vida atribui importância aos indivíduos e à sua vivência e pode ser definida como a narração, por uma pessoa, de sua experiência vivida de uma forma transitória, fluida e flexível – não cristalizada – de suas ações e posicionamentos. Trata-se de uma técnica para gravar não apenas lembranças do passado, mas reflexões e opiniões daqueles cujas vidas estão ainda comprometidas com atividades públicas (MOSS, 1974).

III: Diário de campo

Durante a realização das entrevistas, foi mantido um diário pelo pesquisador na forma de anotações realizadas após cada entrevista. Mynaio (1993) aponta que o diário deve conter todas as informações extra-fonte de pesquisa, tudo aquilo que não está nas fontes. Já para Demo (1996) o diário é uma técnica de registro dos pensamentos e dos grupos de pesquisa no cotidiano da própria pesquisa.

Assim, a escrita do diário permite coletar, no dia a dia, “instantes” que se vivem e que nos parecem trazer neles uma parte de significado. No diário foram anotadas informações relevantes que não puderam ser gravadas nas entrevistas, tais como expressões não verbais e emoções manifestadas pelos entrevistados, novos temas emergentes, *insights* do pesquisador e interpretações relevantes.

O estudo agora se volta a descrever como foi feita a seleção da amostra. A definição da amostra consiste numa etapa importante do trabalho do pesquisador. Os critérios para a seleção da amostra, como enfatiza Merriam (1998) deverão refletir diretamente o propósito do estudo e guiar a identificação de casos ricos em informações. Para a autora, a escolha dos critérios deverá levar em consideração “o quê” o pesquisador quer descobrir e “o que deseja entender” a respeito do fenômeno estudado, selecionando assim, um campo onde mais possa aprender.

Uma vez que o objetivo geral deste estudo é identificar e analisar a construção de significados durante a trajetória de vida de empreendedores, ao longo de suas rupturas e transições, através do entendimento do papel que a atividade semiótica pode desempenhar na mediação e regulação da atividade empreendedora, mantendo-a ou transformando-a, optou-se por uma amostra não probabilística intencional.

De acordo com Patton (2002) a lógica desse tipo de amostragem está no entendimento em profundidade de um fenômeno, que conduz à seleção de casos ricos em informação para o estudo em profundidade. Casos ricos em informações são aqueles por meio dos quais, o pesquisador, pode aprender sobre assuntos de importância central ao seu propósito de pesquisa, daí o termo amostragem intencional.

Foram escolhidos como participantes do estudo, dois empreendedores, sendo uma do gênero feminino e um do gênero masculino. Os casos pesquisados foram escolhidos por critérios de julgamento intencional, tipicidade e acessibilidade (COOPER; SCHINDLER, 2003; MARCONI; LAKATOS, 2011). Apesar de critérios de idade, mínima ou máxima, não serem fatores determinantes para escolher os empreendedores, isto porque a atividade empreendedora não pode ser situada em uma faixa de idade predominante (CABRAL, 2007) todos os participantes eram adultos, maiores de dezoito anos.

Os participantes escolhidos atuam em atividades terciárias de produção (comércio e serviços), no estado de Pernambuco, proprietários de empresas formalmente inscritas no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) do Ministério da Fazenda (MF), por pelo menos 42 meses (3,5 anos).

Este tempo mínimo de duração do negócio dos empresários escolhidos para participar da pesquisa levou em consideração a pesquisa do GEM (2015) que no Brasil é coordenada pelo SEBRAE, que estabelece empreendedores estabelecidos como aqueles cujos negócios que administram e são proprietários, pagam salários, geram pró-labores ou qualquer outra forma de remuneração aos proprietários, por, pelo menos, esse período.

Os participantes selecionados foram abordados através de um contato telefônico onde se explicou em linhas gerais sobre o que se tratava a pesquisa, fazendo o convite. Após aceitar o convite, foi marcada a primeira reunião onde realizamos a explicação minuciosa dos objetivos da pesquisa, efetuando a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) obtendo a assinatura do participante para formalizar sua participação na pesquisa.

Aplicamos a ficha de dados sócio demográficos e foram aplicadas duas entrevistas, a primeira aberta e não-estruturada e uma segunda semiestruturada. A 1ª entrevista visava obter uma primeira descrição da história de vida do entrevistado, deixando-o livre para traçar sua trajetória, mas deixando-o livre para traçar sua trajetória e tinha como pergunta deflagradora: “Gostaria que você me contasse um pouco sobre quando você pensou em ser empreendedor(a) pela primeira vez”. Durante essa entrevista, o pesquisador interferiu o mínimo possível,

fazendo apenas perguntas de caráter complementar ou elucidativo do evento narrado, ou perguntas para manutenção do foco da entrevista, e ainda perguntas que garantiram que eles conseguissem narrar sua experiência. Outro objetivo dessa primeira entrevista foi também identificar a presença de recursos semióticos que pudessem ser explorados na construção de significados.

A 2a. entrevista usou um roteiro semiestruturado (ver roteiro no Apêndice 2) com o objetivo de fazer o participante relatar especificamente a esfera de experiência do ser empreendedor(a), procurando destacar elementos como: rupturas percebidas; o que vivenciou, mas gostaria de não ter vivido ou vivido de uma outra forma; o que menos tem afinidade na vivência como empreendedor(a) e quais os sentimentos envolvidos; como imagina seu futuro. Foi realizada, então, a 3ª entrevista, que seguiu também um roteiro semiestruturado (ver roteiro de Lúcia no Apêndice 4 e o roteiro de Cláudio no Apêndice 5) procurando dirimir dúvidas e esclarecer pontos que precisavam ser melhor elucidados.

Essa nova entrevista procurou perguntar aos participantes sobre os períodos considerados na pesquisa mais de uma vez, como forma de fazê-los reconstruir com mais detalhes um momento rico em transições e construção de significados (ZITTOUN, 2009) possibilitando recuperar informações relevantes levantadas nas primeiras entrevistas e que ainda necessitem de uma abordagem mais aprofundada.

Utilizamos um smartphone para gravar as entrevistas, já que este instrumento além de produzir uma gravação de qualidade é um objeto discreto, de pequeno tamanho e, em geral, familiar às pessoas no dia a dia, o que reduz a possibilidade da sua presença inibir o entrevistado. As entrevistas foram posteriormente transcritas integralmente para efetuar sua análise.

Após a realização dessa terceira entrevista usamos elementos do modelo de equifinalidade de trajetória – TEM, buscando os pontos de bifurcação e ruptura na trajetória de vida dos participantes. Tanto a trajetória efetivamente concretizada como aquela de futuros possíveis imaginados.

6 DISCUSSÃO DOS CASOS

Nossa proposta metodológica combina métodos de base idiográfica (MOLENAAR, 2004; MOLENAAR; VALSINER, 2005) que buscam “compreender a generalidade dentro de particulares sempre únicos” (VALSINER, 2012a, p. 320). Assim, para investigar a construção de significados durante a trajetória de vida de um empreendedor, ao longo de suas rupturas e transições, propomos fazê-lo através de estudo de caso (YIN, 2001; ZITTOUN, 2006b). Isto porque assumimos a concepção de que os seres humanos são únicos – embora compartilhando o mesmo background geral da cultura coletiva (em separação inclusiva), vivendo suas experiências de vida numa relação cognitiva e afetiva com o ambiente e com os outros, sobretudo, construindo significados sobre elas.

Segundo Zittoun et al. (2011) e Zittoun (2012) para ter em conta a unicidade é necessário procurar demonstrar como as pessoas constroem sentido em relação ao que ocorre a elas. Nossa ênfase se dá na construção da cultura pessoal, nos processos de autorregulação que caracterizam o sujeito, que em nossa pesquisa são dois empreendedores, envolvendo a construção de novos sentidos de si e a busca de integração entre as esferas da experiência de vida ao longo do tempo, mediada por relações dialógicas com outros sociais significativos.

No caso de Lúcia, identificamos a macrobiótica como um signo autorregulador que orienta as experiências sua na trajetória de vida, regulando o papel de outros signos em sua conduta (heteroregulação). Quanto a Cláudio, entendemos que o signo autorregulador música atua na construção de uma generalização integrada ao seu sistema pessoal de sentidos e aos seus afetos pessoais, orientando as experiências na sua trajetória de vida, regulando o papel de outros signos em sua conduta.

Procuramos descobrir como os participantes entendem seu presente e criam um sentido, um significado em relação a suas ações e trajetórias. Sendo que essa compreensão inclui tanto as partes reais quanto as imaginárias dessas trajetórias (o que aconteceu, ou o que poderia ter acontecido, ou o que deveria ter acontecido).

Para iniciar a análise, foi feita anteriormente uma pré-análise de todo o material, consistindo na leitura e releitura flutuante dos textos transcritos das entrevistas, procurando preservar os núcleos de sentido presentes nas falas dos participantes. Buscamos com isso

obter maior familiaridade com o conteúdo, identificando os principais aspectos ou temas abordados pelos nossos participantes.

Primeiramente, as entrevistas foram transcritas e analisadas, verbatim, procurando preservar os núcleos de sentido presentes nas falas dos participantes. De cada entrevista foi realizada uma síntese geral, em torno dos temas ou eventos mais relevantes. A análise foi feita identificando marcadores recorrentes e significados, indicadores dos posicionamentos dos participantes ao longo de seus cursos de vida com base em suas narrativas, sendo que cada uma das entrevistas foi revisada em sucessivas análises.

O diário de campo permeou a análise de todos os instrumentos, servindo para complementar os dados já coletados. A escrita do diário nos permitiu coletar instantes vividos durante os momentos de coleta de dados que nos pareceram trazer neles uma parte de significado. No diário foram anotadas informações relevantes que não puderam ser gravadas nas entrevistas, como expressões não verbais e as emoções manifestadas pelos entrevistados, *insights* e interpretações relevantes do pesquisador.

Além disso, para investigar a trajetória dos participantes da pesquisa recorreremos ao *Modelo de Equifinalidade de Trajetórias* – TEM (SATO et al., 2007; 2009; SATO; VALSINER, 2010; VALSINER, 2014; JENSEN; WAGONER, 2016; ZITTOUN; VALSINER, 2016) cuja abordagem e procedimentos também serão fundamentais na construção de nossos instrumentos de análise. Utilizamos o TEM por entender que ele nos ajuda a perceber mais claramente a articulação entre o que foi vivido e o que é projetado, imaginado, na constituição das trajetórias de vida.

Para Valsiner (2012a) a construção e o uso de signos agem para regular fenômenos psicológicos emergentes, tanto os interpessoais quanto os intrapessoais. Assim, pelo uso de signos, os seres humanos podem transcender qualquer contexto de atividade situada no aqui-e-agora, lançando mão de significados pessoais subjetivamente construídos (ou seja, a cultura pessoal). De acordo com Cabell (2010) os reguladores semióticos podem tanto se tratar de dispositivos intra-mentais, ativa e diretamente utilizados nos processos psicológicos, como por dispositivos extra-mentais, ativa e diretamente utilizados para cultivar a cultura pessoal ou do campo cultural coletivo.

Utilizamos, assim, o conceito de reguladores semióticos para nos referir aos mediadores semióticos que tiveram efeitos diretos sobre os fenômenos observados de nossos participantes. Dessa maneira, identificamos como reguladores semióticos no caso de Lúcia:

sua adesão à macrobiótica, a formação de sua família e o tornar-se empreendedora. Para Cláudio: ser músico, ser professor e ser empreendedor.

Como já dissemos anteriormente, optamos para o desenvolvimento de nosso estudo pela investigação construtivo-interpretativa, que é centrada no significado que os indivíduos dão aos fenômenos. A investigação interpretativa coloca o interesse central no significado humano, na vida social e na sua elucidação e exposição por parte do investigador. Assim, consideramos que este tipo de análise constitui uma oportunidade de investigar os significados construídos pelos participantes no contexto da pesquisa. A partir das transcrições, as narrativas foram segmentadas em trechos onde os significados, especificamente relacionados ao tema e objetivos da pesquisa, foram identificados. Tendo o projeto de pesquisa sido cadastrado na Plataforma Brasil com o CAAE 49925615.8.0000.5208 e submetido em 08/10/2015, foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco em 05/11/2015.

6.1 CASO – LÚCIA

Lúcia (nome fictício da participante do estudo) uma mulher de 59 anos, nascida em Caruaru, viúva e com dois filhos adultos, possui nível superior em engenharia elétrica e é proprietária de um restaurante macrobiótico na cidade de Recife, que atua no mercado há mais de trinta anos. Ela nos foi indicada como participante pelo co-orientador dessa pesquisa, que é seu amigo pessoal há mais de trinta anos. Consideramos que sua trajetória de vida, deixando de lado uma carreira consolidada como engenheira elétrica para assumir a direção de um restaurante macrobiótico, com toda a filosofia envolvida no empreendimento, faria dela alguém em quem poderíamos identificar mediadores semióticos interessantes em nossa abordagem. Ela foi contatada logo após a aprovação por parte do Comitê de Ética e após receber a explicação por parte do pesquisador do que se tratava o projeto, aceitou participar de nossa pesquisa.

Além de ser proprietária de um restaurante macrobiótico, Lúcia segue os princípios da macrobiótica em suas práticas diárias. Como sinais disso, destacamos certa apropriação de uma linguagem e um discurso próprios da macrobiótica, por exemplo, “alimentação psicossomática”, “práticas vitalizantes”, “autoeducação vitalícia”, “integralidade do ser

humano...”; além de práticas de vida consoantes com os princípios dos discursos, como por exemplo, a manutenção de hábitos de alimentação que excluem alimentos que devem ser evitados por aqueles que seguem a macrobiótica e da prática da yoga e da meditação. Apesar dessas últimas não serem práticas necessariamente ligadas aos princípios macrobióticos, para Lúcia elas servem como um reforço em sua filosofia de vida.

Porém, como primeiro fato relevante, destacamos que o que mais chamou a atenção do pesquisador já no primeiro contato com Lúcia, foi o fato de que mesmo tendo sido selecionada de acordo com os critérios escolhidos para seleção inicial dos participantes e podendo ser reconhecida como uma empreendedora, ela tem dificuldade em se identificar como tal: *“Eu sou empreendedora sem saber que sou”*. E aqui, destacamos um primeiro fator relevante encontrado na pesquisa e que será discutido posteriormente como uma contribuição ao entendimento das teorias e do senso comum vigentes sobre empreendedorismo, o fato de que alguém pode até ter tido em sua trajetória de vida um episódio de empreendedorismo, mas não se ver ou se “sentir” como empreendedor.

Na análise construtivo-interpretativa das narrativas da participante, realizamos o destaque de trechos das entrevistas individuais, aberta e semiestruturadas, realizadas com Lúcia. Tendo em vista a extensão dos dados, selecionamos para apresentação apenas os trechos considerados significativos ou relevantes face aos objetivos da pesquisa. Os turnos de fala do pesquisador estão identificados com a letra P, e da entrevistada com a inicial de seu nome fictício.

A seguir, apresentamos anotações consideradas relevantes sobre Lúcia às quais faremos referência em nossa análise. As anotações estão separadas de acordo com os diferentes momentos de coleta de dados. A análise será feita considerando cada momento em conjunto, sem dividi-los, em virtude de serem dados complementares.

Anotação - 1ª entrevista

AN1 - A entrevista foi marcada previamente, mas desmarcada por duas vezes, até que veio a acontecer nas dependências do restaurante de Lúcia. Antes do início da entrevista, conversamos sobre a pesquisa e o pesquisador tirou dúvidas sobre os pontos que seriam abordados, salientando a confidencialidade de todos os dados coletados. Realizamos a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, o qual foi assinado por ela, concordando com sua participação na pesquisa. Durante essa conversa inicial, já

ficou claro um certo desconforto por parte de Lúcia quanto ao fato de eu me referir a ela como empreendedora, uma vez que ela já afirmava nunca haver pensado nela mesma dessa maneira. Mas afirmou que procuraria colaborar da melhor forma possível na pesquisa. Ela explicou rapidamente que não havia aberto o restaurante sozinha, mas juntamente com seu esposo, João. Lúcia também explicou que João fora discípulo direto do disseminador da macrobiótica no Brasil, o japonês Tomio Kikuchi. Lúcia passou a ser a principal responsável pela empresa com a morte de João. Além disso, Lúcia fez várias considerações a respeito da condição financeira atual do restaurante e de que precisaria tomar uma atitude quanto ao modelo de funcionamento do mesmo. Ela estava considerando realizar mudanças significativas no formato do negócio e, caso não observasse uma melhora na situação financeira, considerava a até mesmo a possibilidade do seu fechamento. Um ponto que a preocupava bastante era que seu gerente, que trabalhava com ela há trinta anos, havia pedido a ela para contratar outra pessoa para o seu lugar, pois ele desejava se aposentar. Porém, ficou claro uma ambivalência entre as necessidades do restaurante como negócio e os princípios que Lúcia busca praticar em sua vida, que vem através dos ensinamentos da macrobiótica: *“no caso, a gente, ser macrobiótico não é só abrir um restaurante pra comer [...] ele servia também como base para um grupo de pessoas relacionado à atividade educativa do Professor Tomio Kikuchi”*.

Anotação - 2ª entrevista

AN2 – Antes de realizar nossa segunda entrevista, Lúcia externou a possibilidade de não mais participar da pesquisa. Fui procura-la pessoalmente para uma conversa informal e, assim, procurar saber o que havia acontecido. Segundo ela, as perguntas que eu lhe fiz durante a primeira entrevista lhe obrigavam a lembrar momentos marcantes, mas também dolorosos em sua trajetória, como a morte de seu marido e sua dificuldade em assumir o restaurante após a sua morte. Além disso, ela afirmou que achava que eu faria uma pesquisa tradicional sobre empreendedorismo e que considerava que não estava apta a participar. Considerei essa última posição como uma última tentativa para me desencorajar a considerar sua participação. Porém, após conversarmos e eu explicar novamente a ela os objetivos da pesquisa e como eu considerava que seria enriquecedora

e importante sua participação, ela concordou espontaneamente em continuar. Neste segundo momento, procuramos focar em questões relativas à sua trajetória de vida como empreendedora, levantando questões quanto ao que ela pensava quanto à prática como proprietária do negócio. Um ponto a destacar é que ela afirma que o restaurante não foi criado com o intuito de ser um gerador de renda, mas um meio encontrado para praticar a filosofia da macrobiótica e transmitir seus valores para as outras pessoas: *“Começou a coisa (o restaurante) mais com o objetivo de praticar a filosofia que a gente acreditava e passar pras pessoas”*.

Anotação – 3ª entrevista

AN2 – Nesta última entrevista, como Lúcia já nos conhecia e não tinha mais dúvidas quanto aos objetivos da pesquisa, ela estava mais à vontade para responder às perguntas que procuraram abordar mais aprofundadamente seus relacionamentos familiares, como a relação com os pais e com os filhos. Nesse momento de sua trajetória no restaurante ela continuava preocupada com a situação financeira do empreendimento, que, segundo ela, havia piorado. Lúcia continuava afirmando que precisava fazer alguma coisa para mudar a situação do restaurante, senão a única solução era fechar, repetindo praticamente a mesma fala de nossa primeira entrevista. Seu gerente continuava trabalhando com ela e por consideração a Lúcia, para não a deixar sozinha neste momento de dificuldades, havia desistido, ao menos por enquanto, de pedir sua aposentadoria. Procuramos nos ater nessa etapa a esclarecer pontos de sua trajetória que não estavam ainda muito claros. Além disso, também buscamos levantar trajetórias não vividas, pedindo a Lúcia que imaginasse o que teria acontecido se ela tivesse optado por outros caminhos que foram deixados para trás. Quando pedimos a ela para imaginar possíveis trajetórias futuras, caso o restaurante tivesse acabado de fechar, João é ainda tão presente em sua vida e suas práticas que os sonhos dela, praticamente são os dele: *“o sonho de João era produzir alimentos de qualidade, o restaurante já tava pequeno pra ele! Ele queria outras coisas mais, achava pouco o restaurante. Eu gostaria de fazer alguma coisa que fosse produzir alimentos de qualidade”*.

6.1.1 Reguladores semióticos no caso de Lúcia

A pergunta deflagradora de nossa primeira entrevista, visando estimular à uma reconstrução da trajetória de vida da entrevistada, foi: “Gostaria que você me contasse um pouco sobre quando você pensou em ser empreendedora pela primeira vez”. A seguir, apresentamos excertos selecionados das entrevistas e que foram considerados significativos e relevantes. Durante todas as etapas de levantamento de dados, fica visível que Lúcia não se identifica com a figura comumente apresentada do empreendedor – como as definições de empreendedor apresentadas em nosso trabalho – ou com discursos do senso comum, sobre empreendedorismo. Como, por exemplo: “O empreendedor é apaixonado por uma ideia e corre atrás dela. Ele tem que ter brilho nos olhos e vontade de fazer, mesmo que seja a segunda, terceira, quarta iniciativa” (ENDEAVOR, 2017). Na verdade, mostram-se mais relevantes para ela, em sua trajetória de vida, sua adesão ao movimento macrobiótico, a construção de sua família após o seu casamento com João (nome fictício) e o desejo de difundir os valores e ideais da macrobiótica para outras pessoas (familiares, amigos e até clientes).

Nesse processo vemos caracterizada uma ambivalência (ABBEY; VALSINER, 2005) onde Lúcia foi levada a construir um significado para uma situação que se apresentava, a de assumir o restaurante após a morte de seu marido. Agindo e se posicionando socialmente em relação a esta nova situação (ZITTOUN et al., 2011) tornando-se a única dona e responsável pelo negócio. Mesmo quando ela afirma pensar constantemente em fechar o restaurante ou quando afirma que nunca pensou em criar o restaurante, ela continua agindo adequadamente como a sua proprietária e fundadora, procurando formas de mantê-lo aberto. Afinal, viver uma ambivalência não significa ter que, necessariamente, resolvê-la. Estamos constantemente enfrentando e resolvendo tensões, ultrapassando essas tensões, que geram novas tensões, como afirma M.C.D.P. Lyra (comunicação pessoal, 24 de novembro de 2016).

A seguir, trazemos excertos das três entrevistas realizadas com Lúcia usados para considerarmos a dinâmica do processo de desenvolvimento dos reguladores semióticos que identificamos na construção de significados em sua trajetória de vida, procedendo posteriormente com a análise dos mesmos. Apesar de separarmos os reguladores semióticos como uma forma de melhor explicar os diversos pontos encontrados durante a coleta de dados que, sugerimos, guiam a trajetória de Lúcia. Devemos esclarecer que não se trata de estarmos

criando categorias ou divisões na análise. Iniciamos com reguladores semióticos que nos permitem visualizar a ligação de Lúcia com a macrobiótica.

6.1.1.1 Adesão à macrobiótica

Nossa participante conheceu a macrobiótica inicialmente a partir de uma reportagem da revista O Pasquim que ela leu em 1980, que trazia uma entrevista com Flávio Zanatta, jornalista que foi um dos introdutores da macrobiótica no Brasil. A partir disso, ela procurou conhecer mais da macrobiótica através da visita a restaurantes especializados nesse tipo de alimentação.

Adesão à Macrobiótica

Pesquisador – Você me falou que a macrobiótica era uma coisa diferente e que lhe chamou a atenção essa coisa diferente. E o que, exatamente, você definiria como diferente? O que era essa diferença para você?

Lúcia (SE1) – *Eram duas coisas bem diferentes: minha vida profissional como engenheira e conhecer a macrobiótica. Foi uma coisa muito diferente da minha trajetória de vida que seguia como engenheira, né? Macrobiótica! Mas a macrobiótica me atraía muito!*

L (SE2) – *Quando eu terminei meu curso, eu estava bem encaminhada profissionalmente, essa coisa toda. Mas, eu tava questionando as coisas, assim! Não tava satisfeita! Não era só aquilo que eu queria da vida! Trabalhar, ganhar dinheiro, a vida que as pessoas tinham! Não me satisfazia! Eu queria alguma coisa mais!*

L (SE3) – *Porque, assim, na verdade, não é a macrobiótica em si, é como se fosse reeducação vitalícia, é um estilo de vida que você se identifica. Eu me identifico com todas as minhas respostas de vida e questionamentos.*

L (SE4) – *Eu, Lúcia, me identifico muito com isso, então eu procuro conduzir minha vida dentro desses princípios.*

L (SE5) – *Não era só alimentação, era um critério de vida. Essa coisa toda que era a macrobiótica! Aí, eu fui descobrindo aos poucos. Aí, foi quando eu conheci João e pronto! A coisa aconteceu!*

L (SE6) – Então, a macrobiótica valorizava muito essa questão da mulher como mãe, como provedora do alimento da família, do orientar e isso me sensibilizou. Foi quando eu percebi que era uma coisa que me atraía!

L (SE7) – Porque teve gente que virava macrobiótico e se isolava. Então, as pessoas diziam que quem virava macrobiótico ficava antissocial, porque as pessoas se isolavam! E eu procurei sempre ter cuidado com isso!

L (SE8) – Eu chamava a atenção, porque eu levava a minha marmita e uma garrafa de chá! E, todo mundo tinha a cultura do cafezinho, né? No ambiente de trabalho! E eu nunca gostei muito de café, eu tomava pouco café. Daí, eu levava uma garrafa de chá e acontecia uma coisa muito engraçada: às vezes as pessoas estavam doentes, com uma indisposição digestiva ou meio gripada, aí dizia: “vamos lá na sala de Lúcia, que lá tem um chazinho!” Aí, iam atrás do chá! (rs)

O primeiro regulador semiótico que analisamos em nossa pesquisa foi o da *adesão à macrobiótica* (itálico nosso), onde analisamos como os princípios da filosofia macrobiótica começam a orientar a vida de Lúcia. Aqui, julgamos pertinente abrir espaço para fazermos uma breve explanação dos princípios gerais e do surgimento da macrobiótica no mundo. A definição de macrobiótica poderia resumir-se à sua própria etimologia, já que significa vida longa, proveniente do termo grego *makrobiotos* (*makro-* grande, longo; *bios-* vida). Na Grécia antiga, a palavra macrobiótica era utilizada para descrever um estilo de vida saudável de acordo com a natureza. Hipócrates, entre outros autores clássicos como Galeno, Aristóteles, Heródoto, descreviam com esta palavra, um estilo de vida constituído por uma alimentação equilibrada e simples, a qual promovia não só a saúde, como igualmente a longevidade (FERNANDES, 2015).

Segundo Calado (2014) e Fernandes (2015) George Ohsawa, um japonês nascido em 1893 se configura como o fundador moderno do estilo de vida macrobiótico, considerando que a macrobiótica é primeiramente um estilo de vida, porém sendo sobretudo identificada pela sua referência a questões alimentares.

Ohsawa desenvolveu e apresentou para o mundo ocidental o trabalho de Sagen Ishizuka. Para ele, a origem dos problemas de saúde e sociais provinham da má nutrição. Ishizuka criou um sistema terapêutico chamado *Shoku-yo Kai*. Para facilitar a divulgação deste movimento pelo ocidente, Ohsawa inspirou-se do livro do médico Christoph Hufeland –

Macrobiótica ou a Arte de Prolongar a Vida Humana – de 1796, onde o médico falava do termo ‘macrobiótica’ para designar um estilo de vida saudável e favorável à longevidade. Assim, o movimento *Shoku-yo Kai* passou a denominar-se por movimento macrobiótico a partir dos anos 20, quando Ohsawa foi para Paris (FERNANDES, 2015).

Calado (2014) afirma que a proposta eclética e sintética de Ohsawa, apresentada na Europa e nos Estados Unidos nos anos 60, sem teísmos, apelava a um certo cosmopolitismo, enquanto seu enfoque na intuição, como dimensão significativa da ação, constituía uma espécie de antídoto em relação a vias mais intelectualizadas e racionalizadas. Além disso, Ohsawa trazia um otimismo em relação ao mundo, ao homem e à possibilidade de felicidade na terra que era um claro contraponto a visões mais pessimistas e desencantadas do mundo. Vale também salientar que à época de sua divulgação na Europa e Estados Unidos havia um certo fascínio pelo Oriente e por seus sistemas filosóficos e religiosos, havendo uma audiência disponível para seus ensinamentos.

Lúcia afirma que a macrobiótica era uma coisa que a atraía: “*Mas a macrobiótica me atraía muito*”!; e com a qual ela se identificava, pelas respostas que ela obtinha aos seus “*questionamentos de vida*”. Valsiner (2012a) afirma que à medida que os criamos e utilizamos, os signos vão regular a si próprios (autorregulação) e aos processos a que se focalizam, assim como a outros signos (heteroregulação). Identificamos a macrobiótica como um signo autorregulador que orienta as experiências de Lúcia na sua trajetória de vida, regulando o papel de outros signos em sua conduta (heteroregulação).

Ela aderiu à macrobiótica no seu último ano da faculdade de engenharia elétrica e logo conseguiu se encaminhar profissionalmente. Assim, ela afirma que não se trata apenas da macrobiótica em si, mas de toda uma orientação para a vida: “*Não era só alimentação, era um critério de vida*”; ajudando a responder, por exemplo, tanto aos questionamentos sobre sua provável carreira e o que esperava encontrar no ambiente profissional, como em relação à qualidade de vida que ela queria alcançar:

L (SE2 - 1ª E) – *Mas, eu tava questionando as coisas, assim! Não tava satisfeita! Não era só aquilo que eu queria da vida! Trabalhar, ganhar dinheiro, a vida que as pessoas tinham! Não me satisfazia! Eu queria alguma coisa mais!*

Lúcia considerava que conhecer a macrobiótica representava uma coisa diferente da sua vida profissional como engenheira:

L (SE1 - 1ª E) – *Eram duas coisas bem diferentes: minha vida profissional como engenheira e conhecer a macrobiótica. Foi uma coisa muito diferente da minha trajetória de vida que seguia como engenheira, né? Macrobiótica!*

A adesão à macrobiótica foi considerada em nossa pesquisa como um momento de ruptura na trajetória de vida de Lúcia. Para Zittoun (2006b) rupturas e transições podem ser elementos motivacionais para as pessoas. São momentos de mudança que ocorrem no tempo irreversível fazendo as pessoas se moverem para longe do que tem sido, sendo impulsionadas para o que elas serão.

Consideramos essa adesão à macrobiótica como um signo promotor porque ajudou Lúcia a lidar com as tensões entre o que ela estava buscando como objetivo de vida e o que se apresentava como trajetória de vida até aquele momento – terminar a faculdade, conseguir um emprego como engenheira elétrica, ganhar um bom salário, etc.

Concomitantemente, Lúcia postula uma frase muito expressiva, afirmando que vê a macrobiótica como um movimento que:

L (SE6 - 3ª E) – *Então, a macrobiótica valorizava muito essa questão da mulher como mãe, como provedora do alimento da família, do orientar e isso me sensibilizou. Foi quando eu percebi que era uma coisa que me atraía!*

Essa fala nos permite considerar como um dos principais atrativos da macrobiótica para Lúcia, justamente essa possibilidade de alcançar um objetivo para ela muito mais atrativo do que outros signos valorizados na cultura coletiva como alcançar sucesso profissional e financeiro. A macrobiótica também lhe proporciona formar e cuidar de sua família. Aqui detectamos que existe, também, um acordo com o que é valorizado para a mulher na nossa cultura coletiva.

Lúcia, porém, reconhece que algumas pessoas que se ligam ao movimento macrobiótico terminam por se afastar de amigos e outras pessoas que não adotam os mesmos princípios:

L (SE9 – 3ª.E) – *por exemplo, dia de sexta-feira, o grupo saía pra almoçar junto ou no final do expediente, tomar uma cervejinha, eu ia!! Porque teve gente que virava macrobiótico e se isolava. Então, as pessoas diziam que quem virava macrobiótico ficava antissocial, porque as pessoas se isolavam! E eu procurei sempre ter cuidado com isso!*

Assim, ela manteve amizades com pessoas que não seguiam a macrobiótica, como podemos inferir a partir do seguinte trecho:

L (SE8 - 3ª. E) – [...] *Daí, eu levava uma garrafa de chá e acontecia uma coisa muito engraçada: às vezes as pessoas estavam doentes, com uma indisposição digestiva ou meio gripada, aí dizia: ‘vamos lá na sala de Lúcia, que lá tem um chazinho!’ Aí, iam atrás do chá! (rs).*

Questionada se tinha algum tipo de conflito pessoal que a macrobiótica lhe ajudou a resolver, Lúcia pensa que não. Segundo ela, as pessoas geralmente descobrem a macrobiótica devido a algum problema de saúde, procurando a possível cura através das mudanças na alimentação e comportamento. Chamou a atenção que ela afirma que jovens e ricos, que questionam o “sistema”, também se interessam pela macrobiótica: *“Tinha, por exemplo, os ricos, os jovens, que não estão satisfeitos com o sistema, também costumam procurar a macrobiótica”*.

Reforçando essa visão de que sujeitos que não concordam com os comportamentos e valores adotados pela sociedade procuram a macrobiótica, Lúcia afirma que João estava totalmente à margem do sistema quando ela o conheceu. No entanto, ela reafirma que não foi devido a problemas que ela descobriu a macrobiótica:

L (SE10 - 3ª. E) – *A coisa aconteceu! Eu me senti atraída! Respondia minhas dúvidas!”; [...]* *Não! Vê bem! Porque a macrobiótica, como eu falei aí, ela não é só a parte física, né? Ela é mente, física e sentimento. É um critério de vida que envolve a parte física, que envolve essa parte gastronômica.*

Questionamos Lúcia quanto à realização de algum ritual ligado à macrobiótica, que ela pratique e que possamos inferir que atue como um sistema de controle dos princípios indicados por essa filosofia. Lúcia entende, inicialmente, que a pergunta se refere à prática de rituais religiosos. Porém, espontaneamente, ela nos fala que, se é possível falar em rituais da macrobiótica, eles estão ligados a: *“meditação, a forma de se alimentar, fazer os exercícios. Quatro coisas básicas que eu aplico no dia-a-dia”*. A respiração também faz parte desses princípios que ela aplica: *“eu misturo, movimentos de yoga com os da ritmoprática e com movimentos de respiração”*. Contudo, esses princípios que ela nos descreve podem ser considerados como rituais: a prática da meditação, a alimentação, os exercícios e a respiração.

Perguntamos a Lúcia se ela fazia exercícios físicos diariamente. Ela, então, falou que não: *“não faço todo dia”*. Sua resposta também se desenvolveu no sentido de afirmar que nem todo indivíduo que adota os princípios da macrobiótica é perfeito, quanto a seguir à risca os principais pontos dessa filosofia:

L (SE11 - 3ª. E) – [...] veja bem, a gente tá falando isso, mas a gente macrobiótico, a gente não é perfeito. Nem consegue fazer as coisas exatamente como tem que ser feitas, né? Em termos de alimentação, tem gente que é macrobiótico que come carne, tem gente que não come. Eu, eu Lúcia, carne vermelha eu não sinto a menor atração.

6.1.1.2 Formar uma família

Para descobrir como o regulador semiótico *formar uma família* (itálico nosso) interfere nas escolhas de vida de Lúcia, começamos nossa discussão apresentando trechos da entrevista que demonstram a relação de Lúcia com o esposo. É essencial, tanto para o entendimento de seu envolvimento e aprofundamento no movimento macrobiótico como para entender sua participação na abertura e manutenção do restaurante macrobiótico, buscar entender o papel do relacionamento entre Lúcia e João.

Vale destacar que quando da primeira entrevista realizada no primeiro momento de nossa coleta de dados, a figura de João surge como um outro significativo na decisão de abertura do restaurante:

L (SE12 – 3ª.E) – Ó, assim...descobrir macrobiótica teve muito a ver com ele (João), claro! Como eu o conheci, como ele passou pra mim, mas macrobiótica é uma filosofia. São ensinamentos orientais que, se eu tivesse descoberto através de outra (pessoa)... não sei, fica difícil de dizer! Eu acho que abrir o restaurante, teve muito a ver com ele! Muito o estímulo dele com o que ele quis!

Porém, ela afirmava que esse era: “*um projeto dos dois*”. Em nossa terceira entrevista, ao construir trajetórias imaginadas de futuros possíveis, pedimos a ela que nos respondesse se teria começado o restaurante caso não conhecesse João. Lúcia afirma que abrir o restaurante veio de um estímulo muito grande por parte dele: “*Éééé... abrir o restaurante, não sei*”! No entanto, reiteramos a pergunta, para propor a ela que ainda refletisse sobre essa possibilidade, no que ela nos respondeu:

L (SE13 - 3ª. E) – É, porque o restaurante foi um estímulo muito grande dele, né? Não sei! Porque, como eu te disse, ele abriu uma sociedade que não deu certo, tava parada e foi quando nós abrimos o restaurante.

A seguir, apresentamos alguns trechos das três entrevistas onde podemos colher inferências sobre o papel de João na vida de Lúcia:

Formar uma família – Relacionamento com João

Lúcia (SE14) – Eu passei a sair menos... a frequentar restaurantes macrobióticos e conheci uma pessoa, que foi meu marido. Ele tinha passado um processo de macrobiótica bem intenso. Ele morou em São Paulo, na escola do Professor Tomio Kikuchi que foi o introdutor da macrobiótica no Brasil.

L (SE15) – Então João, a pessoa que eu conheci, tinha acabado de vim dessa escola e estava aqui em Recife. Ele era mineiro, veio parar em Recife. E quando eu conheci ele num restaurante de macrobiótica eu disse assim “ou esse cara está me fazendo de besta ou eu sou doida” (rs). Aí, encurtando a história, com seis meses a gente casou; com um mês de casados eu fiquei grávida e a trajetória dele toda era vivenciar os ensinamentos da macrobiótica.

Pesquisador – O que é que você questionava?

L (SE16) – Trabalhar, ganhar dinheiro, a vida que as pessoas tinham! Não me satisfazia! Eu queria alguma coisa mais! Na época até procurei o movimento de D. Hélder, da Igreja (católica), mas não tive muita facilidade, tive algumas dificuldades, aí foi quando eu descobri macrobiótica! E, os ensinamentos da macrobiótica me atraíram muito. Quando eu descobri a macrobiótica, eu descobri João! E com seis meses que a gente se conheceu, a gente casou.

L (SE17) – O restaurante, a gente abriu o restaurante em 84. A gente casou em 81, abriu o restaurante em 84. Durante esse período, ele ficou trabalhando em outros restaurantes, e eu sempre com engenharia. Aí em 86 eu saí do trabalho com engenharia, dois anos depois. Mas, aconteceu também o seguinte: João, ele voltou a estudar depois que a gente casou.

L (SE18) – Eu cheguei a trabalhar numa siderúrgica, num cargo de chefe de departamento, mas não era o que me satisfazia na vida na vida, não era a vida que eu queria e João também me estimulava muito a... (silêncio) deixar esse trabalho, não era um trabalho que...ééé...(silêncio) da evolução da mulher, mais ou menos assim.

L (SE19) – Ó, vê! Na época que eu decidi sair, é... (silêncio) tinha duas coisas muito importantes! Uma coisa que João ficava...ele não dizia: saia! Mas ele ficava me mostrando que o trabalho era muito desgastante, não era vitalizante, eu tava deixando de viver com o meu filho, eu tava deixando de cuidar da alimentação e eu tava deixando de fazer coisas que eram mais vitalizantes!

L (SE20) – Ó, assim... descobrir macrobiótica teve muito a ver com ele (João), claro! Como eu o conheci, como ele passou pra mim, mas macrobiótica é uma filosofia. São ensinamentos orientais que, se eu tivesse descoberto através de outra... (pessoa) não sei, fica difícil de dizer! Eu acho que abrir o restaurante, teve muito a ver com ele! Muito o estímulo dele com o que ele quis!

L (SE21) – Meu relacionamento com João, acho que foi uma dessas coisas que acontece na vida e que não tem explicação, mas acontece. Eu não acho que a gente vem com uma história já determinada, não. [...] Daí... mas eu acho que a gente tinha uma história! Que tinha que se encontrar e se encontrou! [...] Como ele dizia, tinha a metade dele e a metade minha e não tinha como partir no meio!

Pesquisador – Tem alguma coisa da história do João que você também procura preservar aqui no restaurante?

L (SE22) – (silêncio) Porque, na verdade, assim... o restaurante é uma expressão de João! Você se desligar, assim... porque essa história é dele também. Não tem como desmanchar!

João surge na vida de Lúcia em um momento em que ela começou a buscar conhecer mais da macrobiótica e isso a levou a “sair menos” com os amigos e a buscar novas experiências na alimentação. E foi justamente em um restaurante macrobiótico que ela conheceu João. Lúcia ressalta o conhecimento que o marido tinha em macrobiótica, e inferimos que esse conhecimento aprofundado num tema que a “atraía”, foi especialmente importante na aproximação de Lúcia e João:

L (SE14 – 1ª. E) – *Eu passei a sair menos... a frequentar restaurantes macrobióticos e conheci uma pessoa, que foi meu marido. Ele tinha passado um processo de macrobiótica bem intenso. Ele morou em São Paulo, na escola do Professor Tomio Kikuchi que foi o introdutor da macrobiótica no Brasil.*

L (SE20 – 3ª. E) – *Ó, assim... descobrir macrobiótica teve muito a ver com ele (João), claro! Como eu o conheci, como ele passou pra mim, mas macrobiótica é uma filosofia. São ensinamentos orientais que, se eu tivesse descoberto através de outra... (pessoa) não sei, fica difícil de dizer [...]!*

Lúcia conheceu João em 1980, em seu último ano da faculdade. Em seis meses eles casaram e após um mês de casados, Lúcia engravidou de seu primeiro filho. Após cerca de dois anos de casamento, como Lúcia ainda trabalhava como engenheira eletricista em uma

grande siderúrgica da região, ele insistiu com ela para que deixasse seu trabalho nessa empresa e viesse estar com ele no restaurante em tempo integral. João faleceu em um acidente de carro em 1999, em que também morreram a mãe de Lúcia e um sobrinho dela. Mesmo com o falecimento de João, Lúcia decidiu manter o restaurante em funcionamento.

Na época em que se conheceram, Lúcia vinha procurando respostas para questionamentos pessoais que ela trazia. Perguntada sobre quais eram esses questionamentos, ela nos disse que: *“trabalhar, ganhar dinheiro, a vida que as pessoas tinham! Não me satisfazia! Eu queria alguma coisa mais”*! Lúcia também afirma que: *“o sistema, essas coisas, as relações, como as pessoas viviam, isso é que eu questionava, essa filosofia”*.

Procuramos explorar um pouco mais sobre o que não a satisfazia, então, fizemos uma nova pergunta pedindo a ela que explicasse um pouco mais sobre o que não lhe atraía em trabalhar e ganhar dinheiro, como ela observava nas vidas de outras pessoas. E ela afirmou que, para ela: *“isso era pouco! Eu queria mais, assim! Eu não sabia o que queria (rs)! Eu sabia que... não tava satisfeita! Aí, eu fiquei procurando! Até que encontrei”*!

Forçamos ainda um pouco mais e perguntamos a ela, novamente, o que a incomodava? Era a rotina? A carga de trabalho? Sua resposta começa a nos fornecer elementos para a descoberta do signo hipergeneralizado, que comentaremos mais adiante: *“acho que, intuitivamente, era assim essa questão de uma vida, uma coisa mais espiritual! Mais... é... não só a parte material, né”*?

Como, por exemplo, quando ela buscou o projeto missionário de D. Helder Câmara, que à época era arcebispo de Olinda e Recife. O clérigo foi o responsável por movimentos voltados para a promoção da justiça e cidadania entre a população mais carente das duas cidades. Foram dele iniciativas como a criação do Banco da Providência, nos mesmos moldes do que havia criado no Rio de Janeiro, a criação da Comissão de Justiça e Paz da diocese de Olinda e Recife e o fortalecimento das comunidades eclesiais de base.

As dificuldades relatadas por Lúcia no relacionamento com o movimento capitaneado pelo arcebispo, referem-se ao fato dela não ter conseguido falar pessoalmente com D. Helder, mesmo tendo procurado por ele várias vezes: *“eu procurei uma vez, aí eu não consegui falar com ele”*. Aparentemente, Lúcia buscava por uma figura de referência para orientá-la em suas dúvidas: *“assim, não apareceu uma pessoa que me atraísse, que me estimulasse”*! E, no caso da macrobiótica, João foi essa pessoa.

Aqui vale destacar um questionamento para o qual não temos resposta. Como afirma Zittoun (2006a) os jovens podem questionar práticas e valores praticados pela sociedade ao se defrontar com novas esferas de experiência, sendo que outros significativos podem agir como catalisadores desses novos posicionamentos. Assim, nos perguntamos o que poderia ter acontecido caso Lúcia tivesse conseguido falar com D. Helder Câmara e ele tivesse agido como esse outro significativo ao invés de João. Será que, caso ela tivesse se ligado ao movimento do clérigo, estaríamos nos debruçando na análise de um momento de ruptura diferente?

Após o casamento, Lúcia continuou trabalhando como engenheira eletricista durante cerca de dois anos, mesmo após ela e João abrirem o próprio restaurante. Já João voltou a estudar, cursando agronomia. Ele buscava obter conhecimentos que lhe permitissem colocar em prática projetos de vida que ele tinha, como o de fornecer “*alimentos com qualidade para as pessoas*”. Projeto esse concretizado tanto com o restaurante como com a criação do Centro de Educação Vitalícia, um projeto social montado por João que usava o restaurante como uma base física de apoio para promover atividades educativas de disseminação da macrobiótica.

Apesar de conseguir um ajudante para auxiliá-lo, João insistiu para que Lúcia viesse trabalhar com ele como responsável pelo funcionamento da cozinha, aparentando um certo descontentamento com o fato da mulher trabalhar fora usando a pouca convivência de Lúcia com o filho como justificativa para pedir a ela que deixasse o emprego na siderúrgica:

L (SE23 – 1ª. E) – *João também me estimulava muito a... (silêncio) deixar esse trabalho, não era um trabalho que...ééé... (silêncio) da evolução da mulher, mais ou menos assim.*

Aqui, identificamos a ação de um regulador semiótico: o silêncio. Esse mesmo silêncio foi observado em outra passagem em que Lúcia respondeu ao questionamento sobre razões que a levaram a abandonar seu trabalho como engenheira:

L (SE19 – 3a.E) – *Na época que eu decidi sair, é... (silêncio) tinha duas coisas muito importantes! Uma coisa que João ficava...ele não dizia: saia! Mas ele ficava me mostrando que o trabalho era muito desgastante, não era vitalizante, eu tava deixando de viver com o meu filho, eu tava deixando de cuidar da alimentação e eu tava deixando de fazer coisas que eram mais vitalizantes!*

O silêncio observado nesse caso permitia que Lúcia organizasse o seu discurso pessoal baseado naquilo que circula como sugestões sociais no discurso militante do feminismo: “*se eu for dizer isso no movimento feminista, eu vou sair até apanhada*”! Valério e Lyra (2014)

afirmam que “as sugestões sociais se apresentam como guias que orientam a pessoa na hora em que ela precisa, como nessa situação de entrevistas, a expressar seu pensamento”.

No caso de Lúcia, a sugestão social mais importante para ela é a dos princípios da macrobiótica, como lhe foram passados por João. Questionamos a ela qual era a coisa diferente que ela dizia ver na macrobiótica, ou seja, o que ela definiria como sendo essa diferença:

L (SE24 – 3ª. E) – *Era exatamente essa preocupação! Valorização mais dessa parte da qualidade de vida! Por exemplo, é... ela falava da importância da família, da mãe cuidar do filho, cuidar da alimentação nesse sentido. Porque as pessoas confundem muito essa coisa de: ‘não, que agora vai ter que só ficar na cozinha, vai só cozinhar’! Não! Não é por aí!*

Para ela, se primeiro houve uma repressão muito grande à mulher, o feminismo foi um movimento que “descambou” a imagem da mulher para uma posição oposta: “*a mulher negou muito a sua origem, a sua ordem na natureza mesmo, a sua função! Porque eu acredito que na vida, homem e mulher tem mesmo as suas funções determinadas. Não que seja uma melhor e outra pior! Mas, se complementam por conta disso*”! E ela assume essa sugestão da macrobiótica no curso de sua vida.

Lúcia considera que João foi alguém especial, que “*descobrir macrobiótica teve muito a ver com ele (João), claro*”! E que quanto a seu relacionamento com João:

L (SE21 – 3ª. E) – *Eu acho que teve uma coisa muito forte! Foi uma coisa muito forte! São essas coisas que eu acho que, na vida não tem explicação, que acontece, né? Eu não sei se... eu não acho que a gente vem com uma história já determinada, não. [...] Então, o que eu acho é que a gente tinha uma história! Que tinha que se encontrar e se encontrou! Como ele dizia: era a metade dele e a metade minha. Não tem como partir no meio (rs). E aí, vai seguindo!*

Após a perda de João, Lúcia não teve mais outros relacionamentos. Ela afirma que sempre foi “*muito seletiva*” na escolha de um relacionamento afirmando. Por exemplo, antes de conhecer João, Lúcia afirma que só havia tido dois namorados, mas que as pessoas não acreditam nisso:

L (SE25 – 3ª. E) – *Antes do João, na verdade, eu só tinha tido dois namorados. Ninguém até acredita. Porque, eu estudava numa faculdade de engenharia, cheio de homem. E eu vivia num universo muito grande. Das três mulheres **(que faziam o mesmo curso de engenharia que ela)**, eu era a que mais saía nas confraternizações, ia sempre no barzinho vizinho da faculdade tomar uma cervejinha, eu era sempre a que mais participava, essa coisa toda. Mas, antes de namorar João, eu tive dois namorados.*

Pela própria declaração de Lúcia, inferimos que ela atribui o fato das pessoas não acreditarem que ela teria tido outros namorados, além de João, devido ao fato de conviver com muitos homens no principal círculo social do qual participava. No caso, a faculdade de engenharia. Lúcia também afirma que não estabeleceu novo relacionamento amoroso após a morte de João, pois ele era uma pessoa “ *muito especial* ” e não apareceu alguém que a atraísse tanto:

L (SE26 – 3ª. E) – *João era uma pessoa muito especial! Não apareceu nenhuma pessoa que me atraísse, assim, que eu quisesse. E, também, em termos de, assim... quando você tem uma coisa muito boa, você tem que ter uma outra igual ou melhor, né? (rs)*

Destacamos a seguir trechos que consideramos mostrar uma ambivalência nesse sentimento de Lúcia entre não ter novo relacionamento amoroso e o fato de viver sem um companheiro para dividir sua vida. Assim, Lúcia declara que não acha bom estar só, mas que não se entrega à solidão e procura manter uma vida social ativa, mesmo que fazendo muitas atividades sozinha:

L (SE27 – 3ª. E) – *eu vou confessar uma coisa: ser só não é bom. Não é fácil. Mas eu não me entrego à solidão. [...] Mas eu sou muito ativa, assim. Eu não deixo de fazer as coisas porque eu tô só. Eu vou pra cinema, eu vou pra festa, eu vou pra teatro, eu vou pra show. [...] eu não deixo de fazer as coisas porque eu tô só, não. Se é alguma coisa que eu gosto, eu vou pra cinema só, pra teatro. Porque, geralmente quando eu vou, eu encontro pessoas amigas, conhecidas, entende? Isso não me incomoda. Assim, que é bom, não é. É lógico, se eu tivesse alguém que me fizesse companhia seria bom. Mas, não deixo, não. se eu tô afim, se eu gosto. Eu vou fazer.*

Quanto ao restaurante, Lúcia afirma que o empreendimento é “*uma expressão de João*”! E que, para ela, não é possível desligar ou desconectar as duas coisas: “*mas isso aqui, essa história é a dele também. Não tem como desmanchar*”. Para Lúcia, parece estranho o fato de algumas pessoas não gostarem de falar de pessoas já falecidas e afirma que algumas pessoas acham que o fato de que ela sempre fala de João, significar que ela esteja sofrendo ou revivendo a perda:

L (SE28 – 3ª. E) – *Às vezes, as pessoas ficam, assim, até achando que... é que, quando uma pessoa morre, as pessoas ficam querendo esquecer. Sei lá! É um negócio meio estranho! Eu acho. O fato de eu falar dele, muitas pessoas acham que eu estou sofrendo, me amarrando, mas não.*

Então, Lúcia nos apresenta qual o significado para ela de não ter dificuldades em falar de João: “*Como é que eu vou esquecer, deixar de falar do pai dos meus filhos*”? Mesmo

dizendo que pode vir a ter outros relacionamentos, ela afirma que é impossível esquecer ou apagar essa existência de João: *“No mínimo é o pai dos meus filhos! Como é que eu vou esquecer um negócio desse, como é que eu vou apagar isso? Não existe!”*

É pertinente salientar que, em nenhum momento das entrevistas, Lúcia se referiu a João como “ex-marido”, por exemplo, ou como “meu falecido marido”. O que também não significa que ela usou de expressões que indicariam patologia, como alegar que o marido está vivo. Mas, chama a atenção, o fato de que ela não fala dele como algo passado e esquecido.

Dentro do regulador semiótico formar uma família, buscamos também levantar o relacionamento de Lúcia com seus pais e com seus filhos. Aqui, evidenciou-se uma influência do papel de sua mãe em sua vida, que foi importante em sua história com João, além da transmissão dos princípios e valores da macrobiótica para os filhos. Já em relação ao pai de Lúcia, não foram notados, durante a coleta de dados, sentimentos conflituosos.

Ele foi militar do Exército e fez cursos ligados à área do desenvolvimento econômico, como um curso realizado pela CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), tendo sido um dos fundadores da Comissão de Desenvolvimento de Caruaru. Apesar de não ter graduação em economia, era amigo de Celso Furtado e Lúcia afirma que a área da economia do desenvolvimento era um assunto do qual ele gostava bastante: *“daí ele procurava implantar ideias ligadas à economia do desenvolvimento, em Caruaru. Acho que foi por isso que ele trabalhou na criação daquela Comissão”*.

Ele faleceu quando ela estava no primeiro ano da faculdade de engenharia e, segundo ela, o pai estimulava muito ela e seus irmãos a estudar: *“e meu pai sempre estimulava muito a gente a estudar. Ele dizia que a única coisa que podia deixar pra gente era o apoio e o estudo”*. Como em Caruaru, à época, haviam apenas três opções de faculdades, sendo uma de odontologia, uma de direito e uma de filosofia, que não estavam entre as escolhas de Lúcia para o vestibular, o pai concordou em enviá-la para Recife quando ela estava no terceiro ano científico (o atual terceiro ano do ensino médio), em 1973.

A mãe de Lúcia foi a terceira e última esposa de seu pai. Eles foram pais de cinco filhos, sendo quatro mulheres, das quais Lúcia é a mais velha, e um homem. Quando ela era criança, dois filhos mais velhos de um casamento anterior de seu pai, foram morar com eles e conviveram *“como se fosse da mesma família”*. Além disso, a família ainda convivia regularmente com mais três filhos do segundo casamento de seu pai: *“primeiro que era muito menino: cinco mais dois, sete”*. Isso, sem contar com primas que moravam com a família

esporadicamente: *“então era uma casa cheia de criança”!* Contudo, Lúcia afirma que sua mãe fazia tudo *“com muita dedicação! Com muito amor! Então, ela nunca passou pra gente revolta nem reclamação, não! Ela cuidava dos filhos”!*

Quase todos os irmãos de Lúcia concluíram o ensino superior. Os dois filhos de Lúcia, todos da união com João, hoje já adultos (o filho tem 34 anos e a filha, tem 26) seguem também princípios da macrobiótica, mesmo já sendo independentes e não morando mais com ela. O filho, que tem formação em administração, reclama da forma como ela administra o restaurante. Mas, como ela afirma, ficaria muito feliz se o restaurante se recuperasse financeiramente, até pela representação de João que tem o restaurante:

L (SE29 – 3ª. E) – *meu filho acha que, em termos de negócio, o restaurante é um fiasco. [...] Ele gostaria, eu sei que ele gostaria, de ver o restaurante bem-sucedido. Porque, assim, é a história do pai dele, é a história da gente. Ele não nega isso aqui. Ele sabe da importância disso, ele não nega. Mas ele fica muito chateado, porque essa situação difícil, graças a alguns erros administrativos meus. Mas ele gostaria de ver o restaurante com sucesso.*

Segundo Lúcia, sua filha se preocupa quanto ao que aconteceria à mãe, caso o restaurante viesse a fechar: *“e a minha filha, ela gosta do restaurante. Ele se preocupa às vezes comigo, porque se o restaurante fechar eu vou ter que parar, aí que eu vou fazer o quê, como é que eu vou ficar”.* Ela completa afirmando que ambos têm um sentimento pelo restaurante pela ligação da história do negócio com o pai: *“eles têm um sentimento pelo restaurante. Nem poderiam deixar de ter, porque eles acompanharam a história do restaurante, a dedicação de João, essa coisa toda”.*

Formar uma família – Relacionamento com pais e filhos
--

Pesquisador – Você mencionou que a sua mãe, logo no começo, quando você começou a se ligar à macrobiótica, não gostava muito da ideia. Mas ela colocou alguma barreira ou uma coisa assim?
--

Lúcia (SE30) – <i>Aí, minha mãe: ‘mas como assim, você não quer comer carne? Eu lhe criei você comendo isso e agora você não quer mais comer, não sei o quê?’ <u>Só que ela falou, mas ela resolveu ajudar.</u> Porque eu ia pro trabalho, eu levava marmita! [...] <u>Então, minha mãe começou a me ajudar, a cozinhar e fazia a minha marmita que eu levava pra XXX.</u></i>
--

L (SE31) – <i><u>Eu tinha uma mãe muito feminina!</u> [...] Minha mãe era uma pessoa, assim,</i>
--

com pouca formação ééé... ela tinha, vamos dizer, no máximo, até o quarto ano. Ela até uma época voltou a estudar, estimulada pelo meu pai, começou a ter aulas particulares com uma professora. Ela era bem simples, mas ela era bem feminina! Assim, bem intuitiva mesmo! Bem dedicada à família! Ela fazia tudo aquilo com muito carinho, com muito amor! Então, ela nunca passou pra gente revolta nem reclamação, não! Ela cuidava dos filhos!

L (SE32) – *E, meu pai, era bem mais velho do que ela. E, assim, os dois se gostavam muito (exprime um certo sentimento de nostalgia na voz), se davam muito bem e passou pra gente, ela passou pra gente de fazer isso com naturalidade, com amor, com carinho, sem nenhuma revolta, sem nunca tá reclamando, sem nunca tá se lamentando. Quando meu pai morreu, ela se dedicou à gente. Então, eu acho que é essa coisa, esse exemplo!*

P – Como você fez para orientar os seus filhos dentro dos princípios da macrobiótica?

L (SE33) – *Foi tudo muito espontâneo, porque a gente praticava em casa. [...] Não vou dizer a você que não comiam um doce, não tomavam um refrigerante, João tomava uma cervejinha, mas era tudo uma coisa mais social, apenas em algumas reuniões de família.*

Identificamos a mãe de Lúcia como um outro significativo em seu curso de vida. A dedicação dela à casa, aos filhos, tanto os biológicos quanto aqueles que foram morar com ela e a família, que eram de um relacionamento anterior do pai de Lúcia, foi algo que marcou fortemente nossa entrevistada e que também influenciou em seu próprio casamento. A mãe de Lúcia faleceu no mesmo acidente de carro que também vitimou seu marido e um sobrinho dela.

Além da insistência do marido, a figura da mãe também foi importante na decisão de Lúcia de repensar sua trajetória profissional como engenheira. Por exemplo, quando ela lembra que seu curso de engenharia elétrica tinha poucas mulheres (ao final do curso, haviam apenas seis), quando ela afirma que a engenharia é: “*uma profissão muito masculinizante*”! Ou quando ela afirma que o movimento feminista negou muito o papel da mulher e a sua ordem e função na natureza, isso traz um reforço positivo à imagem da mãe de que ela era: “*muito feminina*”! [...] *Ela era bem simples, mas ela era bem feminina*”! E, para Lúcia, ela estava se afastando desse ideal de papel da mulher na família.

O que Lúcia demonstra valorizar na sua formação como engenheira foram habilidades práticas e cognitivas que ela desenvolveu. Mesmo ao considerar a engenharia como uma área

mais cartesiana, a necessidade do uso lógico do raciocínio e a objetividade na ação, são características valorizadas por Lúcia, inclusive na própria administração do restaurante: *“me ajuda, inclusive, na administração do restaurante”*. E ela também afirma: *“Mas eu gostava de engenharia! Eu fazia um trabalho que sempre me atraía, era um trabalho que me atraía”*.

Segundo Lúcia, não foi difícil criar os filhos dentro dos princípios da macrobiótica, já que a vivência diária em casa facilitou para eles a apreensão dos costumes desde cedo: *“foi tudo muito espontâneo. Por que? Porque a gente fazia”*! Procuramos verificar, com uma nova pergunta, se eles praticavam os princípios em casa. Ela confirma isso e menciona, novamente, João como uma figura importante na transmissão dos princípios da macrobiótica para a família:

L (SE34 – 3ª. E) – *É! E João tinha até uma, assim, uma segurança maior. Passou isso pra eles. No dia-a-dia lá em casa era esse. Chegava na casa da minha mãe, ficava nas reuniões de família, a gente não ia comer carne. A gente não ia, aos extremos. Entende?*

Quanto à vivência atual dos filhos com a macrobióticos, Lúcia afirma que eles ainda seguem os principais elementos da filosofia, especialmente no que se refere à questão da alimentação. Enquanto a filha segue os princípios com mais cuidado, adotando até uma linha mais vegana, o filho ainda mantém alguns costumes como o de não comer carne vermelha. Porém, depende da esposa para não comer alimentos não indicados pela macrobiótica. Nos trechos destacados a seguir, mostramos essas declarações de Lúcia a essa vivência da macrobiótica com os filhos hoje:

L (SE35 – 3ª. E) – *É... minha filha é mais! Minha filha é controlada, ela come... ela agora não quer comer nem peixe! Não quer comer leite e seus derivados. Ela come queijo de vez em quando! Mas não quer comer peixe. Eu acho que ela tá indo muito pelo lado vegano, sabe? Ela é muito sensível com a alimentação, entendeu? Ela cuida bem da alimentação.*

L (SE36 – 3ª. E) – *O meu filho, ele é que está mais distante. Mas ainda gosta do arroz integral, das coisas. Mas, na casa dele, ele não cozinha, depende da mulher! Mas carne ele não come. Ele têm a base.*

A seguir, passamos a discorrer sobre o regulador semiótico *tornar-se empreendedora* (itálico nosso) realidade que passa a fazer parte da trajetória de vida de Lúcia a partir das influências de João.

6.1.1.3 Tornar-se empreendedora

Em nosso próximo segmento trataremos da vivência profissional de Lúcia como sócia fundadora do restaurante. Como foi objetivo geral do nosso estudo identificar e analisar a construção de significados durante a trajetória de vida de empreendedores, ao longo de suas rupturas e transições, através do entendimento do papel que a atividade semiótica pode desempenhar na regulação da atividade empreendedora, mantendo-a ou transformando-a, veremos como Lúcia constrói significados nesse sentido. Apresentaremos a seguir excertos das entrevistas que nos permitirão proceder com as análises dos mesmos.

Tornar-se empreendedora

Pesquisador – Gostaria que você me contasse um pouco sobre quando você pensou em ser empreendedora pela primeira vez?

Lúcia (SE37) – Ó, na verdade, eu nunca pensei numa coisa assim: ‘eu vou ser empreendedora’! Eu sou empreendedora sem saber que sou, assim! [...] Então, assim: ‘eu sou empreendedora! Vou fazer um negócio pra vender e ganhar dinheiro’! Não! Começou a coisa mais com o objetivo de praticar a filosofia que a gente acreditava e passar pras pessoas.

L (SE38) – É porque, na verdade, é como eu lhe digo: a atividade da gente não só comercial, é uma atividade educativa!

P – Quais foram os maiores desafios nessa caminhada que você enfrentou?

L (SE39) – Olhe, ééé... uma grande dificuldade é o ser humano, é a relação com as pessoas. Tanto os funcionários como os clientes. [...] Essa questão das relações humanas, eu acho que são muito difíceis! Principalmente, quando você não está visando só o negócio, só o lucro!

P – Fale do relacionamento com o cliente

L (SE40) – O relacionamento com o cliente é também uma coisa diferente e complicada, porque cada cliente que chega aqui, ele não é um cliente, assim... a maioria das pessoas que chegam aqui tem algum problema de saúde as pessoas vem atrás dessa alimentação com algum problema de saúde. Aí, chega junto de você: ‘Lúcia, o que é bom pra isso’? Aí, você começa a orientar a pessoa e vai criando um vínculo.

L (SE41) – Eu tenho que clientes que vêm aqui há anos, que conversam com a gente e,

quer queira quer não, a gente se envolve com eles e eles se envolvem com a gente. Alguns se sensibilizam com a situação da gente hoje. [...] Não posso reclamar dos meus clientes, não. A maioria são clientes amigos, assim.

P – Se você tivesse decidido fechar o restaurante quando João faleceu, qual o outro caminho que você gostaria de ter seguido?

L (SE 42) - *Se eu tivesse fechado o restaurante, eu tinha voltado pra engenharia. Que era o que eu tinha, que era uma ferramenta que eu tinha pra voltar pro mercado de trabalho, era a engenharia. Talvez eu fosse me dedicar à parte de ensino.*

L (SE43) – *Eu não penso em parar com tudo, não. Eu penso em migrar para uma atividade mais tranquila. Mas não parar e não fazer nada. Até fazer um trabalho social, ensinar as pessoas. Mas sempre voltado para a qualidade da alimentação!*

P – Vamos imaginar que você decidiu fechar o restaurante e que hoje seja o primeiro dia da primeira semana após o fechamento, você consegue imaginar como você se sentiria sem o restaurante? Como seria sua vida sem o restaurante?

L (SE44) – *Eu não fecharia o restaurante sem ter antes um projeto. Não quero ficar parada. [...] Qualquer outra coisa que eu vá fazer, vai ser nessa linha de qualidade da alimentação. O campo é uma coisa que me atrai muito! Produzir, mexer com a terra!*

L (SE45) – *Eu gostaria de... porque era um sonho de João! João foi fazer agronomia, porque o sonho dele era produzir alimento de qualidade. O restaurante já tava pequeno pra ele! Ele tava querendo outras coisas novas, ele achava pouco. Então, eu faria algum projeto voltado pra alguma coisa que fosse pra produzir alimentos de qualidade.*

Chama imediatamente nossa atenção ao analisar o caso de Lúcia é que seria difícil, num estudo tradicional de empreendedorismo, enquadrá-la, por exemplo em uma das categorias de motivação dos empreendedores iniciais: empreendedor por oportunidade ou por necessidade (GEM, 2015). Não houve, no caso de Lúcia, uma caracterização possível entre oportunidade ou necessidade. O restaurante era um projeto voltado a atender às necessidades e anseios pessoais de João. Lúcia, agiu como uma esposa devotada e que, assim como a mãe, sem apresentar sinais de revolta ou reclamação, mas com muita dedicação e amor, resolveu acompanhá-lo nesse projeto.

Através do restaurante surge o Centro de Autoeducação Vitalícia em Pernambuco, que procurava atuar nos moldes do Centro Internacional de Autoeducação Vitalícia, que faz parte

do sistema educacional fundado pelo professor Tomio Kikuchi em São Paulo. Quando surgiu, consideramos que o Centro funcionava como um sistema de controle no propósito de transmitir os princípios da macrobiótica para as outras pessoas. Atualmente, segundo Lúcia, o Centro em Pernambuco encontra-se com suas atividades paralisadas.

Chamou nossa atenção durante a coleta de dados que, mesmo quando pedimos a Lúcia para usar a imaginação e pensar em possíveis futuros, que imagine, por exemplo, como seria sua vida sem o restaurante, ela cria uma trajetória que tem a ver com um projeto inicialmente pensado por João:

L (SE46 – 3. E) – *Assim, eu sou muito de... eu gostaria de, que era um sonho de João! João foi fazer agronomia, porque o sonho dele era produzir alimentos de qualidade. O restaurante já tava pequeno pra ele! Ele já tava querendo já mais outras coisas mais. Já achava pouco. [...] Eu gostaria de mexer, assim, com alguma coisa que fosse produzir alimentos de qualidade.*

Pelo que levantamos em nossas entrevistas, consideramos que é como se Lúcia estivesse sempre em busca de um terceiro (outro) significativo, alguém em quem se basear ou seguir para poder trilhar e seguir seus próprios caminhos e ideias. No caso, do segmento de entrevista que transcrevemos acima, ela assume um projeto que era, originalmente, de João.

Lúcia, apesar de estar à frente do negócio desde a morte do marido, em 1999 e de ter lidado com a ambivalência entre fechar o restaurante e voltar para sua carreira de engenheira ou continuar com o restaurante, mantendo-o funcionando, ainda não se sente à vontade no papel de empreendedora. Uma afirmação dela é emblemática nesse sentido: “*Eu sou empreendedora sem saber que sou*”! Chegando a ser perguntada se preferia que eu a tratasse por empresária, para assim se sentir mais à vontade, a resposta foi ainda mais taxativa: “*Aí, piorou*”!

Entendemos que essa posição de Lúcia não a descaracterizaria do papel de empreendedora, como definidos em nosso trabalho. Como nos apresentam Penrose (1959), Fillion (1999) e Cabral (2007) e um indivíduo não precisa ser nem mesmo aquele que abre um negócio para ser tomado como empreendedor. Ele pode até mesmo participar do negócio de outras pessoas, mas de uma forma pró-ativa e, antes de tudo, buscando uma autorrealização por assim proceder. E consideramos que Lúcia atuou desde o início, tanto de uma forma pró-ativa como buscando uma realização pessoal, como temos nos segmentos de entrevista abaixo:

L (SE 47 – 1ª. E) – *Na verdade, quando João morreu eu já estava aqui dentro há um tempo. Era mais ou menos assim: ele estava cuidando de outras atividades paralelas dele [...] Então, eu já tava aqui dentro, né? Na administração e na cozinha e ele estava correndo atrás de outras coisas.*

L (SE 48 – 1ª. E) – *Ele (João) faleceu há 16 anos. Foi em 99. Então, foi um outro momento da vida que eu tinha que decidir o que fazer, né? Se continuava, se não continuava, mas como era uma coisa minha também, que eu estava fazendo, porque era uma coisa que eu acreditava, um caminho de vida que eu me identificava, aí eu resolvi continuar. Apareceu até oportunidades de voltar a trabalhar com engenharia, essa coisa toda, mas eu preferi continuar.*

L (SE 48 – 1. E) – *O sonho da gente era junto. Eu tava junto com ele, porque comungava com os ideais, de querer tá aqui, aquela coisa toda.*

L (SE 49 – 2ª. E) – *Aí, chegou o momento que tinha que ter um controle contábil! Tinha que ter um contador, pra começar a organizar. Aí, ééé... à medida que a necessidade ia aparecendo, de formalizar, de tornar essa coisa mais formal, a gente ia fazendo! Aí, hoje eu tenho a consciência bem clara de que existe um sistema, uma organização. O restaurante hoje ele está organizado.*

Consideramos que, apesar de Lúcia ter uma aparente dificuldade em externalizar essa posição de empreendedora, ela age como tal. Podemos inferir ainda que Lúcia afirma não se ver como uma empreendedora porque ela afirma não ser alguém que resolveu criar uma empresa para ganhar dinheiro, mas tão somente alguém que se uniu ao marido em seu projeto mais ambicioso de transmitir uma filosofia de vida alternativa: *“Começou a coisa mais com o objetivo de praticar a filosofia que a gente acreditava e passar pras pessoas”*. No entanto, como demonstrado anteriormente, Lúcia afirma que o restaurante era um sonho dos dois, já que ela comungava dos mesmos ideais. Além disso, de um ponto de vista pragmático, ela era sócia de João na abertura do restaurante.

Além de trazer a ambivalência entre continuar ou não com o restaurante, para Lúcia a morte de João foi um outro momento de ruptura que encontramos em nossa pesquisa. Entre possíveis caminhos futuros que poderiam ser traçados, Lúcia visualizou apenas duas possibilidades: *“se continuava ou não continuava”* com o empreendimento. E caso não continuasse, sua outra opção apresentada era de retornar a trabalhar como engenheira. No entanto, ela considerou que o restaurante era uma coisa sua também: *“mas como era uma coisa minha também que eu estava fazendo, porque era uma coisa que eu acreditava, um caminho de vida que eu me identificava, aí eu resolvi continuar”*.

O desconforto de Lúcia em tratar da questão das relações humanas no ambiente de trabalho, nos parece muito mais ligado a um despreparo para lidar com questões gerenciais. Ela afirma que, devido a uma afetividade construída com todas as pessoas com as quais se relaciona no restaurante, como fornecedores e clientes, isso lhe causa alguns problemas. Especialmente com aquelas pessoas que não entendem os princípios que orientam seu negócio. Para ela, as pessoas não podem ser vistas como coisas isoladas, *“como negócios”*. Assim, para Lúcia, o restaurante não poderia ser visto como um negócio voltado apenas para ganhar dinheiro. Mas, principalmente, para transmitir valores e educar as pessoas a se alimentar melhor: *“a gente não fazia por princípio. Não é porque queria só ganhar dinheiro, mas porque tinha que educar as pessoas a se alimentar. Então é por aí”*.

6.1.2 Trajetória de vida e construção de significados de Lúcia

Nesta parte do trabalho procederemos com a análise da trajetória de vida e a construção de significados de Lúcia, integrando os principais resultados identificados a partir dos indicadores obtidos na pesquisa. Para nortear esta análise estabelecemos alguns pontos de reflexão considerados como mais significativos nas narrativas de Lúcia para identificar e analisar a construção de significados durante seu curso de vida, a partir dos reguladores semióticos já apresentados, buscando entender o papel destes na atividade empreendedora.

No capítulo anterior separamos os reguladores semióticos como uma forma de melhor explicar pontos encontrados durante a coleta de dados que, sugerimos, guiam a trajetória de Lúcia. Devemos esclarecer que não se trata de estarmos criando categorias ou divisões na análise. Iniciamos pela adesão de Lúcia à macrobiótica, passando pelas rupturas e transições familiares e terminando por uma busca de entendimento de sua atuação como empreendedora.

6.1.2.1 A trajetória de vida e a construção de significados sobre a adesão à macrobiótica

Para a Psicologia Cultural, a cultura é entendida como processo semiótico, e não como uma entidade, constituindo as pessoas em uma troca constante entre a construção única do sujeito – cultura pessoal – e a cultura coletiva historicamente construída e reconstruída

(Valsiner, 2000: 2012a). Ou seja, a cultura coletiva regula o indivíduo no momento em que esta cultura passa a ser um autorregulador deste indivíduo, ou seja, quando ele internaliza os significados criados pela cultura coletiva ao seu redor, tornando-os parte da sua cultura pessoal. Passam a ser signos reguladores presentes na cultura pessoal.

Para Valsiner (2012a; 2014) o corpo humano é a arena do duplo processo de internalização e externalização, sendo que as duas partes desse processo são construtivas – as mensagens “que entram” são transformadas (internalização) compondo novas mensagens de “saída” para o mundo experienciar e, posteriormente, internalizar. Já a externalização é o processo de análise dos materiais pessoal-culturais intrapsicologicamente existentes (subjetivos), durante sua transposição do interior da pessoa para o seu exterior, modificando o ambiente externo como uma nova síntese desses materiais.

Como resultado, não há uma uniformidade ou semelhança entre a mensagem que foi internalizada e aquela que emerge como resultado do processo de externalização (VALSINER, 2012a; 2014). O indivíduo realiza sua própria síntese, individual e única. Em termos do acesso metodológico ao processo, a internalização só pode ser observada via alguma forma de externalização, onde os resultados da externalização alimentam o processo de internalização (VALSINER, 2012a).

Para definir o cenário de visualização dos processos de internalização / externalização, Valsiner (2012a; 2014), propõe o modelo de lâminas. Esse modelo envolve uma sequência de fronteiras que distanciam a infinidade pessoal interna daquela da infinidade externa do mundo exterior, sobretudo do Outro exterior. O uso dessa linguagem é intencional (o que não exclui o controle subconsciente de signos hipergeneralizados) – distanciando dentro do contexto (e não dele) implica a unidade dialógica designada por separação inclusiva – uma fronteira cria uma relação entre dois lados que são separados por ela. O processo de internalização precisa passar por duas camadas – I e II – antes de alcançar a esfera interna III. O processo de externalização precisa ocorrer de modo correspondente, na direção reversa daquela da internalização.

A Camada I pode ser vista como o campo de atenção não-voluntária em que é efetuada uma nova seleção de mensagens para processamento. A função da Camada I é amortecer a psique contra a miríade de mensagens recebidas que podem ser notadas, mas que a pessoa considera como uma espécie de “barulho” em um dado momento. Entre os tipos de fenômenos encontrados na Camada II estão a maioria das questões ordinárias nas interações humanas como política, negócios e psicologia. Podem ser encontrados discursos verbais –

diálogos internos da pessoa que envolvam material cognitivo junto com marcadores emocionais. Na Camada III, a estrutura pessoal de sentidos, subjetivamente apoiada, transforma a mensagem que entra e, assim, se torna integrada ao núcleo da pessoa através de um sabor claramente afetivo. Se isso acontece, a mensagem generalizada e reconstruída se torna integrada à estrutura do fenômeno intrapsicológico (VALSINER, 2012a; 2014).

Em nossa pesquisa identificamos como situado na camada I as mensagens que haviam nas décadas de 70 e 80 em circulação na sociedade acerca do movimento macrobiótico. Sabendo que os princípios da macrobiótica atingem o núcleo intrapsicológico de Lúcia, identificamos como o catalisador, dentre outros possivelmente não especificados, para a camada II a leitura da revista O Pasquim, como se segue no segmento de entrevista destacado abaixo:

L (SE50 – 3ª. E) – *Eu morava aqui pertinho. Passava na calçada do restaurante todo dia (restaurante macrobiótico que ficava próximo a sua casa). Uma vez eu senti curiosidade, entrei, comi, mas não me senti atraída e deixei pra lá. Aí, depois que li a reportagem: ‘ah! Esse negócio é interessante!’ Aí, eu descobri que tinha o outro (restaurante) aqui: ‘ah! Eu vou aproveitar e vou lá pra ver! Aí, foi que eu comecei a ir. E conheci outras pessoas, o movimento tava bem mais intenso! Não era só alimentação, era um critério de vida. Essa coisa toda que era a macrobiótica! Aí, eu fui descobrindo aos poucos. Aí, foi quando eu conheci João e pronto! A coisa aconteceu! Mas nunca tinha procurado antes, não!*

A partir daqui Lúcia se interessa pelo movimento macrobiótico e passa, por exemplo, a procurar por restaurantes especializados em comida macrobiótica, demonstrando um nível de racionalização das diversas mensagens que ela havia colhido sobre o assunto. Ainda que não integradas ao seu sistema pessoal de sentidos. Assumimos como o catalisador para a camada III de Lúcia seu casamento com João, quando ela assume os princípios da macrobiótica como prática de vida, construindo uma generalização integrada ao seu sistema pessoal de sentidos e aos seus afetos pessoais. A figura a seguir traz um esquema do modelo de lâminas na vida de Lúcia.

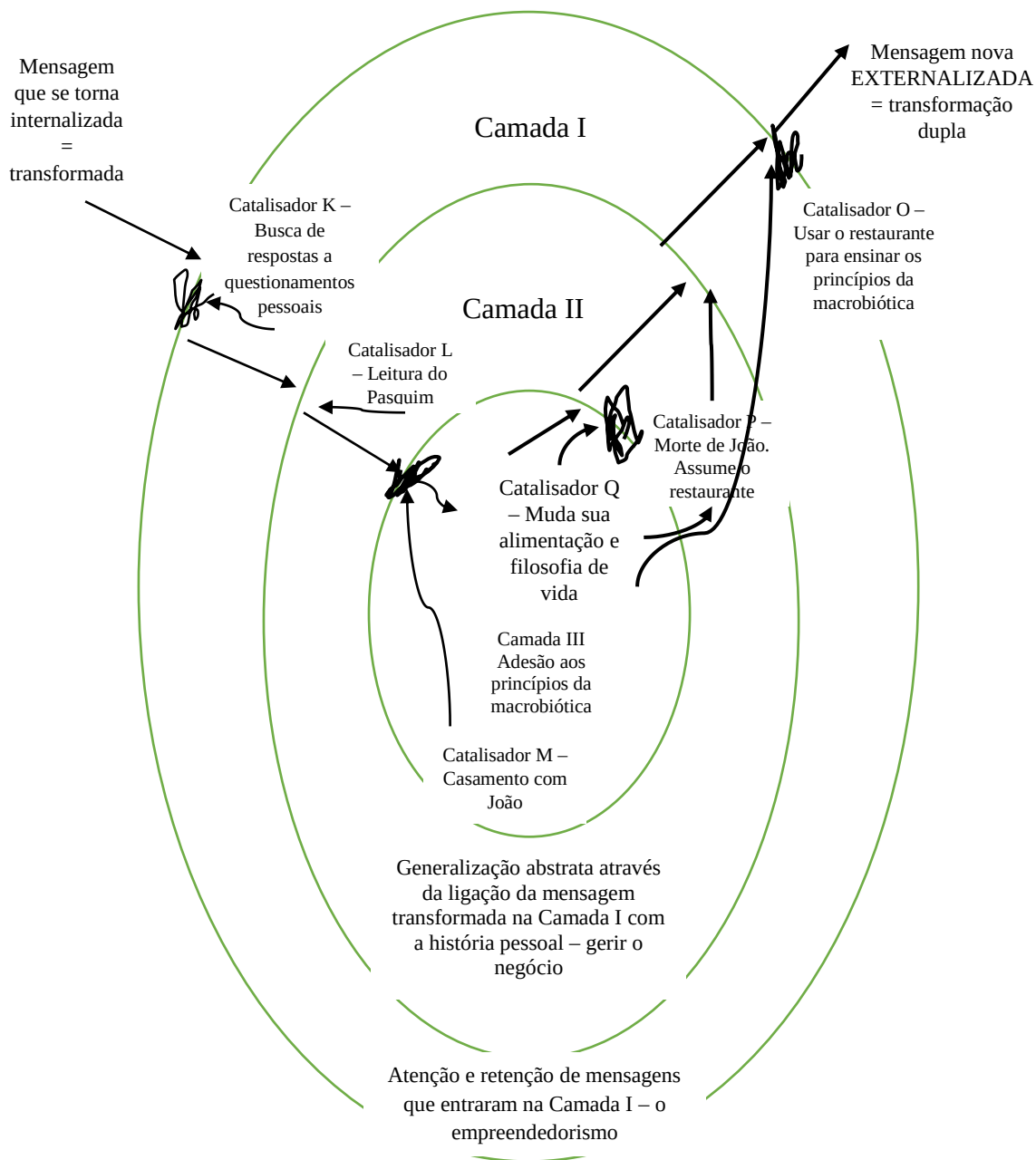


Figura 4 - Processo de internalização / externalização de Lúcia – Adaptado de Valsiner 2012a, 2014

A partir daí, Lúcia assume-se como macrobiótica mudando sua alimentação e adotando uma nova filosofia de vida, conhecendo outras pessoas que também faziam parte do movimento: *“conheci outras pessoas. O movimento tava bem mais intenso! Não era só alimentação, era um critério de vida. Essa coisa toda que era a macrobiótica! Aí, foi quando eu conheci João e pronto! A coisa aconteceu”!*

O processo inverso de externalização começa uma mudança de hábitos alimentares que, no início enfrenta uma certa resistência mesmo no seu ambiente familiar vinda tanto dos seus irmãos e irmãs como da própria mãe. Porém, nesse aspecto, Lúcia afirma que a resistência foi passageira e que sua mãe, por exemplo, logo passou a apoiá-la fazendo, inclusive, a marmita que ela levava para o trabalho com comidas macrobióticas:

L (SE51 – 3ª.E) – *Aí, minha mãe: ‘mas como assim, você não quer comer carne? Eu lhe criei você comendo isso e agora você não quer mais comer, não sei o quê’? Só que ela falou, mas ela resolveu ajudar. Porque eu ia pro trabalho, eu levava marmita que ela preparava! [...] Então, minha mãe começou a me ajudar, a cozinhar e fazia a minha marmita que eu levava pra XXX.*

A mudança da alimentação foi acompanhada de uma mudança na filosofia de vida. Aqui destacamos uma preocupação de Lúcia de, ao contrário do que ela observava em outras pessoas que passavam a seguir os princípios da macrobiótica, não se isolar dos amigos apenas por estes não serem também macrobióticos. Inferimos esse comportamento como mais uma forma de poder transmitir para as pessoas os princípios que ela acreditava, como no seu ambiente de trabalho em que ela era conhecida por ter sempre um chá que ajudava pessoas que estavam com pequenas indisposições:

L (SE52 – 3ª. E) – *Porque teve gente que virava macrobiótico e se isolava. Então, as pessoas diziam que quem virava macrobiótico ficava antissocial, porque as pessoas se isolavam! E eu procurei sempre ter cuidado com isso! Chegava na sexta-feira, o pessoal saía pra tomar uma cervejinha, eu ia! Entende?*

L (SE8 – 3ª. E) – *Eu chamava a atenção, porque eu levava a minha marmita e uma garrafa de chá! E, todo mundo tinha a cultura do cafezinho, né? No ambiente de trabalho! E eu nunca gostei muito de café, eu tomava pouco café. Daí, eu levava uma garrafa de chá e acontecia uma coisa muito engraçada: às vezes as pessoas estavam doentes, com uma indisposição digestiva ou meio gripada, aí dizia: “vamos lá na sala de Lúcia, que lá tem um chazinho”! Aí, iam atrás do chá! (rs)*

L (SE 53 – 3ª. E) – *E os meus amigos, a maioria, hoje por obrigação, reconhece o valor dessa alimentação. Quando vão na minha casa que comem o que eu ofereço, gostam, elogiam.*

Iniciar o restaurante é também uma forma de externalização de seu material pessoal-cultural intrapsicologicamente existente ligado aos princípios da macrobiótica, atingindo a camada interpessoal, quando Lúcia afirma querer usar o restaurante para divulgar esses princípios: “eu, Lúcia, me identifico muito com isso (princípios da macrobiótica), então eu

procuro conduzir minha vida dentro desses princípios. Não são fáceis, mas eu quero passar isso pras pessoas”.

Para Lúcia, a adesão à macrobiótica é fruto de questionamentos surgidos durante sua juventude. Para ela, a juventude explica desde sua escolha pela faculdade de engenharia elétrica até sua adesão à macrobiótica. Abaixo destacamos alguns segmentos das entrevistas para exemplificar nossa afirmação inicial:

P - Eu queria que você me falasse como você escolheu ser engenheira elétrica?

L (SE54 – 3ª.E) – *“Rapaz, eu acho que a juventude, né? Eu era jovem e fiquei em dúvida entre três profissões”.*

L (SE55 - 3ª.E) – *“[...] eu fiquei em dúvida entre economia, em agronomia porque eu sentia atração pelo campo e em engenharia...eu vi uma reportagem sobre geração de energia...eu era jovem com 17 anos quando eu decidi isso. Eu vi uma reportagem sobre geração de energia e me atraiu muito”.*

P - Você disse que as pessoas se sentiam incomodadas quando viam você comer diferente daquilo que as pessoas usualmente comem? E aí, como era esse incômodo das pessoas?

L (SE56 – 3ª.E) – *“A gente descobre que as grandes mudanças no mundo vêm através da juventude, do questionamento da juventude”.*

L (SE57 – 1ª.E) – *“Tem um movimento muito parecido com a macrobiótica dos anos 70, quando ela começou aqui no Brasil, que são os veganos. São um grupo de jovens e eles, o objetivo deles é defender os animais. Então, por conta de defender os animais, eles não consomem nada de origem animal, nem roupa, nada, nada, nada”.*

L (SE58 – 3ª.E) – *“Você vem, você chega na juventude e você começa a questionar os padrões que existem. Então, quem fez as grandes mudanças, foi através da juventude”!*

L (SE59 – 1ª.E) – *“Porque a gente começou a macrobiótica nos anos 70, a gente tava vindo de encontro a muita coisa daquela época. Assim, questionando muita coisa, jogando muita coisa pra cima”.*

Zittoun (2006a) afirma que nas sociedades democráticas modernas, a juventude é um período onde as pessoas mudam seus espaços sociais, ocupações e, às vezes, estado civil – tudo isso separada ou simultaneamente. Assim, a juventude implica em múltiplas rupturas e transições, mudanças dentro das esferas de experiência de cada um.

Simetricamente, o período de transição da juventude é um período em que a pessoa começa a ter um papel atuante na sociedade. De agora em diante, é esperado que a pessoa tenha uma participação atuante no consumo e produção de opiniões, ideias, informações e

outros elementos simbólicos – seja como trabalhador, eleitor, formador de opinião, consumidor ou pai – apresentando alguma forma de externalização (ZITTOUN, 2006a).

Para Zittoun (2006a; 2006b; 2009) em uma trajetória de vida, a ruptura leva a pessoa a novas ideias, novas soluções, ou novas formas de agir e pensar. O primeiro critério para considerar um evento como uma ruptura significativa é que ele é, subjetivamente, consciente ou inconscientemente, percebido pela pessoa como questionando seu senso de *self* e de continuidade. Da perspectiva de uma pessoa, a ruptura é percebida quando suas representações e compreensões de determinada parte do mundo não são mais adequadas para apreender e compreender uma dada experiência (ZITTOUN, 2006b).

Na trajetória de vida de Lúcia, marcamos a adesão à macrobiótica como o ponto de bifurcação que caracteriza um ponto de ruptura, relacionada a um momento em sua vida em que ela buscava respostas a questionamentos pessoais, como por exemplo, sobre a carreira profissional e o futuro ambiente profissional que a esperava com o término da faculdade de engenharia elétrica em contraste com a qualidade de vida que ela pretendia ter na vida: *“Mas, eu tava questionando as coisas, assim! Não tava satisfeita! Não era só aquilo que eu queria da vida! Trabalhar, ganhar dinheiro, a vida que as pessoas tinham! Não me satisfazia! Eu queria alguma coisa mais”!*

Para Lúcia a macrobiótica era uma coisa que a atraía e com a qual ela se identificava, pelas respostas que ela obtinha aos seus *“questionamentos de vida”*. Valsiner (2012a) afirma que à medida que os criamos e utilizamos, os signos vão regular a si próprios (autorregulação) e aos processos a que se focalizam, assim como a outros signos (heteroregulação). Identificamos a macrobiótica como um signo autorregulado que orienta suas experiências na trajetória de vida, regulando o papel de outros signos em sua conduta (heteroregulação).

Lúcia aderiu à macrobiótica no seu último ano da faculdade de engenharia elétrica em um período de busca de uma colocação profissional mais concreta, lidando com todas as tensões de um ambiente de trabalho em que ela já começava a atuar como estagiária em uma grande empresa siderúrgica. Chamou a nossa atenção o fato de Lúcia destacar, como algo marcante naquela época, a questão da sua idade aliada ao fato de ser mulher, exercendo a prática da engenharia elétrica:

L (SE60 – 3ª. E) – *A vida estudantil, assim, foi uma vida... eu estagiei! Eu fiquei bem encaminhada. Eu fui uma aluna, vamos dizer assim, uma aluna mediana. Fui monitora de cálculo, ééé... nos dois últimos anos, consegui um estágio em uma siderúrgica que tinha aqui na época, XXX. Um estágio concorrido, que não era fácil,*

principalmente mulher! Ao longo do curso realmente tinha poucas mulheres na sala, principalmente em engenharia elétrica.

L (SE61 – 3ª. E) – *Era uma siderúrgica que tinha a parte de fundição, de siderurgia e de oficina. Então, eu andava por dentro da fábrica, tinha a parte administrativa... tinha as secretárias... então, de mulher atuando, assim... chegava a ser meio... mas o pessoal sempre me respeitou, assim! Nunca... **(pensativa, como se estivesse rememorando e avaliando o que acontecia na época – ou o que vai falar)** chamava a atenção! Uma mulher e ainda mais estagiária! Nova, **(atuando)** no campo, não sei o quê! Mas o pessoal não me desrespeitava, não. Mas, causava uma certa estranheza, sim”!*

L (SE62 – 3ª. E) – *O estágio foi no quarto ano! Porque, assim, eu era a mais nova de idade. Mas como eu era mignonzinha, não sei o que... eram três mulheres **(no curso de engenharia elétrica)** porque quando a gente terminou o básico, aí vai todo mundo pra noite. Porque os profissionalizantes eram só à noite. Aí, separou as engenharias. Porque engenharia elétrica mesmo só tinham três mulheres, eu e mais duas.*

Aqui destacamos o papel que a engenharia também possui na vida de Lúcia. Apesar de ter abandonado sua carreira profissional como engenheira e de todos os questionamentos que ela fazia quanto ao que se apresentava adiante de sua vida profissional, há uma identificação de Lúcia com a sua formação inicial como engenheira, que permanece até hoje. Seja na habilidade e autonomia de tomada de decisão na administração do restaurante seja no envolvimento dela na comissão de obras do condomínio em que mora. Selecionamos segmentos de entrevista que nos permitem ilustrar nossa afirmação:

L (SE63 – 3ª. E) – *Mas eu gostava de engenharia! Eu fazia um trabalho que sempre me atraía, era um trabalho que me atraía. Quer dizer, é... agora o sistema, essas coisas, as relações, como as pessoas viviam, isso é que eu questionava, essa filosofia.*

L (SE64 – 3ª. E) – *Ó, por exemplo, hoje, por exemplo, no meu prédio tá tendo uma reforma. Eu tenho muita facilidade pra, essas coisas mesmo de engenharia. [...] No meu prédio tá fazendo uma reforma, assim. Tá trocando toda a fachada, porque é aquela pastilha, por cerâmica. Eu terminei me envolvendo com essa obra. [...] O edifício são dois blocos de sete andares. São vinte e oito apartamentos. É lá em Parnamirim. Aí, eu sei que criou-se essa comissão de obras. E eu não podia ficar fora dessa comissão.*

L (SE65 – 3ª. E) – *Essas coisas me atraem, essa parte da engenharia, até hoje é uma coisa que eu gosto! Isso, até na administração do restaurante me ajuda! [...] Assim, as decisões! É, as coisas que tem que ser resolvidas! Quebra uma coisa, eu tenho que consertar essa coisa! Como? Vamos tentar! Vamos chamar! Vamos resolver! Vamos consertar! Eu pego, eu subo escada, eu troco uma lâmpada, entende?*

L (SE66 – 3ª. E) – *Eu também tenho uma certa noção de como funciona as coisas, de decisão, de perceber a situação, né? Da parte do meu curso de engenharia, é um curso que me é muito útil! Ele me deu uma visão de como lidar com os relacionamentos, eu vejo pra decidir as coisas, até pra administrar ele me ajuda muito! [...] O que eu aprendi, entende? O curso de engenharia é muito mental, ele é muito cálculo, muito raciocínio.*

No entanto, apesar desse papel importante da engenharia na vida de Lúcia, destacamos a seguir um trecho da terceira entrevista em que pedimos a ela para imaginar como as coisas teriam sido em sua vida se ela tivesse continuado na carreira de engenheira eletricista. Lúcia afirma que chegou a fazer isso após o falecimento de João, quando precisou decidir entre fechar o restaurante e voltar para a área de engenharia ou continuar com o empreendimento. Porém, ela reitera uma visão de que a engenharia é “*uma profissão muito masculinizante*”:

L (SE67 – 3ª. E) – *Eu pensei em voltar! Mas, assim, é porque eu achava engenharia... e é! Não é que eu achava! É uma profissão muito masculinizante! Muito, como é que digo, assim, é... muito dura. Você lidava muito... porque você lida do peão ao diretor da fábrica. E eu tive essa experiência como estagiária, porque eu coordenava a peãozada e respondia a um diretor. Ficava entre os dois, assim. Me atraiu, assim! Não é que eu não... (gostasse)! Tinha essa questão de horário, de trabalhar longe, essa coisa toda! Mas eu acho que eu teria me dado bem profissionalmente.*

Em paralelo a sua busca por respostas a seus questionamentos, marcada aqui pela descoberta da macrobiótica, Lúcia conhece João em 1980, em seu último ano da faculdade, aos 23 anos de idade. Em seis meses eles se casam e após um mês de casados, Lúcia engravida de seu primeiro filho, tornando-se mãe aos 24 anos. A macrobiótica e conhecer João marcam esse momento de ruptura: “*Quando eu descobri a macrobiótica, eu descobri João! E com seis meses que a gente se conheceu, a gente casou*”.

No entanto, antes de conhecer João, em sua busca por respostas, Lúcia faz uma tentativa de contato com D. Helder Câmara, à época arcebispo de Olinda e Recife, através do projeto missionário que ele desenvolvia. Ela, no entanto, afirma que não teve “*muita facilidade, tive algumas dificuldades*” no relacionamento com o movimento capitaneado pelo arcebispo. Essas dificuldades se referem ao fato de Lúcia não ter conseguido falar pessoalmente com D. Helder, mesmo tendo procurado por ele várias vezes.

Naquele momento de seu curso de vida, ela buscava por uma figura de referência para orientá-la em suas dúvidas: “*Eu procurei uma vez, aí eu não consegui falar com ele. [...] Assim, não apareceu uma pessoa que me atraísse, que me estimulasse*”! No caso da macrobiótica, João foi essa pessoa. Portanto, dentro de uma trajetória imaginada, se Lúcia

tivesse conseguido falar com D. Helder, será que o momento de ruptura a ser analisado em seu curso de vida a partir daí, teria sido diferente?

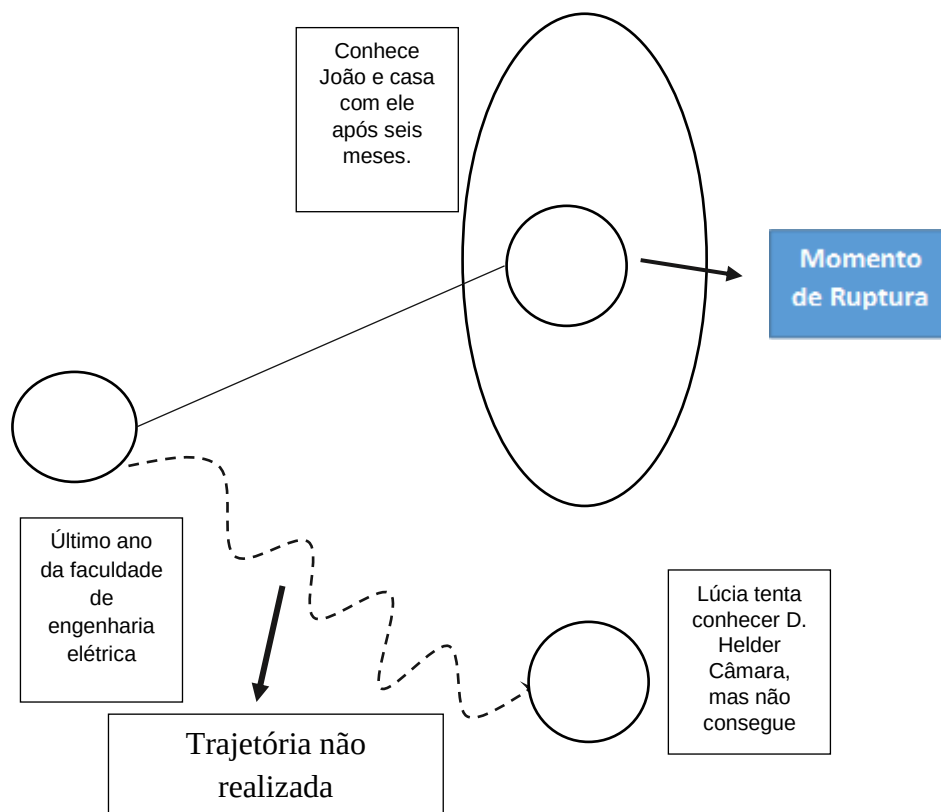


Figura 5- Trajetória da 1a. Ruptura: Lúcia se casa com João e se insere no movimento macrobiótico. Trajetória não realizada: Lúcia tenta conhecer D. Hélder Câmara

Mesmo entendendo que a macrobiótica não se trata de um movimento religioso, a adesão de Lúcia à macrobiótica é aqui inferida como uma espécie de conversão religiosa, nos efeitos que ela traz quanto à sua percepção dos valores praticados pela sociedade e na forma como ela internaliza e processa esses valores. Relacionamos esse processo ao que Valsiner (2014) apresenta como sendo característicos nos casos de conversões a movimentos religiosos que são vistos como estranhos aos contextos sociais locais. Os seres humanos podem criar seus próprios futuros, pessoalmente significativos. E isso, frequentemente, implica agir de formas que são diferentes das expectativas sociais locais.

Lúcia afirma, por exemplo, que se não tivesse abandonado a engenharia e seguido seu caminho com João no restaurante, ela não teria mudado e descoberto as coisas que descobriu na sua vida espiritual: *“Não sei, ééé... se eu teria descoberto as coisas que eu descobri, na vida espiritual, entende? E essas coisas mais humanas! Eu acho que a engenharia não é tão*

humana”. Para ela, seguir a engenharia não a permitiria expressar sua humanidade para com as pessoas. O que ela pode fazer, à frente do restaurante:

L (SE68 – 3ª. E) – *Essa parte de humanidade, de relações com as pessoas! Eu sou muito, assim, eu me envolvo muito! Emocionalmente com as pessoas! Eu não sei lidar com uma pessoa e não me envolver. Aqui, as funcionárias têm um problema, quando eu vejo, já estou resolvendo o problema delas! Porque, se eu vejo, assim, a pessoa tá com um problema! Eu sei... o caminho que eu posso ajudar, eu não consigo ficar parada, sem me envolver! E, outra coisa, é isso que eu já lhe disse, assim, eu misturo muito essa coisa de gestão com essa parte humana. Que isso não dá certo! Termina dando confusão!*

No entanto, justamente por essa busca de desenvolver sua humanidade, inferimos que Lúcia vive uma ambivalência surgida nos relacionamentos oriundos do regulador semiótico *tornar-se empreendedora* (itálico nosso). Como alguém que valoriza os relacionamentos, que valoriza essa ligação emocional com as pessoas, Lúcia procura construir uma ligação pessoal na gestão do restaurante. No entanto, as decepções causadas pelas posturas dos outros participantes desses relacionamentos: clientes, fornecedores, funcionários, concorrentes e agentes do estado, é algo que para Lúcia se configura como um dos grandes desafios em sua caminhada como empreendedora:

L (SE69 – 2ª. E) – *Olhe... uma grande dificuldade é o ser humano, é a relação com as pessoas. Tanto os funcionários como os clientes. Porque são duas coisas assim, bem diferentes e você tem que ter muita habilidade nessa coisa de relação pessoal. [...] porque a gente interage muito, interage com fornecedor, interage com o concorrente, interage com o funcionário, chega um momento que a gente... você se envolve muito com o cliente, trata como amigo e depois vê que não é amigo, é cliente! Essa questão das relações humanas, eu acho que são muito difíceis! Principalmente, quando você não está visando só negócio, só o lucro!*

L (SE70 – 2ª. E) – *Tudo, assim! É... a relação com o fornecedor. Eu até tenho, assim, tenho uma equipe pequena de fornecedores, o pessoal legal, mas você tem que ter cuidado. Porque, não sei se... como é que eu vou te dizer isso... os impostos que a gente paga, me deixam muito chateada! Assim, no Brasil, o pequeno é tratado sem muita... como se fosse um grande! [...] Aí, chega aqui no restaurante. No restaurante eu não uso quase gordura nenhuma. É um universo pequeno! Aí, vai e me trata como se eu fosse um restaurante igual a todo mundo! Fui obrigada a construir uma caixa de gordura imensa no quintal. É... enquanto que a casa vizinha tem um esgoto aberto, a céu aberto. Denunciei, mas não fizeram nada, entende?*

L (SE 71 – 1ª. E) – *O ambiente não é grande, é pequeno, não é grande! Puxa! Não tem como não ficar conhecendo coisas da vida do cliente. E o cliente conhece também coisas do restaurante, da venda, racionamento. Mas só que na hora o dinheiro pesa, fala mais alto, né? Assim, eu posso dizer que eu tenho alguns clientes que são clientes amigos, que eu sei que posso contar com eles, assim. Mas tem outros que eu sei que*

na hora “H” é o dinheiro que vai pesar. Tipo aquela coisa, “tô pagando”! como já aconteceu, assim, cenas assim. Se confundir. Aí, isso também eu acho que eu não sei lidar com isso, eu me envolvo muito nessa questão da afetividade, mesmo com o funcionário eu me envolvo muito, porque eu não consigo ver as pessoas isoladas, como um negócio. Muito complicado isso!

Os hábitos alimentares macrobióticos de Lúcia chamavam a atenção nos ambientes sociais que ela frequentava. Para ela, a alimentação é também uma questão cultural e não seguir esses padrões alimentares normais pode ser algo chocante para outras pessoas. A seguir, destacamos alguns excertos de entrevista que ilustram nossa afirmação:

L (SE72 – 1ª. E) – *As contestações todas que aconteceram com relação à alimentação, porque a alimentação é uma coisa muito importante. e isso eu só descobri depois mesmo. A vida das pessoas... éééé.... é cultura, né? E ela incomoda tanto que quando as pessoas veem você comendo diferente ficam incomodados, assim. Tem alguma coisa errada, né?*

A cultura coletiva vigente à época (início dos anos 80), tinha uma imagem de que aqueles que passavam a seguir estilos alternativos de viver e de se alimentar, haviam se tornado *hippies*. Daí essa mudança no comportamento de Lúcia fazia com que “as pessoas sempre perguntavam isso, se eu era hippie, coisa assim”.

L (SE73 – 3ª. E) – *Aí você, nos anos 70: não! Não vou mais comer carne! Vou comer só arroz integral! Que não era fácil de ser comprado. Então, você estava fazendo uma coisa totalmente diferente do padrão, começava a chamar a atenção! As pessoas começavam a questionar. Tá doida? Aí, era enquadrado como hippie! Todo mundo começava a dizer: É! Virou hippie!*

Lúcia assumiu os princípios da macrobiótica como prática de vida e, dessa forma, inferimos seus hábitos alimentares como sendo parte dos processos de externalização dos princípios da macrobiótica. Em nossa pesquisa assumimos que os princípios da macrobiótica são generalizados até atingirem a camada III (VALSINER, 2012a; 2014) de Lúcia, construindo uma generalização integrada ao seu sistema pessoal de sentidos e aos seus afetos pessoais. A macrobiótica transforma sua maneira de se relacionar em todas as esferas sociais nas quais Lúcia transita:

L (SE74 – 1ª. E) – *Porque a macrobiótica pra gente ela não é só comer, ela é um estilo de vida. Então era tudo muito interligado, a forma de você viver, como você se relacionava com as outras pessoas. Teve um impacto em casa, em todo lugar.*

Assumimos que dentro do regulador semiótico formar uma família, foi o casamento com João o catalisador que levou Lúcia a internalizar na sua camada III esses princípios da

macrobiótica. Pois, apesar dela já conhecer o movimento macrobiótico antes de conhecer o marido, ele se torna o responsável por fazê-la conhecer mais profundamente os princípios dessa filosofia: *“Ó, assim... descobrir macrobiótica teve muito a ver com ele, claro! Como eu o conheci, como ele passou pra mim, porque a macrobiótica é uma filosofia”*.

Desse aprofundamento nos conhecimentos acerca dessa filosofia, além dos hábitos alimentares, em mais uma forma de externalização dos significados que Lúcia acerca dos princípios da macrobiótica, ela começa, juntamente com o marido João, um restaurante especializado nessa gastronomia. Sendo que o restaurante é considerado como um braço de um movimento maior, referido por Lúcia *“como um sonho de João em fornecer alimentos com qualidade para as pessoas”*.

Identificamos ainda como campos afetivos de Lúcia, ou seja, atividades rotineiras e rituais que ela pratica para reforçar sua filosofia de vida, experiências que deflagram sentimentos que retroalimentam seu sistema de vida, a prática regular da meditação e da yoga. Ela afirma que essas duas práticas são duas coisas que a atraem bastante e que respondem (assim como ela se refere à macrobiótica) muitas das suas necessidades e questionamentos:

L (SE75 – 3ª. E) - *Por exemplo, hoje, eu pratico, eu gosto muito da meditação! Faço parte de um grupo de estudo de meditação. Essas coisas sempre me atraíram. Ééé... e yoga! Meditação e yoga são coisas que me atraem e me respondem as minhas necessidades, assim, os meus questionamentos. Yoga através da movimentação, da respiração. A meditação que faz muitos estudos. Mas ainda eu acho que... porque, por exemplo, você faz yoga com o objetivo de desenvolver, de se elevar espiritualmente, essa coisa toda. Porque a maioria das pessoas que fazem yoga, elas são vegetarianas. Geralmente, quando você vai sensibilizando, você vai perdendo a atração e vai vendo que não tem a necessidade de tá comendo animais, não é? Isso é uma coisa que acontece espontaneamente. Ééé... a meditação, quando você começa a meditar, quando você medita, você vai tendo outras percepções, enxergando outras coisas, vai sensibilizando mesmo.*

Lúcia vê na prática da yoga uma maneira de se desenvolver e evoluir espiritualmente. E como resultado da sensibilização decorrente desse processo, há um desenvolvimento integral onde o indivíduo tanto vai perdendo a atração por determinados alimentos como desenvolvendo percepções mais amplas do mundo que o cerca.

Como vemos na narrativa de Lúcia quanto a uma prática singular de seu grupo que é de realizar encontros de *“um dia de silêncio! Você vai passar um dia em silêncio”*! A finalidade dessa iniciativa é a de acalmar a mente, procurando esvaziá-la de todo tipo de pensamento de modo a *“abrir os canais de percepção”*. Assim: *“A ideia é você se*

sensibilizar pra perceber outras coisas e você melhora, você se acalma, você entende melhor as pessoas, você se relaciona, você muda”! Entendemos que Lúcia usa atividades como essas como um reforço da filosofia de vida que ela assumiu após sua adesão à macrobiótica. E essa adesão está sempre se desenvolvendo, a partir de novos conhecimentos e experiências que ela vai adquirindo e experienciando – num processo interminável de internalização e externalização.

Lúcia refere-se como uma das suas práticas mais importantes na vivência com a macrobiótica, seguir os chamados Princípios da Autoeducação Vitalícia sistematizados pelo professor Tomio Kikuchi. Dentro desses princípios sistematizados, estão as chamadas “*quatro liberdades do ser humano*”, às quais Lúcia se refere como para reforçar a macrobiótica como uma filosofia e uma prática que não se preocupa apenas com a alimentação. A seguir, apresentamos trechos da primeira entrevista de Lúcia em que ela explica cada uma dessas quatro liberdades:

L (SE76 – 1ª. E) – *São quatro coisas assim, bem básicas que o professor Kikuchi chama as quatro liberdades do ser humano, que é comer, quando você nasceu ninguém come mais com você, só você!*

L (SE77 – 1ª. E) – *Aí, vem comer, depois vem respirar, ninguém respira por você e a gente não é educado pra respirar. E a respiração é uma coisa muito importante. O oxigênio ele energiza, desintoxica muita coisa. Essa é uma coisa que a gente faz nos exercícios de meditação e de yoga. Isso é importantíssimo!*

L (SE78 – 1ª. E) – *[...] são coisas simultâneas: comer, respirar, movimentar. O sistema é altamente sedentário, estimula facilidades e depois ainda bota você em academias com ar condicionado, cheio de máquinas pra você se movimentar. Por que não ao ar livre, no parque, na natureza?*

L (SE79 – 1ª. E) – *E o pensamento. A mídia tá aí pra não deixar ninguém pensar! Então, essas quatro coisas o sistema hoje estimula a fazer das piores formas possíveis. Você tem que ter percepção e sensibilidade pra se livrar disso. Então, o pensamento da gente é esse, fazer as coisas integradas.*

Lúcia procura praticar essas quatro liberdades, que ela também chama de princípios básicos da macrobiótica, em atividades diárias. E chama a atenção para a importância de aplicar esses princípios, independentemente de o indivíduo ser ou não macrobiótico, para a busca de uma maior qualidade de vida. Como práticas pessoais na observância desses princípios, na alimentação a sua ingestão de proteína animal se resume a peixe, mas “*eu consigo passar a semana sem comer peixe. Não me faz falta*”! Ela não come carne vermelha

e, eventualmente, galinha de capoeira. Já o açúcar, que deve ser evitado por aqueles que seguem os princípios da macrobiótica (CALADO, 2014; FERNANDES, 2015), para ela “*o açúcar é uma droga, vicia*”! Vale lembrar que açúcar foi o produto que ela mais teve dificuldades em deixar o consumo quando se tornou. Daí, ainda hoje, ela se permite eventualmente consumir bolo e refrigerante, por exemplo.

Na prática da movimentação, além da yoga que ela pratica em uma academia duas vezes por semana, ela também procura realizar seus exercícios em casa, “*quando dá tempo*”, associada a movimentos da ritmoprática¹ e técnicas de respiração. Na respiração, ela procura desenvolver esse princípio também através da yoga. Já o pensamento, está ligado “*a liberdade de pensar. De não deixar de questionar e se perguntar o porquê das coisas. Questionar as coisas*”.

Segundo Valério e Lyra (2014), as mensagens que circulam na sociedade formam o sistema de controle redundante, de onde surgem os signos hipergeneralizados. Porém, existe a possibilidade de quebra/resistência desses reguladores semióticos e, quando isso acontece, as transformações/reconstruções culturais podem ocorrer, resultando na transformação dessa ordem social.

No processo de internalização/externalização vivido por Lúcia em sua adesão à macrobiótica, identificamos uma quebra dos reguladores semióticos relativos a costumes ligados à alimentação e a práticas de vida. A partir de seus relatos, nomeamos em sua trajetória de vida que o signo hipergeneralizado a funcionar como um guia é o da *busca pelo divino* (itálico nosso), numa busca por uma transcendência, diferenciando-se do ambiente de pensamentos apegados a um materialismo e consumismo exacerbados, atingindo um patamar superior de valores e práticas.

De acordo com Valsiner (2012a) uma vez que esteja estabelecido em uma versão hipergeneralizada, um signo se torna um signo promotor quando canaliza ações futuras e, sobretudo, quando é internalizado sob a forma de sentimentos. Segundo Valsiner (2012a, p.

¹ Ritmoprática se constitui na aplicação de técnicas de ginástica e trabalho corporal voltadas ao aproveitamento prático do ritmo. Ritmo, segundo os princípios macrobióticos aplicados pelo professor Tomio Kikuchi, é “o desequilíbrio harmonioso, no espaço e no tempo, de elementos expressivos, com alternância de valores de diferente intensidade, de forma regular e periódica”. Assim, a vida precisa ser considerada como tendo ritmo (KIKUCHI, 1998).

53) os “signos promotores são profundamente internalizados e operam como orientações pessoais baseadas em valores”.

O papel promotor desses signos estabelece a gama de fronteiras de significados possíveis para as experiências futuras no mundo. E essa criação constante de significados através do tempo futuro, no caso de Lúcia, é fundamentada nos princípios da macrobiótica. Esse signo hipergeneralizado de busca pelo divino se torna um signo promotor tipo campo que nomeamos sinteticamente *desenvolver uma integralidade de vida* (itálico nosso) e que colore cada momento de Lúcia com o ambiente. Esses sentimentos de Lúcia, alcançaram o estado mais alto de generalização, ou seja, hipergeneralização semioticamente mediado (VALSINER, 2012a). Considerando que nessa generalização, a pessoa tem o sentimento, mas não consegue expressá-lo diretamente em palavras, optamos por destacar trechos das entrevistas de Lúcia que nos permitiram inferir o signo hipergeneralizado e o signo promotor:

L (SE80 – 1ª. E) – *Até hoje tem coisas que... porque assim, na verdade, não é a macrobiótica em si, é como se fosse uma reeducação vitalícia. É um estilo de vida que você se identifica. Eu me identifico, assim, com todas as minhas respostas de vida, questionamentos, tem o budismo que eu admiro muito. Tem muitas coisas. Mas, querendo ou não, são complexas como o que eu descubro nisso, sabe? Só que não são fáceis de você vivenciar, porque depois você tem que estar entendendo, é uma cultura oriental que veio e você tem que adaptar, tem que ver.*

L (SE81 – 3ª. E) – *Eu acredito que, existe uma energia, uma coisa superior a nós aqui, ao ser humano, uma ordem! Pra mim, o que existe superior é a ordem da natureza! Existe uma ordem na natureza! Tá aí. O dia, a noite e a gente girando em torno do sol, a gente na distância certa, a lua, os ciclos da natureza. Isso é uma ordem da natureza! Isso é a força maior que gera a gente. Isso tem uma energia, que quando a gente já nasce, a gente absorve essa energia. Através dos alimentos, da respiração. Eu acredito nisso! Eu acho que isso, ééé... quer a gente queira, não queira, isso está ao redor da gente. Não tem como o ser humano escapar disso.*

L (SE82 – 3ª. E) – *Eu acho que a gente... existem as heranças genéticas, porque nós somos frutos de quantas pessoas que vieram atrás da gente, né? Então, essas energias vão passando. Do mesmo jeito que é a genética, física, lá atrás! Dez pessoas antes do seu tataravô! Você vê que foi vindo, foi vindo! Quer dizer, alguma coisa tem ainda na parte física, genética. E tem também nessa parte de sensibilidade, espiritualidade. Na meditação, fala muito da memória celular das coisas. Na sua célula fica a memória da sua parte espiritual, energética! Da energia! Porque a gente é energia mesmo! O que é que você é? Você é energia que a gente não enxerga, mas que é, existe! Entende? Está fluindo aí, aqui uma energia!*

Destacamos ainda atividades que servem também como um reforço na posição de Lúcia em relação à macrobiótica. Em paralelo às atividades comerciais do restaurante, o casal

inicia um projeto chamado de Centro de Autoeducação Vitalícia que usava o restaurante como sua base de apoio: *“A base física, o apoio físico do Centro sempre foi o restaurante, entende? Então, a gente tinha uma atividade comercial e uma atividade educativa, que na verdade, elas não eram separadas, elas eram bem misturadas”*. O Centro serve como uma iniciativa para disseminação das práticas da macrobiótica, através de atividades educativas como aulas de culinária, palestras e encontros.

Esse Centro segue os moldes do que foi montado pelo professor Tomio Kikuchi, introdutor da macrobiótica no Brasil em São Paulo, chamado de Centro Internacional de Autoeducação Vitalícia. Faz parte da prática dos movimentos macrobióticos associar à difusão dos conhecimentos sobre alimentação, atividades ligadas à educação das pessoas como uma forma de transmitir seus conhecimentos e princípios (CALADO, 2014; FERNANDES, 2015).

Tomio Kikuchi é japonês e imigrou para o Brasil em 1955, sendo o responsável pela introdução e disseminação da macrobiótica no Brasil, como um discípulo direto de George Ohsawa (CALADO, 2014). João, por sua vez, teve um envolvimento intenso com os princípios pregados pelo professor Kikuchi nesse Centro Internacional em São Paulo: *“Ele tinha passado um processo de macrobiótica bem intenso”*. Desse modo, o principal responsável por transmitir a Lúcia e às pessoas que faziam parte de seus círculos de relacionamento os princípios da macrobiótica foi João, que já dominava e vivia esses princípios: *“João era uma pessoa muito empenhada nisso, era conhecedor e trouxe o movimento do professor (Kikuchi) e se juntou a outras pessoas que também estavam começando aqui com a macrobiótica”*.

As atividades do Centro criado por Lúcia e João atuam como criando mensagens redundantes de Lúcia no seu processo de desenvolvimento como seguidora dos princípios da macrobiótica. Inferimos que as atividades educativas, palestras e outras atividades realizadas pelo Centro servem como mecanismos de controle (VALSINER, 2012a) que reforçam sua posição como macrobiótica. Lúcia atuava essencialmente como organizadora de todas as atividades realizadas pelo Centro, além de ser responsável pela gestão administrativa do mesmo.

Também servem como mensagens redundantes nas ligações sociais construídas com outros seguidores da macrobiótica: *“Aí, tinham as pessoas que se atraíam. Por exemplo, a gente tinha um grupo macrobiótico grande também, que convivia, fazia as atividades, fazia*

atividade com criança, palestra, seminário, aula de culinária, tudo. Então, tinha um universo macrobiótico grande, né”?

Além disso, quando João ainda estava vivo, Lúcia afirma que eles viajavam ao menos uma vez por ano para São Paulo e ficavam hospedados no Centro do professor Kikuchi: *“A escola do professor, que a gente ia uma vez por ano lá em São Paulo, passava oito dias lá”*.

Também verificamos que Lúcia se vale da divulgação de estudos científicos diversos que estimulam as pessoas a adotar uma alimentação mais saudável, como também mensagens redundantes de seus princípios alimentares. Apesar de não se declarar vegetariana ou vegana, ela usa esses dois movimentos, que tem crescido atualmente, como exemplos de uma mudança na percepção da sociedade quanto à forma correta de se alimentar. A seguir, apresentamos segmentos de entrevistas que embasam nossa afirmação:

L (SE83 – 1ª. E) – *As pessoas comem na rua e a alimentação saudável está sendo cada dia mais divulgada, mais procurada. E, hoje, a medicina, a ciência, todo mundo fala de alimentação. [...] Hoje, você vai para um médico, dificilmente um médico que se você tiver uma doença crônica não vai falar de alimentação.*

L (SE84 – 1ª. E) – *[...] a maioria das doenças, aliás, as doenças todas tem a ver com a alimentação, certo? Aí, tem essas doenças: diabetes, obesidade, pressão alta; que são doenças que cada vez mais pessoas estão doentes. [...] A ciência, a medicina já sabe que tudo isso tem a ver com alimentação, mas também tem muitos produtos que fazem mal.*

L (SE85 – 3ª. E) – *Mas, só que hoje, se você vai ver hoje existem vários, até no site aí eu falo, vários tipos de alimentação: vegetariana, vegana, outras. E, hoje, a ciência já estimula e mostra a importância de uma alimentação saudável pras pessoas. Porque a alimentação que o mundo vende hoje, não é alimento, é produto! Esses tipos todos de doença, a medicina avançou muito, mas também tem muitas doenças. As pessoas são doentes!*

L (SE86 – 3ª. E) – *E a ciência hoje já provou que qualidade na alimentação, tem a ver com saúde! E que alimentação industrializada não faz bem ao ser humano!*

L (SE87 – 3ª. E) – *Ó, existe uma coisa muito interessante, o Ministério da Saúde lançou, está no site do Ministério e eu salvei ali no meu computador, o Guia Alimentar para a População Brasileira. Você precisa ver isso! Eu vou mandar para você! O Ministério da Saúde classificou os alimentos em ultraprocessados, semi-processados e processados, que são os alimentos industrializados. O Ministério da Saúde está indicando que as pessoas comprem os alimentos mais in natura, vá pras feiras livres, cozinhe em casa, comam em boa companhia, controlem o sal, controle o açúcar, não tá falando de comida macrobiótica, mas tá falando demais da qualidade dos alimentos. Está aí, no site do Ministério da Saúde! Quando eu o negócio, eu não acreditei! Mas, por que isso aconteceu? Porque eles gastam muito dinheiro com*

obesidade, com diabetes, com hipertensão. E a ciência hoje, já provou que a qualidade da alimentação tem a ver com a saúde (fala batendo na mesa a cada palavra da frase). E que a alimentação industrializada não faz bem ao seu corpo.

Aqui chamamos atenção para a importância da macrobiótica na divulgação e globalização de certos produtos alimentares como o arroz integral, a soja e os derivados da soja, como por exemplo tofu, ‘leite’ de soja, molho de soja, entre outros. As orientações alimentares subjacentes à macrobiótica, com as necessidades que implicaram em produtos naturais contribuíram efetivamente para impulsionar a produção industrial e comercialização destes produtos alimentares, como é o caso dos alimentos orgânicos (CALADO, 2014).

Lúcia também procura adquirir como matéria-prima dos pratos vendidos em seu restaurante produtos naturais – orgânicos, a não ser que não estejam disponíveis no mercado – e industrializados (quando não é possível adquirir o produto natural) que tenham a melhor qualidade possível. Lembrando que um sonho de João era “*fornecer um alimento de qualidade*”, ela faz dessa prática um elemento reforçador dos valores envolvidos desde a concepção e abertura do empreendimento. Lúcia, inclusive, usando mais uma vez de argumentos pretensamente científicos, reforça sua posição de fornecer alimentos de qualidade como uma alternativa à propagação de diversas doenças, muitas relacionadas ao que as pessoas comem:

L (SE88 – 3ª. E) – *E, hoje, a ciência já estimula e mostra a importância de uma alimentação saudável pras pessoas. Porque a alimentação que o mundo vende hoje, não é alimento, é produto! Esses tipos todos de doença, a medicina avançou muito, mas também tem muitas doenças. As pessoas são doentes! Pare e pense, você aí, assim! No seu universo familiar e de amigos, quantas pessoas você conhece que estão com algum problema de saúde? Diabetes, hipertensão, câncer, não sei o quê! Pronto! Veja esse universo, como é, como é doente! Mesmo com todos os avanços da medicina, as pessoas hoje tomam remédio por brincadeira, vitamina disso, vitamina daquilo! Depende muito da indústria farmacêutica! Quando não devia ser assim! Não nego a ciência! Não negos os avanços, mas, a coisa está muito descontrolada! Só, que, por outro lado, existe um movimento muito grande mostrando que a qualidade da alimentação é algo muito importante!*

Identificamos ainda, como mais um elemento de funcionamento do sistema de controle redundante, o desejo de Lúcia de ensinar aos outros os princípios da macrobiótica. Oferecer um produto de qualidade não é visto apenas como um fator ‘financeiro’, por exemplo, na apropriação dos custos das operações do restaurante. Mas, sim, age como um mediador semiótico que orienta a construção de significados dela sobre o que considera como realmente, definitivamente, significativamente importante na gestão de seu negócio.

Destacamos trechos das entrevistas para demonstrar essa importância atribuída por Lúcia à qualidade dos produtos que ela usa como matéria-prima dos pratos oferecidos pelo restaurante:

L (SE89 – 1ª. E) – *Eu uso as melhores coisas aqui... eu ofereço o melhor arroz integral que eu encontro no Brasil, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, trago de fora os alimentos, não uso qualquer um. O shoyu, eu vendo o melhor shoyu que eu encontro no Brasil, um shoyu sem açúcar, sem Ajinomoto, que vem de São Paulo, não é barato!*

L (SE90 – 1ª. E) – *Minhas verduras, eu uso orgânico, só não uso orgânico o que não tem. Então ligo pra feira de orgânicos mais antiga aqui de Recife, eu ligo pra eles, eles entregam.*

L (SE91 – 1ª. E) – *Eu, Lúcia, eu me identifico muito com isso (macrobiótica), então eu procuro conduzir minha vida dentro desses princípios. Não são fáceis, mas eu quero passar isso pras pessoas.*

6.1.2.2 A trajetória de vida e a construção de significados sobre formar uma família

A macrobiótica surgiu para Lúcia a partir de questionamentos da juventude. Contudo, os processos intrapessoais da cultura pessoal também atuam no campo da cultura coletiva e vice-versa, porém não de uma maneira isomórfica, pois a pessoa e o contexto se criam mutuamente, tornando cada indivíduo uma pessoa única, ainda que apoiada sobre as mesmas experiências da cultura coletiva (MATTOS, 2013; VALSINER, 2012a). Assim, para descobrir como as imagens simbólicas trazidas da família, interferiram nas suas escolhas de vida e em momentos de ruptura e transição, também buscamos levantar e analisar a construção de significados na trajetória de vida de Lúcia quanto a formar uma família.

Como já apresentado anteriormente, Lúcia assume os princípios da macrobiótica como prática de vida. Em nossa pesquisa assumimos que os princípios da macrobiótica são generalizados até atingirem a camada III (VALSINER, 2012a; 2014) de Lúcia, a mais íntima camada da cultura pessoal, construindo uma generalização profundamente integrada ao seu sistema pessoal de sentidos e aos seus afetos pessoais, capaz de guia-la em seus relacionamentos com o ambiente e consigo mesma.

Assumimos o casamento com João como o regulador social – agindo como catalisador – facilitando uma maior abertura e flexibilização, possibilitando a construção de novos sentidos através da adoção desses princípios da macrobiótica e de sua inserção definitiva em

uma comunidade que partilhava desses mesmos princípios. Assim, consideramos a adesão de Lúcia à macrobiótica como uma espécie de conversão religiosa, nos efeitos quanto à sua percepção dos valores praticados pela sociedade e na forma como ela internaliza e processa novos valores e práticas, passando a conviver com outros indivíduos que viviam os mesmos princípios.

Dessa forma, adotamos a noção de pertencimento de Mattos (2013) como um processo complexo que nos auxilia na compreensão dessas transformações simultâneas ocorridas nos vários níveis de experiência de Lúcia (casamento com João, assume-se como macrobiótica, desiste de sua carreira como engenheira, assume o restaurante após a morte do marido). Esse processo implica em um mecanismo de co-emergência interdependente de inovação, que gera transformações simultâneas tanto na cultura pessoal quanto na coletiva.

João foi um outro significativo que facilitou para Lúcia a criação de vinculações afetivo-semióticas entre múltiplas esferas da experiência e promoveu uma maior abertura e flexibilização da zona de fronteira, possibilitando a ativação dos processos regulatórios interdependentes. Assim, para Lúcia se assumir como macrobiótica após o casamento com João, possibilitou a ela construir novos sentidos (pessoais e culturais) em seus diferentes níveis de experiência: ela se casa, torna-se mãe, começa um negócio com o marido – baseado nas experiências e aspirações dele – e abandona sua carreira como engenheira elétrica por considerar que aquela era *“uma profissão muito masculinizante”* que fazia com que ela se afastasse do seu ideal de papel da mulher na família.

Identificamos no caso do afastamento de seu emprego como engenheira, ocupando um cargo de chefe de departamento, em uma grande siderúrgica da região metropolitana de Recife, uma ambivalência vivida por Lúcia quando, após cerca de dois anos de casamento com João, seu esposo insistiu com ela para que deixasse seu trabalho nessa empresa e viesse estar com ele no restaurante em tempo integral.

Para Lúcia, pressões do ambiente profissional estavam colocando em cheque sua postura como mãe que não estava presente na criação do filho, por exemplo, a distância entre a residência deles e o trabalho de Lúcia. Eles moravam à época na área central do Recife e o local de trabalho de Lúcia ficava em Igarassu, na Região Metropolitana do Recife: *“E aí, uma das coisas que meu marido reclamava e me cobrava todo dia, era que eu saía de casa de manhã e só voltava à noite! Passava o dia fora de casa”*.

Como Lúcia e João moravam vizinho à mãe de Lúcia, era ela a responsável por passar o dia cuidando da criança: *“durante dois anos e meio meu filho ficou lá com a minha mãe”*. A partir dos dois anos, o filho do casal começa a ir para a escolinha e João é o responsável por leva-lo e busca-lo do colégio. Assim, surgem questionamentos de João, que tanto exigia dela uma participação maior na criação do filho como questionava consequências do trabalho na vida de Lúcia, que iam de encontro aos princípios da macrobiótica. E aqui, na resposta de Lúcia sobre as razões que a levaram a abandonar seu trabalho como engenheira, identificamos a ação do regulador semiótico “silêncio”:

(SE19 – 3ª.E) – *Ó, vê! Na época que eu decidi sair, é... (silêncio) tinha duas coisas muito importantes! Uma coisa que João ficava...ele não dizia: saia! Mas ele ficava me mostrando que o trabalho era muito desgastante, não era vitalizante, eu tava deixando de viver com o meu filho, eu tava deixando de cuidar da alimentação e eu tava deixando de fazer coisas que eram mais vitalizantes!*

O silêncio observado nesse caso permitia que Lúcia organizasse o seu discurso pessoal baseado naquilo que circula como sugestões sociais no discurso militante do feminismo: *“se eu for dizer isso no movimento feminista, eu vou sair até apanhada”*! Valério e Lyra (2014) afirmam que “as sugestões sociais se apresentam como guias que orientam a pessoa na hora em que ela precisa, como nessa situação de entrevistas, a expressar seu pensamento”.

No caso de Lúcia, a sugestão social mais importante para ela é a da macrobiótica. Para ela, se primeiro houve uma repressão muito grande à mulher, o feminismo foi um movimento que “descambou” a imagem da mulher para uma posição oposta:

L (SE92 – 3ª. E) – *Mas, assim, uma coisa que eu sempre achei, é... hoje até eu dizer isso, se eu for dizer isso no movimento feminista, eu vou sair até apanhada, mas... e hoje a gente vê que tá tendo... porque primeiro houve uma grande repressão da mulher, aí veio o movimento feminista que... aí, eu acho que descambou muito pro outro lado, a mulher negou muito a sua origem, a sua ordem na natureza mesmo, a sua função! Porque eu acredito que na vida, homem e mulher tem mesmo as suas funções determinadas. Não que seja uma melhor e outra pior! Mas, se complementam por conta disso! [...] essa diferença que, quer dizer, que é... não é porque um é melhor do que o outro, não! então, a macrobiótica valorizava muito essa questão da mulher como mãe, como provedora do alimento da família, do orientar e isso me sensibilizou. Foi quando eu percebi que era uma coisa que me atraía!*

Para João, o trabalho de Lúcia não era um trabalho *“da evolução da mulher, mais ou menos assim”*. Além disso, ela afirma que buscava uma qualidade de vida melhor para deixar seu emprego e vir trabalhar com João no restaurante e que a macrobiótica lhe oferecia essa

qualidade de vida. No entanto, o trabalho hoje no restaurante não dá a ela a qualidade de vida que ela almejava inicialmente.

L (SE93 – 3ª. E) – *Pois é! Analisando direitinho, não mudou muito em termos de qualidade de vida! Porque uma das coisas que me fez sentir atraída pela macrobiótica seria a qualidade de vida. Porque, como engenheira, eu saía de casa de manhã, trabalhava em outra cidade, né? E aí, uma das coisas que meu marido reclamava e me cobrava todo dia, era que eu saía de casa de manhã e só voltava à noite! Passava o dia fora de casa.*

Para Lúcia o fato de ter conhecido João se relaciona a algum tipo de história que ela deveria viver com ele. Inferimos que Lúcia acredita que um *algo maior* (itálico nosso) tenha conduzido ao encontro dos dois: *“É! Então, o que eu acho é que a gente tinha uma história, que a gente tinha que se encontrar e se encontrou! Como ele dizia: era a metade dele e a metade minha. Não tinha como partir (rs). E aí, vai seguindo”!*

Essa visão de Lúcia é reforçada pela sua compreensão de que o que eles sentiram foi algo *“muito forte! São essas coisas que eu acho que, na vida não tem explicação, que acontece, né”?* Para ela, há uma explicação nesses encontros “inexplicados” a partir do entendimento de que, da mesma forma que existem heranças genéticas na genealogia de um indivíduo, existem as heranças espirituais e energéticas que também ficariam gravadas nas células:

L (SE94 – 3ª. E) – *Foi uma coisa muito forte! São essas coisas que eu acho que, na vida não tem explicação, que acontece, né? Eu não acho que a gente vem com uma história já determinada, não. Eu acho que a gente... existem as heranças genéticas, porque nós somos frutos de quantas pessoas que vieram atrás da gente, né? Então, essas energias vão passando. Do mesmo jeito que é a genética física, lá atrás! Dez pessoas antes do seu tataravô! Você vê que foi vindo, foi vindo! Quer dizer, alguma coisa tem ainda na parte física, genética. E tem também nessa parte de sensibilidade, espiritualidade. Na meditação, fala muito da memória celular das coisas. Na sua célula fica a memória da sua parte espiritual, energética! Da energia! Porque a gente é energia mesmo! O que é que você é? Você é energia que a gente não enxerga, mas que é, existe! Entende? Está fluindo aí, aqui uma energia!*

Consideramos que essa visão de Lúcia de que sua ligação com João estava ligada a algo maior, a uma espécie de propósito espiritual, reforça nossa identificação do signo hipergeneralizado na trajetória de vida de Lúcia como sendo a de uma busca pelo divino. Esse signo hipergeneralizado de busca pelo divino se torna um signo promotor tipo campo que nomeamos sinteticamente desenvolver uma integralidade de vida e que colore cada momento de Lúcia com o ambiente.

Apesar da macrobiótica não estar diretamente ligada a alguma filosofia religiosa, Lúcia se sente atraída pelo zen-budismo². Para ela, como são filosofias (macrobiótica e zen-budismo) que tem uma origem oriental, seus princípios são muito parecidos. Ela afirma acreditar que existe *“algo superior ao ser humano”*, uma ordem na natureza: *“dia e noite, a terra girando em torno do sol, a gente na distância certa e na velocidade certa, os ciclos da natureza, isso é uma ordem da natureza”*! Ela acredita, assim, que há uma força maior que rege as pessoas e, para ela, isso é que deve guiar a vida das pessoas.

Já demonstramos que Lúcia afirma que a macrobiótica é, muitas vezes, procurada por aqueles que questionam o “sistema”. Reforçando essa visão de que sujeitos que não concordam com os valores adotados pela sociedade procuram a macrobiótica, Lúcia afirma que João estava totalmente à margem do sistema quando ela o conheceu: *“quando eu conheci João, ele não tinha nenhuma relação com o sistema. Tava totalmente independente”*! No entanto, procuramos saber se a ligação de Lúcia com a macrobiótica estaria ligada a algum problema ou dificuldade pessoal com a qual ela não estava sabendo lidar. Novamente aqui observamos o silêncio, que consideramos servir para que Lúcia organize seu discurso baseado nas sugestões sociais.:

L (SE95 – 3ª. E) – (silêncio) *Engraçado! Não! Uma coisa forte, não. Porque João falava eee... geralmente descobrem, descobria a macrobiótica quem tava com algum problema na vida muito forte. Ou de saúde, tinha as pessoas que entravam na macrobiótica por problemas de saúde ou, por exemplo, os hippies, os jovens que questionavam o sistema, que não tavam satisfeitos. Que tavam completamente à margem do sistema. Quando eu conheci João, ele não tinha nenhuma relação com o sistema. Tava totalmente independente! Ééé... não tinha grandes problemas pra ter descoberto a macrobiótica assim. Não foi por problemas, não.*

Para Lúcia, João tinha uma segurança muito grande nos princípios da macrobiótica: *“ele tinha muita segurança muito grande e me passava muita segurança”*. Entre práticas que ele adotava e que à época não eram comuns, por exemplo, foi ele que acompanhou o parto de seu primeiro filho na sala de parto da maternidade. Autorizado e acompanhado pela médica obstetra, que só não concordou em realizar o parto em casa, ele não apenas retirou a criança

² **Zen** é o nome japonês da tradição (e filosofia) religiosa **ch'an**, que surgiu na China por volta do século VII. O zen costuma ser associado ao budismo do ramo *mahayana*. Foi cultivado, inicialmente, na China, Japão, Vietnã e Coreia. A prática básica do zen é o *zazen* (literalmente, "meditar sentado"), tipo de meditação contemplativa que visa a levar o praticante à "experiência direta da realidade" através da observação da própria mente (SUZUKI, 1935).

como cuidou dela e a limpou. Já a segunda filha do casal nasceu em casa, sendo o parto realizado por João acompanhado por uma parteira.:

L (SE96 – 3ª. E) – *Não! O primeiro não nasceu em casa, porque eu não tinha muita experiência! Tinha acabado de entrar no mundo da macrobiótica (Lúcia)! Mas, João, ficou na sala de parto, foi quem pegou ele, foi quem cuidou dele! Que, no final, as enfermeiras pensavam que ele era o pediatra (rs)!*

L (SE97 – 3ª. E) – *Meu filho mais velho nasceu há 34 anos! E a menina tem 26! Aí, quando João terminou de limpar ele, disse assim: “pronto, vou levar ele pro quarto”! Aí, a enfermeira disse assim: “pro quarto, doutor? Não vai pro berçário”? “Não, eu não sou o doutor! Eu sou o pai dele e ele não vai pro berçário não! Ele vai pro quarto”!*

Vale destacar que quando da primeira entrevista realizada com Lúcia a figura de João surgiu como um outro significativo dentro do campo semiótico atuante na decisão de abertura do restaurante. Assim, mesmo afirmando que o restaurante se tratava de “*um projeto dos dois*”, podemos inferir que Lúcia decidiu entrar como parceira do restaurante seguindo um projeto que era ligado a planos de vida de João. Porque, após o casamento com Lúcia, ele já havia montado uma sociedade com amigos para abrir um restaurante macrobiótico, mas que não deu certo:

L (SE98 – 3ª. E) – *Ó, assim...descobrir macrobiótica teve muito a ver com ele (João), claro! Como eu o conheci, como ele passou pra mim, mas macrobiótica é uma filosofia. São ensinamentos orientais que, se eu tivesse descoberto através de outra (pessoa)... não sei, fica difícil de dizer! Eu acho que abrir o restaurante, teve muito a ver com ele! Muito o estímulo dele com o que ele quis!*

L (SE99 – 3ª. E) – *Porque ele passou pra mim, assim, antes da gente abrir aqui junto, ele já tinha participado de um restaurante com uns amigos, numa sociedade. Eu não tinha me envolvido, mas aí a sociedade terminou, não deu certo.*

João e Lúcia iniciam o restaurante em 1984. Durante dois anos Lúcia continua seu trabalho na siderúrgica enquanto João administra sozinho o restaurante. Ao vir trabalhar no restaurante, Lúcia passa a cuidar do preparo dos pratos, atuando “*mais focada na cozinha*”. Enquanto que João se afastava mais do dia a dia das atividades no restaurante para cuidar de outros projetos pessoais visando “*fornecer alimentos de qualidade para as pessoas*”.

O abandono de seu cargo como chefe de departamento na área de engenharia elétrica em uma grande siderúrgica da Região Metropolitana do Recife e vir trabalhar no restaurante, representa um momento de ruptura na vida de Lúcia, marcando um ponto de bifurcação em sua trajetória. Onde ela resolve abandonar a carreira profissional para a qual havia se

especializado e assumir uma posição efetiva no gerenciamento do restaurante. Como trajetória imaginada, temos a continuação de Lúcia em sua carreira como engenheira.

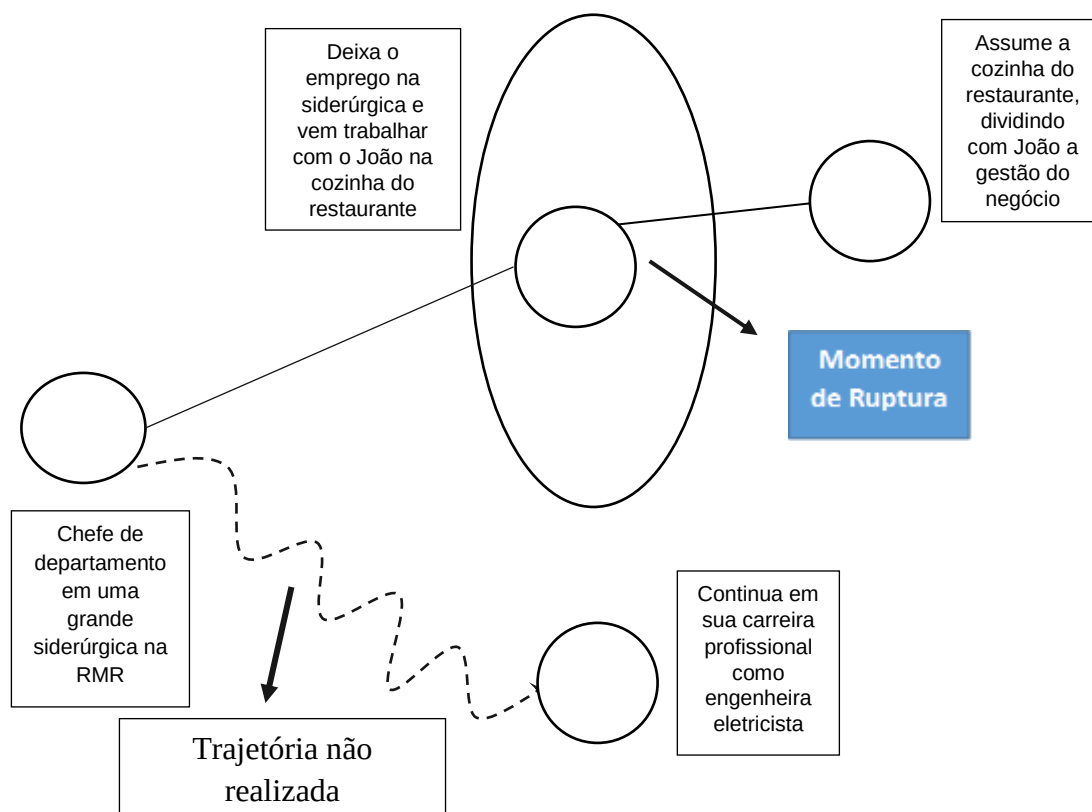


Figura 6 - Trajetória da 2a. Ruptura: Lúcia deixa o emprego na siderúrgica e vem trabalhar com João na cozinha do restaurante. Trajetória não realizada: Lúcia continuar a carreira como engenheira eletricista

Consideramos que deixar a sua carreira como engenheira e começar a trabalhar diretamente no restaurante serve também como um reforço na posição de Lúcia em relação à macrobiótica. Lúcia assume os princípios da macrobiótica como prática de vida e, dessa forma, inferimos seus hábitos alimentares como sendo uma parte dos processos de externalização desses princípios.

Desse aprofundamento nos conhecimentos acerca dessa filosofia, além dos hábitos alimentares, iniciar o restaurante especializado nesse tipo de gastronomia atua como mais um elemento reforçador na externalização dos significados de Lúcia acerca dos princípios da macrobiótica. Sendo que o restaurante é considerado como um braço de um movimento maior, referido por Lúcia *“como um sonho de João em fornecer alimentos com qualidade para as pessoas”*.

Assim, Lúcia afirma que ela e João começaram o restaurante como um projeto dos dois, onde ela estava *“junto com ele, porque comungava com os mesmos ideais de querer estar aqui”*. A finalidade não era primeiramente ganhar dinheiro com um negócio, mas *“com o objetivo de praticar a filosofia que a gente acreditava e passar pras pessoas”*. O Centro criado por Lúcia e João, que é ligado ao restaurante direciona suas atividades para esse propósito, oferecendo palestras e outras atividades educativas servem como mecanismos de controle que também reforçam a posição de Lúcia como macrobiótica (VALSINER, 2012a). No tempo em que Lúcia ainda trabalhava como engenheira na siderúrgica, João começou um curso superior em agronomia. Essa decisão estava em consonância com os objetivos de vida dele de oferecer alimentos de qualidade. E entendemos que, além de todo o questionamento sobre o trabalho de Lúcia não ser um trabalho da *“evolução da mulher”*, havia também para ele a necessidade de contar com a mulher dentro do restaurante para que ele pudesse realizar novos projetos pessoais:

L (SE100 – 1ª. E) – *Era mais ou menos assim: ele estava cuidando de outras atividades paralelas dele, que inclusive chegou a se abrir uma empresa de distribuição de alimentos, mas teve muita dificuldade com isso, pela falta de experiência no negócio dele, de ele confiar muito nas pessoas, foi um rolo danado! Então, eu já tava aqui dentro, né? Na administração e na cozinha e ele estava correndo atrás de outras coisas, porque ele, pra ele, pro sonho de vida dele que ele queria, o restaurante ficou pequeno: ‘não é só isso que eu quero, o restaurante, eu quero mais coisa’. Aí, ele foi atrás de outras coisas.*

Assumimos que era uma posição confortável para João, que já tinha tentado outros empreendimentos que não deram certo, seja *“por sua falta de experiência no negócio”* ou *“por confiar demais nas pessoas”*, agir como um outro significativo sobre a esposa de modo a fazê-la deixar sua carreira profissional para que ele pudesse seguir o *“sonho de vida dele”*. Assim, com Lúcia trabalhando em tempo integral no restaurante ele teria a tranquilidade para ausentar-se constantemente, deixando a administração e operação do negócio para uma pessoa de sua total confiança.

Por outro lado, para João não era interessante abandonar o *“sonho dos dois”* do restaurante, visto que ele rendia bem à época, em termos financeiros, crescendo e se desenvolvendo de maneira satisfatória: *“[...] na época, nos anos 80, essa alimentação tinha uma procura muito grande. Ééé... assim... como se fosse namoro: com muita procura, com um mercado bom, iniciar o restaurante foi fácil”*. Os bons resultados financeiros da época, aos quais Lúcia também atribui ao papel de João como alguém que tinha muita experiência

com a filosofia macrobiótica, atraíam as pessoas, que confiavam no restaurante como “*um lugar de comida macrobiótica de verdade*”. Desses bons resultados financeiros, o casal adquiriu um apartamento próprio onde Lúcia mora até hoje.

Pedimos a Lúcia para imaginar o que ela faria caso tivesse continuado em sua carreira como engenheira eletricista. Mesmo aqui, pedindo a ela que examine a possibilidade de uma trajetória presente apenas em sua imaginação, ainda notamos um reforço dos questionamentos de João. Tanto quanto a uma visão do trabalho como engenheira como sendo “*uma profissão muito masculinizante*” quanto a um prejuízo do relacionamento de Lúcia com o filho do casal, à época ainda um bebê, já que ela passava o dia inteiro fora de casa em consequência do tempo de deslocamento de casa, na região central do Recife, para a empresa que ficava localizada em Igarassu, na Região Metropolitana do Recife, logo cedo pela manhã e no final do dia ao voltar do trabalho:

L (SE101 – 3ª.E) – *Isso eu até já fiz! Porque, quando João faleceu, eu tinha que decidir se ia continuar com o restaurante ou se voltava pra engenharia. [...] Eu pensei em voltar! Mas, assim, é porque eu achava engenharia...e é! Não é que eu achava! É uma profissão muito masculinizante! Muito, como é que eu digo, assim, é...muito dura, você lidava muito...porque você lida do peão ao diretor da fábrica. E eu tive essa experiência como chefe de departamento, porque eu coordenava a peãozada e respondia a um diretor. Ficava entre os dois assim. Me atraiu, assim! Não é que eu não... (gostasse)! Tinha mais essa questão de horário, de trabalhar longe, essa coisa toda!*

Não identificamos em Lúcia uma ambivalência entre ser engenheira e ser dona de um restaurante. Assim, ela não questiona o trabalho no restaurante em relação à carreira que ela deixou na engenharia. Mas as habilidades desenvolvidas como engenheira: a organização, o pragmatismo, a habilidade de tomada de decisões e nos relacionamentos com funcionários, por exemplo, são entendidas como contribuições da engenharia na sua transição para uma posição de principal responsável pelo negócio.

Um ponto de bifurcação decisivo foi a morte de João que faleceu em um acidente de carro em 1999, em que também morreram a mãe de Lúcia e um sobrinho dela com seis meses de idade. Aqui identificamos um 3º momento de ruptura em que ela precisava decidir se continuava ou não com o restaurante. Como caminho alternativo estava a possibilidade de voltar à sua antiga carreira como engenheira.

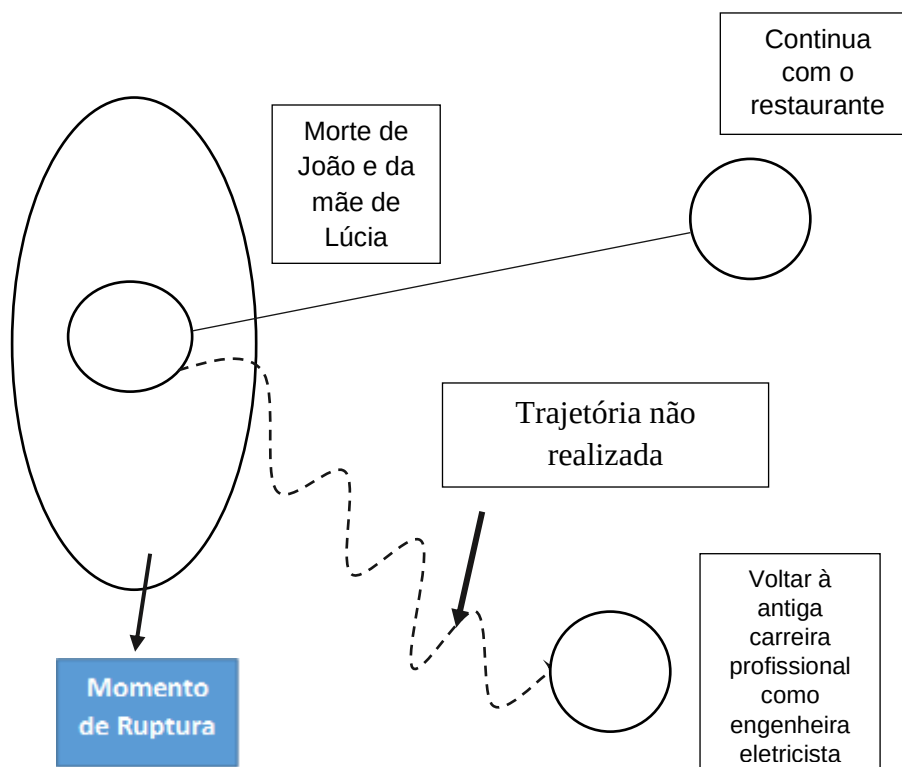


Figura 7 - Trajetória da 3ª. ruptura - Trajetória de vida de Lúcia após a morte de João e de sua mãe - Trajetória não realizada: volta à antiga carreira profissional como engenheira eletricista

Além de trazer a ambivalência entre continuar ou não com o restaurante, para Lúcia a morte de João foi um ponto de bifurcação fundamental, representando outro momento de ruptura que encontramos em nossa pesquisa. Entre possíveis caminhos futuros que poderiam ser traçados, levantados dentro dos objetivos de nossa pesquisa, Lúcia visualizou apenas duas possibilidades: “*se continuava ou não continuava*” com o empreendimento. E caso não continuasse, sua outra opção era voltar a trabalhar como engenheira. No entanto, demonstrando ter adotado um pensamento que o marido havia lhe transmitido, baseado nos princípios da macrobiótica, ela ainda considera a engenharia como “*uma profissão muito masculinizante*”!

No entanto, insistimos com Lúcia a considerar um caminho alternativo. Ela não afirma que poderia voltar à engenharia, mas se dedicar à área do ensino, aliando assim a prática já adquirida em atividades operacionais como engenheira eletricista à formação de novos profissionais. Até porque ela continuava considerando a engenharia como um trabalho “*muito desgastante*” e não pretendia voltar para o chão de fábrica. Inferimos ainda que há aqui uma

relação entre os ideais externalizados de usar o restaurante para ensinar os princípios da macrobiótica com essa trajetória imaginada, a saber, migrar para a área de ensino. Para ela, é importante *“em qualquer área, aliar a prática à teoria”*, para, assim, corrigir certas falhas na formação que acontecem quando você deixa de lado os conhecimentos adquiridos pela experiência profissional de campo. Porém, uma prática de educar o outro, já realizada em seu trabalho atual à frente do restaurante, também está presente nessa trajetória imaginada.

L (SE102 – 3ª. E) – *Se eu tivesse fechado o restaurante, eu tinha voltado pra engenharia. Qe era o que eu tinha, que era uma ferramenta que eu tinha pra voltar pro mercado de trabalho, era a engenharia. Talvez eu fosse me dedicar à parte de ensino.*

L (SE103 – 3ª. E) – *Não. Porque na época era um trabalho muito desgastante, entende? Mas, todo bom engenheiro, pra você ser um bom engenheiro, você precisa ter prática. Esse professor me dizia, se você começa a fazer projeto sem ter prática, isso eu acho que em todas as profissões. A prática do dia a dia é importante. Você não pode querer ficar num bom escritório de engenharia, se você não tem um bom conhecimento de campo. Você até fica. Eu digo isso pelos projetos que, às vezes, chegava lá na XXX. fizeram uma ampliação, aí os caras faziam uns projetos que, quando a gente ia fazer, executar o projeto, nunca era do jeito que tava. Porque não dava pra fazer, tinha que mudar. Mas isso é em tudo, geralmente, né? Na vida, em tudo. Eu iria pra engenharia.*

Mesmo havendo a figura de um outro significativo, o antigo professor de Lúcia na universidade, que ela chama de seu *“pai profissional”*, que havia intermediado sua contratação como engenheira pela siderúrgica, que *“não se conformava de eu ter deixado a engenharia. Ele vivia me criticando pra eu voltar”*, ela decidiu não voltar para a engenharia. Para Lúcia não se tratava de ser uma área profissional da qual ela não gostasse, mas ela decidiu não voltar a atuar como engenheira, pois o trabalho de campo na engenharia é *“uma coisa muito dura”*.

L (SE104 – 1ª. E) – *Mas como era uma coisa minha também, que eu estava fazendo, porque era uma coisa que eu acreditava, um caminho de vida que eu identificava, aí eu resolvi continuar. Apareceu até oportunidades de voltar a trabalhar como engenheira, essa coisa toda, mas eu preferi continuar.*

Lúcia também afirma que não houve dificuldade no sentido de passar a ser a *“cara”* do restaurante com a morte de João, já que, quando João morreu, ela *“já estava aqui dentro há um tempo”*. Além disso, o sonho dos dois *“era junto”*.

L (SE105 – 1ª. E) – *Vê, porque na verdade, quando João morreu eu já estava aqui dentro há um tempo. Era mais ou menos assim: ele estava cuidando de outras atividades paralelas dele, que inclusive chegou a se abrir uma empresa de*

distribuição de alimentos, mas teve muita dificuldade com isso, pela falta de experiência no negócio dele, de ele confiar muito nas pessoas, foi um rolo danado. Então, eu já tava aqui dentro, né? Na administração e na cozinha e ele estava correndo atrás de outras coisas, porque ele, pra ele, pro sonho de vida dele que ele queria, o restaurante ficou pequeno: “não é só isso que eu quero, o restaurante, eu quero mais coisa”. Aí, ele foi atrás de outras coisas.

Destacamos aqui a figura de mais um outro significativo marcante para a trajetória de vida de Lúcia, que é Hélio (nome fictício). Ele atua como uma espécie de gerente geral do restaurante e trabalha com ela há cerca de trinta anos. Hélio foi convidado para trabalhar no restaurante por João logo no começo do negócio. Antes que Lúcia deixasse o trabalho como engenheira e viesse trabalhar com João, ele tinha dificuldades em sair do restaurante para cuidar de seus projetos paralelos e deixar os funcionários sozinhos, sem uma supervisão direta. Como João já conhecia Hélio de outro restaurante macrobiótico em que ambos haviam trabalhado juntos, João o convidou para trabalhar com ele e cuidar do restaurante nos seus momentos de ausência.

Após a ruptura da morte de João, Hélio se torna alguém com quem Lúcia pode contar nos momentos de transição entre deixar de ser alguém que auxiliava a administração e cuidava da cozinha do restaurante para ser a principal responsável pelo negócio. Hoje, Lúcia vive a ambivalência de encontrar dificuldades para contratar alguém para o lugar de Hélio que “*está precisando se afastar fisicamente e eu tô com muita dificuldade de encontrar um gerente. [...] Hélio é dono também*” ele toma conta de tudo, tudo é eu e ele age, é dono, segundo dono, entende”? E esse afastamento de Hélio significa “*começar uma nova fase aqui, uma mudança que eu nem sei, não tô sabendo fazer*”.

L (SE106 – 1ª. E) – *Esse rapaz que está aí, Hélio, ele faz parte da história desse restaurante. Porque, na verdade, eu conheci Hélio quando ele tinha uns 14 para 15 anos, quando eu conheci João, no outro restaurante que João trabalhava. Aí, depois quando a gente abriu o restaurante, um ano depois ou dois, Hélio veio trabalhar com a gente, já com 18-19 anos e está até hoje. É como se fosse dono também e como se fosse irmão da gente, assim. A história do restaurante, história do empreendimento tá muito ligada também aí. Ele, assim... faz, participa muito da existência do restaurante.*

Ainda quanto ao regulador semiótico *formar uma família* (itálico nosso) nossa pesquisa também considerou o relacionamento de Lúcia com seus pais e com seus filhos, destacando-se a influência do papel de sua mãe em sua vida, como mostraremos adiante, além da transmissão dos princípios e valores da macrobiótica para seus filhos.

Não foram notados, durante a coleta de dados, sentimentos conflituosos em relação ao pai de Lúcia. Ele era um ex-militar que faleceu quando ela estava no primeiro ano da faculdade de engenharia e, segundo ela, o pai estimulava muito ela e seus irmãos a estudar: *“ele dizia que a única coisa que podia deixar pra gente era o apoio e o estudo”*. Como em Caruaru, à época, haviam apenas três opções de faculdades, sendo uma de odontologia, uma de direito e uma de filosofia, que não estavam entre as escolhas de Lúcia para o vestibular, o pai concordou em enviá-la para Recife quando ela estava no terceiro ano científico (o atual terceiro ano do ensino médio), em 1973, indo morar em um pensionato para estudantes.

Apesar de Lúcia nos dizer inicialmente que seu pai era economista, ela retifica essa informação e afirma que ele não tinha uma graduação na área de economia. Lúcia afirma não saber precisar qual a função que o pai exercia no exército, mas que ele tinha muito interesse por economia do desenvolvimento, chegando a fazer um curso nessa área pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – CEPAL e sendo o criador da comissão de desenvolvimento de Caruaru, enquanto era funcionário da prefeitura da cidade.

Buscando entender como uma engenheira eletricista abandonou sua carreira e envolveu-se tão profundamente com o movimento macrobiótico, questionamos se Lúcia havia participado de algum movimento *hippie* quando aderiu à macrobiótica. Ela afirma que, apesar de conhecer algumas pessoas ligadas a movimentos *hippie* nunca fez parte de qualquer comunidade como essa. Lúcia também disse que nunca experimentou drogas ilícitas. A única droga que ela já usou foi bebida, mas *“bebia, agora normal assim, né”*?

Fumar, Lúcia diz que chegou a experimentar, mas não gostou: *“tentei fumar, não consegui! Não me atraiu”*! Aqui identificamos como uma das influências do pai na vida de Lúcia, exatamente o fato dela não fumar e de não se deixar levar pelo uso de drogas ilícitas, pois como ela afirma: *“Tentei aprender fumar, não gostei! Inclusive meu pai fumou muito tempo...não sei se foi por causa disso?! Meu pai fumou muito tempo”*! Segundo ela, seu pai fumou até o dia em que decidiu parar de fumar porque esse vício gerou problemas de saúde nele. Ele afirmava que: *‘você é um homem ou é um viciado’*! Assim, drogas *“de uma maneira geral, eu nunca me senti atraída! Porque, eu achava assim, uma coisa perigosa”*.

Seu pai foi casado três vezes, sendo que o casamento com a mãe de Lúcia foi o terceiro, do qual nasceram cinco filhos. Ele era muito mais velho que a mãe de Lúcia e, segundo ela, sua mãe era uma mulher muito simples e sem instrução, sendo que seu pai chegou a incentivá-la a voltar a estudar *“pagando uma professora particular pra minha*

mãe”. Lúcia é a filha mais velha dos cinco filhos, tendo outras três irmãs e um irmão. Lúcia e seus irmãos ainda conviveram com outros três filhos do segundo casamento de seu pai *“como se fosse tudo uma única família”*. Com a morte do pai e a queda da renda da família, a mãe de Lúcia e suas irmãs e irmãos saíram de Caruaru e vieram todos morar em Recife.

Lúcia afirma acreditar que na vida *“homem e mulher tem mesmo suas funções determinadas”*. E a macrobiótica valoriza a mulher como mãe, como provedora do alimento da família, do orientar os filhos, pensamentos que sensibilizaram Lúcia, que era mais uma *“coisa que me atraía”*. Para ela, mais do que princípios da macrobiótica, esses são princípios da vida, em que a distinção entre homem e mulher começa na natureza, concretizando-se no próprio dom da mulher de gerar a vida. Sem apresentar uma análise de valores quanto a esse pensamento, consideramos que ele apresenta uma consonância com o que Lúcia chama de uma *“ordem da natureza, que quer a gente queira quer não queira, rege a gente”*.

Lúcia demonstra buscar pessoas de referência em seu curso de vida. Seu pai serviu inicialmente como essa referência quando ela precisava escolher uma carreira profissional e a *“força”* que ele dava, seu estímulo para que Lúcia e seus irmãos estudassem e enviar Lúcia para Recife afim de que ela concluísse o ensino científico (atual ensino médio) foram ações que influenciaram seu curso de vida.

Após a morte do pai quando Lúcia estava no primeiro ano da faculdade e questionamentos surgidos durante a vida acadêmica, levando-a questionar suas aspirações quanto a uma futura carreira profissional e a qualidade de vida que ela desejava e esperava para sua vida, levam-na a procurar uma nova referência. Agiu assim por um tempo em sua vida, no que diz respeito ao campo profissional, um professor da faculdade, um *“pai profissional”*, que ajudou Lúcia e se encaminhar para um estágio na siderúrgica onde ela foi posteriormente contratada como engenheira elétrica.

Considerando-se que seus questionamentos de vida não estavam sendo respondidos, apesar de estar *“bem encaminhada profissionalmente”*, Lúcia segue à procura de mais uma referência. Busca o movimento missionário de D. Helder Câmara, mas não consegue contato pessoal com ele. Eis que surge João como essa referência pessoal, que lhe apresenta um novo caminho pelo qual Lúcia se sente atraída e que lhe ajuda a responder seus questionamentos.

A mãe de Lúcia é um outro significativo importante em seu curso de vida. A dedicação dela à casa, aos filhos, tanto os biológicos, quanto aqueles que foram morar com ela e a família, que eram de um relacionamento anterior do marido, foi algo que marcou

fortemente nossa pesquisada. A mãe de Lúcia faleceu no mesmo acidente de carro que também vitimou seu marido e um sobrinho dela.

L (SE107 – 3ª. E) – *Assim, minha família é grande! Meu pai foi casado três vezes, minha mãe foi o último casamento. Foram cinco filhos, mas a gente conviveu com três filhos do segundo casamento, como se fosse tudo uma única (família).*

L (SE108 – 3ª. E) – *Dele e mamãe são cinco. Eu sou a mais velha. Foram quatro mulheres e um homem. Mas, aí a gente com... quando eu tinha, sei lá, uns 7 (ou) 8 anos, dois irmãos mais velhos, do outro casamento do meu pai foram morar com a gente. Então, ficou como se fosse da mesma família. Criou uma ligação muito estreita com mamãe e com a gente.*

Além da insistência do marido, a figura da mãe também foi importante na decisão de Lúcia em repensar sua trajetória profissional como engenheira. Tomemos como exemplo quando ela lembra que seu curso de engenharia elétrica tinha poucas mulheres (ao final do curso, haviam apenas seis), quando ela afirma que a engenharia é “*uma profissão muito masculinizante*”! Também quando ela afirma que o movimento feminista negou muito o papel da mulher e a sua ordem e função na natureza, como podemos verificar em segmentos de entrevista já apresentados, isso traz um reforço positivo à imagem da mãe de que ela era “*muito feminina*”! [...] *Ela era bem simples, mas ela era bem feminina*”! E, para Lúcia, ela estava se afastando desse ideal de papel da mulher na família.

L (SE109 – 3ª. E) – *Porque engenharia elétrica mesmo só tinham três mulheres, eu e mais duas. Inclusive, uma delas, era também de Caruaru e tinha sido minha amiga de infância, aí a gente se reencontrou. Ééé... eram três, porque a outra já tinha perdido um ano. E, depois, no outro ano, chegaram mais duas, não! Três mulheres que já eram engenheiras e foram fazer engenharia elétrica como formação complementar. Aí, eu acho que ficaram seis mulheres!*

L (SE110 – 3ª. E) – *Não, a macrobiótica despertou isso em mim! Acho que eu tinha essa sensibilidade... despertou em mim! Eu acho que essa insatisfação que eu tinha, era intuitivamente, sei lá! Uma coisa que eu trazia comigo, mas... Eu tinha uma mãe muito feminina! Minha mãe era uma pessoa, assim, com pouca formação ééé... ela tinha, vamos dizer, no máximo, até o quarto ano. Ela até uma época voltou a estudar, estimulada pelo meu pai, começou a ter aulas particulares com uma professora. Ela era bem simples, mas ela era bem feminina! Assim, bem intuitiva mesmo! Bem dedicada à família! Ela fazia tudo aquilo com muito carinho, com muito amor! Então, ela nunca passou pra gente revolta nem reclamação, não! Ela cuidava dos filhos! Primeiro que era muito menino: cinco mais dois, sete. Sempre tinha uma prima morando com a gente, então era uma casa cheia de criança! E, meu pai, era bem mais velho do que ela. E, assim, os dois se gostavam muito (**exprime um certo sentimento de nostalgia na voz**) se davam muito bem e passou pra gente, ela passou pra gente de fazer isso com naturalidade, com amor, com carinho, sem nenhuma revolta, sem*

nunca tá reclamando, sem nunca tá se lamentando. Quando meu pai morreu ela se dedicou à gente. Então, eu acho que é essa coisa, esse exemplo!

Do processo de regulação intrapessoal que orientou a síntese da cultura pessoal de Lúcia em sua adesão aos princípios da macrobiótica e posterior abandono de sua carreira como engenheira após a ruptura em seu curso de vida, marcada pelo casamento com João, identificamos como **esposa** (grifo nosso) o signo promotor que facilitou esta síntese.

No excerto que transcrevemos acima, retirado da terceira entrevista de Lúcia, ela demonstra uma extrema admiração pela figura da mãe, com suas atitudes de resiliência frente a dificuldades, buscando manter um equilíbrio entre todos os membros da família, fazendo tudo com muito amor. Assim como sua mãe, inferimos que Lúcia buscou se dedicar à família (marido e filhos) e ao projeto desenvolvido com o marido, a saber, o restaurante. Lúcia seguiu, assim, o exemplo da sua mãe, de resiliência e dedicação, sem questionar, sem apresentar revolta, devotando amor e carinho.

Entendemos que a macrobiótica ajudou Lúcia a resolver a ambivalência entre continuar sua carreira profissional como engenheira ou voltar-se para uma vida dedicada à família, ao esposo e aos filhos: *“Não, a macrobiótica despertou isso em mim! Acho que eu tinha essa sensibilidade...despertou em mim! Eu acho que essa insatisfação que eu tinha, era intuitivamente, sei lá! Uma coisa que eu trazia comigo”*. E daí surgem as rupturas, os pontos de bifurcação fundamentais, da adesão à macrobiótica, o casamento com João e o abandono de sua carreira profissional.

As atividades rotineiras do trabalho são, então, substituídas pelas atividades rotineiras do restaurante. Contudo, enriquecidas sob o ponto de vista de Lúcia por uma proximidade dos filhos, do cuidar de projetos e sonhos desenvolvidos juntamente com o esposo, de prover alimentação saudável para sua família, do viver plenamente a macrobiótica e ensinar às outras pessoas os princípios dessa filosofia. Essas atividades rotineiras são experiências que compõem os campos afetivos de Lúcia, reforçando sua filosofia de vida, que deflagram sentimentos que retroalimentam seu sistema de vida.

Lúcia tem dois filhos da união com João. Hoje já adultos, segundo Lúcia, ainda seguem os princípios da macrobiótica, mesmo já sendo independentes e não morando mais com ela. A filha segue mais ligada aos princípios da macrobiótica, enquanto o filho se afastou um pouco de uma vivência mais rígida, apesar de manter alguns costumes como o de não

comer carne vermelha, já que sua esposa não é macrobiótica e não segue as mesmas orientações alimentares.

Segundo Lúcia, não foi difícil criar os filhos dentro dos princípios da macrobiótica, já que a vivência diária em casa, ou seja, como ela e João efetivamente seguiam as orientações alimentares macrobiótica, facilitou para eles a apreensão dos costumes desde cedo. Além disso, João *“tinha uma segurança maior e passou isso pra eles”*. Nas reuniões de família na casa da mãe de Lúcia, por exemplo, era comum haver churrasco, mas ela, João e os filhos não tinham problema em abster-se da carne vermelha.

Mas ela afirma que esses posicionamentos não eram extremos. Assim, eventualmente, de forma *“mais social”*, as crianças comiam doce e tomavam refrigerante, João tomava uma *“cervejinha”*, mas a base era a orientação macrobiótica. Então, ela conta a *“estratégia”* que eles tinham para conter, por exemplo, a atração dos filhos quando eram crianças para ir a uma festa de aniversário e não os deixar exagerar nos doces.

Partindo de uma noção de que criança, quando está em um aniversário de outra criança, brinca mais do que come, Lúcia e João apenas confiavam em suas orientações aos filhos. Daí, ela conta que eles, antes de comer qualquer coisa em uma reunião social qualquer, perguntavam se podiam: *“mãe, isso aqui tem carne? Posso comer?”* E ao levar para casa as lembranças de aniversário que costumam trazer bombons, doces, chiclete e chocolate entre outros, Lúcia e o esposo reuniam os filhos e faziam uma seleção de quais guloseimas eles preferiam, para doar o resto.

Lúcia relata, por exemplo, que já chegou a guardar dois ovos de páscoa por mais de um ano na geladeira de casa sem que os filhos se interessassem por comer. Esse costume de doar os doces que os filhos não queriam foi modificado quando a filha de Lúcia perguntou aos pais: *‘se isso faz mal, então por que a gente vai dar pras outras crianças’?* No que Lúcia respondeu que ela tinha razão e passou a jogar no lixo os doces que os filhos rejeitavam.

L (SE111 – 3ª. E) – *Não vou dizer a você que não comiam um doce, que não tomavam um refrigerante, João tomava uma cervejinha, essas coisas assim. Mas ééé... uma coisa mais social, mais eventualmente. Mas a gente tinha umas estratégias: enchia a barriga deles antes de ir pras festas (rs). Eles gostavam de bombom. Pegavam as caixinhas de lembrancinha, mas eles não comiam. Porque criança, em aniversário, ela mais brinca do que come. Pode observar. E eles, quando iam comer, eles perguntavam: “mãe, isso tem carne? Posso comer”? Já vinham perguntar. Agora o doce, elas adoravam. Aí, quando a gente chegava em casa, a gente fazia: “vamos pegar essa caixinha, que é que vocês gostam mais? Que é que vocês querem”?*

L (SE112 – 3ª. E) – *Às vezes, olha lá em casa já aconteceu de ficar guardado na geladeira, um ano, ovo de páscoa e ninguém comeu. Porque a minha família era grande e tinha vezes de sair mais de dez ovos de páscoa. Aí, a gente fez isso umas duas vezes: “vamos escolher o que é que vocês querem e vamos dar isso às crianças da rua”. Aí, fazia. Aí, guardava na geladeira. Teve um ano, que dois ovos de páscoa passou um ano na geladeira e no outro ano, a gente jogou fora. Agora, uma vez, minha filha deu um xeque-mate na gente. A gente chegou e disse pra eles escolherem e que o resto a gente ia dar: “se isso não é bom, por que vocês vão dar pra outra criança”? (rs). Aí, eu disse: “é! Você tá certa! Então, vamos jogar é no lixo”. Aí, joguei no lixo. Veja o que é criança. Se isso não é legal, por que é que você vai dar pra uma criança?*

Identificamos que esses rituais familiares atuavam como um sistema de controle redundante de Lúcia no processo de desenvolvimento como seguidora dos princípios da macrobiótica, passando os princípios em que ela acreditava para os filhos. Assim, essas atividades de se guardar de comer carne vermelha nos churrascos com o restante da família, as práticas diárias na própria casa e a separação dos doces das festas infantis serviam como mecanismos de controle (VALSINER, 2012a) reforçando sua posição como macrobiótica.

Consideramos relevante destacar a relação que Lúcia faz entre os ensinamentos do professor Tomio Kikuchi em relação à educação psicossomática, que envolve físico, sentimento e mente e o equilíbrio das relações familiares que ela experimentou, tanto em relação a seus pais como em relação a João. Para Lúcia, questões físicas, sentimentais e emocionais estão diretamente inter-relacionadas. Assim, para ela “*se você, fisicamente, está bem e tem um problema emocional, o seu físico estando bem vai lhe ajudar a vivenciar aquilo melhor*”. Para Lúcia, seu equilíbrio emocional é fruto desses relacionamentos familiares construtivos. Transcrevemos a seguir um excerto de entrevista para ilustrar nossa afirmação:

L (SE113 – 1ª.E) – *Ainda bem que eu tive pais que me deram muita coisa, afeto, me orientaram muito. Depois tive um casamento também, uma pessoa que a gente teve um cuidado muito grande um com o outro. Eu vejo, assim, as pessoas com conflito na família, conflito no casamento, essas coisas. Tem conflito? Tem. Mas quando você tem uma base sentimental fortalecida, se você cai fisicamente, isso lhe ajuda a se recuperar.*

Procuramos também investigar qual a posição dos filhos de Lúcia quanto à atuação dela no restaurante. Quando da morte do pai, o filho de Lúcia chegou a trabalhar com ela no restaurante. Hoje, ele, que tem formação em administração de empresas, tem uma posição mais crítica em relação a erros que mãe teria cometido na gestão do negócio: “*meu filho acha que em termos de negócio o restaurante é um fiasco*”. Segundo Lúcia, ele gostaria de ver o

restaurante ser bem-sucedido, porque *“é a história do pai dele, é a história da gente. Ele não nega isso. Ele sabe a importância disso aqui. Ele não nega. Mas ele fica muito chateado por essa situação financeira difícil”*. Ela afirma que o filho atribuiu uma parte da condição *“financeira difícil”* atual do restaurante a alguns erros administrativos cometidos por Lúcia.

Já a filha, gosta do restaurante, mas tem uma preocupação maior com a situação da mãe caso o restaurante tenha mesmo que ser fechado: *“tu vai fazer o que? Como é que vai ficar”*? Mas, para Lúcia, os dois filhos nutrem uma ligação, um sentimento bom pelo restaurante. Segundo ela, eles não poderiam deixar de ter essa ligação pelo significado que vem da representação da figura do pai projetada no restaurante: *“eles têm um sentimento pelo restaurante. Nem poderiam deixar de ter, porque eles acompanharam a história do restaurante, a dedicação de João, essa coisa toda”*.

6.1.2.3 A trajetória de vida e a construção de significados sobre tornar-se empreendedora

Na descrição da trajetória de vida de Lúcia, a primeira ruptura acontece quando ela passa a seguir os princípios da macrobiótica. Assumimos que a macrobiótica funcionou para Lúcia como uma busca espiritual, uma busca pelo divino e transcendente. Algo que a afastasse das pressões que ela sofria na carreira profissional já vivenciada como estagiária de uma grande empresa siderúrgica.

Corroboramos nossa proposição o fato de que primeiro, antes de buscar a macrobiótica, Lúcia procura um movimento missionário ligado à igreja católica, liderado por um sacerdote que era uma figura de destaque na sociedade local. No entanto, sua busca era por uma pessoa. Alguém que pudesse orientá-la pessoalmente e ajudá-la a responder aos seus questionamentos.

Logo após se interessar pelo tema da macrobiótica através de uma revista, ela teve sucesso na busca por algo e por alguém que lhe ajudasse a superar as incertezas e preocupações daquela fase da vida, quando ela conhece João. Ele, que já dominava os princípios da macrobiótica, *“passava muita segurança”* para Lúcia e foi capaz de entregar a ela as respostas que tanto buscava. Por isso, esse primeiro ponto de ancoragem, este primeiro ponto de bifurcação que encontramos, é a adesão de Lúcia à macrobiótica.

O abandono de seu cargo como chefe de departamento na área de engenharia elétrica em uma grande siderúrgica da Região Metropolitana do Recife e vir trabalhar no restaurante, representa para nossa pesquisa um segundo momento de ruptura na vida de Lúcia, marcando um ponto de bifurcação em sua trajetória. Onde ela resolve abandonar a carreira profissional para a qual havia se especializado e se unir completamente a João na direção do restaurante.

O terceiro ponto de ruptura considerado, que traz Lúcia à condição atual, mas não planejada e totalmente inesperada de empreendedora como a única responsável pelo negócio, foi a morte de João. Neste momento, ela perde duas pessoas essenciais na sua trajetória de vida: o marido e a mãe, em um acidente de carro. João foi aquela pessoa que a estimulou e a atraiu a conhecer e envolver-se com a macrobiótica. E a mãe, o modelo da esposa devotada, resiliente frente às dificuldades da vida, sem apresentar sinais de revolta ou reclamação, mas com muita dedicação e amor para estar ao lado do esposo no que fosse preciso.

Na transição que se segue à ruptura, Lúcia é obrigada a aprender a gerenciar sozinha o restaurante macrobiótico que ela havia iniciado com o marido e que à época, já contava com cerca de vinte anos em funcionamento. Aqui, podemos observar o surgimento de uma mudança intransitiva (ZITTOUN, 2012) que demandou um processo substancial de ajustamento e adaptação de Lúcia ao ambiente. Segundo Mattos (2013) na construção intransitiva de novos sentidos, a pessoa tanto reelabora a compreensão que ela tem de si mesma e do mundo, como também as ações e sentimentos.

Para Valsiner (2012a) passado e futuro são inseparáveis. Em todos os processos dinâmicos que ocorrem no tempo irreversível, a fronteira do presente separa o futuro ainda não conhecido (mas que vai seletivamente desaparecendo) do passado. Como uma linha infinitesimal entre o passado e o futuro, o momento presente na vida de alguém é essa fronteira. Abbey (2012) apresenta uma noção diferente daquela normalmente explorada nas ciências acerca das relações entre o presente e o futuro e que nos ajuda a formar uma ideia acerca da construção de significados pelos indivíduos. Nas ciências em geral, costuma-se aceitar que o passado influencia o presente, já para a autora, o futuro influencia o presente.

Nesse processo inferimos a existência de uma ambivalência (ABBEY; VALSINER, 2005) pela confrontação de reguladores semióticos incompatíveis: “*Eu sou empreendedora sem saber que sou*”! E quando perguntada se preferia que ser chamada de empresária, para assim se sentir mais à vontade, a resposta foi ainda mais taxativa: “*Aí, piorou*”! Assim, inferimos que o processo de escolha a que Lúcia foi submetida – fechar ou não fechar o

restaurante, continuar o empreendimento dos sonhos dos dois agora sozinha – longe de ser fruto de uma escolha racional e planejada, foi fruto de um momento de ruptura, totalmente inesperado e marcante: a morte de João. Esse episódio em sua vida, fez com que Lúcia, tivesse que se reposicionar para lidar com a mudança. Reiteramos que, independente de Lúcia identificar-se ou não como empreendedora, nesta ambivalência que ela vive até hoje, ela é uma empreendedora sob os aspectos considerados em nosso trabalho.

Lúcia foi levada a construir um significado para uma situação que se apresentava, a de assumir o restaurante após a morte de seu marido. Agindo e se posicionando socialmente em relação a esta nova situação (ZITTOUN et al., 2011), tornando-se a única dona e responsável jurídico-financeira do negócio. Mesmo quando ela afirma pensar constantemente em fechar o restaurante ou quando afirma que nunca teria pensado em criar o restaurante se não tivesse conhecido João, ela age efetivamente como a sua proprietária, buscando formas de mantê-lo aberto.

Ela vive a tensão constante entre um futuro incerto quanto ao funcionamento do restaurante: *“mas é a realidade, não adianta querer fugir da realidade. Eu cheguei num ponto que eu vou ter que decidir ou tu vai ter que ir lá ou tu vai pagar”* e uma decisão que ela nunca toma: *“Agora já faz uns dois anos que estou nessa encruzilhada, achando que alguma coisa vai acontecer. Tá afunilando, né? Não tá fácil”*.

Mesmo afirmando que não encerra as atividades do restaurante porque não teria dinheiro para pagar a todos, Lúcia afirma que fechar o restaurante não significa ficar sem trabalhar, parar com tudo. Quando solicitada a usar a imaginação para pensar em possíveis futuros, quando Lúcia imagina como seria sua vida sem o restaurante, ela cria trajetórias possíveis para o restaurante baseadas num princípio de fornecer alimentos de qualidade. Sendo que consideramos importante destacar que essa visão de produzir alimentos de qualidade, tem origem em todo o projeto imaginado por João desde o princípio do relacionamento de ambos:

L (SE114 – 1ª. E) – *Ó, na verdade, já faz uns três anos que, pelo menos eu e Hélio conversamos que a gente via que tinha que mudar alguma coisa, a formatação do restaurante. O pessoal fala muito em self-service, mas self-service, se bem que não acata essa ideia, porque fica muito igual.*

L (SE115 – 2ª. E) – *É! Entrepasto, lanche, mais aula de culinária, uma coisa numa escala menor. Porque, até pela minha idade, por tudo, eu tô querendo viver mais, aproveitar mais. Eu me sinto muito atraída pelo campo! Gostaria de passar um tempo no campo, num sítio, uma chácara. Mas sem... porque eu não me vejo assim, me*

aposentar pra não fazer nada! Sempre tenho muita atividade, assim, não me vejo assim. Seria fazer outras coisas que me desse, assim... que fosse mais suave mesmo, que me desse menos trabalho.

L (SE116 – 3ª.E) – *Eu gostaria de... porque era um sonho de João! João foi fazer agronomia, porque o sonho dele era produzir alimento de qualidade. O restaurante já tava pequeno pra ele! Ele tava querendo outras coisas novas, ele achava pouco. Então, eu faria algum projeto voltado pra alguma coisa que fosse pra produzir alimentos de qualidade.*

L (SE117 – 3ª. E) – *Como eu lhe disse, qualquer coisa que eu for fazer, vai ser nessa linha de qualidade da alimentação. Por exemplo, sabe o que é uma coisa que me atrai muito? Campo! Pra eu ir morar no campo, produzir alimentos, fazer alguma coisa desse tipo.*

L (SE118 – 3ª. E) – *Aí, eu sou muito de... eu gostaria de, que era um sonho de João. João foi fazer agronomia porque o sonho dele era produzir alimentos de qualidade. O restaurante já tava pequeno pra ele. Ele já tava querendo mais outras coisas mais. Já achava pouco.*

Como se precisasse sempre de um outro significativo, alguém em quem se basear ou seguir para poder trilhar e seguir seus próprios caminhos e ideias, consideramos com base em nossa pesquisa, que Lúcia busca em outros uma base de sustentação dos próprios projetos. Lúcia não foi a pessoa que teve a ideia inovadora de criar o restaurante e mesmo não foi alguém que assumiu o negócio posteriormente por uma escolha natural. Apesar de afirmar que o restaurante se tratava de “*um projeto dos dois*”, Lúcia entra como sócia do restaurante seguindo um projeto do marido, João. Ele, inclusive, antes do projeto com Lúcia, já havia montado uma sociedade com amigos para abrir um restaurante macrobiótico, mas que não deu certo.

João e Lúcia iniciam o restaurante em 1984. Durante dois anos Lúcia continua seu trabalho na siderúrgica enquanto João administra sozinho o restaurante. Ao vir trabalhar no restaurante, Lúcia passa a cuidar do preparo dos pratos, atuando “*mais focada na cozinha*”. Enquanto que João se afastava mais do dia a dia das atividades no restaurante para cuidar de outros projetos pessoais visando “*fornecer alimentos de qualidade para as pessoas*”.

Lúcia afirma que não encontrou dificuldades no sentido de passar a ser a “cara” do restaurante com a morte de João, já que, quando ele morreu, ela “*já estava aqui dentro há um tempo*”. Ela afirma que já havia assumido tarefas administrativas além de cuidar da cozinha. Além disso, ela também considerou que o restaurante era uma coisa sua também “*porque era*

uma coisa que eu acreditava, um caminho de vida que eu me identificava, aí eu resolvi continuar”.

Muita gente compreende os termos empreendedor e empresário como sinônimos, mas a verdade é que eles dizem respeito a papéis distintos e complementares. Basicamente, considera-se empresário quem exerce profissionalmente atividade econômica organizada para a produção ou circulação de bens ou serviços, ou seja, é todo indivíduo que tem competência para perpetuar uma empresa ou negócio. Enquanto ser empreendedor está muito mais ligado a uma postura, uma forma de ver o mundo, sendo aquele que identifica oportunidades e gera riquezas a partir delas. Pode-se afirmar que todo empreendedor é um empresário, mas nem todo empresário é empreendedor (GANGWAR; VISHWAKARMA, 2013; URIARTE et al., 2000). Sendo que o empreendedor, por definição, tem que ser alguém capaz de assumir riscos. Assim, seu possível sucesso está na sua capacidade de conviver com esses riscos e sobreviver a eles.

Para ser tomado como empreendedor o indivíduo sequer precisa ser aquele que abre um negócio. Ele pode até mesmo participar do negócio de outras pessoas, mas de uma forma pró-ativa e, antes de tudo, buscando uma autorrealização por assim proceder (PENROSE, 1959; FILION, 1999; CABRAL, 2007). O empreendedor é tomado como o indivíduo perseguindo uma visão pessoal, mas também, como o agente situado dentro de uma estrutura mais ampla de relacionamentos econômicos que pode ser representado por uma grade de interações e oportunidades em organizações e espaços geográficos (SCOTT, 2006).

Nossa participante Lúcia, mesmo que aparente uma dificuldade em se perceber como empreendedora: “**Lúcia (SE26)** – *Ó, na verdade, eu nunca pensei numa coisa assim: ‘eu vou ser empreendedora’! Eu sou empreendedora sem saber que sou, assim!*”, apresenta características das diferentes definições de empreendedor que trazemos em nosso trabalho. Como, por exemplo, ao buscar implantar sua visão (FILLION, 1999) acerca dos benefícios da macrobiótica em seu restaurante ou ao buscar formas de fazê-lo melhorar e crescer (GANGWAR; VISHWAKARMA, 2013). Assim, mesmo que Lúcia não tenha conseguido se identificar espontaneamente como empreendedora ou empresária, seguindo uma classificação clássica, ela pode ser considerada como *empreendedora* (itálico nosso).

Assim, mesmo havendo a uma tipologia clássica, queremos discutir em nosso trabalho, através da abordagem da Psicologia Cultural Semiótica, uma visão diferente daquelas tradicionais dos estudos sobre empreendedorismo. Nosso trabalho tem o foco no

empreendedor tomado individualmente e visto como um sistema aberto, considerando as possibilidades – potenciais e realizadas – na sua trajetória de vida, buscando identificar reguladores semióticos presentes no processo empreendedor, influenciando a decisão de manter ou não o próprio negócio. O pesquisador gostaria de assinalar que essa é uma abordagem nova neste campo de estudo das ciências sociais aplicadas e que pode ajudar, a partir da visão da PCS, a enriquecer a compreensão do fenômeno do empreendedorismo.

Pesquisar sobre empreendedorismo em administração tradicionalmente implica considerar múltiplos aspectos, tais como: inovação, criatividade, descoberta, invenção, liderança cultura, decisão, visão de futuro, riscos, julgamento, valores, crenças e gestão de recursos humanos, materiais e financeiros (GIL; PERCÍNIO, 2013). Classificados em “fatores” pessoais, ambientais, sociológicos ou organizacionais, onde a cultura é assim tomada como “aspecto”, “fator” ou “categoria” a ser considerada no estudo dos empreendedores, mesmo que tomados individualmente. Entretanto, não consideraremos essa visão tradicional do processo empreendedor ou do empreendedor.

Assim, em nosso trabalho adotamos a visão de Valsiner (2000; 2012a) onde a cultura – na visão da Psicologia Cultural Semiótica – é vista como uma parte inerente das funções psicológicas humanas. Na orientação semiótica, o termo cultura refere-se à mediação por signos, que é parte do sistema das funções psicológicas superiores, sendo estas tanto intrapessoais como interpessoais. Desse modo, a cultura não pode ser tomada como um fator ou categoria de análise, separadamente, como se pudéssemos perder de vista uma inter-relação entre o indivíduo e o ambiente. Assim, nos propomos a explorar uma nova compreensão em relação às principais correntes teóricas que buscam definir o empreendedor, através de um estudo na área de psicologia do desenvolvimento, sob a perspectiva dos pressupostos da Psicologia Cultural Semiótica (VALSINER, 2000; 2012a).

Em nosso estudo, utilizamos o TEM – *Trajectory Equifinality Model* (SATO et al., 2006; SATO; VALSINER, 2010; VALSINER, 2014) como uma ferramenta que nos auxilia a lidar com o estudo da trajetória de vida. O TEM nos dá a possibilidade de analisar tanto os eventos reais vividos como aqueles imaginados num mesmo esquema funcional. A imaginação se torna real – e o real adquire um novo valor através da imaginação. Assim, a imaginação leva ao desenvolvimento do indivíduo (ZITTOUN; VALSINER, 2016). Não encontramos estudo sobre empreendedorismo na área da administração que trouxesse uma

visão sobre trajetórias de vida de empreendedores, levando em consideração cursos de vida imaginados, mas não seguidos.

Ainda baseado nesses autores, adotamos uma perspectiva analítica, representada pela relação entre as escolhas da pessoa e as suas correspondentes construções de significados, em um mundo cultural que é ele mesmo dinâmico e se encontra constantemente em mutação, entendendo como ambos se definem um ao outro. Nossa análise se deu no nível ontogenético – tomando por base a trajetória de vida como um todo – analisando os pontos de bifurcação estabelecidos pelo próprio pesquisador a partir dos dados levantados durante a pesquisa. Nossa análise se deu no nível ontogenético – tomando por base a trajetória de vida como um todo – analisando os pontos de bifurcação estabelecidos pelo próprio pesquisador a partir dos dados levantados durante a pesquisa (ZITTOUN; VALSINER, 2016).

O tema do empreendedorismo feminino tem sido abordado por diversos pesquisadores, entre os quais destacamos, sem pretender esgotar a lista de estudos sobre o tema: Jonathan e Silva (2007); Jonathan (2011); Gouvêa; Silveira e Machado (2013); Nogueira, Alvarez e Urbano (2013); Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014). Em muitos estudos, faz-se exame de características psicológicas e sociais das empreendedoras, chamando a atenção da inovação que é o próprio fato da mulher assumir a liderança de seus próprios empreendimentos, transpondo o denominado *teto de vidro* (itálico nosso) que dificulta a ascensão das mulheres a altos níveis da administração empresarial.

No entanto, diferentemente do que os estudos tradicionais trazem para analisar o tema do empreendedorismo feminino, não pretendemos estabelecer “fatores” para explicar porque nossa Lúcia deixou seu emprego formal e foi se juntar ao marido na administração do restaurante, ou “caracterizá-la” quanto ao seu perfil pessoal e profissional e nem mesmo “classificar” as principais categorias de conflitos enfrentadas por uma dona de negócio próprio.

Consideramos que em nosso estudo não é possível determinar fatores ou categorias que influenciaram o processo de criação do restaurante por João e Lúcia. O que observamos foi a ação de reguladores semióticos que vem permeando todo o processo empreendedor, considerado aqui como iniciando no momento de ruptura em que Lúcia adere à macrobiótica, passando pela abertura do restaurante com João “*com o objetivo de praticar a filosofia que a gente acreditava e passar pras pessoas*”, continuando em sua decisão de desistir de uma carreira promissora como engenheira elétrica de uma grande siderúrgica situada na Região

Metropolitana de Recife, enfrentando uma ruptura marcante caracterizada pela morte de João e de sua mãe, estendendo-se até o momento presente, que mesmo sendo considerado financeiramente difícil, ainda não a convenceu a desistir do empreendimento.

São signos que vão operando sobre Lúcia, lhe ajudando a rever o que aconteceu no passado, transformando o momento infinitesimalmente presente e o futuro possível. Nossa construção de signos tem lugar no tempo irreversível, em que nós agimos sobre as diversas situações que vão acontecendo. Há uma necessidade de ação simultânea, do momento presente em direção ao futuro que se tornará presente no próximo momento, refletindo de alguma forma sobre os acontecimentos. O poder dos signos regulando nosso agir é tão óbvio que sob condições comuns, nós dificilmente nos damos conta disso (VALSINER, 2015). É essa uma das novidades que pode ser trazido pela visão da Psicologia Cultural Semiótica ao estudo tradicional do empreendedorismo.

Lúcia afirma que o restaurante não foi iniciado com a perspectiva do lucro nas operações, como é comum em um negócio comercial tradicional. Segundo ela, a sua ideia e de João era a de começar um negócio *voltado para transmitir às pessoas os princípios da macrobiótica* (itálico nosso). Identificamos aqui o surgimento de um novo signo promotor: *educadora* (itálico nosso), onde, iniciar o restaurante foi uma forma de externalização de seu material pessoal-cultural intrapsicologicamente existente ligado aos princípios da macrobiótica, que atingiu a camada interpessoal ao usar o restaurante para divulgar esses princípios.

Também reforça nossa identificação desse signo promotor uma fala de Lúcia ao pensar numa possível trajetória futura. Quando questionamos a ela se fecharia o restaurante, caso tivesse dinheiro para pagar as verbas indenizatórias dos funcionários e todos os custos desse encerramento das atividades, ela declara que procuraria uma atividade “*mais calma, mais tranquila*”, sem, porém, deixar de trabalhar completamente. Ainda completando:

L (SE119 – 3ª. E) – *Até fazer um trabalho social, ir ensinar as pessoas. Mas, sempre voltado pra qualidade da alimentação. Orientar as pessoas em qualidade de alimentação. Tá surgindo aí um movimento orgânico. Um movimento grande atualmente, né? Eu tenho que voltar urgente a dar aula de culinária, as pessoas tão pedindo muito. A gente já deu aula aqui no restaurante.*

Em paralelo às atividades comerciais do restaurante, o casal inicia um projeto chamado de Centro de Autoeducação Vitalícia que usava o restaurante como sua base de apoio: “*A base física, o apoio físico do Centro sempre foi o restaurante, entende? Então, a*

gente tinha uma atividade comercial e uma atividade educativa, que na verdade, elas não eram separadas, elas eram bem misturadas”. O Centro serve como uma iniciativa para disseminação das práticas da macrobiótica, através de atividades educativas como aulas de culinária, palestras e encontros.

Aqui consideramos que Lúcia assume à frente de seu negócio atitudes e discursos condizentes com os princípios do empreendedorismo social. Mesmo não sendo o restaurante um empreendimento social em essência, a própria dificuldade de nossa participante em ver-se como empreendedora também se deve a uma ambivalência entre administrar um negócio que deveria ter lucro, apesar de não buscar o lucro como finalidade última, aliado à sua vontade de modificar e influenciar as vidas das pessoas com o exercício de uma prática educativa voltada a transmitir os princípios da filosofia macrobiótica.

A existência dessa ambivalência pode ser demonstrada a partir de conceitos de empreendedorismo social e empreendedorismo voltado para obtenção do lucro, que já apresentamos em nosso trabalho. Assim, como nos apresentam Gimenez et al. (2008) e Silva et al. (2011) os empreendedores sociais possuem características distintas dos empreendedores de negócios, pois buscam criar valores sociais através da inovação e aplicação de recursos financeiros, mas em prol do desenvolvimento social, econômico e comunitário. Atitudes que vemos na atuação de Lúcia à frente do seu restaurante.

Porém, como nos apresenta Cantillon (2002) os empreendedores são vistos como indivíduos que aproveitam oportunidades para obterem lucro, tomando decisões em uma situação de incerteza, assumindo riscos e responsabilidades pelas compras de mercadorias e serviços a preços mais baixos, buscando revende-los a um preço mais alto. E Lúcia também atua assim, quando busca meios que garantam a sobrevivência do seu empreendimento.

Lúcia não busca o lucro pelo lucro. Ela não vende sucos variados para os clientes, por entender que essa prática fere princípios de alimentação pregados pela macrobiótica. Ela climatizou o restaurante, por ser uma necessidade absoluta diante das condições ambientais que vinham afastado seus clientes – mesmo sendo a climatização artificial algo não indicado pela macrobiótica. Ela busca maneiras de aumentar suas receitas e melhorar a condição financeira de seu empreendimento, mesmo considerando que o Professor Tomio Kikuchi não valoriza o lucro. A seguir, apresentamos diversos segmentos de entrevistas de Lúcia que nos permitem ilustrar essas ambivalências vividas por ela.

L (SE120 – 1ª. E) – *Então, você... no caso, a gente, ser macrobiótico não é só abrir um restaurante pra comer. Um grupo que se chamou depois Centro é... hoje o nome é Centro de Autoeducação Vitalícia. Então, o restaurante era a base física desse grupo, aqui que aconteciam as reuniões, as aulas, se promoviam muitos seminários. Mas não era só o restaurante. Tinha um grupo de pessoas em torno dessa entidade. É como se fosse o restaurante e o Centro. O Centro eram pessoas que desenvolviam atividades em torno dos ensinamentos do Professor Tomio Kikuchi. E o restaurante, como João, como era um dos líderes desse movimento e tinha o restaurante, então o restaurante foi... muitas vezes se misturava Centro e restaurante. A base física, o apoio físico do Centro sempre foi o restaurante, entende? Então, a gente tinha uma atividade comercial e uma atividade educativa, que não verdade elas não eram separadas, elas eram bem misturadas.*

L (SE121 – 1ª. E) - *Assim, por exemplo. Eu vou dar um exemplo bem simples... porque dentro do critério da gente... (silêncio) se eu vendesse, por exemplo, mais tipos de suco aqui, ia vender mais; se eu vendesse todo dia peixe, eu ia vender mais; mas isso foge dos ensinamentos da gente, assim. Por exemplo, questão de peixe. Peixe é uma proteína e você não deve usar proteína todos os dias, usa eventualmente nas necessidades, hoje eu até uso um pouco. A gente já usou, servia, mas não servia todos os dias, aí perguntavam “mas por que não tem todo dia?”. Suco, por que não tem suco? Suco é uma coisa que dentro do princípio da gente suco é uma coisa que lubrifica o sangue. Suco todos os dias e durante a refeição você tem que mastigar e não engolir com líquido. Tem até o processo de ensinar a pessoa como comer, como mastigar, essa coisa toda. Aí tinha coisas que as pessoas “ah por que não tem isso?”, e a gente não fazia, por princípio. Não é porque queria só ganhar dinheiro, mas porque tinha que educar as pessoas a se alimentar. Então é por aí.*

L (SE122 – 1ª. E) - *Não, porque na verdade a empresa ela não tem lucro. Essa empresa não tem lucro. Ela se sustenta e, às vezes, ela me sustenta. Aí, eles questionam muito isso, porque eu tô trabalhando com essa dedicação, essa coisa toda. Chegou num ponto... eu sei, assim... muita coisa tem que mudar, porque o sistema tá muito... tem muita concorrência hoje, tem muita coisa que a gente tem que rever. E a própria macrobiótica ela evoluiu, ela mudou, assim, dos anos 70 pra hoje, os critérios, como você se alimentar ou não, essa coisa toda, teve muitas mudanças. Agora eu me sinto assim, meio estagnada, tanto que eu parei, precisaria fazer alguma coisa em termos empresariais, devia mudar.*

L (SE123 – 1ª. E) - *Por exemplo, eu tive que climatizar esse restaurante, porque ele não era climatizado, em 2012 ou 2013. Porque a ideia da gente ter ar condicionado foge totalmente dos princípios, da coisa de ser saudável e poluição e mil coisas né. Mas chegou um momento: “não, ou eu faço isso ou eu vou fechar”! Porque as pessoas deixavam de vim aqui porque não aguentavam o calor.*

L (SE124 – 1ª. E) – *É. E se você fizer “Ns” pesquisas, trabalhos com o pessoal de agricultura orgânica e familiar e vê que melhora a qualidade de vida. Então, o CSA ele é um grupo de pessoas que se juntou. O agricultor está produzindo pra essas pessoas com todos os critérios de qualidade em todos os sentidos, e ele é acompanhado. Assim, a gente faz um levantamento do custo real da coisa: o produto,*

o transporte, a administração, tudo é “X”, isso é rateado pelas pessoas. [...] É, a gente procura ter um... oferecer o que tem de melhor e muitas vezes isso não é reconhecido, porque as pessoas chegam aqui e não sabem de onde trazem e começam as comparações: “ah! Tá caro! Estamos pagando com o que”? Aí, não é fácil dentro do mercado eu também não posso botar um preço, o preço real que seria a minha refeição não é esse que eu digo. Porque se for botar com o lucro que deveria pra sustentar o custo de tudo, não seria esse preço, mas se aumentar, não vai vender... então a coisa é mais ou menos assim.

L (SE125 – 2ª. E) – *Ó, na verdade, eu nunca pensei assim numa coisa: “eu vou ser empreendedora”. Eu sou empreendedora sem saber que sou, assim! Porque, como eu já lhe falei antes, a história do restaurante foi uma história muito... filosófica, né? A gente abriu o restaurante, isso era eu e meu marido. Eu estava dentro e, na época, nos anos 80, essa alimentação estava dentro... ééé... assim, como se fosse namoro: com muita procura. Com um mercado bom. [...] Que, paralelo ao restaurante tinha o grupo de estudos, né? Que já fez vários seminários, palestras, cursos, também a parte educativa. Porque a gente não ficou só com a parte comercial: “vamos vender”! A gente tinha uma parte educativa e isso também se mistura muitas vezes e dá muito problema. Então, assim: “eu sou empreendedora! Vou fazer um negócio pra vender, pra ganhar dinheiro”! Não! Começou a coisa mais com o objetivo de praticar a filosofia que a gente acreditava e passar pras pessoas.*

Segundo Calado (2014) e Fernandes (2015) faz parte da prática dos movimentos macrobióticos associar à difusão dos conhecimentos sobre alimentação, atividades ligadas à educação das pessoas como uma forma de transmitir seus conhecimentos e princípios. Aqui consideramos que as atividades do Centro criado por Lúcia e João atuavam como mensagens redundantes de Lúcia no seu processo de desenvolvimento como seguidora dos princípios da macrobiótica. Inferimos que as atividades educativas, palestras e outras atividades realizadas pelo Centro servem como mecanismos de controle (VALSINER, 2012a) que reforçavam sua posição como macrobiótica.

No entanto, na busca por entender o funcionamento desse Centro e como ele estava ligado ao restaurante, identificamos o Centro como uma possível origem de dificuldades e erros administrativos relatados por Lúcia no gerenciamento do restaurante. Tanto o próprio restaurante quanto o Centro iniciaram sem um planejamento prévio, sem que houvesse uma preocupação por parte do casal de seguir critérios de organização empresarial. Essa falta de planejamento não é entendida aqui como a falta de uma formalização legal das atividades, mas sim a falta do estabelecimento de critérios claros para o funcionamento das atividades de maneira interligada.

L (SE126 – 2ª. E) – *Por isso que eu te digo: as coisas foram acontecendo! Sem eu pensar muito assim! De repente mesmo, necessitava... porque a gente começou, aí*

teve a necessidade de contratar, vamos dizer... por exemplo, vou dar um exemplo bem claro: João começou, fazia, vendia, comprava! Não tinha muitos controles contábeis. Aí, chegou o momento que tinha que ter um controle contábil! Tinha que ter um contador, pra começar a organizar. Aí, é... à medida que a necessidade ia aparecendo, de formalizar, de tornar essa coisa mais formal, a gente ia fazendo! Aí, hoje, eu tenho a consciência bem clara de que existe um sistema, uma organização. O restaurante hoje ele está organizado. Formalmente ele está organizado! Não tem assim... eu acho que... tá bem encaminhado, né? Mas as coisas foram acontecendo e com a necessidade, a gente foi fazendo. E, assim, com o princípio de querer fazer direito, de fazer certo!

Segundo Lúcia, muitas vezes havia uma mistura entre as atividades do restaurante e do Centro. Por exemplo, o Centro oferecia eventuais aulas de culinária macrobiótica e usava a estrutura do restaurante para essas aulas. Assim, cobrava-se dos alunos das aulas uma taxa que deveria pagar os custos operacionais do restaurante e deixar, como contribuição para o Centro, o valor que sobrava. Porém, Lúcia afirma que algumas pessoas que eram alunas desses cursos e que queriam aprender a cozinhar, ficavam no restaurante como voluntários em troca do aprendizado, gerando alguns problemas com isso:

L (SE127 – 1ª. E) – *Assim, que queriam aprender a cozinhar! Ficavam como voluntários. Que foi por muito tempo, muito tempo, muitas pessoas na cozinha do restaurante, durante uns dez anos ou mais, sempre tinha uma, duas pessoas voluntárias que colaboravam no restaurante em troca do aprendizado.*

L (SE128 – 1ª. E) – *E, às vezes, tinha também, essas pessoas faziam uma produção. Era uma coisa muito misturada, não conseguia separar realmente, entende? E, às vezes, dava problema, dava discussão. João sempre foi uma pessoa assim, muito entusiasmado.*

E isso gerou confusões, “*dava discussão*”, causada pelas expectativas diferentes entre os “voluntários”, que esperavam ganhar alguma coisa pelos pratos que criavam e preparavam no restaurante e a postura de João que “*sempre foi uma pessoa assim, muito entusiasmada. No caminho de vida dele, ele descobriu que o que ele queria fazer era uma coisa ligada à educação*”. Assim, ele parecia não se importar com a necessidade de uma formalização profissional nas relações entre os voluntários e o restaurante bem como não entender possíveis pontos-de-vista diferentes das pessoas que vinham executar seus trabalhos no restaurante.

Enquanto consideramos que a sugestão social mais importante para Lúcia é a dos princípios da macrobiótica, uma das menos importantes, de acordo com os objetivos buscados em nosso estudo, é a das falas e imagens tradicionais acerca do empreendedorismo e do empreendedor. Como já mostramos com sua frase marcante para nosso estudo: “*Eu sou*

empreendedora sem saber que sou”! Assim, essas sugestões sociais relacionadas às teorias sobre empreendedorismo ou sobre a figura do empreendedor não funcionam como um guia de suas atividades e decisões à frente do restaurante. Podemos afirmar que não houve um processo de internalização desses materiais semióticos e de sua síntese no domínio intrapsicológico (VALSINER, 2012a; 2014).

Hélio, que havia trabalhado com Lúcia e com João desde o início do restaurante, emerge como um terceiro significativo fundamental, especialmente após a morte do marido, dividindo com ela as obrigações e tarefas no funcionamento do negócio. Após a ruptura da morte de João, Hélio se torna alguém com quem ela pode contar nessa transição entre deixar de ser aquela que atuava como um auxiliar do esposo na administração e que cuidava do preparo dos pratos na cozinha do restaurante para ser a principal responsável jurídico-financeira pelo negócio.

Com base em nossa pesquisa, consideramos que Lúcia está sempre buscando um outro significativo, alguém que lhe ajude no desenvolvimento de seus projetos e a trilhar seus próprios caminhos e construir suas próprias ideias. Hoje, Lúcia vive uma tensão por um possível ponto de ruptura, que seria a saída de Hélio do restaurante. Ela afirma estar encontrando dificuldades para contratar alguém para o lugar dele, que *“está precisando se afastar fisicamente e eu tô com muita dificuldade de encontrar um gerente. [...] Hélio é dono também” ele toma conta de tudo, tudo é eu e ele age, é dono, segundo dono, entende”?* E esse afastamento dessa figura importante para Lúcia significa *“começar uma nova fase aqui, uma mudança que eu nem sei, não tô sabendo fazer”*. Esta dificuldade relatada por Lúcia, está ligada ao fato de não saber *“lidar com um gerente que não é dono, entende? Porque a minha confiança com ele é total”*. Mas, mesmo que venha a se afastar, Lúcia afirma que Hélio vai *“continuar me apoiando”*.

Surge aqui um outro questionamento em nosso levantamento de dados, mas para o qual não obtivemos resposta. Em vista de tudo o que levantamos, em relação aos diferentes reguladores semióticos que foram importantes na trajetória de vida de Lúcia, identificamos perdas sucessivas, reais e simbólicas: a perda do pai aos dezessete anos, o abandono de uma carreira promissora como engenheira, passando por perdas mais marcantes: a morte inesperada do marido e da mãe. Agora, há ainda a possibilidade de Lúcia sofrer uma outra perda que é a aposentadoria do seu gerente de confiança no restaurante.

O questionamento que fazemos é: será que, para Lúcia, o restaurante é encarado como “um ser vivo”, um “alguém” que ela também não quer perder e, por isso, ela não encerra as suas atividades? Lúcia apresenta dificuldade em imaginar uma trajetória sem o restaurante. Afirmo que não pretende fechar o restaurante para ficar parada, além de afirmar que o restaurante “*é uma expressão de João*”. Pedimos a ele para imaginar que o restaurante já estava fechado e, ainda assim, após um período de silêncio aparentemente pensando numa resposta, sua trajetória ainda tratou do restaurante aberto:

L (SE129 – 3ª. E) – *Porque, na verdade, o restaurante é uma expressão de João! É difícil desligar assim. Lógico, ele não tá aqui há muito tempo. Teve muita mudança, tudo. Mas isso aqui, essa história é a dele também. Não tem como desmanchar. Às vezes, as pessoas ficam, assim, até achando que... é que, quando uma pessoa morre, as pessoas ficam querendo esquecer. Sei lá! É um negócio meio estranho! Eu acho. O fato de eu falar dele, muitas pessoas acham que eu estou sofrendo, me amarrando, mas não. Como é que eu vou esquecer, deixar de falar do pai dos meus filhos?*

L (SE130 – 3ª. E) – (silêncio) *Ééé... não, porque, quando eu fosse fechar o restaurante, eu tinha que ter um projeto (rs). Era pra fazer um projeto. Mas, não, como toda coisa... outra coisa, recentemente... esse ano foi um ano muito difícil pra mim e de muitos xeque-mates. Foi um ano que eu passei quase o ano todo pensando numa opção, em como bancar o restaurante, de como resolver esse problema. Ééé... com certeza, assim, a não ser que aconteça uma coisa muito (drástica). Pra fechar o restaurante, eu vou ter que ter uma outra opção já encaminhada, mais ou menos assim.*

Na transição que se segue à ruptura da morte de João, Lúcia precisou aprender a ser a única proprietária e principal responsável jurídico-financeira por um restaurante macrobiótico que, à época, já contava com cerca de vinte anos em funcionamento. Nessa mudança intransitiva (ZITTOUN, 2012; MATTOS, 2013) Lúcia precisa se ajustar e adaptar a um novo ambiente, criando novos sentidos e reelaborando tanto sua compreensão acerca de si mesma e do mundo, como também seus modos de agir e de sentir.

Segundo Valsiner (2012a) a hierarquia dos níveis de mediação semiótica dos processos afetivos, inclui, no mesmo esquema, emoções e sentimentos de diferentes graus de generalidade. Os processos de mediação do nível 3 descrevem uma situação na qual uma pessoa, após usar excessivamente categorias de emoção em seu próprio diálogo interno, chega a uma autorreflexão generalizada, mesmo se mal definida. Assim, proposições como “eu me sinto mal” pode resultar de uma generalização superior do ponto de vista da abstração em relação a categorias de emoção (sentir-se desgostoso).

Dentro das mudanças intransitivas que precisaram ocorrer em Lúcia estão a necessidade de aprender a lidar com condições de conflitos pessoais e atividades administrativas existentes no espaço de trabalho (JONATHAN; SILVA, 2007) e que, necessariamente, estão sempre presentes no cotidiano das atividades profissionais do empreendedor.

L (SE131 – 2ª. E) – *É ver a coisa fluindo com mais tranquilidade, sem aperto no final do mês, sem dor-de-cabeça com... com funcionário! Que fluísse sem esses, esses atropelos que acontecem, que roubam muita energia, que deixam você muito cansada, essa coisa toda! A parte financeira pesa muito, né? Você é o tempo todo fazendo conta, aperta daqui, dali... é... no vermelho! Antecipando cartão, não sei o quê!*

Situações de conflitos pessoais são encaradas como desafios por Lúcia em seu trabalho como a dona do restaurante, atingindo a categoria de emoção presente no nível 3 da hierarquia de mediação semiótica:

L (SE132 – 2ª.E) – *Olhe, uma grande dificuldade é o ser humano, é a relação com as pessoas. Tanto os funcionários como com os clientes. Porque são duas coisas, assim, bem diferentes e você tem que ter muita habilidade nessa coisa de relação pessoal [...] porque a gente interage muito, interage com o fornecedor, interage com o concorrente, interage com o funcionário [...] você se envolve muito com o cliente, trata como amigo e depois vê que não é amigo, é cliente. Essa questão das relações humanas, eu acho que são muito difíceis. Principalmente, quando você não está visando só o negócio, só o lucro.*

A seguir, transcrevemos outros excertos de entrevistas que também ajudam a ilustrar os conflitos que Lúcia descreve no seu espaço de trabalho, envolvendo pessoas – clientes e funcionários – e com órgãos de fiscalização, dando uma ideia de como eles são gerados:

L (SE133 – 2ª. E) – *passa sempre pela questão das pessoas, a questão da confiança, de você ter treinado (o funcionário), de você acreditar na pessoa e a pessoa agir de outra forma. Passa muito sempre pela questão das relações humanas.*

L (SE134 – 2ª. E) – *É, então, eu sempre dizia: ‘você não pode comparar. Porque... aí, eu começava a mostrar: o meu produto é assim, a qualidade do que eu faço é diferente. Mas... ééé a maioria das pessoas, né? Quem não está à procura de qualidade mesmo, entendeu? É porque, na verdade, é como eu lhe digo: a atividade da gente não é só comercial, é uma atividade educativa. Essa mistura dá muito trabalho. [...] Aí, nem todo mundo entende, tá a fim desse princípio, é... eu, pra ser fiel a isso, termino deixando de vender.*

L (SE135 – 2ª. E) – *Tudo, assim! É... a relação com o fornecedor. Eu até tenho, assim, tenho uma equipe pequena de fornecedores, o pessoal legal, mas você tem que ter cuidado. Porque, não sei se... como é que eu vou te dizer isso... os impostos que a gente paga, me deixam muito chateada! Assim, no Brasil o pequeno é tratado sem muita... como se fosse um grande! A gente tem muitos encargos. É... a concorrência...*

desleal. É tudo assim! É o conjunto das dificuldades de se ter (um negócio)... que, talvez... só que eu tenha que me conscientizar que é o... que é o normal das pessoas! É o que é mesmo e...

L (SE136 – 2ª. E) – *Que nessa rua todinha, vários esgotos estão entupidos. Meu esgoto nunca entupiu! [...] É a lei, então, vamos fazer! Faço! É... aí eu digo: tá! Tá bem! Tô fazendo! Tô cumprindo! Eles fazem fiscalização mensal agora, chegam aqui e veem se a caixa de gordura tá limpa... enquanto que isso, você saí aí e você vai ver: minha casa vizinha, ela despeja esgotos dela no meio-fio. Eu já denunciei, já falei, não sei o quê! E isso... aí os que vem aqui dizem: “isso não é da área da gente. A senhora tem que ligar pra outra área”. Mas é Compesa, né? Aí, são essas coisas que me chateiam muito!*

Já identificamos o signo promotor educadora, presente na concepção do restaurante como uma forma de externalização do material pessoal-cultural intrapsicologicamente existente de Lúcia ligado aos princípios da macrobiótica. A partir disso, mesmo as atividades comerciais são revestidas desse ideal de educar os clientes. Podemos tomar como exemplo nesse sentido a atitude de Lúcia, já descrita anteriormente, de não vender suco em seu restaurante para acompanhar as refeições. Ou ainda sua recomendação de que tomar chá após as refeições seria muito mais saudável para o organismo: *“no final da refeição, o líquido mais indicado... apesar de não ser um costume ocidental, você tomar um chá é mais digestivo do que tomar um suco”*.

Lúcia sabe que perde quando não “flexibiliza” suas opções de produtos para se adequar às necessidades dos clientes: *“isso eu tô perdendo”*! Contudo, ela afirma que tem analisado a possibilidade de ampliar suas opções de produtos e a escolha *“fica a critério da pessoa”*. Assim, ela até considera possível *“entender e se adequar a... ao sistema que tá aí”*! Mas, mesmo assim *“agora, o que eu não posso é perder a minha essência! Nem quero! Se for pra isso, eu não faço nada”*.

L (SE137 – 2ª. E) – *É, então, eu sempre dizia: “você não pode comparar”. Porque... aí, eu começava a mostrar: o meu produto é assim, a qualidade do que eu faço é diferente, essa coisa toda! Mas... é... a maioria das pessoas, né? Quem não está à procura de qualidade mesmo, entendeu? É porque, na verdade, é como eu lhe digo: a atividade da gente não é só comercial, é uma atividade educativa! Essa mistura dá muito trabalho!*

Já demonstramos que Lúcia afirma que a macrobiótica é, muitas vezes, procurada por aqueles que questionam o “sistema”. Reforçando essa visão de que sujeitos que não concordam com os valores adotados pela sociedade procuram a macrobiótica. E a afirmação de Lúcia na passagem em destaque acima mostra que existe um questionamento ao sistema

alimentar mais comum em suas práticas à frente do restaurante. Entendemos que essa atitude também funciona como uma mensagem dentro do seu sistema de controle redundante, reafirmando sua observância plena aos princípios da macrobiótica.

Enquanto um determinado cliente de Lúcia foi impedido de comprar uma sobremesa, *“porque ele chegou dizendo que não tava bem! Mas disse que queria uma sobremesa”*, mas tem uma reação amistosa à atitude de Lúcia: *“Lúcia, tu é a única pessoa que vende, mas que tu convence a gente a não comprar! Como é que pode isso”*? Já outros não reagem de maneira a entender o esforço dela em ensinar sua filosofia de vida:

L (SE138 – 2ª.E) – *Uma vez chegou uma senhora aqui. Ela, com a mão toda torta, com artrose aguda. Aí, eu fui dizer a ela que proteína animal é um grande causador disso. Seus derivados, carne vermelha, porque com o passar do tempo, não sei o quê, tal. Aí, ela me diz: ‘Ah! Deus me livre! Prefiro morrer a deixar de comer minha carne! Depois que ela me diz isso, não mais nada o que dizer pra ela.*

L (SE139 – 2ª.E) – *Uma vez foi muito engraçada a história do gersal. Porque o gersal é o gergelim moído com sal que bota em cima do arroz. E o certo não é você cobrir o arroz de gersal, você põe um pouquinho. Porque o arroz integral ele é saboroso! Então as pessoas comem ele o mais simples possível, né? Aí, uma pessoa estava querendo mais gersal e a gente disse que não servia, tentando explicar o porquê. Ela disse: ‘Ah! Não vim aqui pra ser educado, não! Vim aqui pra comer! Aí, veio aqui na frente, comprou um pacote de gersal que a gente vende pra pessoa levar pra casa e temperou o arroz dele com mais gersal.*

Lembrando que um sonho de João era *“fornecer um alimento de qualidade”*, outro mecanismo de reforço na observância dos princípios macrobióticos praticados por Lúcia está na aquisição da matéria-prima utilizada para preparação dos pratos vendidos em seu restaurante. Ela busca produtos naturais – orgânicos, a não ser que não estejam disponíveis no mercado – e industrializados (quando não é possível adquirir o produto natural) que tenham a melhor qualidade possível, mesmo que isso encareça o custo final dos seus produtos, o que também gera questionamentos por parte dos clientes, mas que ela não considera justos porque, segundo ela, *“não dá pra comparar”* a qualidade da comida que ela fornece com a qualidade da comida fornecida por outros restaurantes também situados no Centro do Recife e que são seus concorrentes diretos.

Seguindo esse propósito de fornecer alimentos de qualidade, Lúcia também se uniu a um grupo que procura seguir os princípios da CSA – *Community Supported Agriculture* ou, como traduzida livremente para português: Comunidade que Sustenta a Agricultura. Trata-se de um modelo econômico alternativo de apoio à agricultura local e ao escoamento de

produtos orgânicos diretamente ao consumidor, especialmente voltado para apoiar pequenos produtores, criando uma relação próxima entre quem produz e quem consome os produtos. Um CSA também se refere a uma rede, ou grupo de indivíduos, que se comprometeram a apoiar uma ou mais fazendas locais, com produtores e consumidores compartilhando os riscos e benefícios da produção de alimentos (CSABRASIL, 2017).

Lúcia também se refere ao movimento do CSA quando pedimos a ela para pensar em um futuro possível, quando relata certo desejo de morar no campo. Lúcia passa detalhes de como funciona o modelo do CSA do qual ela participa, usando os produtos orgânicos de uma pequena propriedade localizada no interior de Pernambuco, para usar nos pratos preparados no restaurante. A sua participação nesse movimento também serve como um dos mecanismos de reforço na prática dos princípios da macrobiótica.

L (SE140 – 1ª. E) - *Estão começando um trabalho aqui em Recife, na área de agricultura, que é um trabalho chamado “CSA”. É mais ou menos assim, comunidades que se sustentam da agricultura, se botar isso no Google tu vai ver, é um trabalho que começou na Europa, no pós-guerra, mais ou menos assim: junta-se um grupo de pessoas pra apoiar um produtor rural, o produtor rural é também uma pessoa muito sacrificada né, está exposta ao tempo e a mil coisas. As feiras orgânicas que tem hoje aqui em Recife, que são feiras que são da agricultura familiar que são acompanhadas por ONGs e que você vê que esses agricultores que são acompanhados nessas feiras orgânicas eles melhoraram, a qualidade de vida deles, tem dificuldades pra eles.*

L (SE141 – 1ª. E) – *É. E se você fizer essas pesquisas, trabalhos com o pessoal de agricultura orgânica e familiar e vê que melhora a qualidade de vida. Então o CSA, ele é um grupo de pessoas que se juntou. O agricultor está produzindo pra essas pessoas com todos os critérios de qualidade em todos os sentidos, e ele é acompanhado. Assim, a gente faz um levantamento do custo real da coisa: o produto, o transporte, a administração, tudo é “x”, isso é rateado pelas pessoas. Por exemplo, vou dar um exemplo do que tem hoje, eu comecei a participar não pra abastecer o restaurante, mas porque achei o trabalho interessante, um trabalho que se crescer vai ser um coisa boa pra... É, a gente vai no agricultor, faz visitas de dois em dois meses, se relaciona com ele, vê como é, vê os problemas, tem uma pessoa que administra, faz esse trabalho maior, né?*

L (SE142 – 3ª. E) – *Que é um grupo de pessoas que acompanha um agricultor. Porque, você sabe, que a atividade do agricultor ela é muito vulnerável e muito sacrificada. Por exemplo, tem a feira orgânica das Graças, que é uma das primeiras feiras, que é a feira que eu faço e onde eu compro a maior parte dos produtos do restaurante. Os agricultores ficam muito vulneráveis a tempo, vender, sol, todas essas coisas podem afetar o negócio dele, essa coisa toda. Então, essa comunidade vai se juntar e vai financiar esse agricultor. Vai ter a garantia de que ele vai produzir um alimento de qualidade, com acompanhamento, com tudo. Existe um envolvimento de*

quem consome com quem produz. A gente vai acompanhar, entende? É esse o objetivo do CSA.

Próximo ao seu restaurante, Lúcia tem vários outros concorrentes, principalmente restaurantes *self service* com balança, tanto especializados em comida macrobiótica como aqueles que fornecem comida de todos os tipos, além daqueles que oferecem o conhecido “prato feito”. Para Lúcia, o preço que ela aplica à sua refeição, que é superior ao preço médio praticado por esses outros restaurantes, tem justificativa se baseado na qualidade dos produtos que ela fornece. Assim, oferecer um produto de qualidade não é visto apenas como um fator ‘financeiro’, por exemplo, na apropriação dos custos das operações do restaurante. Mas, sim, age como um mediador semiótico que orienta a construção de significados dela sobre o que considera como realmente, definitivamente, significativamente importante na gestão de seu negócio.

Destacamos a seguir excertos de entrevistas para demonstrar a importância atribuída por Lúcia à qualidade dos produtos que ela usa como matéria-prima dos pratos oferecidos pelo restaurante:

L (SE143 – 1ª. E) – *Eu uso as melhores coisas aqui... eu ofereço o melhor arroz integral que eu encontro no Brasil, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, trago de fora os alimentos, não uso qualquer um. O shoyu, eu vendo o melhor shoyu que eu encontro no Brasil, um shoyu sem açúcar, sem Ajinomoto, que vem de São Paulo, não é barato!*

L (SE144 – 1ª. E) – *Minhas verduras, eu uso orgânico, só não uso orgânico o que não tem. Então ligo pra feira de orgânicos mais antiga aqui de Recife, eu ligo pra eles, eles entregam.*

Lúcia afirma que hoje é possível a alguém que segue uma alimentação macrobiótica, comer apenas aquilo que é indicado pela dieta macrobiótica, mesmo que ele não frequente um restaurante especializado neste segmento. As sugestões sociais ligadas a uma alimentação saudável e os benefícios à saúde trazidos por alguns alimentos e determinadas práticas alimentares, fazem com que lugares em que antes não se imaginava, seja possível encontrar uma alimentação acessível a um praticante da macrobiótica. Contudo, Lúcia lamenta um certo preconceito que ainda existe em relação à alimentação macrobiótica: *“Eu fico vendo, as pessoas que eu conheço, ainda tem um certo preconceito. ‘Ah, não! Isso não é bom, não!’ Além de afirmações como: ‘Não pode comer carne? Ah, quero não!’ Então, eu acho que ainda é uma visão errada que as pessoas têm da macrobiótica”.*

Diante da situação de dificuldade financeira vivida no momento atual pelo restaurante, Lúcia vive a tensão constante entre um futuro incerto quanto ao funcionamento do restaurante: *“mas é a realidade, não adianta querer fugir da realidade. Eu cheguei num ponto que eu vou ter que decidir ou tu vai ter que ir lá ou tu vai pagar”* e uma decisão que ela nunca toma: *“Agora já faz uns dois anos que estou nessa encruzilhada, achando que alguma coisa vai acontecer. Tá afunilando, né? Não tá fácil”*.

Assim, pedimos a Lúcia que imaginasse trajetórias futuras, considerando não só um futuro possível em que ela continuasse com as atividades do restaurante como também pedimos a ela para pensar na sua vida sem o restaurante. Observamos que mesmo afirmando que não encerra as atividades do restaurante porque não teria dinheiro para pagar a todos os funcionários e fornecedores, fechar o restaurante não significa ficar sem trabalhar, parar com tudo, e, assim, ela se mantém numa ambivalência entre as trajetórias possíveis desse futuro.

Quando solicitamos a Lúcia para imaginar suas trajetórias futuras com o restaurante, perguntamos a ela a que área do seu negócio ela gostaria de se dedicar com exclusividade, se lhe fosse dada essa possibilidade. E sua resposta foi: *“Eu gostaria de estar mais concentrada na cozinha, desenvolvendo a culinária. [...] agora assim, se eu tivesse... ultimamente eu tenho pensado muito nisso assim: em ter mais disponibilidade de ficar na cozinha mesmo, acompanhando, melhorando, fazendo minhas receitas, minha comida, essa coisa assim”*. Ela ainda complementou esse desejo com outro que está ligado à função do restaurante de transmitir os princípios da macrobiótica: *“Dar aula de culinária! É uma coisa que eu gosto”!*

Projetando o futuro possível mantendo o restaurante, pedimos a ela que nos descrevesse suas perspectivas de futuro, uma situada em um período de até dois anos e outra mais longa, de aproximadamente cinco anos. Lúcia tem o desejo de que o restaurante saia da situação de dificuldade financeira em que se encontra atualmente. Porém, ela não apresenta um plano ou traça uma direção clara. Daí identificarmos uma ambivalência onde, mesmo pensando em continuar o restaurante, embora pretendendo que ele se recupere das dificuldades, ela também avalia uma possibilidade de mudança do formato do negócio. Para Lúcia, apesar de gostar do trabalho no restaurante, ele é muito cansativo. Assim, ela poderia continuar atuando como um entreposto para venda de produtos macrobióticos, fornecer lanches, dar aulas de culinária, mas tudo em uma escala menor:

L (SE145 – 2ª.E) – *eu cheguei num momento da vida que eu tenho que definir isso. É... porque trabalho de restaurante é muito cansativo! Mesmo gostando, mas é muito cansativo! Com todas essas dificuldades... nos próximos dois anos, seria fazer com*

que o restaurante saísse dessas dificuldades materiais. [...] eu acho que daqui a uns cinco anos eu vou, assim, não me afastar desse tipo de atividade. Mas não sei se ficaria servindo refeição ou se faria uma coisa menos... que não envolvesse muito a cozinha. Mesmo gostando, assim, eu gosto de cozinhar. Mas uma cozinha de restaurante, ela dá muito trabalho.

L (SE146 - 2ª.E) – *Entrepasto, lanche, mais aula de culinária, uma coisa numa escala menor. Porque, até pela minha idade, por tudo, eu tô querendo viver mais, aproveitar mais. Eu me sinto muito atraída pelo campo! Gostaria de passar um tempo no campo, num sítio, uma chácara. Mas sem... porque eu não me vejo, assim, me aposentar pra não fazer nada. Sempre tenho muita atividade, assim. Seria fazer outras coisas que me desse, assim... que fosse mais suave mesmo, que me desse menos trabalho.*

Na 3a. entrevista com Lúcia, procuramos explorar não apenas uma trajetória imaginada continuando com o restaurante, mas solicitamos a ela que usasse a imaginação para pensar em possíveis futuros, imaginando como seria sua vida sem o restaurante. Observamos que ainda assim, ela cria uma trajetória em paralelo com um projeto imaginado por João:

L (SE147 – 3ª.E) – *Eu gostaria de... porque era um sonho de João! João foi fazer agronomia, porque o sonho dele era produzir alimento de qualidade. O restaurante já tava pequeno pra ele! Ele tava querendo outras coisas novas, ele achava pouco. Então, eu faria algum projeto voltado pra alguma coisa que fosse pra produzir alimentos de qualidade.*

Segundo Zittoun e Valsiner (2016) a vida de uma pessoa não diz respeito apenas ao que a pessoa faz, ou mesmo não apenas sobre o que eles experimentaram em seu curso de vida real. Uma grande parte é representada pela imaginação da pessoa – imaginar que você está na praia ao invés de no trabalho, como era a vida antes de uma catástrofe ou que alguém um dia poderia se tornar o dono do próprio negócio. A imaginação está conectada a rupturas e à trajetória de vida em um duplo sentido. Primeiro, é por algumas vezes as pessoas imaginarem que a vida poderia ser diferente, que eles criam rupturas como modelos de futuros possíveis. Esta é a projeção de um futuro possível, avaliado a partir do ponto de vista do presente. Segundo, as rupturas requerem imaginação: após uma ruptura da trajetória de vida como era, a pessoa tem que se engajar em explorações ativas de novos caminhos e possibilidades de como viver diante das novas condições e como aprender com o passado (ZITTOUN; VALSINER, 2016).

A seguir elaboramos as possíveis trajetórias futuras imaginadas por Lúcia a partir do presente. Partimos do ponto de ruptura passado em que Lúcia assume o restaurante a partir da morte de João, seguindo a trajetória real em que ela continuou com o restaurante, tendo como

trajetória imaginada a continuação de sua carreira como engenheira. As expectativas de trajetórias no futuro são completamente imaginárias, desde que o futuro ainda não tenha se tornado passado no presente momento.

Ambos os futuros imaginados, continuar com o restaurante ou mudar para uma atividade diferente, envolvem a figura de João. Se Lúcia continua com o restaurante, ele mantém viva a memória de João: *“Porque, na verdade, assim... o restaurante é uma expressão de João! Você se desligar, assim... porque essa história é dele também. Não tem como desmanchar”!* Caso decida parar com o restaurante e seguir outro ramo, ela ainda pensa na filosofia que embasou a criação do restaurante: *“De repente até fazer um trabalho social, ajudar as pessoas. Mas sempre voltado para a qualidade da alimentação. [...] tá surgindo aí um movimento orgânico. Um movimento grande atualmente, né?”.*

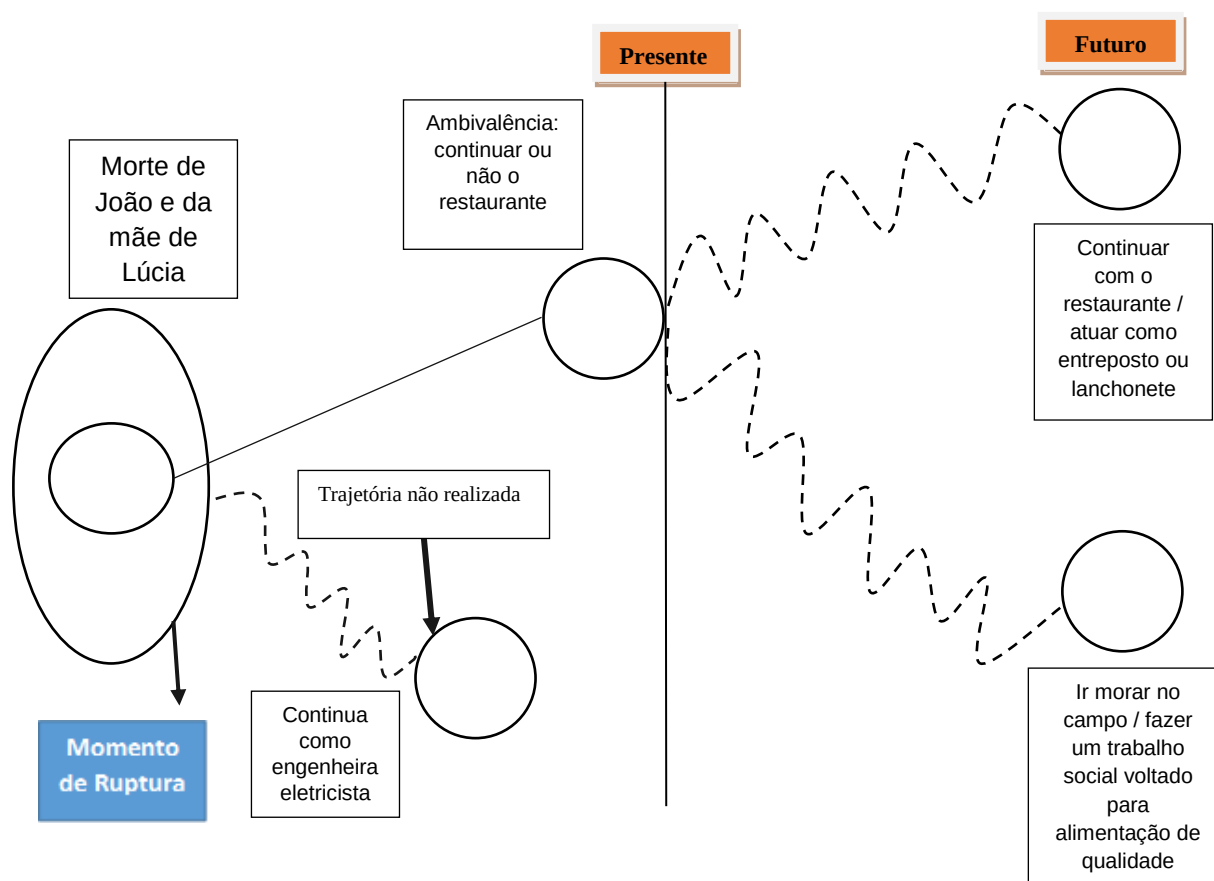


Figura 8 - Trajetória imaginada - Continuar o restaurante ou começar outra atividade diferente

Nosso estudo buscou contribuir para o enriquecimento da Psicologia Cultural Semiótica buscando identificar e analisar a construção de significados durante a trajetória de vida de empreendedores, ao longo de suas rupturas e transições, através do entendimento do papel que a atividade semiótica pode desempenhar na mediação e regulação da atividade empreendedora, mantendo-a ou transformando-a.

A perspectiva tradicional do processo empreendedor, o avalia como um conjunto de estágios e eventos que se seguem um após o outro, caracterizado por todas as atitudes, percepção de oportunidades e avaliação destas por um ou mais indivíduos, tomados como empreendedores (MORRIS, 1998; SHANE; VENKATARAMAN, 2000; BYGRAVE, 2004; DORNELAS, 2005; NASSIF; GHOBIL; SILVA, 2010; VICK; NAGANO; SEMENSATO, 2009). No entanto, nessa perspectiva tradicional o próprio empreendedor é estudado como um sujeito em separado do processo, dividido em categorias e padrões, mas que não levam em conta a totalidade e a complexidade envolvidas na construção de significados do sujeito empreendedor.

Assim, apresentamos a visão da construção de significados trazida pelos pressupostos da Psicologia Cultural Semiótica como uma alternativa aos estudos sobre empreendedorismo / empreendedores trabalhados na literatura tradicional sobre o tema. As tomadas de decisões que envolvem os diferentes processos da atividade empreendedora são inerentemente relacionadas ao sujeito, ou seja, o processo empreendedor *só existe na pessoa* (itálico nosso). Desse modo, a pessoa nunca pode ser tomada como algo separado, como um “fator” ou “categoria”, mas como uma totalidade. A Psicologia Cultural Semiótica está centrada na construção de significados do experienciar a vida. E todo esse experienciar a vida, que ocorre no tempo irreversível, é a construção de significados da pessoa, que enfrenta rupturas e resolve tensões, buscando ultrapassar essas tensões que por sua vez vem gerar novas rupturas e novas tensões.

6.2 CASO – CLÁUDIO

Cláudio (nome fictício do segundo participante do nosso estudo) é um homem de 38 anos, nascido em Recife, casado e pai de uma menina. O pesquisador conhece Cláudio há cerca de sete anos e está familiarizado com suas atividades profissionais. Assim, considerando que ele reunia as condições para participar da pesquisa, fizemos o convite a ele e após receber a explicação do que se tratava o a pesquisa, ele aceitou colaborar como um dos nossos participantes.

Sua formação como músico profissional foi adquirida em três instituições diferentes: o Conservatório Pernambucano de Música, a Universidade Federal da Paraíba e o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, onde Cláudio recebeu formação teológica e eclesial específica para atuar na função de ministro de música de igrejas evangélicas. Ele também possui pós-graduação em educação musical e regência.

Cláudio apresenta características do *empreendedor clássico* desenvolvendo uma nova ideia e assumindo o risco de organizar uma empresa (FILION, 1999; MONTANYE, 2006; GANGWAR; VISHWAKARMA, 2013). No caso de Cláudio, uma empresa está voltada a fornecer serviço de educação musical itinerante para crianças com necessidades especiais, onde a aula é ministrada na casa dos clientes, além de outras duas empresas que atuam nas áreas de sonorização e produção musical.

Além de atuar como empreendedor desenvolvendo uma nova ideia e explorando atividades econômicas visando obter lucro, Cláudio ainda desenvolve há mais de dez anos uma atividade como empreendedor social. O empreendedor social é tomado como aquele que trabalha no desenvolvimento de organizações voltadas para a assistência social. Assim, apresentam características distintas dos empreendedores de negócios, criando valores sociais através da inovação e força de recursos financeiros, em prol do desenvolvimento social, econômico e comunitário. (GIMENEZ et al., 2008; SILVA et al., 2011).

Em sua atuação como empreendedor social, ele é o principal idealizador e diretor musical de uma orquestra de jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, idealizada a partir de seu serviço como ministro de música de uma igreja evangélica batista situada em Recife. Além disso, Cláudio também é regente do coral de um conselho de classe

de certa categoria profissional (a qual não pode ser mencionada para preservar a identidade de nosso entrevistado).

Observamos em nossa pesquisa que Cláudio não apenas vive de música como vive a música. Desde que adquiriu a formação técnica na área de música, ele se divide entre as atividades de ensino e o trabalho em bandas e grupos musicais em bailes e festas. Cláudio afirma que o fato de duas ou mais ocupações diferentes é algo natural para aqueles que trabalham com música, pois é até uma forma de legitimação da profissão de músico:

Cláudio (SE1 – 1ª. E) – *Todo cara que é um professor, ele atrela a vida dele acadêmica do professor com a vida profissional de músico. É onde faz um extra ali, entendeu? Ele é professor de alguma instituição, mas ele também é músico profissional que legitima a profissão dele. Então, se ele for um bom músico e tocar bem, todo mundo vai querer tocar com ele. Então, o que acontece mais ou menos, é isso.*

Mesmo chegando a atuar em certos períodos da vida como funcionário público, seja como oficial temporário do Exército seja como professor de educação musical contratado em escolas públicas, Cláudio afirma que seu objetivo de vida era diferente. Ele afirma que “*desde novo*” sempre pensou em ensinar, afirmando que queria ser professor “*por vocação*”. Porém, as condições financeiras oferecidas a um professor de educação musical da rede pública de ensino, para ele era algo “*muito complicado*” e que não atendia suas necessidades.

Assim, ele chega a afirmar que seu objetivo de vida sempre foi trabalhar com educação e produção musical, mas através de um negócio próprio, alcançando uma posição de sucesso, ligada ao reconhecimento da prestação de um serviço com qualidade:

C (SE2 – 1ª. E) – *Então, desde ali, eu decidi que eu ia ver se esse negócio realmente de empreendedorismo não tá na minha veia, né? Aí, eu fui pra cima mesmo! Rapaz, vamos ver, vamos fazer e vamos fazer bem feito! Então, eu procurei me esmerar nisso aí.*

C (SE3 – 2ª. E) – *Mas eu sempre pensei em trabalhar com o lado da educação e o lado artístico, né? Como professor, produtor de música, arranjador. E, eu acho que foi um caminho que eu escolhi e, que foi um caminho que eu não me arrependo não, velho! Apesar de, eu conhecer, né? Conhecer vários amigos, né? Inclusive da minha família: meu irmão, meu primo, que são hoje professores de instituições públicas, né? Estatais, aí. E eu não condeno. Mas, não foi assim, o meu objetivo de vida, não. Não foi! Eu tinha muito certo uma coisa, pronto! [...] Tipo, eu quero me tornar, ter um negócio e gerencial e trabalhar em prol dele e viver e ter sucesso, isso era o que eu pensava, que eu tinha mais como sendo o objetivo que eu tava querendo mesmo pra minha vida. Não queria ficar como servidor público, não.*

A atuação de Cláudio como empreendedor social está ligada à formação de uma orquestra filarmônica com jovens e adolescentes, idealizada a partir de seu serviço como ministro de música em uma igreja batista em Recife: *“Então, o empreendedorismo social eu acho que entrou por aí, assim. Foi mais aquela de querer fazer realmente algo bom pras pessoas, né? É, fazendo a ponte entre a fé, né? Aquilo que eu professo com a profissão que eu tenho, pronto! É isso aí”!*

Ao contrário da outra participante de nosso estudo, Cláudio não apresentou qualquer problema em se identificar como empreendedor. Além de afirmar ser um objetivo de vida, ele buscou se preparar para alcançar esse objetivo. Fazendo isso, tanto através da busca por uma capacitação voltada para o segmento específico no qual ele queria trabalhar como educador musical – crianças e adolescentes com distúrbios mentais variados. Como também buscando adquirir conhecimentos de gestão de empresas, através de cursos do SEBRAE que orientam novos empreendedores sobre a abertura e gestão de um novo negócio.

C (SE4 – 1ª. E) – *Aí, fui trabalhar com educação musical. Fiz uma pós-graduação em educação musical, não é? Uma especialização em educação musical, em educação especial, pra trabalhar só com a parte de musicalização infantil e ééé... e instrumento, né? Educação musical com instrumentos. Aí, foi quando eu peguei a primeira família e comecei a trabalhar em música, educação musical para famílias específicas, que tinham um poder aquisitivo classe A.*

C (SE5 – 1ª. E) – *Mas com crianças, né? Crianças e adolescentes que tinham problemas na área cognitiva e na área psíquica também, né? Na área emocional, com problema de déficit intelectual, TDAH. Ééé... síndrome de Down, autistas.*

C (SE6 – 2ª. E) – *Sei trabalhar com recursos, recursos materiais, tecnológicos, educacionais de métodos e ferramentas didáticas que vão fazer com que o aluno consiga tocar, cantar, executar, gravar e produzir. Mas, eu vejo que são ferramentas que eu vejo hoje, cada dia mais, que foi a experiência que ela veio trazendo. Com muita dedicação, estudo. Então, essa formação. Curso do próprio SEBRAE, como o Próprio, o Empreendedor Cultural, né? Que são cursos importantes para o microempresário, o empreendedor, né? Pra você se capacitar.*

Tivemos alguma dificuldade em conseguir agendar as sessões para as coletas de dados. No caso de Cláudio, suas obrigações profissionais para garantir o funcionamento de seu negócio causaram alguns atrasos na coleta de dados. Ele, por exemplo, viajou a trabalho antes da realização da terceira entrevista. O que veio atrasar a sua realização em cerca de duas semanas.

Quando da análise construtivo-interpretativa das narrativas de Cláudio, assim como realizamos com a participante Lúcia, procuramos destacar trechos das entrevistas individuais, aberta e semiestruturadas, realizadas com ele. Seleccionamos para apresentação trechos considerados significativos ou relevantes face aos objetivos da pesquisa. Os turnos de fala do pesquisador estão identificados com a letra P e os do entrevistado com a inicial de seu nome fictício.

A seguir, apresentamos anotações consideradas relevantes sobre Cláudio, separadas pelas três entrevistas realizadas, às quais faremos referência em nossa análise. Salientamos que a análise é feita considerando cada momento em conjunto, sem dividi-los, em virtude de serem dados complementares.

Anotação - 1ª entrevista

AN1 – Encontramos dificuldades para marcar a primeira entrevista com nosso participante, Cláudio. Seu trabalho principal durante cinco dias na semana, envolve o atendimento das famílias às quais ele presta o serviço de educação musical itinerante. Nesta atividade, sua agenda de trabalho, por vezes, envolve horários começando às 6h da manhã e se encerrando às 21h. Além disso, Cláudio também tem obrigações profissionais como maestro do coral de certa entidade profissional, ministro de música de uma igreja batista em Recife e diretor musical de uma orquestra filarmônica, atividade de empreendedorismo social a qual ele é o principal idealizador. Assim, demoramos para conseguir encontrar um intervalo de tempo do participante que nos permitisse realizar a entrevista com a tranquilidade necessária. A entrevista terminou acontecendo durante uma madrugada de março na própria residência de Cláudio. Ao convidá-lo a participar de nossa pesquisa, explicamos do que a mesma se tratava e quais os nossos objetivos. Antes do início da primeira entrevista, conversamos sobre a pesquisa e tiramos dúvidas sobre pontos que seriam abordados, aproveitando para salientar a confidencialidade de todos os dados coletados. Realizamos a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, o qual foi assinado por ele, concordando com sua participação na pesquisa. Cláudio afirmou que se sentia lisonjeado em ter sido escolhido para participar da pesquisa e que procuraria colaborar da melhor forma possível. Quando fizemos a ele a pergunta deflagradora, pedindo que nos contasse quando ele pensou em ser empreendedor pela primeira vez, Cláudio começa a nos contar que começou a trabalhar

como músico, *“profissionalmente, tocando na noite”*, aos doze anos *“fazendo festa, tocando em bailinho”*. Como Cláudio apresentava um pendor para a música desde cedo, aos quatro anos ele começou a estudar teclado e violão em casa com um professor particular e aos seis anos seus pais o matricularam no Conservatório Pernambucano de Música, onde ele estudou até os dezoito anos. Além do Conservatório, Cláudio também adquiriu seus conhecimentos técnicos na área de música no bacharelado em música na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e no curso de formação para ministros de música do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil. Ele afirma que, contrário ao que fizeram diversos amigos e familiares, nunca pensou em seguir uma carreira de professor de música no serviço público e que sempre buscou desenvolver um empreendimento próprio que pudesse lhe dar a chance de alcançar a tranquilidade financeira que ele buscava. Cláudio é proprietário de três empresas, sendo uma na área de educação musical, uma na área de sonotecnia e a outra uma empresa especializada em produção musical. Seu maior incentivador na carreira como músico foi seu pai, enquanto sua mãe foi a principal responsável pela orientação religiosa de Cláudio. Cláudio afirma que sempre sonhou em ser professor e procura seguir esse sonho através de suas atividades empreendedoras diversas: *“Não! Sempre gostei de ensinar! Desde novo! Eu já tinha um desejo, assim. Não veio por acaso, não! Eu sempre quis estar à frente de alguma coisa. Estar dando aula [...] Mas eu sempre quis ser professor, entendeu?”*

Anotação - 2ª entrevista

AN2 – Após a primeira entrevista, Cláudio se entusiasmou para continuar sua participação na pesquisa. A segunda entrevista não demorou muito para acontecer, tendo em vista toda a disponibilidade de horário que já descrevemos antes, sendo realizada cerca de três semanas após a realização da primeira entrevista. Esta entrevista também aconteceu na casa do participante, por ser mais fácil encontra-lo ao final do dia. Nesta segunda entrevista buscamos manter o foco em questões específicas à trajetória de vida de Cláudio como empreendedor, levantando questões quanto ao que ela pensava quanto ser empreendedor. Cláudio reafirma que nunca foi um objetivo de vida conseguir uma posição como funcionário público, mas ter um negócio próprio e trabalhar de modo a fazê-lo prosperar. Cláudio afirma que para que um negócio alcance sucesso é necessário

que o próprio empreendedor se dedique ao empreendimento e acredite que pode conseguir obter êxito nisso: *“Então, assim, pra você se levantar, você que depende exclusivamente do seu trabalho, você vender a própria imagem! Então, se você não acredita, você não consegue ter êxito, entendeu? No entanto, Cláudio considera que todas as obrigações profissionais que ele assumiu até o ponto atual em sua carreira lhe trazem dificuldades para conseguir organizar melhor o seu tempo. Além de trazer algum comprometimento à qualidade de vida: “Um é o fator tempo! Fator tempo. Por que? Porque eu não vou mentir pra você que a qualidade de vida, ela fica comprometida. Porque você tem que arrumar tempo pra... o boi só engorda com o olho do dono, entendeu? Então, fator tempo eu acho que é um fator, até hoje, complicado”.* Começando a trabalhar a perspectiva de futuros possíveis, pedimos a Cláudio para nos apresentar suas perspectivas de futuro, primeiro em um prazo mais curto de até dois anos e depois num prazo mais longo acima de cinco anos. Cláudio afirma que em uma prazo mais curto, de até dois anos, pretende ainda levar adiante um projeto de criação de um centro de educação musical e, no longo prazo, se dedicar mais ao projeto social de educação musical.

Anotação – 3ª entrevista

AN2 – Em virtude de compromissos profissionais de Cláudio, essa entrevista demorou cerca de duas semanas além do previsto para acontecer. Nesse novo momento de coleta de dados, buscamos esclarecer pontos de sua trajetória que ainda não estavam muito claros dentro dos objetivos de nossa pesquisa. Além disso, buscamos também levantar trajetórias não vividas por Cláudio, pedindo a ele tanto para imaginar possíveis trajetórias futuras como trajetórias possíveis não realizadas. Pedimos a ele tanto para imaginar um futuro possível caso ele conseguisse iniciar imediatamente as atividades do que ele afirma ser um dos seus principais sonhos, abrir um centro de educação musical. Cláudio considera que, com a experiência já adquirida, o empreendimento poderia dar certo. Também pedimos a ele para imaginar o que ele faria caso não pudesse mais atuar como músico, ao que ele afirmou ter consciência de que, no futuro, não teria mais condições físicas para continuar a atuar como músico, mas vemos que sua condição atual como professor de educação musical aparenta trazer tranquilidade para essa condição futura:

“vai chegar um tempo que eu não vou ter mais coordenação, não vou ter mais tónus, então vai ficar o educador”. Cláudio também havia mencionado o desejo de realizar um trabalho de regência com um grande grupo e pedimos a ele que nos descrevesse sobre essa trajetória possível futura, ao que ele afirmou que seguir esse sonho de se tornar um regente não apenas implicaria em deixar sua carreira como empreendedor como também se trata de um projeto futuro, dado que regentes de orquestras costumam ter mais experiência e ser mais velhos: *“porque eu teria que me dedicar exclusivamente, 100% da minha vida, pra ser um regente de orquestra. Pra me preparar, parar a minha vida todinha, pra estudar só regência. Comer regência, viver regência, cheirar regência, beber regência [...] Porque um regente, quando ele começa uma carreira, ele tem que ter, no mínimo, uns cinquenta anos. Um bom regente, que vai ficar mais trinta anos à frente de uma orquestra”*. Para Cláudio, alcançar o sucesso é sinônimo de se sentir realizado tendo *“paz de espírito e confiança em si mesmo”*.

6.2.1 Reguladores semióticos no caso de Cláudio

A pergunta deflagradora de nossa primeira entrevista: “Gostaria que você me contasse um pouco sobre quando você pensou em ser empreendedor pela primeira vez”, buscou estimular à reconstrução da trajetória de vida de nosso participante, Cláudio. A resposta de Cláudio a essa pergunta começou explicando o início de sua carreira profissional na música e como ele adquiriu os conhecimentos técnicos na área. Aos doze anos, Cláudio já tocava *“na noite”* em *“festas e bailinhos”* adolescentes. Aos dezessete ele já atua como músico com mais profissionalismo, possuindo inclusive um cachê fixo para tocar com várias orquestras de Recife.

Cláudio começou a aprender música, com professor particular, aos quatro anos de idade. Aos seis anos, como ele apresentava talento para a música, seus pais buscaram matriculá-lo no Conservatório Pernambucano de Música, onde ele estudou dos doze aos dezoito anos. De lá, ele saiu para estudar música no bacharelado em música da Universidade Federal da Paraíba e, posteriormente, no curso de formação de ministros de música do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil: *“Eu sou músico! Independente da minha*

profissão de fé, eu sou músico. Eu sou professor, mas eu sou músico. Nasci músico, instrumentista’.

No que tange a atuação como empreendedor, Cláudio nunca desejou seguir uma carreira como funcionário público por considerar que as oportunidades disponíveis a um professor de educação musical, trabalhando em instituições públicas de ensino, não forneciam condições atrativas para seus objetivos de vida. Após trabalhar por alguns anos como professor de música, contratado por escolas públicas e particulares, e de desenvolver algumas atividades autônomas que visavam tão somente “*complementar a renda*”, Cláudio decide iniciar um negócio próprio formalizado de educação musical itinerante para crianças com necessidades especiais.

Para Cláudio ser professor era algo que ele desejava “*por vocação*”. Assim, ele afirma que “*desde novo*” sempre pensou em ensinar. Dessa forma, observamos que a atividade empreendedora está em concordância com seu desejo expresso por uma carreira como professor.

C (SE7 – 1ª. E) – *Sempre eu gostei de ensinar! Desde novo! Eu já tinha um desejo, assim. Não veio por acaso, não! Eu sempre quis estar à frente de alguma coisa. Estar dando aula, independente se eu não tivesse formação, eu seria um professor autodidata, né? Eu seria aquele professor que está ali... eu seria professor por de... por vocação, pronto! Mas eu sempre quis ser professor, entendeu? Só que aí, o que é que acontece? Aí você, quando entra na questão da profissão realmente, você não tem só o lado bom. Então, eu decidi transformar o lado acadêmico ééé... não foi transformar. Eu decidi entrar mais a fundo na parte empreendedora!*

Os dados levantados em nossa pesquisa nos permitem inferir que Cláudio se identifica com a figura de empreendedor, tanto como apresentada em nossa pesquisa como a dos estudos e discursos, acadêmicos e do senso comum, sobre empreendedorismo. Em nosso estudo consideramos, assim, ser possível afirmar que para Cláudio houve um processo de internalização desses materiais semióticos e de sua síntese no domínio intrapsicológico (VALSINER, 2012; 2014).

Há um processo de ambivalência latente em Cláudio entre ser empreendedor e ser funcionário público. Inferimos, a partir das falas de nosso participante, que há um questionamento que ele recebe de outros significativos quanto a uma aparente “tranquilidade” financeira e de futuro que poderia ser obtida em uma carreira como servidor público. Sendo que ele afirma, como mostraremos mais adiante, que esses questionamentos não vêm de sua esposa ou de seus pais.

A rotina de trabalho de Cláudio é muito intensa, seja pelas exigências de seus clientes de educação musical, que possuem alto poder aquisitivo e, possivelmente, de expectativas com os resultados. Seja pelos custos elevados de operação de seus negócios e as exigências físicas de um trabalho que é realizado em diversos locais necessitando de deslocamentos constantes. Assim, consideramos que esse sentimento de ambivalência identificado, tanto pode estar ligado aos questionamentos que vem desses outros significativos como dos desafios vividos naturalmente em sua carreira empreendedora.

C (SE8 – 2ª. E) – *Hoje, o principal desafio também é a questão de você andar na contramão do meio que a gente vive. Do meio social, a gente tem amigo, família e até outros ambientes que a gente conhece, que as pessoas só atrelam a imagem de pessoa de sucesso, na maioria das vezes, ou quando o cara tem um emprego público, quando ele fez um concurso e vai viver a vida todinha ali naquela pisadinha. Então, eu vejo que hoje, pra mim não é dificuldade nenhuma, porque eu tenho certeza daquilo que eu tô fazendo, né? Tenho certeza de que, quem me sustenta não é o dinheiro que eu ganho, e sim o Deus que eu sirvo! Isso aí eu tenho clarificado. Mas, eu vejo que Deus, ele não vai fazer aquilo que eu posso fazer. Então, pra que no futuro eu possa usufruir daquilo que eu construí, eu tenho que fazer a minha parte. Então, a minha parte hoje é trabalhar.*

C (SE9 – 3ª. E) – *Não, eu pensei o seguinte, [falando com o pesquisador]. Assim, como eu já lhe disse, em relação à questão do futuro, eu posso até me tornar um professor ééé... de carreira. Um professor, funcionário público, aí. Mas hoje, não tá no meu coração, não. Tá no meu coração e no meu cerne, continuar da forma que tô hoje. Não tendo agenda pra aceitar mais ninguém. Eu tenho que aproveitar a maré também! Porque o empreendedor, ele vive de distribuir os ovos em várias cestas. Porque, senão, você quebra! Então, hoje, eu tô nessa! Entendeu? E, assim, eu tenho o apoio dela porque também tem o outro lado, ela tem uma estrutura. Não me casei com uma mulher que ela não tem uma estrutura. Assim, se eu tiver uma dificuldade, ela segura a peteca lá. Mas, eu também tenho a minha estrutura. Então, a gente não tá dessa forma aí sem um norte. Mas, se você vier perguntar pra mim se hoje, se você tem esse sonho de uma estabilidade ééé... como é a vida de minha esposa, que tem esse vínculo público aí, ser estatutário, hoje não.*

Além disso, Cláudio possui trajetórias possíveis, mas ainda não realizadas. Como seu desejo de montar um centro de educação musical, que foi seu primeiro projeto de negócio, mas que ele considera ainda não ser o momento adequado para realizar. Assim também, ele ainda guarda o desejo de participar, quando for mais velho, de seleção pública para se tornar regente de uma grande orquestra – o que poderia, inclusive, fazer dele um servidor público.

C (SE10 – 1ª. E) – *Aí, quando chegou em dois mil... isso eu comecei a fazer quando saí da escola... quando chegou em 2010 eu fiz um plano de negócios, pelo SEBRAE. Aí, fiz o plano de negócios, mas não coloquei a escola. Porque o sonho era fazer, trabalhar, montar uma escola, né? Num bairro mais nobre, assim. Casa Forte,*

Jaqueira, num deles. Aí, de 2010 até 2013, ééé... 2015, né? Depois, eu voltei, aí fiz de novo o mapeamento do plano de negócios. Aí, foi quando começou a cair o... começou a entrar a crise, não é? Crise financeira! Aí, foi o boom da queda pra todo mundo. Aí, eu coloquei o plano de negócios na gaveta e disse: ‘não! Vou continuar naquilo que tá dando certo’! Que era o meu negócio das minhas famílias.

C (SE11 – 3ª. E) – *Eu sonho ainda de, um dia, participar de uma seleção, né? Pra ser o regente de uma grande orquestra. Então, eu ainda tenho isso guardado lá. Um dia, eu sei que isso ainda vai ocorrer. Até porque, hoje, tem muita dificuldade de abrir concursos, seleções pra regente. Um regente morre, daqui a trinta, quarenta anos. Então, assim, é muito difícil. Mas, eu, pronto, eu guardo esse sonho aí. Se você perguntar, qual é um sonho seu, vai lá: ser um grande regente de uma grande orquestra. Isso é um sonho! Então, pra você ser um grande regente de uma grande orquestra, você tem que abnegar de muita coisa. Então, possivelmente, eu teria que abnegar, hoje, do meu trabalho. Dessa forma de trabalho.*

Reiteramos o conceito já apresentado em nosso trabalho por Abbey e Valsiner (2005) de que uma ambivalência pode ser caracterizada pela confrontação de reguladores semióticos incompatíveis. Além também da afirmação de M.C.D.P. Lyra (comunicação pessoal, 24 de novembro de 2016) de que viver uma ambivalência não significa ter que, necessariamente, resolvê-la. Pois estamos constantemente enfrentando e resolvendo tensões, ultrapassando essas tensões, que, por sua vez, geram novas tensões.

A seguir, trazemos segmentos de entrevistas das três entrevistas realizadas com Cláudio, que foram usados para identificar e analisar a dinâmica do processo de desenvolvimento dos reguladores semióticos na construção de significados em sua trajetória de vida, procedendo à análise dos mesmos. Os reguladores semióticos foram separados como uma forma de melhor explicar os diversos pontos encontrados durante a coleta de dados, não visando criar categorias ou divisões na análise, mas para facilitar a sistematização de apresentação dos dados. Iniciamos com reguladores semióticos ligados ao papel de Cláudio como músico.

6.2.1.1 Ser músico

Cláudio identifica seu pai como o seu principal incentivador na área da música. Foi dele que Cláudio ganhou um violão aos quatro anos de idade, o qual teve as cordas “*que eram velhas*” trocadas a sua maneira, pelo próprio Cláudio, por cordas de nylon: “*e comecei a tocar, pronto! (rs)*”. Como o pai de Cláudio reconheceu o talento do filho para música,

buscou contratar um professor particular. E, assim, nosso participante começa a estudar piano aos quatro anos de idade.

Aos seis anos, Cláudio continuava dedicado aos estudos da música, seus pais lhe presentearam com um violão: *“Aí, fui, por conta dos meus pais, com cinco seis anos, eu ganhei um violão”* e buscaram matriculá-lo no Conservatório Pernambucano de Música, onde ele estudou dos seis aos dezoito anos. De lá, ele saiu para estudar música no bacharelado em música pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, graduando-se em violão erudito. Posteriormente, ele ainda cursou o bacharelado em composição e regência em música sacra pelo Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil - STBNB. Além do bacharelado em composição e regência pela própria UFPB. Ainda complementando sua formação em música com uma especialização em composição e regência pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Ser músico

Pesquisador – Quando é que você pensou em ser empreendedor pela primeira vez?

Cláudio (SE12) – *Rapaz, vê! Eu comecei a trabalhar com doze anos.*

P – Em música?

C (SE13) – *Com música! Já profissionalmente, tocando na noite.*

P – Tocava na noite mesmo?

C (SE14) – *Tocava! Já tocava guitarra. Aí, dos seis aos doze... eu comecei a estudar música aos seis anos. Dos seis aos doze, foi quando a habilidade... foi se profissionalizando. Porque eu já tinha terminado a primeira fase do Conservatório.*

P – **Você começou aos seis anos no Conservatório.**

C (SE15) – *Com seis anos. É! Academicamente, no Conservatório, com seis anos.*

P – Mas antes você já estudava?

C (SE16) – *Já! Já estudava música. Comecei a estudar música com quatro anos. [...]. Meu pai me deu um violão, eu tinha quatro anos. Eu tirei as cordas do violão que eram velhas, peguei um carretel de nylon e coloquei as cordas da minha maneira, né? E comecei a tocar, pronto! (rs)*

P – Professora particular?

C (SE17) – *É! Particular. Aí, com seis anos, minha mãe me matriculou no Conservatório. [...]. Aí, o meu pai viu que o negócio era sério, ele pegou e disse:*

“não! Peraí! Vou comprar um violão melhor pra ele”. Aí, foi quando ele comprou o meu primeiro violão profissional, um Gianinni série Estúdio. Aí, isso eu tinha mais ou menos uns seis anos já. Aí, foi quando a minha mãe disse: “vamos atrás do Conservatório”.

C (SE18) – *Aí, mais ou menos com dezoito anos foi quando... porque o curso todo (do Conservatório) nessa época durava assim, se você fizesse todas as disciplinas, todas as cadeiras, durava doze anos o curso. Você pegando gurizinho até você sair! Aí, foi quando eu decidi fazer, já cursar música mesmo, né? Terminei o ensino médio, aí já fui fazer música.*

C (SE19) – *Mas é porque na época, por orientação do meu professor do Conservatório, eu escolhi fazer lá. Mesmo com a distância. Por que? Porque o curso era mais específico e, realmente, o curso na UFPB era melhor.*

C (SE20) - *Vê bem! Porque pra você virar maestro, você tem que desenvolver muitas competências. Você tem que estudar regência. Você tem que se graduar em regência. Você tem que se especializar em regência, também ééé... regência mais aprofundada, no caso. Regência de orquestra. [...]. Fiz a graduação em bacharelado em violão. Depois fiz a graduação, bacharelado em composição e regência em música sacra pelo Seminário. Depois fiz bacharelado em composição e regência pela UFPB. Depois fiz especialização em composição e regência pela UFMG.*

C (SE21) - *Minha família, às vezes, meu irmão principalmente, meu primo, alguns amigos meus mais próximos que são virtuose, eles dizem que eu sou virtuose. Eu até me considero louco, né? Mas não um virtuose. Mas todo mundo diz que eu sou um virtuose. Que eu sou um virtuose, assim! Mas, o que é que acontece? Eu, hoje, não estar nos holofotes de ser o músico que eu já fui há anos atrás, virtuose! Que tocava, assim, ééé... trinta e duas notas, sessenta e quatro notas em cinco segundos, né? De improvisar muito bem, de ler qualquer tipo de partitura até escrita num papel higiênico, hoje não me faz falta.*

Ao iniciar a análise do regulador semiótico *ser músico* (itálico nosso) recuperamos a formação técnica em música de Cláudio para descobrir como a profissão de músico orienta a sua vida. Mesmo tendo seguido pelo caminho da educação e do empreendedorismo, tendo abandonado uma carreira de músico profissional tocando em bandas e orquestras, após o

casamento há doze anos atrás, Cláudio ainda se considera músico, alguém que nasceu músico. Desse modo, foi porque optamos em nossa pesquisa por destacar essa ligação de Cláudio com a música como um regulador semiótico específico.

C (SE22 – 3ª. E) – *Quando eu casei, eu deixei de tocar na noite de ser um músico instrumentista, assim. Eu fui parando gradativamente, mas quando eu parei, eu disse que eu não queria mais ficar quinta, sexta, sábado e domingo fora de casa. Ou quinta, sexta, sábado e domingo tocando, não sei quantas horas aí, todo final de semana! Então, eu continuarei com essa mesma vidinha, que todos os meus amigos continuam.*

C (SE23 – 3ª. E) – *Porque é a minha profissão, independente. Eu sou músico! Independente da minha profissão de fé, eu sou músico. Eu sou professor, mas eu sou músico. Nasci músico, instrumentista.*

Segundo Valsiner (2012a) à medida que os signos são criados e utilizados, eles vão regular a si próprios (autorregulação) e aos processos a que se focalizam, assim como a outros signos (heteroregulação). Assim, consideramos a música como um signo autorregulador que tem orientado as experiências na trajetória de vida de Cláudio, regulando o papel de outros signos em sua conduta (heteroregulação). E consideramos que o ser músico se constitui como um regulador semiótico que tem estado presente em toda a vida de nosso participante.

Cláudio tem, hoje, trinta e oito anos de idade. Desses anos de vida, verificamos que ele já chegou a despendar, de forma intermitente, cerca de vinte e cinco anos em formações e aperfeiçoamentos voltados para a música. Dada a pouca idade com que Cláudio teve seu talento em música reconhecido por seus pais, quatro anos, inferimos que ele já deveria apresentar algum tipo de familiaridade com a música. Aos seis anos, ele já começou a aprender música no Conservatório Pernambucano de Música.

O Conservatório Pernambuco de Música – CPM, foi fundado em 1930 (CPM, 2017). Hoje, o Conservatório atua como um centro de educação profissional na área de música, devidamente reconhecido pelo Ministério da Educação – MEC, oferecendo cursos que vão da iniciação musical ao curso técnico de música. No caso de Cláudio, dos seis aos doze anos seu curso era um curso de iniciação musical. Os outros seis anos eram dedicados a um aprofundamento maior no conhecimento musical, em um curso preparatório:

C (SE24 – 1ª. E) – *Não tinha essa modalidade que tem hoje, de curso técnico. Era um curso de iniciação musical e depois que tinha o curso preparatório. Eram os dois cursos que o Conservatório tinha. [...] É porque o caráter do curso era muito específico pra área da formação mesmo. Você... era um curso muito completo! Era não, é um curso muito completo! Então você via desde a parte instrumental a parte de*

teoria da música 1, 2, 3 e 4! Aí, harmonia 1, 2, 3 e 4! Estruturação 1, 2, 3 e 4! Música popular e folclórica! Aí, era um curso muito pesado e muito completo!

C (SE25 – 1ª. E) – *Aí, mais ou menos com dezoito anos foi quando... porque o curso todo nessa época durava assim, se você fizesse todas as disciplinas, todas as cadeiras, durava doze anos o curso. Você pegando gurizinho até você sair! Aí, foi quando eu decidi fazer, já cursar música mesmo, né? Terminei o ensino médio, aí já fui fazer música.*

Após o término do curso no Conservatório, que foi realizado concomitante com o ensino regular no ensino médio - quando Cláudio afirma que chegava a estudar durante oito horas por dia – ele inicia o bacharelado em música pela UFPB. Segundo Cláudio, a UFPB foi escolhida pela influência de um professor de música do Conservatório. Mesmo considerando a questão da distância, Cláudio também afirma que a qualidade do curso da UFPB, que era superior à época ao curso oferecido pela Universidade Federal de Pernambuco, influenciou em sua decisão.

C (SE26 – 1ª. E) – *Morava aqui! Mas é porque na época, por orientação do meu professor do Conservatório, eu escolhi fazer lá. Mesmo com a distância. Por que? Porque o curso era mais específico e, realmente, o curso na UFPB era melhor. Sempre foi! João Pessoa, realmente, na área de música... (era melhor). Aí, eu resolvi fazer lá. Porque os professores eram melhores, meu vínculo era por lá, aí eu fiz. Fiz universidade lá, comecei. Aí, no meio do curso, o curso também era mais puxado.*

A estrutura de horário proporcionada pela UFPB, levou Cláudio a tentar realizar seu curso enquanto procurava conciliar tanto uma outra atividade profissional como mais uma formação na área de música. Assim, Cláudio tentou conciliar o bacharelado na UFPB com a atuação como oficial temporário do exército e ainda o seu curso no Seminário. Ele entrou no exército cerca de “*um ano e meio depois*” de iniciar o bacharelado. E, seis meses após o início do curso de formação no Centro Preparatório de Oficiais da Reserva do Recife – CPOR/R do exército, Cláudio ingressa no Seminário.

O CPOR/R prepara oficiais temporários em armas combatentes e quadros e serviços auxiliares do exército. Cláudio escolheu no CPOR/R a arma de infantaria. Assim, após o curso de formação, ele serviu como oficial temporário por seis anos em uma unidade militar situada em Jaboatão dos Guararapes / PE. Sua prioridade entre estas três atividades eram a UFPB e o exército. Até porque, sem a UFPB, ele não estaria apto a permanecer no exército. Já que os quadros temporários formados pelo CPOR/R são selecionados exclusivamente entre universitários.

C (SE27 – 1ª. E) – *É porque na UFPB é o seguinte, o curso é muito parecido com o curso de, hoje, de licenciatura em práticas interpretativas de Belo Jardim. Eram três dias. Concentrava o curso, até por causa do pessoal que vinha de fora, pra ficar, você concentrava o seu curso pra você ter três dias. Aí, o que é que acontece? Você salteava as disciplinas ali, pra você contemplar dentro do seu planejamento em termos de horário, de carga horária, né? Aí, foi o que eu fiz! Mas era uma loucura, pô! Porque você tinha que sair de um canto, aí tinha que sair do quartel às vezes no mesmo dia ia e voltava, voltava no outro dia, ficava aquela loucura! Pegava carona, essas coisas assim.*

C (SE28 – 1ª. E) – *porque o CPOR você tem que ser universitário, né? Aí, eu fui lá, fiz o teste e tudo, passei. Aí, eu fiz, estudei o curso de formação, né? Que é um ano. Depois, eu fiz o EI, que é o Estágio de Instrução. Depois eu fiz o EPOT, que é o Estágio Preparatório de Oficiais Temporários. Aí, foi quando eu fiquei, tive a experiência de servir como oficial do exército, no 14º Batalhão de Infantaria Motorizado, né? Aí, fiquei e...*

C (SE29 – 1ª. E) – *O Seminário foi quase no mesmo período do exército. Acho que foi um semestre depois. Seis meses após. [...]. Comecei a fazer! Só que aí, eu não aguentei! Entendeu? Então, assim, no ano do curso de formação, eu ainda aguentei, eu fiquei, no Seminário. [...]. Fiquei! No Seminário! Nos dois, né?*

C (SE30 – 3ª. E) – *Rapaz! Foi muita... porque aconteceu tudo ao mesmo tempo! Só que eu vi que deveria ter planejado melhor as coisas. Mas, você às vezes quando é mais jovem, você não tem esse nível crítico de você pensar em: “ah! Vou terminar isso, fazer isso”. Foi tudo muito num rompante: “ah! Vou fazer! Pronto! Vai dar pra conciliar”. Não deu! A realidade é essa! Não deu, o Seminário eu tranquei. Aí, tive que me dedicar a universidade. Porque, se eu perdesse a universidade, eu saía do exército. Aí, eu continuei e depois continuei no exército e depois voltei pro Seminário. Foi! Aconteceu, mas foi na porralouquice mesmo. (rsrs)*

A conclusão do curso de música no Seminário, habilitava Cláudio a buscar uma colocação como ministro de música em uma igreja batista situada em Recife. No STBNB, ele realizou o Curso Eclesiástico Livre de Formação em Música Sacra que tem como objetivo preparar indivíduos para o exercício do ministério de música sacra em igrejas locais (stbnb.com.br, 2017). O Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil – STBNB é uma instituição educacional de ordem eclesiástica, associada à ASTE (Associação de Seminários Teológicos Evangélicos) e à ABIBET (Associação Brasileira de Instituições Batistas de Ensino Teológico). A instituição tem por missão precípua preparar pastores, missionários, ministros de música e pesquisadores da Bíblia e da teologia, sob a perspectiva da denominação batista (STBNB, 2017).

A ligação de Cláudio com o ambiente eclesialístico, ao qual ele havia sido introduzido por sua mãe, também era uma ligação com a música. Visto que, nosso participante também atuava desde criança, de uma maneira espontânea, em um grupo de música da igreja da qual a mãe fazia parte.

C (SE31 – 1ª. E) - *Porque foi assim, quando eu entrei no quartel... eu terminei os estudos, eu já fui fazer vestibular. Aí, depois disso, depois de um ano... um ano e meio, dois anos, eu acho. Aí, eu tive um chamado ministerial. Aí, que foi na Igreja Congregacional, mas eu já tava vindo mesmo pra Batista. Que foi quando eu defini realmente a questão ministerial, assim, mais pesadamente assim, né? Mas a igreja que me enviou para o seminário, foi a igreja da minha mãe. A congregacional. [...]. Foi a que me enviou pro Seminário! Seminário Batista! Aí, que foi quando eu vim pra Batista. Já fiquei como sendo seminarista da igreja, né? Foi quando eu defini que realmente já tava dentro da área.*

C (SE32 – 1ª. E) - *Na igreja, eu comecei a tocar com... porque aqui a influência total foi da minha mãe! Ela que foi a pessoa que tomou essa parte do discipulado, essa parte cristã, né? Ela que me levou até o batismo, toda essa parte. E eu, com seis anos... assim, sem nenhum conhecimento, mais de forma inata mesmo, já tocava na igreja. Já tocava lá, com as crianças. Ia pro culto, aí ficava do lado dos caras que tocava lá. Tocava violão, contrabaixo, pegava o instrumento lá e ia na “tora”! Tocando e tocava mesmo, não tinha esse negócio, não! Aí, fui tocando e... aí, como eu fui estudando música, eu fui evoluindo muito rápido! Aí, muito novo, eu já fui tocando em grupos. O primeiro grupo que eu toquei, eu tinha doze anos, né? Não, dez anos! Já tocava na igreja, que era um grupo chamado “Jovens de Cristo” e tinha uma galera já toda adulta, os caras já formados, casados tudo, e eu lá no meio, tocando, não é? Violão, fazendo base pros caras.*

A função do ministro de música em muitas igrejas batistas é uma função remunerada. O que inferimos também fazê-la ser identificada por nosso participante com uma carreira profissional possível. Sendo que Cláudio afirma que as igrejas batistas possuem uma tradição maior em música do que as igrejas congregacionais, como a que sua mãe fazia parte. Porém, ocupar esta função de ministro de música, está ligado a possuir uma certa vocação ao serviço eclesialístico, reconhecida aqui por Cláudio como um “chamado” ministerial.

C (SE33 – 3ª. E) - *Bom, já no Seminário... Rapaz, vê! Foi mais ou menos em 1998. 98? 97 ou 98. Ainda passei dois anos pra ir pro Seminário, né? Quando chegou mais ou menos no final de 99 pra 2000. Ou 2000, eu acho. Quando eu fui, recebi a indicação da minha igreja, no caso, na época, né? Que era a igreja da minha mãe, a Congregacional Pernambucana. Era uma igreja que investia muito em missões, em chamado. Essa parte de você ter o chamado, independente da área que fosse. Se fosse na parte religiosa, pastoral, teologia ou música, né? E eu fui pra música. Só que no processo de transição eu vim pra igreja batista XXX **(a igreja batista em que ele se encontra hoje, não será revelada para proteger a identidade do entrevistado)**, junto com meu pai. Eu vim pra igreja batista e as igrejas batistas têm um histórico de*

investir muito mais na área de música. E isso também foi o que me chamou a atenção na igreja batista e, aí, eu tô nela até hoje. [...]. Também! O lado musical. De ter um investimento, de ter um pastoreio. Foi quando eu vim pra igreja batista e me senti em casa.

Além de todo o período de formação em música, Cláudio chegou a trabalhar por “quase quinze anos” em orquestras e bandas “tocando na noite”. Aos doze anos, Cláudio já tocava “na noite” em “festas e bailinhos” adolescentes e aos dezessete ele já atua como músico com mais profissionalismo, possuindo inclusive um cachê fixo para tocar com várias orquestras de Recife. Assim, na saída da adolescência, Cláudio também escrevia arranjos e músicas para orquestras e bandas.

Procuramos aqui entender o que entendemos ser uma ambivalência nesse período da trajetória de vida de Cláudio, que é entender como o filho de uma família evangélica, de valores tradicionais, tinha permissão para tocar na noite, antes de completar a maioridade. Assim, como também procuramos entender como, já atuando em sua função eclesiástica de ministro de música, ele tocava “muitas vezes” durante toda a madrugada do domingo para chegar pela manhã e estar apto a celebrar um culto religioso normalmente.

Segundo Cláudio, havia sim uma certa preocupação de seus pais quanto a ele tocar na noite e, quanto ao serviço eclesiástico, ele afirma que pode “falar tranquilamente” sobre isso. Pois todos os pastores com os quais ele trabalhou, sabiam que ele tocava na noite como profissional de música, ou seja, movido também pela questão da remuneração que ele conseguia obter com seu trabalho como músico.

C (SE34 – 3ª. E) - *E quanto a essa questão de tocar na noite, realmente, no começo, assim, houve uma relutância. Até eles verem que o negócio era sério, aí. Então, realmente, eu sofri um pouquinho, mas nada que fosse uma proibição! Ah, um negócio de tocar escondido, não! Num primeiro momento, até o processo da minha adolescência eles não gostavam muito, né? Por que? Por uma questão de segurança, tocar à noite. Então, eu sempre tive que ir com alguém que tomasse conta ali, um cara, um professor ou alguém assim. Mas depois que eles viram que o negócio era sério. Que o negócio era pra vida mesmo, que era vocação, não teve maiores problemas, não.*

C (SE35 – 1ª. E) - *Aí deixei de ser músico da noite, onde eu tinha um desgaste muito grande. Eu trabalhava de quinta a domingo. Às vezes vinha pra igreja de um baile. Trabalhava do sábado pro domingo e vinha direto pra igreja. Eu fiz muito isso, isso aconteceu muito!*

C (SE36 – 1ª. E) - *É, nunca houve um problema! Tanto é que eu posso falar tranquilamente isso aí. Meus pastores nesse período assim, nunca tiveram problema*

porque sabiam que eu ali tava como profissional. Nunca tiveram problema. Por exemplo, eu não deixei antes, porque antes ainda não tinha acontecido uma tranquilidade em relação à parte financeira.

O envolvimento de Cláudio com a música era intenso ao ponto de ele se tornar uma influência dentro da família para outros parentes, como seu irmão Fernando (nome fictício) e seu primo Waldemar (nome fictício), que também seguem hoje carreiras profissionais ligadas à música. Na passagem selecionada a seguir, Cláudio se autodenomina “virtuoso” como um sinônimo para a suas experiências musicais. Que entendemos, neste momento da primeira entrevista, ser um erro na pronúncia do nosso participante, referindo-se à palavra “virtuose”, mencionada por ele em nossa terceira entrevista. Segundo o dicionário Houaiss (2015) considera-se como virtuose ao músico muito talentoso ou quem tem total domínio de uma técnica musical.

C (SE37 – 1ª. E) - *Como eu tocava, era muito segura mesmo, assim... virtuoso! Pra usar uma palavra melhor! Muito virtuoso, aí eu sei que eu comecei a me destacar no lado musical, né? Ouvia muita música! Escutava todo tipo de música! Música de jazz, música sacra, brasileira, música regional. Aí, comecei a conhecer uma galera que gostava, que curtia, comecei a admirar! Comecei a influenciar, no meu caso, meus primos e meu irmão. Comecei a influenciar meu irmão, Fernando [nome fictício]! Tanto é que eu comecei a estudar música com seis anos, mas meu irmão começou a estudar música com catorze!*

C (SE38 – 1ª. E) - *Fernando era o mais novo! Mas foi despertado pra música, mesmo foi com catorze anos. E quem influenciou Fernando fui eu! Fernando, hoje, ele é professor do Conservatório Pernambucano de Música, ele é professor da Escola Técnica de Atividade Musical do Recife, né? É um músico renomado! E, ele e meu primo, que também é professor de música do Conservatório, que é Waldemar [nome fictício], que a gente montou, que eu fui o primeiro, fui o desbravador e eles depois eles vieram, né? E eu fui orientando, fui orientando eles na música e eles foram crescendo.*

C (SE21 – 3ª. E) - *Minha família, às vezes, meu irmão principalmente, meu primo, alguns amigos meus mais próximos que são virtuose, eles dizem que eu sou virtuose. Eu até me considero louco, né? Mas não um virtuose. Mas todo mundo diz que eu sou um virtuose. Que eu sou um virtuose, assim! Mas, o que é que acontece? Eu, hoje, não estar nos holofotes de ser o músico que eu já fui há anos atrás, virtuose! Que tocava, assim, ééé... trinta e duas notas, sessenta e quatro notas em cinco segundos, né? De improvisar muito bem, de ler qualquer tipo de partitura até escrita num papel higiênico, hoje não me faz falta.*

Para Zittoun (2006a; 2006b; 2009) as rupturas observadas em uma trajetória de vida, são capazes de levar a pessoa a novas ideias, novas soluções, ou novas formas de agir e

pensar. Consideramos como momentos de ruptura que serão analisados mais adiante, quando traçarmos a trajetória de vida de Cláudio, sua entrada no Conservatório e sua ida ao STBNB. Esses dois momentos, a entrada no Conservatório sinalizando o início da trajetória acadêmica de formação em música de Cláudio e sua ida para o Seminário, como marco de inserção no ambiente eclesiástico, que tem repercussões em sua atuação profissional.

6.2.1.2 Ser Professor

Identificamos em nossa pesquisa como interferindo nas escolhas de vida de Cláudio o regulador semiótico ser professor. Nosso participante chega a afirmar que sonhou em ser professor *“desde novo”*, como uma profissão que ele pretendia seguir mesmo que não tivesse preparo técnico para isso: *“eu seria um professor autodidata, né?”*. Ele buscou por aperfeiçoamento na área do ensino e afirma que nunca pensou em exercer outra profissão: *“Só professor e músico ou músico e professor”*. Ele entende que ser professor é uma *“vocação”*. Assim, consideramos essencial para um entendimento da trajetória de vida de Cláudio como empreendedor analisar a ação do regulador ser professor.

C (SE39 – 1ª.E) – *Sempre eu gostei de ensinar! Desde novo! Eu já tinha um desejo, assim. Não veio por acaso, não! Eu sempre quis estar à frente de alguma coisa. Estar dando aula, independente se eu não tivesse a formação, eu seria um professor autodidata, né? Eu seria aquele professor que está ali... eu seria professor por de... por vocação, pronto! Mas eu sempre quis ser professor, entendeu?*

C (SE40 – 3ª. E) – *Você é especialista. Você estuda cinco anos, dez semestres em cima do instrumento ali. Aí, mais na frente, aí você vai fazer uma licenciatura, você paga umas cadeiras de educação. Pra você ter domínio, não só da parte ééé... performática da coisa, né? Instrumentística, ser douto no instrumento. Mas também da parte ééé... pedagógica. Aí, eu aprendi as duas coisas.*

C (SE41 – 3ª. E) – *À medida que eu fui estudando, quando eu cheguei dos seis aos doze anos... quando eu cheguei aos doze anos eu, praticamente, já tinha decidido que queria ser músico. E, foi uma coisa tranquila! Nunca pensei em ser outra coisa, não! Só professor e músico ou músico e professor.*

Para Cláudio, apesar do desejo expresso em trabalhar como professor, condições financeiras e de trabalho oferecidas para esse profissional, especialmente na esfera pública, não eram consideradas suficientes para que ele pudesse alcançar seus objetivos materiais. Sua carreira como professor de educação musical trabalhando se iniciou na posição de estagiário

de uma escola municipal do Recife, atuando ainda como professor contratado do Estado e das Prefeituras de Recife e Olinda e, depois, como professor em escolas particulares de música, concomitantemente.

Cláudio nos conta que para o músico, é comum atuar como professor de música e trabalhar como músico profissional, “*músico da noite*”, tocando em bandas ou orquestras. Porém, sem estar atrelado por um vínculo empregatício com algum empresário. Além de funcionar como um “*extra*” o fato de atuar como músico profissional é considerado como algo que “*legitima*” sua atuação como professor. Atualmente, sua principal atividade empreendedora está ligada a educação musical de crianças e adolescentes.

Ser professor

Pesquisador – Deixa só eu entender! Quando você tocava na noite, você tinha o valor de cachê definido, mas você não tinha nenhum vínculo empregatício com ninguém.

C (SE42) - *Não! Geralmente, nenhum músico de baile, músico da noite popularmente dizendo, ele tem esse vínculo. Não tem! Mas aí, o que é que acontece, você atrela duas coisas. O que é que acontece? Todo cara que é um professor, ele atrela a vida dele acadêmica do professor com a vida profissional de músico. É onde faz um extra ali, entendeu? Ele é professor de alguma instituição, mas ele também é músico profissional que legitima a profissão dele. Então, se ele for um bom músico e tocar bem, todo mundo vai querer tocar com ele. Então, o que acontece mais ou menos, é isso.*

C (SE43) – *Porque a principal motivação de trabalhar 100% pra mim foi que trabalhando ééé... mesmo com a seguridade que um emprego público, todo mundo diz que ele tem, a rentabilidade pra um professor de educação musical, um professor, salvando as devidas proporções e as exceções... mas, assim, pra você trabalhar sendo um professor... (da rede pública de ensino) pra mim é muito complicado. Eu trabalhar 200 horas ali e o salário ficar muito irrisório pra estrutura.*

C (SE44) - *Assim, pronto, voltei, no caso, pras escolas de música, né? Trabalhando, trabalhei na Prefeitura de Olinda, com música também com aula, dando aula. Trabalhei pela Prefeitura de Recife com contrato, trabalhando na Secretária de Educação da Prefeitura do Recife, na parte de educação musical. Aí, fui trabalhar na XXX. Aí, trabalhei sete anos como funcionário da escola. Aí, depois fui trabalhar, trabalhei mais sete, na XXX, como professor de violão, professor de harmonia e educação musical, com*

criança. Aí, quando chegou em 2009, foi quando eu decidi sair dessa parte de trabalhar em escolas privadas e contratos de trabalho com o Estado, com contrato... e decidi trabalhar só pra mim.

C (SE45) - *eu acho que eu nunca sonhei em atuar como... em trabalho público. Primeira coisa! Mesmo tendo trabalhado um tempo como professor de prefeitura, professor do estado; estagiário e depois como professor contratado, e depois eu trabalhei em escola particular... mas eu sempre pensei em trabalhar com o lado da educação e o lado artístico, né? Como professor, produtor de música, arranjador.*

C (SE46) - *O professor tem que correr, né? Também uma coisa que me fez dar uma freada nisso aí, foi porque o professor de música no estado, na prefeitura, ele ganha muito mal. Ganha muito mal. Então, o que é que acontece? Você, às vezes, fica escravizado ali, não sei quantas mil horas ali, duzentas horas aula/mês, e você não consegue sobreviver se você não tocar, se você não der uma aula fora. Então, eu fui fazendo o contrário. Eu fui investindo aí, nessa parte dessas aulas especializadas, até chegar o momento que eu vi que não ia dar mais pra trabalhar para os outros. Vou investir em mim, pronto!*

Durante nossa pesquisa, verificamos a importância da atividade de educação musical que hoje preenche a vida de Cláudio. Assim, quando da realização da nossa terceira entrevista, pedimos a Cláudio que nos dissesse se hoje ele se considera mais músico ou professor, ao que ele foi taxativo em afirmar que ele é “*Mais professor! Professor! Com certeza*”! Perguntamos também a Cláudio se, como ele havia se definido mais como professor do que como músico, ele se definiria mais como empreendedor do que como professor, ao que ele afirma ser “*as duas coisas*”.

C (SE47 – 3ª. E) - *Mais professor! Professor! Com certeza! Em todos os âmbitos! Hoje eu vejo o seguinte, hoje o prazer de tocar, é diferente do prazer que eu sentia, do êxtase que seria de passar dez horas tocando, no Galo da Madrugada! E achar aquilo ali! Tocar por várias horas, cinco horas! Fazer concertos, estudar pra tocar em festivais, beleza! Hoje, se você me convidar pra tocar num festival, eu vou! [...]. Mas é diferente. Eu não vou me matar, como antigamente, pra passar ééé... dez horas no estúdio. Estudando, me matando pra aprender. A galera me convida, e aí, quer tocar? Quero, manda aí o repertório aí. E vou fazer ali o que eu gosto, beleza! Hoje, eu escolho o que é que eu vou fazer. Agora, hoje, eu acho que eu sou mais professor. Porque vinte e quatro horas por dia, bem dizer, é só formando pessoas, dando aula, dando aula, dando aula. Na frente de grupos, tanto regendo como ensinando. Hoje eu sou professor.*

C (SE48 – 3ª. E) - *Eu acho que eu sou os dois! Sou as duas coisas. Porque eu não deixo o lado só da profissão assim, tomar conta sem que o lado do empreendedorismo, da rentabilidade, venha junto. Então, eles dois hoje estão juntos, estão bem equilibrados. [...] Mas, vou colocar assim ééé... de uma forma mais, vamos dizer, filosófica. Mas, se você disser assim: “você hoje é mais músico”? Não! Porque na minha atuação empreendedora, eu não toco, eu ensino! Entendeu? Aí, eu acho que eu sou mais professor mesmo.*

Cláudio realiza hoje um trabalho de educação musical com crianças e adolescentes com distúrbios mentais variados de famílias de alto poder aquisitivo. Essa atividade começou ao tempo em que ele desenvolvia outras atividades empreendedoras informais na área de sonorização e produção musical. Sendo que, então, ele transformou uma atividade que era “*um extra*” na sua principal atividade profissional. Essa pequena introdução a respeito das atividades empreendedoras de Cláudio serve como pano de fundo para explicar como ele começou a atuar com a educação musical desses jovens.

C (SE49 – 1ª. E) - *Aí, eu voltei a trabalhar com produção musical! Aí, eu sei que... trabalhava com estúdio e tinha esse empreendimento já com meu pai, mas não era nada profissional. Era mais, assim, só pra compor (a renda mensal).*

C (SE50 – 1ª. E) - *Mas com crianças, né? Crianças e adolescentes que tinham problemas na área cognitiva e na área psíquica também, né? Na área emocional, com problema de déficit intelectual, TDAH. Ééé... síndrome de Down, autistas. Então, eu comecei a fazer esse trabalho com algumas famílias e esse, que era pra compor, por exemplo, a minha renda dos salários que eu tinha, era uma coisa extra! Aí, essa coisa extra, ela começou a tomar vulto!*

C (SE51 – 1ª. E) - *Aí, fui trabalhar com educação musical. Fiz uma pós-graduação em educação musical, não é? Uma especialização em educação musical, em educação especial, pra trabalhar só com a parte de musicalização infantil e ééé... e instrumento, né? Educação musical com instrumentos. Aí foi quando eu peguei a primeira família e comecei a trabalhar em música, educação musical para famílias específicas, que tinham um poder aquisitivo classe A.*

Quando ainda era estagiário de música da prefeitura do Recife, Cláudio atuou, em uma escola municipal, em uma equipe multidisciplinar voltada para a educação de autistas. Ali foi seu primeiro contato em educação com crianças com algum tipo de distúrbio mental. À época, sua única especialização para lidar com alunos com essas características era em arte educação, vindo depois a buscar especializações em educação musical e educação especial. Ao começar a trabalhar em escolas particulares, sua atenção e cuidado no trabalho com as crianças com

necessidades especiais, chamou a atenção de pais que contrataram seus serviços como professor de música particular dessas crianças.

C (SE52 – 3ª. E) - *A gente tinha uma turma de educação especial, só de autistas. Eu fazia parte de um grupo multidisciplinar, né? Professora, estagiária de psicologia, eu era estagiário de música. Então, eu comecei trabalhando ali. Dali, eu trabalhei na XXX, trabalhei na Prefeitura de Olinda, no CAIC XXX, também essa parte de educação musical. Porque o professor de escola pública em sala de aula regular não tem recurso, é a criatividade. E trabalhei com isso. Aí, quando eu fui, quando chegou na escola particular na BL, em 2007 eu acho, foi quando eu peguei alguns alunos de um poder aquisitivo elevado que tinham algum tipo de deficiência. Comecei com autista, síndrome de Down, e aí eu comecei a fazer um bom trabalho. E aquilo ali foi chamando a atenção dos próprios pais.*

Já mencionamos uma ambivalência de Cláudio entre ser empreendedor e ser funcionário público. Mas também consideramos ser possível inferir que essa ambivalência pode ser encontrada em sua carreira como professor. Seu irmão Fernando e seu primo Waldemar são também músicos como Cláudio e são funcionários públicos. Cláudio nos contou que Fernando, por exemplo, foi aprovado recentemente em uma seleção para professor de música no Instituto Federal de Educação do Ceará, devendo tomar posse no cargo nos próximos dias.

Além desses dois parentes muito próximos, o irmão e o primo, os pais de Cláudio, hoje já aposentados, também foram servidores públicos. Sua mãe foi professora da Secretaria de Educação de Pernambuco e seu pai, do Departamento de Estradas de Rodagem – DER. Cláudio também afirma que “*vários amigos*” dele, músicos, seguiram carreira de professores de instituições públicas. Não obstante, Cláudio levanta a possibilidade de, futuramente, poder mesmo seguir uma carreira de servidor público. Seja fazendo um concurso para professor de música em um órgão público de ensino, seja quando ele afirma ainda sonhar em ser regente de uma grande orquestra.

C (SE43 – 1ª. E) – *Porque a principal motivação de trabalhar 100% pra mim foi que trabalhando ééé... mesmo com a seguridade que um emprego público, todo mundo diz que ele tem, a rentabilidade pra um professor de educação musical, um professor, salvando as devidas proporções e as exceções... mas, assim, pra você trabalhar sendo um professor... (da rede pública de ensino) pra mim é muito complicado. Eu trabalhar 200 horas ali e o salário ficar muito irrisório pra estrutura.*

C (SE53 – 2ª. E) – [Falando com o pesquisador], *vê! Isso aí, foi quando... (silêncio) eu acho que eu nunca sonhei em atuar como... em trabalho público. Primeira coisa! Mesmo tendo trabalhado um tempo como professor de prefeitura, professor do estado; estagiário e depois como professor contratado. [...]. Apesar de, eu conhecer, né?*

Conhecer vários amigos, né? Inclusive da minha família: meu irmão, meu primo. Que são hoje professores de instituições públicas, né? Estatais, aí. E eu não condeno. Mas, não foi assim, o meu objetivo de vida, não. Não foi! [...]. Não queria ficar como servidor público, não.

Cláudio afirma que *“sempre desejou estar à frente de alguma coisa”* quando perguntado sobre o processo de passar a ser professor de música. Em sua carreira no exército, ele tinha que *“estar à frente de homens, estar no processo de liderança”* e também tendo que *“comandar pessoas que eram mais velhas do que eu”*. Quando descreve seu sonho de ser um regente de uma grande orquestra, Cláudio ainda afirma que *“um bom regente, ele não apenas rege um grupo de águias. Mas ele pega gansos e transforma em águias”*.

C (SE54 – 1ª. E) – *Sempre eu gostei de ensinar! Desde novo! Eu já tinha um desejo, assim. Não veio por acaso, não! Eu sempre quis estar à frente de alguma coisa. Estar dando aula, independente se eu não tivesse a formação, eu seria um professor autodidata, né? Eu seria aquele professor que está ali... eu seria professor por de... por vocação, pronto! Mas eu sempre quis ser professor, entendeu?*

C (SE55 – 3ª. E) – *Esse negócio de você estar à frente de homens, estar no processo de liderança, eu amadureci muito rápido. Porque eu tinha que liderar, comandar é a palavra correta, comandar pessoas que eram mais velhas do que eu e eu tinha que me impor, não apenas pela questão da antiguidade, mas pela questão de posto. Meu posto era maior, mesmo não tendo tanta experiência quanto aquele militar que era mais antigo do que eu. Eu era mais moderno, né? Só que, eu tinha que liderar! Então, eu procurava mostrar que eu podia estar ali, entendeu? Aí, eu mostrava que tinha capacidade também, que podia fazer um bom trabalho. Então, eu nunca tive medo de liderar, entende? Eu não tenho esse medo!*

C (SE56 – 3ª. E) – *Se você perguntar, qual é um sonho seu, vai lá: ser um grande regente de uma grande orquestra. Isso é um sonho! Então, pra você ser um grande regente de uma grande orquestra, você tem que abnegar de muita coisa. Então, possivelmente, eu teria que abnegar, hoje, do meu trabalho. Dessa forma de trabalho. Por que? Porque eu teria que me dedicar exclusivamente, 100% da minha vida, pra ser um regente de orquestra.*

C (SE57 – 3ª. E) - *Porque um bom regente, ele não apenas rege um grupo de águias. Mas ele pega gansos e transforma em águias. Eu já aprendi isso! E eu vejo que isso acontece direto. Independente do grupo que eu esteja regendo. Se eu tenho oitenta músicos, mas se eu tenho cinco músicos como foi domingo passado lá e vai ter a mesma qualidade de ter a orquestra completa. Porque, o que é que acontece? A regência, o conductor, como a gente chama, o cara que conduz, a grande maestria dele é tirar o melhor daquele músico ali.*

Dentro das trajetórias possíveis imaginadas, pedimos a Cláudio para imaginar o que aconteceria caso ele não pudesse mais atuar como músico. Ao afirmar que tem tranquilidade

para imaginar essa trajetória possível, a atividade de educador – justamente o signo regulador *ser professor* – apareceu como alternativa a uma eventual, mas esperada, impossibilidade de atuar como músico.

C (SE58 – 3ª. E) – *Eu sou bem tranquilo! Porque tem gente que já entra em crise, né? Inclusive, parentes meus, já entram em crise. Que acham que vão morrer músicos. Vai chegar um tempo que eu não vou ter mais coordenação, não vou ter mais tónus, então vai ficar o educador. Vai ficar o orientador, o mentor.*

6.2.1.3 Ser Empreendedor

Nesta parte do nosso trabalho, selecionamos como regulador semiótico a vivência de Cláudio em *ser empreendedor*. Em nossa pesquisa, consideramos Cláudio como um *empreendedor clássico*, ou seja, aquele que desenvolve uma nova ideia e assumindo o risco de organizar uma empresa (FILION, 1999; MONTANYE, 2006; GANGWAR; VISHWAKARMA, 2013). Ele possui atualmente três empresas devidamente registradas: uma voltada a fornecer serviço de educação musical itinerante para crianças com necessidades especiais, onde a aula é ministrada na casa dos clientes, além de outras duas empresas que atuam nas áreas de sonorização e produção musical.

Antes dessas empresas devidamente registradas, Cláudio desenvolveu outros empreendimentos informais, como quando trabalhou pela primeira vez com o pai por cerca de cinco anos, entre 2005 e 2010, “*mas não era nada profissional. Era mais, assim, só pra compor [a renda mensal]*”. Eles forneciam à época serviços de sonorização e produção musical, além de possuírem um estúdio móvel de gravação. Quando ainda atuava como músico, Cláudio fazia parte de um grupo que trabalhava na produção de casamentos. Assim também, a própria atividade de educação musical que foi iniciada para obter uma “*renda extra*” que lhe permitisse compor o salário que ele recebia como professor de música nas escolas em que trabalhava.

Cláudio buscou cursos de formação do SEBRAE para buscar orientação e capacitação na área de empreendedorismo e gestão. Através desse aprendizado, ele elabora o primeiro plano de negócios voltado ao planejamento de implantação de uma escola de música. Esse plano inicial foi refeito e adaptado para o modelo de negócios que ele possui agora, de educação musical a domicílio para crianças e adolescentes com distúrbios mentais como

autismo, TDAH e síndrome de Down: *“Mas com crianças, né? Crianças e adolescentes que tinham problemas na área cognitiva e na área psíquica também, né? Na área emocional, com problema de déficit intelectual, TDAH. Ééé... síndrome de Down, autistas”*.

Além de sua atuação como um empreendedor que busca obter lucro desenvolvendo uma nova ideia e explorando atividades econômicas, Cláudio ainda desenvolve há mais de dez anos atividade de empreendedor social. O empreendedor social é tomado como aquele que trabalha no desenvolvimento de organizações voltadas para a assistência social. Assim, apresentam características distintas dos empreendedores de negócios, criando valores sociais através da inovação e força de recursos financeiros, em prol do desenvolvimento social, econômico e comunitário. (GIMENEZ et al., 2008; SILVA et al., 2011). Ele é o principal idealizador e diretor musical de uma orquestra de jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, idealizada a partir de seu serviço como ministro de música de uma igreja evangélica batista situada em Recife.

Além disso, Cláudio também é regente do coral de um conselho de classe de certa categoria profissional (a qual não pode ser mencionada para preservar a identidade de nosso entrevistado). Essa atividade está abordada nesta parte de nosso trabalho, pois Cláudio afirma que a oportunidade foi apresentada por um dos seus clientes de educação musical. Assim, ele considera que assumir essa nova posição profissional também está ligada a uma espécie de empreendedorismo. Consideramos que esse seu entendimento está ligado ao fato que registramos em nosso diário de campo de que ele precisa trabalhar com essa instituição como um prestador de serviço autônomo. Ou seja, como um empreendedor, como alguém que trabalha em um negócio próprio visando obter lucro.

C (SE59 – 1ª. E) - *Aí, quando chegou mais ou menos em 2014, foi quando eu recebi o convite de uma das famílias, que era um cliente meu também, que foi quando eu recebi o convite pra ir trabalhar como regente do coral dos XXX (classe profissional que não pode ser mencionada para não expor a pessoa do entrevistado). Eu recebi esse convite originalmente em 2013, mas só quando foi em 2014 é que esse coral foi montado. Então a gente montou o coral. Que isso aí, eu vejo o seguinte, o empreendedorismo também tá aí! Ele era meu cliente, ele e a família dele, os filhos dele, ele é uma pessoa muito decente. Ele, a esposa, todo mundo. Aí, a partir daí também foi o reconhecimento do trabalho!*

Ser empreendedor

Cláudio (SE60) – Aí, quando chegou em 2009, foi quando eu decidi sair dessa parte de trabalhar em escolas privadas e contratos de trabalho com o Estado, com contrato... e decidi trabalhar só pra mim. Só que par e passo a isso eu já tinha um empreendimento que era trabalhar com áudio, junto com meu pai. Que era a coisa de sonorização. E já tinha tido, em 2005, eu montei o estúdio. Eu tenho um estúdio de gravação, um estúdio móvel. Trabalhei com esse estúdio móvel atééé... de 2005 mais ou menos atééé... 2010. Com um estúdio móvel de gravação, gravando pra todo mundo.

C (SE61) – Aí, eu voltei a trabalhar com produção musical! Aí, eu sei que... trabalhava com estúdio e tinha esse empreendimento já com meu pai, mas não era nada profissional. Era mais, assim, só pra compor (a renda mensal). Aí, eu saí das escolas, né? Aí, fui trabalhar com educação musical. Fiz uma pós-graduação em educação musical, não é? Uma especialização em educação musical, em educação especial, pra trabalhar só com a parte de musicalização infantil e ééé... e instrumento, né? Educação musical com instrumentos. Aí foi quando eu peguei a primeira família e comecei a trabalhar em música, educação musical para famílias específicas, que tinham um poder aquisitivo classe A.

C (SE62) – Crianças e adolescentes que tinham problemas na área cognitiva e na área psíquica também, né? Na área emocional, com problema de déficit intelectual, TDAH. Ééé... síndrome de Down, autistas. Então, eu comecei a fazer esse trabalho com algumas famílias e esse, que era pra compor, por exemplo, a minha renda dos salários que eu tinha, era uma coisa extra! Aí, essa coisa extra, ela começou a tomar vulto!

C (SE63) – Específico, né, e especializado nessa área. Aí, par e passo nisso aí, eu fui e montei essa empresa, que é a empresa de educação musical, que trabalha só com educação musical, com CNPJ próprio, com uma razão social só pra isso aí. Que é educação musical, só escola e montei outra empresa que é a MEI, né? Que trabalha só com produção musical, sonorização e estruturas, que essa é também uma outra microempresa que trabalha com áudio, produção e direção e montei uma segunda empresa que é a (XXXX), que é uma segunda empresa, que meu pai tem e que ele é

meu sócio. Então, fora educação musical, eu tenho duas empresas de áudio. Que trabalham com vertentes diferentes, que atira pra tudo quanto é lado, pronto!

C (SE64) – Então, eu comecei a ver que se eu investisse de uma forma, não só no material humano, no meu conhecimento! Mas investir no mercado de uma forma diferenciada, que é levar pras pessoas uma estrutura em que elas tivessem comodidade, mas também tivessem uma segurança que o filho dela estaria aprendendo música com uma pessoa que é o melhor! E eu levando pra eles a estrutura material, realmente física pra eles, dos instrumentos pra crianças. Quais instrumentos? Xilofone, violino, bateria digital, bateria convencional, flauta transversal, kit bandinha, escaleta. Então, levando essa estrutura, fora as apostilas, né? E levar o pacote completo para os pais, aí eu fui conquistando ali a confiança, e o boca-boca... aquilo que era um extra se tornou hoje um negócio. Se tornou um negócio!

C (SE65) - Então, desde ali, eu decidi que eu ia ver se esse negócio realmente de empreendedorismo não tá na minha veia, né? Aí, eu fui pra cima mesmo! Rapaz, vamos ver, vamos fazer e vamos fazer bem feito! Então, eu procurei me esmerar nisso aí. Por que? Porque você trabalhar com educação itinerante, entrando dentro da casa das pessoas, você tem que ser realmente douto da situação. Você entra na vida, no círculo familiar. Você começa a conhecer os problemas, começa a conhecer as dificuldades. Até porque você trabalha num quadro específico de educação, que necessita de um conhecimento técnico, né? Que você vai ter que fazer, interferir na vida geral, algo que funciona na vida do aluno. Então, se você não fizer essa leitura rápida do ambiente, do cenário, você pode perder o seu cliente.

Pesquisador – Eu quero saber como se deu a orquestra. Como aconteceu a ideia inicial, como começou?

C (SE66) – a gente montou, a gente decidiu um montar um trabalho de educação musical com crianças da igreja e da comunidade. A gente começou com doze crianças. A gente não tinha flauta, não tinha instrumento nenhum. Aí, o que foi que eu fiz? Cortei uns cabinhos de vassoura, levei, fiz de baqueta, boleei uma programação que era uma gincana. Funcionava toda terça-feira, que era “Terça nobre”! E a gente fazia, metade da aula uma brincadeira, a primeira parte toda de brincadeiras: gincana, gincana bíblica, uma competição entre eles, duas equipes e

tal aquela coisa toda.

C (SE67) – *No primeiro ano, foram doze. No segundo ano, foram cinquenta. No terceiro ano, cento e cinquenta. E a partir do quarto e do quinto ano, foi que nós chegamos a duzentas crianças, né? Cento e oitenta crianças! Em 2010, a gente já tinha chegado, quando a gente recebe o incentivo através de um empresário. Onde o nosso pastor foi atrás realmente dele, do empresário. A gente apresentou o projeto da orquestra, né? Naquele ano, em 2010, quando chegou, ele contemplou em 2010 a orquestra com os instrumentos. Foi quando a gente inaugurou o nome oficial do projeto que tem hoje.*

Considerando as possíveis motivações dos empreendedores iniciais (GEM, 2015) Cláudio pode ser identificado com um empreendedor por oportunidade. O que se apresentavam como negócios extras, voltados para auxiliar na composição da renda de nosso participante, se transformam em negócios planejados e estruturados. A educação musical itinerante, é o principal dos negócios desenvolvidos por Cláudio hoje.

As diferentes atividades de cada um dos seus negócios, também está em consonância com um objetivo estabelecido por Cláudio de “*trabalhar com o lado da educação e o lado artístico*”. Apesar disso, segundo ele, os negócios têm “*relações diferentes*” entre si, no que se refere às exigências técnicas de cada um dos segmentos. Porém, são relações diferentes e complementares que podem auxiliar a reduzir os riscos inerentes a um negócio. Como pode ser observado na afirmação de Cláudio de que ele pode, por exemplo, produzir o disco de um de seus alunos e como isso traz uma diversificação benéfica das atividades empreendedoras.

C (SE68 – 2ª. E) - *Mas, assim, são relações diferentes. Porque, até porque é uma empresa técnica. Você vai trabalhar ali com a reprodução do ambiente sonoro. É diferente de você trabalhar com educação e com produção musical. Aí, eu vejo que são três vertentes totalmente diferenciadas que se interligam. Porque você pode ser um educador que pode produzir um disco do seu aluno. E pra que esse disco ele seja produzido e reproduzido, ele vai precisar de um lançamento e vai precisar de um som. E, nesse som, você também pode empreender gravando. Fazendo a gravação do show ao vivo, por exemplo. Então, é uma cadeia que você hoje não coloca os ovos só numa cesta.*

O primeiro plano de negócios de Cláudio voltado a oferecer educação musical estava embasado na criação de uma escola de música, com uma estrutura física mais tradicional. Esse projeto foi deixado de lado em virtude do bom andamento de seu negócio de educação

musical a domicílio e do recrudescimento da crise financeira dos últimos anos no Brasil. No entanto, pedimos a Cláudio para usar a imaginação e pensar em um futuro possível em que ele conseguisse iniciar imediatamente as atividades da escola. Para ele, baseado na experiência que ele possui hoje, o negócio daria certo oferecendo um formato diferente daqueles trabalhados por outras escolas tradicionais de música.

C (SE69 – 3ª. E) - *Eu acho que daria certo! Daria certo. Hoje, com a experiência que eu tenho, daria certo. Conseguiria desenvolver. Daria muito certo. Eu acho que o que não me faz abrir? O cenário! Então, a experiência também diz que o cenário musical, o cenário macroeconômico aí, não só o cenário musical, mas o macroeconômico aí e o nicho de mercado que eu trabalho e hoje as coisas, a evolução, né? Que os pais não querem perder o tempo de levar seus filhos na escola. Mas eu acredito que há um mercado especializado para pessoas que querem levar seus filhos numa escola especializada em música. Mas, para que eu monte uma escola, eu tenho que fazer uma escola num formato que é diferente do dos meus concorrentes. Seguindo a análise que eu fiz no plano de negócios. Se eu for montar uma escola, ela vai ser totalmente diferente de todas as escolas que tem em Recife. Porque, se eu montar uma escola igual, vai ser mais uma, entendeu?*

Identificamos outros significativos que influenciaram a vida de Cláudio em sua atividade empreendedora, mas não apenas de uma forma positiva. Sua esposa, com quem é casado há doze anos: *“ela foi assim, ela foi uma pessoa muito... motivadora! Nesse sentido. Porque, ela trazia dentro dela, assim, o lado do botar pra cima, pronto”!* Ele afirma ainda que nunca teve uma postura pessimista e que acredita ter trazido isso como uma influência dos pais, especialmente de seu pai. Lembramos que foi com seu pai que Cláudio começou os primeiros empreendimentos informais.

C (SE70 – 3ª. E) - *Então, eu nunca também tive esse outro lado, de ser um cara pessimista. E me achar que eu era um derrotado, não! Eu sempre tive esse lado, e eu acho que isso eu herdei dos meus pais. Principalmente, do meu pai. Ele é muito, assim, eu nunca vi ele com medo, com temor de enfrentar um novo negócio, de enfrentar uma nova profissão, de empreender, de ir à frente, não. Só que aí, o que é que acontece, ele tinha os temores dele. Só que aí, hoje, eu já adulto né, com mais entendimento, eu vejo que ele... ele parou! E eu, prossegui!*

Contudo há um outro significativo que deixou uma “marca” bastante desconfortável nele nessa trajetória empreendedora. Na primeira entrevista Cláudio afirma que era uma pessoa *“que eu não me recordo direito quem”* que lhe deu uma palavra negativa que serviu como um *“combustívelzinho a mais”* para seguir como empreendedor. Já na segunda entrevista ela aparece como a figura de um *“tubarãozinho no aquário”* que o levou a repensar

conceitos de sua atividade empreendedora. Enquanto que na terceira entrevista, o “tubarãozinho” vira um alguém que “*não enxerga um palmo à frente do nariz*”.

C (SE71 – 1ª. E) – *Uma coisa que eu acho que foi uma coisa interessante, foi que eu, eu não me recordo data, mas eu recebi uma palavra muito negativa, de uma pessoa que eu não me recordo direito quem, que me disse que eu não era empreendedor. Mas, na época que a pessoa disse isso assim, eu já tava fazendo muita coisa. Tava fazendo muita coisa! Só, que é o que é que acontece, aquilo ali ficou sendo como se fosse um combustívelzinho a mais, né? Então, desde ali, eu decidi que eu ia ver se esse negócio realmente de empreendedorismo não tá na minha veia, né? Aí, eu fui pra cima mesmo!*

C (SE72 – 2ª. E) – *Hoje eu acho que houve um aprimoramento, né? Eu comecei com uma ideia bem clarificada, mas houve um aprimoramento. Que até se eu tivesse ficado da mesma maneira, com o mesmo pensamentozinho... até porque houve um tubarãozinho no aquário pra dar uma alfinetada, pra que eu saísse do lugar, eu acho, né? Vamos dizer assim, a grosso modo. Se eu tivesse permanecido com o mesmo pensamento, eu acho que eu teria me acomodado. Mas, hoje, eu ainda vejo, né? Que eu consigo me surpreender comigo mesmo (rsrs). Em relação a essa questão de ééé... sempre buscar um renovo, uma força maior que... nesse lance da criatividade do empreendedorismo, eu acho que cada vez mais eu sinto que a experiência, ela me traz mais tranquilidade pra trabalhar.*

C (SE73 – 3ª. E) – *Foi uma pessoa mesmo! Que disse pra mim que eu não era um empreendedor, eu era um executor de tarefas. Aí, o que é que acontece? Isso aí, assim, eu fiquei muito arretado! Muito chateado! Por conta de que era uma pessoa até próxima a mim, mas não enxergava um palmo à frente do nariz. Aí, a partir desse momento, eu procurei... eu peguei aquela porrada ali, aquela pancada que eu recebi, aquele tubarão ali, aquela inveja ali e transformei numa coisa boa. Porque eu disse: “eu vou agora mostrar se eu sou um empreendedor ou se eu não sou”.*

Questionado sobre o que o levou a buscar atuar como empreendedor, Cláudio ainda apresenta sinais da ambivalência da imagem que ele criou a respeito do que seria ser um funcionário – público, provavelmente, pois essa é a figura a que ele sempre se refere em nossas entrevistas. Ele afirma que nunca gostou de “*ficar muito bitolado, a fazer aquela coisa, sempre daquela mesma forminha*”. Também quando ele afirma: “*A contar sempre com aquele saláriozinho no final do mês, pronto*”! Além disso, nosso participante expressa um sentimento de que ele se diferencia de outros profissionais, músicos como ele inclusive, por uma espécie de dedicação ao seu trabalho.

C (SE74 – 3ª. E) – *Na vida do artista, na vida do músico, não acontece muito dessa forma. Por isso que você tem músico que tem sucesso e músico que não tem sucesso. Porque você tem músico que transforma, a vida dele, em algo rentável. Então, o que é que acontece, hoje, hoje não mas já de algum tempo, já de algum tempo, eu transformei a questão da educação especializada para pessoas de alto padrão, num*

negócio. Eu não tenho problema se eu vou ter que trabalhar num dia de jogo do Brasil. Se é feriado. É feriado pra todo mundo, beleza! Mas pra mim, naquele dia, não vai ser feriado eu vou trabalhar. Desde que o aluno queira ter aula e o pai não vá viajar, eu vou estar ali. Tanto que eu acho que o que me fez ser empreendedor, realmente, uma, não foi a conjuntura. Mas algo assim, depois que eu entrei no negócio, transformei, eu vi que, poxa! Esse negócio tem futuro! De tanto o pessoal chegar pra mim: “ei, vem dar aula pro meu filho”. De tanto o pessoal gostar que eu fosse dar aula pro filho dele, gostar da minha aula.

Para Cláudio, o próprio lucro “só entraria mediante a questão do trabalho”. Contudo, ele admite que há um prejuízo da qualidade de vida pela questão do fator tempo, como um dos maiores desafios que ele tem enfrentado em sua trajetória como empreendedor. Assim, ele afirma que seleciona os tipos de trabalho que realiza e admite que, no futuro, ele vislumbra que não continuará com o mesmo volume de trabalho em que se encontra hoje, podendo mesmo virar um “*professor ééé... de carreira*”. Porém, por enquanto, ele continua tendo no coração a certeza de que deve continuar guiando suas atividades profissionais no caminho atual:

C (SE75 – 2ª. E) - *Um é o fator tempo! Fator tempo. Por que? Porque eu não vou mentir pra você que a qualidade de vida ela fica comprometida. Porque você tem que arrumar tempo pra... o boi se engorda com o olho do dono, entendeu? Então, fator tempo eu acho que é um fator, até hoje, complicado. Mesmo hoje eu tentando ser o mais organizado possível, tem horas que as agendas chocam, que fica muito complicado. Então, hoje, a qualidade de vida, pra esse lado de educação musical, músico, sonotécnico, é muito comprometida.*

C (SE76 – 3ª. E) - *Mas hoje, não tá no meu coração, não. Tá no meu coração e no meu cerne, continuar da forma que tô hoje. Não tendo agenda pra aceitar mais ninguém. Eu tenho que aproveitar a maré também! Porque o empreendedor, ele vive de distribuir os ovos em várias cestas. Porque, senão, você quebra! Então, hoje, eu tô nessa! Entendeu?*

Cláudio mencionou o desejo de se tornar um regente de uma grande orquestra. Assim, pedimos a ele que nos descrevesse sobre essa trajetória possível futura. No entanto, ele afirmou que seguir esse sonho de se tornar um regente não apenas implicaria em deixar sua carreira como empreendedor como também se trata de um projeto futuro, dado que regentes de orquestras costumam ter mais experiência e ser mais velhos.

C (SE77 – 3ª. E) - *Eu sonho ainda de, um dia, participar de uma seleção, né? Pra ser o regente de uma grande orquestra. Então, eu ainda tenho isso guardado lá. Um dia, eu sei que isso ainda vai ocorrer. Até porque, hoje, tem muita dificuldade de abrir concursos, seleções pra regente. Um regente morre, daqui a trinta, quarenta anos. Então, assim, é muito difícil. Mas, eu, pronto, eu guardo esse sonho aí. Se você*

perguntar, qual é um sonho seu, vai lá: ser um grande regente de uma grande orquestra. Isso é um sonho! Então, pra você ser um grande regente de uma grande orquestra, você tem que abnegar de muita coisa. Então, possivelmente, eu teria que abnegar, hoje, do meu trabalho. Dessa forma de trabalho. Por que? Porque eu teria que me dedicar exclusivamente, 100% da minha vida, pra ser um regente de orquestra. Pra me preparar, parar a minha vida todinha, pra estudar só regência. Comer regência, viver regência, cheirar regência, beber regência e tendo que ter um suporte financeiro muito pesado. Por que? Porque um regente, quando ele começa uma carreira, ele tem que ter, no mínimo, uns cinquenta anos. Um bom regente, que vai ficar mais trinta anos à frente de uma orquestra.

Cláudio havia afirmado que seguir a carreira de empreendedor é também seguir “*na contramão do meio que a gente vive*”. Pois, para ele, amigos, família e pessoas em ambientes de sua convivência só atrelariam o sucesso a pessoas que possuem a aparente segurança de um emprego público. Assim, posteriormente, questionamos Cláudio sobre o que significava para ele alcançar o sucesso, ele afirma, por exemplo, que “*não procuro pensar muito no futuro, sentido de planejar a longo prazo*”. Os objetivos externalizados trazem tanto o sonho da regência: “*Porque um bom regente, ele não apenas rege um grupo de águias. Mas ele pega gansos e transforma em águias*” como também alcançar objetivos que estão ligados aos empreendimentos que desenvolve, de forma a garantir uma vida confortável para sua família.

C (SE78 – 2ª. E) - *Hoje, o principal desafio também é a questão de você andar na contramão do meio que a gente vive. Do meio social, a gente tem amigo, família e até outros ambientes que a gente conhece, que as pessoas só atrelam a imagem de pessoa de sucesso, na maioria das vezes, ou quando o cara tem um emprego público, quando ele fez um concurso e vai viver a vida todinha ali naquela pisadinha. Então, eu vejo que hoje, pra mim não é dificuldade nenhuma, porque eu tenho certeza daquilo que eu tô fazendo, né?*

C (SE79 – 3ª. E) – *Pronto, o único plano que eu tenho assim, é o de trazer uma rentabilidade para o projeto social, uma sustentabilidade e uma rentabilidade, sustentar minha família de uma forma bem digna, né? Não faltando nada. Continuar ajudando pessoas e, um dia, prestar uma seleção pra ser um regente. Independente do lugar que for no mundo, pronto! Aparecendo essa oportunidade e eu me achando preparado, capacitado pra fazer, eu vou lá e vou fazer. E relação a isso aí, a essa questão de sucesso, eu acho que tá ligado a essa questão da segurança. Pronto, eu me confio muito no meu trabalho. Eu confio muito, de coração mesmo.*

6.2.2 Trajetória de vida e a construção de significados de Cláudio

A seguir procederemos com a análise da trajetória de vida e a construção de significados de Cláudio, integrando os principais resultados identificados a partir dos indicadores obtidos na pesquisa. Estabelecemos alguns pontos de reflexão considerados como mais significativos nas narrativas de Cláudio para identificar e analisar a construção de significados durante seu curso de vida, a partir dos reguladores semióticos já apresentados, buscando entender o papel destes na atividade empreendedora.

A ação dos reguladores semióticos encontrados durante a coleta de dados de nossa pesquisa, nos permitiram encontrar pontos que, sugerimos, guiam nosso participante em sua trajetória. Devemos esclarecer que não se trata de estarmos criando categorias ou divisões na análise. Analisaremos rupturas e transições observadas na trajetória de vida de Cláudio como músico, passando por entender o ser professor, finalizando buscando entender sua atuação como empreendedor.

6.2.2.1 *A trajetória de vida e a construção de significados sobre ser músico / ser professor*

Já exploramos em segmentos anteriores de nosso trabalho como a cultura é entendida, sob a ótica da Psicologia Cultural, como processo semiótico e não como uma entidade, em que as pessoas se constituem em uma troca constante entre a cultura pessoal e a cultura coletiva historicamente construída e reconstruída (VALSINER, 2000: 2012a).

Na definição do cenário de visualização dos processos de internalização / externalização, Valsiner (2012a; 2014) propõe o modelo de lâminas, envolvendo uma sequência de fronteiras que distanciam a infinidade pessoal interna daquela do mundo exterior. No processo de internalização, a mensagem precisa passar por duas camadas – I e II – antes de alcançar a esfera interna III. O processo de externalização precisa ocorrer de modo correspondente, na direção reversa daquela da internalização.

Como Cláudio não expressou alguma ação ou prática na sua infância, antes dos quatro anos de idade, que nos permitisse identificar algum talento diferenciado para a música, identificamos em nossa pesquisa, como situado na camada I o reconhecimento do talento de Cláudio por seus pais, quando, aos quatro anos, ele ganha de presente do pai um violão e

passa a ter aulas particulares de música. Cláudio toma a iniciativa de mudar as cordas do violão “*que eram velhas*” e demonstra uma preferência pelo violão, apesar de suas aulas de música serem de teclado.

C (SE80 – 1ª. E) – *Comecei a estudar música com quatro anos. Professora de teclado, professora de piano. [...] Particular. Aí, com seis anos, minha mãe me matriculou no Conservatório.*

C (SE81 – 1ª. E) – *Meu pai me deu um violão, eu tinha quatro anos. Eu tirei as cordas do violão que eram velhas, peguei um carretel de nylon e coloquei as cordas da minha maneira, né? E comecei a tocar, pronto (rs)! [...] Comecei a tocar! Aí, ele viu que eu tinha talento, gostava da coisa. Aí, ele pegou e disse: “vou botar ele numa aula particular”. Aí, tinha um professor, grande amigo, que depois se tornou grande amigo, que era, foi, meu primeiro professor. Ele era matemático! Aí, ele me deu aula de teclado. Só que eu não gostava de teclado. Gostava de violão! Aí, eu comecei a ééé... pegar aquilo que eu estudava no teclado e passar pro violão. Sem nunca ter tocado violão.*

A partir desses eventos, identificamos o catalisador para a camada II de Cláudio, que traz certo nível de racionalização das diversas mensagens ligadas à música, mesmo que ainda não integradas ao seu sistema pessoal de sentidos. O catalisador é identificado como sua matrícula como aluno do curso básico de iniciação musical do Conservatório Pernambucano de Música – CPM, aos seis anos de idade.

C (SE82 – 1ª. E) – *É! Aí, o meu pai viu que o negócio era sério, ele pegou e disse: “não! Peraí! Vou comprar um violão melhor pra ele”. Aí, foi quando ele comprou o meu primeiro violão profissional, um Gianinni série Estúdio. Aí, isso eu tinha mais ou menos uns seis anos já. Aí, foi quando a minha mãe disse: “vamos atrás do Conservatório”.*

Já o catalisador para a camada III de Cláudio foi a finalização desse curso básico de iniciação musical no CPM. Entendemos que a carreira de músico que se iniciou com o fim desse ciclo de formação no Conservatório, constrói uma generalização integrada ao seu sistema pessoal de sentidos e aos seus afetos pessoais a respeito do signo autorregulado música, orientando as experiências na trajetória de vida de Cláudio, regulando o papel de outros signos em sua conduta (VALSINER, 2012a).

C (SE83 – 3ª. E) – *Rapaz, vê bem! Na infância, logo quando eu ganhei o primeiro instrumento, lá atrás, eu comecei a estudar piano. Aí, fui, por conta dos meus pais, com cinco seis anos, eu ganhei um violão. Aí, eu já vi que era o instrumento que eu queria estudar realmente! À medida que eu fui estudando, quando eu cheguei dos seis aos doze anos... quando eu cheguei aos doze anos eu, praticamente, já tinha decidido*

que queria ser músico. E, foi uma coisa tranquila! Nunca pensei em ser outra coisa, não! Só professor e músico ou músico e professor.

Recuperar a formação técnica em música de Cláudio ao analisar o regulador semiótico *ser músico* (itálico nosso) nos permite descobrir como a profissão de músico orienta sua trajetória de vida. Cláudio se vê como músico, ele se considera músico, alguém que nasceu músico.

C (SE23 – 3ª. E) – *Porque é a minha profissão, independente. Eu sou músico! Independente da minha profissão de fé, eu sou músico. Eu sou professor, mas eu sou músico. Nasci músico, instrumentista.*

Assinalamos que o processo inverso de externalização se inicia a partir dos doze anos, idade que marca o início da carreira de Cláudio como músico quando ele começa, através das amizades que ele já possuía no meio musical, a tocar profissionalmente na noite “*fazendo festa, tocando em bailinho, entendesse*”? Aos dezessete anos, ou seja, um ano antes de terminar todo o módulo preparatório do curso de música no Conservatório, Cláudio:

C (SE84 – 3ª. E) – *Eu, já na minha adolescência, eu já estava à frente de bandas. [...] Aí, quando eu já fui saindo da adolescência, ficando adulto, aí eu já estava tocando na noite, liderando banda, escrevendo pra orquestra.*

Em nossa análise inferimos que juntamente às mensagens de externalização ligadas à música surgem externalizações ligadas à atividade de ensino de música. Podemos observar, através das narrativas de Cláudio, que é comum para um músico atuar como professor de música e músico profissional.

Isso, além de funcionar como uma fonte de renda extra para o músico traz uma certa legitimidade ao professor porque, caso ele seja bom “*todo mundo vai querer tocar com ele*”. Nosso participante chega a afirmar que sonhava em ser professor “*desde novo*”. Cláudio afirma que nunca pensou em exercer outra profissão: “*Só professor e músico ou músico e professor*”. Para ele, ser professor é uma “*vocação*”. Atualmente, entre os três empreendimentos que desenvolve, a principal atividade empreendedora está ligada à educação musical de crianças e adolescentes.

C (SE85 – 1ª. E) – *Geralmente, nenhum músico de baile, músico da noite popularmente dizendo, ele tem esse vínculo. Não tem! Mas aí, o que é que acontece, você atrela duas coisas. O que é que acontece? Todo cara que é um professor, ele atrela a vida dele acadêmica do professor com a vida profissional de músico. É onde faz um extra ali, entendeu? Ele é professor de alguma instituição, mas ele também é músico profissional que legitima a profissão dele. Então, se ele for um bom músico e*

tocar bem, todo mundo vai querer tocar com ele. Então, o que acontece mais ou menos, é isso.

C (SE86 – 1ª. E) – *Sempre eu gostei de ensinar! Desde novo! Eu já tinha um desejo, assim. Não veio por acaso, não! Eu sempre quis estar à frente de alguma coisa. Estar dando aula, independente se eu não tivesse a formação, eu seria um professor autodidata, né? Eu seria aquele professor que está ali... eu seria professor por de... por vocação, pronto! Mas eu sempre quis ser professor, entendeu?*

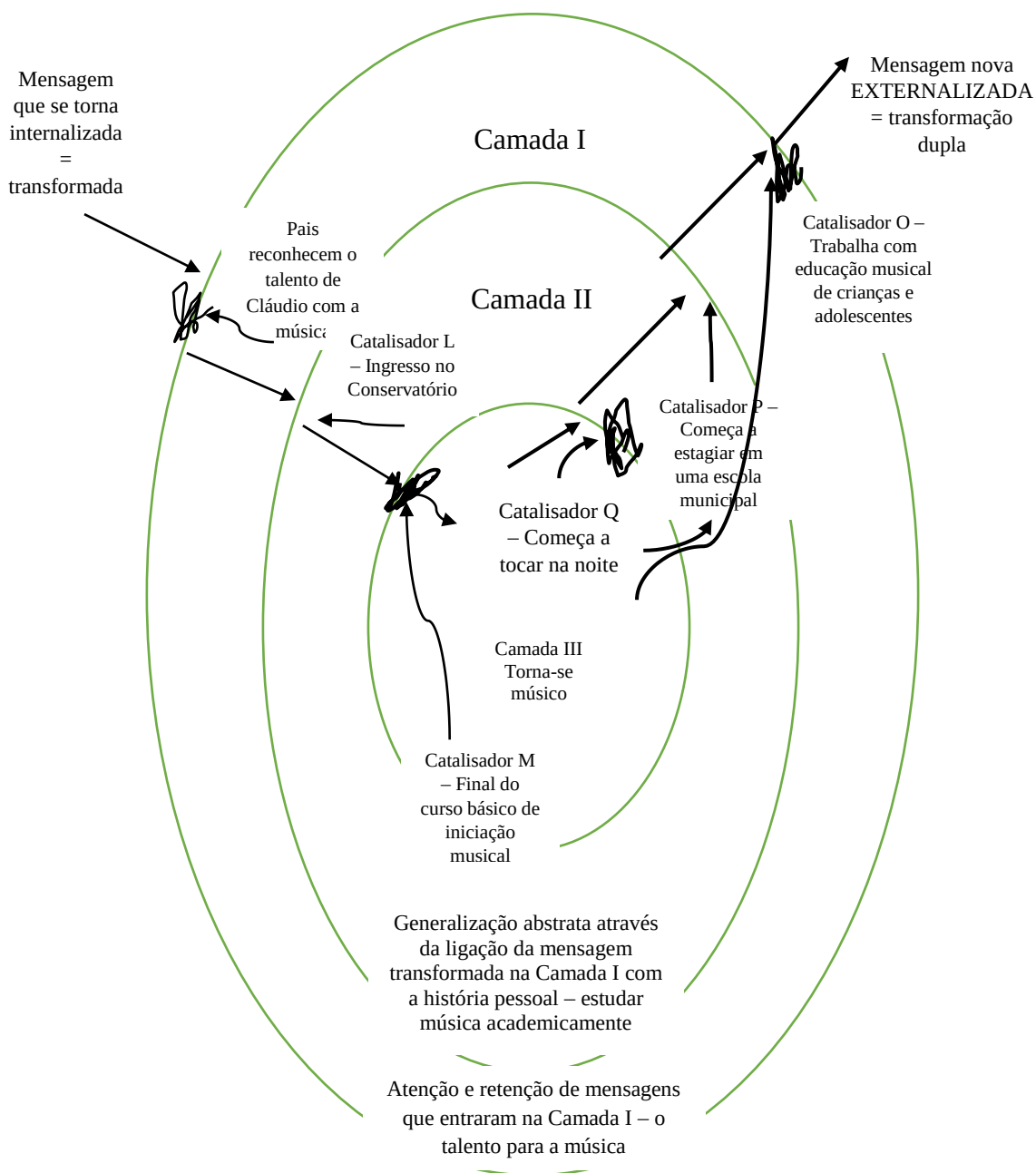


Figura 9 - Processo de internalização / externalização de Cláudio – Adaptado de Valsiner (2012a; 2014)

O estímulo de seus pais à sua formação como músico também pode ser observado nos investimentos materiais que eles fizeram, como quando seu pai adquiriu um violão profissional para Cláudio quando ele ainda tinha seis anos ou quando se desfez do próprio carro para comprar um violão de luteria. Consideramos que esses incentivos de seus pais também agem como um sistema de controle redundante em sua prática como músico.

C (SE87 – 3ª. E) – *Pronto, em relação à questão do incentivo deles, né? Eu recebi todo o incentivo, todo mesmo! Meu pai chegava e investia. Por exemplo, meu primeiro violão profissional foi um violão que era de luteria, né? Era um violão feito, ééé... foi o valor de um carro! Na época ele ficou sem carro! [...] Era um violão que ninguém tinha. Só tinha dois violões desses no Brasil, o segundo era o meu. [...] Então, meu pai ficou sem carro, mas eu não fiquei sem o instrumento. Então, você vê que o nível de investimento que ele estava disposto a fazer era alto. E foi assim comigo e com meus irmãos, nessa parte de fazer o que precisasse. Sempre foi 100% de incentivo, pronto!*

À época em que Cláudio foi estudar no Conservatório, a instituição oferecia dois cursos: o curso básico de iniciação musical e um curso preparatório. O período total previsto para a realização dos dois cursos era de doze anos: “*É porque o caráter do curso era muito específico pra área da formação mesmo. Você... era um curso muito completo! Era não, é um curso muito completo*”! As experiências de formação oferecidas pelo Conservatório também eram consideradas muito ricas por Cláudio:

C (SE88 – 1ª. E) – *É! Assim, eu ficava no Conservatório, só que eu fazia já, é... porque o Conservatório proporciona: o master class, workshop, oficinas! Assim, dentro, muito envolvido na música. Estudando e vivendo música.*

A formação de Cláudio no Conservatório se encerrou aos dezoito anos. Ao todo, Cláudio investiu cerca de vinte e cinco anos, intermitentes, em formações e aperfeiçoamentos voltados especificamente para a música. Se considerarmos que ele está com trinta e oito anos de idade, isso representa que quase três quartos de sua vida foram dedicadas ao aprendizado da música. Ele atuou como músico profissional por cerca de quinze anos: “*Nunca parei de tocar, não! Tocava menos, mas tocava! [...] Aí, quase quinze anos tocando*”. Ele afirma que aos dezessete anos já atuava como músico com tal nível de profissionalismo que possuía inclusive cachê fixo para tocar com várias orquestras de Recife. Uma profissionalização precoce de Cláudio pode ser observada mesmo no ambiente eclesiástico que onde ele convivia e ao qual foi introduzido por influência da sua mãe.

C (SE89 – 1ª. E) – *Aí, com seis anos, minha mãe me matriculou no Conservatório. Aí, fui... dos seis aos doze, foi o primeiro impacto, assim, de... comecei a estudar música. Estudava oito horas por dia. Aí, fui e, já na adolescência, quando chegou com doze*

anos, comecei a tocar já profissionalmente, já. Aí, já tocava ééé... em grupos de música, música instrumental, na igreja, já. Aí, foi quando eu comecei a levar o negócio mais a sério já pro lado profissional. Aí, foi quando eu fui pra segunda parte do curso que, na época não tinha o curso técnico, era um curso que chamava preparatório. Que começava aos treze anos, que ia dos treze até os dezoito anos.

C (SE90 – 3ª. E) – Fiz a graduação em bacharelado em violão. Depois fiz a graduação, bacharelado em composição e regência em música sacra pelo Seminário. Depois fiz bacharelado em composição e regência pela UFPB. Depois fiz especialização em composição e regência pela UFMG. [...] Foi no nível de especialização. Só que aí, o que é que acontece? Foi um pouquinho mais longo, porque durou dois anos e meio.

C (SE91 – 1ª. E) – Com doze anos, eu já comecei a tocar fazendo festa, tocando em bailinho, entendesse? Estudando muito! Aí, com catorze quinze anos, o negócio foi ficando mais sério. Com dezessete anos, eu já tava tocando pra valer mesmo! Já tava tocando! Aí, toquei, trabalhei na noite! Aí, juntou tudo isso aí. Mesmo no quartel, na época do quartel, eu tocava freelancer aí, né? Nunca parei de tocar, não! Tocava menos, mas tocava! Ficava tocando! Fiquei, vamos dizer, dos doze até o meu casamento, em 2005. Então, no caso, eu tinha mais ou menos quando eu casei, em 2005, há doze anos atrás, né? Eu tenho trinta e oito hoje, eu tinha vinte e seis anos.

C (SE92 – 1ª. E) – Na igreja, eu comecei a tocar com... porque aqui a influência total foi da minha mãe! Ela que foi a pessoa que tomou essa parte do discipulado, essa parte cristã, né? Ela que me levou até o batismo, toda essa parte. E eu, com seis anos... assim, sem nenhum conhecimento, mais de forma inata mesmo, já tocava na igreja. Já tocava lá, com as crianças. Ia pro culto, aí ficava do lado dos caras que tocava lá. Tocava violão, contrabaixo, pegava o instrumento lá e ia na “tora”! Tocando e tocava mesmo, não tinha esse negócio, não[...] Aí, muito novo, eu já fui tocando em grupos. O primeiro grupo que eu toquei, eu tinha doze anos, né? Não, dez anos! Já tocava na igreja, que era um grupo chamado “Jovens de Cristo” e tinha uma galera já toda adulta, os caras já formados, casados tudo, e eu lá no meio, tocando, não é? Violão, fazendo base pros caras.

A experiência de Cláudio como professor de música começou como estagiário de música em uma escola municipal da Prefeitura do Recife, enquanto estudava no bacharelado em música da UFPB, com cerca de dezenove anos. Nessa época, ele atuou pela primeira vez com alunos portadores de distúrbios mentais diversos como membro de uma equipe multidisciplinar. Posteriormente, ao deixar o exército, ele começa a trabalhar como professor contratado em escolas públicas, municipais e estaduais, e em escolas particulares de música.

C (SE93 – 3ª. E) - Estagiando já, quando eu fui estagiário da Prefeitura do Recife, na escola ééé... ô, rapaz! Uma escola ali na Ilha do Leite, na frente do Albert Sabin. Aquela escola ali, eu trabalhei ali. A gente tinha uma turma de educação especial, só de autistas. Eu fazia parte de um grupo multidisciplinar, né? Professora, estagiária de psicologia, eu era estagiário de música. Então, eu comecei trabalhando ali. Dali, eu

trabalhei na XXX, trabalhei na Prefeitura de Olinda, no CAIC XXX, também essa parte de educação musical. Porque o professor de escola pública em sala de aula regular não tem recurso, é a criatividade. E trabalhei com isso. Aí, quando eu fui, quando chegou na escola particular na BL, em 2007 eu acho, foi quando eu peguei alguns alunos de um poder aquisitivo elevado que tinham algum tipo de deficiência. Comecei com autista, síndrome de Down, e aí eu comecei a fazer um bom trabalho.

A partir de todo seu envolvimento com a música e o ensino, Cláudio já influenciou outros membros da família a seguirem caminho como músicos e professores. O seu irmão mais novo, Fernando, por exemplo, é um “*músico renomado*”, professor de música em escolas públicas e particulares. Ele também foi aprovado em concurso público e irá tomar posse como professor de música em uma instituição federal de ensino, no próximo mês de junho. Um de seus primos, Waldemar, também trabalha como professor do Conservatório.

C (SE92 – 1ª. E) – *Rapaz, foi mais em relação à questão das amizades. Assim, pronto! Como eu tocava, era muito segura mesmo, assim... virtuoso! Pra usar uma palavra melhor! Muito virtuoso, aí eu sei que eu comecei a me destacar no lado musical, né? Ouvia muita música! Escutava todo tipo de música! Música de jazz, música sacra, brasileira, música regional. Aí, comecei a conhecer uma galera que gostava, que curtia, comecei a admirar! Comecei a influenciar, no meu caso, meus primos e meu irmão. Comecei a influenciar meu irmão, Fernando! Tanto é que eu comecei a estudar música com seis anos, mas meu irmão começou a estudar música com catorze!*

C (SE93 – 1ª. E) – *Mais novo! Fernando era o mais novo! Mas foi despertado pra música, mesmo foi com catorze anos. E quem influenciou Fernando fui eu! Fernando, hoje, ele é professor [...]. É um músico renomado! E, ele e meu primo, que também é professor de música [...] que é Waldemar, que a gente montou, que eu fui o primeiro, fui o desbravador e eles depois eles vieram, né? E eu fui orientando, fui orientando eles na música e eles foram crescendo. [...] Pra essa galera, é! Tanto pra ele, quanto pra meu irmão, pra meus dois primos, né? Que são irmãos. Pra minha prima, que é irmã dos caras (rs)! E pra minha irmã! Que é minha irmã! (rsrs) Essa galera aí!*

Para Zittoun (2006a; 2006b; 2009) as rupturas observadas em uma trajetória de vida, são capazes de levar a pessoa a novas ideias, novas soluções, ou novas formas de agir e pensar. Nesta parte de nosso trabalho, ao analisar a trajetória de vida de Cláudio, selecionamos momentos de ruptura em suas experiências como músico e professor de música buscando caracterizar os pontos de bifurcação levantados. Optamos por enfatizar no traçado de sua trajetória como músico suas experiências de formação na área de música, como forma de estabelecer não apenas uma cronologia que torne mais clara sua trajetória de vida como podendo destacar melhor os momentos de ruptura. A trajetória não realizada foi a de uma carreira como servidor público federal como militar do exército.

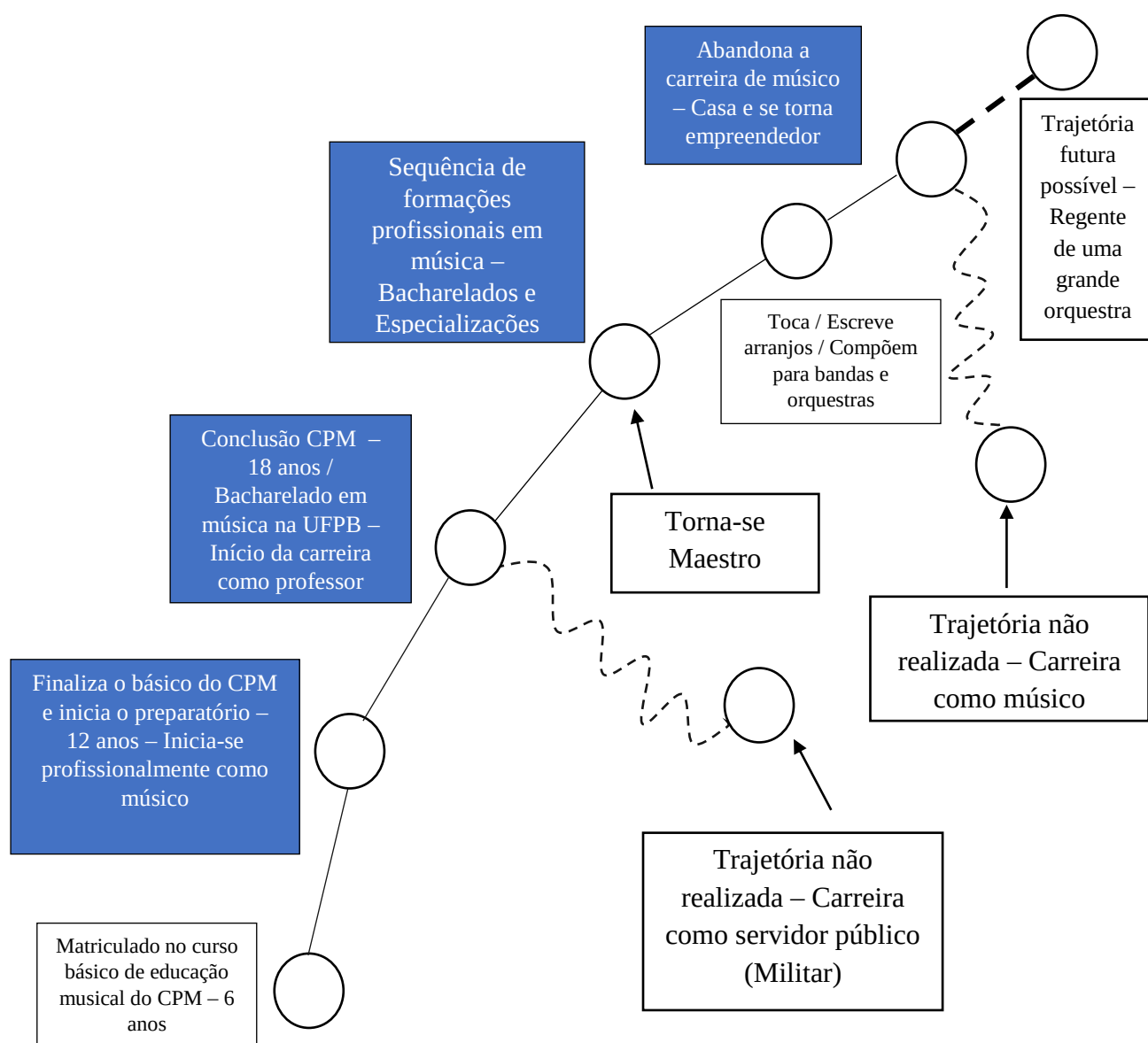


Figura 10 - Trajetória de vida de Cláudio como músico

Identificamos a ação dos pais de Cláudio como outros significativos em sua trajetória de vida, influenciando na ação de ambos os reguladores semióticos – *ser músico* e *ser professor* – proporcionando, assim, a internalização das mensagens de ambos ao seu âmbito intrapessoal.

Algumas atitudes, como aquelas que já mencionamos de incentivar Cláudio com os investimentos materiais, também foram identificadas como sistemas de controle redundante atuando no mesmo sentido. Sua mãe era professora pública das disciplinas de história, geografia e atuou um tempo também como professora de economia e seu pai, além do investimento material, também influenciou Cláudio em sua carreira como empreendedor – o que veremos posteriormente em nosso trabalho.

Como os pais de Cláudio eram membros de igrejas protestantes, questionamos a ele se havia alguma dificuldade em conseguir conciliar o fato dele ainda ser adolescente quando começou a trabalhar à noite como músico em festas e bailes. Cláudio afirma que nunca houve uma proibição, mas uma certa “*relutância*” que “*eles não gostavam muito*”, especialmente. Porém, aparentemente pela própria dedicação e envolvimento que Cláudio tinha a esse trabalho, “*não teve maiores problemas, não*”.

C (SE94 – 3ª. E) - *E quanto a essa questão de tocar na noite, realmente, no começo, assim, houve uma relutância. Até eles verem que o negócio era sério, aí. Então, realmente, eu sofri um pouquinho, mas nada que fosse uma proibição! Ah, um negócio de tocar escondido, não! Num primeiro momento, até o processo da minha adolescência eles não gostavam muito, né? Por que? Por uma questão de segurança, tocar à noite. Então, eu sempre tive que ir com alguém que tomasse conta ali, um cara, um professor ou alguém assim. Mas depois que eles viram que o negócio era sério. Que o negócio era pra vida mesmo, que era vocação, não teve maiores problemas, não.*

Outro significativo para a vida de Cláudio é sua esposa, com quem está casado há doze anos e com quem tem uma filha de três anos. Quando Cláudio a conheceu, ele ainda atuava como músico profissional. Assim, agindo como uma pessoa “*motivadora*”, consideramos que ela foi importante no desenvolvimento profissional de Cláudio, tanto no que diz respeito a transmitir para ele reconhecimento e motivação para alcançar objetivos materiais como também na sua busca por caminhos alternativos ao de exclusivamente atuar como músico.

A trajetória não realizada *carreira como músico* (itálico nosso) vem de uma das perguntas voltadas a utilizar a imaginação de Cláudio, quando pedimos a ele para nos contar

como ele imaginava que poderia ter sido sua vida se ele continuasse a atuar como músico profissional. Para Cláudio, seria como voltar à vida que ele tinha antes de casar – há doze anos atrás – sem finais de semana que pudesse desfrutar com a família.

C (SE95 – 3ª. E) - *Cara! Vê bem! Eu ia continuar, o que aconteceu já há doze anos atrás. Quando eu casei, eu deixei de tocar na noite de ser um músico instrumentista, assim. Eu fui parando gradativamente, mas quando eu parei, eu disse que eu não queria mais ficar quinta, sexta, sábado e domingo fora de casa. Ou quinta, sexta, sábado e domingo tocando, não sei quantas horas aí, todo final de semana! Então, eu continuarei com essa mesma vidinha, que todos os meus amigos continuam.*

Ao ser levado a essa reflexão, Cláudio revela que muitos músicos profissionais não tocam pelo prazer que encontram na profissão, mas pela parte financeira. Que, se por um lado é bastante atrativa, também faz com que eles tenham que se sujeitar a ser “*músicos que [...] que detestam ser músicos*”. Assim, Cláudio, que atua como ministro de música contratado em uma igreja batista em Recife – e que precisa tocar todos os finais de semana em cultos e eventos promovidos pela igreja – atua nessa função não somente pelo lado da “*devoção, o lado da fé*”, mas por se considerar como um músico.

C (SE96 – 3ª. E) – *Então, assim, aí não é nem só isso aí de não ter a vida. É de você realmente estar usando a profissão muito o lado só pra você ter a sua parte financeira. Você não tem prazer em ter a sua profissão. Então, você vai tocar só por dinheiro. Daí, o que é que acontece? Hoje tem músicos que detestam ser músicos. Mas, o que é que acontece? Como eles ganham uma quantidade de shows, ganham muito bem, então o cara se sujeita. Porque a gente não faz só o que a gente gosta. Às vezes, você tem que fazer o que não gosta. Então, o que é que acontece? O cara se sujeita aquilo ali.*

C (SE97 – 3ª. E) – *Cheguei num patamar de escolha de dizer que não foi o patamar de escolha só da devoção, o lado da fé, de escolher só isso. Não! Porque é a minha profissão, independente. Eu sou músico! Independente da minha profissão de fé, eu sou músico. Eu sou professor, mas eu sou músico. Nasci músico, instrumentista. Mas eu vejo que hoje, por exemplo, os meus amigos lá, estão do mesmo que eu estava há doze, treze anos atrás. Quinze, vinte anos atrás, os caras estão lá do mesmo jeito. Então, assim, é complicado.*

Como trajetória possível imaginada, Cláudio afirma ter o sonho de se tornar, futuramente, regente de uma grande orquestra. Em sua trajetória de vida, parte da formação acadêmica superior de Cláudio foi direcionada para um aperfeiçoamento na área de regência. A formação no STBNB foi em composição e regência em música sacra. Ele também realiza um segundo bacharelado na UFPB, esse em composição e regência, participando da “*primeira turma em composição e regência da UFPB*”. Além de uma especialização em

composição e regência pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

C (SE98 – 3ª. E) - *Vê bem! Porque pra você virar maestro, você tem que desenvolver muitas competências. Você tem que estudar regência. Você tem que se graduar em regência. Você tem que se especializar em regência, também ééé... regência mais aprofundada, no caso. Regência de orquestra.*

Dessa possível trajetória futura surge o signo promotor tipo campo que nomeamos *ser regente* (itálico nosso). De acordo com Valsiner (2012a, p. 53) os “signos promotores são profundamente internalizados e operam como orientações pessoais baseadas em valores”. Um signo se torna um signo promotor quando canaliza ações futuras e, sobretudo, quando é internalizado sob a forma de sentimentos, estabelecendo uma gama de fronteiras de significados possíveis para as experiências futuras no mundo (VALSINER, 2012a).

C (SE99 – 3ª. E) - *Porque um bom regente, ele não apenas rege um grupo de águias. Mas ele pega gansos e transforma em águias. Eu já aprendi isso! E eu vejo que isso acontece direto. Independente do grupo que eu esteja regendo. [...]. Porque, o que é que acontece? A regência, o conductor, como a gente chama, o cara que conduz, a grande maestria dele é tirar o melhor daquele músico ali.*

Na trajetória futura possível de Cláudio como regente de uma grande orquestra surge uma ambivalência, pois para segui-la, seria necessário abandonar todas as outras atividades profissionais que ele executa hoje. Além do fato de que ele assume que essa é uma carreira normalmente reservada a profissionais a partir dos cinquenta anos.

C (SE100 – 3ª. E) – *Se você perguntar, qual é um sonho seu, vai lá: ser um grande regente de uma grande orquestra. Isso é um sonho! Então, pra você ser um grande regente de uma grande orquestra, você tem que abnegar de muita coisa. [...] Por que? Porque eu teria que me dedicar exclusivamente, 100% da minha vida, pra ser um regente de orquestra. Pra me preparar, parar a minha vida todinha, pra estudar só regência. Comer regência, viver regência, cheirar regência, beber regência e tendo que ter um suporte financeiro muito pesado. Por que? Porque um regente, quando ele começa uma carreira, ele tem que ter, no mínimo, uns cinquenta anos. Um bom regente, que vai ficar mais trinta anos à frente de uma orquestra.*

Já quanto a sua trajetória como professor, começamos a traça-la a partir de sua experiência como estagiário em uma escola municipal do Recife, passando pelas experiências profissionais como professor contratado por outras instituições públicas e privadas no ensino da música. Também buscamos abranger nessa trajetória suas experiências como regente contratado e ministro de música de igrejas protestantes do Recife. Isso porque, nessas experiências, também se apresenta a experiência do professor capaz de estar à frente de grupos.

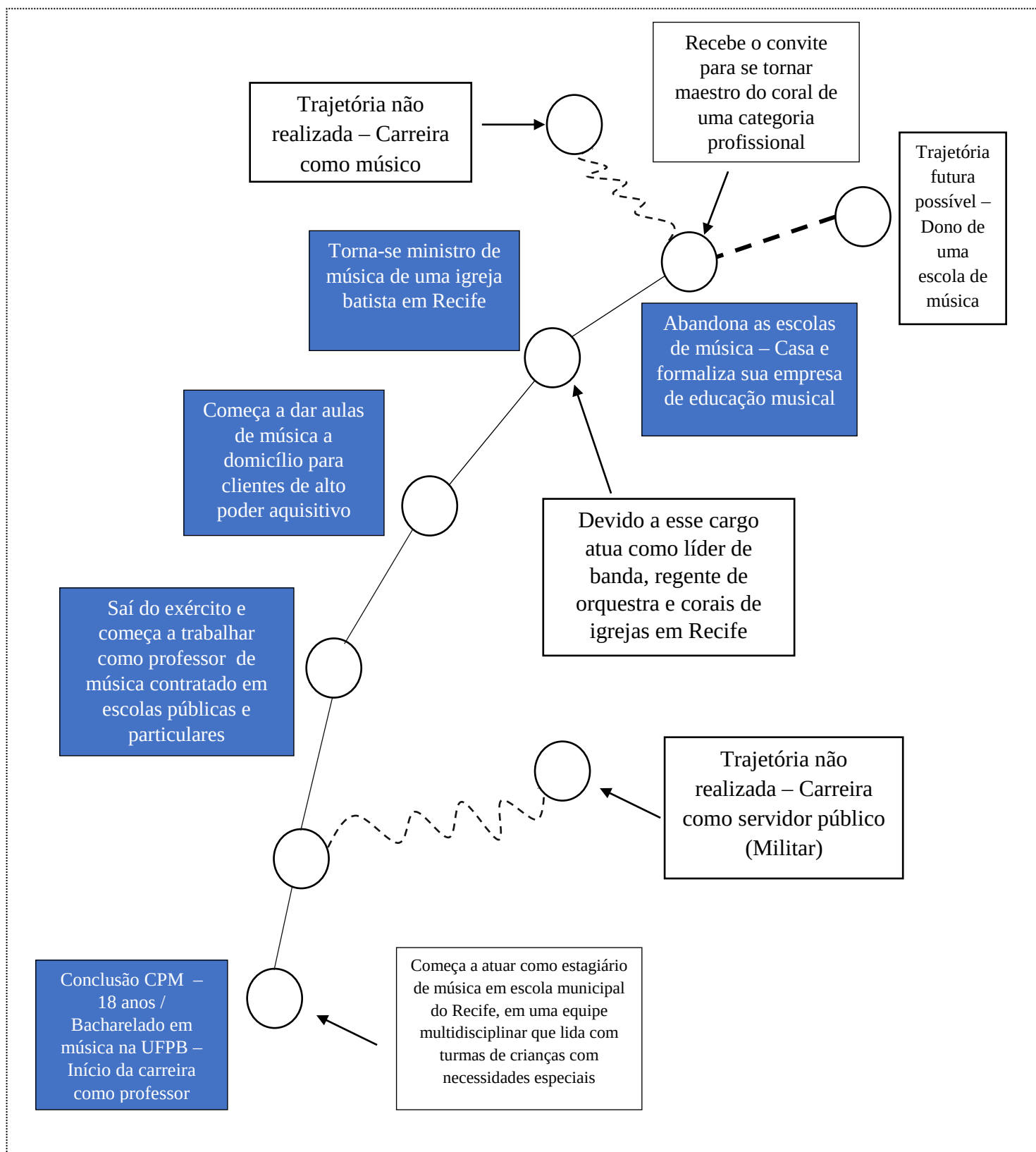


Figura 11 - Trajetória de vida de Cláudio como professor

Entendemos que os objetivos de conquistas materiais confrontados com as condições financeiras e de trabalho oferecidas para o professor de música, especialmente na esfera pública, fizeram com que Cláudio não se sentisse motivado a seguir essa carreira. Assim, apesar de do tempo trabalhando em escolas públicas e particulares nessa função, ele busca novas oportunidades de ganhos e carreira.

Essa carreira como professor de educação musical iniciou numa vaga de estagiário de educação musical em uma escola municipal do Recife. Posteriormente, após deixar o exército, ele atuou como professor contratado em escolas da rede pública do estado e das prefeituras de Recife e Olinda. Além de professor em escolas particulares de música, concomitantemente.

Cláudio nos conta que para o músico, é comum atuar como professor de música e trabalhar como músico profissional, “*músico da noite*”, tocando em bandas ou orquestras. Porém, sem estar atrelado por um vínculo empregatício com algum empresário ou instituição. Além de funcionar como um “*extra*” o fato de atuar como músico profissional é considerado como algo que “*legitima*” sua atuação como professor. Trataremos mais adiante em nosso trabalho de sua principal atividade empreendedora, ligada à educação musical de crianças e adolescentes.

C (SE46 – 3ª. E) - *O professor tem que correr, né? Também uma coisa que me fez dar uma freada nisso aí, foi porque o professor de música no estado, na prefeitura, ele ganha muito mal. Ganha muito mal. Então, o que é que acontece? Você, às vezes, fica escravizado ali, não sei quantas mil horas ali, duzentas horas aula/mês, e você não consegue sobreviver se você não tocar, se você não der uma aula fora. Então, eu fui fazendo o contrário. Eu fui investindo aí, nessa parte dessas aulas especializadas, até chegar o momento que eu vi que não ia dar mais pra trabalhar para os outros. Vou investir em mim, pronto!*

Cláudio afirma que sempre gostou de trabalhar com crianças. Assim, consideramos que essa se configura como uma das razões que o levaram a trabalhar, ainda como estagiário, com educação musical de crianças com necessidades especiais. Algo que aconteceu sem um planejamento prévio, mas que consideramos como um momento de ruptura na trajetória de vida de nosso participante, especialmente pelas implicações desse momento em suas atuações profissionais no futuro.

Cláudio buscou aperfeiçoar-se em práticas educacionais, visando desenvolver uma qualidade no ensino, buscando desenvolver “*mecanismos*” para trabalhar de forma a ser mais eficiente em suas atividades. Quando começou a trabalhar como professor particular de música com clientes selecionados, ele afirma que possuía uma especialização em arte

educação. Posteriormente, buscou novas especializações em educação especial e educação musical. Para Cláudio é importante a busca do aperfeiçoamento para evitar trabalhar com base em “*achismos*”.

C (SE101 – 3ª. E) - *Eu sempre gostei de trabalhar com criança. Eu gosto também de trabalhar com jovem, adolescente, adulto, beleza! Mas com criança, eu sempre gostei. Aí, fui criando mecanismos pra trabalhar, beleza! Aí, eu vi que eu tinha que ir me especializando, porque senão fica muito no campo do achismo, né?*

Após seu tempo de serviço como oficial temporário no exército, Cláudio volta a trabalhar como professor de música – no Estado, nas Prefeituras de Recife e Olinda e em escolas de música particulares. Já apresentamos as razões alegadas por Cláudio para não considerar a carreira de professor de música, seja em instituições públicas ou particulares, interessante, salvo algumas raras exceções. Assim, seu negócio próprio na área de educação musical começa a tomar forma quando ele é procurado por pais de alguns alunos seus, que apresentavam distúrbios mentais, que lhe propuseram desenvolver essa atividade de educação musical para essas crianças em suas casas, de forma “*itinerante*” como Cláudio diz.

Assim, surge uma transição na trajetória de vida de Cláudio, quando ele passa de um professor de escola de música para um professor particular de música, que se especializa para se tornar “*douto*” da situação de entrar na casa dos clientes garantindo que eles teriam um serviço prestado pelo “*melhor*”. Esse novo momento em sua vida, se descortinou para Cláudio como uma possibilidade de conseguir trabalhar naquilo que lhe satisfazia – ser músico e professor – mas com uma rentabilidade maior, apesar do esforço e dedicação necessários para conseguir o retorno financeiro esperados.

C (SE102 – 1ª. E) – *a rentabilidade pra um professor de educação musical, um professor, salvando as devidas proporções e as exceções... mas, assim, pra você trabalhar sendo um professor... (da rede pública de ensino) pra mim é muito complicado. Eu trabalhar 200 horas ali e o salário ficar muito irrisório pra estrutura. Então, eu comecei a ver que se eu investisse de uma forma, não só no material humano, no meu conhecimento! Mas investir no mercado de uma forma diferenciada, que é levar pras pessoas uma estrutura em que elas tivessem comodidade, mas também tivessem uma segurança que o filho dela estaria aprendendo música com uma pessoa que é o melhor!*

C (SE103 – 1ª. E) – *Porque você trabalhar com educação itinerante, entrando dentro da casa das pessoas, você tem que ser realmente douto da situação. Você entra na vida, no círculo familiar. Você começa a conhecer os problemas, começa a conhecer as dificuldades. Até porque você trabalha num quadro específico de educação, que necessita de um conhecimento técnico, né? Que você vai ter que fazer, interferir na*

vida geral, algo que funciona na vida do aluno. Então, se você não fizer essa leitura rápida do ambiente, do cenário, você pode perder o seu cliente.

C (SE104 – 3ª. E) - *Então, o que é que acontece, hoje, hoje não mas já de algum tempo, já de algum tempo, eu transformei a questão da educação especializada para pessoas de alto padrão, num negócio. Eu não tenho problema se eu vou ter que trabalhar num dia de jogo do Brasil. Se é feriado. É feriado pra todo mundo, beleza! Mas pra mim, naquele dia, não vai ser feriado eu vou trabalhar. Desde que o aluno queira ter aula e o pai não vá viajar, eu vou estar ali.*

A carreira de músico profissional que Cláudio viveu era muito intensa. Mas, desde seu casamento, ele tem sido levado a repensar sua trajetória de vida, com uma atuação mais voltada para o ensino da música. A vivência como músico instrumentista está ligada justamente à sua atuação no campo religioso. Pois, devido ao cargo de ministro de música, Cláudio atua como líder de bandas, regente de orquestras e corais sacros de igrejas de Recife.

Cláudio atualmente se define mais como professor do que como músico. Exatamente por não ter mais a mesma vivência com o ambiente músico popular e por viver profissionalmente mais dedicado às suas atividades de ensino: *“porque vinte e quatro horas por dia, bem dizer, é só formando pessoas, dando aula, dando aula, dando aula”*. Além disso, ele afirma que não pretende mais tocar por várias horas seguidas ou em um estúdio. Mas, apenas, tocar fazendo o que gosta.

Identificamos ainda o trabalho de Cláudio à frente de corais e orquestras sacras como campos afetivos, ou seja, atividades rotineiras e rituais que deflagram sentimentos que retroalimentam seu sistema de vida. O prazer que ele afirma obter com sua atuação como instrumentista em instituições religiosas *“fazendo com excelência pra Deus”* o ajuda a redefinir, assim, sua carreira como músico.

C (SE105 – 3ª. E) - *Mais professor! Professor! Com certeza! Em todos os âmbitos! Hoje eu vejo o seguinte, hoje o prazer de tocar, é diferente do prazer que eu sentia, do êxtase que seria de passar dez horas tocando, no Galo da Madrugada! E achar aquilo ali! Tocar por várias horas, cinco horas! Fazer concertos, estudar pra tocar em festivais, beleza! Hoje, se você me convidar pra tocar num festival, eu vou! [...] E vou fazer ali o que eu gosto, beleza! Hoje, eu escolho o que é que eu vou fazer. Agora, hoje, eu acho que eu sou mais professor. Porque vinte e quatro horas por dia, bem dizer, é só formando pessoas, dando aula, dando aula, dando aula. Na frente de grupos, tanto regendo como ensinando. Hoje eu sou professor. Agora, o lado da música mais como instrumentista, eu faço mais essa atuação mais no campo religioso. Quando eu sinto prazer, que eu junto ali o lado da devoção com o lado da técnica. Você toca e busca, realmente, estar fazendo com excelência pra Deus, né?*

Como trajetória não realizada na vida de Cláudio, destacamos uma carreira como servidor público. Apesar de ter sido oficial temporário do exército durante seis anos, não consideramos essa experiência com tempo limitado como uma carreira do funcionalismo público, já que o tempo máximo que um oficial temporário, formado por um centro de preparação de oficiais da reserva do exército, pode permanecer no serviço ativo da força é de nove anos.

Cláudio afirma que *“não tava nos meus planos não, ser militar, não”*. Prestar o serviço militar para ele foi tão somente algo que ele considerou seria *“experiência boa”*. O curso de formação no CPOR/R tem duração de um ano e Cláudio o realizou, durante certo tempo, concomitante com suas atividades acadêmicas na UFPB e, posteriormente, no STBNB. Questionamos o que lhe levou a tentar conciliar essas três atividades ao mesmo tempo, ao que Cláudio atribui como um arroubo da juventude, feito sem qualquer planejamento: *“Aconteceu, mas foi na porralouquice mesmo”*.

C (SE106 – 3ª. E) – *Rapaz! Foi muita... porque aconteceu tudo ao mesmo tempo! Só que eu vi que deveria ter planejado melhor as coisas. Mas, você às vezes quando é mais jovem, você não tem esse nível crítico de você pensar em: “ah! Vou terminar isso, fazer isso”. Foi tudo muito num rompante: “ah! Vou fazer! Pronto! Vai dar pra conciliar”. Não deu! A realidade é essa! Não deu, o Seminário eu tranquei. Aí, tive que me dedicar a universidade. Porque, se eu perdesse a universidade, eu saía do exército. Aí, eu continuei e depois continuei no exército e depois voltei pro Seminário.*

Inferimos haver uma ambivalência de Cláudio quanto a uma escolha pela carreira de funcionário público. Ainda no momento presente, apesar de afirmar que tem certeza do caminho escolhido como empreendedor, seu entendimento das incertezas de uma carreira como empreendedor, ainda trazem questionamentos quanto a uma possível tranquilidade financeira e de futuro que ele poderia conseguir em uma carreira como servidor público.

C (SE107 – 2ª. E) – *Mas, antes, eu vejo que era um grande desafio eu escolher aquilo que eu queria que era ser empreendedor daquilo que eu vejo ainda, né? Eu posso até me tornar, ainda, eu não sei né? Ainda, um funcionário público, não sei. No meio dessas crises aí. Mas, assim, nunca foi o meu foco! Nunca foi o meu foco. E outra coisa que eu vejo é assim, eu vejo que cada dia mais que o meu foco tá correto! Mesmo que todo mundo diga que não, eu vejo que eu tô pensando dessa forma e minha família me apoia, né? Que é uma coisa que eu acho muito importante, né? Principalmente, dentro de casa. Minha esposa ela nunca teve, eu acho, nenhum momento de dúvida em relação a isso aí.*

Quando expressa o sonho de se tornar regente de uma grande orquestra, cargo ao qual um maestro com as qualificações necessárias se candidata através de um concurso público de

provas e títulos, Cláudio ainda expressa essa ambivalência. O que nos leva a considerar como sendo um fator motivador em sua decisão de tentar seguir uma carreira como oficial temporário no exército, a busca da segurança e estabilidade de uma carreira como funcionário público.

Porém, buscamos identificar signos que poderiam agir na experiência de Cláudio como militar. Ele afirmou ser algo que o atraía como militar “*estar à frente de homens, estar no processo de liderança*”. Assim também, a carreira como professor é descrita como uma forma de atender um desejo pessoal de “*estar à frente de alguma coisa*”. Para Cláudio, “*um bom regente, ele não apenas rege um grupo de águias. Mas ele pega gansos e transforma em águias*”.

Em nossa análise dos relatos e da trajetória de Cláudio inferimos que o signo hipergeneralizado que funciona como guia é o de *buscar reconhecimento* (itálico nosso) em uma necessidade de conquistar espaços e reconhecimento por parte de colegas músicos, clientes, familiares e amigos, alcançando um patamar superior de qualidade em suas práticas profissionais e no alcance de objetivos materiais e pessoais traçados. Esse signo hipergeneralizado de buscar reconhecimento se torna um signo promotor tipo campo *fazer com excelência* (itálico nosso) expresso em suas diversas atividades como músico, professor ou empreendedor.

O processo de regulação interpessoal que orientou a síntese da cultura pessoal de Cláudio, marcada pelos abandonos das carreiras de músico profissional e de professor de música de instituições públicas e privadas, é marcado pelo seu casamento e pela transição para uma carreira como professor de música “*itinerante*” que entra na casa das famílias para oferecer um serviço diferenciado. Imaginando ainda um possível futuro como regente de uma grande orquestra, também observamos a emergência do signo promotor tipo campo *liderar* (itálico nosso) na trajetória de Cláudio como músico e professor.

C (SE108 – 1ª. E) – *Sempre eu gostei de ensinar! Desde novo! Eu já tinha um desejo, assim. Não veio por acaso, não! Eu sempre quis estar à frente de alguma coisa. Estar dando aula, independente se eu não tivesse a formação, eu seria um professor autodidata, né? Eu seria aquele professor que está ali... eu seria professor por de... por vocação, pronto! Mas eu sempre quis ser professor, entendeu?*

C (SE109 – 3ª. E) – *Rapaz, porque vê! Eu sempre gostei de dar aula, ensinar, passar, estar à frente de alguma coisa. Também muito por conta da questão de não reter conhecimento, porque sempre procuro socializar o conhecimento. Eu nunca tive essa questão de segurar conhecimento. E eu gosto de ver o resultado! Eu gosto de estar*

perto, de ensinar, de ver a pessoa crescer ali, musicalmente e chegar ao ponto que ele já pode galgar outras coisas, entendeu? Então, eu vejo a questão da docência, assim, veio junto. Eu tenho o lado musical artístico, beleza! Mas veio junto o lado do ensino como também veio junto o trabalhar com grupos. Porque, pra você trabalhar com grupos, você tem que ensinar. Porque, senão, você não consegue o resultado.

C (SE110 – 3ª. E) – *Esse negócio de você estar à frente de homens, estar no processo de liderança, eu amadureci muito rápido. Porque eu tinha que liderar, comandar é a palavra correta, comandar pessoas que eram mais velhas do que eu e eu tinha que me impor, não apenas pela questão da antiguidade, mas pela questão de posto. [...] Só que, eu tinha que liderar! Então, eu procurava mostrar que eu podia estar ali, entendeu? Aí, eu mostrava que tinha capacidade também, que podia fazer um bom trabalho. Então, eu nunca tive medo de liderar, entende? Eu não tenho esse medo!*

C (SE111 – 3ª. E) – *Porque um bom regente, ele não apenas rege um grupo de águias. Mas ele pega gansos e transforma em águias. Eu já aprendi isso! E eu vejo que isso acontece direto. Independente do grupo que eu esteja regendo. Se eu tenho oitenta músicos, mas se eu tenho cinco músicos como foi domingo passado lá e vai ter a mesma qualidade de ter a orquestra completa. Porque, o que é que acontece? A regência, o conductor, como a gente chama, o cara que conduz, a grande maestria dele é tirar o melhor daquele músico ali. Então, eu vejo que tem um lado filosófico nisso aí, como sendo um negócio pra vida, entendeu? Você tem que tirar o melhor das oportunidades, o melhor das pessoas, o melhor.*

6.2.2.2 A trajetória de vida e a construção de significados sobre ser empreendedor

De acordo com a definição trazida por Cantillon (2002) os empreendedores são indivíduos que aproveitam oportunidades para obterem lucro, tomando decisões em uma situação de incerteza, assumindo riscos e responsabilidades pelas compras de mercadorias a preços mais baixos esperando vendê-las por um preço mais alto. Outros autores (FILION, 1999; MONTENYE, 2006; GANGWAR; VISHWAKARMA, 2013) definem o empreendedor como uma pessoa que desenvolve uma nova ideia, assumindo o risco de organizar um negócio voltado a produzir um produto ou serviço que venha a satisfazer as necessidades dos consumidores.

Traçamos a trajetória de vida de Cláudio como empreendedor a partir de sua adolescência quando, aos dezessete anos, ele já tocava na noite, liderando bandas, tocando em orquestras com um cachê estabelecido:

C (SE112 – 1ª. E) – *Nessa época, eu já tava com dezessete... dezessete anos eu já tava tocando na noite, já. Eu já era músico profissional. E já estava tocando, assim,*

profissionalmente, com cachê já estabelecido, tocando com todo mundo. Aí, eu já tocava na noite em orquestra. Aí, em várias orquestras de Recife, eu já tocava.

No entanto, perguntamos a Cláudio se ele possuía algum vínculo empregatício com alguém já a essa época. Cláudio nos responde que *“Não! Geralmente, nenhum músico de baile, músico da noite popularmente dizendo, ele tem esse vínculo. Não tem! Assim, consideramos que essas eram atividades já caracterizavam um empreendedorismo informal. Ou seja, não haviam vínculos ou ligações legais com estruturas formais de negócios, fosse como um funcionário contratado fosse como um proprietário de negócio formal.*

C (SE113 – 1ª. E) – *Não! Geralmente, nenhum músico de baile, músico da noite popularmente dizendo, ele tem esse vínculo. Não tem! Mas aí, o que é que acontece, você atrela duas coisas. O que é que acontece? Todo cara que é um professor, ele atrela a vida dele acadêmica do professor com a vida profissional de músico. É onde faz um extra ali, entendeu? Ele é professor de alguma instituição, mas ele também é músico profissional que legitima a profissão dele.*

Assim, observamos que Cláudio, durante a trajetória traçada, sempre esteve envolvido com alguma atividade autônoma de negócios. Um *“extra”* que lhe garantisse uma complementação da renda, que podemos assumir como sendo atividades empreendedoras. Fosse atuando como músico ou fosse com o pai, trabalhando com o negócio de sonorização dos dois.

C (SE114 – 1ª. E) – *Aí, quando chegou em 2009, foi quando eu decidi sair dessa parte de trabalhar em escolas privadas e contratos de trabalho com o Estado, com contrato... e decidi trabalhar só pra mim. Só que par e passo a isso eu já tinha um empreendimento que era trabalhar com áudio, junto com meu pai. Que era a coisa de sonorização. E já tinha tido, em 2005, eu montei o estúdio. Eu tenho um estúdio de gravação, um estúdio móvel.*

Para Lima (2010) o trabalho autônomo do empreendedor informal tem um potencial criador vinculado à predisposição do indivíduo ao risco e à inovação, trazendo também a possibilidade de maior liberdade e certa flexibilidade na busca e na identificação de oportunidades de trabalho. Esse tipo de empreendedor informal abrange desde consultores qualificados, com contratos temporários e/ou por projetos, ou profissionais que trabalham sem contrato algum, chegando até os trabalhadores em atividades precárias como ambulantes, camelôs e outros que sobrevivem em condições de maior precariedade.

O negócio principal de Cláudio, a educação musical de crianças e adolescentes com necessidades especiais, também surgiu nesse espírito de informalidade. Quando ele foi procurado por pais de alunos das escolas particulares de música em que ele era professor e

estes lhe pediram para dar aulas particulares para as crianças. Acontecendo o mesmo com o negócio de sonorização e produção musical.

C (SE115 – 1ª. E) – *Mesmo antes de eu definir que ia ter isso como negócio, essas famílias já eram meus alunos nas escolas que eu trabalhei. Quando eu saí da escola, essas pessoas foram pessoas que me procuraram pra que eu continuasse com elas, como professor delas: “a gente tá precisando de você! A gente não gostou do professor que ficou lá! Dá pra você fazer um trabalho”? Então, foi daí que eu comecei a fazer o trabalho, o boca-a-boca foi anunciando.*

Na sua trajetória, Cláudio vive constantemente a tensão entre continuar como empreendedor ou buscar uma carreira como funcionário público. Alguns de seus parentes, outros significativos como seus pais, o irmão Fernando e o primo Waldemar, por exemplo, seguiram uma carreira no funcionalismo público. Mas já Cláudio afirma que nunca pensou em ter um emprego fixo, com condições de trabalho e salário estáveis. Então, ele ainda vive essa ambivalência, entre viver o seu “*objetivo de vida*” ou seguir caminhos já trilhados por outro.

C (SE116 – 3ª. E) - *De eu ter que deixar de dar aula dentro de uma instituição, sendo assalariado, pra eu passar a investir e aprovisionar pra mim. Aí, é diferente. Aí, eu vi que realmente a rentabilidade é muito maior. [...] Hoje, não enche meus olhos, por conta dessas situações. Quando eu comparo na balança, na matemática, mesmo sabendo a forma que eu vejo hoje, a qualidade de vida é outra, do que se eu tivesse dentro da sala de aula, parquinho, esperando meu aluno lá. Porque se ele vier ou se ele não vier, eu vou ganhar do mesmo jeito. Mas, o que é que acontece, eu ia ficar muito limitado financeiramente. Então, isso aí, pra mim, eu nunca me satisfaria com essa situação de ficar lá, esperando.*

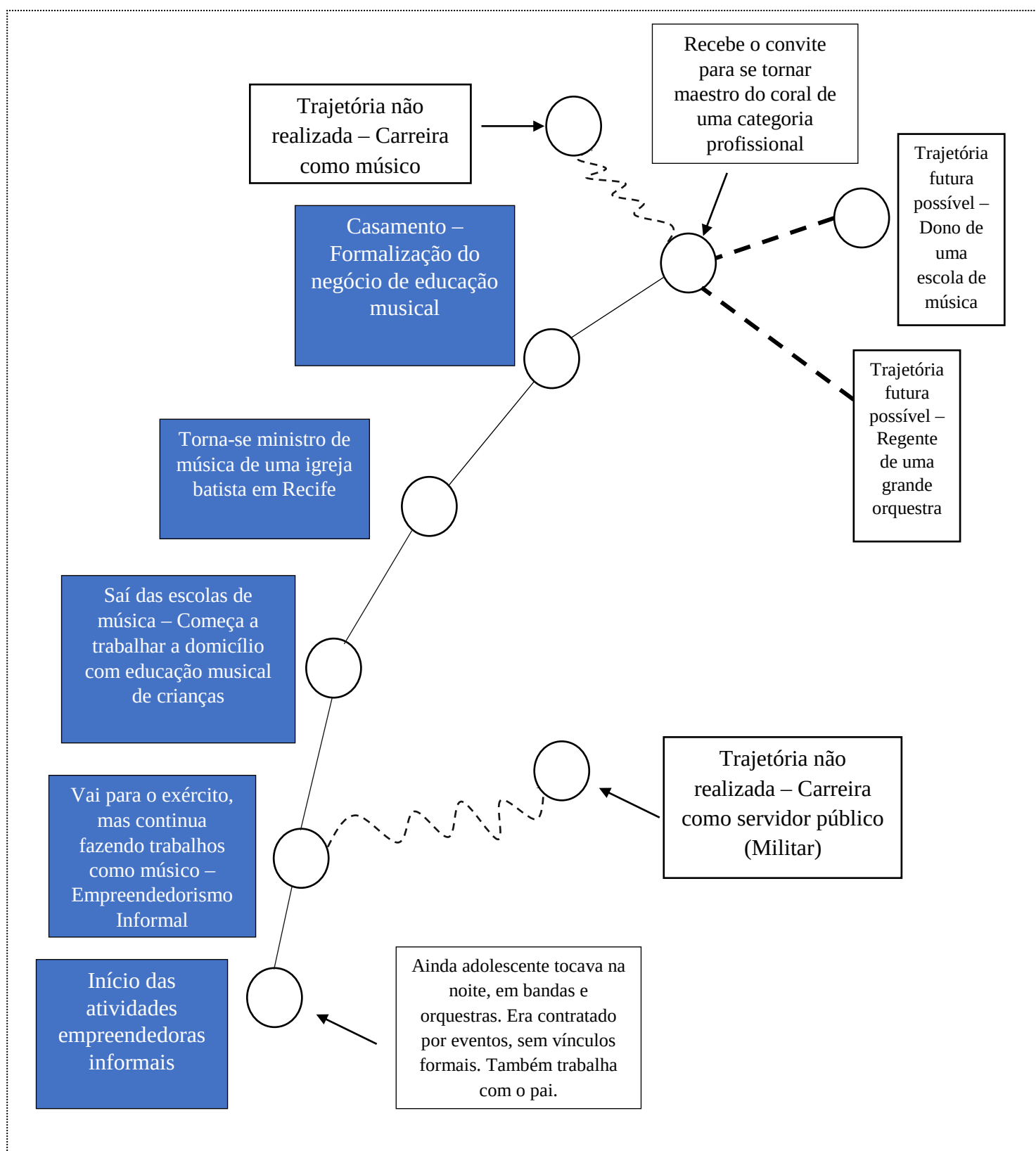


Figura 12 - Trajetória de vida como empreendedor

Em sua construção de significados sobre ser empreendedor, Cláudio destaca uma preocupação com a qualidade dos serviços oferecidos. Segundo ele, é através dessa dedicação ao trabalho oferecendo um serviço diferenciado, que ele busca um desenvolvimento pessoal como forma de não ficar estagnado e garantir a manutenção de seus clientes. Ele afirma, por exemplo, que não fez nenhuma divulgação planejada de seus serviços como educador musical no início dessa trajetória. A divulgação era feita pelos próprios clientes, que ficavam satisfeitos com as aulas que ele ministrava para seus filhos e contavam a amigos e parentes como Cláudio era bom.

C (SE117 – 1ª. E) – *Eu nunca fiz divulgação de nada, nesse nível assim, né? No início, assim, nunca fiz. Depois, aprimorei meu portfólio, um folder, release, uma divulgação mais top, materiais todos com uma padronagem gráfica de apostila, de tudo.*

Ele expressa uma certeza de que, apesar de ter clientes que trabalham com ele há mais de dez anos: *“Então, eu fui crescendo e fui aprimorando isso aí e fui, até hoje tem família que já tá comigo há dez anos! Doze anos!”*, os clientes não podem ser vistos como algo permanente. Eles seriam “rotativos”, não seriam *“pra sempre”*. Assim, manter os clientes satisfeitos em relação ao serviço prestado pode, então, gerar uma “amizade” que pode trazer como retorno novos clientes. O bom trabalho executado funciona como um “cultivo” que lhe traria frutos no futuro.

C (SE118 – 2ª. E) – *Aquela cliente ali, você tem que botar na cabeça todo dia que ela não é pra sempre, entendeu? Mas ela é rotativa, ela chega a ser fiel, mas ela vai ter um momento que ela vai girar ali e você vai ter um grande amigo. Você vai ter uma amizade ali e essa amizade vai lhe retornar, abrindo outras portas de negócios, entendeu? Eu penso dessa forma. Que é assim, hoje eu procuro viver dessa forma assim. Sempre pensando que, pô! Hoje eu tô plantando, um dado momento as coisas vão acontecendo e você vai colhendo.*

Mas, para alcançar essa satisfação no serviço prestado, Cláudio considera ser importante ter confiança no trabalho. Para ele, é a confiança que faz com que o trabalho consiga ser executado com êxito. Inferimos, assim, o signo promotor *confiança no trabalho* (itálico nosso) como um guia dos significados construídos em sua atuação profissional como empreendedor.

Cláudio afirma que a experiência lhe auxilia a conseguir obter confiança, chegando também a usar uma passagem bíblica como uma aparente fonte inspiradora na realização de seu trabalho. No entanto, esse pensamento é complementado por outro de que sua dedicação

ao trabalho é responsabilidade dele e não de uma divindade. Trabalhar com afinco seria a razão apontada por Cláudio para conseguir manter seu negócio, conseguindo obter o reconhecimento de seus clientes, de que eles estariam sendo atendidos pelo melhor profissional possível.

C (SE119 – 1ª. E) – *Mas investir no mercado de uma forma diferenciada, que é levar pras pessoas uma estrutura em que elas tivessem comodidade, mas também tivessem uma segurança que o filho dela estaria aprendendo música com uma pessoa que é o melhor!*

C (SE120 – 2ª. E) - *A experiência, ela me levou a ter uma certeza, assim. Porque, é como a bíblia diz, assim, porque não tem como eu não utilizar a bíblia, porque ela faz parte: “posso todas as coisas naquele que me fortalece”. Então, assim, se você não acredita no seu próprio trabalho, você não vai conseguir prestar um bom serviço e ter êxito. Então, é algo que muita gente diz: “não, se você não acredita no seu trabalho! Não sei o quê, como é que você vai vencer na vida”? É um negócio muito batido? É! Mas, na realidade, você tem que acreditar.*

C (SE121 -2ª. E) – *[...] porque eu tenho certeza daquilo que eu tô fazendo, né? Tenho certeza de que, quem me sustenta não é o dinheiro que eu ganho, e sim o Deus que eu sirvo! Isso aí eu tenho clarificado. Mas, eu vejo que Deus, ele não vai fazer aquilo que eu posso fazer. Então, pra que no futuro eu possa usufruir daquilo que eu construí, eu tenho que fazer a minha parte. Então, a minha parte hoje é trabalhar.*

C (SE121 – 2ª. E) - *Então, hoje eu consigo, mesmo durante essa crise dos dois últimos anos aí, três últimos anos eu acho, ver que as coisas elas pra mim... eu consegui aumentos nos percentuais, em relação aos meus clientes. Tanto na parte de educação quanto na parte de produção, quanto a parte como músico, como uma empresa da área de sonotecnia. Onde eu vi concorrentes aí que tão batendo cabeça. Mas eu ali, devagarinho, permanecendo com o preço justo, com a boa qualidade no serviço, tendo uma carteira de clientes fiéis, você consegue manter um trabalho legal.*

C (SE122 – 2ª. E) - *Quer dizer, vai achar que foi injusto o preço que você pagou por aquele serviço. Então, hoje o meu negócio é pautado em cima de um cálculo, que é o cálculo honesto de um serviço com qualidade. Mas eu quero mais permanecer com o cliente do que ganhar dinheiro em um único serviço. Então, assim, eu permaneço com o cliente a partir do momento que eu vejo que o preço justo ele é atrelado à questão do trabalho, do bom trabalho! A segurança que eu vou passar pro cliente que o seu produto vai chegar na sua mão intacto, que você vai receber todas as suas aulas com qualidade legal, a sua música vai sair bonita, pronto! O lance é esse aí!*

C (SE123 – 2ª. E) – *Em relação à parte de educação, em si, não. Aí, eu acho que, assim, nunca houve uma coisa... eu acho que eu tava muito focado numa relação de desenvolver a profissão como educador nesse nicho do mercado. Pronto! Eu olhei, fui e procurei dar o melhor e o diferencial também. É passar uma segurança pro cliente no contato direto com ele. É aquela coisa, você olhar nos olhos dele, vender o*

produto, você é o especialista e ele é a pessoa que tá buscando a solução. Então, eu vejo que nesse nível aí, eu nunca bati com a minha cabeça num poste, não.

Contudo, essa confiança que observamos não surge apenas nos significados construídos por Cláudio em sua atuação como empreendedor. Ela vem desde sua carreira como músico profissional tocando com grupos diferentes e conseguindo obter sucesso financeiro como também no reconhecimento que ele afirma ter recebido de outros significativos de que seu talento é o de um virtuose.

C (SE124 – 1ª. E) – *Eu trabalhava de quinta a domingo. Às vezes vinha pra igreja de um baile. Trabalhava do sábado pro domingo e vinha direto pra igreja. Eu fiz muito isso, isso aconteceu muito! Aí, eu saí, ganhei muito dinheiro! Muito, não! Mas eu ganhei bem! Ganhei bem porque eu tocava muito, tocava com todo mundo.*

C (SE125 – 3ª. E) – *Minha família, às vezes, meu irmão principalmente, meu primo, alguns amigos meus mais próximos que são virtuose, eles dizem que eu sou virtuose. Eu até me considero louco, né? Mas não um virtuose. Mas todo mundo diz que eu sou um virtuose. Que eu sou um virtuose, assim! Mas, o que é que acontece? Eu, hoje, não estar nos holofotes de ser o músico que eu já fui há anos atrás, virtuose! Que tocava, assim, ééé... trinta e duas notas, sessenta e quatro notas em cinco segundos, né? De improvisar muito bem, de ler qualquer tipo de partitura até escrita num papel higiênico [...].*

Apesar de chegar a afirmar em certo momento que tinha “*uma ideia bem clarificada*” a respeito do que desejava buscar como profissional, ele diz que ao iniciar com os alunos de aulas particulares de música a domicílio não pensou na atividade empreendedora como algo que poderia lhe levar a alcançar objetivos – especialmente materiais. Inicialmente, esse trabalho de educação era uma atividade extra usada para complementar a renda mensal. Mas, com o passar do tempo, ele foi buscando transformá-la em um negócio estruturado e capaz de ajudá-lo a atingir esses objetivos. Ele buscou, então, aprimorar-se através de cursos na área de negócios e de uma organização melhor de seus controles administrativos.

C (SE126 – 3ª. E) – *Então, o que é que acontece, hoje, hoje não mas já de algum tempo, já de algum tempo, eu transformei a questão da educação especializada para pessoas de alto padrão, num negócio. [...]. Tanto que eu acho que o que me fez ser empreendedor, realmente, uma, não foi a conjuntura. Mas algo assim, depois que eu entrei no negócio, transformei, eu vi que, poxa! Esse negócio tem futuro! De tanto o pessoal chegar pra mim: “ei, vem dar aula pro meu filho”. De tanto o pessoal gostar que eu fosse dar aula pro filho dele, gostar da minha aula, eu dava aula no Conservatório e dava aula na escola particular, eu me aprofundei. Vi que aquilo ali, daqui a pouco começou no boca a boca e aquilo se espalhou, e hoje não tem como! Hoje a coisa caminhou.*

C (SE127 – 2ª. E) – *Rapaz. Hoje eu necessito, eu já tô sentindo que eu tenho a necessidade de ter uma equipe administrativa. Hoje, o que eu menos gosto é de fazer tudo. Porque você cansa! Olhe, é muito cansativo! Porque você tem que ter uma rotina religiosa de anotações, prestações de contas, notas fiscais, tributos, entendeu? E hoje, como são três empresas totalmente independentes, totalmente desconectadas da finalidade, é muito complicado.*

Cláudio afirma que busca sempre renovar seus métodos de trabalho e o serviço oferecido, lidando bem com a criatividade – inovação – do empreendedorismo. Entre seus diferenciais, como Cláudio ensina crianças a partir dos três anos de idade, não é necessário para os pais adquirir instrumentos para que a criança possa começar a ser ensinada por ele. Ele mesmo fornece diversos instrumentos usados na iniciação musical, como xilofone, violino, bateria digital, bateria convencional, flauta transversal, kit bandinha e escaleta. O único instrumento que o aluno precisa ter é a flauta doce, pois este é um instrumento “musicalizador”. Além disso, os pais recebem apostilas e relatórios de acompanhamento do desenvolvimento da criança.

C (SE123 – 1ª. E) – *É! Se o pai já comprou o instrumento é uma coisa! Aí, já tem o instrumento lá. Quando ele não comprou, eu tenho que fazer esse nivelamento, ir pesquisando, fazendo teste de aptidão, fazendo relatório, mandando, vendo. Aí, pronto! Aí, quando ele vem e decide comprar o instrumento, eu já recolho, mas esse instrumento já tá comigo lá. Eu não dependo, eu não vou perder o cliente porque o cara não tem o violão! Porque o cara não tem um teclado! Porque o cara não tem um violino! Porque o cara não tem uma bateria, porque o cara não tem um xilofone, porque o cara não tem uma escaleta, entendeu? O único instrumento que ele é obrigado a comprar, por orientação, é a flauta doce. Que é um instrumento musicalizador pra criança, tanto pra criança quanto pra adulto.*

C (SE129 – 3ª. E) – *Porque, hoje, a questão do material eu não dependo de ninguém. Já disse isso. Toda a estrutura pra educação musical, eu não dependo de ninguém. Eu tenho de bateria a xilofone. De violino a trompete. Então, eu não dependo de ninguém. Se eu for dar uma aula, eu boto o material no carro e vou ali dar a minha aula e, pronto, tá ali. Entendeu?*

Buscamos explorar trajetórias imaginadas na vida de Cláudio ligadas ao ser empreendedor. Já mencionamos diversas vezes a questão da tensão com uma carreira como funcionário público. Mas ele também ainda tem como objetivo em relação propriamente ao ser empreendedor a abertura de uma escola de música, com uma estrutura física estabelecida. No entanto, Cláudio ainda está “maturando” a ideia, identificando algumas dificuldades nesse sentido. A escola foi o primeiro negócio planejado por Cláudio, mas com o surgimento

de um cenário econômico de crise financeira, ele considerou que seria melhor continuar suas atividades com a escola musical itinerante.

Esse objetivo de abertura da escola também necessitaria da contratação de profissionais capacitados o suficiente para poder oferecer o serviço diferenciado que Cláudio deseja. E ele não aparenta considerar ser possível contratar um outro professor que tenha o mesmo nível de comprometimento e qualidade técnica que ele tem. Assim, não nos parece que o problema esteja em profissionais qualificados que viessem a agradar ou não os clientes, mas em que o próprio Cláudio não demonstra ter confiança em que algum músico contratado por ele como professor possa corresponder às suas próprias expectativas. Porém, a escola permanece como um projeto que ele ainda pretende alcançar e que considera que dará certo quando puder ser concretizado.

C (SE 131 – 2ª. E) – *É porque, vê bem! Eu fiz o projeto da escola em 2015, mas não levei adiante. Porque eu senti que ainda não é o momento. Não só por conta da crise, mas porque talvez, seja um passo errado. Porque, eu ouvi isso de alguns consultores. No caso, Max Gheringher, ele diz que o crescimento exponencial, dos grandes negócios, vão ser os empreendedores. Então, o futuro não está nos negócios físicos, não. Então, se todo o universo, de todos os cenários, tão dizendo que o empreendedor vai ter sucesso, vai ter êxito! Isso não quer dizer que uma empresa física também não possa chegar a ter sucesso, mas esse cenário eu acho que é mais complicado. Eu acho que o sonho de ter um negócio fisicamente é pra reproduzir aquilo que eu faço hoje, com excelência! Eu acho que ainda tem uma oportunidade, uma grande chance de uma escola, mesmo que pequena. Uma escola, um centro de educação musical, ser de excelência! Mas com uma experiência, assim, com uma situação onde os resultados... a metodologia seja baseada em resultados.*

C (SE132 – 2ª. E) – *Pronto, eu acho que hoje esse impeditivo, ele também chega num ponto, assim, que eu aprendi na caminhada, que é manter o controle de qualidade. Então, por exemplo, Marcelo Garcia, ele não delegava aquilo que ele tinha certeza que tinha que passar na mão dele. Então, tem um nível muito grande de centralização. Mas, se você for olhar os grandes empresários, todos eles centralizam. Então, assim, não tem como um líder de sucesso descentralizar demais! E aí eu vejo isso, Marco! Que realmente, o empreendedor, que é um cara que vende o nome dele, que acredita naquilo que ele faz, ele não tem como passar a ideia, a bola pra outro cara dizendo: “vai, me represente aí”! O cara nunca vai conseguir representar o cara! Isso eu já ouvi de vários líderes, várias pessoas que dizem que isso não é possível.*

C (SE133 – 3ª. E) – *Eu acho que daria certo! Daria certo. Hoje, com a experiência que eu tenho, daria certo. Conseguiria desenvolver. Daria muito certo. Eu acho que o que não me faz abrir? O cenário! Então, a experiência também diz que o cenário musical, o cenário macroeconômico aí, não só o cenário musical, mas o macroeconômico aí e o nicho de mercado que eu trabalho e hoje as coisas, a evolução, né? Que os pais não querem perder o tempo de levar seus filhos na escola.*

Mas eu acredito que há um mercado especializado para pessoas que querem levar seus filhos numa escola especializada em música. Mas, para que eu monte uma escola, eu tenho que fazer uma escola num formato que é diferente do dos meus concorrentes. Seguindo a análise que eu fiz no plano de negócios. Se eu for montar uma escola, ela vai ser totalmente diferente de todas as escolas que tem em Recife. Porque, se eu montar uma escola igual, vai ser mais uma, entendeu?

Consideramos que dentro do processo de transição de sua carreira como empreendedor, Cláudio conseguiu ressignificar as incertezas e dúvidas iniciais e hoje consegue ter o empreendedorismo como sendo uma parte inerente de todas as suas atividades profissionais. Além da educação musical, ele também possui uma empresa de sonorização e outra de produção musical e que, apesar de terem objetos de atuação diferentes, são vistas como complementares de certa forma, pelas possibilidades de integração entre as diferentes atividades.

Como a resposta dele à nossa pergunta se ele se considerava mais um músico ou um professor, foi professor. Reformulamos a pergunta, dessa vez procurando descobrir o seu entendimento se ele se considerava mais professor ou empreendedor. A resposta de Cláudio foi: *“eu sou os dois! As duas coisas”*. Já que ele não consegue planejar outras atividades sem avaliar o impacto disso em todas as iniciativas de negócios.

C (SE134 – 2ª. E) – *Mas, assim, são relações diferentes. Porque, até porque é uma empresa técnica. Você vai trabalhar ali com a reprodução do ambiente sonoro. É diferente de você trabalhar com educação e com produção musical. Aí, eu vejo que são três vertentes totalmente diferenciadas que se interligam. Porque você pode ser um educador que pode produzir um disco do seu aluno. E pra que esse disco ele seja produzido e reproduzido, ele vai precisar de um lançamento e vai precisar de um som. E, nesse som, você também pode empreender gravando. Fazendo a gravação do show ao vivo, por exemplo. Então, é uma cadeia que você hoje não coloca os ovos só numa cesta. Então, hoje, você pega os ovos e divide em cestas e aquilo ali vai somando. Então, você vai atirando pra todos os lados que, às vezes, converge pra um foco só.*

C (SE135 – 3ª. E) – *Eu acho que eu sou os dois! Sou as duas coisas. Porque eu não deixo o lado só da profissão assim, tomar conta sem que o lado do empreendedorismo, da rentabilidade, venha junto. Então, eles dois hoje estão juntos, estão bem equilibrados. Também o lado da cobrança, dos investimentos, do sustento, de ter anotações dos números em planilhas porque senão eu vou me perder, a movimentação financeira. Então, eu vejo que hoje os dois andam bem coladinhos. Não é que seja um mais do que o outro. Mas, vou colocar assim ééé... de uma forma mais, vamos dizer, filosófica. Mas, se você disser assim: “você hoje é mais músico”? Não! Porque na minha atuação empreendedora, eu não toco, eu ensino! Entendeu? Aí, eu acho que eu sou mais professor mesmo.*

Como empreendedor social, Cláudio é o diretor musical de um projeto social que envolve uma orquestra filarmônica formada por adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, além de um projeto de musicalização infantil voltado, prioritariamente, para o mesmo público. Consideramos que esse projeto funciona para Cláudio como um campo afetivo, ligado tanto como signo promotor ser regente como também é uma atividade que lhe traz reconhecimento em seu trabalho como ministro de música.

Dentro dos questionamentos acerca de trajetórias futuras, questionamos a Cláudio como ele via seu futuro à frente da orquestra. Seu objetivo é de continuar à frente desse projeto ainda por um certo período, mas, posteriormente, atuar como um administrador procurando garantir a rentabilidade do projeto, ajudando na sua divulgação e sustentabilidade financeira e econômica.

C (SE136 – 1ª. E) – *É, pronto! Aí, eu acho que já é outra coisa assim! Pronto, isso aí é mais pro lado ministerial. Esse aí foi mais o lado de tentar fazer uma coisa que a igreja não tinha, né? A igreja não tinha. Ééé... trabalhava com adultos, trabalhava com jovens, não é? Mas não trabalhava com crianças.*

C (SE137 – 1ª. E) – *[...] esse início veio através de um plano que foi um plano que o pastor da minha igreja montou que foi um plano de diretrizes e metas. Foi um plano que ele fez em 2006. Que nesse plano, em linhas gerais, né? Tinha a formação de grupos, escola de música. Não tinha nome de orquestra, que é o que a gente tem hoje. Mas, tinha lá realmente uma diretriz que era: [...] criar uma escola de música pra igreja. Só que a gente fez o que? A gente extrapolou isso aí pra comunidade. A gente fez o caminho inverso. A gente foi atrás da comunidade que, a gente já tava na igreja e a gente já tinha as crianças da igreja, então a gente foi atrás das crianças da comunidade e as crianças da igreja vieram já junto lá.*

C (SE138 – 1ª. E) – *A gente chega hoje, em 2017, com uma estimativa de ter mais de 200 alunos, né? Mas muito mais organizada do que no ano passado. A gente não tem estrutura, mas tem material humano. [...]. Então, o empreendedorismo social eu acho que entrou por aí, assim. Foi mais aquela de querer fazer realmente algo bom pras pessoas, né? É, fazendo a ponte entre a fé, né? Aquilo que eu professo com a profissão que eu tenho, pronto! É isso aí!*

C (SE139 – 3ª. E) – *Isso aí, eu acho o seguinte, ééé... eu me encantei com administração, com planejamento. Então, eu acho que hoje, tanto é que eu estou fazendo uma pós em gestão de pessoas. Porque eu acho que é uma coisa muito interessante. Eu acho que meu papel mais na frente, vai ser de gerenciar, de administrar, de botar à frente. E não necessariamente, à frente. Eu já faço isso, eu abro pra questão de regentes, preparando novos regentes. Quer sejam professores amigos, quer sejam alunos, monitores. E eu acho que vai chegar esse momento também. De eu me desligar, vai ser um momento muito mais longo, né? Vai demorar*

um pouquinho a acontecer, mas quando acontecer, eu vou estar nesse outro papel ali, né? De levar o nome do projeto à frente, através da administração.

Por se tratar de uma área ligada ao artístico e criativo, considerando que o sucesso é algo almejado por indivíduos que adentram nessas áreas profissionais, mesmo não sendo parte dos objetivos iniciais de nosso trabalho, mas considerando ser um possível signo a analisar, questionamos a Cláudio o que ele considera como sucesso. Vimos novamente surgir o signo promotor que já analisamos confiança no trabalho, bem como os outros significativos – esposa e pais, além de conseguir melhorar a sustentabilidade e a rentabilidade do projeto social em que é envolvido e novamente a presença do signo promotor ser regente.

C (SE140 – 3ª. E) – *Marco, vê bem! Eu acho o seguinte, o sucesso é você tá realizado. Uma é você ter paz de espírito e confiança em si mesmo. Então, assim, eu tenho muita confiança em mim. Até minha esposa diz que a minha autoestima é muito alta. Mas é alta, realmente. Porque, como me disse aí meu pai, ele me disse: “ó, véio! Vai ter gente aí com mais experiência, que não vai chegar em lugares em que você, muito novo, vai chegar. Então, você tem que estar preparado emocionalmente, psicologicamente, espiritualmente pra receber toda a pancada de tudo que não presta”. Então, esse foi o preparo.*

C (SE141 – 3ª. E) – *Então, eu vejo que hoje, o preço do êxito é ter muita segurança no que faz. Então, o que é que acontece, eu tenho segurança! Primeiro lugar, que eu deposito minha confiança em Deus. Começa logo daí, mas eu sei que Deus não vai fazer aquilo que eu posso fazer, o meu trabalho. O meu trabalho, eu tenho que fazer. Ele vai apenas abençoar aquilo ali, ele vai regar, mas eu tenho completa consciência daquilo que eu faço. Em relação à questão de caminhos que eu tomo, de aluno, de rendimentos, de mudar a estratégia, de mudar as ferramentas de aprendizado. Como eu também tenho o conhecimento de técnicas de ensaio, de tirar o melhor daquele grupo, independente do nível técnico daquele grupo.*

C (SE142 – 3ª. E) – *Então, eu vejo que, hoje, eu procuro não pensar muito no futuro, no sentido de planejar a longo prazo. Eu planejo, assim, pra daqui a dois anos: “daqui a dois anos eu quero fazer isso”, depois, daqui a dois anos. Isso já aconteceu várias vezes, mas eu não penso assim muito longo. Pronto, o único plano que eu tenho assim, é o de trazer uma rentabilidade para o projeto social, uma sustentabilidade e uma rentabilidade, sustentar minha família de uma forma bem digna, né? Não faltando nada. Continuar ajudando pessoas e, um dia, prestar uma seleção pra ser um regente. Independente do lugar que for no mundo, pronto! Aparecendo essa oportunidade e eu me achando preparado, capacitado pra fazer, eu vou lá e vou fazer. E relação a isso aí, a essa questão de sucesso, eu acho que tá ligado a essa questão da segurança. Pronto, eu me confio muito no meu trabalho. Eu confio muito, de coração mesmo.*

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos em nossa pesquisa e das reflexões teóricas e conceituais aqui discutidas, nosso estudo identificou e analisou a construção de significados durante a trajetória de vida de dois empreendedores: Lúcia, a proprietária de um restaurante macrobiótico, que, mesmo podendo ser reconhecida como empreendedora sob qualquer definição formal do que é ser um empreendedor, tem dificuldades em se identificar como empreendedora; e Cláudio, o empreendedor músico que é proprietário de três empresas nas áreas de educação musical, sonorização e produção musical e que ainda atua como diretor musical de um projeto de musicalização para jovens e adolescentes. Buscando entender o papel que a atividade semiótica desempenhou na mediação e regulação de suas trajetórias à frente de seus negócios.

Nossas análises buscaram identificar e analisar regulares semióticos utilizados pelos empreendedores em suas trajetórias, processos de ambivalência, de internalização e externalização, campos afetivos construídos, rupturas e transições, signos promotores e hipergeneralizado e como age o sistema de controle dos participantes.

No caso de nossa participante Lúcia, identificamos rupturas foram variadas e marcantes em sua trajetória. No caso de Cláudio apesar de também observarmos momentos de rupturas e transições, observamos um desenrolar de fatos que não necessariamente trouxeram novas ideias ou soluções que necessitassem de mudanças intransitivas substanciais, com novas formas de agir e pensar (ZITTOUN, 2006a; 2006b; 2009).

No processo de análise de Lúcia, buscamos entender como a participante de nossa pesquisa construiu significados ao longo do processo dinâmico de desenvolvimento dos reguladores semióticos, os quais foram identificados como sua adesão à macrobiótica, as relações afetivas construídas na busca por formar uma família e a trajetória do tornar-se empreendedora. Em relação aos reguladores semióticos identificados no caso de Cláudio, estes foram o ser músico, ser professor e ser empreendedor.

Um fato que julgamos relevante em nossa análise de Lúcia, foi sua dificuldade em se referir a ela mesma como uma empreendedora ou empresária. Entendemos que restaurante, inicialmente, se configurava como um projeto do esposo de Lúcia, João, no qual ela o acompanhou. Essa dificuldade de Lúcia, no entanto, não serviu para descaracterizá-la do

papel de empreendedora, como definidos em nosso trabalho. Inferimos que há uma ambivalência vivida por Lúcia quanto a não se ver como uma empreendedora – mesmo sendo a proprietária do restaurante - em sua afirmação de que o restaurante não foi criado como uma empresa voltada para “*ganhar dinheiro*”, mas como um meio de divulgar os valores de uma filosofia de vida alternativa.

Nesse contexto, a condição de Lúcia não estaria identificada dentro de duas das definições de empreendedorismo apresentadas em nosso trabalho: o empreendedor social – aquele que trabalha no desenvolvimento de organizações voltadas para a assistência social, mas buscando a sustentabilidade econômica e financeira de seus projetos; e o empreendedor de negócios – aquele que organiza os meios de produção visando atender a uma necessidade do mercado e obter lucro.

Na construção de significados em sua trajetória, identificamos Lúcia como uma empreendedora que vive uma ambivalência, situada entre essas duas figuras: a do empreendedor de negócios e a do empreendedor social. Ao mesmo tempo que tenta criar estratégias e mecanismos para conseguir atrair mais clientes e assim conseguir gerar lucro para o restaurante, ela também se vê movida por uma necessidade de cuidar dos clientes e transformar suas vidas, através dos produtos e orientações sobre a macrobiótica que ela oferece.

Como resultado dessa conclusão a respeito da atividade empreendedora de Lúcia e Cláudio, consideramos que as visões positivistas acerca do “Eu” empreendedor, tradicionalmente apenas entendido como um “fator”, não permitem entender que o processo de empreender só existe na pessoa. Na visão da Psicologia Cultural Semiótica, a pessoa do empreendedor nunca pode ser tomada como algo separado, como um “fator” ou “categoria”, mas como uma totalidade. Uma totalidade que permite construir significados no experimentar a vida, ocorrendo no tempo irreversível, enfrentando rupturas e resolvendo tensões, buscando ultrapassar essas tensões, que geram novas rupturas e novas tensões.

Além dessa conclusão observamos que em estudos tradicionais sobre a trajetória de vida de empreendedores, bem como aqueles que analisam trajetórias de vida de empreendedoras, encontramos um esforço para identificar e analisar “fatores” capazes de “influenciar” ou “determinar” a trajetória de vida dessas pessoas na criação de seus negócios. Consideramos que em nosso estudo não é possível determinar fatores ou categorias que “influenciaram” ou “determinaram” o processo de criação dos negócios de Lúcia e Cláudio.

O que observamos foi a ação de mecanismos semióticos que vem permeando todo o processo empreendedor, tanto de Lúcia quanto de Cláudio. No caso da nossa participante, o processo empreendedor foi considerado como iniciando no momento de ruptura em que Lúcia adere à macrobiótica, passando pela abertura do restaurante com João, continuando em sua decisão de desistir de uma carreira promissora como engenheira elétrica, enfrentando uma ruptura marcante caracterizada pela morte de João e de sua mãe, estendendo-se até o momento presente, que mesmo sendo considerado financeiramente difícil, ainda não a convenceu a desistir do empreendimento.

No caso de Cláudio, podemos considerar esse processo empreendedor a partir da finalização, aos doze anos de idade, do curso básico de iniciação musical do Conservatório Pernambucano de Música, onde Cláudio ingressou aos seis anos. A partir desse momento de ruptura ele começa a tocar em eventos noturnos, liderando bandas e escrevendo para orquestras. Após terminar o Conservatório, ele ingressa no curso de bacharelado em música da Universidade Federal da Paraíba e, logo depois se alista no exército. Durante todo esse período Cláudio continuou como um empreendedor informal, tocando e trabalhando com o pai em um negócio de sonorização de festas e eventos.

Após sair do exército, ele trabalha como professor de música em escolas públicas e privadas, abandonando essas atividades posteriormente para dedicar-se ao negócio de educação musical de crianças e adolescentes com distúrbios mentais, que hoje é o principal de seus três empreendimentos. Essa trajetória é concomitante ao seu trabalho como ministro de música de uma igreja batista de Recife e como diretor musical de um projeto social, idealizado por essa mesma igreja, de musicalização de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social

No processo de internalização / externalização vivido por Lúcia em sua adesão à macrobiótica, identificamos uma quebra dos reguladores semióticos relativos a costumes ligados à alimentação e a práticas de vida. A partir de seus relatos, nomeamos em sua trajetória de vida como signo hipergeneralizado a funcionar como um guia, a busca pelo divino, buscando uma transcendência, uma necessidade de sublimação diferenciando-se do ambiente de pensamentos apegados a um materialismo e consumismo exacerbados, atingindo um patamar superior de valores e práticas. Esse signo hipergeneralizado de busca pelo divino se torna um signo promotor tipo campo que nomeamos sinteticamente desenvolver uma integralidade de vida e que colore cada momento de Lúcia com o ambiente.

Do processo de regulação intrapessoal que orientou a síntese da cultura pessoal de Lúcia em sua adesão aos princípios da macrobiótica e posterior abandono de sua carreira como engenheira após a ruptura em seu curso de vida, marcada pelo casamento com João, surge outro signo promotor que facilitou esta síntese, o qual identificamos como esposa.

De acordo com Lúcia o restaurante não foi iniciado com a perspectiva do lucro nas operações. Segundo ela, a sua ideia e de João era a de começar um negócio voltado para transmitir às pessoas os princípios da macrobiótica, donde surge um novo signo promotor: educadora. Entendemos que iniciar o restaurante foi uma forma de externalização de seu material pessoal-cultural intrapsicologicamente existente ligado aos princípios da macrobiótica, que atingiu a camada interpessoal ao usar o restaurante para divulgar esses princípios.

Já o processo de internalização / externalização vivido por Cláudio em sua trajetória de ser músico, envolveu toda uma formação musical que se inicia na infância. Ao terminar seu primeiro ciclo do curso básico de formação do Conservatório, Cláudio já começa a atuar como um músico, e ainda no final da adolescência já toca profissionalmente com cachê definido. Ao tempo em que há uma trajetória não realizada como funcionário público, ele se torna professor de música e, posteriormente, um empreendedor devidamente formalizado.

Em nossa análise da trajetória de Cláudio nomeamos que o signo hipergeneralizado a funcionar como um guia é o de buscar reconhecimento em uma necessidade de conquistar espaços e o reconhecimento por parte de colegas músicos, clientes, familiares e amigos, alcançando um patamar superior de qualidade em suas práticas profissionais e no alcance de objetivos materiais e pessoais traçados por ele. Esse signo hipergeneralizado de buscar reconhecimento se torna um signo promotor tipo campo fazer com excelência expresso em suas diversas atividades como músico, professor ou empreendedor.

Como trajetória possível imaginada, Cláudio afirma ter o sonho de se tornar, futuramente, regente de uma grande orquestra. Dessa possível trajetória futura surge o signo promotor tipo campo que nomeamos ser regente, bem como o signo promotor tipo campo liderar, na sua trajetória como músico e professor. Como um guia dos significados construídos em sua atuação profissional como empreendedor, Cláudio considera ser importante ter confiança no próprio trabalho. O que nos levou a nomear o signo promotor tipo campo confiança no trabalho, pois para ele é a confiança que faz com que o trabalho consiga ser executado com êxito.

Como ambivalências vividas por Lúcia em sua trajetória ainda identificamos a decisão entre continuar como engenheira ou abandonar o emprego para poder cuidar melhor do filho, sua dificuldade em lidar com as posturas dos diferentes agentes intervenientes de seu negócio como clientes, fornecedores, concorrentes e agentes públicos, continuar com o restaurante ou mudar o formato do negócio e a dificuldade para conseguir um substituto para o gerente geral do restaurante que está desejando se aposentar.

Em Cláudio identificamos a existência de uma ambivalência quanto a seguir a carreira de empreendedor ou de funcionário público. Para ele, há uma percepção nas pessoas de que o sucesso estaria atrelado a um bom emprego público, que pudesse trazer segurança e estabilidade no futuro. O que significa para Cláudio uma ambivalência entre seguir o próprio caminho ou seguir caminhos já trilhados por outros. Outra ambivalência identificada foi entre tocar na noite desde adolescente, mesmo sendo filho de uma família evangélica. Ele afirma que essa foi uma situação que lhe trouxe algumas dificuldades, mas não a ponto de impedi-lo de trilhar essa carreira à época.

Também identificamos uma ambivalência na trajetória futura de ser regente de uma grande orquestra quando confrontada com a sua carreira atual como empreendedor. Cláudio afirma que, para seguir a carreira como regente, além de necessitar ser mais velho ele também precisaria abandonar todos os empreendimentos atuais para dedicar-se unicamente à regência. Outra ambivalência numa trajetória possível está em abrir uma escola de música, mas não ter certeza se conseguiria encarar os desafios envolvidos na abertura de um novo negócio a partir do zero.

Durante nossa pesquisa, não encontramos referenciais teóricos que conectassem a Psicologia Cultural Semiótica ao estudo do empreendedorismo. Consideramos como uma inovação no presente estudo, a busca pela construção dos significados nas trajetórias de vida de nossos participantes. Bem como a abordagem da PCS aos processos empreendedores. Identificamos em nosso estudo que são signos que vão operando sobre Lúcia e Cláudio, lhes ajudando a rever acontecimentos do passado, transformando o momento infinitesimalmente presente e o futuro possível. Nossa construção de signos tem lugar no tempo irreversível, em que nós agimos sobre as diversas situações que vão acontecendo. Há uma necessidade de ação simultânea, do momento presente em direção ao futuro que se tornará presente no próximo momento, refletindo de alguma forma sobre os acontecimentos (VALSINER, 2015). Sendo essa uma das principais novidades trazidas pela visão da Psicologia Cultural Semiótica ao

estudo tradicional do empreendedorismo.

Para analisar a trajetória de vida de Lúcia e Cláudio, utilizamos como ferramenta o *Trajectory Equifinality Model* – TEM (SATO et al., 2006; SATO; VALSINER, 2010; VALSINER, 2014). O TEM nos dá a possibilidade de analisar tanto os eventos reais vividos como aqueles imaginados num mesmo esquema funcional. Não encontramos em nenhum dos estudos sobre empreendedorismo na área da administração qualquer estudo sobre trajetórias de vida de empreendedores que levasse em consideração tanto os cursos de vida reais como os cursos de vida imaginados, mas não seguidos.

Quanto ao estabelecimento de um ponto de equifinalidade, consideramos que no primeiro caso, a configuração do ponto de equifinalidade é fluída, já que, apesar de Lúcia ter participado com seu marido José da concepção do restaurante, ela não começou a trabalhar diretamente quando da abertura do empreendimento, pelo menos por cerca de dois anos. No segundo caso, de Cláudio, ele iniciou seus três negócios. Porém, não há uma determinação de quando ele começou a trabalhar autonomamente como músico, tocando em bandas e bailes, em uma situação de um empreendedorismo informal. Assim, tanto para o ponto de equifinalidade (EFP) como para o estabelecimento de um possível ponto de passagem obrigatória (OPP), encontramos dificuldades em nossa pesquisa para estabelecer qualquer desses momentos.

Assim sendo, considerando que o objetivo principal de nossa pesquisa estava em identificar e analisar a construção de significados durante a trajetória de vida de empreendedores, ao longo de suas rupturas e transições, através do entendimento do papel que a atividade semiótica pode desempenhar na mediação e regulação da atividade empreendedora, mantendo-a ou transformando-a, optamos por não determinar um EFP próprio para nossos estudos de caso. Entendemos que, na análise dos casos selecionados, estabelecer um EFP poderia nos limitar a explorar apenas uma perspectiva retrospectiva da vida de nossos entrevistados, como, por exemplo, a abertura do negócio. Assim, optamos por ampliar a análise para uma perspectiva prospectiva, incluindo a projeção de futuros possíveis, explorando outras diversas possíveis trajetórias. Dessa maneira, tanto para o ponto de equifinalidade (EFP) como para o estabelecimento de um possível ponto de passagem obrigatória (OPP), optamos em nossa pesquisa por não estabelecer qualquer desses momentos.

Adotamos uma perspectiva analítica, representada pela relação entre as escolhas da pessoa e suas correspondentes construções de significados, em um mundo cultural que é ele mesmo dinâmico e se encontra constantemente em mutação, entendendo como ambos se definem um ao outro. Nossa análise se deu no nível ontogenético – tomando por base a trajetória de vida como um todo – analisando os pontos de bifurcação estabelecidos pelo próprio pesquisador a partir dos dados levantados durante a pesquisa (ZITTOUN; VALSINER, 2016).

Entre as contribuições que esperamos ter trazido com nosso estudo, buscou-se contribuir para o enriquecimento da psicologia cultural semiótica, através de uma investigação aplicada a um campo das ciências administrativas muito estudado e debatido tanto em meios acadêmicos como sociais, o empreendedorismo. Entendemos ainda que este empenho direcionado para chegarmos a respostas para as nossas indagações da pesquisa é um processo dinâmico que suscita novas ideias e questionamentos à medida que outros estudos forem surgindo sobre o tema, levando-se em consideração inclusive o quão profícuo tem sido os pesquisadores da Psicologia Cultural Semiótica.

8 SUGESTÕES DE ESTUDOS FUTUROS

Em primeiro lugar é pertinente salientar limitações inerentes à natureza de um estudo como este que foi realizado, sempre incitando a caminhos científicos mais a percorrer. Desta forma, os diversos mecanismos semióticos aqui afluídos, faz antever que muito há o que se pesquisar no campo da construção de significados na trajetória de vida entre empreendedores. Entender quais significados e mecanismos semióticos foram mais importantes na trajetória de um indivíduo, independentemente de qual sejam os significados ou trajetórias das quais estejamos falando: seja de professores, médicos, advogados ou mesmo de estudantes de doutorado que escolhem como tema de tese assuntos completamente diferentes daqueles de sua formação de origem.

Considerando que a pouca familiaridade do pesquisador, oriundo do campo das ciências sociais aplicadas, com os assuntos diretamente ligados às diferentes abordagens psicanalíticas, não lhe permite analisar em profundidade eventuais implicações psicanalíticas implícitas nas rupturas, transições ambivalências e significados demonstrados na pesquisa, sugeriríamos que outros estudos voltados para esse tema poderiam ser bastante enriquecedores se tivessem como foco uma abordagem psicanalítica. Bem como uma pesquisa centrada no entendimento do *self* dialógico, poderia preencher lacunas no entendimento do indivíduo empreendedor / empresário, que não foram respondidas no presente estudo.

O enlevo que presidiu à escolha do tema e guiou o estudo, ainda que conscientes do difícil objetivo que nos propusemos a vencer nesta investigação, continua a estar presente no nosso espírito e será, certamente, este fascínio que nos conduzirá a reflexões mais aprofundadas sobre esta problemática, procurando ultrapassar algumas das limitações e dificuldades que ao longo do presente estudo se nos apresentaram.

REFERÊNCIAS

- ABBEY, E.; VALSINER, J. **Emergence of meanings through ambivalence**. Trabalho apresentado no Forum Qualitative Social Research – FQSR. v. 6, n. 1, Art. 23, Jan. 2005.
- ADAMOPOULOS, J.; LONNER, W. J. **Culture and psychology at a crossroad**: historical perspective and theoretical analysis. *The Handbook of Cultural and Psychology*. New York: Oxford University Press, p. 11-34, 2001.
- ALPERSTEDT, G. D.; FERREIRA, J. B.; SERAFIM, M. C. Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em história de vida. **Revista de Ciências da Administração**, v. 16, n. 40, p. 221-234, 2014.
- ALVORD, S. H.; BROWN, L. D.; LETTS, C. W. Social entrepreneurship and societal transformation: an exploratory study. **The Journal of Applied Behavioral Science**, v. 40, n. 3, p. 260-282, Sept. 2004.
- AMORIM, R. O.; BATISTA, L. E. **Empreendedorismo feminino**: razão do empreendimento, 2012. Disponível em: <<http://faculadefinan.com.br/pitagoras/downloads/numero3/empreendedorismo-feminino.pdf>>. Acessado em: 20/05/2016.
- ARMOND, A. C.; NASSIF, V. M. J. A liderança como elemento do comportamento empreendedor: um estudo exploratório. **RAM – Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 10, n. 5, p. 77-106, set./out. 2009.
- ASHOKA. **Conceito de empreendedor social**. Disponível em: <<https://brasil.ashoka.org/conceito-0>>. Acessado em: 10 de maio de 2017.
- BAGGENSTOSS, S.; DONADONE, J. C. Empreendedorismo social: reflexões acerca do papel das organizações e do estado. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, MG, v. 7, n. 16, p. 112-131, jan./abr. 2013.
- BARROS, A. A.; PEREIRA, C. M. M. A. Empreendedorismo e crescimento econômico: uma análise empírica. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 975-993, out./dez. 2008.
- BERRY, J. W.; POORTINGA, Y. H.; SEGALL, M. H.; DASEN, P. R. **Cross-cultural psychology**: research and applications. New York, USA: Cambridge University Press, 2002.
- BERTALANFFY, L. V. **Teoria geral dos sistemas**: fundamentos, desenvolvimento e aplicações. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BIGNETTI, L. P. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Ciências Sociais Unisinos**. v. 47, n. 1, p. 3-14, jan./abr. 2011.
- BOAVA, D. L. T.; MACEDO, F. M. F. Estudo sobre a essência do empreendedorismo. In: XXX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em

Administração. **Anais do XXX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**. Salvador, BA: ANPAD, 2006.

BORGES, J.; CASADO, T. Empreendedores no divã: entre o Heroic Economic Superman e o Sentient Self. In: XXXIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. **Anais do XXXIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, São Paulo, SP: ANPAD, 2009.

BORGES, A. F.; LIMA, J. B.; ANDRADE, D. M.; ENOQUE, A. G. Práticas de Empreendedorismo em Empresas Familiares Empreendedoras. In: VIII Encontro de Estudos Organizacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. **Anais do VIII Encontro de Estudos Organizacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**. Gramado, RS: ANPAD, 2014.

BRANCO, A. U.; VALSINER, J. Changing methodologie: a co-constructivist study of goal orientations in social interactions. **Psychology and Developing Societies**, London, Sage, v. 9, n. 1, p. 35-64, 1997.

BRANCO, A. U. Values and sociocultural practices: pathways to moral development. In: VALSINER, J. (Org.). **The Oxford Handbook of Cultural Psychology**. New York: Oxford University Press, p. 109-132, 2012.

BRANCO, A. U.; PALMIERI, M.; GOMES PINTO, R. Cultural practices and value constructions: The development of competition and individualism within societies. In: BRANCO, A. U.; Valsiner, J. (Orgs.). **Cultural Psychology of Human Values**, Charlotte, NC: Information Age Publishing, p. 31-62, 2012.

BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BYGRAVE, W. D. The entrepreneurial process. In: Bygrave, W. D. & Zacharakis, A. (Eds.) **The Portable MBA in entrepreneurship**. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, p. 1-26, 2004.

CABELL, K. R. Mediators, regulators, and catalyzers: a context inclusive model of trajectory development. **Psychology & Society**, v. 3, n. 1, p. 26 - 41, 2010.

CABRAL, R. M. **Relações possíveis entre empreendedorismo, arranjos organizacionais e institucionais**: estudo de casos múltiplos no Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano. Tese (Doutorado em Administração) – Núcleo de Pós-Graduação em Administração. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

CALADO, V. H. Margens que alimentam o centro: macrobiótica e globalização de produtos alimentares. In: XIII Congresso de Antropología de La Federación de Asociaciones de Antropología del Estado Español. **Actas del XIII Congreso de Antropología de La Federación de Asociaciones de Antropología del Estado Español**. Terragona, Espanha, p. 1840-1858, 2014.

CANTILLON, R. **Ensaio sobre a natureza do comércio em geral**. Tradutor: Fani Goldfarb Figueira. Curitiba: Segesta, 2002.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

COLE, A. H. **Business in its social setting**. Cambridge, Mass.: Harvard University Business Press, 1959.

COLE, M. **Cultural Psychology**. USA: Belknap Harvard, 1996.

COSTA, A.; BARROS, D. F.; CARVALHO, J. L. F. A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 2, p. 179-197, mar./abr, 2011.

DAVID, D. E. H. **Intraempreendedorismo social: perspectivas para o desenvolvimento social nas organizações**. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Departamento de engenharia da produção e sistemas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

DENZIN, N. K. **The research act: a theoretical introduction to sociological methods**. New Brunswick, USA: Aldine Transaction, 2009.

DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DORNELAS, J. C. de A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): práticas e princípios**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

ENDEAVOR. **15 definições de empreendedorismo**. Disponível em: <<https://endeavor.org.br/15-definicoes-de-empreendedorismo/>>. Acessado em: 10 de maio de 2017.

ERICKSON, F. **Qualitative methods on research on teaching**. Michigan: The Institute for Research on Teaching, 1985.

FARAH, O. E.; CAVALCANTI, M.; Dias, E. A.; JUNQUEIRA, C. R. C. O empreendedor. In: **Empreendedorismo estratégico: criação e gestão de pequenas empresas**. Farah, O. E.; Cavalcanti, M.; Marcondes, L. P. (Orgs.). São Paulo: Cengage Learning, p. 1-15, 2011.

FERNANDES, L. A. **A macrobiótica e sua dimensão espiritual**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal, 2015.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 05-28, abr./jun. 1999.

GANGWAR, S.; VISHWAKARMA, M. S. K. Entrepreneurship. **International Journal of Research and Development - A Management Review (IJRDMR)**, v. 2, n. 1, p. 85-87, 2013.

GARUD, R.; KARNOE, P. Bricolage versus breakthrough: distributed and embedded agency in technology entrepreneurship. **Research Policy**, v. 32, n. 2, p. 277-300, 2003.

GARTNER, W. B. A conceptual framework for describing the phenomenon of new venture creation. **Academy of Management Review**, v. 10, n. 4, p. 696-706, Nov. 1985.

_____. "Who is an entrepreneur?" is the wrong question. **American Journal for Small Business**, v. 4, n. 12, p. 11-32, 1988.

_____. What are we talking about when we talk about entrepreneurship? **Journal of Business**, v. 4, n. 12, p. 11-22, 1990.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C.; PERCÍNIO, S. M. S. O método fenomenológico na pesquisa sobre empreendedorismo no Brasil. **Revista de Ciências da Administração**, v. 17, n. 41, p. 99-113, abr. 2015.

GIMENEZ, F. A. P.; FERREIRA, J. M.; RAMOS, S. C. Configuração empreendedora ou configurações empreendedoras? Indo um pouco além de Mintzberg. In: XXXII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. **Anais do XXXII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, Rio de Janeiro, RJ: ANPAD, 2008.

GÖRLING, S.; REHN, A. Accidental ventures: A materialist reading of opportunity and entrepreneurial potential. **Scandinavian Journal of Management**, v. 24, n. 2, p. 94-102, 2008.

GOUVÊA, A. B. C. T.; SILVEIRA, A.; MACHADO, H. P. V. Mulheres empreendedoras: compreensões do empreendedorismo e do exercício do papel desempenhado por homens e mulheres em organizações. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 2, n. 2, p. 32-54, 2013.

GREATTI, L.; SENHORINI, V. M. Empreendedorismo: uma visão comportamentalista. In: I Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas – EGEPE. **Anais do I Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas – EGEPE**, Maringá, PR: ANEGEPE, p. 22-34, out. 2000. Disponível em: <<http://www.anegepe.org.br/edicoesanteriores/maringa/EMP2000-01.pdf>>. Acessado em: 26 de agosto de 2015.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Competing paradigm in qualitative research. In: Denzin, N. K. ; Lincoln, Y. S. (Orgs.) **Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks, CA: Sage, p. 105-117, 1994.

HASHIMOTO, M. **Organizações intra-empendedoras**: Construindo a ponte entre clima interno e desempenho superior. Tese (Doutorado em Administração). Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas. Fundação Getúlio Vargas, SP, 2009.

JENSEN, E.; WAGONER, B. Extending the trajectory equifinality model's conceptual and methodological toolkit to account for continuous development. In: Sato, T; Mori, N.; Valsiner, J. **Making of the future**: The Trajectory Equifinality Approach in Cultural Psychology. USA: Information Age Publishing, p. 195–207, 2016.

JONATHAN, E. G. Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v.23, n.1, p. 65–85, 2011.

JONATHAN, E. G.; SILVA, T. M. R. Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes. **Psicologia e Sociedade**. v.19, n. 1, p. 77-84, jan./abr. 2008.

JULIEN, P. **Empreendedorismo regional e economia do conhecimento**. São Paulo: Saraiva, 2010.

KETS DE VRIES, M. *The entrepreneurial personality: person at the crossroads*. *Journal of Management Studies*, 14(1), 34-57, 1977. doi: 10.1111/j.1467-6486.1977.tb00616.x.

Kikuchi, T. **Ritmoprática**: Movimentação transformadora do destino humano. Musso Publicações: São Paulo, 4a. ed, 1998.

KOR, Y. Y.; MAHONEY, J. T.; MICHAEL, S. C. Resources, capabilities and entrepreneurial perceptions. **Journal of Management Studies**, v. 44, n. 7, p. 1187-1212, 2007.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**. Porto Alegre: UFMG, 1999.

LEITE, E. **O fenômeno do empreendedorismo**. Recife: Bagaço, 2000.

LIMA, J. C. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? **Sociologias**, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 158-198, set./dez. 2010.

LYRA, M.C.D. P.; VALSINER, J. Historicity in Development: abbreviation in mother-infant communication. **Infancia y Aprendizaje**, Fundación Infancia y Aprendizaje, v. 34. N. 2, p. 195-203. 2011.

MADSEN, A. S.; e ULHØI, J. P. Technology innovation, human resource and dysfunctional integration. **International Journal of Manpower**. v. 26, n. 6, 2005.

MAIA, F. S.; MAIA, T. S.; MARIANO, M. L. Ação empreendedora no processo gerencial de empresas do varejo de alimentos. In: XII SEMEAD – Seminários de Administração, Empreendedorismo e Inovação. **Anais do XII SEMEAD – Seminários de Administração, Empreendedorismo e Inovação**, FEA / USP, São Paulo, 2009. Disponível em:

<<http://sistema.semead.com.br/12semead/resultado/trabalhosPDF/852.pdf>> Acessado em: 26 de agosto de 2015.

MACHADO, H. V.; ST-CYR, L.; MIONE, A.; ALVES, M.C. M. O processo de criação de empresas por mulheres. **Revista de Administração de Empresas – RAE Eletrônica**. [online] V. 2, nr. 2, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1676-56482003000200007>> Acessado em: 10 de maio de 2016.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MATTOS, E. de. **Desenvolvimento do self na transição para a vida adulta: Um estudo longitudinal com jovens baianos**. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MCCLELLAND, D. **The Achieving Society**. New York: D. Van Nostrand, 1961.

MERRIAM, S. **Qualitative research and case study applications in Education**. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MINTZBERG, H.; AHLSTRAND, B.; LAMPEL, J. **Safári de estratégia**: um roteiro pela selva do planejamento estratégico. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

MOLENAAR, P. C. M. A manifesto on psychology as idiographic science: Bringing the Person Back Into Scientific Psychology, This Time Forever, **Measurement: Interdisciplinary Research and Perspectives**, v. 2, n. 4, p. 201-218, 2004.

MOLENAAR, P. C. M.; VALSINER, J. How generalization works through the single case: A simple idiographic process analysis of an individual psychotherapy. **Yearbook of Idiographic Science**, v. 1, p. 23-39, 2008.

MONTANYE, J. A. Entrepreneurship. **The Independent Review**. v. X, n. 4, p. 549-571, 2006.

Moreira, L. S. **Violência e paz**: construção de conceitos, valores e posicionamentos de oficiais da Polícia Militar. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) Universidade de Brasília – UnB, 2016.

MORRIS, M. H. **Entrepreneurial Intensity**: Sustainable Advantages for Individuals, Organizations and Societies. Westport, US: Greenwood Press, 1998.

MOSS, W. **Oral history program manual**. New York: Praeger, 1974.

NASSIF, V. M. J.; GHOBIL, A. N.; SILVA, N. S. Understanding the entrepreneurial process: a dynamic approach. **Brazilian Administration Review**. Curitiba, v. 7, n. 2, art. 6, p. 213-226, Apr./June, 2010.

NOGUEIRA, M.; ALVAREZ, C.; URBANO, D. **Sociocultural factors and female entrepreneurship**. New York, USA: Springer Science Business Media, 2013.

PAIVA Jr., F. G. **O empreendedorismo na ação de empreender**: uma análise sob o enfoque da fenomenologia sociológica de Alfred Schutz. Tese (Doutorado em Administração) CEPEAD, Faculdade de Ciências Econômicas – FACE, UFMG, Belo Horizonte, 2004.

PATTON, M. **Qualitative research and evaluation methods**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2002.

PEIRCE, C.S. **Philosophical Writings of Peirce**. Buchler, J. (Ed.) New York: Dover Publications, INC, 1955.

PENROSE, E. **The theory of the growth of the firm**. 3rd. ed. Oxford: Oxford University, 1959.

PEREIRA, L. C. B. O empreendedorismo no contexto do desenvolvimento econômico e o empresário. **Revista de Administração de Empresas**. v.32, n. 3, p. 6-12, 1992.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo. Atlas, 1999.

RONDEL, L. D. S. Las perspectivas nomotética e ideográfica em el trato a la realidad estudiada por las ciencias sociales. **Orientación y Consulta**, v. 9, n. 1, p. 9-20, 2002.

SALAZAR, J. N. A.; SILVA, L. F.; LINARELLI, I. A ideia empreendedora no pensamento estratégico. In: III EGEPE – Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas. **Anais do III EGEPE – Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, Brasília, DF: UEM/Uel/UnB, p. 263-276, 2003. Disponível em: <[http://www.anegepe.org.br/edicoesanteriores/brasil/\[19\].pdf](http://www.anegepe.org.br/edicoesanteriores/brasil/[19].pdf)>. Acessado em: 10 de dezembro de 2016.

SALVATORE, S. The mountain of cultural psychology and the mouse of empirical studies: Methodological considerations for birth control. **Culture & Psychology**. v. 20, n. 4, p. 477-500, 2014.

SALVATORE, S.; VALSINER, J. Between the General and the Unique: Overcoming the Nomothetic versus Idiographic Opposition. **Theory & Psychology**. v.20, n. 6, p. 817-833, 2010.

SALVATORE, S.; ZITTOUN, T. Outlines of a psychoanalytically informed cultural psychology. In: **Cultural Psychology and Psychoanalysis**: pathways to synthesis. Charlotte, North Carolina: IAP, 2011.

SATO, T.; YASUDA, Y.; KIDO, A.; ARAKAWA, A.; MIZOGUCHI, H.; VALSINER, J. Sampling Reconsidered: Idiographic Science and the Analyses of Personal Life Trajectory. In: Valsiner, J. Rosa, A. **The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology**. [Versão eletrônica] CUP, 2007.

SATO, T.; HIDAKA, T.; FUKUDA, M. Depicting the Dynamics of Living the Life: The Trajectory Equifinality Model. In Valsiner (Eds.), **Dynamic Process Methodology in the Social and Developmental Sciences**. Springer, 2009.

SATO, T.; VALSINER, J. Time in life and life in time. **Ritsumeikan Journal of Human Science**, v. 20, p. 79-92, 2010. Disponível em: <<http://www.ritsumeihuman.com/publication/files/ningen20/p079-092.pdf>>. Acessado em: 02 de dezembro de 2014.

SATO, T.; YASUDA, Y.; KANZAKI, M.; VALSINER, J. **From describing to reconstructing life trajectories**: How the TEA (Trajectory Equifinality Approach) explicates context-dependent human phenomena. (Lecture at Two Seminars in Aalborg: Inauguration of the Niels Bohr Professorship, on March, 15, 2013 – “Methodological affordances of TEM – Trajectory Equifinality Model).

SCOTT, A. **Geography and Economy**. Oxford: Claredon Press, 2006.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Fatores e condicionantes e taxa de mortalidade das MPE em Pernambuco – 2005**. São Paulo: Vox Populi, 2007.

SHANE, S.; VENKATRAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. **Academy of management review**. v. 25, n. 1, p. 217-226, Jan. 2000.

SCHWEDER, R.A. “Cultural Psychology – What is it?”. In: STIGLER, J. W.; Schweder, R. A.; Herdt, G. (Eds.) **Cultural Psychology**. Cambridge University Press: p.1-43, 1990. Disponível em: <<http://assets.cambridge.org/9780521371544/sample/9780521371544ws.pdf>>. Acessado em 23 de julho de 2014.

STROBINO, M. R. C.; TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicascos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 59-76, jan./fev./mar. 2014.

SUZUKI, D. T. **Manual of zen-budism**, 1935. Disponível em: <http://www.buddhanet.net/pdf_file/manual_zen.pdf>. Acessado em: 24 de janeiro de 2017.

THE GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR - GEM. **2011 global report**, 2012. Disponível em: <<http://www.gemconsortium.org/docs/download/2201>>. Acessado em: 27 de outubro de 2014.

_____. **Empreendedorismo no Brasil 2015: Relatório Executivo**, 2015. Disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/c6de907fe0574c8ccb36328e24b2412e/\\$File/5904.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/c6de907fe0574c8ccb36328e24b2412e/$File/5904.pdf)>. Acessado em 15 de novembro de 2016.

TISCOSKI, G. P.; ROSOLEN, T.; COMINI, G. M. Empreendedorismo Social e Negócios Sociais: Um Estudo Bibliométrico da Produção Nacional e Internacional. In: XXXVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. **Anais do XXXVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**. Rio de Janeiro, RJ: ANPAD, 2013.

TONELLI, D. F.; BRITO, M. J.; ZAMBALDE, A. L. Empreendedorismo na ótica da teoria ator-rede: explorando alternativa às perspectivas subjetivista e objetivista. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 9, Edição Especial, Artigo 7, p. 586-603, jul. 2011.

VALE, G. M. V.; CORRÊA, V. S.; REIS, R. F. dos. Motivações para o Empreendedorismo: Necessidade Versus Oportunidade? **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro: ANPAD, v. 18, n. 3, art. 4, un p. 311-327, mai./jun. 2014.

VALÉRIO, T. A. M. “O filho adotivo não vem de fora, vem de dentro”: um estudo sobre trajetórias de vidas e a construção de significados sobre a decisão de adotar na perspectiva da psicologia cultural semiótica. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva. Universidade Federal de Pernambuco. Recife (PE), 2013.

VALÉRIO, T. A. M.; LYRA, M. C. D. P. A construção cultural de significados sobre adoção: um processo semiótico. **Psicologia & Sociedade**; v. 26, n. 3, p. 716-725, 2014.

VALSINER, J. **Culture and human development**: an introduction. London: Sage, 2000.

_____. Process structure of semiotic mediation in human development. **Human Development**. v. 44, p. 84-97, 2001.

_____. **Fundamentos da psicologia cultural**: mundos da mente, mundos da vida. Porto Alegre: Artmed, 2012a.

_____. Culture in Psychology: A Renewed Encounter of Inquisitive Minds. In: VALSINER, J. (Ed.). **The Oxford Handbook of Culture and Psychology**. New York, USA: Oxford, p. 3-24, 2012b.

_____. **An Invitation to Cultural Psychology**. London: SAGE, 2014. Disponível em: <https://www.formazionescienze sociali.unisalento.it/c/document_library/get_file?folderId=932964&name=DLFE-143336.pdf>. Acessado em: 10 de julho de 2014.

_____. Negotiating novelty: how cultural psychology looks at organizational dynamics. In: GARUD, R.; SIMPSON, B.; LANGLEY, A.; TSOUKAS, H. (Eds). **The Emergencing of Novelty in Organizations**. Oxford: Oxford University Press, p. 103-128, 2015.

_____. Making Sense of Self-Completing Wholes: Epistemological travels of Hans Driesch. In: CARRÉ, D.; J. VALSINER, J.; HAMPL, S. (Eds). **Representing Development: Social construction of models of change**. London: Routledge, 2017.

VALSINER, J.; ROSA, A. **The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology**. London: Cambridge University Press, 2007.

VERGARA, S. C. A utilização da construção de desenhos como técnica de coleta de dados. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em administração**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VICK, T. E.; NAGANO, M. S.; SEMENSATO, B. I. A essência do processo empreendedor e a complexidade do indivíduo: percepções sob a ótica das tipologias de conhecimento. In: XII Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais. **Anais do XII Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais**. São Paulo: FGV – EAESP, 2009.

VIEIRA, M. M. F. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em administração**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

VIEIRA, I.; BRITO, R. P. Empreendedorismo e Effectuation: Um Estudo de Caso sobre o Processo de Decisão. In: XXXVIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. **Anais do XXXVIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**. Rio de Janeiro, RJ: ANPAD, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WAGONER, B. Bartlett's concept of schema in reconstruction. **Theory and Psychology**. v. 23, n. 5, p. 553-575, 2013. DOI 10.1177/09593543500166.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZITTOUN, T. The use of symbolic resources in developmental transitions. **Culture & Psychology**. v. 9, n. 4, p. 415-448, 2003. DOI. 10.1177/1354067X0394006. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1354067X0394006>> Acessado em: 28 de Agosto de 2015.

_____. **Transitions: development through symbolic resources**. Charlotte, NC: Information Age Publishing, 2006a.

_____. Dynamics of interiority: ruptures and transitions in the self development. In: SIMÃO, L. M.; VALSINER, J. (Eds.), **Otherness in question: labyrinths of the self**. A volume in Advances in Cultural Psychology. Charlotte, NC: Information Age Publishing, p. 187-214, 2006b.

_____. The role of symbolic resources in human lives. In: Valsiner, J.; Rosa, A. (Eds.). **The Cambridge Handbook of sociocultural Psychology**. New York, USA: Cambridge University Press, p. 343-361, 2007.

_____. Dynamics of life-course transitions: a methodological reflection. In: Valsiner, J.; Molenaar, P. C. M.; Lyra, M. C. D. P.; Chaudhary, N. (Eds.) **Dynamic Process Methodology in the Social and Developmental Sciences**. New York, USA: Springer, p. 405-429, 2009.

_____. Life-Course: A Socio-Cultural Perspective. In: Valsiner, J. (Ed.) **The Oxford Handbook of Culture and Psychology**. New York, USA: Oxford University Press, p. 513-535, 2012.

ZITTOUN, T.; VALSINER, J.; VEDELER, K.; SALGADO, J.; GONÇALVES, M.; FERRING, D. **Melodies of living: developmental science of the human life course**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2011.

ZITTOUN, T.; VALSINER, J. Imagining the past and remembering the future: How the unreal defines the real. In: SATO, T; MORI, N.; VALSINER, J. **Making of the future: The Trajectory Equifinality Approach in Cultural Psychology**. USA: Information Age Publishing, p. 3-19, 2016.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) de uma pesquisa de doutorado intitulada **Empreendedor: construção de significados na trajetória de vida sob a perspectiva da psicologia cultural semiótica**, voltada para compreender a experiência do tornar-se empreendedor. A pesquisa está sob a responsabilidade do pesquisador Marco Aurélio Benevides de Pinho domiciliado na Rua João Nunes da Cunha, nº 4546, apartamento 203, Candeias, Jaboatão dos Guararapes-PE CEP 54440-030. Telefone (81) 3093.1047, (81) 99973.7513 (contato inclusive a cobrar), email para contato marcoabpinho@gmail.com e é orientada pela Profa. Dra. Maria da Conceição Diniz Pereira de Lyra, telefone (81) 99967.9940, email para contato marialyra2007@gmail.com.

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde com a realização do estudo pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável. Caso não concorde, não haverá penalização, bem como será possível retirar o consentimento a qualquer momento, também sem nenhuma penalidade

Este estudo envolve a realização de entrevistas com indivíduos que já tenham vivido a experiência de tornar-se empreendedor, e tem duração aproximada de duas horas. As entrevistas serão realizadas em local que seja mais conveniente para os participantes. Os participantes também responderão a um breve questionário contendo informações referentes ao sexo, idade e estado civil e itens do interesse da pesquisa. Sua participação neste estudo é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento se assim você desejar. Isso significa dizer que você pode escolher participar ou não participar e, também, pode desistir da participação se achar que assim é melhor para você. Os resultados deste estudo não serão usados para trazer qualquer prejuízo para você ou para sua família.

INFORMAÇÕES DA PESQUISA

Nosso projeto assim tem como principal objetivo compreender a experiência do tornar-se empreendedor, explorando as transformações que ocorrem no campo do *self*, através da análise dos significados que configuram a cultura pessoal do empreendedor ao longo das rupturas e transições em suas trajetórias de vida. Buscaremos mostrar a dinâmica do movimento do *self* com base em um estudo retrospectivo de casos de 06 (seis) pessoas (três

do sexo masculino e três do sexo feminino) que já tenham vivido a experiência de tornar-se empreendedor. Os casos a ser pesquisados serão escolhidos pelos critérios de julgamento intencional, tipicidade e acessibilidade (Cooper e Schindler, 2003; Marconi & Lakatos, 2011). Apesar de critérios de idade, mínima ou máxima, não serem fatores determinantes para escolher os empreendedores, isto porque a atividade empreendedora não pode ser situada em uma faixa de idade predominante (Cabral, 2007) todos os participantes serão adultos, maiores de dezoito anos.

Os participantes serão escolhidos entre empreendedores com atuação em atividades secundárias de produção (indústria) e/ou atividades terciárias de produção (comércio e serviços), no estado de Pernambuco, proprietários de empresas formalmente inscritas no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) do Ministério da Fazenda (MF), por pelo menos 02 (dois) anos.

As entrevistas individuais serão realizadas em local reservado, escolhido pelo participante. Caso o participante não disponha de um lugar, a entrevista será realizada nas dependências do Laboratório de Estudos e Desenvolvimento na Cultura, Comunicação e Práticas Sociais (LabCCom). Um risco possível é que haja resistência ou desmotivação dos participantes em responder as perguntas das entrevistas e construir o registro da experiência significativa. Há também o risco de um constrangimento por parte dos participantes pela gravação das entrevistas.

Será garantido a todos os participantes que as informações construídas nos procedimentos desta pesquisa permanecerão de posse do pesquisador responsável e serão incorporadas ao banco de dados do Laboratório de Estudos e Desenvolvimento na Cultura: Comunicação e Práticas Sociais (LabCCom), especificamente do subgrupo Construção Cultural do Processo de Significação, na Pós-graduação de Psicologia Cognitiva da UFPE, sob a coordenação da Profa Dra. Maria C.D.P. Lyra.

Como benefícios diretos à participação dos empreendedores, as informações construídas nos procedimentos desta pesquisa podem estimular ricos momentos de reflexão gerando uma melhor compreensão sobre os momentos de mudança pelos quais passa quem decide tornar-se empreendedor na adaptação a uma nova realidade cotidiana. É garantida, a qualquer momento, a interrupção da participação do empreendedor na pesquisa.

O pesquisador responsável, Marco Aurélio Benevides de Pinho e a orientadora desta pesquisa, Profa. Dra. Maria C. D. P. Lyra, assumem o compromisso de que todas as informações coletadas nesta pesquisa são confidenciais e se comprometem em guardar a privacidade das mesmas, utilizando-as somente para fins de pesquisas, sendo divulgadas apenas em discussões e publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sempre garantindo o sigilo da identidade dos participantes da pesquisa e adotando nomes fictícios. Os dados coletados nesta pesquisa, incluindo as entrevistas transcritas e audiogravadas, ficarão armazenados em computador pessoal e será incorporado ao banco de dados do Laboratório de Estudos e Desenvolvimento na Cultura: Comunicação e Práticas Sociais (LabCCom) no endereço Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife - PE - CEP: 50670-901 sob a responsabilidade da Profa Dra Maria C.D.P. Lyra pelo período mínimo de 5 anos.

Você não pagará nada para participar desta pesquisa, também não receberá nenhum pagamento para a sua participação, pois esta deve se dar de forma voluntária. Fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da sua participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a participação serão assumidas pelo pesquisador (ressarcimento com transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).**

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO(A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo _____ (colocar o nome completo da pesquisa) _____, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento).

Local e data _____

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimento sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa:

Nome	Nome
Assinatura	Assinatura

APÊNDICE B – ROTEIRO DA 2A. ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA
ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

Fale-me o que você pensava sobre tornar-se empreendedor;

O que você pensa agora? É como você pensava que seria ou algo é diferente?

Quais os maiores desafios que você enfrentou?

Qual experiência você gostaria de experimentar como empreendedor, mas que ainda não aconteceu?

Qual experiência você teve como empreendedor e que não foi como você esperava?

O que menos você gosta na vivência como empreendedor?

Me fale das suas perspectivas de futuro... O que pretende fazer em sua vida daqui para frente?

Considerando não ser possível realizar uma lista completa dos temas a serem levantados na entrevista, outros temas poderão ser incorporados posteriormente.

APÊNDICE C - FICHA DE DADOS SÓCIO DEMOGRÁFICOS**DADOS PESSOAIS**

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino
4. Raça/ Etnia: ☐ negro ☐ pardo ☐ branco

FAMÍLIA

5. Estado Civil:
☐ casado ☐ solteiro ☐ divorciado
☐ vive com o parceiro sem ser casado ☐ viúvo
6. Filhos:
☐ 0 ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ mais que três
7. Sua residência é própria: ☐ sim ☐ não
8. Quem reside na sua casa:
☐ pai ☐ mãe ☐ irmãos - Quantos? _____
☐ avó/avô - Quantos? _____ ☐ tio/tia - Quantos? _____
☐ Companheiro(a) ou cônjuge

ESCOLARIDADE

13. Grau de escolaridade (marque apenas uma opção):
☐ Ensino Fundamental Incompleto ☐ Ensino Fundamental Completo
☐ Ensino Médio Incompleto ☐ Ensino Médio Completo
☐ Ensino Superior Incompleto ☐ Ensino Superior Completo
14. Atualmente você está estudando? ☐ sim ☐ não
15. Caso esteja estudando, qual curso está fazendo? _____
16. Caso não esteja estudando, pretende voltar a estudar? ☐ sim ☐ não
17. Qual curso ainda gostaria de fazer? _____

APÊNDICE D – ROTEIRO DA 3A. ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA - LÚCIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Eu queria que você me falasse sobre como você escolheu ser engenheira elétrica. O que mais lhe motivou a seguir essa carreira naquela época?
2. Como foi você durante sua vida acadêmica?
3. O que significa estava bem encaminhada? Porque quando você falou isso na primeira entrevista, parecia estar falando do tempo em que ainda era estudante. Porém, durante a entrevista, você situou sua história após formada.)
4. O que mudou em relação ao que você pensava antes para que você deixasse sua carreira como engenheira elétrica?
5. Algo permaneceu da sua formação original como engenheira? O quê?
6. Como era sua rotina quando você trabalhava como engenheira?
7. Você consegue imaginar o que poderia ter acontecido se você tivesse continuado a trabalhar como engenheira elétrica?
8. O que lhe incomodava no trabalho como engenheira e que lhe fez mudar totalmente seu caminho?
9. Você começou a se ligar à macrobiótica antes mesmo de procurar o restaurante a primeira vez
10. A leitura do Pasquim aconteceu quando você ainda estava na faculdade e daí você já começou a se sentir incomodada com a condição de vida que levava?
11. Na sua primeira entrevista, você me falou que a macrobiótica era uma coisa diferente, e que lhe chamou a atenção essa coisa diferente. O que, exatamente, você definiria como “diferente”?
12. Você conhecia o Professor Tomio Kikuchi antes de conhecer João?
13. Se você não tivesse conhecido João, você teria começado um restaurante de comida macrobiótica?
14. Você também mencionou que as pessoas ficavam incomodadas quando viam você comendo de um modo diferente. Como você se sentia quando começou a seguir os princípios da macrobiótica?
15. Como são suas amizades? Seus amigos são macrobióticos?
16. Há mais alguém na sua família que seja macrobiótico?
17. Você tinha algum conflito pessoal que a macrobiótica lhe ajudou a resolver?
18. Como você se sentiria se você fosse obrigada, por alguma razão, a abandonar seus princípios da macrobiótica?

19. Você tem algum tipo de ritual ligado à macrobiótica que você pratica sempre?
20. Outra fala sua que me chamou a atenção foi quando você disse que João lhe estimulou a deixar seu trabalho como engenheira e que o trabalho como engenheira não era um trabalho “da evolução da mulher”. Você poderia me falar um pouco sobre isso?
21. Se você tivesse decidido fechar o restaurante quando João faleceu, qual o outro caminho que você gostaria de ter seguido?
22. Queria que você me falasse, como foi que você orientou seus filhos dentro dos princípios da macrobiótica?
23. Eles ainda seguem esses mesmos princípios hoje?
24. O que eles acham do restaurante?
25. Vamos imaginar que você decidiu encerrar o restaurante e que hoje estamos na primeira semana após o fechamento do restaurante. Você pode imaginar como você se sentiria sem o restaurante?

Considerando não ser possível realizar uma lista completa dos temas a serem levantados na entrevista, outros temas poderão ser incorporados posteriormente.

APÊNDICE E – ROTEIRO DA 3A. ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA - CLÁUDIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA RECONSTRUTIVA

26. Eu queria que você me falasse sobre como você escolheu ser músico. O que mais lhe motivou a seguir sua carreira?
27. Assim também, eu gostaria que você me falasse por que você escolheu ser professor? O que mais lhe motivava nessa carreira profissional?
28. Eu queria que você me dissesse como seu pai e sua mãe o influenciaram na sua relação com a música. Por exemplo, como era tocar na noite e ser de uma família evangélica? Havia alguma restrição dos seus pais em relação a isso? Seus pais eram servidores públicos? Caso negativo, trabalhavam com o quê?
29. O seu casamento e o nascimento de sua filha influenciaram sua carreira como músico e como empreendedor? Caso positivo, como?
30. Na primeira entrevista, você falou que estudava oito horas por dia. Como é que você dividia o tempo entre a escola regular e o conservatório? Como era a sua rotina nesse tempo? Você passava o dia todo na rua?
31. Você fez o bacharelado em música na UFPB. Então, eu queria que você me contasse se você teve alguma indicação de um professor do conservatório para fazer lá? Ou você conhecia alguém lá?
32. Eu gostaria que você me contasse um pouco sobre como foi que você decidiu fazer o STBNB? Eu gostaria de saber como foi o seu “chamado” para seguir essa carreira como ministro de música. E gostaria também de saber como você veio para numa congregação batista?
33. Você chegou a fazer, praticamente ao mesmo tempo, a universidade, servir o exército e fazer o seminário. O que lhe levou naquela época a fazer três coisas ao mesmo tempo?
34. O que você acha que ficou da sua experiência como militar? O que mais lhe atraiu na experiência militar, para que você resolvesse se alistar mesmo após o prazo e ainda seguir um período como oficial R-2?
35. O que mais lhe atraía no ser empreendedor que lhe levou a buscar começar, efetivamente, a empreender?
36. Quando você veio trabalhar nas escolas de música, você trabalhou nas escolas concomitantemente?
37. Você se considera mais músico ou professor? E você hoje, é mais músico / professor ou empreendedor?
38. Você saberia me dizer quantos dos seus colegas da UFPB e do conservatório trabalham com música hoje? Se você sabe quantos deles são professores? Se algum deles virou funcionário público e se algum deles se tornou um artista de renome da música.
39. Quando você começou a trabalhar com crianças com necessidades especiais? Ainda nas escolas de música em que você trabalhou ou apenas quando você começou a escola itinerante? Como surgiu

esse interesse específico por crianças com essas necessidades? Onde fez a pós-graduação e qual a área específica dessa pós?

- 40.O empreendedorismo surgiu para você como uma forma de alcançar objetivos materiais que você tinha e que não lhe parecia que outras carreiras profissionais podiam lhe permitir?
- 41.Alguma vez, antes, você já tinha participado de algum projeto social?
- 42.Na sua entrevista anterior, você falou que com o tempo de experiência trabalhando você teve um aprimoramento de suas ideias a respeito da atividade empreendedora. Você afirmou que *“houve um tubarãozinho no aquário”* que lhe fez não permanecer estático. Quais eram os pensamentos que você tinha no começo e que poderiam tê-lo levado a ficar estagnado?
- 43.Eu queria que você me contasse sobre o seu sonho de desenvolver um grande projeto voltado para regência.
- 44.Se você não fosse músico, existiu alguma outra carreira que você gostaria de ter seguido?
- 45.Como você imagina que seria seu futuro se você não pudesse mais atuar como músico?
- 46.Como você imagina que seria seu futuro se você pudesse abrir a escola de música hoje?
- 47.Qual você imagina que será seu papel à frente da Orquestra no futuro?
- 48.O que é alcançar o sucesso para você?

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DE LÚCIA

Transcrição 1ª Entrevista – LÚCIA

Entrevistador: Bom Lúcia, então eu gostaria que você me contasse um pouco sobre como foi que você pensou em ser empreendedora pela primeira vez.

Lúcia: Na verdade, eu não sei se teve um momento assim: ‘pensei agora’. Acho que foi uma decisão muito interligada com outras coisas. É... eu descobri a macrobiótica em 80. Eu tinha acabado de terminar o curso de engenharia, que é um curso bem técnico e bem masculino, principalmente na minha época. Hoje a coisa já ‘tá’... isso foi em 1970.

E: Qual foi o curso?

L: Engenharia Elétrica. Na época era uma engenharia que tinha poucas mulheres na área eee... ééé... fui bem-sucedida. Fui uma boa aluna, fui monitora, estava com um bom estágio na indústria. Então, assim, profissionalmente, estava bem encaminhada. Aí descobri a alimentação macrobiótica, também nessa época era diferente de hoje assim, era uma coisa bem mais, não sei se o nome seria rígido. A macrobiótica ela evoluiu com o tempo, né? Como tudo se evolui, se adaptou a muitas coisas. E eram duas coisas bem diferentes: minha vida profissional e conhecer a macrobiótica. Mas me atraiu essa coisa diferente.

E: Quando você descobriu isso você era aluna ou já tinha terminado?

L: Já tinha terminado. Tinha acabado de terminar o curso. Foi uma coisa muito diferente da minha trajetória de vida que seguia como engenheira né, macrobiótica, com essa história de comer diferente, ééé... em casa minha mãe dizia: “você quer comer diferente, eu não criei você comendo isso” (risos). As contestações todas que aconteceram com relação a alimentação, porque a alimentação é uma coisa muito importante. E isso eu só descobri depois mesmo. A vida das pessoas... é cultura né... e ela incomoda tanto que quando as pessoas veem você comendo diferente ficam incomodados assim, tem alguma coisa errada né?

E: E esse incômodo foi mais em casa?

L: Em todo canto. De repente, as amizades... passei a sair menos, a frequentar restaurantes e conheci uma pessoa, que foi meu marido. Ele tinha passado um processo de macrobiótica bem intenso. Ele morou em São Paulo, na escola do Professor Tomio Kikuchi que foi o introdutor da macrobiótica no Brasil. Isso é uma história à parte, mas algumas vezes eu vou falar dessa história, porque está muito relacionada ao meu trabalho. Então João, a pessoa que eu conheci, tinha acabado de vim dessa escola e estava aqui para Recife. Ele era mineiro, veio parar em Recife. E quando eu conheci ele num restaurante de macrobiótica eu disse assim “ou esse cara está me fazendo de besta ou eu sou doida” (risos). Aí, encurtando a história, com seis meses a gente casou; com um mês de casados eu fiquei grávida e a trajetória dele toda era vivenciar os ensinamentos da macrobiótica. E eu como engenheira... assim, duas pessoas em áreas bem opostas. Aí ele voltou... ele tinha parado de estudar, do estilo de vida dele, voltou a estudar na

Rural [UFRPE] pra fazer agronomia e ele trabalhou, eu conheci ele num restaurante macrobiótico.

E: Aqui em Recife?

L: Aqui em Recife. Ele não era muito funcional, mas participava desse restaurante. Aí a relação dele com sistemas era com gestão de macrobióticos. Ai tudo foi acontecendo muito rápido. Eu, paralelo a isso, ‘tava’ trabalhando como engenheira numa indústria, numa siderúrgica aqui no Recife, na área de instalações e manutenção de engenharia elétrica, que era muita coisa, uma indústria muito grande. E assim... eram duas coisas bem diferentes, mas a macrobiótica me atraía muito; aí chegou um momento que nós conseguimos abrir esse restaurante. No início do restaurante eu não participava. Não participava diretamente, né? Do jeito que tô, né? Nessa casa a gente veio morar aqui, onde é o restaurante assim, as coisas foram feitas juntas, mas eu não participava diretamente.

E: Você morava nos fundos e abriu o restaurante na frente.

L: Isso, na casa de trás. Nessa época eu já tinha um filho; meu filho estava com dois anos, passava o dia com minha mãe ou na escola e eu passava o dia fora trabalhando, saía de manhã e só chegava à noite. E João estava tocando o restaurante. Ele estudava, estava fazendo agronomia e abriu o restaurante.

E: O restaurante abria pra almoço...?

L: Abria pra almoço até o jantar. Esse rapaz que está aí, Hélio, ele faz parte da história desse restaurante. Porque, na verdade, eu conheci Hélio quando ele tinha uns 14 para 15 anos, quando eu conheci João, no outro restaurante que João trabalhava. Aí depois quando a gente abriu o restaurante, um ano depois ou dois, Hélio veio trabalhar com a gente, já com 18-19 anos e está até hoje. É como se fosse dono também e como se fosse irmão da gente, assim. A história do restaurante, história do empreendimento tá muito ligada também aí. Ele, assim..., faz, participa muito da existência do restaurante. As coisas foram acontecendo, o restaurante teve sucesso nos anos 80, a macrobiótica, essa coisa toda. João era uma pessoa muito empenhada nisso, era conhecedor, trouxe o movimento do professor, juntou com outras pessoas que estavam começando aqui com a macrobiótica, professor Ivanildo Cruz, e ééé... foi progredindo. Só que o restaurante era o seguinte, não era só um restaurante, não era só uma empresa. Ele servia também como base pra um grupo, um grupo de pessoas relacionado a atividade educativa do professor Tomio Kikuchi. Porque a macrobiótica pra gente ela não é só comer, ela é um estilo de vida. Então era tudo muito interligado, a forma de você viver, com você se relacionar com as pessoas. Fez impacto em casa. Então você... no caso, a gente, ser macrobiótico não é só um abrir um restaurante pra comer. Um grupo que se chamou depois Centro ééé... hoje o nome é Centro de Autoeducação Vitalícia. Então o restaurante era a base física desse grupo, aqui que aconteciam as reuniões, as aulas, se promoviam muitos seminários. Mas não era só o restaurante. Tinha um grupo de pessoas em torno dessa entidade. É como se fosse o restaurante e o centro; o centro eram pessoas que desenvolviam

atividades em torno dos ensinamentos do professor Tomio Kikuchi. E o restaurante, como João, como era um dos líderes desse movimento e tinha o restaurante, então o restaurante foi... muitas vezes se misturava Centro e restaurante. A base física, o apoio físico do centro sempre foi o restaurante, entende? Então, a gente tinha uma atividade comercial e a uma atividade educativa, que na verdade elas não eram separadas, elas eram bem misturadas. Por exemplo, as pessoas do Centro que vinham desenvolver alguma atividade culinária, elas podiam fazer estágio aqui no restaurante, faziam estágio.

E: Para implantar as receitas delas?

L: Não. Assim, que queriam aprender a cozinhar! Ficavam como voluntários. Que foi por muito tempo, muito tempo, muitas pessoas na cozinha do restaurante, durante uns dez anos ou mais, sempre tinha uma, duas pessoas voluntárias que colaboravam no restaurante em troca do aprendizado.

E: Então, além dos funcionários, tinham essas pessoas que estavam...

L: Era! Exato! E as vezes tinha também, essas pessoas faziam uma produção. Era uma coisa muito misturada, não conseguia separar realmente, entende? E às vezes dava problema, dava discussão. João sempre foi uma pessoa, assim, muito entusiasmado. No caminho de vida dele ele descobriu o que ele queria e ele fazia coisas de educação, da melhor forma que ele queria fazer. Então a história do restaurante está muito relacionada com os ensinamentos do professor Kikuchi, entendeu? E eu, assim, como engenheira, profissionalmente eu fui bem sucedida. Eu cheguei a trabalhar numa siderúrgica, num cargo de chefe de departamento, mas não era o que me satisfazia na vida, não era a vida que eu queria e João também me estimulava muito a... deixar esse trabalho, não era um trabalho que ... da evolução da mulher, mais ou menos assim. Até que chegou o dia em que eu mesma vi que não ‘tava’ a fim de continuar trabalhando com engenharia e saí de engenharia. Foi uma loucura, desde os chefes dos professores a família “isso é loucura, isso é loucura”. Aí depois que eu deixei engenharia eu comecei a entrar no restaurante, a participar mais do restaurante.

E: Você trabalhou como engenheira por quanto tempo?

L: Seis anos.

E: Desde que saiu da universidade?

L: Foi. Já comecei a trabalhar. O restaurante, a gente abriu o restaurante em 84. A gente casou em 81, abriu o restaurante em 84. Durante esse período, ele ficou trabalhando em outros restaurantes, e eu sempre com engenharia. Aí em 86 eu saí do trabalho com engenharia, dois anos depois. E ele tinha terminado o curso dele de agronomia e ‘tava’ começando a fazer alguns trabalhos e precisando... assim, era como se ele estivesse precisando sair e eu entrando mais. Aí eu comecei a participar mais do restaurante, mais focada na cozinha, a administração continuava com ele. Aí as coisas foram acontecendo, cada vez mais eu fui entrando. E ele passou uma época mais afastado. Mais afastado assim, fisicamente, porque assim, continuava

sendo a cabeça, com alguns trabalhos que ele fez na área de agronomia. Aí depois ele começou... assim, porque o sonho de João era oferecer alimentos com qualidade para as pessoas, já tinha essa visão: alimento era uma coisa muito importante, não só em restaurante. Mas começar a produzir, a distribuir, ele fazia agronomia... fazer muita coisa com relação a qualidade de alimentos para as pessoas e que isso consequentemente também trazia outras coisas, uma das áreas de trabalho do professor. Chegou o dia que ele faleceu, faleceu num acidente de carro. Ai quando ele faleceu...

E: Foi em que ano?

L: Ele faleceu há 16 anos. Foi em 99. Então foi um outro momento da vida que eu tinha que decidir o que fazer né? Se continuava, se não continuava. Mas como era uma coisa minha também, que eu estava fazendo, porque era uma coisa que eu acreditava, um caminho de vida que eu me identificava aí eu resolvi continuar. Apareceu até oportunidades de voltar a trabalhar com engenharia, essa coisa toda, mas eu preferi continuar. Aí nessa época, meu filho ‘tava’ com 17 anos, terminou o segundo grau e também trabalhou uma época aqui com a gente. Aí as coisas foram acontecendo e estamos aqui hoje. (risos).

E: Deixa eu te fazer uma pergunta: Quando a gente fala em propaganda, em divulgação de empreendedorismo, você se vê como empreendedora?

L: Oh... porque assim, eu nunca parei pra pensar nisso não, sabe? Na verdade, é que a gente nunca... deixa eu ver se eu consigo dizer... montei uma empresa sem a preocupação de seguir os padrões do que é montar uma empresa. Existe uma sequência pra montar uma empresa você tem que agir assim e assim, ou nesse caminho não, foi mais nessa questão de... tinha uma dicotomia muito grande, porque os ensinamentos do professor Kikuchi, ele é... não é que ele negava, como é que eu vou dizer?. Ele não estimulava pra que a gente não pensasse só em ganhar dinheiro, até ensinava, ele dizia que dinheiro não era tudo na vida. Você devia procurar viver com o mínimo. Essa coisa toda de ter um negócio, além de se envolver com o dinheiro, né? Aí é um negócio bem confuso...

E: E como foi isso pra vocês? Pra abrir o negócio, João a frente e depois você, como era então conseguir concatenar essas duas coisas? Ter um negócio que os sustente e, também, por outro lado, ter uma visão de não fazer disso uma coisa que vá acima dos seus valores pessoais, vamos dizer assim.

L: Assim, por exemplo. Eu vou dar um exemplo bem simples... porque dentro do critério da gente... (silêncio) se eu vendesse, por exemplo, mais tipos de suco aqui, ia vender mais; se eu vendesse todo dia peixe, eu ia vender mais; mas isso foge dos ensinamentos da gente, assim. Por exemplo, questão de peixe. Peixe é uma proteína e você não deve usar proteína todos os dias, usa eventualmente nas necessidades, hoje eu até uso um pouco. A gente já usou, servia, mas não servia todos os dias, aí perguntavam “mas porque não tem todo dia?”. Suco, porque não tem suco? Suco é uma coisa que dentro do princípio da gente suco é uma coisa que lubrifica o sangue. Suco todos os dias e durante a refeição você tem que mastigar e não

engolir com líquido. Tem até o processo de ensinar a pessoa como comer, como mastigar, essa coisa toda. Ai tinha coisas que as pessoas “ah por que não tem isso?”, e a gente não fazia, por principio. Não é porque queria só ganhar dinheiro, mas porque tinha que educar as pessoas a se alimentar. Então é por ai.

E: Entendi.

L: Que hoje, veja bem, essa coisa de alimentação no mundo, ela tá muito divulgada, muito diferente dos anos 80, anos 70. Hoje se fala muito em alimentação, tem várias linhas, porque dentro do critério de alimentação tem os vegetarianos. Tem hoje um movimento que eu acho muito interessante, e acho muito parecido com quem começou a macrobiótica nos anos 70, que são os veganos. Porque a gente começou a macrobiótica nos anos 70, a gente tava vindo de encontro a muita coisa naquela época, assim questionando muita coisa, jogando muita coisa pra cima. E teve muitas dificuldades pra enfrentar. Hoje os veganos é um grupo que são jovens e eles, o objetivo deles é defender os animais. Então por conta de defender os animais, eles não consomem nada de origem animal, nem roupa, nada, nada, nada. Então dentro desse movimento de alimentação saudável, é um movimento que hoje está sendo bem mais ou menos parecido, as dificuldades, de enfrentar, essa coisa toda de costume. Mas eles são bem organizados e bem atuantes e o movimento tá crescendo, tá aí, existe.

E: É verdade. Me diz uma coisa: Como é a participação da família nessa trajetória toda? Na verdade, é mais assim, qual é o sentido que... como que a família se posicionou em relação a essa tua decisão, desde lá a questão de virar macrobiótica?

L: Bem. Na época, minha mãe, que meu pai já era falecido, meus irmãos e minhas irmãs questionaram o tempo todo. “Poxa tu fosse criada aí, com a comida que eu te dei e agora tá dizendo que minha comida não presta. Não sei o que...”. Mas depois minha mãe ela até cozinhou pra mim, ajudava a cozinhar, fazia marmita levava pro trabalho. O trabalho é uma historia imensa né?, Uma onda. É... e os filhos foram criados nesse principio, eles assimilaram bem. Não tem nenhum problema hoje não. Eles fazem uma alimentação saudável. Eles não questionam o valor e a qualidade da alimentação. O que meus filhos questionam hoje é como eu administro essa empresa, como ela existe.

E: Eles questionam mais o que?

L: Não, porque na verdade a empresa ela não tem lucro. Essa empresa não tem lucro. Ela se sustenta e às vezes, ela me sustenta. Aí eles questionam muito isso, porque eu ‘tô’ trabalhando com essa dedicação, essa coisa toda. Chegou num ponto... eu sei, assim... muita coisa tem que mudar, porque o sistema tá muito... tem muita concorrência hoje, tem muita coisa que a gente tem que rever. E a própria macrobiótica ela evoluiu, ela mudou, assim, dos anos 70 pra hoje, os critérios, como você se alimentar ou não, essa coisa toda, teve muitas mudanças. Agora eu me sinto assim, meio estagnada, tanto que eu parei, precisaria fazer alguma coisa em termos empresariais, devia mudar. Porque hoje isso é um ramo ninguém acredita, que esse restaurante tem um valor, que acha que eu ‘tô’ mentindo, que eu to enganando, mas não é

assim. É... Porque restaurante hoje é uma coisa que, as pessoas não comem em casa praticamente. As pessoas comem na rua e a alimentação saudável está sendo cada dia mais divulgada, mais procurada. E hoje a medicina, a ciência, todo mundo fala de alimentação. Muito diferente dos anos 80 que a ciência ainda nem tava falando. Hoje você vai para um médico, dificilmente um médico que se você tiver uma doença crônica não vai falar de alimentação. É porque hoje a maioria das doenças das pessoas hoje..., engraçado é que assim, não sei se é engraçado, mas assim, a maioria das doenças, aliás, as doenças todas tem a ver com alimentação, certo? Aí tem essas doenças: diabetes, obesidade, pressão alta; que são doenças que cada vez mais pessoas estão doentes. Crianças, faixa de idade, essa coisa toda. A ciência, a medicina já sabe que isso tudo tem a ver com alimentação, mas também tem muitos produtos que fazem mal, uma bola de neve, um negócio meio...

E: Vou fazer uma inferência aqui: Tu diria que a maior preocupação com o que se come é com a sociedade, com as pessoas?

L: Sim, é mais ou menos por aí. É um processo educativo. Já ouvi por aí “por que não abre uma ONG?” (risos). Talvez como ONG desse certo. A relação é uma coisa muito difícil, a relação com os empregados, porque a gente termina se envolvendo com o empregado... que é diferente do... aqui todo mundo trabalha muito, não só sou eu quem trabalha, a carga horária, passa da carga horária, mas... é

E: Você já teve ação trabalhista?

L: Tive, mas muito pouca. A última tá com cinco anos ou mais.

E: É muito pouco.

L: É, pouquíssimas! A gente assim, porque, a gente tem uma coisa, na gestão de pessoas, porque eu me envolvo muito com as pessoas. Então, eu não consigo separar, aí fica difícil. Mas as pessoas que trabalham aqui demoram muito, não ficam pouco tempo. Elas terminam também... querendo ou não, a gente diz o seguinte, pra trabalhar aqui as exigências quais são? Porque tem que ter experiência nessa área, é que queiram aprender e que queiram comer o que tem aqui, porque se não comer o que tem aqui nunca vai saber o que tá fazendo, não vai criar sentimento, não vai entender. Aí o que acontece? No começo, já teve gente que ‘não vou ficar aqui porque não vou comer isso.’. Tudo bem, mas a gente precisa incentivar que um dia coma aqui, outro dia como ali e vai comendo devagarzinho; a maioria dos que estão aqui hoje comem bem, sabem da eficácia da alimentação, da qualidade da saúde, aprende assim. Já quando alguém entra, responde aos clientes, já orienta, sabe o que é bom e o que não é. Porque termina... eu não quero só um funcionário pra cozinhar e sair, eu não preciso de... isso que é difícil. Isso que hoje preciso, porque a gente tá tendo umas mudanças aqui, porque quem toma conta, quem administra sou eu e Hélió, muito mais com ele, só que a gente toma conta da calçada ao quintal. Eu faço tudo que precisar, se faltar uma pessoa eu tô no lugar, qualquer coisa, eu faço qualquer coisa. Tá tendo uma mudança hoje na vida de Hélió e ele tá precisando se afastar fisicamente e eu tô com muita dificuldade de encontrar um gerente. Eu

tô com uma dificuldade grande que é assim, é... de uma hora pra outra, porque Hélio é dono também. Ele toma conta de tudo, tudo é eu e ele age, é dono, segundo dono, entende? Sempre foi. Então, eu não tenho experiência de como lidar como gerente 'gerente que não é o dono. Porque a minha confiança com ele é total confiança. Aí isso já é... a gente vai começar uma nova fase aqui, uma mudança que eu nem sei, não tô sabendo como fazer.

E: Tu diria que é uma questão de afetividade?

L: Não. Tem a questão da afetividade porque não vai cortar o vínculo total, ele vai continuar me apoiando.

E: Eu sei, mas eu tô fazendo uma observação com relação a maneira como vocês tem os laços aqui...

L: É, existe muita afetividade.

E: Uma afetividade com relação ao próprio negócio.

L: Exatamente. A relação aqui é muito diferente do que você conhece. Você vai encontrar um negócio que não tem explicação (risos). A explicação é que eu sou louca. (risos).

E: Nem se preocupe.

L: Assim, os funcionários brigam, se chateiam, mas não se consegue ficar com raiva, não tem maldade. A gente não estimula isso aqui. Tem duas aí na cozinha que são uma graça, aliás são duas amigas. Estão assim, brigam e daqui a pouco já estão juntas de novo. Sempre uma ajudando a outra, elas se ajudam muito. Mesmo que fique com raiva. É porque assim se uma falta, atrapalha a outra, se uma vai devagar atrapalha o ritmo da outra, mas assim, existe uma compreensão. Existe essa afetividade não é só uma relação de negócios não, não sei nem dizer. Aí, é... eu tô precisando de um gerente, aí não sei... gerente.

E: Então, veja só de toda essa história e tal, quais foram as experiências mais marcantes que você teve aqui no teu negócio, em termos de oportunidades e desafios que você enfrentou e como foi que você... vivenciou, como você passou?

L: Deixa eu fazer só uma parêntese, acrescentar uma coisa aí. Que além de tudo isso tinha a história do centro aqui dentro.

E: É, que você não falou mais do centro né...

L: Pois é. Por exemplo, o centro promovia aulas de culinária aos sábados. Não era todo sábado, mas aula de culinária era aqui no restaurante.

E: E eram pagos?

L: Pagavam. Aí, como é que se dividia esse dinheiro? Uma parte ficava para o centro, porque quem vinha dar aula eram pessoas voluntárias que fazia parte do centro. Quem dava aula não

recebia dinheiro. Só em algum caso muito específico, se sabia que a pessoa estava com alguma necessidade, a gente concordava que ela, né... Mas o dinheiro que ficava para o restaurante seria para cobrir os custos e ficaria o lucro para o centro, por exemplo. Um percentual... era dada uma aula a gente cobrava, podiam ter duas, três, até quatro pessoas numa aula, lógico que uma coordenando. Mas essas pessoas eram do centro. Aquele momento que estávamos fazendo pelo centro e o dinheiro que entrava não ia para nenhuma daquelas pessoas, ia pra cobrir os custos e para centro. Aí tinham essas aulas de culinária, teve um período que se davam palestras – palestras não eram cobradas, encontros, alguns encontros a gente cobrava, mas sempre assim... a atividade era, algum dinheiro ia direto para o centro e o que ficava com o restaurante era pra cobrir custos.

E: E o centro existe até hoje?

L: Ele existe, mas ele tá muito parado, atualmente.

E: E ele não é formalizado?

L: Ele é, tem um CNPJ, mas esse CNPJ dele está totalmente desatualizado, porque inclusive o presidente do centro faleceu (risos), aí tinha que..., mas todo ano eu declaro no imposto de renda que é inativo, porque senão vai complicar mais ainda. Só que esse ano agora eu tenho até que ver com o contador, porque quem respondia por ele faleceu e não sei como vai ficar essa história.

E: E não tinha um sócio, uma outra pessoa?

L: Não, porque o centro era uma unidade sem fins lucrativos, tipo uma.... não é uma empresa, tinha um, mas tinha um nome. Tenho até que encontrar os documentos do Centro. Pela receita ela é uma empresa sem lucros, sem atividades... é... não tinha fins lucrativos. Tinha aquela composição presidente, vice, não sei o que lá, essa coisa toda. O presidente respondia pelo CNPJ. Aí esse ano eu acho que vai ter que.... Mas aí na verdade, André hoje, André... sempre foi um grande líder desse Centro. Ele participa muito e... o grupo foi se espalhando, se espalhando e hoje o grupo está muito devagar. (risos). Tem o nome, tem as pessoas. A gente tá até pra... pronto, no final do ano teve uma atividade, um jantar de confraternização, que a gente faz todo final de ano com os clientes. Esse faleceu Seu Ivanildo Cruz, que é o introdutor na macrobiótica em Pernambuco. O professor já estava com 87 anos, 88 anos, mas já fazia uns cinco anos que ele estava diretamente sem participar de nada por questões de saúde. Ele, antes de João chegar aqui no trabalho e o professor Tomio Kikuchi chegar aqui em Recife, já existia um movimento de macrobiótica em Recife, através de Seu Ivanildo. Ele foi pioneiro assim. Ele faleceu, aí a gente ia fazer uma homenagem a ele. Então essa atividade da homenagem ao professor Ivanildo é uma atividade do centro que foi feita no restaurante. E a gente tá pra fazer outra homenagem a ele agora em março, talvez na Câmara de Vereadores. Há dois anos atrás, 2015, 14, em 2014 a gente trouxe o professor Tomio Kikuchi aqui pra Recife e fez seminário com ele. Tudo isso são atividades do centro, que todo dinheiro que

sobra é revertido pra o Centro; o restaurante entra como apoio físico aí, panela, a venda mercadorias a preço... essas coisas assim.

E: Vocês usam em eventos. Então até hoje ele existe, na verdade.

L: O centro existe. Está um pouco parado, mas existem muitas pessoas nesse centro.

E: Bom, aí esse negócio que eu te perguntei das experiências marcantes em termos de oportunidades e desafios, como foi que você passou por elas? A gente, às vezes, centra muito nos desafios, nas dificuldades, mas também as oportunidades, as coisas boas que aconteceram, e que enriqueceram mais a história, momentos mais difíceis e também momentos bons.

L: (breve silêncio). Assim, é até difícil responder aí. Momentos difíceis quando você diz com relação a negócio é? Por exemplo, veja eu não sei se seria isso. Por exemplo, eu tive que climatizar esse restaurante, porque ele não era climatizado, em 2012 ou 2013. Porque a ideia da gente ter ar condicionado foge totalmente dos princípios, da coisa de ser saudável e poluição e mil coisas né. Mas chegou um momento: “não, ou eu faço isso ou eu vou fechar”! Porque as pessoas deixavam de vim aqui porque não aguentavam o calor. No centro da cidade também uma coisa que mudou muito o perfil do restaurante é que no centro da cidade as pessoas começaram a fugir. Nos anos 80 essa rua aqui ela tinha uma característica, ainda hoje tem! Ela sempre atraiu essa questão de restaurantes direcionados para alimentação. Atualmente, a gente aqui tem uma pessoa que tem um restaurante que nem é formalizado, ali mais na frente, mas que faz parte do movimento de centro também; é uma casa que vende... Sempre teve nessa rua esse movimento; teve outros entrepostos. Mas aí com essa questão de que centro de cidade as pessoas correm. Mesmo as pessoas almoçando muito fora e ninguém volta do trabalho pra casa pra almoçar, dificilmente; questão de segurança já teve problemas sérios nessa rua, tornou-se um ponto de crack, fumavam crack aqui na minha calçada. Essa foi uma dificuldade imensa que a gente teve. Aí quando eu resolvi que...chegou o ponto que eu climatizei ou não ia sobreviver. Foi quando a gente resolveu climatizar eee... não, já que a gente vai climatizar e vai ter que fechar, aí fizemos uma “repaginada”, uma rearrumação aqui. Aí isso foi uma coisa que melhorou, as pessoas falaram... Tinha que ter feito. A questão da poluição sonora, porque era aberto, ficava sempre a poluição sonora, poluição de poeira, e o ambiente, a climatização, foi uma mudança que teve que ser feita pra melhorar o serviço.

E: Quando João morreu como é que foi, passar a se envolver mesmo, passar a ser a cara do restaurante?

L: Vê, porque, na verdade, quando João morreu eu já estava aqui dentro há um tempo. Era mais ou menos assim: ele estava cuidando de outras atividades paralelas dele, que inclusive chegou a se abrir uma empresa de distribuição de alimentos, mas teve muitas dificuldades com isso, pela falta de experiência no negócio dele, de ele confiar muito nas pessoas, foi um rolo danado. Então eu já tava aqui dentro, né? Na administração e na cozinha e ele estava correndo atrás de outras coisas, porque ele, pra ele, pro sonho de vida dele que ele queria, o

restaurante ficou pequeno “não é só isso que eu quero, o restaurante, eu quero mais coisa”. Aí ele foi atrás de outras coisas.

E: E teu sonho também?

L: O sonho da gente era junto. Eu tava junto com ele, porque comungava com os ideais, de querer tá aqui, aquela coisa toda.

E: Então você acha que foi isso que pesou pra você deixar a...?

Lúcia: Foi! O que me fez deixar a engenharia foi que eu não tava tendo a qualidade de vida que eu queria como engenheira. Não era a vida que eu queria.

E: Quais são tuas perspectivas num futuro próximo e...

L: Não me pergunta isso, não (risos)! E esse ano eu vou ter que decidir uma coisa, porque... por tudo, né? São trinta anos de restaurante. É... trabalho, é segurança que tem quer ter. Oh na verdade, já faz uns três anos que, pelo menos eu e Hélio conversamos e a gente via que tinha que mudar alguma coisa, a formatação do restaurante. O pessoal fala muito em self-service, mas self-service, se bem que não acata essa ideia, porque fica muito igual...

E: No seu caso, é um prato feito é?

L: É a gente tem por dia, que na verdade, não é um prato assim é uma sopa, o arroz integral que é a base da alimentação e um pratinho que a gente chama... Mas hoje eu já ofereço três dias, outras opções além desse base; que é uma feijoada vegetariana, na quarta; na quinta-feira tem uma dobradinha de um feijão branco com bacalhau; e na sexta tem um bobó de fruta-pão com peixe.

E: Interessante!

L: Aí, não, assim. Eu cheguei num ponto que eu tenho que mudar alguma coisa, nem que seja fechar, mas nem fechar eu posso, porque pra fechar eu tenho que indenizar os funcionários. Aquela coisa que (risos). É... mas de alguma coisa eu tenho que... tem essa coisa... tem essa mudança de que Hélio quer fazer, que também vai mexer aqui. Essa parte de refeição, isso dá muito trabalho. Isso é muito trabalhoso, ainda mais quando você quer fazer uma coisa com critério, com qualidade. Nem sempre as pessoas reconhecem, porque aqui, por exemplo, eu uso... as melhores coisas aqui, que eu ofereço, eu uso o melhor arroz integral que eu encontro no Brasil, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, trago de fora os alimentos, não uso qualquer um. Aí tem alguns restaurantes que botam qualquer arroz e..., né. O shoyu, eu vendo melhor shoyu que eu encontro no Brasil, um shoyu sem açúcar, sem ajinomoto, quem vem de São Paulo, não é barato. É... minhas verduras, eu uso orgânico, só não uso orgânico o que não tem. Então ligo pra feira de orgânicos mais antiga aqui de Recife, eu ligo pra eles, eles entregam. Estão começando um trabalho aqui em Recife, na área de agricultura, que é um trabalho chamado “CSA”. É mais ou menos assim, comunidades que se sustentam da agricultura, se botar isso no Google tu vai ver, é um trabalho que começou na Europa, no pós-

guerra, mais ou menos assim: junta-se um grupo de pessoas pra apoiar um produtor rural, o produtor rural é também uma pessoa muito sacrificada né, está exposta ao tempo e a mil coisas. As feiras orgânicas que tem hoje aqui em Recife, que são feiras que são da agricultura familiar que são acompanhadas por ONGs e que você vê que esses agricultores que são acompanhados nessas feiras orgânicas eles melhoraram, a qualidade de vida deles, tem dificuldades pra eles.

E: Dessa feira?

L: Dessa CSA não .

E: Essas feiras de orgânicos ajudam eles?

L: Tem umas ONGs que acompanham. É. É porque assim, eles são mais do produtor pra o consumidor propriamente.

E: Ele elimina o atravessador.

L: É. E se você fizer enes pesquisas, trabalhos com o pessoal de agricultura orgânica e familiar e vê que melhora a qualidade de vida. Então o CSA, ele é um grupo de pessoas que se juntou. O agricultor está produzindo pra essas pessoas com todos os critérios de qualidade em todos os sentidos, e ele é acompanhado. Assim, a gente faz um levantamento do custo real da coisa: o produto, o transporte, a administração, tudo é “x”, isso é rateado pelas pessoas. Por exemplo, vou dar um exemplo do que tem hoje, eu comecei a participar não pra abastecer o restaurante, mas porque achei o trabalho interessante, um trabalho que se crescer vai ser um coisa boa pra... É, a gente vai no agricultor, faz visitas de dois em dois meses, se relaciona com ele, vê como é, vê os problemas, tem uma pessoas que administra, faz esse trabalho maior, né? É a gente procura ter um... oferecer o que tem de melhor e muitas vezes isso não é reconhecido, porque as pessoas chegam aqui e não sabem de onde trazem, e começam comparações “ah tá caro, estamos pagando com o que?”. Aí não é fácil dentro do mercado eu também não posso botar um preço, o preço real que seria a minha refeição não é esse que eu digo. Porque se for botar com o lucro que deveria pra sustentar o custo de tudo, não seria esse preço, mas se eu aumentar não vai vender... então a coisa é mais ou menos assim. Aí tem que fazer uma coisa que, eu me sinto muito burra com relação a isso, consiga mostrar as pessoas a qualidade e que elas vissem que...

E: vale a pena?

L: Acho que não estou sabendo administrar (risos). Mas é a realidade, não adianta querer fugir da realidade. Eu cheguei num ponto que eu vou ter que decidir ou tu vai ter que ir lá ou tu vai pagar.

E: Então hoje tu tá bem nessa encruzilhada mesmo?

L: Tô. Agora já faz uns dois anos que estou nessa encruzilhada, achando que alguma coisa vai acontecer. Tá afunilando né, não tá fácil. (risos)

E: Eu queria falar do seu relacionamento com o cliente.

L: O relacionamento com o cliente é também uma coisa diferente e complicada, porque cada cliente que chega aqui, ele não é um cliente assim... A maioria das pessoas que chegam aqui tem algum problema de saúde. As pessoas vêm atrás dessa alimentação com algum problema de saúde. Aí, chega junto de você “Lúcia, eu estou com esse problema. O que é bom pra isso?”. Aí você começa a orientar a pessoa e vai criando um vínculo, aí a pessoa em histórias e histórias, né.

E: E a pessoa vai melhorando?

L: Ou ela melhora ou cai fora. E tem, assim, ééé... inclusive dentro do principio dos ensinamentos do professor Kikuchi, da alimentação macrobiótica, existe tipo uma consulta, uma orientação. Quem procura o professor quando chega em São Paulo, ele dá uma orientação, você chega lá e diz “eu tô com isso e isso”, ele vai dar uma orientação pra você todo em cima da alimentação. E a gente sabe, já tem muitas comprovações que a alimentação ela resolve muita coisa, não é pouca coisa, porque a alimentação é o que sustenta seu corpo, seu porte físico, é o que você come, é o que forma seu sangue, e...

E: Dá a energia, né?

L: Energia. É uma das fontes de energia, o que você come. Tem a respiração, tem a energia do alimento, então, são quatro coisas assim, bem básicas que professor Kikuchi chama a atenção, ele até chama as quatro liberdades do ser humano, que é comer, quando você nasceu, depois que você nasceu ninguém come mais com você, só você. E hoje em dia o que existe no mundo como alimento não são alimentos, são produtos pra vender, então os alimentos hoje são os produtos pra conseguir saúde do ser humano.. Aí vem comer, depois vem respirar, ninguém respira por você, e a gente não é educado pra respirar. E a respiração é uma coisa muito importante. O oxigênio ele energiza, desintoxica muita coisa. Assim eu tô falando essas coisas, fazendo exercícios de meditação, de Ioga, isso é importantíssimo.

E: Você faz Yoga?

L: Faço. Então assim, também se você só comer arroz integral, você pode não se dar bem, não vai resolver o seu problema, porque são coisas simultâneas: comer, respirar, movimentar. O sistema é altamente sedentário, estimula facilidades e depois ainda bota você em academias com ar condicionado, cheio de máquinas pra você se movimentar, porque não ao ar livre, na natureza, no parque, essa coisa toda? E o pensamento. A mídia tá aí pra não deixar ninguém pensar, então essas quatro coisas o sistema hoje estimula a fazer das piores formas possíveis. Você tem que ter percepção e sensibilidade pra se livrar disso. Então o pensamento da gente é esse, fazer as coisas integradas.

E: Deixa fazer uma pergunta: Como foi que você conheceu a macrobiótica e passou a adotar os princípios da macrobiótica?

L: Olha, eu conheci, como eu lhe disse, nos anos 80 eu li uma reportagem, até muito engraçada (risos). Não sei se você ouviu falar num jornal que tinha Pasquim. Aí saiu uma reportagem sobre um cara que, ele já morreu, um dos líderes da macrobiótica aqui no Brasil, Zanata. E eu morava aqui no centro, no mesmo caminho que eu morava tinha um restaurante de macrobiótica. Aí eu “não, vou conhecer”. Conheci a primeira vez, não me atraiu. Ai depois estava com uns problemas digestivos, aí comecei nesse outro. Foi quando eu comecei nesse outro foi quando eu conheci João e com seis meses a gente casou. Ai as coisas foram acontecendo. Até hoje tem coisas que... porque assim, na verdade, não é a macrobiótica em si, é como se fosse reeducação vitalícia, é um estilo de vida que você se identifica. Eu me identifico assim, com todas as minhas respostas que vida, questionamentos, tem o budismo que eu admiro muito. Tem muitas coisas. Mas querendo ou não são complexas como o que eu descubro nisso sabe. Só que não são fáceis de você vivenciar, porque depois você tem que estar entendendo, é uma cultura oriental que veio e você tem que adaptar, tem que ver. Quando você é jovem, você vai muito... não é? Mas aí quando o cliente chega com um problema e você começa a orientar, começa a tanta coisa que evita, tem que tá todo dia, todo dia. O ambiente não é grande, é pequeno, não é grande, puxa, não tem como não ficar conhecendo coisas da vida do cliente. E o cliente conhece também coisas do restaurante, da venda, racionamento. Mas só que na hora que o dinheiro pesa, fala mais alto, né? Assim, eu posso dizer que eu tenho alguns clientes que são clientes amigos, que eu sei que posso contar com eles, assim. Mas tem outros que eu sei que na hora H é o dinheiro que vai pesar, tipo aquela coisa “tô pagando”, como já aconteceu assim. Cenas assim, se confundir. Aí isso também eu acho que eu não sei lidar com isso, eu me envolvo muito nessa questão da afetividade, mesmo com funcionário eu me envolvo muito, porque eu não consigo ver as pessoas isoladas, como um negócio, muito complicado isso.

E: Não, eu acho que... me fala um pouco mais desses quatro princípios que você mencionou.

L: Tomio Kikuchi é um professor, ele é japonês, está no Brasil desde os anos 50. Quem trouxe, quem desenvolveu mais a atividade macrobiótica aqui no Brasil e criou... como eu disse, ele não se restringiu só a parte gastronômica. Ele até chama é... educação psicossomática, que envolve sentimento, físico, sentimento e mente. Tem até ali um artigo uma vez eu e André escrevemos pra uma palestra, posso até digitar ele no Word pra tu. É um resumo mais ou menos do que é assim. Porque o trabalho hoje não é só comer, mas assim... O professor fala da mente, do sentimento e do físico, essas três simultâneas no ser humano. É tanto que, se fisicamente, você está bem e tem um problema emocional, o seu físico estando bem vai lhe ajudar a você vivenciar aquilo melhor, se você é uma pessoa sentimentalmente bem,... assim, eu me considero, eu acho umas coisas de mim, uma pessoa sentimentalmente que... ainda bem que eu tive pais que me deram muita coisa, afeto, me orientaram muito, depois tive um casamento também, uma pessoa que a gente teve um cuidado muito grande. Eu vejo assim, as pessoas com conflito na família, conflito no casamento, essas coisas, tem conflito, tem, mas quando você tem uma base sentimental fortalecida, se você cai fisicamente, isso lhe ajuda a... a... isso também ... então essas coisas são, essas três coisas é o que faz o ser humano ser humano, basicamente. Então a gente não, a gente usa os ensinamentos do

professor não se preocupar só a gente a comer, são ensinamentos pra vida de uma maneira geral. Aí o trabalho tá muito misturado com essa coisa assim.

E: Você falou essa coisa do sistema que termina fazendo com que você se afaste desses princípios básicos mais profundos, digamos assim, como se ... não é alimento né...

L: Exato, pronto, eu. Eu Lúcia, eu me identifico muito com isso, então eu procuro conduzir minha vida dentro desses princípios. Não são fáceis, mas eu quero passar isso pras pessoas. Aí às vezes, a pessoa compra um produto, vou dar um exemplo. Tem um biscoitinho por aí que o pessoal produz que vieram me oferecer pra vender, mas tinha na fórmula açúcar demerara, mas eu não uso açúcar demerara. Eu posso até usar eventualmente, mas minha proposta de trabalho é não ter açúcar demerara, ai como você.... Aí a pessoa achou um absurdo eu não querer (risos). E é pra alguns isso é, pra o comércio é. Porque... mas vai muito de encontro, é essa questão...

E: Açúcar demerara é ruim?

L: De uma maneira geral, açúcar é um alimento assim, que... não é um alimento. O menos ruim é o mascavo, que é mais assim, mais bruto, mais original, mas ele passa por processos e processos. E quimicamente, o açúcar é um bissacarídeo, ele se dissolve mais, rouba nutrientes, tem toda uma história. Então, açúcar, eu evito. Não como carne vermelha, porque não é alimento! Você pode usar carne vermelha em situações extremas, se você tiver no Pólo Norte, a gente que mora em país tropical, quente, a carne vermelha é excesso. Aí vem as questões hoje ambientais, porque hoje tem mil coisas pra você, se você quer ter um critério de vida, ser honesto com você, com as pessoas, com essas coisas toda.

Transcrição da 2ª. Entrevista - Lúcia

Entrevistador – Bom Lúcia, a primeira pergunta é que eu queria que você me falasse um pouco o que é que você pensava quanto a tornar-se empreendedor. Como é que você via isso de virar empreendedor?

Lúcia – Ó, na verdade, eu nunca pensei assim numa coisa: “eu vou ser empreendedora”. Eu sou empreendedora sem saber que sou, assim! Porque, como eu já lhe falei antes, a história do restaurante foi uma história muito...filosófica, né? A gente abriu o restaurante, isso era eu e meu marido. Eu estava dentro e, na época, nos anos 80, nos anos 80, essa alimentação estava dentro...é...assim, como se fosse namoro: com muita procura. Com um mercado bom. O início foi fácil, o restaurante iniciar! Não teve muitas dificuldades, não! O João tinha muita experiência com filosofia, com tudo assim, atraiu muita gente. Que, paralelo ao restaurante tinha o grupo de estudos, né? Que já fez vários seminários, palestras, cursos, também a parte educativa. Porque a gente não ficou só com a parte comercial: “vamos vender”! A gente tinha uma parte educativa e isso também se mistura muitas vezes e dá muito problema. Então, assim: “eu sou empreendedora! Vou fazer um negócio pra vender pra

ganhar dinheiro”! Não! Começou a coisa mais com o objetivo de praticar a filosofia que a gente acreditava e passar pras pessoas.

E – Entendi!

L – Eu trabalhava fora. Meu marido que começou, aí depois, entrei no negócio e ele se afastou um pouco, porque foi fazer outras coisas pensando em ampliar e as coisas foram acontecendo.

E – E, assim, o que é que você pensa agora, que hoje você está efetivamente à frente do negócio?

L – Ó, agora neste momento atual, porque este restaurante ele tem 30 anos. A gente tá passando por dificuldades, então eu tô vendo, eu tô tendo que ser uma empreendedora agora (risos). A ficha tá caindo!

E – A ficha tá caindo agora!

L – É, eu tô na verdade, num momento, assim, de decisão! Ou eu paro ou eu...assim...meu filho diz muito assim...é...se adequar às coisas do mundo atual. Engraçado que essa semana...eu posso até mandar pra você essa reportagem, saiu...é...em 2012, eu acho, eu fiz uma reportagem no jornal, muito boa falando de macrobiótico. Aí, essa semana, minha filha ressuscitou essa reportagem. Não sei como! Eu vou mostrar...eu posso mandar pra o teu email, mas eu vou te mostrar ali. Aí, eu li a reportagem e assim, ela tá bem atual e explica direitinho o que é essa coisa, né? Aí, meu filho disse: “é, tá muito bom. Só precisa se atualizar” (risos). Então, eu tô tendo muita dificuldade, porque eu tenho que ver a coisa mais...com mais empreendedorismo mesmo.

E – Mais profissional você acha?

L – Mais profissional...não sei se o nome é profissional, porque com profissionalismo a gente sempre fez a coisa. Até demais, né? Seria entender e se adequar a...ao sistema que tá aí! Agora, o que eu não posso é perder a minha essência! Nem quero! Se for pra isso, eu...

E – Isso, você fala desde o começo.

L – Aí, eu tô tentando fazer uma reestruturação, que agora vou fazer um trabalho de divulgação, encontrei uma pessoa que já tem uma relação com esse princípio do vegano, da alimentação, que eu gostei muito e ele me deu uma proposta e a gente tá começando. Aí, eu tô vendo, como é que eu vou conseguir fazer isso. Tá essa crise geral...essa crise aí da economia, que tá afetando tanta gente...

E – Eu sei, assim, que você não começou pensando em ser empreendedora, como ser empreendedora, vou abrir um negócio. Mas, da ideia que você tinha quando você começou a se envolver com o restaurante, é como você achou que seria ou tem algo diferente? Como você pensava que seria?

L – Por isso que eu te digo: as coisas foram acontecendo! Sem eu pensar muito assim! De repente mesmo necessitava...porque a gente começou, aí teve a necessidade de contratar, vamos dizer...por exemplo, vou dar um exemplo bem claro: João começou, fazia, vendia, comprava! Não tinha muitos controles contábeis.

E – Certo!

L – Aí chegou o momento que tinha que ter um controle contábil! Tinha que ter um contador, pra começar a organizar. Aí, ééé... à medida que a necessidade ia aparecendo, de

formalizar, de tornar essa coisa mais formal, a gente ia fazendo! Aí, hoje, eu tenho a consciência bem clara de que existe um sistema, uma organização. O restaurante hoje ele está organizado. Formalmente, ele está organizado! Não tem assim... eu acho que... tá bem encaminhado, né? Mas as coisas foram acontecendo e com a necessidade, a gente foi fazendo. E, assim, com o princípio de querer fazer direito, de fazer certo!

E – Quais foram os maiores desafios, assim, nessa caminhada que você enfrentou?

L – Olhe, ééé... uma grande dificuldade é o ser humano, é a relação com as pessoas. Tanto os funcionários como com os clientes. Porque são duas coisas assim, bem diferentes e você tem que ter muita habilidade nessa coisa de relação pessoal. André até me ajudou muito a mudar, melhorar, essa coisa toda. Mas dificuldade maior...porque a gente interage muito, interage com fornecedor, interage com o concorrente, interage com o funcionário, chega um momento que a gente...você se envolve muito com o cliente, trata como amigo e depois vê que não é amigo, é cliente! Essa questão das relações humanas, eu acho que são muito difíceis! Principalmente, quando você não está visando só o negócio, só o lucro!

E – O que é que você diz, assim, que você precisa se adaptar a esse sistema? O que é que você, exatamente, chama de sistema? É a sua visão de negócios, é o ambiente de negócios?

L – (após um período de silêncio pensando) Tudo assim! É...a relação com o fornecedor. Eu até tenho, assim, tenho uma equipe pequena de fornecedores, o pessoal legal, mas você tem que ter cuidado. Porque, não sei se... como é que eu vou te dizer isso... os impostos que a gente paga, me deixam muito chateada! Assim, no Brasil o pequeno é tratado sem muita...como se fosse um grande! A gente tem muitos encargos. Ééé... a concorrência... desleal (risos nervosos). É tudo assim! É o conjunto das dificuldades de se ter (um negócio)... que, talvez... só que eu tenha que me conscientizar que é o... que é o normal das pessoas! É o que é mesmo e...

E – Lúcia, vê só! Qual a foi a experiência que você gostaria de experimentar como empreendedora, mas que ainda não aconteceu? À frente do teu negócio, uma experiência que você gostaria de experimentar e que até hoje, assim, ainda não aconteceu.

L – (após um período de silêncio pensando) Olha, eu não sei te responder isso, não! Não! O que eu... não sei se é essa a resposta pra essa pergunta nesse sentido... é porque como eu já lhe disse: eu tenho um bom produto, agora eu não tô sabendo...hoje eu acho que eu não estou sabendo vender e nem apresentar o meu produto. É ver a coisa fluindo com mais tranquilidade, sem aperto no final do mês, sem dor-de-cabeça com...com funcionário! Que fluísse sem esses, esses atropelos que acontecem, que roubam muita energia, que deixam você muito cansada, essa coisa toda! A parte financeira pesa muito, né? Você é o tempo todo fazendo conta, aperta daqui, dali... ééé... no vermelho! Antecipando cartão, não sei o quê!

E – É, eu sei como é. E qual foi, então, a experiência que você teve...porque essa primeira é uma experiência que você gostaria de experimentar e ainda não aconteceu. E qual foi a experiência que você já teve como empreendedora, mas que não foi como você esperava?

L – (após um período de silêncio pensando) Ó! Fica difícil eu te responder isso, porque é como eu lhe disse: eu não me vejo como uma empreendedora! Entende? Eu não me vejo, assim...eu não sei...

E – E seu eu mudar o nome para empresária?

L – Piora mais ainda! (risos nervosos) Não, deixa eu ver, assim que...pergunta de novo, qual foi a...

E – Qual foi a experiência que você teve como empreendedora e que não foi como você esperava?

L – (passa um período de silêncio pensando)

E – Mesmo que você não tivesse exatamente antes uma expectativa e as coisas acontecerem naturalmente, a gente sempre tem alguma expectativa em relação a tudo que a gente vai enfrentar, né? E todas as coisas que a gente espera que aconteçam pra gente. E aí, é uma experiência dessa: que você teve e que não foi exatamente como você esperava.

L – Bom! Isso passa sempre pela questão com as pessoas, a questão da confiança, de você ser treinado, de você acreditar na pessoa e a pessoa agir de outra forma. Passa muito sempre pela questão das relações humanas, no meu caso. Não sei se o caso é esse...

E – Certo, certo! Mas você acha, assim, que a influência do seu próprio pensamento em relação à cultura oriental é... que tem os valores, em alguns aspectos, diferentes do nosso, da nossa cultura ocidental, você acha que essa sua visão termina influenciando como você vê, na maneira como você vê as coisas que você enfrenta no dia-a-dia do negócio?

L – Influencia, sim! Porque...eu acho que é muito diferente assim. Eu tenho muita...uma das coisas que a filosofia ensina é a gente ver que as dificuldades são pra você evoluir, melhorar, aprender alguma coisa! Então, eu não sou muito de ir atrás de dificuldade. Lógico, tem momento que eu tô chateada, preocupada, mas eu parto logo pra tentar resolver! Do que ficar me lamentando, cozinhando... é difícil... é... mas, se tem que resolver, então vamos ver! Como é que tem que resolver, então vamos resolver! Por exemplo, assim, um caso bem concreto que aconteceu recentemente: a Compesa tá fazendo uma...nessa área central da cidade, um serviço aí de esgoto, fiscalização de esgoto bem intenso. Aí, chega aqui no restaurante. No restaurante eu não uso quase gordura nenhuma. É um universo pequeno! Aí, vai e me trata como se eu fosse um restaurante igual a todo mundo! Fui obrigada a construir uma caixa de gordura imensa no quintal. É...enquanto que a casa vizinha tem um esgoto aberto, a céu aberto. Denunciei, mas não fizeram nada, entende?

E – Hum hum!

L – Assim, como é que eu vou te dizer? Que nessa rua todinha, vários esgotos estão entupidos. Meu esgoto nunca entupiu!

E – Entendi! Até por conta do tipo de produto que você usa.

L – Do produto que eu uso. Mas aí, ela chega aqui e não. Tá! É a lei, então, vamos fazer! Faça! É...aí eu digo: tá! Tá bem! Tô fazendo! Tô cumprindo! Eles fazem fiscalização mensal agora, chegam aqui e veem se a caixa de gordura tá limpa... enquanto que isso, você saí aí e você vai ver: minha casa vizinha, ela despeja o esgoto dela no meio-fio. Eu já

denunciei, já falei, não sei o quê! E isso...aí, os que vem aqui dizem: “isso não é da área da gente. A senhora tem que ligar é pra outra área”. Mas é Compesa, né? Aí, são essas coisas que me chateiam muito!

E – É, cai mesmo nessa parte do relacionamento. Você diria que você meio que se decepçiona com as pessoas, nessa parte, nessa parte de negócios?

L – Ééé... pois é! Acho que a parte principal é na relação com as pessoas, o que mais me incomoda! Tem a concorrência desleal. Que, por exemplo, teve uma época que tinha muito restaurante...agora até que, com essa crise, muito restaurante *self-service* macrobiótico. Não deixa de ser uma concorrência, mas eu vou mostrava às pessoas, assim, a qualidade, a minha qualidade do meu alimento, que é muito diferente. Então, eu não me sentia concorrente...porque aquela outra coisa que estavam oferecendo, não tinha nada a ver comigo!

E – E aí, você já falou que tinham alguns clientes seus que chegavam e que falavam, justamente, do valor e queriam comparar teu valor?

L – É, então, eu sempre dizia: “você não pode comparar. Porque... aí, eu começava a mostrar: o meu produto é assim, a qualidade do que eu faço é diferente, essa coisa toda!” Mas... ééé... a maioria das pessoas, né? Quem não está à procura de qualidade mesmo, entendeu? É porque, na verdade, é como eu lhe digo: a atividade da gente não é só comercial, é uma atividade educativa! Essa mistura dá muito trabalho!

E – Por que é que você acha que dá trabalho? Como é que tem uma dificuldade pra juntar essa parte do negócio com a formação das pessoas?

L – Dá trabalho porque, exatamente, você vai querer fazer uma coisa...porque veja, eu vou dar um exemplo, vou dar um exemplo clássico: as pessoas gostam, tomam muito suco! Acham que tomar suco é uma coisa saudável, isso tudo! Mas a gente sabe que é... a gente mora num lugar quente, essa coisa toda! Mas que muito suco não é uma coisa boa! Principalmente, você não deve almoçar tomando líquido! O ideal é você almoçar, mastigar bem...no final da refeição, o líquido mais indicado por...assim, as pessoas se surpreendem, porque não é um costume ocidental, você tomar um chá é mais digestivo do que tomar um suco. Então, aí, a gente recomenda que as pessoas não tomem o suco, não vende muitos tipos de sucos! Isso eu tô perdendo! Porque, seu botar um suco aqui, eu vou vender! Entendeu? As pessoas chegam: “ah! Mas por que não vende?” Tá entendendo? Atualmente a gente só vende dois tipos de sucos: melancia, porque é a fruta bem aguada. Assim, bateu tá pronto! Não precisa botar açúcar. Outros sucos requer açúcar, mais água! Tudo isso é uma coisa que acidifica mais o sangue, e pra gente não dá, entendeu?

E – Só que aí, nem todo mundo entende.

L – Aí, nem todo mundo entende, tá afim desse princípio e eu, pra ser fiel a isso, termino deixando de vender.

E – Entendi.

L – Tenho o exemplo de um restaurante que tem esse mesmo critério da gente. Só que, o que foi que ele fez? Só que esse cara é um cara empreendedor, ele veio de uma família empreendedora...ele fez um restaurante dele que tinha...bem mais amplo, com tudo que as pessoas querem, bem dentro da linha vegetariana, né? Dessa linha naturalista. Um restaurante *self-service* com tudo: frutas, sobremesas, não sei o quê, não sei o quê! E a pessoa que for

macrobiótica tem a condição de escolher a sua alimentação macrobiótica! Aí, fica a critério de cada um, a responsabilidade com cada um. Eu achei interessante essa ideia dele! Não deixa de ser, não é? Pensei em fazer uma ampliação desse tipo! Não no nível dele, no nível dele ele deu um pulo muito grande. Mas a gente pensa em fazer alguma coisa assim! Ampliar mais, orientar a pessoa e fica a critério dela!

E – Mas você acha que isso...?

L – Aí, às vezes a pessoa chega assim: “não! Tomar suco, não sei o quê!”. Um dia um cliente chegou e disse assim: “Lúcia, tu é a única pessoa que vende, mas que tu convence a gente a não comprar!” (risos) Como é que pode isso?

E – É um pouquinho difícil, né Lúci?

L – Não! Porque é isso, né? Ele queria comer um negócio aí, que ele chegou dizendo que tava... acho que foi até uma sobremesa! Porque ele chegou dizendo que não tava bem! Aí, quando ele chegou: “não, porque eu não tô bem. Mas eu queria uma sobremesa.” Não! Você não tem que comer a sobremesa, não! Porque você disse que não está se sentindo bem! Ele disse: “Lúcia, você é a única pessoa que vende e que convence a gente a não comprar”! É... passa por essas coisas, entende? Mas a gente tem consciência que a gente tem que ampliar, assim! É, fica a critério da pessoa ter... uma vez chegou uma senhora aqui... tem coisas assim que... e teve uma época que a gente já foi bem mais rígido assim, não é? Ela toda, com a mão toda torta, com artrite artrose. Aí, eu fui dizer a ela que proteína animal é um grande causador disso, seus derivados, carne vermelha, porque ela com o passar do tempo, não sei o que...”ah! Deus me livre! Prefiro morrer a deixar de comer minha carne!” Depois que ela me diz isso, não tenho mais nada pra dizer pra ela, né? E uma vez foi muito engraçado, a história do gersal. Porque o gersal é o gergelim moído com sal que bota em cima do arroz. E o certo não é você cobrir o arroz de gersal, você põe um pouquinho, porque a gente recomenda... porque o arroz integral ele é saboroso! Ele não é feito arroz branco que não tem gosto! Então as pessoas comem ele o mais simples possível, né? Pra sentir o sabor, o doce, tudo. Aí, uma pessoa estava querendo mais gersal. E a gente: “não, olha a gente não serve não.” Ela disse: “ah! Não vim aqui pra ser educado não! Vim aqui pra comer!” Aí, veio aqui na frente e comprou um pacote de gersal, que a gente vende pra pessoa levar pra casa, e temperou o arroz dele com mais gersal. Aí, assim, tem uns detalhes meio...

E – Eu tenho uma pergunta a mais, mas que, de uma certa forma, você já respondeu: você diria que o que você menos gosta na vivência como empreendedora é desses problemas gerados pelos relacionamentos pessoais? É o que você menos gosta ou tem uma outra coisa assim?

L – É! Isso dá muita dor de cabeça, visse? (risos nervosos) Assim, porque eu gosto do...por exemplo, assim, de gerenciar, de orientar, de organizar, de comprar, de escolher, eu gosto disso! É, gosto! Quando eu fico sobrecarregada é porque, se eu fico só na cozinha é uma coisa, eu tenho mais tempo de me dedicar. Hoje, por exemplo, assim, eu tenho que estar na cozinha, eu tenho que estar aqui na frente, tenho que...eu compro, eu vendo! Isso me cansa, isso...não sei se a palavra é gostar! E, assim, até o professor Kikuchi diz que essa palavra “gostar” ela é muito infantil. Que quem gosta ou não gosta é criança, a gente tem que ter mais maturidade, assim. Não é que eu não gosto...é...me cansa, me deixa exaurida, me deixa toda

vez achando que eu podia aproveitar meu tempo melhor. Mas é uma...porque eu faço hoje a parte de...é, gerenciar o restaurante, eu gosto! Tirando, lógico, os atropelos...

E – E o que é que você mais gosta de fazer? Se te deixassem assim: ‘não, Lúcia! Você a partir de agora vai se dedicar só àquilo que você mais gosta de fazer.’ No teu negócio, seria o quê?

L – Ééé... eu preferia estar mais concentrada na cozinha, desenvolvendo a culinária. Eu gerencio, eu tomo conta, tudo. Até com certa facilidade, eu não tenho dificuldade não, sabe? A dificuldade vem quando chega o dia de pagar, não tem o dinheiro, tem que raciocinar como é que vai fazer, não sei o que! A dificuldade é essa! Mas, tudo, tendo dinheiro e a coisa fluindo, gerenciar não é difícil não! Agora assim, se eu tivesse... ultimamente eu tenho pensado muito nisso assim: em ter mais disponibilidade de ficar mais na cozinha mesmo acompanhando, melhorando, fazendo minhas receitas, minha comida, essa coisa assim. Dar aula de culinária! É uma coisa que eu gosto! Nunca mais eu dei, estou até pra voltar a dar. As pessoas estão cobrando muito, pedindo muito.

E – Você explora essa parte também aqui?

L – Na realidade, a gente deu muita aula de culinária! A gente dava aula aos sábados, uma média de dois sábados por mês! Com um grupo do pessoal que faz parte do Centro, né? Uma coisa assim meio voluntária, porque o dinheiro era até uma parte pra o restaurante, pra cobrir os custos e a outra parte seria pro Centro. Era uma atividade do Centro, dentro do restaurante.

E – Me diz mais uma coisa, queria que você me falasse das suas perspectivas de futuro. O que é que você pretende fazer da sua vida daqui pra frente? Mas eu queria que você dividisse isso em dois tempos, um mais curto. Uma coisa até, de agora até um tempo mais curto e outra até um tempo mais longo. Uma coisa assim, uma coisa até uns dois anos e outra coisa daí pra frente.

L – Pois é! Essa ééé... é difícil de lhe responder isso, mas eu cheguei num momento de vida que eu tenho que definir isso. Ééé... porque, trabalho de restaurante é muito cansativo! Mesmo gostando, mas é muito cansativo! Com todas essas dificuldades... nos próximos dois anos, seria fazer com que o restaurante saísse dessas dificuldades materiais, vamos dizer assim. Arranjar um jeito de que a coisa fluísse normalmente sem... e eu acho que daqui a uns cinco anos eu vou, assim, não me afastar desse tipo de atividade, mas não sei se ficaria servindo refeição ou se faria uma coisa menos, que não envolvesse muito a cozinha. Mesmo gostando, assim, eu gosto de cozinhar! Mas uma cozinha de restaurante, ela dá muito trabalho.

E – Seria uma coisa menor, uma escala menor?

L – É! Entrepasto, lanche, mais aula de culinária, uma coisa numa escala menor. Porque, até pela minha idade, por tudo, eu tô querendo viver mais, aproveitar mais. Eu me sinto muito atraída pelo campo! Gostaria de passar um tempo no campo, num sítio, uma chácara. Mas sem... porque eu não me vejo assim, me aposentar pra não fazer nada! Sempre tenho muita atividade, assim, não me vejo assim. Seria fazer outras coisas que me desse, assim...que fosse mais suave mesmo, que me desse menos trabalho.

E – Uma coisa que lhe desse mais prazer do que dor-de-cabeça?

L - É! Mais prazer e menos dor-de-cabeça! E, essa pergunta eu tô me fazendo todo o dia e querendo encontrar uma solução. Chegou uma hora, chegou um momento em que eu tenho que direcionar isso.

Transcrição da 3ª. Entrevista - Lúcia

Entrevistador – Bom Lúcia, alguns pontos da sua última entrevista, eu gostaria de rever contigo. Eu queria que você me falasse como você escolheu ser engenheira elétrica? E o que mais lhe motivou a seguir essa carreira de engenheira elétrica naquela época?

Lúcia – Rapaz, eu acho que a juventude, né? Eu era jovem e eu fiquei em dúvida entre três profissões. Porque meu pai era economista. E vivia fazendo trabalhos... (na área de economia) eu fiquei em dúvida entre economia, em agronomia porque eu sentia atração pelo campo e em engenharia...eu vi uma reportagem sobre geração de energia...eu era jovem com 17 anos quando eu decidi isso. Eu vi uma reportagem sobre geração de energia e me atraiu muito. E eu sempre fui muito, sempre fui uma tendência grande pra exatas, né? Gostava mais das matérias de exatas do que das outras...se bem que matemática, física e química, eu sempre me dei bem. Agora, eu sempre fui apaixonada por história! Eu pensei até em fazer um curso complementar de história! Adoro história, assim! Mitologia, essas coisas! Então, eu acho que de tudo um pouco (rs). Aí, foi! Fui fazer engenharia e fiz!

E – Porque o que chama a atenção era a época! Era anos 70! Era uma época que os cursos de engenharia, principalmente, tinham muito menos mulher, né?

L – É! Década de 70, era. Na minha sala, tinha só três mulheres engenheiras, assim. Que ‘tava’ fazendo o curso, né?

E – Você fez na Federal?

L – Não! Eu fiz na Poli! É... Sim, aí, eu escolhi engenharia elétrica! Escolhi, vou fazer! Comecei a fazer e fui me dando bem! É, por exemplo, Cálculo. Cheguei a ser monitora de Cálculo. Me dei bem com Cálculo! É... pronto! Eu fui gostando e fui fazendo! As coisas foram acontecendo! Espontaneamente! (rs nervosos)

E – Seu pai era economista...

L – Meu pai já tinha falecido! Me pai faleceu quando eu tinha 17 anos. Exatamente! Porque, quando eu fiz o primeiro ano, na minha época, científico. Em Caruaru, porque eu morava em Caruaru.

E – Tu nasceste em Caruaru?

L – Nasci em Caruaru. Naquela época Caruaru não tinha o tanto de faculdade que tem hoje. Hoje tem UPE, Federal e várias outras. Na época, só tinha uma faculdade de odontologia, de direito, que até hoje ainda existem e são muito boas, e uma de filosofia, que eu não sentia a menor vontade! E meu pai sempre estimulava muito a gente a estudar. Ele dizia que a única coisa que podia deixar pra gente era o apoio e o estudo. Daí, eu disse que queria vir pra Recife e ele deu a maior força! Aí, eu vim no segundo ano! Na época, o auge era o Esuda! O Esuda e o União, que tinha na época.

E – É! Eu fui aluno do Esuda.

L – Pronto! Eu também (rs)! Era até aqui no final da rua! Aí, quando eu fiz o segundo ano em 74, não...eu vim pra aqui em 73, em 74 meu pai faleceu.

E – **Tu já tava aqui?**

L – Já tava aqui.

E – **E tua mãe trabalhava?**

L – Não. Minha mãe não trabalhava. Era uma pessoa bem simples...

E – **Tua mãe ficou lá e você veio?**

L – Sim. Eu vim, meus pais ficaram...eu vim morar num pensionato, essa coisa toda, né?

E – **Certo!**

L – Depois que meu pai faleceu, aí no ano seguinte, minha outra irmã já tava na idade de vir pro científico e queria vir também. Aí, meu pai já tinha falecido, minha mãe decidiu vir pra Recife. Aí veio pra Recife, com todo mundo.

E – **E você tem quantos irmãos e irmãs?**

L – Assim, minha família é grande! Meu pai foi casado três vezes, minha mãe foi o último casamento. Foram cinco filhos, mas a gente conviveu com três filhos do segundo casamento, como se fosse tudo uma única (família).

E – **Então, são cinco dele e da sua mãe com ele?**

L – É. Dele e mamãe são cinco. Eu sou a mais velha. Foram quatro mulheres e um homem. Mas, aí a gente com.. quando eu tinha, sei lá, uns 7 (ou) 8 anos, dois irmãos mais velhos, do outro casamento do meu pai foram morar com a gente.

E – **Certo.**

L – Então, ficou como se fosse da mesma família. Criou uma ligação muito estreita com mamãe e com a gente.

E – **Até hoje eles tem?**

L – Um faleceu e o outro, assim, a gente tem uma relação, convive, como se fosse do mesmo pai e da mesma mãe.

E – **Entendi. Tua mãe ainda tá viva?**

L – Não! Minha mãe já faleceu. Minha mãe faleceu num acidente de carro, junto com meu marido e uma sobrinha de seis meses.

E – **Foi... porque a gente chegou a falar nisso...**

L – A gente falou disso, não foi?

E – **Falou! Você falou... que ele tinha falecido num acidente de carro**

L – É, mas no mesmo acidente faleceu a minha mãe, meu marido e uma sobrinha de seis meses.

E – **Nossa! Mas a gente vai retomar isso mais na frente. Então, na mesma época você falou que tinha essa ideia. Porque naquela época a gente tinha três opções no vestibular, né? Tinha primeira opção, segunda opção e tal. Aí, você escolheu economia...**

L – Não! Na época a época a gente se inscrevia na primeira opção, segunda opção... mas, não!! Eu optei por engenharia! Isso foi antes de eu me inscrever! Eu me inscrevi em engenharia em todas as opções.

E – **Ah, certo!**

L – Aí eu passei na primeira opção. Passei bem no vestibular! Acho que eu fui parece que terceiro lugar na UPE, um negócio assim.

E – **E aí, a primeira opção foi engenharia elétrica?**

L – Foi.

E – **Como é que foi durante a tua vida acadêmica? Tipo assim, você participava de algum movimento estudantil ou algo assim? Alguma outra atividade extra-classe?**

L – Não. Na verdade, nos anos 70, eu entrei na faculdade em 75, né? Então estava, assim, na metade da ditadura, aquela coisa. Mas a opressão do estudante tinha diminuído bastante. Mas, ainda, os movimentos estudantis eram muito controlados, não é?

E – **Entendi.**

L – Eu até tentei me envolver, mas não me atraiu como as coisas eram feitas. Mas participava de reuniões, assim. Participei de todos os movimentos: volta de Arraes, é...fim de ditadura, é...anistia. Então, todos esses movimentos, assim, políticos. Não assim, de estar à frente, né? Mas todos os movimentos políticos relevantes daquela época eu participava.

E – **Mas ia pras manifestações, assim?**

L – Ia! Fui pra várias manifestações, assim. A parte cultural, o pessoal: Chico, Elis, Betânia essa coisa toda. Na época tinha um programa...era bem popular, bem baratinho...Projeto Pixinguinha e Projeto Seis e Meia, que teve muito show bom no Teatro do Parque!

E – **Seis e Meia é bem antigo. Eu me lembro ainda do Seis e Meia.**

L – Aí tinha que ir pra fila cedo pra pegar ingresso. Como eu morava aqui pelo centro, assim... ééé... **(pensativa)** assim, nunca fui de ser cabeça de movimentos, mas nessa... hoje eu tô até triste com essa história toda que tá acontecendo! Porque nessa luta da gente pra acabar com a ditadura, eu participei de todos os movimentos, assim! De passeata, as coisas que tinha aqui.

E – **E deixa eu te perguntar uma coisa, que foi uma dúvida que surgiu: você teve alguma ligação com algum movimento alternativo? Tipo hippies ou alguma coisa, não?**

L – Não! Engraçado que, uma vez, assim...ééé... mas eu sempre, eu nunca fui conformada com o padrão! Assim, eu sempre fugia do padrão! Desde criança assim, eu sempre fui muito tímida, sempre...assim...o...como é que eu posso dizer? O que as pessoas chamavam de normal, sempre alguma coisa diferente me atraía! Entende?

E – **Entendo! Porque surgiu essa dúvida de saber como é que uma engenheira virou macrobiótica?**

L – Não! Nunca participei de movimento hippie, não! Mas conhecia o movimento hippie. Conhecia algumas pessoas, mas nunca fui participante direto. Nunca! Assim, outra coisa que às vezes algumas pessoas já perguntaram, se eu usei alguma droga, maconha essas coisas. Não! A única droga que eu já usei era bebida! Bebia, agora normal assim, né? Tentei aprender fumar, não gostei! Inclusive meu pai fumou muito tempo...não sei se foi por causa disso?! Meu pai fumou muito tempo! Até um dia que ele decidiu, começou a fazer mal a ele...só que eu era criança, né? Aí, ele decidiu parar de fumar, por causa de problema de saúde. Porque ele dizia assim: ‘você é um homem ou é um viciado’! Porque você que se deixa dominar por um vício, já perde a consciência. Essas coisas assim, eu não sei se foi...(como se

dissesse que isso que fez com que ela terminasse por não se sentir bem fumando). Tentei fumar, não consegui! Não me atraiu! E drogas, de uma maneira geral, eu nunca me senti atraída! Porque, eu achava assim, uma coisa muito perigosa! Eu sempre gostei de tomar cerveja, sair com os amigos, uma coisa assim. Mas as pessoas sempre perguntavam isso, se eu era *hippie*, coisa assim.

E – Pois é! Porque surgiu essa dúvida.

L – Não! Conheci! Conhecia pessoas (que usavam), mas nunca me envolvi não.

E – Certo. Vê só, na primeira entrevista, você mencionou que, na época você estava bem encaminhada. Agora, quando você falou isso, logo no começo, parecia mais que você estava falando do tempo que ainda era estudante. Porque, quando a gente explorou a tua mudança, deixando de ser engenheira e vindo para o restaurante e tudo. Mas eu queria saber o que é que você chama de estar bem encaminhada, dentro da universidade. Você falou que você tinha sido monitora de disciplina e tudo. Você estagiou, por exemplo?

L – A vida estudantil, assim, foi uma vida...eu estagiei! Eu fiquei bem encaminhada. Eu fui uma aluna, vamos dizer assim, uma aluna mediana. Fui monitora de cálculo, é...nos dois últimos anos, consegui um estágio em uma siderúrgica que tinha aqui na época, XXX. Um estágio concorrido, que não era fácil, principalmente mulher! Ao longo do curso realmente tinha poucas mulheres na sala, principalmente em engenharia elétrica. Nós começamos, porque... na Poli, na época, esse sistema que o governo desmanchou exatamente para resolver o problema, para impedir o movimento estudantil, o sistema seriado, a gente estudava junto. Eu fui a última turma desse seriado! Porque aí começou essa coisa de pagar cadeiras, crédito, aí se espalha, não cria vínculo. A minha turma foi a última do seriado. A gente quando entrava na faculdade, os dois primeiros anos, sim aí, tinha as quatro engenharias na época: civil, mecânica, elétrica e eletrônica. Tinha turmas à noite e turmas pela manhã, só dos dois primeiros anos. Os dois primeiros anos era todo mundo junto. Tinha duas turmas por causa do número de pessoas.

E – Era o básico, não é?

L – Isso, o básico. Tinha turmas pela manhã e à noite. Eu escolhi à noite, porque eu tinha ideia de estudar e começar a trabalhar. Precisava, essa coisa toda. Terminei indo fazer Escola Técnica (atual IFPE). Eu fiz também Escola Técnica. Porque na época...hoje a escola técnica tem a parte básica e técnica, mas na época não tinha. Acho que eles até criaram depois.

E – Você fez a Escola Técnica junto com a faculdade?

L – Eu fiz o vestibular! Assim, o plano B! Se eu não passar no vestibular. Aí, apareceu de última hora isso, o teste da Escola Técnica. Eu disse: eu vou fazer! Porque, na época, a Escola Técnica era só segundo grau profissionalizante. Mas quem já tivesse segundo grau entrava pagando só as cadeiras profissionalizantes.

E – Entendi!

L – Aí, eu resolvi fazer a Escola Técnica. Porque eu ia fazer a parte de eletrotécnica. Eu passei nos dois! Aí, fiquei na faculdade e fiz a Escola Técnica, a parte técnica! Pagava só as cadeiras técnicas, profissionalizantes! Nessa época o curso durava dois anos. Aí, eu

estudava de manhã na Escola Técnica e na faculdade à noite. Eu escolhi à noite porque eu queria trabalhar! Mas eu terminei que só fui trabalhar no estágio, a partir do quarto ano (da faculdade). Aí, no quarto ano eu consegui. Na verdade, eu consegui dois estágios. Um, pelo IEL (Instituto Euvaldo Lódi) na época...aliás, os dois eu acho que foram pelo IEL! Um que era no Porto (do Recife) e outro nessa indústria que tinha, a XXX, que era uma siderúrgica lá em Pontezinha. Só que primeiro eu consegui o do Porto. Aí, no dia de assumir o do Porto, saiu o resultado da XXX. Aí foi um drama pra mim lá no Porto, dizer que eu não podia, não sei o que!

E – O que é que eu faço agora??

L – É! Foi horrível! Mas, aí fiquei! Era uma siderúrgica, mas só que nessa siderúrgica trabalhava, era assessor, um professor meu da faculdade que, ela era muito exigente. Muito bom e, assim, eu tinha me dado muito bem com ele. Aí, ele me estimulou muito a ficar nesse estágio. Me apoiou na seleção, aí eu fui pra lá e, profissionalmente, ele foi assim, meu pai profissional.

E – Quem era ele, A? Como era o nome dele?

L – O nome dele era Carlos Prestes. Ele era muito bom! Ele era professor na UPE, professor na Federal e era assessor, na época ele dava muita assessoria em muitas usinas de açúcar. Ele era muito bom! O cara que entendia de engenharia elétrica era ele.

E – Entendi!

L – Aí, pronto! Eu me dei bem com ele. O estágio lá era coordenado...ele era assessor da XXX naquela época. Fiquei como estagiária! Quando acabou o estágio e acabou o curso, terminou o curso, não tinha vaga para eu ser contratada na XXX. Mas aí, eles disseram que ia ter uma possibilidade e que quando tivesse me chamavam. Aí, a empresa estava em implantação. Porque eles estavam fazendo uma ampliação muito grande e eu acompanhei, assim, (porque eles estavam fazendo) muita implantação (de novos processos). Porque era uma empresa imensa e na parte de campo, só tinha eu de mulher!

E – Entendi!

L – Era uma siderúrgica que tinha a parte de fundição, de siderurgia e de oficina, então eu andava por dentro da fábrica, tinha a parte administrativa...tinha as secretárias...então, de mulher atuando, assim... chegava a ser meio... mas o pessoal sempre me respeitou, assim! Nunca... **(pensativa, como se estivesse rememorando e avaliando o que acontecia na época – ou o que vai falar)** chamava a atenção! Uma mulher e ainda mais estagiária! Nova, (atuando) no campo, não sei o quê! Mas o pessoal não me desrespeitava, não. Mas, causava uma certa estranheza, assim.

E – Então, você só começou a trabalhar mesmo no quarto ano?

L – É! O estágio foi no quarto ano! Porque, assim, eu era a mais nova de idade, mas como eu era *mignonzinha*, não sei o que...eram três mulheres (no curso de engenharia), porque quando a gente terminou o básico, aí vai todo mundo pra noite. Porque os profissionalizantes eram só à noite. Aí, separou as engenharias. Porque engenharia elétrica mesmo só tinham três mulheres, eu e mais duas. Inclusive, uma delas, era também de Caruaru e tinha sido minha amiga de infância, aí a gente se reencontrou. É...eram três, porque a outra já tinha perdido um ano. E, depois, no outro ano, chegaram mais duas, não! Três mulheres que

já eram engenheiras e foram fazer engenharia elétrica como formação complementar. Aí, eu acho que ficaram seis mulheres! E eu, assim, eu sempre me relacionava mais com o pessoal, essa coisa toda. Aí, um amigo, que já era casado, já trabalhava...foi fazer o curso depois de casado. Ele conseguiu um trabalho pra mim, com um amigo dele que tinha uma empresa de instalações elétricas.

E – Isso depois que você terminou o curso?

L – É! Logo que eu terminei o curso, eu fui trabalhar nessa empresa de instalações elétricas. Quando eu tava trabalhando nessa empresa, antes de completar um ano, a XXX me chamou. Apareceu uma vaga de engenheira elétrica e aí ela me chamou. Aí, eu fui pra XXX.

E – Você enquanto não trabalhava, lá na faculdade, como é que foi, assim? Porque, você falou que você veio pra cá, pra Recife, ficou no pensionato...

L – Não! Mas, depois, minha mãe não veio morar aqui em Recife, no segundo ano, quando meu pai faleceu? Não! Primeiro ano! Um ano e meio eu morei no apartamento, que era tipo um pensionato de uma senhora que tomava conta das meninas que vinham do interior (estudar em Recife). Aí, quando meu pai faleceu, as coisas ficaram difíceis financeiramente e eu fui morar no apartamento de uma família amiga, uma família aqui perto também. Aí, foi quando, no outro ano, minha mãe veio. Como eu estudava de manhã e estudava à noite, passava o dia estudando.

E – Deixa eu te perguntar uma coisa: teu pai era economista, ele trabalhava onde?

L – Não, porque meu pai era o seguinte, meu pai tinha sido do exército, era militar. Só que ele, só que quando eu nasci, ele já era da reserva. Aí, ele fez um curso da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe). Ele não fez a graduação de economia. Mas ele gostava muito, eu não sei o que é que ele tinha feito pelo exército, eu sei que ele fez esse curso da CEPAL e trabalhava na Prefeitura de Caruaru, ele criou a Comissão de Desenvolvimento de Caruaru. Essa área de economia do desenvolvimento era uma coisa que ele gostava muito, ele era muito amigo de... (tentando lembrar o nome da pessoa) de Celso Furtado, na época. Conhecia Celso Furtado, e se interessava por esse assunto. Daí ele procurava implantar ideias ligadas à economia do desenvolvimento, em Caruaru. Acho que foi por isso que ele trabalhou na criação daquela Comissão.

E – O que é que você, o que é que mudou, que você pensava antes pra que você deixasse sua carreira como engenharia elétrica? Você pensava de um jeito, né? Daí, o que é que mudou pra chegar e deixar isso pra trás?

L – Sim! Aí, vê! Quando eu terminei meu curso, eu estava bem encaminhada profissionalmente, essa coisa toda. Mas, eu tava questionando as coisas, assim! Não tava satisfeita! Não era só aquilo que eu queria da vida!

E – O que é que você questionava?

L – Trabalhar, ganhar dinheiro, a vida que as pessoas tinham! Não me satisfazia! Eu queria alguma coisa mais! Na época até procurei o movimento de D. Hélder, da Igreja (católica), mas não tive muita facilidade, tive algumas dificuldades, aí foi quando eu descobri macrobiótica! E, os ensinamentos da macrobiótica me atraíram muito. Quando eu descobri a macrobiótica, eu descobri João! E com seis meses que a gente se conheceu, a gente casou.

E – Você casou. Mas, é justamente isso que eu vou te pedir, vou te explorar um pouquinho mais. Era essa coisa de trabalhar, ganhar dinheiro não lhe atraía, beleza! Mas, o que era que você se sentia sobre isso, assim?

L – Isso eu achava pouco! Eu queria mais, assim! Eu não sabia o que queria (rs)! Eu sabia que...não tava satisfeita! Aí, eu fiquei procurando! Até que encontrei!

E – Você achou que a vida não era só essa rotina? O que é que te incomodava? Era a rotina? A carga de trabalho?

L – Acho que, intuitivamente, era assim essa questão de uma vida, uma coisa mais espiritual! Mais... ééé... não só a parte material, né?

E – E você achava o quê? A engenharia não te permitia ter essa coisa espiritual? Era mais racional?

L – Não, não é isso! A engenharia é uma coisa cartesiana, sim! Mas eu gostava de engenharia! Eu fazia um trabalho que sempre me atraía, era um trabalho que me atraía. Quer dizer, é...agora o sistema, essas coisas, as relações, como as pessoas viviam, isso é que eu questionava, essa filosofia. Ó, por exemplo, hoje, por exemplo, no meu prédio tá tendo uma reforma. Eu tenho muita facilidade pra, essas coisas mesmo de engenharia. Lógico que, se hoje eu fosse voltar a exercer a profissão, eu ia ter que fazer uma reciclagem, assim. Porque, eu abandonei muita coisa, né? No meu prédio tá fazendo uma reforma, assim. Tá trocando toda a fachada, porque é aquela pastilha, por cerâmica. Eu terminei me envolvendo com essa obra! Mas bem, assim...foi contratada uma empresa...pior é que é civil, lá! Mas como a gente fazia engenharia, a gente tinha uma noção da coisa. E eu tenho uma irmã engenheira civil! Que também se deu bem, tudo.

E – Ela trabalha como engenheira?

L – Atualmente, não! Mas ela trabalhou durante muito tempo! Ela foi estagiária da empresa que construiu a C&A! (A loja da C&A localizada na Conde da Boa Vista) A Hotchief do Brasil, que é uma empresa alemã. Inclusive, quando ela terminou o estágio dela, ela também foi trabalhar nessa empresa. Hoje ela mora no Paraná. Mas ela e o marido, também era engenheiro civil, e trabalhavam sempre em obras grandes. Aí, contrataram uma empresa pra fazer o serviço lá do prédio e quando eu vi, o cara tava fazendo a maior merda! Coisas assim, inadmissíveis! O básico de engenharia civil estava sendo jogado fora! Aí, eu não podia deixar de questionar! Aí, eu fui questionar, aí o cara veio com uns papo lá, enrolado! Enrolação mesmo! Aí, eu disse: não! Isso não está certo, não! Aí, numa reunião de condomínio, eu pensei: eu tenho que colocar pra o grande grupo! Porque eu tô vendo uma coisa que vai ser prejudicial pra todo mundo. Que tá dinheiro em jogo, e não é pouco dinheiro! E eu vou passar isso pra o grande grupo, pra o grupo decidir. Porque eu não vou ficar calada, vendo o que tá acontecendo e não fazer nada!

E – Sem fazer nada, né?

L – Aí, teve uma reunião de condomínio eu coloquei: olha, tá acontecendo isso, isso e isso! Inclusive, na época, a síndica, que foi quem começou esse serviço, ficou muito chateada comigo, achando que eu tava contra ela. Mas ela foi burra, porque eu tava sendo a favor dela, evitando que acontecesse uma coisa mais séria. Aí, nisso, o pessoal decidiu criar uma

comissão de obras. Porque também tava acontecendo uma coisa que é impossível de acontecer! Uma síndica tomar conta de uma obra daquela sozinha, não podia!

E – Quantos andares tem o edifício?

L – O edifício são dois blocos de sete andares. São vinte e oito apartamentos. É lá em Parnamirim. Aí, eu sei que criou-se essa comissão de obras. E eu não podia ficar fora dessa comissão! Já tinha levantado a lebre! Uma comissão formada por cinco pessoas. Aí, juntou essas pessoas pra fazer um relatório do que a gente tava vendo. E, pediu ao cara uma resposta de todas as coisas erradas que a gente tava vendo. Daí, fizemos um relatório, entregamos a ele...

E – Tu é a única engenheira da comissão ou tem outras?

L – Não. Tinha outra engenheira também, civil até! Não exercia a profissão, mas sentiu que devia participar, tinha uma arquiteta também...aí, eu sei que, tá! A gente fez um relatório, entregou pra o cara! Em resumo, pra encurtar a história, o cara enrolou enrolou, chegou um belo dia dizendo que a empresa dele tinha falido, que ele tinha sido enganado pelo sócio e que tava entregando a obra. Porque, na realidade, ele achou que não ia ter fiscalização. Quando ele viu que tinha uma equipe acompanhando, ele viu que não ia dar conta! Ele não tinha condição de fazer! A empresa dele não tinha experiência! Aí, ele apresentou um amigo dele, de uma outra empresa, pra fazer a obra. Aí, a gente, não! Peraí! A gente agora vai contratar um advogado pra fazer um contrato pra gente, pra gente não ter mais problema. Aí, o tempo foi passando. Aí, passou uns três meses, quando se chegou a um denominador comum, ajuste de preços, contrato, não sei o que! Mas foi a sorte da gente! Rapaz, foi muita sorte, com tudo que ia acontecendo, o cara ia dar o maior pipoco na gente! Aí, eu sei que, no dia que marcou, assim: vai hoje assinar o contrato! O cara ligou, dizendo que a equipe administrativo-jurídico dele tinha analisado o contrato e eles tinham concluído que não era um contrato viável pra eles. Que eles não iam assinar o contrato! Por aí tu tira a confusão! Veja! Agora, eu tenho culpa da confusão? Disseram: mas tu só arranja confusão! As coisas foram acontecendo! Mas como é que eu podia ficar à parte de um negócio desse? Se eu moro lá, se é um bem que eu tenho, como é que eu podia ficar sem me envolver? Aí, vê o rolo que deu!

E – Deixa eu te perguntar uma coisa: como foi que você...esse apartamento, você comprou com João?

L – É, foi! Na época que João ainda era vivo, a gente comprou esse apartamento. A gente morava num apartamento bem maior na Rua da Aurora. Que era tudo perto, né? A gente tentou comprar o de lá, mas teve um problema de última hora, a Caixa não financiou, porque o dono tinha uma questão na justiça...aí, foi uma confusão! A gente já tinha dado uma entrada! Aí, em resumo, apareceu esse outro, que era bem menor! Mas eu tava grávida de nove meses.

E – Do primeiro ou do segundo (filho)?

L – Não! O primeiro, eu morava lá há muitos anos! Porque foi assim: quando o restaurante começou, eu morava aqui perto. Bem pertinho! E a gente veio morar atrás do restaurante. Quando as coisas deram certo, a gente alugou um apartamento pra sair daqui. Que era aqui perto! Que já trabalhava aqui, morava por aqui, circulava por aqui...eu trabalhava longe, mas minha mãe morava aqui bem pertinho, era quem cuidava do meu filho. Então, tudo

funcionava por aqui! Aí, a gente tentou comprar o apartamento. Porque a apartamento a gente tentou comprar, porque tinha que ser financiado. Só que, de última hora, quando a gente já tinha dado uma entrada, ia assinar o contrato, a Caixa descobriu que o dono tinha um problema na justiça e não quis mais bancar o financiamento. Porque disse que ele podia perder esse apartamento...aí, a gente foi atrás de um outro. Sim! Isso foi na minha segunda gravidez. Eu tava grávida! Eu tava certa que ia ficar nesse apartamento, que não deu certo, tal! Aí, foi quando apareceu esse, que é o que eu moro em Parnamirim. Que é bem menor do que o em que a gente morava, mas a gente disse assim: não! A gente vai pra esse...era bem localizado, também! E, depois, a gente resolve, porque não dava mais pra esperar! A gente fez o parto da minha filha em casa, com uma parteira!

E – Foi?

L – Foi!

E – O primeiro também?

L – Não! O primeiro não nasceu em casa, porque eu não tinha muita experiência! Tinha acabado de entrar no mundo da macrobiótica (Lúcia)! Mas, João, ficou na sala de parto, foi quem pegou ele, foi quem cuidou dele! Que, no final, as enfermeiras pensavam que ele era o pediatra (rs)!

E – (rs) Ele nasceu onde?

L – Numa maternidade que tinha aqui! Bem simplesinha, aqui que a gente escolheu, foi atrás! Porque, naquela época, não tinha muito isso! Em casa, parto natural, as maternidades não eram tão abertas ao pai tá na sala de parto, participando! Isso aí, a gente tinha uma médica, a minha ginecologista, que era bem aberta! Ela só não quis fazer o parto em casa! Mas, ela concordou com muita coisa que a gente queria e permitiu que ele ficasse na sala de parto...

E – Até hoje, você não acha que eles (os profissionais de saúde) ainda são muito reticentes a isso?

L – Mas aí, hoje, já tem um trabalho bem mais amplo de divulgação disso. Hoje já existem equipes, existe enfermeiro, médico, que faz parto em casa, mas é caríssimo! Na época, foi uma parteira! A gente chamou uma parteira que já tinha feito partos de outras pessoas que a gente conhecia, aí foi ela que acompanhou!

E – E quais são as idades deles?

L – Meu filho mais velho nasceu há 34 anos! E a menina tem 26! Aí, quando João terminou de limpar ele, disse assim: ‘pronto, vou levar ele pro quarto!’ Aí, a enfermeira disse assim: ‘pro quarto, doutor? Não vai pro berçário?’ ‘Não, eu não sou o doutor! Eu sou o pai e ele não vai pro berçário, não! Ele vai pro quarto!’ (rs)

E – Então, você já tinha me dito: que ele era mineiro, que tinha vindo de São Paulo, tinha estudado com o Prof. Tomio, tudo! Mas, então, ele tinha bem forte essa coisa dos princípios da macrobiótica!?

L – Tinha! Forte! Ele tinha uma segurança muito grande e me passava muita segurança!

E – Deixa eu te perguntar uma coisa: permaneceu alguma coisa da sua formação original como engenheira, hoje? E, se permaneceu, o quê?

L – Essas coisas me atraem, essa parte da engenharia, até hoje é uma coisa que eu gosto! Isso, até na administração do restaurante me ajuda!

E – Como?

L – Assim, as decisões! É, as coisas que tem que ser resolvidas! (por exemplo) Quebra uma coisa, eu tenho que consertar essa coisa! Como? Vamos tentar! Vamos chamar! Vamos resolver! Vamos consertar! Eu pego, eu subo escada, eu troco uma lâmpada, entende? Então, assim, eu sou muito...lógico que, podendo chamar uma pessoa, eu chamo! Elias, ele é muito prático! Elias faz de um tudo aqui também, entende? Elias faz serviço de pedreiro, faz serviço de encanador, faz serviço de eletricista! A gente só usa mão de obra de terceiros quando é uma coisa mais elaborada, mais demorada, que ele não tem tempo. Mas, Hélio é muito prático e faz de tudo um pouco! Coisa que a gente precisa aqui, ele faz! Conserta um telhado, coisa simples, ele faz! Até teve um ano que quem pintou o restaurante, foi Hélio! Ele contratou um ajudante, lógico! Contratou um ajudante, mas a gente já tinha chamado um pintor, que fez um serviço porcária que só tinha dado dor-de-cabeça, daí a gente resolveu fazer!

E – Entendi!

L – Entende? Assim, Hélio é uma pessoa muito prática em tudo, eu também tenho uma certa noção de como funciona as coisas, de decisão, de perceber a situação, né? Da parte do meu curso de engenharia, é um curso que me é muito útil! Ele me deu uma visão de como lidar com os relacionamentos, eu vejo pra decidir as coisas, até pra administrar ele me ajuda muito!

E – Como?

L – O que eu aprendi, entende? O curso de engenharia é muito mental, ele é muito cálculo, muito raciocínio!

E – Então, você acha que essa parte de raciocínio foi que lhe ajudou?

L – De raciocínio! E a parte de ter o restaurante, de estar fazendo um trabalho que é uma alimentação saudável, que tá trazendo uma coisa boa pras pessoas, isso também me atrai! Gosto! Me sinto bem!

E – Essa parte eu entendi! Era a questão mesmo dessa formação original, como engenheira, que eu queria saber o que é que tinha ficado pra você. O que tu achava que te acompanhava até hoje, daí você explicou que era essa parte do raciocínio. Como era a tua rotina de vida, quando você trabalhava como engenheira?

L – Pois é! Analisando direitinho, não mudou muito em termos de qualidade de vida! Porque uma das coisas que me fez sentir atraída pela macrobiótica seria a qualidade de vida. Porque, como engenheira, eu saía de casa de manhã, trabalhava em outra cidade, né? E aí, uma das coisas que meu marido reclamava e me cobrava todo dia, era que eu saía de casa de manhã e só voltava à noite! Passava o dia fora de casa.

E – Pegava teus filhos já dormindo, assim, quando você chegava?

L – É...até dois anos e meio da idade do meu filho, eu morava vizinho da minha mãe! Era um muro que separava a gente!

E – Mas não era aqui no Centro? E era casa?

L – É! Era um vila que tem aqui na Riachuelo. Uma vila bem simpaticazinha! Se você for aqui pela Rua do Riachuelo, cruza a Gervásio Pires? Tem esse prédio grande da esquina?

Você vai encontrar um segundo prédio, o terceiro, após o terceiro prédio, você entrando do lado dele você vai encontrar essa vila. É um oásis aqui na Boa Vista! Passe lá um dia que você vai ver! Todo mundo fica admirado! Já saiu até reportagem no jornal com ele. Aí, eu passava o dia fora de casa, porque era longe, não podia nem vir aqui. Até dois anos e meio, meu filho ficou lá com minha mãe. Minhas irmãs solteiras, o sobrinho mais velho! O neto mais velho, né? Aí, depois ele começou a ir pra uma escolinha. E começou nessa escola e o restaurante aqui perto. Então, quem levava e ia buscar era João, na escola.

E – Entendi!

L – Mas, aconteceu também o seguinte: João, ele voltou a estudar depois que a gente casou. Quando ele morava em Minas, ele tinha começado um curso técnico em Ouro Preto, muito bom que tinha na época, de mineração. Mas não concluiu. Aí, foi morar em São Paulo, atrás dessa coisa da macrobiótica, de morar em comunidade, essa coisa toda. Quem teve uma experiência, eu não digo *hippie*, mas de morar em comunidade, foi ele!

E – Certo!

L – Até que quando a gente se conheceu, que se casou, ele decidiu que ia voltar a estudar. Fez agronomia na Rural.

E – Certo! Fez vestibular?

L – Fez cursinho, fez vestibular! Porque ele tinha uma base boa e era estudioso, gostava de estudar. Fez o primeiro vestibular, passou! Quando ele abriu o restaurante, ele tava estudando. Elias, quando a gente conheceu Elias ele tinha catorze anos. Ele trabalhava num outro restaurante daqui, que foi o restaurante que eu conheci João. Elias era um menino! Aí, Elias ele seguiu a vida dele a gente seguiu a da gente...mas quando João abriu o restaurante, era o maior sufoco! Porque ele saía do restaurante, ia pra faculdade, voltava, deixava os funcionários aqui sozinhos. Ele era muito assim, acreditava muito nas pessoas, dava muita confiança! Aí, um belo dia, ele se encontrou com Elias. Elias estava sem trabalhar, ele contratou Elias, ele tá aqui até hoje!

E – E Elias trabalhava, na verdade, nesse outro restaurante, que foi onde você conheceu João?

L – Não, na época, é...ele foi! Ele foi ajudar! Ele era um menino, ele tinha catorze anos! É porque um dos donos do restaurante conhecia a mãe de Elias, que trabalhava como doméstica na casa da família dele. Aí, Elias ficou lá. Depois o restaurante fechou, Elias foi fazer outra coisa na vida. Aí, com dezoito anos, encontrou com João e com a gente. Aí, ele ficou por aqui.

E – Tá certo! É, eu vou começar a lhe fazer algumas perguntas ligadas à imaginação. Você consegue imaginar o que poderia ter acontecido se você tivesse continuado a trabalhar como engenheira elétrica? Aqui não há resposta certa ou errada, é um exercício de imaginação mesmo. Eu quero que você se projete e se imagine.

L – Isso até eu já fiz! Porque, quando João faleceu, eu tinha que decidir se ia continuar com o restaurante ou se voltava pra engenharia. Inclusive, esse professor, que me apoiou muito, ele não se conformava de eu ter deixado a engenharia. Ele vivia me criticando pra eu voltar. Eu pensei em voltar! Mas, assim, é porque eu achava engenharia...e é! Não é que eu achava! É uma profissão muito masculinizante! Muito, como é que eu digo, assim, é...muito

dura, você lidava muito...porque você lida do peão ao diretor da fábrica. E eu tive essa experiência como estagiária, porque eu coordenava a peãozada e respondia a um diretor. Ficava entre os dois assim. Me atraiu, assim! Não é que eu não...(gostasse)! Tinha mais essa questão de horário, de trabalhar longe, essa coisa toda! Mas eu acho que eu teria me dado bem profissionalmente!

E – Tu acha que teria mudado o quê em você?

L – Em termos de qualidade de vida, assim! Não sei, é... se eu teria descoberto as coisas que eu descobri, na vida espiritual, entende? E essas coisas mais humanas! Eu acho que engenharia não é tão humano.

E – Certo! Entendi!

L – Essa parte de humanidade, de relações com as pessoas! Eu sou muito, assim, eu me envolvo muito! Emocionalmente com as pessoas! Eu não sei lidar com uma pessoa e não me envolver. Aqui, as funcionárias têm um problema, quando eu vejo, já estou resolvendo o problema delas! Porque, se eu vejo, assim, a pessoa tá com um problema! Eu sei... o caminho que eu posso ajudar, eu não consigo ficar parada, sem me envolver! E, outra coisa, é isso que eu já lhe disse, assim, eu misturo muito essa parte de gestão com essa parte humana. Que isso não dá certo! Termina dando confusão!

E – Mas, mesmo assim, você faz?

L – Faço! Porque eu não consigo ver uma pessoa precisando de uma coisa e eu posso ajudar e não ajudar!

E – Então, tu acha que muitas dessas experiências espirituais e humanas, tu não teria vivido?

L – Não! Acho que não!

E – É...eu vou fazer uma pergunta que você já mais ou menos respondeu, mas eu queria deixar mais explícita: o que é que lhe incomodava, no trabalho como engenheira, e que lhe fez mudar totalmente o seu caminho? Agora, você pense isso com bem carinho, assim! (rs)

L – Ó, vê! Na época que eu decidi sair, é...tinha duas coisas muito importantes! Uma coisa que João ficava...ele não dizia: SAIA! Mas ele ficava me mostrando que o trabalho era muito desgastante, não era vitalizante, eu tava deixando de viver com o meu filho, eu tava deixando de cuidar da alimentação e eu tava deixando de fazer coisas que eram mais vitalizantes! E a empresa passou por umas mudanças gerenciais, de gestão, porque chegou um pessoal lá, que foi contratado pra dar uma assessoria, assim, que veio de fora, de São Paulo, de Minas e se sentiam muito arrogantes, muito superiores! E parecia que havia um problema maior comigo, por eu ser mulher, entende? Aí, eu comecei a ter problemas de relacionamento com chefia!

E – Certo!

L – Aí, então, eu pensei: não! Porque é que eu vou ficar aqui, se eu tenho uma oportunidade pra não ficar? Ficar se sentindo mal! Aí, foi uma questão muito de relações de ambiente de trabalho.

E – Entendi! É, você começou a se ligar à macrobiótica antes mesmo de procurar o restaurante em que você conheceu João? Que você disse que foi a primeira vez? Você

já tinha ido em outro? Porque você leu aquela reportagem do Pasquim, não foi? Com o Zanata, não era?

L – É! Flávio Zanatta!

E – Flávio Zanatta. Mas você começou a se ligar nisso antes mesmo de procurar o restaurante? Ou você começou a se ligar nisso, sei lá! Durante a faculdade, alguma coisa assim?

L – Não! Quando eu descobri a macrobiótica, nessa reportagem... aqui junto tinha um... na verdade, era o mesmo restaurante... não! Era outro! Tinha um outro restaurante aqui na esquina.

E – Você morava aqui no Centro, né?

L – Eu morava aqui pertinho. Passava na calçada do restaurante todo dia. Uma vez eu senti curiosidade, entrei, comi, mas não me senti atraída e deixei pra lá. Aí, depois que eu li a reportagem: ah! Esse negócio é interessante! Aí, eu descobri que tinha o outro aqui. Ah! Eu vou aproveitar e vou lá pra ver! Aí, foi que eu comecei a ir. E conheci outras pessoas, o movimento tava bem mais intenso! Não era só alimentação, era um critério de vida. Essa coisa toda que era a macrobiótica! Aí, eu fui descobrindo aos poucos. Aí, foi quando eu conheci João e pronto! A coisa aconteceu! Mas nunca tinha procurado antes não!

E – Então, essa leitura do Pasquim não aconteceu quando você ainda tava na faculdade? Ela aconteceu depois?

L – Foi no final. Foi no último ano da faculdade.

E – Foi no último ano da faculdade?

L – Foi! Não! Peraí, deixa eu raciocinar. Não! Eu encontrei João em 80, final de 80. Eu tava trabalhando. Eu tinha terminado a faculdade e tava trabalhando.

E – Já tava na XXX?

L – Não! Tava na primeira firma que eu trabalhei.

E – Entendi! E disso aí, dessa leitura da reportagem do Pasquim, você nessa época...reformulando, nessa época você já começou a se sentir incomodada com a condição de vida que você levava?

L – Ó! Na verdade, eu comecei a sentir quando eu terminei o curso! Porque, como engenharia é um curso muito cartesiano, muito matemático, eu comecei a questionar, sentir falta (de algo mais humano e espiritual), foi quando eu pensei em trabalhar no movimento de D. Hélder, na época. Mas, aí não deu certo.

E – Por que não deu certo?

L – Eu procurei uma vez, aí eu não consegui falar com ele. Depois teve uma reunião e...assim, não apareceu uma pessoa que me atraísse, que me estimulasse!

E – Entendi! Entendi! Então, desde o final da faculdade, você já questionava isso?

L – Já questionava! A qualidade de vida, o estilo de vida.

E – Olha só! Na primeira entrevista, você me falou que a macrobiótica era uma coisa diferente e que lhe chamou a atenção essa coisa diferente. E o que que, exatamente, você definiria como diferente? O que era essa diferença pra você?

L – Era exatamente essa preocupação! Valorização mais dessa parte da qualidade de vida! Por exemplo, é...ela falava da importância da família, da mãe cuidar do filho, cuidar da alimentação, não nesse sentido...porque as pessoas confundem muito essa coisa de: ‘não, que agora vai ter que só ficar na cozinha, vai só cozinhar!’ Não! Não é por aí! Mas, assim, uma coisa que eu sempre achei, é...hoje até eu dizer isso, se eu for dizer isso no movimento feminista, eu vou sair até apanhada, mas...e hoje a gente vê que tá tendo...porque primeiro houve uma grande repressão da mulher, aí veio o movimento feminista que...aí, eu acho que descambou muito pro outro lado, a mulher negou muito a sua origem, a sua ordem na natureza mesmo, a sua função! Porque eu acredito que na vida, homem e mulher tem mesmo as suas funções determinadas. Não que seja uma melhor e outra pior! Mas, se complementam por conta disso! Eles são diferentes fisicamente, em todos os sentidos. Essa diferença que, quer dizer, que é...não é porque um é melhor do que o outro, não! Então, a macrobiótica valorizava muito essa questão da mulher como mãe, como provedora do alimento da família, do orientar e isso me sensibilizou. Foi quando eu percebi que era uma coisa que me atraía!

E – Você começou a conhecer esses princípios, que são princípios da macrobiótica?

L – São!

E – E aí, você começou a conhecer a macrobiótica?

L – Na verdade, são princípios da macrobiótica, mas são princípios da vida! A partir do momento que você vai olhar, assim, a partir do momento que a natureza deu o dom à mulher de gerar, né? A vida! Já tá mostrando ali o que é!

E – Então, você já achava isso antes de conhecer a macrobiótica?

L – Não, a macrobiótica despertou isso em mim! Acho que eu tinha essa sensibilidade...despertou em mim! Eu acho que essa insatisfação que eu tinha, era intuitivamente, sei lá! Uma coisa que eu trazia comigo, mas...

Eu tinha uma mãe muito feminina! Minha mãe era uma pessoa, assim, com pouca formação ééé... ela tinha, vamos dizer, no máximo, até o quarto ano. Ela até uma época voltou a estudar, estimulada pelo meu pai, começou a ter aulas particulares com uma professora. Ela era bem simples, mas ela era bem feminina! Assim, bem intuitiva mesmo! Bem dedicada à família! Ela fazia tudo aquilo com muito carinho, com muito amor! Então, ela nunca passou pra gente revolta nem reclamação, não! Ela cuidava dos filhos! Primeiro que era muito menino: cinco mais dois, sete. Sempre tinha uma prima morando com a gente, então era uma casa cheia de criança! E, meu pai, era bem mais velho do que ela. E, assim, os dois se gostavam muito (exprime um certo sentimento de nostalgia na voz), se davam muito bem e passou pra gente, ela passou pra gente de fazer isso com naturalidade, com amor, com carinho, sem nenhuma revolta, sem nunca tá reclamando, sem nunca tá se lamentando. Quando meu pai morreu, ela se dedicou à gente. Então, eu acho que é essa coisa, essa exemplo!

E – Todos os teus irmãos se formaram, fizeram faculdade?

L – Os dois mais velhos, que foram morar com a gente, não. Mas um, na verdade, um não se formou porque o seguinte: ele veio pra Recife estudar, porque ele queria fazer medicina, isso bem antes de mim. Acho que uns três anos antes. Quando ele tava aqui fazendo

o cursinho pra medicina, ele passou no concurso do Banco do Brasil. Naquela época, nos anos 70, você passar num concurso do Banco do Brasil era uma coisa fantástica, não é? Aí, ficou a grande dúvida, porque ele passou e chamaram ele pra trabalhar numa cidade do interior. Aí, ele decidiu: não, eu vou! Não vou perder essa oportunidade! Ele já tinha trabalhado num banco em Caruaru, num cargo tipo menor aprendiz, porque ele não tinha 18 anos na época. Era uma pessoa amiga do meu pai que tinha arranjado pra ele, então ele já tinha experiência. Daí ele fez o concurso do Banco, ficou aguardando e, enquanto isso, foi fazer o cursinho pra medicina. Saiu o banco, ele foi atrás. E ele fez carreira no Banco, se deu muito bem! Conseguiu uma posição muito boa no Banco. Por que? O que foi que ele fez? Ele ia pra onde ninguém queria ir. Ele gostava do trabalho e ia pros interior. Ia pro Mato Grosso, foi pra Goiás. Terminou a vida dele em Goiás. E ele casou com uma pessoa que depois também entrou no Banco do Brasil, os dois fizeram carreira no Banco do Brasil. Ele terminou em Goiânia, ainda mora lá hoje. Ele chefiava o setor de computação do Banco todo, na época. Tinha um nomezinho que eles dão, eu esqueci. Tinha até um lugar desse aqui na Imbiribeira. Assim, ele fez a carreira dele no Banco, se deu muito bem, alcançou tudo o que ele quis e se desenvolveu no Banco. Aí, se aposentou cedo!

E – Porque começou a trabalhar cedo, né?

L – É! E ele projetou isso, assim, ele trabalhava muito! Ele trabalhou muito, mas ele fez um plano na vida dele de trabalhar bem muito e depois se aposentar e curtir a vida.

E – E os outros irmãos?

L – Aí, o outro não se formou, mas já faleceu.

E – Esse que foi do Banco do Brasil, tá vivo ainda?

L – Tá vivo! Mora em Goiânia. E, aí lá de casa eu fiz engenharia, minha segunda irmã ela queria medicina, tentou duas vezes e não conseguiu, aí casou, voltou pra Caruaru e começou a estudar lá. A terceira fez contabilidade, a quarta engenharia civil e o meu irmão mais novo não fez curso superior, não.

E – Certo! Mas ele trabalha?

L – Trabalha. Porque minha é...eu tenho um cunhado que tem uma transportadora em Caruaru e ele trabalha com eles na transportadora.

E – Quando seu pai faleceu e sua mãe veio pra cá, ela ficou como pensionista?

L – Foi.

E – Ela não foi trabalhar fora e nem nada?

L – Não.

E – Deixa eu te perguntar uma coisa, você conhecia o professor Tomio Kikuchi antes de conhecer o João?

L – Não! Eu conheci ele através de João.

E – Agora deixa eu te fazer uma pergunta naquela *vibe* da imaginação, se você não tivesse conhecido João, você teria começado um restaurante macrobiótico? E mais, assim, você teria ido à frente com essa ideia da macrobiótica?

L – Ó, assim... descobrir macrobiótica teve muito a ver com ele, claro! Como eu o conheci, como ele passou pra mim, porque a macrobiótica é uma filosofia. São ensinamentos orientais que, se eu tivesse descoberto através de outra (pessoa)... não sei, fica difícil de dizer!

Eu acho que abrir o restaurante, teve muito a ver com ele! Muito o estímulo dele com o que ele quis!

E – Porque (você falou antes) era um sonho de vocês dois.

L – Porque ele passou pra mim, assim, antes da gente abrir aqui junto, ele já tinha participado de um restaurante com uns amigos, numa sociedade. Eu não tinha me envolvido, mas aí a sociedade terminou, não deu certo.

E – Isso já aqui em Recife?

L – Já aqui em Recife.

E – Vocês já estavam casados?

L – Já.

E – Mas, então, como você já falou assim, que você já tinha essa coisa meio intuitiva, você acha que teria seguido a macrobiótica?

L – Éééé... abrir restaurante eu não sei! Mas me envolver com os ensinamentos, teria me envolvido!

E – O restaurante, tu acha que não?

L – É, porque o restaurante foi um estímulo muito grande dele, né? Não sei! Porque, como eu te disse, ele abriu uma sociedade que não deu certo, tava parada e foi quando nós abrimos o restaurante.

E – Mas, aí, tu acha que continuaria como engenheira? Conhecendo o que você conhece, você seguiria com a macrobiótica, mas continuaria trabalhando como engenheira?

L – Fica difícil de dizer! (rs) Não consigo imaginar, não! Eu acho que eu trabalharia um tempo. Como eu trabalhei, mesmo casada com ele, tudo. Ainda trabalhei!

E – Você mencionou também que algumas pessoas ficavam incomodadas quando você começou na macrobiótica. Porque você disse que as pessoas se sentiam incomodadas quando viam você comer diferente daquilo que as pessoas usualmente comem, porque quando você faz uma coisa diferente normalmente você incomoda. E aí, como era esse incômodo das pessoas? Como é que você se sentia quando começou a seguir os princípios da macrobiótica? Era fácil? Você não ficava tentada a comer um pedaço de carne, por exemplo?

L – Não, veja, o que acontece é o seguinte: hoje, eu comparo muito o movimento vegano de hoje com o movimento macrobiótico dos anos 70. Certo? E, assim, hoje, com o amadurecimento, com tudo a gente descobre o que na vida? A gente descobre que as grandes mudanças no mundo vêm através da juventude, do questionamento da juventude.

E – Certo!

L – Certo? É uma fase de vida. Você vem, você chega na juventude e você começa a questionar os padrões que existem. Então, quem fez as grandes mudanças, foi através da juventude! Isso é uma coisa da humanidade, do ser humano! Então, se você ver, os jovens é que começam as mudanças, com os questionamentos, né? Aí, o mundo nos anos 70 tava passando por todas aquelas mudanças, o movimento *hippie*, essa coisa toda pós-guerra do Vietnã e aquela é... aproximação do Oriente com o Ocidente. Porque o Oriente é um outro mundo totalmente diferente, né? Uma cultura milenar, em que as coisas foram se conhecendo.

Que, na verdade, são ensinamentos do ser humano, da humanidade, mas só que é questão de civilização. A civilização do Oriente é uma coisa e a do Ocidente é outra. O Oriente bem mais voltado para a evolução espiritual e o Ocidente não tá nem aí, pra isso!

E – Como era esse incômodo, assim? Você chegou a mencionar que a sua mãe, logo no começo não gostava muito da ideia. Mas eu não entendi que ela botou barreiras, assim.

L – Não, pois é! Minha mãe era o seguinte, todo mundo diz assim... até hoje os veganos enfrentam dificuldade. Se você disser que não come carne, isso pras pessoas é um absurdo! Até cientificamente se prova que você tem que comer carne, essa coisa toda! Se bem que hoje, o mundo científico, já está percebendo muito é...como é que se diz, o valor, a necessidade da qualidade da alimentação! A coisa já tá bem mais ampla. Aí você, nos anos 70: não! Não vou mais comer carne! Vou comer só arroz integral! Que não era fácil de ser comprado. Então, você estava fazendo uma coisa totalmente diferente do padrão, começava a chamar a atenção! As pessoas começavam a questionar. Tá doida? Aí, era enquadrado como *hippie*! Todo mundo começava a dizer: É! Virou *hippie*! Porque esse movimento veio com o movimento *hippie*. Com todo aquele questionamento da juventude dos anos 60, assim, essa coisa toda. Quer dizer, é essa questão! Aí, minha mãe: “mas como assim, você não quer comer carne? Eu lhe criei você comendo isso e agora você não quer mais comer, não sei o quê?” Só que ela falou, mas ela resolveu ajudar. Porque eu ia pro trabalho, eu levava marmita que ela preparava! Eu não fui tão radical porque, por exemplo, carne vermelha eu deixei de comer com a maior facilidade, realmente eu não sentia atração. Mas eu comia peixe, como como até hoje e comia galinha de capoeira. A coisa mais difícil pra mim de desapegar, as coisas doces, o açúcar. Mas, hoje, eu como menos e já sinto os efeitos. Então, minha mãe começou a me ajudar, a cozinhar e fazia a minha marmita que eu levava pra XXX. Eu chamava a atenção, porque eu levava a minha marmita e uma garrafa de chá! E, todo mundo tinha a cultura do cafezinho, né? No ambiente de trabalho! E eu nunca gostei muito de café, eu tomava pouco café. Daí, eu levava uma garrafa de chá e acontecia uma coisa muito engraçada: às vezes as pessoas estavam doentes, com uma indisposição digestiva ou meio gripada, aí dizia: “vamos lá na sala de Lúcianita, que lá tem um chazinho!” Aí, iam atrás do chá! (rs)

E – Tomavam o chá que você levava.

L – Aí, ficavam dizendo que eu comia só mato, que não sei o quê! Essa coisa toda. Mas, por exemplo, dia de sexta-feira, o grupo saía pra almoçar junto ou no final do expediente, tomar uma cervejinha, eu ia!! Porque teve gente que virava macrobiótico e se isolava. Então, as pessoas diziam que quem virava macrobiótico ficava antissocial, porque as pessoas se isolavam! E eu procurei sempre ter cuidado com isso!

E – Era o caso de João, por exemplo?

L – Não! João ele era muito assim...não! Ele não era...ele não se isolava! Ele se envolvia muito com as pessoas! Ele podia passar a noite com você, você bebendo e ele não bebia, e isso não incomodava ele! Você podia comer carne...você vê quando a gente tava junto com a minha família. Minha família, altos churrascos, muita bebida, a gente fazia churrasco de peixe pra gente. O pessoal lá comendo carne, comia carne pra caramba, mas a

gente não se incomodava, não deixava de ir. Ficava uma disputa...porque João fumava, então, ninguém entendia isso. Ele já tinha deixado de fumar, mas tinha voltado a fumar. E ele ficava perturbando as minhas irmãs: “deixe de comer carne! Deixe de comer açúcar”, essas coisas assim. Aí, minha irmã vivia desafiando ele: “se você deixar de fumar, eu deixo”! Essas coisas assim. Mas, ééé...eu não quis me isolar, eu não deixei de conviver. Primeiro, que a minha família era grande! Também por causa disso. Aí, minha mãe começou a apoiar. Inclusive, por causa disso, assim, na casa dela, quando meus filhos nasceram, ela deixou de botar carne no feijão que era pra eles poderem comer também. Mas aí, depois, ela passou a comer arroz integral. Ela gostava da comida também. Ela comia!

E – Não tinha problema de comer?

L – Não!

E – Agora, assim, as amizades. No trabalho, a galera aceitava numa boa. Achava meio estranho, mas aceitava. E de outras amizades, assim?

L – Não, em todo local chamava a atenção! “Porque que você não come isso, não come aquilo?” Aí, tinham as pessoas que se atraíam, mas a gente tinha um grupo macrobiótico grande também, que convivia, fazia as atividades, fazia atividade com criança, palestra, seminário, aula de culinária, tudo. Então, tinha um universo macrobiótico grande, né?

E – Então, tinha pessoas sempre que você convivia que compartilhavam da macrobiótica?

L – É! Não era isolado! A escola do professor, que a gente ia uma vez por ano lá em São Paulo, passava oito dias lá. Tinha um mundo, um universo macrobiótico. E, no outro universo, as pessoas sempre questionavam, perguntavam: “ah! Não come açúcar, não sei o quê!” Mas, só que hoje, se você vai ver hoje existem vários, até no site aí eu falo, vários tipos de alimentação: vegetariana, vegana, outras. E, hoje, a ciência já estimula e mostra a importância de uma alimentação saudável pras pessoas. Porque a alimentação que o mundo vende hoje, não é alimento, é produto! Esses tipos todos de doença, a medicina avançou muito, mas também tem muitas doenças. As pessoas são doentes! Pare e pense, você aí, assim! No seu universo familiar e de amigos, quantas pessoas você conhece que estão com algum problema de saúde? Diabetes, hipertensão, câncer, não sei o quê! Pronto! Veja esse universo, como é, como é doente! Mesmo com todos os avanços da medicina, as pessoas hoje tomam remédio por brincadeira, vitamina disso, vitamina daquilo! Depende muito da indústria farmacêutica! Quando não devia ser assim! Não nego a ciência! Não nego os avanços, mas, a coisa está muito descontrolada! Só que, por outro lado, existe um movimento grande mostrando que a qualidade da alimentação é algo muito importante!

E – Entendi! Então, me diz uma coisa, ééé...você também tem amizades que não seguem a macrobiótica? Não tá nem aí pra macrobiótica?

L – Conheço! Tenho muitas pessoas amigas, tenho a minha família, tem os amigos que foram do trabalho. Tanto tenho amigos macrobióticos como não macrobióticos.

E – Tem mais alguém da tua família que seja macrobiótica?

L – Não! Que seja como eu, não! Mas que vai na minha casa, come e gosta da comida, todos!

E – Todo mundo, né?

L – E os meus amigos, a maioria, hoje por obrigação, reconhece o valor dessa alimentação. Quando vão na minha casa que comem o que eu ofereço, gostam, elogiam e, mas também na casa deles é churrasco, essas coisas assim (rsrs).

E – Então, não são só macrobióticos?

L – Não, eu não tenho amigos só macrobióticos.

E – Ééé... deixa eu te fazer uma outra pergunta, nem teus filhos são mais macrobióticos?

L – Meus filhos? São! É... minha filha é mais! Minha filha é controlada, ela come... ela agora não quer nem comer peixe! Não quer comer leite e seus derivados. Ela come queijo de vez em quando! Mas não quer nem comer peixe. Eu acho que ela tá indo muito pelo lado vegano, sabe? Ela é muito sensível com a alimentação, entendeu? Ela cuida bem da alimentação. Por exemplo, quando ela viajou, ela fez um Ciência Sem Fronteiras e passou um ano na Inglaterra, em Londres. Ela levou na mala dela uma panela de pressão, arroz, *shoyu* e chás. Porque não sabia o que é que ia encontrar lá, pelo menos até ela se situar. Aí, levou. E lá, ela ficou num alojamento muito bom da faculdade que ela foi estudar lá e que tinha uma cozinha. Aí, assim, ela estudando não ia comer todo dia na rua. Então, ela é que cozinhava a comida dela. Muito cereal, muita verdura, tudo assim. O meu filho, ele é que está mais distante. Mas ainda gosta do arroz integral, das coisas. Mas, na casa dele, ele não cozinha, depende da mulher! Mas carne ele não come. Eles têm a base!

E – Agora ela é que segue mais.

L – Ela é que se sensibilizou mais e que segue mais.

E – Agora uma curiosidade minha mesmo: qual a diferença de vegetariano pra vegano?

L – É o seguinte: porque o vegano, e acontece um negócio engraçado com o vegano. Quer dizer, não é engraçado. É até meio perigoso. Eu até já conversei com alguns deles. O vegano, o objetivo dele é defender os animais! O objetivo do movimento vegano é defender os animais em todos os sentidos, em todas as (esferas, dimensões). Não só o alimento animal! Mas o animal... ó, eles provam até pra você, que você ter um cachorro de estimação é uma exploração do animal. Pra você satisfazer o seu ego, o seu desejo, você vai estar sacrificando, tirando o animal do habitat normal dele. Então, o objetivo do vegano, **nada animal**: mel, roupa de origem animal, nada, nada animal. Então, o movimento deles é esse! Consequentemente, passa pela alimentação, não comer nenhuma proteína animal. Então, quando eles vão procurar, encontram vegetariano, macrobiótico, essas coisas. Terminam comendo, porque são veganos. Mas eles não se preocupam muito! Eles comem açúcar, comem produto industrializado. Alguns se sensibilizam e fazem uma alimentação mais vegetariana e mais macrobiótica. Mas o objetivo do vegano não é o principal defender uma alimentação de qualidade, é defender o animal.

E – Entendi agora!

L – E o vegetariano ele... tem o ovo lácteo vegetariano, que usa ovo e leite. Tem o lácteo. Tem o que não come nenhuma proteína animal, que é o vegano. E o macrobiótico é baseado nos princípios que eu já lhe expliquei.

E – Você tinha algum tipo de sentimento negativo, alguma coisa assim. Algum conflito pessoal, que a macrobiótica te ajudou a resolver? Alguma coisa que você trouxesse dentro de você. Tipo assim: ‘eu tô achando que esse mundo tá indo pra um lado e eu tô indo pra outro’? Alguma coisa assim, que a macrobiótica ajudou a resolver?

L – (silêncio) Engraçado! Não! Uma coisa forte, não. Porque João falava eee... geralmente descobrem, descobria a macrobiótica quem tava com algum problema na vida muito forte. Ou de saúde, tinha as pessoas que entravam na macrobiótica por problemas de saúde ou, por exemplo, os *hippies*, os jovens que questionavam o Sistema, que não estavam satisfeitos. Que estavam completamente à margem do Sistema. Quando eu conheci João, ele não tinha nenhuma relação com o Sistema. Tava totalmente independente! Ééé... não tinha grandes problemas pra ter descoberto a macrobiótica assim. Não foi por problemas, não.

E – Entendi!

L – A coisa aconteceu, eu me senti atraída, ela respondia às minhas dúvidas. Por exemplo, hoje, eu pratico, eu gosto muito da meditação. Faço parte de um grupo de estudo de meditação. Essas coisas sempre me atraíram. Ééé... e yoga! Meditação e yoga são coisas que me atraem e me respondem as minhas necessidades, assim, os meus questionamentos. Yoga através da movimentação, da respiração. A meditação que faz muitos estudos. Mas ainda eu acho que... porque por exemplo, você faz yoga com o objetivo de desenvolver, de se elevar espiritualmente, essa coisa toda. Porque a maioria das pessoas que fazem yoga, elas são vegetarianas. Geralmente, quando você vai sensibilizando, você vai perdendo a atração e vai vendo que não tem a necessidade de tá comendo animais, não é? Isso é uma coisa que acontece espontaneamente. Ééé... a meditação, quando você começa a meditar, quando você medita, você vai tendo outras percepções, enxergando outras coisas, vai sensibilizando mesmo.

E – Você faz meditação todo dia?

L – Não. Todo dia, não. Eu faço parte de um grupo, que eu consigo ir uma vez por semana. E, quando eu posso, em casa, eu faço. Mas eu não consigo fazer meditação todo dia, não. Acontece nesse grupo uma coisa muito interessante. Eu gosto, assim. A gente faz uns encontros de um dia de silêncio! Você vai passar um dia em silêncio! Quando eu fui a primeira vez, eu fiquei curiosa. Poxa, eu não conseguia imaginar passar um dia em silêncio, sem falar nada. Como é isso? Aí, eu vou que eu quero ver como é essa história. Tem um orientador, do grupo né? E a gente, realmente, fica em silêncio, fazendo vários exercícios de meditação, tem várias formas de meditar. E, ele lê algum texto. Sei lá! A gente fica em silêncio, mas é interessante! É muito curioso! A gente chega lá, a gente cada um leva um prato, a gente vai almoçar, tudo sem falar! É muito interessante!

E – Qual é a intenção?

L – A intenção, é porque é o seguinte: a mente da gente, ela tá o tempo todo em atividade! E, pra você perceber outras coisas, outras dimensões, você tem que acalmar a mente. Pra poder abrir os canais da percepção. Quando você fica, já deve ter acontecido com você assim, aquele momento de descanso, que pára a mente, sem estar preocupado com nada!

E – É raro!

L – É raro! Mas, não é, assim, prazeroso, você sentir assim? Ter um descanso, sem nada na cabeça, sem estar pensando em nada. Você se sente bem, sente qualquer coisa que...

E – É essa a ideia?

L – A ideia é você se sensibilizar pra poder perceber outras coisas. Você melhora, você acalma, você entende melhor as pessoas, você se relaciona melhor, você muda!

E – O Centro ainda se reúne? Ainda está ativo?

L – Não! O Centro está muito precário. Tá numa época muito difícil, visse? Assim...

E – Quando eu vim da primeira vez, vocês já faziam um tempo que não se reuniam.

L – É! Teve um seminário esse ano com o professor Kikuchi. Aí, foi bem estimulante, foi muito bom! Se falou muito no passado, na renovação! Mas, o pessoal se espalhou de novo. Não tem um líder! Tá faltando uma liderança! Quem funcionaria como líder, quem funcionou durante uma época e que poderia ser, era Ronaldo. Mas, tá (parado). Existem as pessoas, a gente se encontra, conversa, sabe das coisas, mas não tá fazendo atividades, tá cada um pro seu lado.

E – Como é que você se sentiria se você fosse obrigada, por alguma razão, a abandonar seus princípios da macrobiótica?

L – Eu não abandonaria (rs)!

E – Você não conseguiria abandonar?

L – Não! Vê bem! Porque a macrobiótica, como eu falei aí, ela não é só a parte física, né? Ela é mente, física e sentimento. É um critério de vida que envolve a parte física, que envolve essa parte gastronômica. Então, a parte gastronômica da macrobiótica hoje, no mundo todo, nos apresenta opções. Quando a gente chega, são opções que a gente tem que fazer, em qualquer lugar que você chega. Se você não tem arroz integral, mas tem arroz branco, você não come a carne, evitar produtos industrializados, comer mais orgânicos. Quer dizer, isso já é um critério que tá no mundo! Se eu for, por algum motivo, eu for ter que fazer uma alimentação... que vai ser até difícil disso acontecer! Porque eu acho que em todo o canto você encontra coisas que eu acho que você pode, pode não ser arroz integral, pode não ser do jeito que eu faço, mas eu acho que existem opções saudáveis, que dá pra você comer. Porque se for comer, por exemplo, se for comer carne todo dia, feijão, arroz, coisa industrializada, pão, essas coisas, eu vou ficar doente! Com certeza! Meu organismo não vai aguentar. Ó, existe uma coisa muito interessante, o Ministério da Saúde lançou, está no site do Ministério e eu salvei ali no meu computador, o Guia Alimentar para a População Brasileira. Você precisa ver isso! Eu vou mandar pra você! O Ministério da Saúde classificou os alimentos em ultraprocessados, semi-processados e processados, que são os alimentos industrializados. O Ministério da Saúde está indicando que as pessoas comprem os alimentos mais in natura, vá pras feiras livres, cozinhe em casa, comam em boa companhia, controlem o sal, controle o açúcar, não tá falando de comida macrobiótica, mas tá falando demais da qualidade dos alimentos. Está aí, no site do Ministério da Saúde! Quando eu vi o negócio, eu não acreditei! Mas, por que isso aconteceu? Porque eles gastam muito dinheiro com obesidade, com diabetes, com hipertensão. E a ciência, hoje, já provou que a qualidade da alimentação tem a ver com saúde **(fala batendo na mesa a cada palavra da frase)**. E que a alimentação

industrializada não faz bem ao seu corpo. Porque uma coisa é você comer de vez em quando, outra coisa é você comer todo dia. É muito diferente!

E – Entendi!

L – Eu morro de pena quando eu vejo uma criança que come todo dia biscoito, refrigerante, sanduíche, presunto, queijo, essas coisas que as pessoas compram. Eu tenho uma sobrinha-neta, (que só come) sanduíche: presunto, queijo, pão branco. Vai almoçar, carne, arroz branco, come pouca verdura refrigerante, essas coisas. Porque, isso, você comer eventualmente, é uma coisa. Agora, ser diariamente, é outra coisa.

E – A macrobiótica tem algum princípio religioso, ou não?

L – Não! De religião, não fala em nada. Agora, eu, me sinto muito atraída pelo zen-budismo. Pelo budismo. Porque, na verdade, como tudo isso é oriental, as coisas são muito parecidas, né? Eu acredito que, existe uma energia, uma coisa superior a nós aqui, ao ser humano, uma ordem! Pra mim, o que existe superior é a ordem na natureza! Existe uma ordem na natureza! Tá aí. O dia, a noite e a gente girando em torno do sol, a gente na distância certa, na velocidade certa, a lua, os ciclos da natureza. Isso é uma ordem da natureza! Isso é a força maior que gera a gente. Isso tem uma energia, que quando a gente já nasce, a gente absorve essa energia. Através dos alimentos, da respiração. Eu acredito nisso! Eu acho que isso, ééé... quer a gente queira, não queira, isso está ao redor da gente. Não tem como o ser humano escapar disso. Inclusive, eu fiz, não sei se eu disse isso aí, mas eu fiz astronomia.

E – Não me lembro de você ter falado disso, não.

L – Eu fiz recentemente. Há uns quatro anos que eu tô envolvida com astronomia. Fazendo cursos de astronomia básica. Inclusive na Rural, no Departamento de Física. Eu fiz dois cursos com o professor de lá. E esse ano, agora em outubro, eu tive uma experiência maravilhosa, quando ele levou a gente pra conhecer o telescópio de Itacuruba. Porque tem um telescópio em Itacuruba, no Sertão.

E – Não sabia.

L – Do Observatório Nacional! E ele conseguiu uma visita e levou um ônibus com cinquenta e cinco estudantes. E eu fui. Foi a coisa mais linda que eu já vi na minha vida! Quando anoitece, o céu fica totalmente sem nenhuma nuvem! Só estrelas! Você vê a Via Láctea, assim! É, quando você vê um negócio desse, é quando você vê como essa coisa é imensa e o quanto a gente...

E – Na verdade é pequeno.

L – É pequeno. Então, ééé... é nisso que eu acredito: nas relações! Assim, você... respeitar o próximo, preservar a vida, entende? A questão de... a meditação ajuda muito isso, a gente a perceber mais o outro, respeitar mais a diversidade, as pessoas. Ainda ontem, na reunião da gente se falou da história... porque o grupo da gente faz assim, escolhe, por mês assim, um autor. Tem vários autores, né? Pra gente estudar textos deles. Aí, começa a estudar e começa a falar da questão do julgamento, como você gosta de julgar as pessoas. Se fala muito das relações humanas. De como você ver o outro e de como você se relacionar com o outro.

E – Certo! Como é que você vê sua relação com João?

L – Com João?

E – **É! Além do fato dele ter sido seu esposo, tal. Nessa visão maior, mais ampla. Nessa interconexão. Como é que você vê, o que foi essa relação?**

L – Eu acho que teve uma coisa muito forte! Foi uma coisa muito forte! São essas coisas que eu acho que, na vida não tem explicação, que acontece, né? Eu não sei se... eu não acho que a gente vem com uma história já determinada, não. Eu acho que a gente... existem as heranças genéticas, porque nós somos frutos de quantas pessoas que vieram atrás da gente, né? Então, e essas energias vão passando. Do mesmo jeito que é a genética física, lá atrás! Dez pessoas antes do seu tataravô! Você vê que foi vindo, foi vindo, foi vindo! Quer dizer, alguma coisa tem ainda na parte física, genética. E tem também nessa parte de sensibilidade, espiritualidade. Na meditação, fala muito da memória celular das coisas. Na sua célula fica a memória da sua parte espiritual, energética! Da energia! Porque a gente é energia mesmo! O que é que você é? Você é energia que a gente não enxerga, mas que é, existe! Entende? Está fluindo aí, aqui uma energia!

E – **Então, você acha que a sua energia, de alguma forma, estava em contato com a dele?**

L – É! Então, o que eu acho é que a gente tinha uma história, que a gente tinha que se encontrar e se encontrou! Como ele dizia: era a metade dele e a metade minha. Não tem como partir no meio (rs). E aí, vai seguindo, né?

E – **Você tem algum ritual, ligado à macrobiótica, que você pratica assim? Tanto aqui no restaurante como na sua vida.**

L – Não. Porque a macrobiótica, na verdade, ela não tem nada a ver com religião. Só se disser assim, rituais é o quê? A meditação, a forma de se alimentar, fazer os exercícios. Quatro coisas básicas que eu aplico no dia-a-dia.

E – **Você faz exercícios físicos, por exemplo, diariamente?**

L – Não faço todo dia. Porque, quatro coisas, assim, bem básicas da macrobiótica que é: alimentação... veja bem, a gente tá falando isso, mas a gente macrobiótico, a gente não é perfeito. Nem consegue fazer as coisas sempre exatamente como tem que ser feitas, né? Em termos de alimentação, tem gente que é macrobiótico que come carne, tem gente que não come. Eu, eu Lúcia, carne vermelha eu não sinto a menor atração. E olhe, eu vou lhe dizer uma coisa, na minha família, na minha casa, antes de virar macrobiótica, eu era a mais carnívora. Não sinto. Como peixe, mas eu consigo passar a semana sem comer peixe. Não me faz falta. Como uma galinha de capoeira, quando eu vou na casa das minhas irmãs no interior. Como um pedacinho, já me satisfaz, entende?

E – **Entendi.**

L – O açúcar, porque o açúcar é uma droga, vicia! Mas refrigerante, bolo, essas coisas assim, só muito eventualmente.

E – **Quais são mesmo os quatro princípios básicos? É a alimentação...**

L – Então! É a alimentação, que ninguém pode comer por você. Movimentação, aí, o que é que eu faço de movimentação, eu consigo fazer yoga duas vezes por semana. E em casa, quando dá tempo eu também faço. Eu misturo, movimentos de yoga com os da ritmoprática e com movimentos de respiração. Eu consigo fazer mais ou menos uma meia hora de manhã

isso. Então, eu me preocupo com a movimentação. Ééé... a respiração! E o pensamento! Então, se você consegue fazer isso independente de ser macrobiótico ou não, seguindo critérios que a vida vai lhe mostrando que são saudáveis no seu dia a dia, você vai ver uma resposta na sua qualidade de vida.

E – Entendi! Agora uma outra pergunta: se você tivesse decidido fechar o restaurante, quando João faleceu, qual era o outro caminho que você gostaria de ter seguido?

L – Se eu tivesse fechado o restaurante, eu tinha voltado pra engenharia. Que era o que eu tinha, que era uma ferramenta que eu tinha pra voltar pro mercado de trabalho, era a engenharia. Talvez eu fosse me dedicar à parte de ensino.

E – Não mais voltar pra o chão de fábrica?

L – Não. Porque na época era um trabalho muito desgastante, entende? Mas, todo bom engenheiro, pra você ser um bom engenheiro, você precisa ter prática. Esse professor me dizia, se você começa a fazer projeto sem ter prática, isso eu acho que em todas as profissões. A prática do dia-a-dia é importante. Você não pode querer ficar num bom escritório de engenharia, se você não tem um bom conhecimento de campo. Você até fica. Eu digo isso pelos projetos que, às vezes, chegava lá na XXX. Fizeram uma ampliação, aí os caras faziam uns projetos que, quando a gente ia fazer, executar o projeto, nunca era do jeito que tava. Porque não dava pra fazer, tinha que mudar. Mas isso é em tudo, geralmente, né? Na vida, em tudo. Eu iria pra engenharia.

E – Então, se você tivesse decidido fechar?

L – Teria ido pra engenharia. Mas ia continuar praticando!

E – Quería que você me falasse um pouco como foi que você fez pra orientar seus filhos dentro dos princípios da macrobiótica. Criança, às vezes é chata pra comer, como é que você fez?

L – Mas é porque é assim, foi tudo muito espontâneo. Por que? Porque a gente fazia!

E – Vocês mesmos praticavam em casa, não é?

L – É! E João tinha até uma, assim, uma segurança maior. Passou isso pra eles. No dia-a-dia lá em casa era esse. Chegava na casa da minha mãe, ficava nas reuniões de família, a gente não ia comer carne. A gente não ia, aos extremos. Entende?

E – Ou seja, o que você fazia em casa, você mantinha pra onde quer que eles fossem?

L – É. Não vou dizer a você que não comiam um doce, que não tomavam um refrigerante, João tomava uma cervejinha, essas coisas assim. Mas ééé... uma coisa mais social, mais eventualmente. Mas, a base, era a alimentação macrobiótica. Então, eles sentiam atração? Eles sentiam. Mas a gente tinha umas estratégias: enchia a barriga deles antes de ir pras festas (rs). Eles gostavam de bombom. Pegavam as caixinhas de lembrancinha, mas eles não comiam. Porque criança, em aniversário, ela mais brinca do que come. Pode observar. E eles, quando iam comer, eles perguntavam: “mãe, isso tem carne? Posso comer”? Já vinham perguntar. Agora o doce, eles adoravam. Aí, quando a gente chegava em casa, a gente fazia: “vamos pegar essa caixinha, que é que vocês gostam mais? Que é que vocês querem”? Porque, às vezes, às vezes não, é um exagero! É uma bomba de açúcar pras crianças. Então,

escolham. Aí, eles escolhiam e a gente dizia: “então, pronto. Isso daqui a gente vai dar”. Aí, eles escolhiam. Às vezes, olha lá em casa já aconteceu de ficar guardado na geladeira, um ano, ovo de páscoa e ninguém comeu. Porque a minha família era grande e tinha vezes de sair mais de dez ovos de páscoa. Aí, a gente fez isso umas duas vezes: “vamos escolher o que é que vocês querem e vamos dar isso às crianças da rua”. Aí, fazia. Aí, guardava na geladeira. Teve um ano, que dois ovos de páscoa passou um ano na geladeira e no outro ano a gente jogou fora. Agora, uma vez, minha filha deu um xeque-mate na gente. A gente chegou e disse pra eles escolherem e que o resto a gente ia dar: “se isso não é bom, por que vocês vão dar pra outra criança”? (rs). Aí, eu disse: ‘é! Você tá certa! Então, vamos jogar é no lixo’. Aí, joguei no lixo. Veja o que é criança?

E – É. Quem pensa que criança é besta, tá enganado.

L – Se isso não é legal, por que é que você vai dar pra uma criança?

E – O que é que eles acham do restaurante? Seu filho e sua filha. Seu filho é formado em administração, né?

L – É. Não, meu filho acha que, em termos de negócio, o restaurante é um fiasco. Inclusive, ele já ficou um tempo aqui comigo. Ele gostaria, eu sei que ele gostaria, de ver o restaurante bem-sucedido. Porque, assim, é a história do pai dele, é a história da gente. Ele não nega isso aqui. Ele sabe da importância disso, ele não nega. Mas ele fica muito chateado, porque essa situação difícil, graças a alguns erros administrativos meus. Mas ele gostaria de ver o restaurante com sucesso. Mas ele acha que o restaurante é um fiasco de negócio.

E – E ela?

L – E a minha filha, ela gosta do restaurante. Ela se preocupa às vezes comigo, porque se o restaurante fechar eu vou ter que parar, aí que eu vou fazer o quê, como é que eu vou ficar. Eles tem um sentimento pelo restaurante. Nem poderiam deixar de ter, porque eles acompanharam a história do restaurante, a dedicação de João, essa coisa toda.

E – Deixa eu te fazer outra pergunta: vamos dizer que você tivesse dinheiro pra encerrar, pagar as indenizações todas, tal. Você fecharia o restaurante?

L – Eu ando pensando nisso. Porque, a minha última ideia tem sido o seguinte: cozinha é muito desgastante! E mais uma cozinha diferente como a minha, que é preciso ensinar as pessoas, convencer pra elas fazerem assim. Você dá as costas elas acham que é do jeito delas, que não pode ser daquele mesmo jeito que você ensinou. E, ééé... ultimamente isso tem sido muito cansativo, sem falar nessa parte de material, né? Eu já pensei em encerrar a parte de cozinha e ficar só a parte de loja.

E – Certo.

L – Mas, vendo a possibilidade de depois não ficar, assim, sem um produto alimentício. Como pão, pastelaria, coisas que envolvam menos a parte diária da cozinha. Que envolvam menos mão de obra. Tem essa questão do público que, às vezes, também é muito desgastante. Outra falha! Minha! Como é que você tem um cliente, ele vem aqui quase que todo dia, anos. Querendo ou não, a gente conversa, a gente se conhece e terminando você se envolve emocionalmente com os clientes também. Tem uns que ééé... assim, como é que se diz, também se sensibilizam, lhe respeitam. Mas tem outros que, às vezes, quando parte pra esse negócio de dinheiro: “eu tô pagando, não sei o quê”! Essas coisas assim. Na realidade, eu

não posso reclamar dos meus clientes, não. A maioria são clientes irmãos. Eu posso considerar assim. Tem clientes muito antigos, que se envolvem com as dificuldades, que querem ajudar, essa coisa toda. É assim, eu penso em parar, mas pra fazer uma coisa mais calma, mais tranquila.

E – Mas não deixar de ter o negócio?

L – Não. Não deixaria, não. Até fazer um trabalho social, ir ensinar as pessoas. Mas, sempre voltado pra qualidade de alimentação. Orientar as pessoas em qualidade de alimentação. Tá surgindo aí um movimento orgânico. Um movimento grande atualmente, né? Eu tenho que voltar urgente a dar aula de culinária, as pessoas tão pedindo muito. A gente já deu aula aqui no restaurante.

E – Foi. Você me falou.

L – Investir nisso.

E – Tem alguma coisa da memória do João que você também quer preservar no restaurante?

L – Porque, na verdade, o restaurante é uma expressão de João! É difícil desligar assim. Lógico, ele não tá aqui há muito tempo. Teve muita mudança, tudo. Mas isso aqui, essa história é a dele também. Não tem como desmanchar. Às vezes, as pessoas ficam, assim, até achando que... é que, quando uma pessoa morre, as pessoas ficam querendo esquecer. Sei lá! É um negócio meio estranho! Eu acho. O fato de eu falar dele, muitas pessoas acham que eu estou sofrendo, me amarrando, mas não. Como é que eu vou esquecer, deixar de falar do pai dos meus filhos?

E – Entendi.

L – Eu posso ter outros relacionamentos, mas é o pai dos meus filhos. No mínimo, é o pai dos meus filhos! Como é que eu vou esquecer um negócio desse, como é que eu vou apagar isso? Não existe!

E – Eu estou entendendo. Agora tem uma pergunta que eu queria lhe fazer, você teve outros relacionamentos?

L – Não. Não, assim, muito pouco. Porque eu sempre fui muito... não sei se a palavra é exigente. Eu sempre fui muito seletiva nos meus relacionamentos. Antes do João, na verdade, eu só tinha tido dois namorados. Ninguém até acredita. Porque, eu estudava numa faculdade de engenharia, cheio de homem. E eu vivia num universo muito grande. Das três mulheres, eu era a que mais saía nas confraternizações, ia sempre no barzinho vizinho da faculdade tomar uma cervejinha, eu era sempre a que mais participava, essa coisa toda. Mas, antes de namorar com João, eu tive dois namorados. E, assim, porque eu não conseguia... hoje, na minha época não tinha essa história de ficar, essa coisa toda. Mas tinha muitos amigos, fiz muitas amizades da faculdade. Que tenho até hoje! Casais, assim. Pessoas amigas, assim, muito próximas da faculdade, homens, que a amizade se mantém até hoje.

E – Se mantém até hoje?

L – Se mantém até hoje! Conheceram João, a gente saía junto, essa coisa toda. Aí, conheci João. João era uma pessoa muito especial! Não apareceu nenhuma pessoa que me atraísse, assim, que eu quisesse. E, também, em termos de, assim... quando você tem uma coisa muito boa, tem que ter uma outra igual ou melhor, né? (rsrs) Alguma coisa por aí, assim.

Eu vou confessar uma coisa: ser só não é bom. Não é fácil. Mas eu não me entrego à solidão. E eu tô numa fase, assim, que os filhos tão no caminho, né? Aquela síndrome do ninho vazio!

E – Eles não moram mais com você?

L – Não! Não moram. Mas mora comigo um sobrinho. Ele ainda estuda, mas é aquela coisa: ele saí da manhã pra escola, depois vai trabalhar, só volta pra casa de noite, aquela coisa toda. É totalmente independente. Mas eu sou muito ativa, assim. Eu não deixo de fazer as coisas porque eu tô só. Eu vou pra cinema, eu vou pra festa, eu vou pra teatro, eu vou pra show. Hoje mesmo eu vou pra um show no Marco Zero, Deborah Colker. Eu tô muito afim de ver esse negócio aí. Tenho muitas pessoas amigas, a gente vai se encontra. Teve a MIMO (**Mostra Internacional de Música de Olinda**) no final de semana passado.

E – Foi, eu vi.

L – Pronto. Eu fui dois dias pra MIMO. Um dia eu fui com amigas, a gente se encontrou. No outro dia eu fui com a minha filha, ela veio e a gente foi. Se não tivesse ninguém, eu ia só! Eu não deixo de fazer as coisas porque eu tô só, não. Se é alguma coisa que eu gosto, eu vou pra um cinema só, pra um teatro. Porque, geralmente quando eu vou, eu encontro pessoas amigas, conhecidas, entende? Isso não me incomoda. Assim, que é bom, não é. É lógico, se eu tivesse alguém que me fizesse companhia seria bom. Mas, não deixo, não. Se eu tô afim, se eu gosto. Eu vou fazer.

E – Mete a cara e faz mesmo!

L – Vou de ônibus, vou de taxi, vou de carona, do que aparecer!

E – Vamos lá! Vamos para a última pergunta: vamos imaginar que você decidiu fechar o restaurante e vamos imaginar que estamos na primeira semana após o fechamento do restaurante, você consegue imaginar como você se sentiria sem o restaurante? (Após um período dela pensando em como responder, complementei a pergunta) Como seria sua vida sem o restaurante?

L – (Silêncio) Ééé... não, porque, quando eu fosse fechar o restaurante, eu tinha que ter um projeto (rs). Era pra fazer um projeto. Mas, não, como toda coisa... outra coisa, recentemente... esse ano foi um ano muito difícil pra mim e de muitos xeque-mates. Foi um ano que eu passei quase o ano todo pensando numa opção, em como bancar o restaurante, de como resolver esse problema. Ééé... com certeza, assim, a não ser que aconteça uma coisa muito (drástica). Pra fechar o restaurante, eu vou ter que ter uma outra opção já encaminhada, mais ou menos assim.

E – Você não queria fechar por fechar: ‘pronto! Fechei’! Você queria já ter um outro projeto?

L – Exatamente! Porque eu não quero ficar parada.

E – E você nunca pensou em outra coisa, assim, não?

L – Como eu lhe disse, qualquer coisa que eu for fazer, vai ser nessa linha de qualidade da alimentação. Por exemplo, sabe o que é uma coisa que me atrai muito? Campo! Pra eu ir morar no campo, produzir alimentos, fazer alguma coisa desse tipo. Sábado mesmo eu fiz uma visita. Porque existe um trabalho de agricultura orgânica aqui que, pra você que é administrador é interessante, o trabalho chama-se CSA: Comunidade que Sustenta a Agricultura (**o significado original da sigla é: *Community Supported Agriculture***).

E – Você já tinha falado antes. Só pensei que era CHSA, porque eu pensei que tinha o *Healthy* no meio.

L – Não. Que é um grupo de pessoas que acompanha um agricultor. Porque, você sabe, que a atividade do agricultor ela é muito vulnerável e muito sacrificada. Por exemplo, tem a feira orgânica das Graças, que é uma das primeiras feiras, que é a feira que eu faço e onde eu compro a maior parte dos produtos do restaurante. Os agricultores ficam muito vulneráveis a tempo, vender, sol, todas essas coisas podem afetar o negócio dele, essa coisa toda. Então, essa comunidade vai se juntar e vai financiar esse agricultor. Vai ter a garantia de que ele vai produzir um alimento de qualidade, com acompanhamento, com tudo. Existe um envolvimento de quem consome com quem produz. A gente vai acompanhar, entende? É esse o objetivo do CSA.

E – Certo.

L – Aí, uma pessoa aqui, que é até o marido da minha ex-professora de yoga, ele fez curso de permacultura, de agrofloresta, essa coisa toda. Compraram uma terra lá em Chá-Grande, tão morando lá e iniciou esse grupo. Olha, o grupo iniciou com dezessete pessoas, hoje tem cinquenta. São cinquenta famílias.

E – Então, todas as pessoas compram a ele?

L – É! Compra a ele! Que é assim, a gente paga por mês uma cota “X”, dessa cota, a gente tem direito a oito itens. Aí, ele oferece é... toda semana ele manda.

E – O excedente, ele pode vender fora?

L – Pode! Pode! Esse agricultor, ele faz parte da feira orgânica e abastece a gente. Só que tá chegando num ponto que ele não vai poder abastecer a feira, ele vai ficar só com a gente. (Por causa) da demanda.

E – A demanda que está muito grande.

L – E ele produz muita coisa. As folhas, cenouras, chuchu, é uns vinte itens que ele oferece toda semana.

E – Quanto é que você paga por mês?

L – Ó, tá sendo uns R\$ 130,00 por mês. Cento e trinta reais, dividido por semana, isso dá trinta e poucos reais. Dividido trinta e poucos por oito itens, dá uns quatro reais por cada item. Mais ou menos o preço de mercado. Agora, nisso aí tá incluído transporte, tá incluída uma taxa administrativa, tá incluída uma reserva que a gente faz. Que usou essa reserva recentemente pra construir uma estufa lá pra melhorar, entende? Então, é uma coisa que isso tem... começou lá em Botucatu, na universidade de Botucatu em Bauru. Esse ano veio até um dos coordenadores, a nível de Brasil, veio aqui visitar a gente. Fez uma visita, teve um encontro com ele. Aí, tem esse intercâmbio. A gente vai lá visitar, conhecer, ver a necessidade dele, o que é que precisa fazer, pra ele conhecer a gente. É uma coisa que fica bem humanizada. Domingo foi um dia de visitas, até.

E – Entendi. E aí, de repente, você pensava num projeto desse?

L – Aí, eu sou muito de... eu gostaria de, que era um sonho de João. João foi fazer agronomia porque o sonho dele era produzir alimentos de qualidade. O restaurante já tava pequeno pra ele. Ele já tava já querendo mais outras coisas mais. Já achava pouco.

E – E aí, é essa ideia que hoje tá se implantando?

L – É! Eu gostaria de mexer, assim, com alguma coisa que fosse produzir alimentos de qualidade, entende? Mas é difícil, visse? É muito trabalho. Quando a gente chega lá que vê o que é que ele faz, o que é que ele não faz. Plantar, colher, tratar, botar água. É trabalho! É muito trabalho. E é a família toda. Engraçado que eles são três famílias. É o tio, o sobrinho e agora o marido da filha. Os três homens, mas as mulheres tudo trabalham também no campo. A terra deles é uma terra boa, com água, bem interessante o trabalho deles.

APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS DE CLÁUDIO

Transcrição 1ª Entrevista - Cláudio

Participante

A presente entrevista foi realizada com Cláudio. Ele é músico e possui três empresas, atuando nos ramos de educação e produção musical.

Entrevistador – “Nossa pergunta inicial é essa: quando é que você pensou em ser empreendedor pela primeira vez”?

Cláudio – Rapaz, vê! Eu comecei a trabalhar com doze anos.

E – Em música?

C – Com música! Já profissionalmente, tocando na noite.

E – Tocava na noite mesmo?

C – Tocava! Já tocava guitarra. Aí, dos seis aos doze... eu comecei a estudar música aos seis anos. Dos seis aos doze, foi quando a habilidade... foi se profissionalizando. Porque eu já tinha terminado a primeira fase do conservatório.

E – Você começou aos seis anos no conservatório.

C – Com seis anos. É! Academicamente, no conservatório, com seis anos.

E – Mas antes você já estudava?

C – Já! Já estudava música. Comecei a estudar música com quatro anos. Professora de teclado, professora de piano.

E – Professora particular?

C – É! Particular. Aí, com seis anos, minha mãe me matriculou no conservatório. Aí, fui... dos seis aos doze, foi o primeiro impacto, assim, de... comecei a estudar música. Estudava oito horas por dia. Aí, fui e, já na adolescência, quando chegou com doze anos, comecei a tocar já profissionalmente, já. Aí, já tocava ééé... em grupos de música, música instrumental, na igreja, já. Aí, foi quando eu comecei a levar o negócio mais a sério já pro lado profissional. Aí, foi quando eu fui pra segunda parte do curso que, na época não tinha o curso técnico, era um curso que chamava preparatório. Que começava aos treze anos, que ia dos treze até os dezoito anos.

E – E não chamavam de técnico?

C – Não! Não tinha essa modalidade que tem hoje, de curso técnico. Era um curso de iniciação musical e depois que tinha o curso preparatório. Eram os dois cursos que o conservatório tinha.

E – E chamavam de preparatório por que era como se fosse preparatório para a universidade?

C – Não! Não era! É porque o caráter do curso era muito específico pra área da formação mesmo. Você... era um curso muito completo! Era não, é um curso muito completo! Então você via desde a parte instrumental a parte de teoria da música 1, 2, 3 e 4! Aí, harmonia 1, 2, 3 e 4! Estruturação 1, 2, 3 e 4! Música popular e folclórica! Aí, era um curso muito pesado e muito completo! Até pra idade de quem já estudava lá no conservatório. Assim, eu era adolescente, mas estudava com um cara que tinha trinta anos, quarenta anos. Entendeu?

E – Não era dividido por faixa etária?

C – Não! Não! Aí...

E – E isso foi quantos anos o preparatório? Porque dos seis aos doze foi o básico.

C – É, foi assim, iniciação musical, mas já pegava no instrumento. Já tocava, já estudava violão erudito. Aí, mais ou menos com dezoito anos foi quando... porque o curso todo nessa época durava assim, se você fizesse todas as disciplinas, todas as cadeiras, durava doze anos o curso. Você pegando gurizinho até você sair! Aí, foi quando eu decidi fazer, já cursar música mesmo, né? Terminei o ensino médio, aí já fui fazer música.

E – Isso você ainda estudava no ensino médio regular?

C – É! Já estudava e fazia essa parte de educação musical mesmo. Aí, quando eu terminei o ensino, já decidi que eu ia fazer música. Decidi fazer bacharelado. Na época, bacharelado em violão. Fiz! Aí, par e passo com isso aí eu já fui ééé...

E – Você fez bacharelado em violão onde?

C – Na UFPB (Universidade Federal da Paraíba)!

E – Morava aqui em Recife?

C – Morava aqui! Morava aqui! Mas é porque na época, por orientação do meu professor do conservatório, eu escolhi fazer lá. Mesmo com a distância. Por que? Porque o curso era mais específico e, realmente, o curso na UFPB era melhor. Sempre foi! João Pessoa, realmente, na área de música... (era melhor). Aí, eu resolvi fazer lá. Porque os professores eram melhores, meu vínculo era por lá, aí eu fiz. Fiz universidade lá, comecei. Aí, no meio do curso, o curso também era mais puxado. Aí, eu fui e decidi, na época, fui e fiz o seminário (Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil).

E – Você ficou fazendo lá e cá?

C – Foi! Eu fazia os dois juntos. Só que aí, o que é que acontece? Quando eu entrei no quartel, eu tranquei o seminário. Aí, eu já tocava na noite. Nessa época, eu já tava com dezessete... dezessete anos eu já tava tocando na noite, já. Eu já era músico profissional. E já estava tocando, assim, profissionalmente, com cachê já estabelecido, tocando com todo mundo. Aí, eu já tocava na noite em orquestra. Aí, em várias orquestras de Recife, eu já tocava. Aí, eu fui e fui fazer seminário. Quando eu fui pro seminário, aí eu fiz o ciclo, fui atééé... o terceiro ano lá do seminário. Aí, foi quando eu tranquei. Por conta da questão do quartel que não permitia ééé... você desenvolver atividade militar junto com a atividade acadêmica, de educação, porque os horários não batiam. Aí, eu fui, fiz. Aí, eu sei que eu cumpri o tempo ali no Exército, né? Como oficial R-2, quando eu terminei meu período, aí eu...

E- Quanto tempo você passou como oficial?

C – Passei seis anos! Seis anos! Eu podia ter ficado até nove, mas eu passei seis. Aí, eu sei que eu ééé... já fui, terminei, né? Terminei, saí do quartel, aí voltei pro seminário nesse período, já tinha voltado. Aí, foi que eu concluí a parte acadêmica do seminário, né? Que foi em 2008 o meu recital. Porque teve um período que eu fiquei trancado (matrícula trancada no seminário) acho que uns quatro anos. Três a quatro anos. Mas aí, quando eu voltei, retornei e voltei já com essa situação do mercado de trabalho. Assim, pronto, voltei, no caso, pras escolas de música, né? Trabalhando, trabalhei na Prefeitura de Olinda, com música também

com aula, dando aula. Trabalhei pela Prefeitura de Recife com contrato, trabalhando na Secretária de Educação da Prefeitura do Recife, na parte de educação musical. Aí, fui trabalhar na XXX aqui na Conde de Irajá. Aí, trabalhei sete anos como funcionário da escola. Aí, depois fui trabalhar, trabalhei mais sete, na XXX que fica na Rua do Futuro, como professor de violão, professor de harmonia e educação musical, com criança. Aí, quando chegou em 2009, foi quando eu decidi sair dessa parte de trabalhar em escolas privadas e contratos de trabalho com o Estado, com contrato... e decidi trabalhar só pra mim. Só que par e passo a isso eu já tinha um empreendimento que era trabalhar com áudio, junto com meu pai. Que era a coisa de sonorização. E já tinha tido, em 2005, eu montei o estúdio. Eu tenho um estúdio de gravação, um estúdio móvel. Trabalhei com esse estúdio móvel atéé... de 2005 mais ou menos atéé... 2010. Com um estúdio móvel de gravação, gravando pra todo mundo. Mas, aí, quando chegou em 2010, aí eu decidi que não queria mais trabalhar com o estúdio, porque eu também já tava vendo que tava uma queda muito grande de empreendimento na parte de sonotecnia de estúdio de gravação. Com a expansão tecnológica, todo mundo começou a gravar.

E – A galera começou a adquirir equipamento próprio?

C – A galera começou a adquirir placa de áudio, mesa de som, botar *homme studio* em casa e eu vi que só os grandes estúdios é que iam sobreviver por conta da questão do volume de trabalho que só eles podiam absorver. Aí, eu voltei a trabalhar com produção musical! Aí, eu sei que... trabalhava com estúdio e tinha esse empreendimento já com meu pai, mas não era nada profissional. Era mais, assim, só pra compor (a renda mensal). Aí, eu saí das escolas, né? Aí, fui trabalhar com educação musical. Fiz uma pós-graduação em educação musical, não é? Uma especialização em educação musical, em educação especial, pra trabalhar só com a parte de musicalização infantil e ééé... e instrumento, né? Educação musical com instrumentos. Aí foi quando eu peguei a primeira família e comecei a trabalhar em música, educação musical para famílias específicas, que tinham um poder aquisitivo classe A.

E – Certo.

C – Mas com crianças, né? Crianças e adolescentes que tinham problemas na área cognitiva e na área psíquica também, né? Na área emocional, com problema de déficit intelectual, TDAH. Ééé... síndrome de Down, autistas. Então, eu comecei a fazer esse trabalho com algumas famílias e esse, que era pra compor, por exemplo, a minha renda dos salários que eu tinha, era uma coisa extra! Aí, essa coisa extra, ela começou a tomar vulto! Aí, quando chegou em dois mil... isso eu comecei a fazer quando saí da escola... quando chegou em 2010 eu fiz um plano de negócios, pelo SEBRAE. Aí, fiz o plano de negócios, mas não coloquei a escola. Porque o sonho era fazer, trabalhar, montar uma escola, né? Num bairro mais nobre, assim. Casa Forte, Jaqueira, num deles. Aí, de 2010 até 2013, ééé... 2015, né? Depois, eu voltei, aí fiz de novo o mapeamento do plano de negócios. Aí, foi quando começou a cair o... começou a entrar a crise, não é? Crise financeira! Aí, foi o *boom* da queda pra todo mundo. Aí, eu coloquei o plano de negócios na gaveta e disse: ‘não! Vou continuar naquilo que tá dando certo’! Que era o meu negócios das minhas famílias. Só que eu tinha feito um plano de negócios em cima das minhas famílias. Das famílias da educação musical. Aí, eu tinha um plano de negócios que comportava, num primeiro momento, sete famílias, né? Mas cheguei a

ter, até 2015, doze! E, hoje, né? Eu tenho vinte e uma famílias. Com quem eu faço esse trabalho de educação musical

E- A domicílio, né?

C- É! Específico, né, e especializado nessa área. Aí, par e passo nisso aí, eu fui e montei essa empresa, que é a empresa de educação musical, que trabalha só com educação musical, com CNPJ próprio, com uma razão social só pra isso aí. Que é educação musical, só escola e montei outra empresa que é a MEI, né? Que trabalha só com produção musical, sonorização e estruturas, que essa é também uma outra microempresa que trabalha com áudio, produção e direção e montei uma segunda empresa que é a XXXX, que é uma segunda empresa, que meu pai tem e que ele é meu sócio. Então, fora educação musical, eu tenho duas empresas de áudio. Que trabalham com vertentes diferentes, que atira pra tudo quanto é lado, pronto!

E – Mas tudo dentro dessa área da música, né?

C – Produção musical, direção musical e educação musical.

E – Certo! Então, veja só, você disse que começou a aprender música por volta de quatro anos e com seis entrou no conservatório, quem foi que influenciou você?

C – Meu pai!

E – Pra entrar nisso? Ele tocava?

C – Não! Meu pai me deu um violão, eu tinha quatro anos. Eu tirei as cordas do violão que eram velhas, peguei um carretel de nylon e coloquei as cordas da minha maneira, né? E comecei a tocar, pronto (rs)!

E – Ou seja, é quase um dom.

C – Comecei a tocar! Aí, ele viu que eu tinha talento, gostava da coisa. Aí, ele pegou e disse: “vou botar ele numa aula particular”. Aí, tinha um professor, grande amigo, que depois se tornou grande amigo, que era, foi, meu primeiro professor. Ele era matemático! Aí, ele me deu aula de teclado. Só que eu não gostava de teclado. Gostava de violão! Aí, eu comecei a ééé... pegar aquilo que eu estudava no teclado e passar pro violão. Sem nunca ter tocado violão.

E – Fazia naturalmente?

C – É! Aí, o meu pai viu que o negócio era sério, ele pegou e disse: “não! Peraí! Vou comprar um violão melhor pra ele”. Aí, foi quando ele comprou o meu primeiro violão profissional, um Gianinni série Estúdio. Aí, isso eu tinha mais ou menos uns seis anos já. Aí, foi quando a minha mãe disse: “vamos atrás do Conservatório”.

E – Isso foi em que ano?

C – Isso era década de 80 pra 90. Final dos anos 80... era por aí. Eu tenho 38, tinha seis anos... trinta e dois anos atrás. Aí, o que é que aconteceu? Aí, minha mãe foi atrás do conservatório, aí eu fui, né? Aí, fui comecei e pronto! Meu incentivador maior mesmo foi meu pai e minha mãe! Que foi atrás e me matriculou e tal! E esse meu professor, né? Que eu tenho uma admiração muito grande nele, né?

E – Ele era amigo do teu pai?

C – Não! Não! Ele foi aluno da minha mãe.

E – Por que tua mãe trabalhava com o quê?

C – Porque minha mãe era professora de economia. Economia, né? E parte de Humanas, assim! História, tal!

E – Ela era professora do Estado?

C – Professora do Estado! Professora do Estadual de Beberibe!

E – Então foi através do seu pai que você entrou no Conservatório?

C – Na música! Na música!

E – Aí, ele foi vendo que dava pra coisa, tal! E como foi que começou esse negócio de tocar na noite, assim? Foi através das amizades do conservatório ou foi um negócio que você teve vontade e correu atrás?

C – Não! Rapaz, foi mais em relação à questão das amizades. Assim, pronto! Como eu tocava, era muito secura mesmo, assim... virtuoso! Pra usar uma palavra melhor! Muito virtuoso, aí eu sei que eu comecei a me destacar no lado musical, né? Ouvia muita música! Escutava todo tipo de música! Música de jazz, música sacra, brasileira, música regional. Aí, comecei a conhecer uma galera que gostava, que curti, comecei a admirar! Comecei a influenciar, no meu caso, meus primos e meu irmão. Comecei a influenciar meu irmão, Fernando! Tanto é que eu comecei a estudar música com seis anos, mas meu irmão começou a estudar música com catorze!

E – E ele era mais novo?

C – Mais novo! Fernando era o mais novo! Mas foi despertado pra música, mesmo foi com catorze anos. E quem influenciou Fernando fui eu! Fernando, hoje, ele é professor do Conservatório Pernambucano de Música, ele é professor da Escola Técnica de Atividade Musical do Recife, né? É um músico renomado! E, ele e meu primo, que também é professor de música do Conservatório, que é Waldemar, que a gente montou, que eu fui o primeiro, fui o desbravador e eles depois eles vieram, né? E eu fui orientando, fui orientando eles na música e eles foram crescendo.

E – Então, você foi a principal referência dentro da família pra essa parte de música?

C – Pra essa galera, é! Tanto pra ele, quanto pra meu irmão, pra meus dois primos, né? Que são irmãos. Pra minha prima, que é irmã dos caras (rs)! E pra minha irmã! Que é minha irmã! (rsrs) Essa galera aí!

E – Então, lá no final dos anos 80 e início dos 90, você foi lá pro conservatório. Aí, dos doze até os dezoito, ficou no conservatório.

C – É! Assim, eu ficava no conservatório, só que eu fazia já, é... porque o conservatório proporciona: o *master class*, workshop, oficinas! Assim, dentro, muito envolvido na música. Estudando e vivendo música.

E – E aí, só pra que eu possa fazer essa cronologia, como é que você foi, com quantos anos você foi pra UFPB? E, depois, quartel e tal! Você ficou na UFPB até ir pro quartel? Conta aí.

C – Vê! Em 98, é que eu fui pra universidade. Em 98! Aí, quando eu passei... aí, quando chegou em 2000, como eu tinha sido, eu fui, eu fiz... ééé... eu fui me alistar, fora do período, né?

E – Foi depois, é?

C – Foi depois! Não foi com dezoito anos, não. Aí, eu sei que eu já ééé... fui, paguei aquela taxa lá, do negócio lá do alistamento e fui me embora, né? Quando eu cheguei lá, aí... já tinha passado... porque o CPOR você tem que ser universitário, né? Aí, eu fui lá, fiz o teste e tudo, passei. Aí, eu fiz, estudei o curso de formação, né? Que é um ano. Depois, eu fiz o EI, que é o Estágio de Instrução. Depois eu fiz o EPOT, que é o Estágio Preparatório de Oficiais Temporários. Aí, foi quando eu fiquei, tive a experiência de servir como oficial do exército, no 14º Batalhão de Infantaria Motorizado, né? Aí, fiquei e...

E – Nesse tempo que você estava no quartel, você trancou a faculdade?

C – Tranquei um ano só! Tranquei um ano. Porque, nesse meio aí, eu quis fazer tudo ao mesmo tempo. Aí, não deu muito certo! O planejamento não rolou muito legal. Fazer o seminário, ficar no quartel e fazer faculdade.

E – Tudo tava junto?

C – É! É! Porque foi assim, quando eu entrei no quartel... eu terminei os estudos, eu já fui fazer vestibular. Aí, depois disso, depois de um ano... um ano e meio, dois anos, eu acho. Aí, eu tive um chamado ministerial. Aí, que foi na Igreja Congregacional, mas eu já tava vindo mesmo pra Batista. Que foi quando eu defini realmente a questão ministerial, assim, mais pesadamente assim, né? Mas a igreja que me enviou para o seminário, foi a igreja da minha mãe. A congregacional.

E – A Congregacional foi a que te enviou para o seminário?

C – Foi! Foi a que me enviou pro Seminário! Seminário Batista!

E – Batista mesmo!

C – Aí, que foi quando eu vim pra Batista. Já fiquei como sendo seminarista da igreja, né? Foi quando eu defini que realmente já tava dentro da área.

E – Então, deixa eu entender: termina os estudos, terminou o período do conservatório, você entra na UFPB.

C – Sim!

E – Certo! Aí, passa então de um a dois anos, você vai pro Exército?

C – O Exército, é! Um ano e meio mais ou menos!

E – Com um ano e meio você foi pro Exército. E o Seminário?

C – O Seminário foi quase no mesmo período do Exército. Acho que foi um semestre depois. Seis meses após.

E – E aí, tu fazia CPOR durante o dia e emendava com o Seminário?

C – Comecei a fazer! Só que aí, eu não aguentei! Entendeu? Então, assim, no ano do curso de formação, eu ainda aguentei, eu fiquei, no Seminário.

E – Tu ficou o ano todinho?

C – Fiquei! No Seminário. Nos dois, né? Mas aí, o que é que acontece, quando eu terminei...

E – Mas aí, tava trancada a UFPB?

C – Não! Tava trancada não. Ainda não. Tranquei depois.

E – E como é que tu fazia?

C – Ah! É porque na UFPB é o seguinte, o curso é muito parecido com o curso de, hoje, de licenciatura em práticas interpretativas de Belo Jardim. Eram três dias. Concentrava o

curso, até por causa do pessoal que vinha de fora, pra ficar, você concentrava o seu curso pra você ter três dias. Aí, o que é que acontece? Você salteava as disciplinas ali, pra você contemplar dentro do seu planejamento em termos de horário, de carga horária, né? Aí, foi o que eu fiz! Mas era uma loucura, pô! Porque você tinha que sair de um canto, aí tinha que sair do quartel às vezes no mesmo dia ia e voltava, voltava no outro dia, ficava aquela loucura! Pegava carona, essas coisas assim.

E – Agora por que é que tu fez questão? Teve alguma coisa assim, especial, pra você fazer questão de ficar no Exército? Porque você já se alistou tarde, assim. Teve alguma coisa assim?

C – Não! Eu pensei: ‘pô! Eu acho que vai ser uma experiência boa’! Pronto! Aí, fui lá e fiz (rsrs)! Não tava nos meus planos não, ser militar, não.

E – Não tava nos seus planos? Não tem ninguém na família? Nem nada, assim, que seja militar?

C – Não, até tem! Mas, não tava nas planos!

E – Naquela época, assim, não tinha ninguém que inspirasse?

C – Não, não! Que me influenciou nesse lado, não! Tanto é que depois que eu cheguei no quartel, aí o pessoal descobriu que eu estudava música, aí pronto! Aí: ‘pô, esse bicho aí toca violão! Vem tocar aqui pra gente’! Toca aqui no churrasco que vai ter. Toca nos cultos aqui. Essas coisas assim.

E – Entendi!

C – Mas, o lado militar, eu acho que, ele andou meio assim... passou... ele foi um caminho! Passou, pronto! Beleza! Eu tive uma experiência de vida, pronto! Mas, assim, a questão, da vocação, não! Não teve nenhuma.

E – Mesmo assim você ainda passou seis anos lá dentro?

C – Foi! No 14!

E – Mas, aí, deixa eu te fazer uma pergunta, você chegou a terminar a UFPB?

C – Terminei!

E – Terminou?!

C – Terminei!

E – Quando você veio terminar, já tinha terminado o curso de formação no Exército, tudo? Já estava no EPOT?

C – Já estava! Terminei dentro da vida militar. Terminei dentro mesmo.

E – Aí, mais uma coisa, como é que foi essa história aí que você falou do seu chamado ministerial? Você começou a tocar na igreja com que idade, como é que foi que isso se apresentou pra você? Qual foi a influência familiar?

C – Na igreja, eu comecei a tocar com... porque aqui a influência total foi da minha mãe! Ela que foi a pessoa que tomou essa parte do discipulado, essa parte cristã, né? Ela que me levou até o batismo, toda essa parte. E eu, com seis anos... assim, sem nenhum conhecimento, mais de forma inata mesmo, já tocava na igreja. Já tocava lá, com as crianças. Ia pro culto, aí ficava do lado dos caras que tocava lá. Tocava violão, contrabaixo, pegava o instrumento lá e ia na “tora”! Tocando e tocava mesmo, não tinha esse negócio, não! Aí, fui tocando e... aí, como eu fui estudando música, eu fui evoluindo muito rápido! Aí, muito novo,

eu já fui tocando em grupos. O primeiro grupo que eu toquei, eu tinha doze anos, né? Não, dez anos! Já tocava na igreja, que era um grupo chamado “Jovens de Cristo” e tinha uma galera já toda adulta, os caras já formados, casados tudo, e eu lá no meio, tocando, não é? Violão, fazendo base pros caras.

E – Com que idade?

C – Com dez anos! Aí, eu fui evoluindo muito rápido. Com doze anos, eu já comecei a tocar fazendo festa, tocando em bailinho, entendesse? Estudando muito! Aí, com catorze quinze anos, o negócio foi ficando mais sério. Com dezessete anos, eu já tava tocando pra valer mesmo! Já tava tocando! Aí, toquei, trabalhei na noite! Aí, juntou tudo isso aí. Mesmo no quartel, na época do quartel, eu tocava *freelancer* aí, né? Nunca parei de tocar, não! Tocava menos, mas tocava! Ficava tocando! Fiquei, vamos dizer, dos doze até o meu casamento, em 2005. Então, no caso, eu tinha mais ou menos quando eu casei, em 2005, há doze anos atrás, né? Eu tenho trinta e oito hoje, eu tinha vinte e seis anos.

E – Catorze anos tocando.

C – Eu tinha vinte e cinco anos. Eu fiz vinte e seis anos no ano que eu casei. Aí, quase quinze anos tocando. Toquei, aí quando chegou em 2005, mais ou menos em agosto, foi quando eu entrei de cabeça na parte acadêmica mesmo. Eu disse: ‘não, pô! Eu vou trabalhar só com educação! Só dando aula!’ Aí deixei de ser músico da noite, onde eu tinha um desgaste muito grande. Eu trabalhava de quinta a domingo. Às vezes vinha pra igreja de um baile. Trabalhava do sábado pro domingo e vinha direto pra igreja. Eu fiz muito isso, isso aconteceu muito! Aí, eu saí, ganhei muito dinheiro! Muito, não! Mas eu ganhei bem! Ganhei bem porque eu tocava muito, tocava com todo mundo. Aí, comecei a trabalhar como músico de, depois que eu saí, trabalhar só com escola, com educação musical. Só com educação musical. Trabalhava... montei o estúdio! Então, fui trabalhar com educação musical, aí depois montei o estúdio, né? Vim montando devagarinho, porque os equipamentos eram caros, né? Pra você montar um estúdio em casa, um estúdio com uma estrutura legal!

E – Então, por que você chamava de estúdio móvel?

C – Estúdio móvel porque eu tinha um equipamento, que era uma mesa digital, né? Um estúdio móvel, que eu levava pra gravar. Você queria me chamar pra gravar um coral, uma orquestra, um grupo, em qualquer lugar! Eu montava a estrutura, montava meu microfone, meu computador. A mesa de som, que era uma mesa Roland, a mesa VS 2400, que era a versão. Aí, montava e gravava! Só que eu gravava tanto no estúdio, eu tinha sala, eu tinha *house mix* e a sala, e eu também pegava esse mesmo equipamento e levava pra gravar.

E – Então, você tinha uma sala?

C – Eu tinha uma sala, eu tinha um estúdio mesmo! Dentro de casa!

E – Dentro de casa?

C – Dentro de casa! Entendeu? Eu tinha um estúdio mesmo! Uma sala de gravação, sendo que eu tinha um *house mix* pequenininho, fazia a parte de edição de tudo. Aí, fui fazendo isso. Comecei com a parte de educação, aí fiz o estúdio. Aí, já estava como ministro de música, né? Trabalhando na parte ministerial.

E – E como é que foi esse negócio, assim, trabalhava como ministro de música, mas ainda trabalhava na noite.

C – Rapaz, sempre foi tranquilo! Tranquilo!

E – **Que era mais essa coisa de poder se sustentar?**

C – Também! Com certeza! Porque, o que é que acontece? É, nunca houve um problema! Tanto é que eu posso falar tranquilamente isso aí. Meus pastores nesse período assim, nunca tiveram problema porque sabiam que eu ali tava como profissional. Nunca tiveram problema. Por exemplo, eu não deixei antes, porque antes ainda não tinha acontecido uma tranquilidade em relação à parte financeira. Por que? Porque a principal motivação de trabalhar 100% pra mim foi que trabalhando ééé... mesmo com a seguridade que um emprego público, todo mundo diz que ele tem, a rentabilidade pra um professor de educação musical, um professor, salvando as devidas proporções e as exceções... mas, assim, pra você trabalhar sendo um professor... (da rede pública de ensino) pra mim é muito complicado. Eu trabalhar 200 horas ali e o salário ficar muito irrisório pra estrutura. Então, eu comecei a ver que se eu investisse de uma forma, não só no material humano, no meu conhecimento! Mas investir no mercado de uma forma diferenciada, que é levar pras pessoas uma estrutura em que elas tivessem comodidade, mas também tivessem uma segurança que o filho dela estaria aprendendo música com uma pessoa que é o melhor! E eu levando pra eles a estrutura material, realmente física pra eles, dos instrumentos pra crianças. Quais instrumentos? Xilofone, violino, bateria digital, bateria convencional, flauta transversal, kit bandinha, escaleta. Então, levando essa estrutura, fora as apostilas, né? E levar o pacote completo para os pais, aí eu fui conquistando ali a confiança, e o boca-boca... aquilo que era um extra se tornou hoje um negócio. Se tornou um negócio! Então, eu acho que a cronologia seria ééé... eu vim da noite, né? Tive a parte acadêmica. Aí, passei a parte da experiência realmente ali, fui tocar na noite. Viver de música, realmente! Vivi quase quinze anos de música! Tocando tudo e mais um pouco. Aí, depois, entrei na parte acadêmica, depois montei a parte de produção musical. Então, essa parte de produção musical, que era estúdio, gravação, essas coisas assim. Aí, também tive um grupo! Trabalhei uns três ou quatro anos com um grupo que fazia casamentos. Produzindo a parte de casamentos, fazia cerimônia, recepção, né? Porque era mais esporádico, mas o dinheiro era um dinheiro legal. Só que também, era meio baile, né? Você ficava preso. Aí, depois de um tempo eu decidi sair porque eu ficava preso a noite toda. Me lembrou baile: tocava a madrugada todinha! Aí, quando eu saio, tem uns sete anos isso aí, né? Aí, foi quando eu casei, depois de sete anos à frente disso tudo, eu decidi sair da parte de escolas, trabalhar pros outros assim, e comecei a trabalhar pra mim! Aí, foi quando eu comecei a montar a estrutura que eu tenho há mais ou menos uns cinco anos. De 2012 pra cá, cinco anos, eu tenho a estrutura que eu tenho hoje. Estrutura estabelecida com a parte definida de custos, de investimento, de material, de público-alvo, tudo estabelecido. Aí, foi quando eu decidi em 2015 de não investir em uma escola física e preferi aprimorar a escola itinerante, pronto! Isso eu decidi! Aí, quando chegou mais ou menos em 2014, foi quando eu recebi o convite de uma das famílias, que era um cliente meu também, que foi quando eu recebi o convite pra ir trabalhar como regente do coral dos XXX (**classe profissional que não pode ser mencionada para não expor a pessoa do entrevistado**). Eu recebi esse convite originalmente em 2013, mas só quando foi em 2014 é que esse coral foi montado. Então a gente montou o coral. Que isso aí, eu vejo o seguinte, o empreendedorismo também tá aí! Ele

era meu cliente, ele e a família dele, os filhos dele, ele é uma pessoa muito decente. Ele, a esposa, todo mundo. Aí, a partir daí também foi o reconhecimento do trabalho!

E – Deixa só eu entender! Quando você tocava na noite, você tinha o valor de cachê definido, mas você não tinha nenhum vínculo empregatício com ninguém.

C – Não! Geralmente, nenhum músico de baile, músico da noite popularmente dizendo, ele tem esse vínculo. Não tem! Mas aí, o que é que acontece, você atrela duas coisas. O que é que acontece? Todo cara que é um professor, ele atrela a vida dele acadêmica do professor com a vida profissional de músico. É onde faz um extra ali, entendeu? Ele é professor de alguma instituição, mas ele também é músico profissional que legitima a profissão dele. Então, se ele for um bom músico e tocar bem, todo mundo vai querer tocar com ele. Então, o que acontece mais ou menos, é isso.

E – Então, como foi esse processo de passar a ser professor de música veio como um processo natural desse aperfeiçoamento como músico? Como é que foi?

C – Não! Sempre eu gostei de ensinar! Desde novo! Eu já tinha um desejo, assim. Não veio por acaso, não! Eu sempre quis estar à frente de alguma coisa. Estar dando aula, independente se eu não tivesse a formação, eu seria um professor autodidata, né? Eu seria aquele professor que está ali... eu seria professor por de... por vocação, pronto! Mas eu sempre quis ser professor, entendeu? Só que aí, o que é que acontece? Aí você, quando entra na questão da profissão realmente, você não tem só o lado bom. Então, eu decidi transformar o lado acadêmico ééé... não foi transformar. Eu decidi entrar mais a fundo na parte empreendedora! Uma coisa que eu acho que foi uma coisa interessante, foi que eu, eu não me recordo data, mas eu recebi uma palavra muito negativa, de uma pessoa que eu não me recordo direito quem, que me disse que eu não era empreendedor. Mas, na época que a pessoa disse isso assim, eu já tava fazendo muita coisa. Tava fazendo muita coisa! Só, que é o que é que acontece, aquilo ali ficou sendo como se fosse um combustívelzinho a mais, né? Então, desde ali, eu decidi que eu ia ver se esse negócio realmente de empreendedorismo não tá na minha veia, né? Aí, eu fui pra cima mesmo! Rapaz, vamos ver, vamos fazer e vamos fazer bem feito! Então, eu procurei me esmerar nisso aí. Por que? Porque você trabalhar com educação itinerante, entrando dentro da casa das pessoas, você tem que ser realmente douto da situação. Você entra na vida, no círculo familiar. Você começa a conhecer os problemas, começa a conhecer as dificuldades. Até porque você trabalha num quadro específico de educação, que necessita de um conhecimento técnico, né? Que você vai ter que fazer, interferir na vida geral, algo que funciona na vida do aluno. Então, se você não fizer essa leitura rápida do ambiente, do cenário, você pode perder o seu cliente. Então, eu fui crescendo e fui aprimorando isso aí e fui, até hoje tem família que já tá comigo há dez anos! Doze anos! Mesmo antes de eu definir que ia ter isso como negócio, essas famílias já eram meus alunos nas escolas que eu trabalhei. Quando eu saí da escola, essas pessoas foram pessoas que me procuraram pra que eu continuasse com elas, como professor delas: “a gente tá precisando de você! A gente não gostou do professor que ficou lá! Dá pra você fazer um trabalho”? Então, foi daí que eu comecei a fazer o trabalho, o boca-a-boca foi anunciando. Eu nunca fiz divulgação de nada, nesse nível assim, né? No início, assim, nunca fiz. Depois, aprimorei meu portfólio, um folder, release, uma divulgação mais *top*, materiais todos com uma padronagem

gráfica de apostila, de tudo. Então, hoje, o cliente me contrata, ele vai chegar e vai ser “x” aqui a mensalidade, o contrato dele, o pacote dele, mas ele vai receber a apostila. Às vezes quando ele não tem o instrumento e eu acho que, num primeiro momento... um exemplo, eu trabalho com crianças que vão de três a dezoito anos. Crianças, adolescentes e jovens. Então, quando são crianças de três a cinco anos, eu digo: ‘ó, não vamos definir o instrumento’. Mas tem que definir o instrumento, às vezes ele quer estudar violão, às vezes ele quer começar a estudar tecladinho, kit bandinha. Então, o que é que eu faço? Eu cedo esse instrumento até que ele defina, até que eu defina que ele tem autonomia pra começar a utilizar um instrumento que ele vai escolher mais na frente. Então, pedagogicamente, eu vou definir, fazer o nivelamento, quando essa criança já chega com seis ou sete anos, que é quando ela já tem uma autonomia, aí o pai vai adquirir o instrumento. Mas até lá, ele estuda com o meu instrumento.

E – Toda vez que você vai, você leva um instrumento?

C – É! Levo um instrumento, assim, a gente tem níveis de educação musical. Eu tenho estimulação musical, que é de zero a três anos. A partir de três anos, de três a cinco anos, seis anos, você tem apreciação musical. De cinco a seis, dependendo do nível cognitivo da criança e o calibre dela, né? O tamanhinho dela, aí ela já começa a estudar iniciação musical. Que já é a criança que já tem conhecimento ééé... pedagógico, já. Já começou a estudar na escolinha, já é alfabetizada, já tem uma autonomia, aí eu já faço isso. Mas até lá, até eu decidir o instrumento... porque o empreendedorismo eu acho que também tá aí. Porque, por exemplo, eu não digo pra o pai comprar o instrumento, entendeu? Eu digo a ele pra esperar, mas o filho dele não vai deixar de estudar porque eu levo a estrutura. Eu levo meu instrumento, eu deixo lá com ele e ele fica um ano, dois anos, o tempo que precisar lá, com o instrumento.

E – Cada aluno já dispõe de um instrumento pra começar a trabalhar?

C – É! Se o pai já comprou o instrumento é uma coisa! Aí, já tem o instrumento lá. Quando ele não comprou, eu tenho que fazer esse nivelamento, ir pesquisando, fazendo teste de aptidão, fazendo relatório, mandando, vendo. Aí, pronto! Aí, quando ele vem e decide comprar o instrumento, eu já recolho, mas esse instrumento já tá comigo lá. Eu não dependo, eu não vou perder o cliente porque o cara não tem o violão! Porque o cara não tem um teclado! Porque o cara não tem um violino! Porque o cara não tem uma bateria, porque o cara não tem um xilofone, porque o cara não tem uma escaleta, entendeu? O único instrumento que ele é obrigado a comprar, por orientação, é a flauta doce. Que é um instrumento musicalizador pra criança, tanto pra criança quanto pra adulto.

E – Mas o resto, todas as coisas você tem?

C – O resto eu levo! Levo tudo! Levo tudo! Vou levando e, aí, nas aulas vou pesquisando: estuda bateria, estuda violino, estuda teclado, estuda violãozinho tenor, o culelê, que é aquele violãozinho pequenininho, entendeu? Aí, vai, kit bandinha, instrumento de percussão pra criança. Aí, vem a parte de canto coral! Então, a gente vai passando por tudo. Jogos musicais, a parte de jogos! Aí, o cara vai vendo e daqui a pouco ele diz: “pronto”! Tem alunos meus que começaram comigo eram crianças, eram bebês. Hoje, o menino tá com dez, onze anos, entendeu? O grande lance é que eu relaxei já e vi que isso aí era uma coisa boa.

E – Ou seja, mesmo quando você era professor esses negócios começaram a aparecer? Aí, depois que você saiu das escolas, esse virou seu negócio principal?

C – É! Quando eu saí ele já começou, quando eu defini sair já começou a rolar. Uma, duas famílias.

E – Isso você ainda era professor nas escolas de música?

C – Era professor! Só que o que é que acontece? Quando eu defini sair, quando eu saí das escolas, aí já defini que eu ia trabalhar só com essa parte.

E – Porque você já tinha clientes.

C – Já tinha dois clientes, entendeu? Desses dois clientes, aí, gerou todo o resto que eu tenho hoje.

E – Agora dexia eu lhe perguntar uma outra coisa, como é que surgiu essa vertente do empreendedorismo social?

C – É, pronto! Aí, eu acho que já é outra coisa assim! Pronto, isso aí é mais pro lado ministerial. Esse aí foi mais o lado de tentar fazer uma coisa que a igreja não tinha, né? A igreja não tinha. Ééé... trabalhava com adultos, trabalhava com jovens, não é? Mas não trabalhava com crianças.

E – Deixa eu voltar só uma coisa aqui. Você também dá aula pra adultos nessas aulas de música?

C – Dou! Mas, assim, é um contingente mínimo, no universo das famílias.

E – É mais criança, né?

C – Não chega a ser 20%. O meu nicho de mercado mesmo é só de crianças e adolescentes. É a formação mesmo.

E – Certo! Então, vamos voltar pra orquestra. Eu quero saber como se deu a orquestra. Como aconteceu a ideia inicial, como começou?

C – Ó, começou em 2007, onde eu junto com o irmão Rodrigues, que era um irmão da minha igreja, minha esposa e uma outra irmã, que era pedagoga, professora, assistente pedagógica ela, né? Fora da igreja, trabalhando na prefeitura. Mais uns meninos da igreja, a gente montou, a gente decidiu um montar um trabalho de educação musical com crianças da igreja e da comunidade. A gente começou com doze crianças. A gente não tinha flauta, não tinha instrumento nenhum. Aí, o que foi que eu fiz? Cortei uns cabinhos de vassoura, levei, fiz de baqueta, boleei uma programação que era uma gincana. Funcionava toda terça-feira, que era “Terça nobre”! E a gente fazia, metade da aula uma brincadeira, a primeira parte toda de brincadeiras: gincana, gincana bíblica, uma competição entre eles, duas equipes e tal aquela coisa toda. E a outra parte era de música. Daí, no primeiro semestre, a gente já começou logo no final do ano a gente já teve frutos, não é? Foi fazer uma apresentaçõzinha bem pequenininha de natal. Antes disso, esse início veio através de um plano que foi um plano que o pastor da minha igreja montou que foi um plano de diretrizes e metas. Foi um plano que ele fez em 2006. Que nesse plano, em linhas gerais, né? Tinha a formação de grupos, escola de música. Não tinha nome de orquestra, que é o que a gente tem hoje. Mas, tinha lá realmente uma diretriz que era: formar pós-graduados, voltado para adultos, jovens, adolescentes e crianças; criar uma escola de música pra igreja. Só que a gente fez o que? A gente extrapolou isso aí pra comunidade. A gente fez o caminho inverso. A gente foi atrás da comunidade que,

a gente já tava na igreja e a gente já tinha as crianças da igreja, então a gente foi atrás das crianças da comunidade e as crianças da igreja vieram já junto lá.

E – Vieram como um brinde? (rs)

C – É! Vieram já junto lá! Então, quando chegou essa questão já da parte social, veio muito por conta disso, né? No primeiro ano, foram doze. No segundo ano, foram cinquenta. No terceiro ano, cento e cinquenta. E a partir do quarto e do quinto ano, foi que nós chegamos a duzentas crianças, né? Cento e oitenta crianças! Em 2010, a gente já tinha chegado, quando a gente recebe o incentivo através de um empresário. Onde o nosso pastor foi atrás realmente dele, do empresário. A gente apresentou o projeto da orquestra, né? Naquele ano, em 2010, quando chegou, ele contemplou em 2010 a orquestra com os instrumentos. Foi quando a gente inaugurou o nome oficial do projeto que tem hoje. Então, a gente tava lá com a escola e já tínhamos uma orquestra, né? Embrionária. Onde a igreja deu o pontapé inicial, comprando alguns instrumentos, alguns instrumentos! Onde, alguns irmãos, como a irmã Ruth Rocha que doou o primeiro salário dela. E a gente comprou instrumentos com esse salário dela. O primeiro salário dela, ela doou pra igreja, ela fez um voto e doou pra igreja. Outra irmã, Roberta, fez a mesma coisa também. E a igreja depois começou a incentivar realmente, de forma pautada na parte orçamentária de igreja, não é? O pastor junto comigo, a gente definiu que haveria um incentivo, um subsídio da igreja, né? Isso aí foi definido e a gente começou. Mas a gente não tinha como fazer a orquestra do jeito que a gente tinha idealizado, porque o custo era muito alto, a parte instrumental. Aí, o que é que acontece? Quando chegou no mês de novembro de 2010, aconteceu isso aí.

E – O recebimento dos instrumentos aconteceu onde?

C – Foi no aniversário da igreja. Lógico que esse caminho aí ele é mais fácil de falar, entendeu? A partir de 2010, a gente já tinha a orquestra, né? A gente já começou a estruturar em 2011, a escola de música no nível que a gente tem hoje, né? Graças a Deus! E a cada ano, é aquilo que eu digo, Deus ele foi fazendo com que cada ano fosse maior, né? 2011 foi melhor que 2010, 2012 foi melhor que 2011, 2013, 2014, até chegar a 2017, que vai ser melhor que 2016. E, pronto, chegamos hoje no Porto Social, ganhando visibilidade também porque o pastor, ele inscreveu a gente no edital do ano passado. Ele foi a pessoa que foi atrás e hoje, a partir disso aí, foi que ele deu o primeiro pontapé, entregou mais uma vez na minha mão e eu tô lá fazendo essa parte de aceleração do Programa de Aceleração Musical da Orquestra. A gente chega hoje, em 2017, com uma estimativa de ter mais de 200 alunos, né? Mas muito mais organizada do que no ano passado. A gente não tem estrutura, mas tem material humano. Porque, por exemplo, nós temos um problema de alocação de sala das turmas da musicalização. Então, o empreendedorismo social eu acho que entrou por aí, assim. Foi mais aquela de querer fazer realmente algo bom pras pessoas, né? É, fazendo a ponte entre a fé, né? Aquilo que eu professo com a profissão que eu tenho, pronto! É isso aí!

E – Você falou que você começou com uns pedaços de cabos de vassoura e os meninos batendo no chão. No chão mesmo?

C – No chão! Batendo no chão! Acocorados no chão, estudavam as células rítmicas, aí depois a gente comprou trinta flautas. A gente conseguiu trinta flautas doce! Comecei a fazer um grupo de flautas doce e a gente inseriu violão. Aí, a gente começou a fazer esses três:

percussãozinha, flautinha e violão. Aí, depois, a igreja comprou uma flauta transversal e aí a gente recebeu o incentivo da irmã Ruth Rocha que, aí, a igreja comprou os três primeiros violinos, um trombone, um saxofone ou foi um teclado, com isso aí. Aí, desse pontapé aí, o pessoal foi vendo que o negócio era sério e foi investindo.

Transcrição 2ª Entrevista - Cláudio

Entrevistador – O que é que você pensava sobre se tornar empreendedor, quando você pensou em trabalhar por conta própria? Como é que foi decidir ter o próprio negócio e começar uma carreira, sem ser empregado de ninguém?

Cláudio – Marco, vê! Isso aí, foi quando... **(silêncio)** eu acho que eu nunca sonhei em atuar como... em trabalho público. Primeira coisa! Mesmo tendo trabalhado um tempo como professor de prefeitura, professor do estado; estagiário e depois como professor contratado, e depois eu trabalhei em escola particular... mas eu sempre pensei em trabalhar com o lado da educação e o lado artístico, né? Como professor, produtor de música, arranjador. E, eu acho que foi um caminho que eu escolhi e, que foi um caminho que eu não me arrependo não, velho! Apesar de, eu conhecer, né? Conhecer vários amigos, né? Inclusive da minha família: meu irmão, meu primo. Que são hoje professores de instituições públicas, né? Estatais, aí. E eu não condeno. Mas, não foi assim, o meu objetivo de vida, não. Não foi! Eu tinha muito certo uma coisa, pronto! Eu queria trabalhar com uma coisa que eu sempre sonhei, gostei eee... e o lado ministerial. Mas o lado ministerial veio, mas já vinha de antes, né? Mas, o lado da profissão mesmo. Tipo, eu quero me tornar, ter um negócio e gerenciar e trabalhar em prol dele e viver e ter sucesso, isso era o que eu pensava, que eu tinha mais como sendo o objetivo que eu tava querendo mesmo pra minha vida. Não queria ficar como servidor público, não.

E – Eu queria que você me contasse sobre o que você pensa agora sobre ser empreendedor. É como você pensava que seria ou tem algo que é diferente? Porque, muitas vezes, as pessoas têm uma ideia do que é que você deve fazer, como deve ser a vida de um empreendedor que, às vezes, quando o negócio começa, ela vê que não é nada daquilo. Então, eu queria saber se aquilo que você pensa agora sobre o que é ser empreendedor, se é do jeito que você pensava que seria ou não?

C – Sendo sincero! Hoje eu acho que houve um aprimoramento, né? Eu comecei com uma ideia bem clarificada, mas houve um aprimoramento. Que até se eu tivesse ficado da mesma maneira, com o mesmo pensamentozinho... até porque houve um tubarãozinho no aquário pra dar uma alfinetada, pra que eu saísse do lugar, eu acho, né? Vamos dizer assim, a grosso modo. Se eu tivesse permanecido com o mesmo pensamento, eu acho que eu teria me acomodado. Mas, hoje, eu ainda vejo, né? Que eu consigo me surpreender comigo mesmo (rsrs). Em relação a essa questão de ééé... sempre buscar um renovo, uma força maior que... nesse lance da criatividade do empreendedorismo, eu acho que cada vez mais eu sinto que a experiência, ela me traz mais tranquilidade pra trabalhar. Eu não me amedronto muito mais, eu não, como é que eu diria, assim? Eu não me assusto mais com as nuances do trabalho. Porque eu já sei basicamente como é que elas funcionam. O que é que acontece: como é que

eu posso fazer pra melhorar? Então, hoje, eu não tenho mais nenhuma... então, eu vejo que se eu tivesse permanecido com a mesma cabeça, eu acredito que eu tivesse estagnado, assim.

E – Mas o que é que você diz, assim, especificamente, que você acha que mudou?

C – Não! Eu acho que mudou a minha linha de pensamento. A experiência, ela me levou a ter uma certeza, assim. Porque, é como a bíblia diz, assim, porque não tem como eu não utilizar a bíblia, porque ela faz parte: “posso todas as coisas naquele que me fortalece”. Então, assim, se você não acredita no seu próprio trabalho, você não vai conseguir prestar um bom serviço e ter êxito. Então, é algo que muita gente diz: “não, se você não acredita no seu trabalho! Não sei o quê, como é que você vai vencer na vida”? É um negócio muito batido? É! Mas, na realidade, você tem que acreditar. Então, assim, pra você se levantar, você que depende exclusivamente do seu trabalho, você vender a sua própria imagem! Então, se você não acredita, você não consegue ter êxito, entendeu? E, assim, uma outra coisa também, eu acho importante, ééé... manter, durante muitos anos, uma clientela que ela, além de ser fiel ela divulgue o seu trabalho. Então, eu acho que isso aí também é um retrospecto importante, em relação à questão de você se tornar empreendedor, ter a certeza de que você tá no caminho certo, mas que você não pode se acomodar. Aquela cliente ali, você tem que botar na cabeça todo dia que ela não é pra sempre, entendeu? Mas ela é rotativa, ela chega a ser fiel, mas ela vai ter um momento que ela vai girar ali e você vai ter um grande amigo. Você vai ter uma amizade ali e essa amizade vai lhe retornar, abrindo outras portas de negócios, entendeu? Eu penso dessa forma. Que é assim, hoje eu procuro viver dessa forma assim. Sempre pensando que, pô! Hoje eu tô plantando, um dado momento as coisas vão acontecendo e você vai colhendo. Agora, vou estar muito mais preparado hoje, hoje no caso, né? Então, hoje eu tô muito mais experiente do que anos atrás. Anos atrás eu tava muito, eu dava muita cabeçada, levava muitas vezes na cabeça a questão de valores, de cobrança. Hoje em dia, eu cobro tranquilo meu trabalho. Sei quanto é que vale cada hora dedicado àquilo ali.

E – Mas, então, você considera que alguma coisa em relação à carga de trabalho, em relação às dificuldades que você ia enfrentar, você acha que as ideias que você tinha quanto a isso, mudaram?

C – Eu sempre pensei da seguinte forma, que o dinheiro só, o recurso, o lucro, só entraria mediante a questão do trabalho. Mas, assim. Sempre tive uma questão clara, assim. Uma é a questão do planejamento, visualizar os custos e reinvestir. Então, assim, tudo que eu ganho, sempre eu coloquei uma meta que era tirar um percentual pra investimento. E eu sempre contava como extra. Então, eu acho que isso também foi um diferencial. Então, até o negócio se estabelecer e se transformar, assim, de uma forma bem verdadeira, oficial! Num negócio, mesmo estando estabelecidas as questões legais, eu nunca me acomodei em pensar que aquilo ali já era um negócio sacramentado e que eu ia tirar R\$20.000 ou R\$30.000 se eu ficasse em casa, entendeu? Então, eu sempre pensei o seguinte, que pra que o dinheiro entrasse eu teria que me mover em direção àquilo que eu queria chegar. Então, hoje eu consigo, mesmo durante essa crise dos dois últimos anos aí, três últimos anos eu acho, ver que as coisas elas pra mim... eu consegui aumentos nos percentuais, em relação aos meus clientes. Tanto na parte de educação quanto na parte de produção, quanto a parte como músico, como uma empresa da área de sonotecnia. Onde eu vi concorrentes aí que tão batendo cabeça. Mas

eu ali, devagarinho, permanecendo com o preço justo, com a boa qualidade no serviço, tendo uma carteira de clientes fiéis, você consegue manter um trabalho legal.

E – Entendi.

C – Do que você quer cobrar muito! Ganhar só uma vez. Você ganha uma vez só, beleza! Mas você não vai mais fazer nenhum outro serviço pra aquele cliente ali. Vão achar que você cobrou demais. Quer dizer, vai achar que foi injusto o preço que você pagou por aquele serviço. Então, hoje o meu negócio é pautado em cima de um cálculo, que é o cálculo honesto de um serviço com qualidade. Mas eu quero mais permanecer com o cliente do que ganhar dinheiro em um único serviço. Então, assim, eu permaneço com o cliente a partir do momento que eu vejo que o preço justo ele é atrelado à questão do trabalho, do bom trabalho! A segurança que eu vou passar pro cliente que o seu produto vai chegar na sua mão intacto, que você vai receber todas as suas aulas com qualidade legal, a sua música vai sair bonita, pronto! O lance é esse aí!

E – Entendi. Quais foram os maiores desafios que você enfrentou nessa sua trajetória como empreendedor?

C – Um é o fato tempo! Fator tempo. Por que? Porque eu não vou mentir pra você que a qualidade de vida ela fica comprometida. Porque você tem que arrumar tempo pra... o boi se engorda com o olho do dono, entendeu? Então, fator tempo eu acho que é um fator, até hoje, complicado. Mesmo hoje eu tentando ser o mais organizado possível, tem horas que as agendas chocam, que fica muito complicado. Então, hoje, a qualidade de vida, pra esse lado de educação musical, músico, sonotécnico, é muito comprometida. Porque você tem que ser muito organizado. E eu aprendi dizer ‘não’! Hoje, eu não toco mais baile, não toco mais na noite, não é? Hoje, a qualidade de vida, em relação a essas questões aí, ela ficou melhor. Mas, em relação a gama de trabalho, eu acho que eu trabalho muito. Mas eu também entendo que eu acho que vai chegar um momento que eu vou tirar mais o pé. Mas ainda não chegou esse momento. Eu acho que pra mim ainda não chegou. Vai chegar! Mas eu entendo que hoje o meu trabalho é, até em certo ponto, meio desgastante.

E – E você acha que tem mais algum outro desafio?

C – Tem! Hoje, o principal desafio também é a questão de você andar na contramão do meio que a gente vive. Do meio social, a gente tem amigo, família e até outros ambientes que a gente conhece, que as pessoas só atrelam a imagem de pessoa de sucesso, na maioria das vezes, ou quando o cara tem um emprego público, quando ele fez um concurso e vai viver a vida todinha ali naquela pisadinha. Então, eu vejo que hoje, pra mim não é dificuldade nenhuma, porque eu tenho certeza daquilo que eu tô fazendo, né? Tenho certeza de que, quem me sustenta não é o dinheiro que eu ganho, e sim o Deus que eu sirvo! Isso aí eu tenho clarificado. Mas, eu vejo que Deus, ele não vai fazer aquilo que eu posso fazer. Então, pra que no futuro eu possa usufruir daquilo que eu construí, eu tenho que fazer a minha parte. Então, a minha parte hoje é trabalhar. Às vezes, hoje não! Hoje, eu vejo que tá muito bem resolvido. Mas, antes, eu vejo que era um grande desafio eu escolher aquilo que eu queria que era ser empreendedor daquilo que eu vejo ainda, né? Eu posso até me tornar, ainda, eu não sei né? Ainda, um funcionário público, não sei. No meio dessas crises aí. Mas, assim, nunca foi o meu foco! Nunca foi o meu foco. E outra coisa que eu vejo é assim, eu vejo que cada dia mais

que o meu foco tá correto! Mesmo que todo mundo diga que não, eu vejo que eu tô pensando dessa forma e minha família me apoia, né? Que é uma coisa que eu acho muito importante, né? Principalmente, dentro de casa. Minha esposa ela nunca teve, eu acho, nenhum momento de dúvida em relação a isso aí. É uma pessoa muito resolvida. Meus pais é que nunca tiveram mesmo, entendeu? Eu acho que na igreja é aquela coisa, assim, às vezes ééé... tem alguns momentos de questionamento das pessoas em não conhecer a minha vida secular. Mas isso aí, não me incomoda. Porque eu procuro não dividir a minha vida com esse lado aí, a não ser com os amigos. As minhas vitórias, devolvo todas pra Deus. Mas, então, eu sinto que os fatores de dificuldade hoje seriam tempo! Porque você administrar o tempo hoje é muito difícil, dizer 'não'! Pronto, hoje, hoje eu escolho aquilo com que eu quero trabalhar. Então, é difícil você dizer não, mas você tem que aprender a dizer 'não'! Entendeu? Mesmo que a oportunidade seja muito boa, mas você também tem que ver que você não vai poder abarcar o mundo com as pernas. Hoje, eu acho também que se manter numa linha com a qualidade de vida suficiente, pra você enxergar mais o lado também familiar, né? O lado da devoção também é importante. Porque, se você enxerga só dinheiro, números, entendeu? Você só vai viver pra dinheiro!

E – Entendi. Tem alguma experiência que você gostaria de experimentar, como empreendedor, mas que ainda não aconteceu? Porque nós costumamos criar expectativas em relação a todo caminho que a gente quer trilhar, então, a pergunta é sobre isso.

C – É! Eu queria assim, porque hoje, hoje eu queria me ver como o dono de uma escola. Eu acho que seria algo interessante. Assim, até porque eu experimentei muito o formato que eu trabalho hoje. Então, hoje, eu tenho condições de dizer que, mediante todos os formatos de escola que eu já trabalhei e o formato de educação musical, quer seja em um nível de educação musical tradicional ou num nível de educação construtivista, né? Um nível de educação tecnológica, um nível de educação social, onde você também trabalha com a falta de recursos. Então, eu sei trabalhar com a falta de recursos, usando muito a criatividade e com boa vontade. Sei trabalhar com recursos, recursos materiais, tecnológicos, educacionais de métodos e ferramentas didáticas que vão fazer com que o aluno consiga tocar, cantar, executar, gravar e produzir. Mas, eu vejo que são ferramentas que eu vejo hoje, cada dia mais, que foi a experiência que ela veio trazendo. Com muita dedicação, estudo. Então, essa formação. Curso do próprio SEBRAE, como o Próprio, o Empreendedor Cultural, né? Que são cursos importantes pra o microempresário, o empreendedor, né? Pra você se capacitar. O próprio aporte que a igreja, através do projeto social também. Não só a igreja. Mas a igreja ela fez com que também ééé... esse lado da gestão, de conseguir trabalhar com pessoas, resolver dilemas. O próprio lado ministerial também. Eu acho que foi um somatório. E hoje, eu queria me ver, assim, trabalhando nesse ramo. Tipo assim, hoje eu sou patrão de mim mesmo. E tenho uma empresa familiar com meu pai, funcionário.

E – Não é sócio?

C – Sócio... mas ele, assim, tem as divisões de tarefas. Mas ele, assim, ele é o operacional e eu faço toda a parte administrativa, de venda, de contabilidade, tudo! Mas, assim, são relações diferentes. Porque, até porque é uma empresa técnica. Você vai trabalhar

ali com a reprodução do ambiente sonoro. É diferente de você trabalhar com educação e com produção musical. Aí, eu vejo que são três vertentes totalmente diferenciadas que se interligam. Porque você pode ser um educador que pode produzir um disco do seu aluno. E pra que esse disco ele seja produzido e reproduzido, ele vai precisar de um lançamento e vai precisar de um som. E, nesse som, você também pode empreender gravando. Fazendo a gravação do show ao vivo, por exemplo. Então, é uma cadeia que você hoje não coloca os ovos só numa cesta. Então, hoje, você pega os ovos e divide em cestas e aquilo ali vai somando. Então, você vai atirando pra todos os lados que, às vezes, converge pra um foco só. Então, eu vejo que dessa forma é que eu me sustento, ajudo gente e ajudo e vou vivendo, entendeu? Com muita tranquilidade, hoje não tem muito vexame, não. Já dei cabeçada? Dei! Mas, hoje, assim, as certezas são muito maiores.

E – Você trabalha com a educação voltada pra crianças e jovens, né?

C – Isso.

E – E não é pra adultos?

C – Não, hoje eu tenho também adultos. Trabalhando também com adultos. Através dos grupos corais, né? Aulas especializadas de canto, técnica vocal e instrumentos, né? Fazendo a parte de produção também. É, às vezes um artista quer que grave um determinado disco, de uma determinada forma. Então, hoje, a minha clientela de adultos, ela até aumentou. Mas, num universo de 100%, eu diria que é um universo de 20%. São crianças e adolescentes. 20% do universo aí, das famílias, né?

E – Qual foi a experiência que você teve como empreendedor e que não foi exatamente como você esperava?

C – Olha... eu acho que... quando eu montei o *homme studio*. Eu montei um estúdio móvel, não foi exatamente como eu pensei. E por que? Porque na época estava tendo uma derrocada de todos os estúdios de forma física, né? Os estúdios de gravação. E, eu empreendi, né? Eu dei um tiro, que deu pra me sustentar durante um certo período. Mas, com o avanço da tecnologia, que cada um podia montar o seu próprio estúdio, aí só os grandes se sustentaram. Então, assim, o investimento foi até grande, mas o retorno foi mínimo, entendeu? Então, eu acho que, se você dissesse um dia assim que, meteu a cabeça num poste, foi nesse dia assim.

E – Mas, dentro da vivência, que você tem do seu negócio de hoje, tem alguma coisa que está dentro dessa experiência diária que não foi exatamente da maneira como você tava esperando?

C – Não! Não! Em relação à parte de educação, em si, não. Aí, eu acho que, assim, nunca houve uma coisa... eu acho que eu tava muito focado numa relação de desenvolver a profissão como educador nesse nicho do mercado. Pronto! Eu olhei, fui e procurei dar o melhor e o diferencial também. É passar uma segurança pro cliente no contato direto com ele. É aquela coisa, você olhar nos olhos dele, vender o produto, você é o especialista e ele é a pessoa que tá buscando a solução. Então, eu vejo que nesse nível aí, eu nunca bati com a minha cabeça num poste, não.

E – Certo. E o que é que você menos gosta na vivência como empreendedor?

C – Rapaz. Hoje eu necessito, eu já tô sentindo que eu tenho a necessidade de ter uma equipe administrativa. Hoje, o que eu menos gosto é de fazer tudo. Porque você cansa! Olhe,

é muito cansativo! Porque você tem que ter uma rotina religiosa de anotações, prestações de contas, notas fiscais, tributos, entendeu? E hoje, como são três empresas totalmente independentes, totalmente desconectadas da finalidade, é muito complicado. Então, fora isso aí o cara ainda tem a sua vida pessoal, tem a vida ministerial. Então, assim, realmente hoje eu tive que criar uma rotina. Então, assim, ééé... pronto, eu vou dar um exemplo. Eu tenho os meus clientes, que eu atendo. Então, eu tenho a rota, sei quanto eu vou gastar. Semanalmente, eu boto combustível, um exemplo, eu boto combustível pra dez dias, um exemplo. Dez, onze dias. Porque meu carro, se eu encher o tanque, eu rodo com ele até doze dias. São doze dias eu andando ali, naquela rota. O registro de todas as aulas, custos, investimentos, porque muitas vezes o cliente não tem tempo de comprar o material, o instrumento. Então, eu compro com o meu próprio recurso e sou reembolsado. E hoje não tem nenhuma crise de comprar e não receber. Mas é complicado! Então, você tem que registrar tudo, notas fiscais, aquela coisa toda. Então, a coisa que eu tenho mais dificuldade, que eu menos gosto de fazer, é depender de mim mesmo (rsrs).

E – Você pra fazer tudo!

C – Pra fazer tudo! Mas, aí, aquela coisa, você se habitua. Então, é aquela coisa, já estou vendo a necessidade, porque também cansa muito (rsrs).

E- Mas e quanto à escola, que você tinha planejado, mas que não levou adiante? Você achou que não era o momento, colocou o projeto na gaveta de novo, mas ainda tem algum sonho com isso? O que foi que te levou a não abrir a escola? Foi esse momento de crise econômica?

C – É porque, vê bem! Eu fiz o projeto da escola em 2015, mas não levei adiante. Porque eu senti que ainda não é o momento. Não só por conta da crise, mas porque talvez, seja um passo errado. Porque, eu ouvi isso de alguns consultores. No caso, Max Gheringher, ele diz que o crescimento exponencial, dos grandes negócios, vão ser os empreendedores. Então, o futuro não está nos negócios físicos, não. Então, se todo o universo, de todos os cenários, tão dizendo que o empreendedor vai ter sucesso, vai ter êxito! Isso não quer dizer que uma empresa física também não possa chegar a ter sucesso, mas esse cenário eu acho que é mais complicado. Eu acho que o sonho de ter um negócio fisicamente é pra reproduzir aquilo que eu faço hoje, com excelência! Eu acho que ainda tem uma oportunidade, uma grande chance de uma escola, mesmo que pequena. Uma escola, um centro de educação musical, ser de excelência! Mas com uma experiência, assim, com uma situação onde os resultados... a metodologia seja baseada em resultados. Um exemplo, hoje, as escolas que trabalham a educação musical, muitas delas visam a parte financeira, entendeu?

E – Você diz que elas estão preocupadas com a quantidade de alunos?

C – É! E hoje, assim, até as escolas de excelência, elas são baseadas no resultado e estigmatizam o aluno que é mais fraco, deixando esse aluno separado. Eu vejo que hoje, se eu quisesse construir a escola, eu tinha que trilhar um caminho. Então, o que é que acontece? Será que eu teria o mesmo gás, o mesmo desempenho, o mesmo foco, a mesma disciplina, dentro de uma escola física?

E – E você precisaria contratar outras pessoas.

C – Isso!

E- E na nossa primeira entrevista, você disse que já tentou colocar pessoas pra fazer esse mesmo trabalho que você faz, com a qualidade que você exige, mas não conseguiu.

C- Exato! Já! Pronto, eu acho que hoje esse impeditivo, ele também chega num ponto, assim, que eu aprendi na caminhada, que é manter o controle de qualidade. Então, por exemplo, Marcelo Garcia, ele não delegava aquilo que ele tinha certeza que tinha que passar na mão dele. Então, tem um nível muito grande de centralização. Mas, se você for olhar os grandes empresários, todos eles centralizam. Então, assim, não tem como um líder de sucesso descentralizar demais! E aí eu vejo isso, Marco! Que realmente, o empreendedor, que é um cara que vende o nome dele, que acredita naquilo que ele faz, ele não tem como passar a ideia, a bola pra outro cara dizendo: “vai, me represente aí”! O cara nunca vai conseguir representar o cara! Isso eu já ouvi de vários líderes, várias pessoas que dizem que isso não é possível. Então, o que é que acontece? Hoje, eu já tenho isso... eu já relaxei em relação a isso, pô! Hoje em dia eu... pô, velho! Eu não busco mais... ó, se eu tenho um sonho é um sonho de trabalhar ainda com um grande grupo em relação à questão da minha preparação técnica, que é regência. Mas é outra coisa! Que corre paralelo a esse lado. Mas, assim, se você disser: “ah, mas você tá feliz fazendo o que você tá fazendo”? Pô, tô cara! É cansativo? É! Mas é rentável? É! Você tem alguma coisa do que reclamar? Não! Tu entendeu? Então, é simples, pô! Eu sei que, o que é que cansa? A questão do tempo! Hoje o fator tempo. Mas isso, eu acho que todo mundo tem essa mesma dificuldade. Que é, saber administrar o tempo. Tem muitos clientes pra você dar conta, observando que cada um deles são problemas diferentes, são níveis de aprendizagem diferentes, são formas e maneiras diferentes que eles têm de adquirir o conhecimento. Então, eu acho que é mais ou menos por aí.

E – E quanto às suas perspectivas de futuro, Cláudio? Eu queria que você me falasse dos desafios que você identifica pela frente. Aí, na sua carreira eu queria que você me falasse dessas perspectivas de prazo mais curto, daqui a dois anos e um outro mais longo, daqui a cinco anos. O que pretende você fazer em sua vida daqui pra frente?

C – Olha só, Marco! Hoje, um grande desafio pra mim é saber identificar as melhores oportunidades, porque nem todas eu vou poder agarrar, entendeu? Porque hoje, graças a Deus, são tantas oportunidades, que você fica meio receoso. Aí, eu tenho que realmente parar, pensar, sabe? Ver quais são aquelas oportunidades que eu vou poder, realmente, segurar e empreender mais ainda nelas. Pra não entrar e me queimar e terminar perdendo mais ainda a qualidade de vida.

Então, assim, num futuro de curto prazo, eu quero trabalhar... não é trabalhar, porque trabalhar eu já trabalho. Eu quero empreender nesse lado de saber prestar um serviço ééé... atrelado a um lugar, pronto! Seria isso! Um lugar físico! Não uma escola, mas um centro de educação mais voltado, da forma que eu faço o trabalho hoje, itinerante. Mas de uma forma, assim, sem perder os meus clientes, né? Mas ter um lugar diferente pra fazer um trabalho mais especializado, ainda mais especializado.

E a longo prazo, cara, seria de conseguir conquistar a nível, não vou dizer a nível nacional, mas seria de levar à frente o formato do projeto de educação musical social de uma forma maior, mais ampla. Porque, assim, eu vejo que a questão do empreendedor ela está

atrelada a isso aí, também. Porque, se algumas, até o governo mesmo, instituições não governamentais também e várias internacionais, se elas entenderem que esse tipo de trabalho, ele pode, eu posso também sustentar minha família no nível excelente ééé... a partir de então. Então, assim, o investimento em até cinco anos, talvez, se eu continuar essa caminhada, mediante as propostas que eu tenho recebido, talvez que eu tenha que deixar de empreender nesse lado mais específico pra famílias e tenha que empreender pra instituições. Ensinar as pessoas a fazer aquilo que eu faço, é diferente! Eu acho que isso aí tem uma grande probabilidade de acontecer. Por que? Porque eu vejo também que as pessoas tão me cobrando muito esse objetivo.

E – Querem aprender com você.

C – “Ó, eu quero levar isso que você faz pra trabalhar comigo”! E hoje tem propostas claras, só que é aquela coisa, né? É uma questão das escolhas, entendeu? As escolhas vão trazer também consequências. Será que hoje a preparação pra eu aguentar o cipó no lombo, em relação ao comprometimento físico, mental, emocional, familiar, tá casca grossa mesmo pra suportar? Aí, eu tenho que maturar. Mas, a curto prazo, eu acho que seria empreender de forma física, quer seja grande ou pequeno, médio porte ou grande porte. E a longo prazo, ver que isso aí já tá se delineando. Eu vejo que a situação daqui a cinco anos, eu não vou estar na mesma situação que eu tô hoje, entendeu? Eu acho que eu vou estar melhor.

Transcrição 3ª Entrevista - Cláudio

Entrevistador – Eu queria que você me falasse sobre como você escolheu ser músico? O que foi que mais lhe motivou a seguir essa carreira?

Cláudio – Rapaz, vê bem! Na infância, logo quando eu ganhei o primeiro instrumento, lá atrás, eu comecei a estudar piano. Aí, fui, por conta dos meus pais, com cinco seis anos, eu ganhei um violão. Aí, eu já vi que era o instrumento que eu queria estudar realmente! À medida que eu fui estudando, quando eu cheguei dos seis aos doze anos... quando eu cheguei aos doze anos eu, praticamente, já tinha decidido que queria ser músico. E, foi uma coisa tranquila! Nunca pensei em ser outra coisa, não! Só professor e músico ou músico e professor.

E – Entendi. Agora me responde uma outra coisa, eu não entendo bem como é a formação na área de música. Você é maestro?

C – Sim!

E – Mas isso você, quando você faz o bacharelado em música, você já sai maestro?

C – Não! Não! Porque o bacharelado é um estudo em performance. Você é especialista num instrumento.

E – E, aí, o seu instrumento era o violão?

C – Violão erudito! Você é especialista. Você estuda cinco anos, dez semestres em cima do instrumento ali. Aí, mais na frente, aí você vai fazer uma licenciatura, você paga

umas cadeiras de educação. Pra você ter domínio, não só da parte ééé... performática da coisa, né? Instrumentística, ser douto no instrumento. Mas também da parte ééé... pedagógica. Aí, eu aprendi as duas coisas. Só que o que é que acontece? Eu sempre gostei de escrever no curso... o que é que acontece? Qualquer curso de música, o curso técnico, o curso do Conservatório, que é o primeiro passo, né? Você faz a parte de arranjos, orquestração, contraponto, harmonia; na faculdade você vai fazer a mesma coisa, só que você vai fazer de uma forma mais aprimorada

E – Mais aprofundada, não é?

C – É! Você vai ali destrinchar tudo aquilo que você estudou lá atrás, né?

E – No Conservatório?

C – No Conservatório. Só que aí, você já vai colocando, vai vendo e via mais ou menos delineando o caminho. Aí, eu pensei que eu queria ser um excelente músico, mas que eu também queria estar à frente de um grupo.

E – Certo.

C – Era mais ou menos assim. Eu, já na minha época de adolescência, eu já estava à frente de bandas. Aí é diferente! Aí, quando eu fui já saindo da adolescência, ficando adulto, aí eu já estava tocando na noite, liderando banda, escrevendo pra orquestra. Aí...

E – Escrevendo música?

C –Escrevendo arranjos! Arranjos, escrevendo música, definindo estilo.

E – E como é que você virou maestro?

C – Vê bem! Porque pra você virar maestro, você tem que desenvolver muitas competências. Você tem que estudar regência. Você tem que se graduar em regência. Você tem que se especializar em regência, também ééé... regência mais aprofundada, no caso. Regência de orquestra.

E – Certo.

C – Aí você tem que estudar também composição, pra você entender como é compor pra os instrumentos. Então, eu fiz esse caminho! Eu fiz composição em regência.**E – Isso dentro da graduação?**

C – Fiz a graduação em bacharelado em violão. Depois fiz a graduação, bacharelado em composição e regência em música sacra pelo Seminário. Depois fiz bacharelado em composição e regência pela UFPB. Depois fiz especialização em composição e regência pela UFMG.

E – Isso levou quanto tempo, Cláudio?

C – Ah! Isso levou muito tempo, Marco!

E – Ah, porque você já fez uma outra graduação em composição e regência?

C – Já! Então, eu fiz há o quê? Há Sete oito anos atrás! Há uns oito anos atrás, quando eu já terminei o Seminário, eu já tava fazendo já composição e regência. A primeira turma em composição e regência da UFPB.

E – Mas aí, só pra gente esclarecer, você foi dispensado de um bocado de disciplinas, né?

C – Também! Pedi! Proficiência, não é? Você pede, aquela coisa toda. Então, o meu caminho foi mais ou menos esse. Mas, tem regentes, maestros, né? Que são caras, que só fez

o Conservatório. Então, o cara é chamado maestro porque tá na frente regendo. Mas não tem a formação! Ele tem a experiência! Mas não é formado em regência, nem entende da coisa, assim! São caras que estudaram, mas não se formaram. Fizeram o curso técnico. Na época, não era curso técnico, era o curso do Conservatório, curso de música. Mas eles não fizeram universidade. Mas, essa coisa da prática, de saber arranjar as regiões, serem especialistas naquele viés ali, naqueles instrumentos ali. Era um caminho e... ali é um tipo de maestro, mas para o cara ser um maestro, realmente, aí o cara tem que estudar.

E – Deixa eu lhe perguntar uma coisa: essa pós da UFMG foi especialização ou foi um mestrado?

C – Não, foi pós! Foi no nível de especialização. Só que, aí, o que é que acontece? Foi um pouquinho mais longo, porque durou dois anos e meio.

E- Durou o tempo de um mestrado.

C – É! Mas porque lá, lá é o seguinte, o curso de especialização de pós-graduação, em regência era em performance. Então, você tem que reger, né? Aí, eu tive que reger, tive que reger uma orquestra. A minha prova foi essa!

E – Foi reger uma orquestra?

C – Foi!

E – Bom, eu queria que você me falasse por que você escolheu ser professor. O que mais lhe motivou a seguir essa carreira profissional?

C – Rapaz, porque vê! Eu sempre gostei de dar aula, ensinar, passar, estar à frente de alguma coisa. Também muito por conta da questão de não reter conhecimento, porque sempre procuro socializar o conhecimento. Eu nunca tive essa questão de segurar conhecimento. E eu gosto de ver o resultado! Eu gosto de estar perto, de ensinar, de ver a pessoa crescer ali, musicalmente e chegar ao ponto que ele já pode galgar outras coisas, entendeu? Então, eu vejo a questão da docência, assim, veio junto. Eu tenho o lado musical artístico, beleza! Mas veio junto o lado do ensino como também veio junto o trabalhar com grupos. Porque, pra você trabalhar com grupos, você tem que ensinar. Porque, senão, você não consegue o resultado.

E- Bom Cláudio, eu queria agora entender um pouco como foi que seu pai e sua mãe lhe influenciaram na sua relação com a música. Por exemplo, eu queria entender como é que era a questão de você tocar na noite e ser de uma família de base evangélica?

C- Pronto, em relação à questão do incentivo deles, né? Eu recebi todo o incentivo, todo mesmo! Meu pai chegava e investia. Por exemplo, meu primeiro violão profissional foi um violão que era de luteria, né? Era um violão feito, ééé... foi o valor de um carro! Na época ele ficou sem carro! O violão era o Yamaha! Yamaha! Era um Yamaha APX-6C. Era um violão que ninguém tinha. Só tinha dois violões desses no Brasil, o segundo era o meu. Desse violão só tem cem no mundo!

E – E à época ele comprou como? Internet?

C – Não! Na época não tinha internet ainda, não. A gente pesquisou, fez o pedido na época, né? E esperou chegar. Chegou por uma importadora. Na época, era um violão muito caro. Era o preço de um carro. Então, meu pai ficou sem carro, mas eu não fiquei sem o instrumento. Então, você vê que o nível de investimento que ele estava disposto a fazer era

alto. E foi assim comigo e com meus irmãos, nessa parte de fazer o que precisasse. Sempre foi 100% de incentivo, pronto! Então, eu acho que esse daí é o exemplo ééé... mais forte, assim, que você vê a demonstração e o cuidado dele, o zelo e dizer, não! Vai estudar e vai ser bom nisso aí!

E quanto a essa questão de tocar na noite, realmente, no começo, assim, houve uma relutância. Até eles verem que o negócio era sério, aí. Então, realmente, eu sofri um pouquinho, mas nada que fosse uma proibição! Ah, um negócio de tocar escondido, não! Num primeiro momento, até o processo da minha adolescência eles não gostavam muito, né? Por que? Por uma questão de segurança, tocar à noite. Então, eu sempre tive que ir com alguém que tomasse conta ali, um cara, um professor ou alguém assim. Mas depois que eles viram que o negócio era sério. Que o negócio era pra vida mesmo, que era vocação, não teve maiores problemas, não.

E – Deixa eu te perguntar uma outra coisa, seus pais eram servidores públicos?

C – Meu pai e minha mãe. Meu pai era funcionário do DER, setor de arquitetura. E minha mãe era professora.

E – Professora do estado?

C – É! Professora de geografia, história e também teve um tempo que ela deu aula na universidade, disciplinas de economia também. Porque ela tem formação em economia.

E – Agora uma outra pergunta, seu casamento e o nascimento da sua filha, influenciaram sua carreira como músico e como empreendedor? E, caso positivo, como?

C – Véio, vê bem! Minha esposa, a questão dela, eu acho que influenciou mais. Por que? Porque ela é uma pessoa que ela, ela...

E – Você conheceu ela, você tinha quantos anos?

C – Eu tinha vinte e dois, vinte e três anos. Então, ela foi assim, ela foi uma pessoa muito... motivadora! Nesse sentido. Porque, ela trazia dentro dela, assim, o lado de botar pra cima, pronto! Então, ela nunca teve esse negócio de achar que eu nunca teria condições de conseguir as coisas. Pelo contrário! Então, a gente vai fazer doze anos de casado agora, mas, desde o tempo que a gente tava namorando ela agia assim.

E – Vocês fazem doze anos de casados esse ano?

C – Doze anos! Dia 09 de julho faz doze anos que a gente casou. Então, durante esse tempo todinho nunca teve, assim, um lado descrença ou aquela de achar que eu nunca conseguiria fazer algo, não! Pelo contrário! Eu acho que ela sempre acreditou até muito mais do que eu, nesse sentido aí e ela sempre viu essa força motivadora em mim. Motriz de botar o negócio pra moer e botar a roda pra rodar mesmo e pra girar e buscar conquistar as coisas. Pronto, ela não teve problema nenhum! Com a questão de minha filha, minha filha quando nasceu, ééé... eu acho que ela está agora num... a gente tá agora curtindo nossa vida de casado. Mesmo com as dificuldades do cenário, em termos de garantir a subsistência. Mas a gente não tem do que reclamar, não. Porque a gente planejou aquilo que ocorreu agora. As coisas que ocorreram, então a gente planejou. Não foi nada no chute! As questões de investimento e da gente, em relação às minhas questões. É, da empresa de sonorização, da empresa de produção musical. A questão de veículo, de carro, de material, de tudo. Tudo foi muito bem planejado. Teve algumas coisas que eu tive que ousar mesmo. Porque, se eu fosse pensar numa questão

financeira mesmo, eu não teria feito. Então, eu tenho essa característica de eu penso, planejo, beleza! Mas eu tomo logo a decisão. Eu não fico pensando, não! Eu penso já no resultado, pronto! E, geralmente, o resultado é bom, entendeu? Então, eu tenho, assim, eu acho que poucas situações de eu me lembrar que eu tomei uma decisão, em relação à questão do investimento profissional, e esse investimento profissional deu chafurdo. Deu uma vez! Mas não dependeu de mim! Dependeu das intempéries da conjuntura. Situações que foram acidentes de percurso. Acidentes de percurso! Foi uma coisa que não dependeu de mim. Se dependesse de mim, ia dar certo até hoje. Mas, assim, você lutar contra a natureza. Contra questões estruturais, por exemplo, de você investir na parte de sonorização e vir uma tempestade e você ter como evitar. Administrar a situação negativa. Porque, vê, tem equipamentos queimados. Às vezes, o custo do conserto do equipamento é mais caro do que você comprar o equipamento. Então, isso aí, eu tive um prejuízo considerável. Então, eu não optei por seguir esse viés. Eu fui pra outro.

E – Mas elas, quando entraram na sua vida, você meio que pensou assim: “não, agora vou ter que tocar esse negócio mesmo”! Ou pensou, quero alguma coisa que me dê mais segurança!

C – Não, eu pensei o seguinte, Marco. Assim, como eu já lhe disse, em relação à questão do futuro, eu posso até me tornar um professor ééé... de carreira. Um professor, funcionário público, aí. Mas hoje, não tá no meu coração, não. Tá no meu coração e no meu cerne, continuar da forma que tô hoje. Não tendo agenda pra aceitar mais ninguém. Eu tenho que aproveitar a maré também! Porque o empreendedor, ele vive de distribuir os ovos em várias cestas. Porque, senão, você quebra! Então, hoje, eu tô nessa! Entendeu? E, assim, eu tenho o apoio dela porque também tem o outro lado, ela tem uma estrutura. Não me casei com uma mulher que ela não tem uma estrutura. Assim, se eu tiver uma dificuldade, ela segurar a peteca lá. Mas, eu também tenho a minha estrutura. Então, a gente não tá dessa forma aí sem um norte. Mas, se você vier perguntar pra mim se hoje, se você tem esse sonho de uma estabilidade ééé... como é a vida de minha esposa, que tem esse vínculo público aí, ser estatutário, hoje não.

E – Ela trabalha no estado?

C – Ela é do estado e do município.

E – Município do interior?

C – Não! Município de Recife! Recife!

E – Na nossa primeira entrevista, você afirmou que chegava a estudar até oito horas por dia. Como é que você dividia esse tempo, entre escola regular e conservatório? Como era sua rotina?

C – Rapaz, era muito tranquilo! Porque a questão da escola regular, eu não acumulava disciplina. Eu sempre gostei muito de estudar, na escola. Tanto eu como meu irmão.

E – Você estudava em colégio público?

C – Estudei até o ensino médio, que chamavam na época, até a oitava série. Hoje em dia é fundamental II. Estudei em escola particular. A partir do ensino médio, estudei em escola pública. Conclui, na época, no Ginásio Pernambucano. Nunca tive problema. Não

acumulava matéria. O tempo que eu tinha, fora o tempo da escola regular, eu me dedicava ao Conservatório e esportes, pronto!

E – Aí, a escola era só pela manhã ou era pela manhã e à tarde também?

C – Não! Na época era só manhã. Só manhã.

E – E à tarde, Conservatório?

C – À tarde Conservatório. Às vezes, ficava estudando no Conservatório. O tempo que eu tinha em casa, virava a noite estudando, entendeu? Ou senão, tocando, né? (rsrs).

E – Você fez o bacharelado em música na UFPB. Então, eu queria que você me contasse se você teve alguma indicação. Algum professor que falou pra você ir pra lá. Se você conhecia alguém lá?

C – Tive! Tive uma indicação! Professor Sandro Guimarães! Meu primeiro professor! E foi professor do Conservatório Pernambucano, foi ele que me mentoriou e me disse: “ó, vá por aqui! Trilha esse caminho aqui! Procura”! Porque, na época, é até hoje. Assim, porque nós temos duas universidades muito boas, né? A Federal (de Pernambuco) hoje é uma universidade muito boa. Mas, na área de música, o investimento é muito Brasília, na UnB e a UFPB. Então, na questão dos luthiers, dos grupos, de tudo nessa área. Então, era uma universidade muito boa (a UFPB). Na época, isso há doze anos atrás, era o top. Já era o top. Especialmente, na parte específica de cordas, era uma universidade muito boa.

E – Eu queria que você me contasse como foi que você decidiu ir pro Seminário. Como é que foi esse “chamado” que você disse que tinha?

C – Bom, já no Seminário... Rapaz, vê! Foi mais ou menos em 1998. 98? 97 ou 98. Ainda passei dois anos pra ir pro Seminário, né? Quando chegou mais ou menos no final de 99 pra 2000. Ou 2000, eu acho. Quando eu fui, recebi a indicação da minha igreja, no caso, na época, né? Que era a igreja da minha mãe, a Congregacional Pernambucana. Era uma igreja que investia muito em missões, em chamado. Essa parte de você ter o chamado, independente da área que fosse. Se fosse na parte religiosa, pastoral, teologia ou música, né? E eu fui pra música. Só que no processo de transição eu vim pra igreja batista **(a igreja batista em que ele se encontra hoje, não será revelada para proteger a identidade do entrevistado)**, junto com meu pai. Eu vim pra igreja batista e as igrejas batistas têm um histórico de investir muito mais na área de música. E isso também foi o que me chamou a atenção na igreja batista e, aí, eu tô nela até hoje.

E – Então, você vir pra uma igreja batista foi também esse lado da tradição em música?

C – Também! O lado musical. De ter um investimento, de ter um pastoreio. Foi quando eu vim pra igreja batista e me senti em casa.

E – É, porque é isso também que eu tava querendo saber como se deu essa transição: de vir da congregacional pra batista?

C – A transição, quando você vem de uma igreja que ela é protestante, mas proclama a mesma fé e da mesma denominação, você é aceito por aclamação. Eu já era batizado, na igreja congregacional, aí eu fui aceito por aclamação. Assinei o pacto de membresia, né?

E – Como foi que você conheceu esse meio batista, assim?

C – Não, eu já conhecia a denominação, né? Sabia que era uma denominação histórica. Que vinha desde os primórdios, junto com os congregacionais. Os congregacionais chegaram primeiro aqui no Brasil, através de Robert Kalley e Maragaret Kalley. Depois a igreja batista também através do missionário Salomão Ginsburg, esse missionário e outros chegaram aqui e foi quando surgiu a igreja batista, né? A igreja batista tradicional, que ainda eram os baptistas, né? Então, a única diferença entre a congregacional e a batista é a forma do batismo. Porque o batismo na igreja batista é por imersão e na igreja congregacional é por aspersão. Quando no batismo, o pastor asperge a água em cima da cabeça do indivíduo. Então, essa era a única diferença. Então, não houve problema em atuar em uma igreja batista, não.

E – Certo. Você chegou a fazer, praticamente ao mesmo tempo, a universidade, servir ao exército e fazer o Seminário. Então, o que é que lhe levou naquela época, a fazer essas três coisas ao mesmo tempo?

C – Rapaz! Foi muita... porque aconteceu tudo ao mesmo tempo! Só que eu vi que deveria ter planejado melhor as coisas. Mas, você às vezes quando é mais jovem, você não tem esse nível crítico de você pensar em: “ah! Vou terminar isso, fazer isso”. Foi tudo muito num rompante: “ah! Vou fazer! Pronto! Vai dar pra conciliar”. Não deu! A realidade é essa! Não deu, o Seminário eu tranquei. Aí, tive que me dedicar a universidade. Porque, se eu perdesse a universidade, eu saía do exército. Aí, eu continuei e depois continuei no exército e depois voltei pro Seminário.

E – Então, foi um negócio mesmo assim, sem planejamento?

C – Foi! Aconteceu mas foi na porralouquice mesmo. (rsrs)

E – O que é que você acha que ficou da sua experiência como militar? O que mais lhe atraía nessa experiência?

C – Rapaz, o seguinte! Esse negócio de você estar à frente de homens, estar no processo de liderança, eu amadureci muito rápido. Porque eu tinha que liderar, comandar é a palavra correta, comandar pessoas que eram mais velhas do que eu e eu tinha que me impor, não apenas pela questão da antiguidade, mas pela questão de posto. Meu posto era maior, mesmo não tendo tanta experiência quanto aquele militar que era mais antigo do que eu. Eu era mais moderno, né? Só que, eu tinha que liderar! Então, eu procurava mostrar que eu podia estar ali, entendeu? Aí, eu mostrava que tinha capacidade também, que podia fazer um bom trabalho. Então, eu nunca tive medo de liderar, entende? Eu não tenho esse medo! Eu não tenho medo de: “ah, eu vou enfrentar o desconhecido”! Não, eu vou lá, encaro e acabou-se, pô! Bate um medozinho ali, um temor, um frio na barriga, beleza! Depois que acontece: “ah! Vamo simhora”! Aí, já foi, pronto! A questão que eu fui mais, eu acho que Deus me proporcionou isso aí, mais a questão de aprendizagem mesmo. Eu aprendi muito no exército! Aprendi muito mesmo! Muitos processos! Vi as coisas boas, as coisas ruins, não é? Mas vi também a questão da liderança. O respeito à hierarquia. Uma ordem você tem que cumprir, independente se você concorde ou não. É uma ordem? Tem que ser cumprida, pronto! Isso aí eu trouxe pra, de uma forma cética, sem meio termo, pra minha vida. Eu, na minha vida, muitas vezes eu sou dessa forma. Mas eu trouxe pra mim, pro meu jeito de viver. Se é pra chegar de sete horas, eu vou chegar de sete horas. Se é pra chegar de seis horas, eu vou chegar

de seis horas. Então, assim, eu fiquei meio rígido, né? Uma rigidez até chata, mas que eu acho que é necessária. Porque, se você ficar abrindo muitas concessões, daqui a pouco vira uma bagunça.

E – Que é que mais lhe atraía no ser empreendedor que lhe levou a buscar, começar, efetivamente, a empreender?

C – Rapaz, eu acho o seguinte! Voltando um pouquinho. Foi em relação, aconteceu! Um exemplo, eu me tornei empreendedor, eu transformei algo que era um extra num negócio, né? Mas eu sempre gostei de fazer, eu acho que a verdadeira resposta seria o seguinte, eu nunca gostei de ficar muito bitolado, a fazer aquela coisa, sempre daquela mesma forminha. A contar com aquela seguridade: “não! Isso aqui sempre é do mesmo jeitinho”! A contar sempre com aquele saláriozinho no final do mês, pronto! Na vida do artista, na vida do músico, não acontece muito dessa forma. Por isso que você tem músico que tem sucesso e músico que não tem sucesso. Porque você tem músico que transforma, a vida dele, em algo rentável. Então, o que é que acontece, hoje, hoje não mas já de algum tempo, já de algum tempo, eu transformei a questão da educação especializada para pessoas de alto padrão, num negócio. Eu não tenho problema se eu vou ter que trabalhar num dia de jogo do Brasil. Se é feriado. É feriado pra todo mundo, beleza! Mas pra mim, naquele dia, não vai ser feriado eu vou trabalhar. Desde que o aluno queira ter aula e o pai não vá viajar, eu vou estar ali. Tanto que eu acho que o que me fez ser empreendedor, realmente, uma, não foi a conjuntura. Mas algo assim, depois que eu entrei no negócio, transformei, eu vi que, poxa! Esse negócio tem futuro! De tanto o pessoal chegar pra mim: “ei, vem dar aula pro meu filho”. De tanto o pessoal gostar que eu fosse dar aula pro filho dele, gostar da minha aula, eu dava aula no Conservatório e dava aula na escola particular, eu me aprofundei. Vi que aquilo ali, daqui a pouco começou no boca a boca e aquilo se espalhou, e hoje não tem como! Hoje a coisa caminhou.

E – Você chegou a dar aula em mais de um lugar ao mesmo tempo, né?

C – Sim! Sim! Dava aula na XXX, na XXX, no estado, na prefeitura.

E – Dava aula nesses lugares concomitantes, né?

C – Dava! Dava! O professor tem que correr, né? Também uma coisa que me fez dar uma freada nisso aí, foi porque o professor de música no estado, na prefeitura, ele ganha muito mal. Ganha muito mal. Então, o que é que acontece? Você, às vezes, fica escravizado ali, não sei quantas mil horas ali, duzentas horas aula/mês, e você não consegue sobreviver se você não tocar, se você não der uma aula fora. Então, eu fui fazendo o contrário. Eu fui investindo aí, nessa parte dessas aulas especializadas, até chegar o momento que eu vi que não ia dar mais pra trabalhar para os outros. Vou investir em mim, pronto! E investi, investi pesado. Porque, hoje, a questão do material eu não dependo de ninguém. Já disse isso. Toda a estrutura pra educação musical, eu não dependo de ninguém. Eu tenho de bateria a xilofone. De violino a trompete. Então, eu não dependo de ninguém. Se eu for dar uma aula, eu boto o material no carro e vou ali dar a minha aula e, pronto, tá ali. Entendeu?

E – Você se considera hoje mais músico ou professor?

C – Mais professor! Professor! Com certeza! Em todos os âmbitos! Hoje eu vejo o seguinte, hoje o prazer de tocar, é diferente do prazer que eu sentia, do êxtase que seria de passar dez horas tocando, no Galo da Madrugada! E achar aquilo ali! Tocar por várias horas,

cinco horas! Fazer concertos, estudar pra tocar em festivais, beleza! Hoje, se você me convidar pra tocar num festival, eu vou! Como eu já fui, em 2014, a gente teve um disco premiado, que foi o Minha Carcaça vai Longe, pela FUNDARPE e o FUNCULTURA. Mas é diferente. Eu não vou me matar, como antigamente, pra passar ééé... dez horas no estúdio. Estudando, me matando pra aprender. A galera me convida, e aí, quer tocar? Quero, manda aí o repertório aí. E vou fazer ali o que eu gosto, beleza! Hoje, eu escolho o que é que eu vou fazer. Agora, hoje, eu acho que eu sou mais professor. Porque vinte e quatro horas por dia, bem dizer, é só formando pessoas, dando aula, dando aula, dando aula. Na frente de grupos, tanto regendo como ensinando. Hoje eu sou professor. Agora, o lado da música mais como instrumentista, eu faço mais essa atuação mais no campo religioso. Quando eu sinto prazer, que eu junto ali o lado da devoção com o lado da técnica. Você toca e busca, realmente, estar fazendo com excelência pra Deus, né?

E – Pois bem! Então, já que você se definiu como professor, você é mais professor ou empreendedor?

C – Eu acho que eu sou os dois! Sou as duas coisas. Porque eu não deixo o lado só da profissão assim, tomar conta sem que o lado do empreendedorismo, da rentabilidade, venha junto. Então, eles dois hoje estão juntos, estão bem equilibrados. Também o lado da cobrança, dos investimentos, do sustento, de ter anotações dos números em planilhas porque senão eu vou me perder, a movimentação financeira. Então, eu vejo que hoje os dois andam bem coladinhos. Não é que seja um mais do que o outro. Mas, vou colocar assim ééé... de uma forma mais, vamos dizer, filosófica. Mas, se você disser assim: “você hoje é mais músico”? Não! Porque na minha atuação empreendedora, eu não toco, eu ensino! Entendeu? Aí, eu acho que eu sou mais professor mesmo. Mas, como empreendedor, eu não posso dizer que o lado músico hoje ele é 100% empreendedor. E hoje, eu já estou buscando como é que eu possa empreender fora do campo da docência, entendeu? Mas aí, é outra coisa. Então, eu vejo que, assim, eu gostei desse lado, é um lado bom, é um lado tenso, é um negócio às vezes meio estressante, mas é recompensador.

E – Você saberia dizer quantos dos seus colegas da UFPB, do Conservatório, do Seminário, trabalham com música hoje? Se algum deles virou um funcionário público, se tornou um artista de renome na música?

C – Alguns, alguns! Assim, não todos! Não todos! Mas, assim, eu vou dizer assim que a galera que eu conheço assim, vamos dizer da minha turma, mais ou menos uns quinze. Que vivem de música mesmo. Como eu vivo, assim. O cara toca, dedicado ali, cada um no seu nicho de mercado.

E – Alguns deles são funcionários públicos?

C – Meu irmão, Fernando. Meu primo. Fernando, outros amigos mesmo. Vários outros músicos como Adalberto, Marcos César, uma galera mais *top* aí. Mais de nome, né? Aí, Bruno Sete Cordas. Aí, uma galera aí, mais *top* aí.

E – Quando você começou a trabalhar com crianças com necessidades especiais? Foi ainda nas escolas de música que você trabalhou ou apenas quando você começou esse processo da escola itinerante?

C – Não, não! Foi antes, foi antes. Estagiando já, quando eu fui estagiário da Prefeitura do Recife, na escola ééé... ô, rapaz! Uma escola ali na Ilha do Leite, na frente do Albert Sabin. Aquela escola ali, eu trabalhei ali. A gente tinha uma turma de educação especial, só de autistas. Eu fazia parte de um grupo multidisciplinar, né? Professora, estagiária de psicologia, eu era estagiário de música. Então, eu comecei trabalhando ali. Dali, eu trabalhei na XXX, trabalhei na Prefeitura de Olinda, no CAIC XXX, também essa parte de educação musical. Porque o professor de escola pública em sala de aula regular não tem recurso, é a criatividade. E trabalhei com isso. Aí, quando eu fui, quando chegou na escola particular na BL, em 2007 eu acho, foi quando eu peguei alguns alunos de um poder aquisitivo elevado que tinham algum tipo de deficiência. Comecei com autista, síndrome de Down, e aí eu comecei a fazer um bom trabalho. E aquilo ali foi chamando a atenção dos próprios pais.

E – Mas você tinha já alguma especialização em lidar com crianças com essas características?

C – Tinha em arte educação. Depois eu fiz educação especial, depois fiz educação musical.

E – Aí, isso era a nível de especialização?

C – Especialização. Um ano. Onze meses, dez meses.

E – E foi onde?

C – Uma foi na IBPEX, depois eu fiz pela Faculdade Joaquim Nabuco e fiz pelo Campos Elísios. Que é uma universidade de São Paulo, que tinha um pólo aqui.

E – Era por Educação à Distância?

C – Não. Fiz aqui, porque eles tinham uma unidade aqui. Uma unidade presencial. Tinha turma aqui.

E – Então, o interesse de trabalhar com essas crianças surgiu meio que por acaso, porque calhou de você começar a trabalhar com crianças com esses distúrbios e aí que foi se aperfeiçoando?

C – Foi, porque eu sempre gostei dessa área aí. Eu sempre gostei de trabalhar com criança. Eu gosto também de trabalhar com jovem, adolescente, adulto, beleza! Mas com criança, eu sempre gostei. Aí, fui criando mecanismos pra trabalhar, beleza! Aí, eu vi que eu tinha que ir me especializando, porque senão fica muito no campo do achismo, né?

E – O empreendedorismo, ele surgiu pra você como uma forma de alcançar objetivos materiais que você tinha, que não lhe parecia que outras carreiras profissionais poderiam lhe permitir?

C – Não. Porque, se tivesse continuado no exército eu teria, talvez nem tivesse tudo aquilo que eu tenho hoje. Porque a questão, de um salário de um militar, por conta da questão da carga horária dele, ele fica muito limitado. É diferente de um professor, de um músico que, toda semana, bem dizer, ganha dinheiro. E como educador, você também tem aquela coisa, que você vai se aprimorando, né? O negócio ele foi ganhando mecanismos, ferramentas de aprimoramento. Fui aprimorando pra fazer, por exemplo, a parte de cobrança, a questão do aumento anual dos valores, entendeu?

E – Mas, então, você não acha que essa coisa do empreendedorismo, terminou vislumbrando o ser empreendedor como uma forma de alcançar objetivos que você queria?

C – Não, vê só! Eu vi o seguinte, eu vi depois! No início eu não vi isso. No início, não. Eu fui fazendo, mas depois eu vi que, tanto é que aconteceu, aconteceu de começar a trabalhar com educação musical, com clientes de alto padrão e eu transformei o que era um extra, num negócio. Eu fiz o curso do Próprio, lá no SEBRAE. Depois fiz o Empreendedor Cultural, né? Fiz o plano de negócios, cheguei a fazer o plano de negócios completo pra escola, institucional mesmo. Com uma estrutura física, entendeu? Mas eu vejo que o seguinte, que essa questão do lado financeiro, de me levar, ah! Eu nunca tive essa preocupação: ah! Tem que fazer, tal"! Não, eu fui fazendo e foi acontecendo, eu fui administrando e fui me aprimorando. Aí, o que é que acontece? Aí, foi onde veio a profissionalização mesmo. De eu ter que deixar de dar aula dentro de uma instituição, sendo assalariado, pra eu passar a investir e aprovisionar pra mim. Aí, é diferente. Aí, eu vi que realmente a rentabilidade é muito maior. A contrapartida. Às vezes, a questão da balança com relação ao lado institucional ééé... como um profissional, público, né? Hoje, não enche meus olhos, por conta dessas situações. Quando eu comparo na balança, na matemática, mesmo sabendo a forma que eu vejo hoje, a qualidade de vida é outra, do que se eu tivesse dentro da sala de aula, paradinho, esperando meu aluno lá. Porque se ele vier ou se ele não vier, eu vou ganhar do mesmo jeito. Mas, o que é que acontece, eu ia ficar muito limitado financeiramente. Então, isso aí, pra mim, eu nunca me satisfaria com essa situação de ficar lá, esperando. Então, o que é que acontece. Quando eu vi que o negócio ia dar certo, eu entrei de cabeça! Não pensei duas vezes! Até hoje! Só que, o que é que acontece? Eu fui colocando, trabalhando par e passo, o lado da produção musical, produzir artistas, produzir instituições, o lado da sonorização e o lado da educação musical. Então, eu tenho três vertentes que convertem pra uma só.

E – Hoje você trabalha com orquestra, mas alguma vez antes, você já tinha participado de algum projeto social?

C – Não! Em relação à questão social, não! Tinha trabalhado como educador no estado. Na prefeitura e no estado, né? Mesmo eu dando a minha contribuição ali, mas ali eu estava a serviço de. Não estava fazendo algo como o que eu faço hoje com a orquestra.

E – Na sua entrevista anterior, você falou que com o tempo de experiência trabalhando, como empreendedor já, você teve um aprimoramento das ideias a respeito das dificuldades de ser empreendedor. Você afirmou que houve um “tubarãozinho no aquário” que não lhe fez permanecer estático. Quais eram os pensamentos que você tinha no começo e que você considera que poderiam ter lhe levado a ficar estagnado? E se esse tubarãozinho era uma pessoa ou uma situação?

C – Não, foi uma pessoa!

E – Foi uma pessoa mesmo, né?

C – Foi uma pessoa mesmo! Que disse pra mim que eu não era um empreendedor, eu era um executor de tarefas. Aí, o que é que acontece? Isso aí, assim, eu fiquei muito arretado! Muito chateado! Por conta de que era uma pessoa até próxima a mim, mas não enxergava um palmo à frente do nariz. Aí, a partir desse momento, eu procurei... eu peguei

aquela porrada ali, aquela pancada que eu recebi, aquele tubarão ali, aquela inveja ali e transformei numa coisa boa. Porque eu disse: “eu vou agora mostrar se eu sou um empreendedor ou se eu não sou”.

E – Agora, quais eram os pensamentos que você tinha no começo do negócio, que você considera que poderiam ter lhe levado a ficar estagnado?

C – Rapaz, uma era ter ficado, em relação à questão do comentário, ter ficado mascarado. Ter, realmente, engolido a concepção dele e ter dito: “não, realmente eu sou um pobre coitado e nunca vou ser dono do meu próprio negócio”. A segunda, eu acho o seguinte, que é a questão da limitação. Um exemplo, você quando se acha limitado... eu nunca me achei limitado! Então, eu acho que quando você se acha limitado no seu ser, não é? No seu modo de viver. Ééé... você termina que, algumas coisas não vão dar na sua vida, porque você já disse que você não vai conseguir vencer as dificuldades. Então, eu nunca também tive esse outro lado, de ser um cara pessimista. E me achar que eu era um derrotado, não! Eu sempre tive esse lado, e eu acho que isso eu herdei dos meus pais. Principalmente, do meu pai. Ele é muito, assim, eu nunca vi ele com medo, com temor de enfrentar um novo negócio, de enfrentar uma nova profissão, de empreender, de ir à frente, não. Só que aí, o que é que acontece, ele tinha os temores dele. Só que aí, hoje, eu já adulto né, com mais entendimento, eu vejo que ele... ele parou! E eu, prossegui!

E – Ele chegou no limite dele?

C – Ele chegou no limite dele! E hoje eu tô puxando ele. Então, aí, eu vejo que houve um crescimento.

E – Porque vocês, inclusive, levaram alguns negócios juntos quando ele era mais novo.

C – Já! Já! Só que o que é que acontece? Eu vejo que eu tenho essa facilidade de conseguir administrar. Administrar recursos. Então, assim, aprovisionar também, eu tenho essa facilidade, eu consigo fazer isso aí. E eu consigo também não é, porque tem aquele ditado: “dinheiro é que faz dinheiro”! Então, eu consigo fazer essa transição ali, sem ter dificuldade de ver a questão desandar, assim. Fica apertado, tem alguma coisa que não tá legal. Por exemplo, apertou hoje, mas tem um lado que tá mais folgado. Então, eu acocho e aprovisiono.

E – Eu queria agora que você me contasse sobre o seu projeto pra trabalhar com um grande grupo, voltado pra regência.

C – Eu sonho ainda de, um dia, participar de uma seleção, né? Pra ser o regente de uma grande orquestra. Então, eu ainda tenho isso guardado lá. Um dia, eu sei que isso ainda vai ocorrer. Até porque, hoje, tem muita dificuldade de abrir concursos, seleções pra regente. Um regente morre, daqui a trinta, quarenta anos. Então, assim, é muito difícil. Mas, eu, pronto, eu guardo esse sonho aí. Se você perguntar, qual é um sonho seu, vai lá: ser um grande regente de uma grande orquestra. Isso é um sonho! Então, pra você ser um grande regente de uma grande orquestra, você tem que abnegar de muita coisa. Então, possivelmente, eu teria que abnegar, hoje, do meu trabalho. Dessa forma de trabalho. Por que? Porque eu teria que me dedicar exclusivamente, 100% da minha vida, pra ser um regente de orquestra. Pra me preparar, parar a minha vida todinha, pra estudar só regência. Comer regência, viver

regência, cheirar regência, beber regência e tendo que ter um suporte financeiro muito pesado. Por que? Porque um regente, quando ele começa uma carreira, ele tem que ter, no mínimo, uns cinquenta anos. Um bom regente, que vai ficar mais trinta anos à frente de uma orquestra.

E – Então, essa não é uma coisa pra agora? É mais pro futuro.

C – Não! Você tem regentes, jovens regentes, tem! Beleza! Mas, assim, né? É muito raro! Porque, às vezes, a oportunidade cai no colo do cara. Porque o cara, além de ser um cara competente, o nome dele, às vezes, atrai a oportunidade. Entendeu? Então, assim, eu tenho que ter mais nome pra poder chegar na linha *top* (rsrs).

E – Entendi. Se você não fosse músico, existia alguma outra carreira que você gostaria de ter seguido?

C – Então?! (rsrs) Aquele negócio lá do exército ainda ficou! (rsrs) Eu gostaria de ser um regente militar! (rsrs)

E – Você ainda pensou, quando você tava lá no exército, em fazer uma escola, seguir carreira?

C – Pensei, cara! Mas aí, assim, eu vi que eu ia ficar muito engessado. Teve um lado bom! Assim, seria uma segunda opção, de algo que eu realmente eu experimentei, mas que não se transformaria na primeira. A primeira já tava arraigada! Que era ser músico, educador, essa coisa toda aí!

E – Como é que você imagina que seria seu futuro se você não pudesse mais atuar como músico?

C – Rapaz, vê bem! Eu sou bem tranquilo! Porque tem gente que já entra em crise, né? Inclusive, parentes meus, já entram em crise. Que acham que vão morrer músicos. Vai chegar um tempo que eu não vou ter mais coordenação, não vou ter mais tónus, então vai ficar o educador. Vai ficar o orientador, o mentor. Então, em relação a isso aí, tanto é que eu ééé... eu cheguei a ser um *virtuosi* muito cedo. Mas hoje, pronto! Minha família, às vezes, meu irmão principalmente, meu primo, alguns amigos meus mais próximos que são *virtuosi*, eles dizem que eu sou *virtuosi*. Eu até me considero louco, né? Mas não um *virtuosi*. Mas todo mundo diz que eu sou um *virtuosi*. Que eu sou um *virtuosi*, assim! Mas, o que é que acontece? Eu, hoje, não estar nos holofotes de ser o músico que eu já fui há anos atrás, *virtuosi*! Que tocava, assim, ééé... trinta e duas notas, sessenta e quatro notas em cinco segundos, né? De improvisar muito bem, de ler qualquer tipo de partitura até escrita num papel higiênico, hoje não me faz falta. Eu digo assim, falta, assim, eu não tenho remorso nesse sentido.

E – De ter deixado essa carreira?

C – Não! Eu não tenho! Tanto é que, assim, hoje eu me tornei, eu vejo hoje a evolução em relação à questão da regência. E vejo, também, em alguns momentos, a deficiência técnica de muita coisa que eu não fiz. Que hoje eu faço, por conta da experiência de saber, porque eu sei o que eu tô fazendo. Mas é complicado de você, é como um desportista, que tá no ápice da sua carreira... o músico, ele também tem isso aí! Quando ele tá no ápice, ele tem que estudar oito horas por dia, dez horas por dia, doze horas por dia! O cara tem que viver aquilo ali. Porque, senão, vai chegar outro no mesmo nível dele, bem rapidamente. Então, essa questão de eu ter me desligado, de uma situação de um *performer*, né? De um músico que eu já fui, né? Sou, mas eu sou de uma outra forma hoje. Não me mascara, e eu também não fico com

inveja, de quem hoje é. Inclusive, amigos meus. Alunos meus, que hoje são excelentes músicos, muito bons mesmo e que dizem que eu sou excelente! Então, eu sei que hoje, eu tenho a minha limitação e que eu ter escolhido um caminho, acarretou coisas que são inerentes ao caminho que eu escolhi. Eu posso até voltar, mas aí veja, eu vou ter que parar todo o outro lado, pra me dedicar a ser hoje um músico, um especialista em performance.

E – Você consegue imaginar, assim, como é que poderia ter se desenrolado, o que é que você vê assim, como é que poderia ter sido sua vida, se você continuasse lá naquela vibe de ser músico?

C – Cara! Vê bem! Eu ia continuar, o que aconteceu já há doze anos atrás. Quando eu casei, eu deixei de tocar na noite de ser um músico instrumentista, assim. Eu fui parando gradativamente, mas quando eu parei, eu disse que eu não queria mais ficar quinta, sexta, sábado e domingo fora de casa. Ou quinta, sexta, sábado e domingo tocando, não sei quantas horas aí, todo final de semana! Então, eu continuarei com essa mesma vidinha, que todos os meus amigos continuam.

E – Que era essa coisa, de não ter vida no final de semana.

C - É! Então, assim, aí não é nem só isso aí de não ter a vida. É de você realmente estar usando a profissão muito o lado só pra você ter a sua parte financeira. Você não tem prazer em ter a sua profissão. Então, você vai tocar só por dinheiro. Daí, o que é que acontece? Hoje tem músicos que detestam ser músicos. Mas, o que é que acontece? Como eles ganham uma quantidade de shows, ganham muito bem, então o cara se sujeita. Porque a gente não faz só o que a gente gosta. Às vezes, você tem que fazer o que não gosta. Então, o que é que acontece? O cara se sujeita aquilo ali. Cheguei num patamar de escolha de dizer que não foi o patamar de escolha só da devoção, o lado da fé, de escolher só isso. Não! Porque é a minha profissão, independente. Eu sou músico! Independente da minha profissão de fé, eu sou músico. Eu sou professor, mas eu sou músico. Nasci músico, instrumentista. Mas eu vejo que hoje, por exemplo, os meus amigos lá, estão do mesmo que eu estava há doze, treze anos atrás. Quinze, vinte anos atrás, os caras estão lá do mesmo jeito. Então, assim, é complicado. Eu faço também essa, essa autocrítica e faço também essa análise dos lados, se eu tivesse trilhado esse caminho, talvez. Mas, assim, eu não digo assim: “ah! Não vou”. Partir pro lado estatal, pro lado público, pro lado de uma profissão mais enclausurada, mais definitiva, isso ali não. Não, eu nunca digo isso não. Eu nunca disse. Mas hoje, e isso já é de algum tempo, essa posição já vem da juventude e acho que até já se estabilizou hoje, só que hoje com a experiência de vida, mesmo tendo a minha filha, mesmo com ela, não me fez querer uma coisa mais (segura). Não fez! Não fez! Eu vejo, assim, que o lado empreendedor traz muitas coisas boas pra ela. Excelentes! Pra ela, pra minha família, pro time completo. E isso aí, eu também abro espaço pra também ajudar outras pessoas. Que trabalham ou que também são meus fornecedores, que trabalham junto comigo, que eu apoio.

E – Como é que você imagina que seria seu futuro, se você pudesse abrir sua escola de música hoje?

C – Eu acho que daria certo! Daria certo. Hoje, com a experiência que eu tenho, daria certo. Conseguiria desenvolver. Daria muito certo. Eu acho que o que não me faz abrir? O cenário! Então, a experiência também diz que o cenário musical, o cenário macroeconômico

aí, não só o cenário musical, mas o macroeconômico aí e o nicho de mercado que eu trabalho e hoje as coisas, a evolução, né? Que os pais não querem perder o tempo de levar seus filhos na escola. Mas eu acredito que há um mercado especializado para pessoas que querem levar seus filhos numa escola especializada em música. Mas, para que eu monte uma escola, eu tenho que fazer uma escola num formato que é diferente do dos meus concorrentes. Seguindo a análise que eu fiz no plano de negócios. Se eu for montar uma escola, ela vai ser totalmente diferente de todas as escolas que tem em Recife. Porque, se eu montar uma escola igual, vai ser mais uma, entendeu?

E – Qual você imagina que vai ser seu papel à frente da orquestra no futuro?

C – Isso aí, eu acho o seguinte, ééé... eu me encantei com administração, com planejamento. Então, eu acho que hoje, tanto é que eu estou fazendo uma pós em gestão de pessoas. Porque eu acho que é uma coisa muito interessante. Eu acho que meu papel mais na frente, vai ser de gerenciar, de administrar, de botar à frente. E não necessariamente, à frente. Eu já faço isso, eu abro pra questão de regentes, preparando novos regentes. Quer sejam professores amigos, quer sejam alunos, monitores. E eu acho que vai chegar esse momento também. De eu me desligar, vai ser um momento muito mais longo, né? Vai demorar um pouquinho a acontecer, mas quando acontecer, eu vou estar nesse outro papel ali, né? De levar o nome do projeto à frente, através da administração.

E – O que é alcançar o sucesso pra você?

C – Marco, vê bem! Eu acho o seguinte, o sucesso é você tá realizado. Uma é você ter paz de espírito e confiança em si mesmo. Então, assim, eu tenho muita confiança em mim. Até minha esposa diz que a minha autoestima é muito alta. Mas é alta, realmente. Porque, como me disse aí meu pai, ele me disse: “ó, véio! Vai ter gente aí com mais experiência, que não vai chegar em lugares em que você, muito novo, vai chegar. Então, você tem que estar preparado emocionalmente, psicologicamente, espiritualmente pra receber toda a pancada de tudo que não presta”. Então, esse foi o preparo. Então, eu vejo que hoje, o preço do êxito é ter muita segurança no que faz. Então, o que é que acontece, eu tenho segurança! Primeiro lugar, que eu deposito minha confiança em Deus. Começa logo daí, mas eu sei que Deus não vai fazer aquilo que eu posso fazer, o meu trabalho. O meu trabalho, eu tenho que fazer. Ele vai apenas abençoar aquilo ali, ele vai regar, mas eu tenho completa consciência daquilo que eu faço. Em relação à questão de caminhos que eu tomo, de aluno, de rendimentos, de mudar a estratégia, de mudar as ferramentas de aprendizado. Como eu também tenho o conhecimento de técnicas de ensaio, de tirar o melhor daquele grupo, independente do nível técnico daquele grupo. Porque um bom regente, ele não apenas rege um grupo de águias. Mas ele pega gansos e transforma em águias. Eu já aprendi isso! E eu vejo que isso acontece direto. Independente do grupo que eu esteja regendo. Se eu tenho oitenta músicos, mas se eu tenho cinco músicos como foi domingo passado lá e vai ter a mesma qualidade de ter a orquestra completa. Porque, o que é que acontece? A regência, o *conductor*, como a gente chama, o cara que conduz, a grande maestria dele é tirar o melhor daquele músico ali. Então, eu vejo que tem um lado filosófico nisso aí, como sendo um negócio pra vida, entendeu? Você tem que tirar o melhor das oportunidades, o melhor das pessoas, o melhor. Agora, saber que tem coisas que você não vai poder mudar, não vai estar sob o seu controle. Então, eu vejo que, hoje, eu

procuro não pensar muito no futuro, no sentido de planejar a longo prazo. Eu planejo, assim, pra daqui a dois anos: “daqui a dois anos eu quero fazer isso”, depois, daqui a dois anos. Isso já aconteceu várias vezes, mas eu não penso assim muito longo. Pronto, o único plano que eu tenho assim, é o de trazer uma rentabilidade para o projeto social, uma sustentabilidade e uma rentabilidade, sustentar minha família de uma forma bem digna, né? Não faltando nada. Continuar ajudando pessoas e, um dia, prestar uma seleção pra ser um regente. Independente do lugar que for no mundo, pronto! Aparecendo essa oportunidade e eu me achando preparado, capacitado pra fazer, eu vou lá e vou fazer. E relação a isso aí, a essa questão de sucesso, eu acho que tá ligado a essa questão da segurança. Pronto, eu me confio muito no meu trabalho. Eu confio muito, de coração mesmo. Tanto é que tem gente que fica me dizendo que não sabe como é que eu consigo, ser o que eu sou e ter o que eu tenho. Haja vista, eu tenho professores que tem muito mais nome no mercado, são muito mais antigos e não tem a rentabilidade, nem perto, entendeu? Só que também o que é que acontece? Eu vejo o lado do projeto de vida, ele escolheu aquele caminho e eu escolhi outro caminho! Então, eu não vou ofender o cara porque ele fez aquela escolha e eu também não vou mudar as minhas, independente de quem diga que eu deva mudar, de que eu não devesse ser um empreendedor e tal. Se eu fosse engolir isso aí, eu tava lascado. E hoje, até estou aqui participando dessa entrevista. Acho que estou no caminho certo. (rsrs)